UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PATRÍCIA FERREIRA BIANCHINI BORGES

MARIA DE LOURDES MELO PRAIS

MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA

UBERLÂNDIA
2025

PATRÍCIA FERREIRA BIANCHINI BORGES

MARIA DE LOURDES MELO PRAIS
MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA

Texto da tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência obrigatória para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: História e Historiografia da Educação.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Sônia Maria dos Santos.

UBERLÂNDIA
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

B732 Borges, Patricia Ferreira Bianchini, 1971-
2025 MARIA DE LOURDES MELO PRAIS [recurso eletrônico]: MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA / Patricia Ferreira Bianchini Borges. - 2025.

Orientadora: Sônia Maria dos Santos.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Educação.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.184
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.
1. Educação. I. Santos, Sônia Maria dos,1960-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

PATRÍCIA FERREIRA BIANCHINI BORGES

Texto da tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência obrigatória para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Uberlândia/MG, 31 de março de 2025.

Banca examinadora:

Prof.ª Dr.ª Sônia Maria dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Orientadora/Presidente

Prof. Dr. Manoel Messias de Oliveira
Universidade Federal de Goiás (UFCAT)

Prof.ª Dr.ª Michelle Castro Lima
Universidade Federal de Goiás (UFCAT)

Prof. Dr. Armindo Quillici Neto
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof.ª Dr.ª Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Dr. Vilmar José Borges
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

ATA DE DEFESA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 12/2025/443, PPGED				
Data:	Trinta e um de março de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:45
Matrícula do Discente:	12113EDU031				
Nome do Discente:	PATRICIA FERREIRA BIANCHINI BORGES				
Título do Trabalho:	"Maria de Lourdes Melo Prais: Memorias de uma Educadora"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	História e Historiografia da Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"História e perspectivas da formação de professores da educação básica"				

Reuniu-se no Anfiteatro/Sala 1G145, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Michelle Castro Lima - UFCAT; Manoel Messias de Oliveira - UFCAT; Armindo Quillici Neto - UFU; Vilmar José Borges e Sônia Maria dos Santos - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Sônia Maria dos Santos, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Sonia Maria dos Santos**, **Usuário Externo**, em 08/04/2025, às 22:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Michelle Castro Lima**, **Usuário Externo**, em 10/04/2025, às 10:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Manoel Messias de Oliveira**, **Usuário Externo**, em 10/04/2025, às 20:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Vilmar José Borges**, **Usuário Externo**, em 17/04/2025, às 15:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Armindo Quillici Neto**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/04/2025, às 17:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6221132** e o código CRC **491A6370**.

A **Deus**,
senhor da vida, fonte de alento, de amor e de sabedoria,
presente em todos os dias e atos da minha vida,
por iluminar meus caminhos, cobrindo-me de bênçãos.

Ao meu marido, **Paulo Anísio Borges**,
pelo companheirismo, apoio e incentivo permanentes
na busca dos meus sonhos, nessas três décadas e meia de convivência:
juntos construímos um lindo livro com muitas páginas e grandes histórias para lembrar.

Às minhas filhas, **Stella Bianchini Borges** e **Carolina Bianchini Borges**,
fontes do meu amor incomensurável e de inspiração constante na busca do conhecimento:
de vocês recebo o combustível diário para seguir em frente.

À memória de meu pai, **Abiner Ferreira Gomide,** que fez a passagem para o mundo
espiritual pouco tempo depois de minha qualificação,
e à memória de minha mãe, **Maria Aparecida Bianchini Gomide**,
que partiu para o mundo espiritual poucos dias antes de minha defesa final,
por terem sido exemplos de trabalho e retidão de caráter e, sobretudo,
aos meus irmãos, **Marcelo Ferreira Bianchini** e **Thales Ferreira Bianchini**,
por cuidarem tão bem deles nas minhas ausências.

À minha querida orientadora, **Prof.ª Dr.ª Sonia Maria dos Santos**,
por me acolher em seu grupo de pesquisa e por me proporcionar valorosos ensinamentos
acerca da História Oral e da arte de construir narrativas por meio da escuta atenta e sensível,
inspirando-me a buscar o rigor e a sensibilidade na investigação acadêmica.

Aos professores que, juntamente com minha orientadora, participaram das bancas de qualificação e de defesa designadas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação:
Prof. Dr. Armindo Quillici Neto,
Prof.ª Dr.ª Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro e
Prof. Dr. Vilmar José Borges
(membros internos do Programa - UFU - banca de qualificação e defesa);
Prof.ª Dr.ª Regina Celi Frechiani Bitte
(membro externo - UFES - banca de qualificação);
Prof. Dr. Manoel Messias de Oliveira e
Prof.ª Dr.ª Michelle Castro Lima
(membros externo ao Programa - UFCAT - banca de defesa)
pelas leituras cuidadosas e pelas valorosas contribuições apresentadas à minha pesquisa.

Aos **servidores da instituição**, aos **professores das disciplinas** e aos **colegas de curso**, ligados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, pela solicitude e apoio incondicional, pela partilha de conhecimentos e pelas experiências únicas na pesquisa em História e Historiografia da Educação.

Aos colegas, ex-orientandos da Prof.ª Dr.ª Sonia Maria dos Santos, que fizeram/fazem parte do grupo "História da Alfabetização: Lugares de Formação, Cartilhas e Modos de Fazer"
Prof.ª Dr.ª Cleide Fátima Carvalho, Prof. Dr. Júlio Resende Costa e
Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Santos de Oliveira Alves,
autores das teses que elegi como "*teses de cabeceira*".

Às amigas, **Dr.ª Claudia Aparecida da Costa Vicente** e **Me. Vanessa Cristine Silva**, pelas calorosas discussões acerca da Educação durante nossa trajetória acadêmica e pela (sempre bem-vinda) ajuda na formatação e na diagramação da tese.
Mais uma vez, ao meu irmão, **Thales Ferreira Bianchini**, pela cuidadosa revisão e tradução do abstract, contribuindo para a clareza e precisão do texto.

Aos **funcionários do Arquivo Público de Uberaba,**
por preservar e divulgar a memória coletiva e histórica da cidade e região,
bem como por disponibilizar seu acervo para fomentar a pesquisa,
assegurando o acesso ao documento e à informação como direito básico de cidadania.
Aos **funcionários da Biblioteca Pública Municipal Bernardo Guimarães**,
pela dedicação em preservar e difundir o conhecimento e a cultura,
por zelar pelo acervo que guarda a memória literária e histórica da cidade,
e por transformar a biblioteca em um espaço vivo de aprendizado, pesquisa e cidadania.

Aos **funcionários da Casa do Educador "Prof.ª Dedê Prais"** nas pessoas da
Prof.ª Me. Patrícia de Oliveira Prata e da **Prof.ª Dr.ª Marisa Borges**;
por colaborarem prontamente com a pesquisa e a com a construção
da rede de sociabilidade imprescindível ao desenvolvimento deste trabalho.
Aos **funcionários da Fundação Cultural de Uberaba** "**Professor Antônio Carlos Marques"**, na pessoa do **Prof. Esp. Gustavo Vaz Silva,** por contribuir para o aprofundamento deste estudo e para a preservação da memória cultural da cidade.

Aos **funcionários do Departamento de Documentação e Pesquisa da Câmara Municipal de Uberaba**, na pessoa de **Maisa Helena Moura**, pela dedicação e pela prontidão em facilitar o acesso a documentos históricos relevantes para a pesquisa.

Aos **funcionários do Instituto Paulo Freire** nas pessoas da
Prof.ª Dr.ª Ângela Maria Biz Rosa Antunes pelo envio de documentos valiosos,
e do **Prof. Dr. Paulo Roberto Padilha** por compartilhar generosamente
seus conhecimentos e vivências com a professora Dedê Prais.

Particularmente, à **Prof.ª Dr.ª Ana Luiza Brasil**,
à Dr.ª Edilene **Alexandra Leal Soares**, à **Prof.ª Dr.ª Eliana Helena Corrêa Neves Salge**,
ao **Prof. Dr. Evaldo Amaro Vieira**, ao **Prof. João Batista Mares Guia**,
ao **Prof. Me. José Divino Neves**, à **Prof.ª Maria Antonieta Borges Lopes**,
à **Prof.ª Dr.ª Maria Célia Borges**, à **Prof.ª Dr.ª Maria de Lourdes Leal dos Santos**,
à **Prof.ª Maria Élida Silva**, à **Prof.ª Mônica Maria Pacheco**,
à **Prof.ª Me. Nilza Consuelo Alves Pinheiro**,
à **Prof.ª Me. Renilda Maria Rosa**, à **Prof.ª Sandra Helena da Silva Gomes**,
à **Prof.ª Esp. Silvana Elias da Silva Pereira**, à **Prof.ª Sônia Manzan**,
à **Prof.ª Me. Valéria de Freitas Oliveira**, à **Prof.ª Dr.ª Vânia Maria Resende,**
à **Prof.ª Me. Vera Lúcia Dias**, **à Prof.ª Vera Lúcia Rezende Cunha**,
ao **Prof. Vicente de Paula Ferreira**,
pelos valiosos depoimentos a mim concedidos, que muito contribuíram para a construção da rede de sociabilidade da professora "Dedê Prais".

Em especial, à **Prof.ª Maria de Lourdes Melo Prais**, intelectual da educação, que nos brindou com décadas de empenho e dedicação plena à prática educacional, construindo um legado inestimável. Sua trajetória, ao inspirar gerações com seu compromisso e paixão pela educação, não apenas nos presenteou com uma história de vida rica e significativa para ser escrita e compartilhada, mas também me concedeu a honra de registrar sua caminhada e a emoção de ser acolhida como amiga ao longo desse processo de construção da tese.

A todos que, com carinho e compreensão, incentivaram-me nessa trajetória.

Para finalizar, aproprio-me e adapto as palavras do filósofo e historiador Jules Michelet "Fiz esta tese comigo mesma, com minha vida e com meu coração. Ela é fruto de minha experiência [...] e a recolhi nas estradas da pesquisa", por isso

... AGRADEÇO!

Tudo
Importa!

Aos
meus
pais
e
aos
seus
pais,

aos
seus
filhos,
aos
filhos
dos
seus
filhos
e,
sobretudo,
às
minhas
amadas
filhas,

também
ao
amor
meu,
é claro!

e
aos
que
me
querem
bem,

...

DEDICO!

Paulo Freire – a paixão-educação. Sem dúvida alguma, o maior educador do mundo. Ele munda o eixo da construção do conhecimento, de uma perspectiva individualista-personalista para considerá-lo como resultante de uma relação dialógica. Paulo Freire pensa e vive a educação como condição de transformação social.

Karl Marx – o construtor de um novo homem. Torna o homem humano pelo trabalho. Neste sentido, resgata o trabalho como forma de autoconstrução humana e propõe uma nova forma de organização social calcada na igualdade humana.

Che Guevara – fez da utopia uma realidade. Lança as bases de uma sociedade mais humana e mais justa.

Fernando Pessoa – o mistério humano traduzido na arte da palavra.

João Guimarães Rosa – descobre e valoriza o caboclo-filósofo. Faz da mineiralidade um estilo de vida.

Chico Buarque de Holanda – quem melhor cantou o humano e o cotidiano numa perspectiva de arte-sentimento-coragem-ousadia.

Rosa de Luxemburgo – fez da libertação sua bandeira de luta e de vida e por ela morreu.

Gandhi – aquele que poeticamente teceu a Revolução de um povo.

Monsenhor Juvenal Arduini – aquele é capaz de escavar nos escombros a grandeza humana. Sua marca: palavra viva.

Carl Jung – foi sem dúvida quem melhor compreendeu o mistério da alma humana.

Padre Prata – o humano no mais alto grau. Aquele a quem elegi como amigo.

Paulo Rodrigues – anonimamente, construiu uma geração consciente. Exemplo vivo de autenticidade.

Chico Xavier – mansidão e sabedoria. Presença viva da Espiritualidade.

Badio Prais – o poeta dos gestos. Fez do bom-senso sua técnica do dia a dia.

Genoveva Melo Prais – a mulher que conseguiu uma síntese original de ternura e força.

Luiz Neto – um jovem idealista que por sua lucidez e sensibilidade tem conseguido concretizar muitos sonhos de amor e trabalho, política e moralidade são também os meus.

Thomas Mann – o maior escritor de língua alemã. Raro exemplo de realização viva do espírito humanista.

Pablo Neruda – poeta total. Abarca simultaneamente profundidade de alma e verbo.

Carlos Drummond de Andrade – sensibilidade viva.

Beethoven – construiu uma obra sinfônica de vigor, dramaticidade e de força persuasiva. Foi um espírito revolucionário.

Bach – expressão sonora de uma profunda religiosidade, de altíssimo valor estético.

Mozart – soube aliar alegria, lirismo e leveza a um profundo sentido do trágico, do patético, do grandioso.

Van Gogh – expressão colorida do sentimento conturbado.

Meus amigos – minhas preciosidades. Meu sentido de vida. Eles sabem quem são.

(Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

Pessoas nota dez no conceito de Dedê Prais, às quais dedico, em seu nome, esta tese.

"Sou uma mulher de
lembranças, encontros e estórias.
Um pouco de fantasia, eu diria.
Gosto de conversar e de
relembrar, costuro sonhos,
desato pensamentos.
Coisas de quem vive só, mas
encara a solidão.
Quem fica ao meu redor tem
que entender que,
vez em sempre, alguma
lembrança
será tomada por mim, com
prazer.
Aproprio-me devidamente do meu
tempo e sigo em frente
acreditando que tudo que foi
bom
dura o tempo suficiente para
ser inesquecível".
(Dedê Prais, 2020)

RESUMO

A presente pesquisa insere-se no campo de estudos sobre a História dos Intelectuais da Educação, pertencente à Linha de Pesquisa de História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O foco da investigação é a trajetória da professora Maria de Lourdes Melo Prais que dedicou mais de 60 anos à educação, com um recorte histórico abrangendo o período de 1950 até os dias atuais. A questão central que orientou este trabalho foi investigar os aspectos simbólicos e singulares da história de vida da professora Dedê Prais, bem como as contribuições de seu trabalho para o desenvolvimento da educação em Uberaba (MG), com o propósito de evidenciar sua trajetória e seu protagonismo na história educacional do município. Para alcançar os objetivos da pesquisa, utilizou-se uma metodologia predominantemente qualitativa, com ênfase na História Oral, conforme os fundamentos teóricos de Meihy (2005), Meihy e Ribeiro (2011), Meihy e Holanda (2005, 2015), Alberti (2005, 2013), Amado e Ferreira (2006), Delgado (2010). A História Oral de Vida foi o principal percurso metodológico adotado, permitindo a construção de interpretações sobre o itinerário histórico da professora e conferindo-lhe uma identidade cultural educacional. Assim, a tese trabalhou com as memórias da professora Dedê Prais (como é conhecida), resgatando narrativas que expressam sua trajetória, suas experiências e os desafios enfrentados ao longo de sua vida profissional. Paralelamente, foram realizadas revisões documentais e iconográficas como fontes secundárias do estudo. Além disso, depoimentos foram colhidos de pessoas que trabalharam e conviveram com a professora, contribuindo para a construção de uma Rede de Sociabilidade que revelou aspectos significativos de sua vida e de seu legado educacional. As entrevistas, realizadas com o consentimento formal da professora após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foram transcritas e analisadas de acordo com os princípios de Bardin (2006), que propõem a inferência de conhecimentos a partir de indicadores quantitativos e qualitativos. O objetivo central foi explorar elementos sociais e históricos determinantes na História dos Intelectuais da Educação, destacando as influências da professora para a educação local e regional. Ao final da pesquisa, a tese contribuiu para o reconhecimento da história de vida dessa intelectual da educação, uma das figuras mais influentes da cidade de Uberaba e região.

Palavras-chave: Contribuições para a educação local. História dos Intelectuais da Educação. História Oral de Vida.

ABSTRACT

This research is situated in the field of studies on the History of Intellectuals in Education, within the Research Line of History and Historiography of Education of the Graduate Program in Education – Doctorate – at the Federal University of Uberlândia (UFU). The focus of this investigation is the trajectory of Professor Maria de Lourdes Melo Prais, who dedicated more than sixty years to education, with a historical scope covering the period from 1950 to the present. The central question guiding this work was to investigate the symbolic and unique aspects of the Teacher Dedê Prais's life story, as well as the contributions of her work to the development of education in Uberaba (Minas Gerais), with the aim of highlighting her trajectory and her protagonism in the educational history of the municipality. To achieve the research objectives, a predominantly qualitative methodology was used, with an emphasis on Oral History, based on the theoretical foundations of Meihy (2005), Meihy and Ribeiro (2011), Meihy and Holanda (2005, 2015), Alberti (2005, 2013), Amado and Ferreira (2006), and Delgado (2010). Life Oral History was the main methodological approach adopted, allowing the construction of interpretations about the professor's historical path and conferring upon her an educational cultural identity. Thus, the thesis worked with the memories of Professor Dedê Prais (as she is known), recovering narratives that express her life story, her experiences, and the challenges she faced throughout her professional career. In parallel, documentary and iconographic reviews were carried out as secondary sources of the study. Furthermore, testimonies were collected from people who worked with and lived alongside the professor, contributing to the construction of a Network of Sociability that revealed significant aspects of her life and educational legacy. The interviews, conducted with the professor's formal consent after signing the Informed Consent Form (ICF), were transcribed and analyzed according to Bardin's principles (2006), which propose the inference of knowledge based on qualitative and quantitative indicators. The central objective was to explore the social and historical elements that are decisive in the History of Intellectuals in Education, highlighting the professor's influence on local and regional education. At the end of the research, the thesis contributed to the recognition of the life story of this educational intellectual, one of the most influential figures in the city of Uberaba and its surrounding region.

Keywords: Contributions to local education. History of Education Intellectuals. Oral History of Life.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Elementos Principais da Historiografia.....56
Quadro 2 - As gerações da Escola dos *Annales*.....71
Quadro 3 - Principais concepções dos teóricos mais destacados em Nova História Cultural 79
Quadro 4 - História Oral - Tipos 98
Quadro 5 - Teses e dissertações que utilizaram a História Oral Temática 103
Quadro 6 - Teses e dissertações que utilizaram a História Oral de Vida 104
Quadro 7 - Relações Dialógicas da arte da escuta.....115
Quadro 8 - Abordagens do trabalho do historiador oral.....119
Quadro 9 - Teses que fazem referência à intelectual Prais.....170
Quadro 10 - Dissertações que fazem referência à intelectual Prais.....184
Quadro 11 - Artigos acadêmicos e capítulos de livros que fazem referência à intelectual Prais 200
Quadro 12 - Artigos acadêmicos e capítulos de livros escritos e publicados por Prais 206
Quadro 13 - Livros publicados por Maria de Lourdes Melo Prais.....211

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dedê sentada no muro de sua residência 133
Figura 2 - Formatura do Curso Clássico 140
Figura 3 - Coquetel de Formatura do Curso de Pedagogia 143
Figura 4 - Formatura do Curso de Pedagogia 147
Figura 5 - Outorga de Grau do Curso de Pedagogia - 1965 148
Figura 6 - Carta de Exposição de Motivos para Ingresso no Mestrado 154
Figura 7 - Capa e folha de rosto do Projeto de Pesquisa de Doutorado de Dedê 159
Figura 8 - Ficha do aluno de Dedê Prais no curso de Doutorado em Educação 160
Figura 9 - Dedê apresenta "Política Educacional de Uberaba" na Pós-Graduação da PUC .. 162
Figura 10 - Capa do livro "Pedagogia da Autonomia" com dedicatória para Dedê 164
Figura 11 - Dedê Prais na Biblioteca da Fista 172
Figura 12 - Registro fotográfico do pronunciamento de Prais na conferência "Educação: compromisso e ética" 186
Figura 13 - Artigo publicado na imprensa sobre novas formas de educação 198
Figura 14 - Lançamento do livro "Administração Colegiada na Escola Pública" (1990) 215
Figura 15 - Livros escritos e publicados por Prais (1990, 2011) 216
Figura 16 - Convite dos formandos em Jornalismo da turma Prof.ª Maria de Lourdes Melo Prais 228
Figura 17 - Comemoração dos 10 anos de Formatura da Turma de Jornalismo de 1979 229
Figura 18 - Folha de rosto e página introdutória do "Caderno de Cultura" 233
Figura 19 - Organograma da Secretaria de Educação e Cultura – Gestão 1993-1996 236
Figura 20 - Equipe da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba – Gestão 1993-1996 237
Figura 21 - Quadro Geral de Programas e Projetos – Gestão 1993-1996 244
Figura 22 - Entrevista do Prefeito de Uberaba, Luiz Guaritá Neto, à Revista "Fazendo Escola" 247
Figura 23 - Chamada da matéria em que Dedê Prais assume seu compromisso com a Educação 249
Figura 24 - Dedê Prais na cerimônia de descerramento da placa de Criação da Faculdade de Educação de Uberaba (FEU) 256
Figura 25 - Recepção de Paulo Freire no aeroporto de Uberaba 258
Figura 26 - Preparativos para recepção de Paulo Freire 259
Figura 27 - Reprodução de matéria publicada sobre a visita de Paulo Freire em Uberaba para participar de encontro com educadores 261
Figura 28 - Paulo Freire reúne mais de 700 educadores 263
Figura 29 - Paulo Freire em palestra ministrada sobre educação, ética e compromisso 264
Figura 30 - Momento de Confraternização: Encontro com Paulo Freire e profissionais da educação na chácara da Família Abud 267
Figura 31 - Encontro Especial na casa de Márcio Salge: Celebração com Paulo Freire e Dona Nita 269
Figura 32 - Encontro de domingo com Paulo Freire: despedida de um amigo 270
Figura 33 - Dedê Prais com o prefeito de Uberaba Luiz Neto, descerrando a placa de criação do Centro de Formação de Professores (CEFOR) 272

Figura 34 - Materiais Educativos sobre a Construção da Cidadania Amorosa 281
Figura 35 - Capa da Edição n.º 13 da "Revista Fazendo Escola: estamos todos juntos plantando uma mudança na educação e semeando as sementes da mais alta esperança" (Dedê Prais) 282
Figura 36 - Exemplares dos Escritos Alternativos 284
Figura 37 - Jornal Nova Dimensão 286
Figura 38 - Projeto "Nossa Escola é Assim..." 288
Figura 39 - Organograma da Secretaria Municipal de Educação – Gestão 1997-2000 290
Figura 40 - Equipe da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba – Gestão 1997-2000 292
Figura 41 - Quadro Geral de Programas e Projetos – Gestão 1997-2000 295
Figura 42 - Demonstrativo do número de matrículas na gestão de Dedê Prais 301
Figura 43 - Número de Escolas e Tipo de Ensino oferecido na Rede Municipal 303
Figura 44 - Comemorações do aniversário da Secretária de Educação 305
Figura 45 - Recebimento da Medalha Anísio Teixeira 306
Figura 46 - Recebimento da Comenda Lúcia Casasanta 307
Figura 47 - Dedê Prais em ação educativo-cultural com Ziraldo 308
Figura 48 - Conferência de inauguração da Casa do Educador "Dedê Prais" 313
Figura 49 - Apresentação do Plano de gestão da educação municipal: 2013-2016 314
Figura 50 - Mural Comemorativo: 1 ano da Casa do Educador 316
Figura 51 - Desfile de 7 de setembro de 2016 317
Figura 52 - Passeata pela educação no desfile de 7 de setembro de 2016 319
Figura 53 - Visita à Casa do Educador "Prof.ª Dedê Prais" 320
Figura 54 - Iraci Neto entrega troféu à Dedê Prais 321
Figura 55 - Dedê Prais recebe "Troféu Mulher" 322
Figura 56 - Dedê Prais em uso da tribuna para falar sobre a homenagem recebida 324
Figura 57 - Dedê Prais cercada por membros das equipes da Casa do Educador e da Secretaria de Educação 325

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABHO	Associação Brasileira de História Oral
ABL	Academia Brasileira de Letras
ALTM	Academia de Letras do Triângulo Mineiro
ACD	Associação de Crianças Deficientes
ADC	Associação de Diretoras de CAIC
AEE	Atendimento Educacional Especializado
ANC	Assembleia Nacional Constituinte
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CDL	Câmara de Dirigentes Lojistas
CMU	Câmara Municipal de Uberaba
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAEd	Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação
CAIC	Centro de Atenção Integral à Criança
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEFOR	Centro de Formação Permanente de Professores Prof.ª Dedê Prais
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CESU	Centro de Ensino Superior de Uberaba
CGAE	Coordenação Geral de Assistência ao Educando
CGPPI	Coordenação de Pesquisa Pós-Graduação e Inovação
CIEM	Centro Integrado de Ensino Municipal
CIPIS	Câmara Internacional de Pesquisas e Integração Social
CNSD	Colégio Nossa Senhora das Dores
CEE_MG	Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
CTD-Capes	Catálogo de Teses e Dissertações da Capes
DAE	Departamento de Atenção ao Educando
DRE_MG	Diretoria Regional de Ensino de Minas Gerais
DPGF	Departamento de Planejamento, Gestão, Projetos e Convênios
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EnPe	Revista Ensino em Perspectivas
FACED	Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia
FACTHUS	Faculdade de Talentos Humanos de Uberaba
FAFI	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
FAZU	Faculdade de Agronomia e Zootecnia de Uberaba
FEU	Faculdade de Educação de Uberaba
FISTA	Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino
FIUBE	Faculdades Integradas de Uberaba
FMTM	Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro
FNDEP	Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública
FUMESU	Fundação Municipal de Ensino Superior
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental
GD	Gestão Democrática
HHE	História e Historiografia da Educação
HO	História Oral
Ibict	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IFTM	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro
IPF	Instituto Paulo Freire
Ioha	*International Oral History Association*
JEC	Juventude Estudantil Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
LDB	Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NATA	Núcleo Artístico de Teatro Amador
NEHO-USP	Núcleo de Estudos em História Oral (USP)
NHC	Nova História Cultural
NTDIC	Novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
PDE	Programa de Desenvolvimento Educacional
PDME	Plano de Decenal Municipal de Educação
PEPP	Projetos Eco-Político-Pedagógico
PMU	Prefeitura Municipal de Uberaba
PNFCE	Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares
POLOP	Partido Operário Libertador
PROCAD	Programa de Capacitação de Dirigentes Escolares
PROCAP	Programa de Capacitação de Professores
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação (UFTM)
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação (UFU)
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRONAICA	Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
REEDUC	Revista de Estudos em Educação
RPGE	Revista on-line de Política e Gestão Educacional
SEMED*	Secretaria Municipal de Educação (2001-...)
SMEC*	Secretaria Municipal de Educação e Cultura (1993-1996)
SMED*	Secretaria Municipal de Educação (1997-2000)
SSPMU	Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Uberaba
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TEU	Teatro Experimental de Uberaba
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UEMG	Universidade Estadual de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UTFPR	Universidade Federal do Paraná
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
Undime	União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Unicamp	Universidade de Campinas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Uniube	Universidade de Uberaba
Unoeste	Universidade do Oeste Paulista

USP	Universidade de São Paulo
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

***

Durante a gestão de 1993 a 1996, a Secretaria de Educação de Uberaba era denominada Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC). No período de 1997 a 2000, a nomenclatura foi alterada para Secretaria Municipal de Educação (SMED). A partir de 2001, a instituição adotou a sigla SEMED, que permanece em uso até os dias atuais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **23**

1 BASES LÓGICAS E CONCEITUAIS **58**

1.1 A INFLUÊNCIA DA ESCOLA DOS *ANNALES* 59

1.2 NOVA HISTÓRIA CULTURAL COMO APORTE TEÓRICO-CONCEITUAL 72

1.3 APONTAMENTOS SOBRE HISTÓRIA ORAL 83

1.3.1 Conceituação, gênese e evolução da História Oral **83**

1.3.2 História Oral como metodologia de pesquisa **86**

1.3.3 Gêneros em História Oral **94**

1.3.4 História Oral de Vida como Fonte Histórica **99**

1.3.5 História Oral de Vida: o que dizem as pesquisas de Pós-Graduação **101**

1.4 A ENTREVISTA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO 110

1.4.1 História Oral como arte de escuta na entrevista **114**

1.4.2 O resgate da memória na entrevista **116**

2 MARIA DE LOURDES MELO PRAIS: MULHER DE LEMBRANÇAS, ENCONTROS E ESTÓRIAS NA EDUCAÇÃO **124**

2.1 DEDÊ: MULHER DE LEMBRANÇAS SINGULARES 127

2.2 PRAIS: MULHER DE ENCONTROS ACADÊMICOS 168

2.3 DEDÊ PRAIS: MULHER DE ESTÓRIAS NA PROFISSÃO 218

CONSIDERAÇÕES FINAIS **331**

REFERÊNCIAS **346**

APÊNDICES **363**

ANEXOS **370**

INTRODUÇÃO

"O plano, tanto em nossa história pessoal quanto social, pode ser considerado como o Norte, a bússola, o mapa e a alavanca que orienta, abre, aplaina e sedimenta o caminho para que esperanças, desejos, sonhos e mitos, em torno de um futuro desejável, aconteçam".
(Prais, 2004)

i Caminhos trilhados pela pesquisadora

Eu, Patrícia Ferreira Bianchini Borges, ingressei na área da educação muito jovem: aos dezessete anos de idade já estava formada no antigo curso de Magistério e atuando nas séries iniciais. Naquela época, morava na cidade de Sacramento (MG), cidade em que nasci no início da década de 70 e na qual as oportunidades de trabalho eram bem restritas, de tal maneira que, para uma jovem mulher só havia duas opções: o que geralmente significava empregos em pequenas lojas e mercados ou enveredar-se pelo caminho da educação, tornando-se professora. Esse cenário reflete não apenas a falta de diversidade de oportunidades profissionais, mas também a rigidez dos papéis sociais e de gênero daquela época, que limitavam significativamente as escolhas e as possibilidades de crescimento e desenvolvimento profissional para as mulheres; de modo que o ingresso no curso de Magistério era a opção almejada por meninas que, como eu, tinham a chance de estudar no período diurno por não precisar trabalhar fora de casa para ajudar no sustento de suas famílias.

Embora tivesse o desejo de fazer dois cursos técnicos ao mesmo tempo: o Magistério no período diurno e o curso Técnico em Contabilidade no período noturno, meus pais não me autorizaram com a justificativa de que precisava ajudar minha mãe nos afazeres domésticos, assim sendo e, por conseguinte, dediquei-me integralmente ao curso de Magistério no período vespertino, que correspondia a aulas das 12h às 18h, de segundas às sextas-feiras. Devo admitir que o curso foi muito enriquecedor no meu processo de formação pessoal e profissional, pois além das matérias técnicas como didática, estudávamos, entre outras disciplinas, sociologia, filosofia e psicologia, disciplina essa, que tratava do desenvolvimento psicológico do ser humano desde o nascimento, e pela qual sempre tive especial interesse.

É sabido que o Magistério é um curso de formação de professores, que prepara indivíduos para se tornarem educadores, capacitando-os com habilidades pedagógicas, conhecimentos teóricos e práticos, além de proporcionar uma compreensão profunda sobre o processo de ensino e aprendizagem. De fato, o curso de Magistério não é apenas sobre transmitir

conhecimentos, mas também sobre inspirar, motivar e guiar os alunos em sua jornada educacional, por isso, ouso dizer que a possibilidade de fazer a diferença na vida de outras pessoas e no futuro da sociedade é o que torna essa experiência tão motivante e enriquecedora.

Destarte, trabalhei nas séries iniciais por alguns anos, em contratos de substituição do Estado e em uma escola educandário da cidade porque na época não houve concursos públicos na área, até que me casei aos vinte e dois anos e decidi me afastar da profissão por um tempo para dar atenção à minha família em formação. Ao me afastar do magistério para me concentrar na família, tive a certeza de que priorizá-la, naquele momento, foi uma escolha nobre, que me trouxe satisfação e realização pessoal, pois defendo a teoria de que a presença materna pode fornecer cuidados afetuosos, segurança, suporte emocional e orientação, criando um ambiente propício para o crescimento e o desenvolvimento saudável da criança nos seus primeiros anos de vida.

Quatro anos mais tarde, mãe de duas filhas, mudei-me para a cidade de Uberaba (MG), onde resido até hoje, entretanto continuei priorizando minha família até que minhas filhas Stella e Carol ingressaram na Educação Infantil, momento em que prestei concurso de P1 da Prefeitura Municipal de Uberaba e comecei a trabalhar na área de magistério das séries iniciais novamente. Atuando, principalmente, no processo de ensino-aprendizagem, escrita e produção de textos, com alunos da rede municipal regular de ensino e também no Atendimento Educacional Especializado (AEE) de alunos com necessidades educacionais específicas na, então, Sala de Recursos Multifuncionais da rede municipal de ensino.

Identifiquei-me, a partir de então, sobremaneira com o trabalho na Educação Especial: modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Trabalhando com a política de inclusão, na rede regular de ensino, dos alunos que apresentam necessidades educacionais específicas, aprendi que incluir não consiste somente na permanência física desses alunos na escola; mas no propósito de rever concepções e paradigmas, respeitando e valorizando a diversidade desses alunos, exigindo assim, que a escola crie espaços verdadeiramente inclusivos.

Participando, de momentos de formação/capacitação oferecidos pela rede municipal de ensino da cidade de Uberaba, aprendi, dentre outras coisas, que as escolas inclusivas são essenciais e devem não só reconhecer, como também, responder às diversas dificuldades de seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem, assegurando uma educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, modificações

organizacionais, adaptações físicas, estratégias de ensino, recursos adequados e parcerias com a comunidade.

Nesse ínterim, de mãe que acompanha de perto o processo de ensino-aprendizagem de suas filhas e de professora que busca contribuir no processo de formação de seus alunos, entrei na faculdade, de forma que também sou Licenciada em Letras – Português/Inglês pela Universidade de Uberaba (Uniube). Formada no ano de 2005, em uma proposta diferenciada, na qual nós, alunos, éramos sujeitos ativos no processo de construção de nossos conhecimentos, em razão de os professores do curso fazerem uso de metodologias ativas[1] já àquela época: os textos teóricos de referência eram encaminhados para nós, alunos, que preparávamos e apresentávamos os conteúdos para os colegas e, por conseguinte, éramos avaliados por nossos professores pelo desempenho.

Aprendi desde sempre que é muito importante o aluno aprender fazendo, literalmente colocando a mão na massa, o que é fator essencial para construção de conhecimentos significativos por meio da ressignificação do processo de ensino-aprendizagem, pois conforme Ausubel (1980) uma aprendizagem significativa se produz quando quem aprende pode estabelecer uma relação substancial entre seus conhecimentos prévios e o novo conhecimento que está sendo adquirido. Esse tipo de aprendizagem vai além da memorização superficial de fatos e conceitos isolados, permitindo uma compreensão mais profunda e duradoura. Isso ocorre porque os conhecimentos prévios servem como âncoras para a compreensão do novo material, tornando-o mais relevante e acessível.

Ao concluir a faculdade, cheia de ideais educacionais borbulhando em minha cabeça, oriundos dos bons exemplos de professores que tive e dos tantos teóricos estudados no curso – em especial Paulo Freire – prestei concurso do estado de Minas Gerais para professora de Língua Portuguesa e logo assumi um cargo em uma das escolas consideradas referência na cidade de Uberaba, concomitantemente ao cargo de P1 na Prefeitura Municipal, mas desisti pouco depois, apoiada por meu marido, porque as condições de trabalho oferecidas na escola não eram compatíveis com meus horários e a com a necessidade de tempo para continuar acompanhando de perto minhas filhas em formação e/ou para realizar atividades de cunho pessoal com a família, necessidades essas que falaram mais alto naquela época.

[1] As metodologias ativas constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e de aprendizagem no aprendiz, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, investigação ou resolução de problemas. Essas metodologias contrastam com a abordagem pedagógica do ensino tradicional centrado no professor que é quem transmite a informação aos alunos (Bacich; Moran, 2018, p. 27).

Atuando com as séries iniciais do Ensino Fundamental, a seguir, fiz especialização em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), concluindo-a no ano de 2007, ainda mais motivada pelos conhecimentos adquiridos durante o curso de licenciatura acerca dos temas: preconceito linguístico e análise do discurso.

No ano seguinte, prestei concurso para o cargo de Assistente de Alunos no, então, Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET – Uberaba). Instituição que, em menos de um ano, tornou-se o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM). Atraída pela diferença salarial considerável para a época e com peso no coração por abandonar a sala de aula, pedi exoneração do cargo anteriormente ocupado, mas continuei diretamente ligada à área de educação mesmo ao assumir um cargo num setor administrativo do IFTM *Campus* Uberaba.

Lotada no *Campus* Uberaba, embora não estivesse mais à frente de uma sala de aula atuei na Coordenação Geral de Assistência ao Educando (CGAE) por mais de 10 anos, desempenhando atividades de atendimento direto à comunidade acadêmica interna (alunos e professores) e externa (pais e/ou responsáveis), bem como participando de projetos de pesquisa e extensão, de comissões e portarias, concomitantemente ao desempenho de atividades administrativas, quer sejam de acesso aos variados sistemas virtuais institucionais, entre outras atividades administrativas pertinentes aos Programas de Controle dos Auxílios e das Assistências Estudantis disponibilizadas pelo IFTM *Campus* Uberaba.

Paralelamente à minha atuação junto à CGAE, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e, tornei-me Mestra em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), no ano de 2015, defendendo a dissertação intitulada "Novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação Aplicadas ao Ensino Médio e Técnico de uma Escola da Rede Pública Federal de Uberaba – MG", sob a orientação do Prof. Dr. Acir Mário Karwoski, com quem muito aprendi sobre novos e multiletramentos[2] digitais, pois segundo ele,

[2] Os multiletramentos estão associados à multiplicidade cultural e à multiplicidade semiótica de construção dos textos (Rojo, 2012). Uma das principais formas de promover os multiletramentos são os hipertextos. Em outras palavras, o texto no papel é escrito e é lido linearmente, sequencialmente – da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra; o texto na tela – o hipertexto – é escrito e é lido de forma multilinear, multi-sequencial, acionando-se links que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida (Soares, 2002, p. 150).

> o letramento digital é necessário para o exercício pleno da cidadania e, em sala de aula, como nova ferramenta para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. A inserção nas redes sociais; a leitura em ambiente digital; o domínio das ferramentas tecnológicas e outras questões essenciais da era digital apontam para a definição de um perfil de usuário com pleno domínio de habilidades antigamente não exigidas para a prática da leitura em suporte papel (Karwoski, 2012, p. 3).

De posse do conhecimento que a sociedade atual exige variadas habilidades das pessoas desde um simples ato de assistir a um programa de televisão, ler jornais, revistas ou livros até práticas envolvendo variadas mídias em um computador, minha pesquisa ajudou-me a compreender que as pessoas precisam ser capazes de apreender múltiplas linguagens, atribuindo-lhes sentido, bem como ser capazes de produzir mensagens incorporando-lhes as diversas mídias e suportes em que os textos circulam, refletindo a importância de desenvolver habilidades de letramento multimodal para o exercício pleno da cidadania.

Dessa forma, a reflexão de Karwoski (2012) se alinha ao pensamento de Freire ao afirmar que, no contexto atual, é necessário integrar o letramento digital e multimodal à prática pedagógica, pois esses elementos se tornaram essenciais para uma participação crítica e ativa no mundo contemporâneo, como Freire sempre defendeu em sua teoria educacional. Há um claro diálogo entre os pensamentos de Acir Mário Karwoski e Paulo Freire, uma vez que ambos compreendem que a educação deve ser um processo dinâmico e adaptável às exigências do mundo moderno, equipando os alunos com as habilidades necessárias para compreender e atuar de forma crítica na sociedade.

Não poderia deixar de mencionar aqui, outra valiosa contribuição nesse processo: poder contar com a presença da Prof.ª Dr.ª Roxane Helena Rodrigues Rojo, titular da Universidade de Campinas (Unicamp) e especialista em Linguística Aplicada, tanto na minha banca de qualificação, quanto na banca de defesa final. De suas falas e escritas, carrego comigo que um dos principais objetivos da escola "é possibilitar que os alunos possam participar das várias práticas sociais que utilizam leitura e escrita de maneira ética, crítica e democrática" (Rojo, 2009, p. 107). Tanto Maria de Lourdes Melo Prais quanto Paulo Freire compreendem a educação como uma prática transformadora, que vai além da simples aquisição de conteúdos, buscando formar sujeitos críticos e engajados nas lutas sociais. Essa perspectiva pedagógica se alinha perfeitamente com a visão de Roxane Rojo, que destaca a relevância da escola em proporcionar aos alunos a capacidade de participar ativamente das práticas sociais de forma ética, crítica e democrática.

A capacidade de apreender múltiplas linguagens e produzir mensagens multimodais é essencial em um mundo cada vez mais digital e visualmente orientado. Essas habilidades são

especialmente relevantes em contextos como mídia, publicidade, *design* gráfico, educação e comunicação em geral, pois permitem uma comunicação mais eficaz, criativa e impactante, facilitando a expressão de ideias complexas e aumentando a compreensão e engajamento dos receptores das mensagens.

Com a escrita da dissertação e com a aplicação do projeto de pesquisa desenvolvido para contemplar o objetivo de verificar a possibilidade de apresentar uma proposta inovadora de uso das Novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (NTDIC), visando à prática dos novos e multiletramentos, aplicado aos alunos do 3º ano do Curso Técnico em Suporte e Manutenção em Informática integrado ao Ensino Médio do IFTM *Campus* Avançado Uberaba Parque Tecnológico, atual IFTM *Campus* Uberaba Parque Tecnológico, tive a oportunidade de refletir sobre a necessidade do alargamento do conceito de aprendizagem mediante a compreensão do papel da escola como um ambiente de educação formal, que tem como princípio possibilitar o desenvolvimento do aluno nas suas várias dimensões relacionadas à sua realidade. Ademais, ao mediar os alunos no mundo digital, o professor estará contribuindo para a construção dos conhecimentos dos alunos e letrando-os digitalmente uma vez que vivemos numa sociedade aprendente, como bem define Assmann (1998), o que equivale dizer que para a sociedade colocar-se em permanente situação de aprendiz é preciso buscar a eficiência das instituições escolares, hipótese que se evidenciou ao longo da dissertação.

Após um período lotada na Coordenação de Pesquisa Pós-Graduação e Inovação (CGPPI) exercendo a função de secretária dos cursos de Pós-Graduação de nível *lato* (três cursos em nível de Especialização na Área Ambiental) e *stricto sensu* (três cursos de Mestrado Profissional: Ciência e Tecnologia em Alimentos, em Educação Tecnológica e em Produção Vegetal e um curso de Doutorado Profissional em Educação) do IFTM *Campus* Uberaba, retornei à CGAE. Sigo, com efeito, acreditando que todos os servidores que atuam dentro de uma instituição de ensino têm a função de educar, e sendo privilegiada pelo fato de ser servidora em uma instituição de ensino que visa o aperfeiçoamento de seus servidores, inclusive dando-lhes incentivo à qualificação com base na Lei n.º 12.772/2012, sempre quis ingressar no doutorado, feito que consegui alcançar no ano de 2021.

No momento atual, faço parte do grupo de discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) do curso de Doutorado em Educação, ofertado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), inserida na Linha de Pesquisa de História e Historiografia da Educação (HHE) e estudando a História de uma Intelectual da Educação, desenvolvendo um projeto que visa investigar, em meio às interfaces do cotidiano, aspectos simbólicos e singulares que

possam revelar a história de vida da professora Maria de Lourdes Melo Prais, sujeito de pesquisa, bem como suas contribuições para o meio educacional, ao longo do intervalo histórico de seis décadas, defendendo a tese de que a referida professora se insere entre os intelectuais mais influentes da cidade de Uberaba e região, tendo sua trajetória profundamente marcada pelos ensinamentos do grande Mestre Paulo Freire, com quem conviveu e muito aprendeu já que foi sua orientanda de Mestrado, tornando-se, doravante, uma fiel discípula do patrono da educação brasileira, asseverando: "sua palavra possui o encantamento de suscitar homens plenos, de tecer liberdades e esperanças, de afastar o caos da ignorância, da opressão e da miséria" (Prais, 2021). Não obstante, defendia "a promoção da efetiva aprendizagem de todos os alunos, sem admissibilidade de exceção, de modo a torná-los capazes de, no uso adequado de sua cidadania, enfrentarem os desafios colocados pela sociedade e de promover, quando necessário, a sua transformação" (Prais, 2008).

Apesar de não ser uma historiadora de formação, acredito que existem diversas maneiras válidas e sérias de nos aproximarmos adequadamente de um determinado campo de conhecimento, que não se limitam necessariamente aos estudos acadêmicos em nível superior. Dito isto, aproprio-me e corroboro com as palavras do historiador José D'Assunção Barros (2022) que assevera:

> aqueles que pretendem escrever História sem terem se formado em História – se desejarem realmente escrever algo relevante e bem aceito na área – precisarão se aproximar seriamente do *modus operandi* dos historiadores, dos procedimentos bem aceitos no campo, das suas metodologias, dos seus modos de trabalhar conceitualmente evitando deslizes que são muito comuns entre aqueles que não estão efetivamente familiarizados com a ciência histórica (Barros, 2022, p. 15).

E comprometo-me a adotar uma abordagem rigorosa e respeitosa ao escrever história, aproximando-me o mais fielmente do modo de operação dos historiadores, dos procedimentos aceitos no campo, das metodologias utilizadas e dos modos de trabalhar conceitualmente, seguindo o plano como bem ressalta a epígrafe de Prais (2004) destaca a importância do planejamento, tanto em nível pessoal quanto social, como um guia fundamental. Segundo ela, esse instrumento exerce papéis cruciais na orientação, abertura, nivelamento e consolidação do caminho a ser percorrido.

Assim, ciente dos desafios a enfrentar no processo de construção de conhecimentos durante o desenvolvimento do projeto e da escrita da tese, mas com a fé e a esperança – em uma perspectiva freiriana – que sempre carreguei na educação como um ato libertador, por meio do qual as pessoas seriam agentes que operam e transformam o mundo, como bem nos ensinou Paulo Freire, sigo defendendo a educação enquanto forma essencial de emancipação do

indivíduo, por meio de uma prática que permita ao educando se tornar um sujeito autônomo no seu processo de formação, contribuindo, por conseguinte, para a construção de uma sociedade mais equitativa, solidária e justa; e defendendo a Historiografia enquanto campo de estudos dinâmico, sujeito a debates e revisões constantes de modo que defendê-la não signifique afirmar que a história é objetiva ou definitiva, mas sim reconhecer seu valor como um processo contínuo de investigação, interpretação e reflexão, no qual passado e presente se entrelaçam, abrindo caminhos para novos horizontes e expectativas.

Ciente, sobretudo, de que uma tese não é composta exclusivamente pela leitura de textos e livros, pelo acesso a documentos, bibliotecas e arquivos, pelo registro escrito de uma entrevista oral, ou pela reprodução de conceitos teóricos, mas uma tese é composta por idas e vindas, erros e acertos, pressões e expectativas e até permeada de inseguranças diante da página em branco, acreditando que uma rede de apoio faz-se necessária para a realização a que se propõe um pesquisador no processo de escrita, portanto, concluo: com o apoio de vocês, Paulo Anísio, Stella e Carol, arrisco-me a aqui a "historiar".

ii Caminhos metodológicos percorridos na pesquisa

O eixo central desta pesquisa, encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia (CEP-UFU), sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) n.º 67813122.1.0000.5152, aprovada pelo parecer consubstanciado n.º 6.031.903 (Anexo A), em 30 de abril de 2023, está centrado em elementos sociais e históricos determinantes, com foco na História dos Intelectuais da Educação, o qual faz parte da Linha de Pesquisa de História e Historiografia da Educação (HHE), do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A pesquisa considera relevante o interesse que esse tema tem despertado nos historiadores e demais estudiosos da Educação, para aquisição de uma base teórico-metodológica consistente para sua realização, além de se fazer uma investigação tanto bibliográfica, quanto documental (Gerhardt e Silveira, 2009).

Fez-se necessário, também, a utilização de entrevistas semiestruturadas (Apêndice A) para se fazer o levantamento das memórias pessoais e profissionais, bem como das experiências da professora, fonte de informação, para que por meio de arquivos históricos e do registro da sua História Oral de Vida e a partir de um acervo de narrativas autobiográficas e recordações sobre as práticas pessoais e profissionais vigentes no arco histórico de aproximadamente seis décadas de atuação no campo educacional fosse escrita a História Oral de Vida dessa influente Intelectual da Educação da cidade de Uberaba (MG).

Para Nóvoa (1993), é necessário reinventar as fontes da História da Educação, aprofundar a análise de documentos já conhecidos e explorar novos materiais de investigação, capazes de revelar aspectos até então ignorados ou subestimados. Essa ampliação contribui para enriquecer a narrativa histórica e oferecer novas perspectivas. Tradições orais, publicações periódicas, relatos de vida — tanto biográficos quanto escolares —, iconografias, materiais didáticos e até mesmo cadernos escolares se configuram como fontes potenciais para a pesquisa histórica em educação, ultrapassando os escritos de educadores e pedagogos tradicionalmente recontextualizados pela lógica da história cultural e intelectual.

Com base na afirmação de Nóvoa (1993), essa pesquisa da História Oral de Vida da professora Maria de Lourdes Melo Prais se justificou por ser um dos métodos que compõem o campo mais amplo da pesquisa qualitativa e mais especificamente porque a História Oral (HO) se constitui como um dos instrumentos fundamentais das ciências humanas; no entanto, Alberti (2005) ressalta que a escolha pela História Oral envolve questões específicas e não resolve todos os problemas levantados. Ao conduzir uma pesquisa, o pesquisador deve adotar uma postura profissional, com compromisso pessoal e político, além de demonstrar respeito aos fornecedores de informações. Esses compromissos se relacionam com a fidelidade, a honestidade no trabalho empreendido e com os procedimentos específicos desta metodologia de trabalho. Os professores pesquisadores Meihy e Ribeiro (2011) e Meihy e Holanda (2015) apresentam os quatro principais tipos ou gêneros de História Oral, quais sejam: História Oral de Vida, História Oral Temática, Tradição Oral e História Oral Testemunhal. Ressalta-se que, esses tipos ou gêneros serão elucidados na seção 1.3.3 do item posterior, dando-se especial atenção à História Oral de Vida, na seção 1.3.4, por ser o gênero utilizado nessa tese.

Dito isto, pode-se afirmar que a presente tese pretendeu, portanto, discorrer especificamente acerca da História Oral de Vida da professora Maria de Lourdes Melo Prais (participante da pesquisa), durante as mais de seis décadas dedicadas por ela à educação, especialmente, na cidade de Uberaba. O recorte histórico desse estudo compreende, por conseguinte, o período que vai de 1950 até os dias atuais.

Escolhemos a História Oral de Vida para trabalhar nessa pesquisa, porque, nela o sujeito tem maior autonomia para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal; a ele é dado espaço para que sua história seja encadeada conforme a sua vontade, principalmente se há pouca fonte documental ou lacunas nas fontes existentes, sendo, portanto, essencial fazer a fonte falar, trazendo à tona aquilo que muitas vezes foi silenciado, emergindo documentos adormecidos nos arquivos particulares dos entrevistados e, deste modo, promovendo estudos

mais amplos e profundos num processo dialógico de estudo. É, pois, a oralidade assumindo e conferindo ao sujeito o seu direito e seu papel de centralidade no ato de narrar uma história, já que a vida humana é repleta de outras conexões e carregada de diversas informações sobre a sociedade em que o sujeito está inserido.

Faz-se necessário salientar que, a coleta dos dados orais foi realizada por meio de entrevista (Apêndice A) com a professora supracitada e que, consoante Alberti (2013, p. 43) "a escolha dos entrevistados de uma pesquisa de História Oral segue critérios qualitativos, e não quantitativos", ou seja, por meio de uma conversa entre narrador e pesquisador e os conteúdos obtidos são resultado de uma situação de encontro entre pessoas conscientes não só da objetividade do encontro, como também de sua subjetividade. Dessa forma, Alberti (2005) observa que, enquanto algumas pessoas, já acostumadas a conceder entrevistas, tendem a se expressar com mais naturalidade, para outras pessoas essa experiência pode ser inibidora. Isso ocorre porque a entrevista se constitui como uma relação dialógica, atravessada pelas vivências de ambos os sujeitos, que compartilham suas trajetórias e visões de mundo inseridas em contextos históricos e sociais específicos.

É relevante considerar que a professora, foco de pesquisa, atuou na rede pública e particular; nas esferas municipal, estadual e federal, não só da cidade de Uberaba, *lócus* de pesquisa. Seu compromisso com a educação perdura por mais de seis décadas, considerando-se que sua trajetória começou ainda na adolescência, aos 14 anos de idade, quando dava aulas particulares em sua residência. Perpassando por instituições de ensino como a Escola Estadual Nossa Senhora da Abadia, onde permaneceu por 23 anos; o Colégio Nossa Senhora das Dores (CNSD); a extinta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (Fista); a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a Universidade de Uberaba (Uniube) e a Faculdade de Talentos Humanos de Uberaba (FACTHUS).

Foi Secretária Municipal de Educação de Uberaba por dois mandatos, durante as gestões de Luiz Guaritá Neto (1993-1996) e Marcos Montes Cordeiro (1997-2000). Durante esse período, ela também acumulou as funções de Presidente da Casa de Cultura (atual Fundação Cultural de Uberaba) e do Arquivo Público de Uberaba, sendo responsável por implantar e desenvolver projetos inovadores como o "Escola Cidadã" e "Fazendo Escola". Segundo Moacir Gadotti (1997), a Secretaria de Educação de Uberaba, sob a liderança de Dedê Prais, realizou um trabalho notável, inspirado nos princípios da Escola Cidadã, inicialmente orientados pelo próprio Paulo Freire. Uberaba adotou a concepção da Escola Cidadã como uma "construção amorosa da cidadania" (p. 4), trazendo uma contribuição singular ao projeto ao associar

conhecimento, sensibilidade e sustentabilidade. Assim como desejava Paulo Freire, a proposta visava a uma escola "séria, curiosa, questionadora, crítica, criativa e, sobretudo, alegre e prazerosa" (p. 4) (Gadotti; Romão, 1997, p. 3-4).

Foi também articulista do Jornal da Manhã, assessora pedagógica e proprietária da Prais & Prais Consultoria Educacional Ltda. (empresa fundada em 02/04/2001) além de integrar, entre 2001 e 2015, a equipe técnico-pedagógica do Instituto Paulo Freire[3], instituição que surgiu a partir de uma ideia do próprio Paulo Freire, em 12/04/1991, ao desejar reunir pessoas e instituições que, movidas pelos mesmos sonhos de uma educação humanizadora e transformadora, pudessem aprofundar suas reflexões, melhorar suas práticas e se fortalecer na luta pela construção de "um outro mundo possível" com o objetivo de dar continuidade ao seu legado, aproximando pessoas e instituições que trabalhavam a partir de seus ideais.

Outrossim, escreveu e publicou dois livros que versam sobre temas como escola cidadã e gestão compartilhada na escola pública: "Administração Colegiada na Escola Pública" (1990) e "Testemunho Pedagógico - Gestão Colegiada na Educação da Cidade" (2011) no qual apresenta um retrato de suas experiências como educadora e Secretária da Educação por longo tempo em Uberaba. Ademais, faz-se mister citar que a Casa do Educador "Prof.ª Dedê Prais" – Centro de Formação Continuada dos Profissionais da Educação do Município de Uberaba, criada por meio do Decreto n.º 2.319/2014 (Anexo B), homenageia a cidadã uberabense, reconhecida por seus estudos freirianos e pela aplicação de práticas educativas inclusivas, humanizadoras e transformadoras, por meio da Lei n.º 13.112/2019 (Anexo R). Para profissionais que atuam na área educacional da cidade, a história da Educação da cidade de Uberaba se confunde com a história da "Dedê" (apelido da professora sujeito de investigação) e essa seria outra justificativa que encontramos para realizar essa pesquisa, além do fato de ela ter sido orientanda de Mestrado do patrono da educação brasileira Paulo Freire, de quem recebeu ajuda pessoal e profissional, bem como fortes influências teóricas.

Para atender aos objetivos do estudo e responder às questões-problema propostas, realizamos um levantamento e análise de fontes primárias sobre a professora, sujeito da pesquisa. Dentre os documentos examinados, destacam-se seus arquivos pessoais, que constituem o foco principal da investigação, além de documentos oficiais do governo (1993-2000) e da imprensa local e/ou regional, como, por exemplo, atas, livros de matrícula, relatórios, programas de disciplina, métodos didáticos, políticas públicas, fotografias, legislações, jornais

[3] A missão do Instituto Paulo Freire (IPF) é "Educar para transformar". Para mais informações, acesse o site oficial: <https://www.paulofreire.org/o-instituto-paulo-freire>.

da época, aliados às entrevistas para trazer à tona registros históricos da atuação profissional da professora sujeito de pesquisa, a fim de identificar ações e proposições educativas no município mineiro àquela época diretamente influenciadas por sua atuação e/ou gestão. É fundamental destacar que o trabalho de levantamento, catalogação, identificação e interpretação das fontes constitui elementos essenciais da pesquisa, formando o alicerce para a preservação da memória histórica. As fontes, consoante Saviani (2004),

> estão na origem, constituem o ponto de partida, a base, o ponto de apoio da construção historiográfica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado. Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos, são a fonte do nosso conhecimento histórico, isto é, é delas que brota, e nelas que se apoia o conhecimento que produzimos a respeito da história (Saviani 2004, p. 5-6).

A questão central que orientou este trabalho foi investigar os aspectos simbólicos e singulares da história de vida da professora Dedê Prais, bem como as contribuições de seu trabalho para o desenvolvimento da educação em Uberaba (MG), com o propósito de evidenciar sua trajetória e seu protagonismo na história educacional do município. A partir da referida questão, surgem outras questões-problema e seus respectivos desdobramentos, dentre as quais podemos citar:

a. Como se deu a formação pessoal e acadêmica da professora sujeito de pesquisa?
b. Quais as contribuições para a educação na cidade de Uberaba advindas do trabalho nas diversas instituições e áreas em que a professora sujeito de pesquisa atuou?
c. Quais as influências recebidas de Paulo Freire em seu processo de formação pessoal e profissional?
d. Quais as dificuldades enfrentadas no exercício da profissão durante o período da Ditadura Militar?
e. Qual a rede de sociabilidade que essa educadora construiu? Qual(is) a(s) influência(s) que ela exerceu sobre seus alunos e colegas de trabalho a partir das influências recebidas de Paulo Freire?
f. Por que é importante manter viva a memória do trabalho desenvolvido pela professora sujeito de pesquisa na educação em Uberaba, e de que forma isso pode ser feito?

Por meio da metodologia da História Oral, utilizando-se o recurso da entrevista, associada a uma revisão historiográfica e análise de fontes documentais, pretendia-se que as memórias e a história a serem recuperadas fossem capazes de responder as questões-problema

aqui levantadas e que contribuíssem para a construção não só da História de Vida da professora sujeito de pesquisa, como também colaborassem com a ampliação dos conhecimentos construídos acerca da História dos Intelectuais da Educação da cidade de Uberaba, bem como fosse capaz de fornecer elementos para outras pesquisas de recortes mais estreitos que pudessem ampliar a compreensão a respeito da História e da Historiografia da Educação não só regional, como também nacional.

Cabe ressaltar que, existem diversos manuais de História Oral e que muitos pesquisadores vêm discutindo e aplicando a História Oral em suas pesquisas – Alberti (2005, 2013); Amado e Ferreira (2006); Delgado (2010); Meihy e Ribeiro (2011); Meihy e Holanda, (2005, 2015) – todavia, pretendeu-se construir a sustentação teórica bem como as reflexões acerca dessa pesquisa com base no desenvolvimento de um projeto de História Oral de Vida, inspirado nas proposições não só desses autores citados, como também de outros que trouxessem contribuições teóricas ao longo da realização da pesquisa. Além disso, foram selecionadas teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos acadêmicos que versavam e se alinhavam com a temática e campo de pesquisa aqui propostas para a construção das seções da tese.

O objetivo principal deste estudo foi, portanto, investigar, em meio às interfaces do cotidiano, aspectos simbólicos e singulares que pudessem revelar a história de vida da professora, sujeito de pesquisa, bem como suas contribuições para o meio educacional da cidade Uberaba e região, ao longo de seis décadas. Como objetivos secundários elencamos, no projeto inicial:

a. Investigar como se deu a formação pessoal e acadêmica da professora sujeito de pesquisa, bem como as influências sofridas por ela nesse processo;
b. Investigar em que áreas atuou e por quanto tempo, levantando as dificuldades enfrentadas no exercício da profissão;
c. Pesquisar no arquivo pessoal, no arquivo público da cidade, nos documentos oficiais do governo e na imprensa local e/ou regional registros históricos da atuação profissional da professora sujeito de pesquisa, bem como levantar a rede de sociabilidade construída por ela e suas contribuições para a educação local;
d. Responder porque é importante manter viva a memória do trabalho desenvolvido pela professora pesquisada na educação em Uberaba, e de que forma isso pode ser feito.

Em relação aos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, é possível afirmar se tratar de uma investigação inserida no campo de estudos sobre História dos Intelectuais da Educação, o qual faz parte da Linha de Pesquisa de História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Utilizando essencialmente a História Oral como metodologia de pesquisa, uma vez que a tese pretendeu discorrer especificamente acerca da História Oral de Vida (um dos quatro principais tipos ou gêneros de História Oral) da professora Maria de Lourdes Melo Prais (participante da pesquisa), durante as mais de seis décadas (recorte histórico) dedicadas por ela à educação, principalmente, na cidade de Uberaba (*lócus* de pesquisa).

Os trabalhos de levantamento, catalogação, identificação e interpretação das fontes foram elementos constituintes da pesquisa histórica e representaram o alicerce para a preservação da memória histórica. Faz-se necessário salientar que, o uso da metodologia da História Oral tornou-se imprescindível na pesquisa, pois é com ela que se encontra a possibilidade de construir interpretações sobre o itinerário histórico dos personagens pesquisados, conferindo-lhes assim uma identidade cultural e educacional. A escolha pela metodologia da História Oral se deu, por conseguinte, em virtude de o cotidiano ser um terreno bastante fértil para se conhecer e analisar a (re)construção das histórias, por meio das memórias e também das práticas sociais vividas no passado e no presente. Assim como a escolha pelo recurso entrevista se deu por ela ser considerada uma forma de interação social, que permite ao pesquisador obter dados da vida social dos sujeitos entrevistados e identificar diferentes formas de descrição dos fenômenos estudados.

O estudo apresentou abordagem qualitativa de cunho descritivo e analítico e foi construído dentro do arcabouço teórico da História Cultural, que privilegia analisar e interpretar a história a partir de um olhar lançado sobre a cultura popular ou grupos sociais peculiares, em um lugar e período específicos. A memória apresenta-se, também, como um importante recurso na reconstrução da história de vida de um profissional, na compreensão maior de que ela foi um fenômeno construído coletivamente. Buscando o testemunho como fonte, levantando-se memórias que foram complementares aos registros oficiais disponíveis nos arquivos públicos e pessoais da professora sujeito de pesquisa.

Lembramos que a pesquisa respeitou todos os parâmetros éticos e de saúde da professora sujeito de pesquisa, por isso, a entrevistadora ressalta que as perguntas das entrevistas tiveram uma relação direta com os problemas desse estudo, evitando questionamentos que tivessem relação com fatos da vida pessoal da entrevistada que ela não quisesse expor. A entrevistadora

comprometeu-se, ainda, em não publicar ou expor informações prestadas sem a autorização da entrevistada, por meio do Termo de Cessão (Apêndice C), após a leitura das transcrições e que tomou os devidos cuidados para que outras pessoas, além da equipe executora, tivessem acesso às gravações e transcrições, de modo que as entrevistas, que foram realizadas apenas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), demonstrando sua concordância em participar da pesquisa, pois, esperava-se que não houvesse intercorrências com os riscos previstos, já que a professora exerceu cargos públicos, necessitando conceder entrevistas para jornais, revistas e emissoras de televisão e o fato demonstra que ela sempre teve condições de lidar com questionamentos acerca de sua história de vida e de trabalho e deixando claro que ela seria submetida a um roteiro de aproximadamente 60 questões, distribuídas em 5 partes que contemplavam informações pessoais, dados sobre sua infância e alfabetização, sobre sua formação acadêmica, sobre seu ingresso na profissão e as fases de sua carreira e, por isso, as entrevistas de características semiestruturadas teriam duração de aproximadamente 1h30min, sendo distribuídas entre 5 a 10 sessões, que seriam agendadas previamente, conforme data e horário que melhor lhe conviesse, sendo realizadas em sua residência com base na sua disponibilidade e considerando-se seu cansaço físico e mental no momento das entrevistas. Fez-se necessário lembrar-lhe que, as sessões seriam gravadas pela pesquisadora para posterior transcrição e sua aprovação.

Posteriormente, à coleta de dados, fez-se a análise de conteúdo das informações obtidas, sustentada por Bardin (2006, p. 38) que explica que “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou de recepção, inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não”; deste modo, pode-se dizer que a pesquisa é de abordagem basicamente qualitativa, pois a pesquisa apresenta como particularidade, o fato de explorar as características e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente.

Não obstante aos riscos, pretendia-se que as memórias e a história recuperadas fossem capazes de responder às questões-problema levantadas e de contribuir tanto para a construção da História de Vida da professora, sujeito da pesquisa, quanto para a ampliação dos conhecimentos já construídos acerca da História dos Intelectuais da Educação da cidade de Uberaba, bem como fossem capazes de fornecer elementos para outras pesquisas de recortes mais estreitos que pudessem ampliar a compreensão acerca da História e da Historiografia da Educação não só regional, como também nacional.

iii Organização estrutural da tese

Ciente de que ao considerar a natureza política da educação, é possível moldar conscientemente os contornos sociais, promovendo mudanças e progresso ao longo do tempo, foram expostos aqui, primeiramente, os caminhos acadêmicos e pessoais trilhados pela pesquisadora e, também, os caminhos metodológicos percorridos no desenvolvimento da pesquisa, mas cumpre nesta oportunidade esclarecer que o título "Maria de Lourdes Melo Prais – Memórias de uma Educadora" reflete o foco da pesquisa na história de vida da professora Dedê Prais, destacando suas memórias como eixo central de análise e sintetizando a abordagem biográfica e histórica que orienta o estudo. Já o título "Maria de Lourdes Melo Prais: Mulher de lembranças, encontros e estórias[4] na educação" da segunda parte da tese foi escolhido para destacar a riqueza e a profundidade da trajetória de Dedê Prais, Essa escolha foi inspirada em um texto escrito pela própria Dedê Prais (reproduzido na página 13, pré-textual), no qual ela reflete sobre sua essência como uma mulher que valoriza memórias, encontros e a arte de contar estórias, lidando com a solidão de forma introspectiva, acreditando que as boas experiências são inesquecíveis e guiando sua vida com essa perspectiva.

E, antes de apresentar uma breve nota situacional sobre a Historiografia em busca das singularidades históricas, expomos a organização estrutural da tese. A obra está dividida em sete partes: Introdução, Bases Lógicas e Conceituais, Relato da História Oral da Vida da professora sujeito de pesquisa, Considerações Finais, Referências, Apêndices e Anexos.

A Introdução é composta pelos quatro itens, abaixo listados:

i. Caminhos trilhados pela pesquisadora;
ii. Caminhos metodológicos percorridos na pesquisa;
iii. Organização estrutural da tese;
iv. A historiografia em busca das singularidades históricas.

Seu objetivo é apresentar, de forma concisa, a trajetória acadêmica e pessoal do pesquisador até o momento da redação da tese, bem como destacar a História Oral (HO) como metodologia central do estudo. Essa abordagem não apenas fundamentou o projeto de pesquisa submetido ao programa de doutorado, mas também orientou a escrita da tese. Além da História

[4] No Brasil, em 1943, a Academia Brasileira de Letras (ABL) eliminou a obrigatoriedade de distinguir os termos "história" e "estória", que não se tornou errado, mas passou a ser opcional na hora de nomear narrativas imaginárias. A recomendação desde então é utilizar "história" para os dois casos, seja realidade ou ficção; mas fizemos opção por manter tanto o título da segunda parte da tese, quanto da seção, na segunda opção em respeito à grafia utilizada por Dedê Prais (2020) em trecho de texto autodescritivo de sua autoria utilizado na epígrafe, constante na parte pré-textual (p. 13).

Oral, foram adotados outros procedimentos metodológicos, como revisão documental e bibliográfica e análise iconográfica.

A estrutura da tese foi organizada de modo a garantir uma abordagem lógica e consistente do tema, conforme detalhado no item específico da introdução que trata dessa organização. A seguir, finalizando a parte considerada introdutória da tese, apresentamos a Historiografia como área do conhecimento indispensável para se compreender a sociedade em um determinado tempo histórico, para além das fontes tradicionais, levando-se em conta que ela passou por várias mudanças desde a criação da Escola dos *Annales*, trazendo novas perspectivas para o historiador que, muitas vezes, necessita de documentos variados, que não somente os escritos e que, na perspectiva positivista, até então, triunfavam hegemonicamente sobre outras fontes.

Cumpre ressaltar que nessa parte, os referenciais teóricos utilizados se sustentam em teóricos como as professoras Gerhardt e Silveira (2009); o historiador português António Nóvoa (1993); a historiadora e coordenadora do CPDOC, Verena Alberti (2005, 2013); os professores pesquisadores José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabiola Holanda (2015); o filósofo e pedagogo brasileiro Demerval Saviani (2004) e a professora assistente de Psicologia na Universidade de Paris Laurence Bardin (2006) para se retratar os caminhos metodológicos adotados na pesquisa.

As fundamentações teóricas se sustentam, ainda, no destacado medievalista, ligado à Escola dos *Annales* e autor de vasta produção historiográfica, Jacques Le Goff (2013); nos historiadores franceses Michel de Certeau (1982, 1995) e Charles Morazé (1967); em um dos representantes do campo da fenomenologia e da hermenêutica, Paul Ricoeur (1961); no historiador francês, especialista em história da antiguidade romana, Paul Veyne (1982); em um dos medievalistas fundadores da Escola dos *Annales*, o historiador Marc Bloch (2001); no historiador britânico Peter Burke (1982, 2000) e no historiador José D'Assunção Barros (2022) para abordar o tema "A historiografia em busca das singularidades históricas".

1ª parte – Bases lógicas e Conceituais: Nesta parte, pretendeu-se assegurar a fundamentação do método de abordagem do problema de pesquisa, a partir dos pressupostos e postulados da Nova História Cultural e analisando-se os antecedentes desse paradigma, sobretudo a influência exercida pela Escola dos *Annales* na História Cultural. Ainda nessa parte, abordamos a temática da História Oral dividida em cinco seções, a saber: 1.3.1 Conceituação, gênese e evolução da História Oral; 1.3.2 História Oral como metodologia de pesquisa; 1.3.3 Gêneros em História Oral, 1.3.4 História Oral de Vida como Fonte Histórica, concluindo com

a seção 1.3.5 História Oral de Vida: o que dizem as pesquisas de Pós-Graduação. Outro tema relevante para a contextualização da pesquisa é o Papel da entrevista na produção do conhecimento histórico, tratado no item 1.4, de modo que nas seções 1.4.1 tratamos da História Oral como arte da escuta e na 1.4.2 tratamos do resgate da memória na entrevista, finalizando assim a parte teórica que consideramos essencial para compreensão do fio condutor de nosso trabalho.

Essa seção da tese é fundamentada em contribuições teóricas provenientes de diversos estudiosos, dentre eles:

. O historiador inglês Peter Burke (2011, 2014) e a historiadora brasileira Sandra Pesavento (2014) para se abordar a Influência da Escola dos *Annales* na construção do conhecimento histórico, ao renovar os métodos e abordagens utilizados pelos historiadores, ampliando o escopo de estudo e incorporando outras disciplinas às análises históricas;

. O antropólogo americano Clifford Geertz (1989); juntamente com os historiadores já citados Sandra Pesavento (2014) e Peter Burke (2000, 2008) para tratar da temática Nova História Cultural e seus desdobramentos, a partir de uma abordagem interdisciplinar privilegiando uma análise estrutural e contextualizada dos processos históricos;

. Recorremos aos professores pesquisadores Meihy (2005); Meihy e Ribeiro (2011) Meihy e Holanda (2015); Verena Alberti (2005, 2013); Amado e Ferreira (2006); Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2003); António Nóvoa (1993) e Lucília Delgado (2010) para dar sustentação ao tema História Oral, desde sua conceituação, gênese e evolução até sua utilização como metodologia de pesquisa para se retratar a História Oral de Vida de uma intelectual da educação da cidade de Uberaba (MG);

. Verena Alberti (2013); Jacques Le Goff (2013); o historiador oral italiano Alessandro Portelli (1997, 2016) e a professora Ecléa Bosi (1995) ancoram a temática do papel da entrevista na produção do conhecimento histórico, da arte da escuta e o resgate da memória durante a entrevista. Temas relevantes do processo por permitirem que os historiadores obtenham informações diretamente de pessoas que viveram determinados eventos ou períodos históricos e que complementam as fontes escritas e materiais, oferecendo perspectivas e testemunhos pessoais que podem enriquecer e contextualizar a narrativa histórica uma vez que a História Oral coteja outras fontes para a compreensão do fenômeno a ser estudado.

2ª parte – Mulher de lembranças, encontros e estórias na educação: Esta parte da tese tem como objetivo responder à questão fundamental que orienta este trabalho: investigar os aspectos simbólicos e singulares da história de vida da professora Dedê Prais, bem como as

contribuições de seu trabalho para o desenvolvimento da educação em Uberaba (MG), com o propósito de evidenciar sua trajetória e seu protagonismo na história educacional do município.

Além disso, busca atender ao objetivo principal do estudo, que é investigar, em meio às interfaces do cotidiano, os aspectos que evidenciam a trajetória de Dedê Prais, revelando suas contribuições para o campo educacional de Uberaba e região, ao longo de seis décadas.

A análise que segue pretende registrar a História Oral de Vida da professora, sujeito de pesquisa, bem como suas contribuições para o meio educacional, considerando-se o intervalo histórico de seis décadas, levando-se em consideração que a professora figura entre os intelectuais mais influentes e atuantes da cidade de Uberaba e região. Esta parte da tese busca, portanto, não apenas reconstruir elementos de sua história, mas também dar visibilidade às marcas que ela deixou na educação e nas comunidades onde atuou, destacando o impacto duradouro de seu trabalho.

Para tanto, o estudo se aprofunda nas vivências de uma educadora dedicada, explorando os caminhos que a levaram à sua carreira e os efeitos transformadores que ela causou ao longo de décadas de atuação no campo educacional. Essas experiências são organizadas em três fases distintas, que refletem as dimensões de sua vida e trajetória profissional: as recordações singulares da vida pessoal da mulher em formação – Dedê; os encontros acadêmicos da intelectual – Prais; e a integração da pessoa com a intelectual nas estórias de sua profissão – Dedê Prais.

Essa divisão estrutural permite não apenas compreender a multiplicidade de sua atuação, mas também captar as interfaces entre os aspectos pessoais, acadêmicos e profissionais que definiram sua trajetória. Ao trazer à tona sua formação acadêmica, textos, práticas pedagógicas e projetos desenvolvidos, esta parte da tese celebra o legado de Maria de Lourdes Melo Prais como uma mulher de lembranças, encontros e estórias, que transformou sua experiência de vida em um exemplo singular de dedicação e impacto no campo educacional:

2.1 Dedê: Mulher de Lembranças Singulares - Esta parte aborda as memórias pessoais e os eventos formativos que moldaram a personalidade e as convicções de Dedê ao longo de sua trajetória de vida. Além disso, esta parte da tese busca contar a história pessoal e a formação acadêmica de Maria de Lourdes Melo Prais (Dedê), explorando e respondendo duas questões fundamentais levantadas no projeto inicial: como se deu a formação pessoal e acadêmica da professora sujeito de pesquisa? e quais as influências recebidas de Paulo Freire em seu processo de formação pessoal e profissional? Também atende ao objetivo secundário de investigar os

caminhos de sua formação, bem como as influências que marcaram sua trajetória ao longo desse processo.

Ao percorrer essas questões, esta análise não se limita a reconstruir apenas o percurso educacional de Dedê Prais, mas também aclarar as experiências, os valores e os referenciais teóricos que moldaram sua identidade como educadora e intelectual. Sua formação é apresentada como um processo dinâmico e contínuo, profundamente enriquecido por suas interações com pensadores como Paulo Freire e pela imersão em práticas educativas comprometidas com a justiça social, a democratização do ensino e a transformação do contexto em que atuava.

2.2 Prais: Mulher de Encontros Acadêmicos - Esta parte da tese busca explorar as interações acadêmicas de Maria de Lourdes Melo Prais (Prais), destacando as contribuições de sua trajetória como intelectual da educação e respondendo questões essenciais levantadas no projeto inicial, como: qual a rede de sociabilidade que essa educadora construiu?, qual(is) a(s) influência(s) que ela exerceu sobre seus alunos e colegas de trabalho a partir das influências recebidas de Paulo Freire? e porque é importante manter viva a memória do trabalho desenvolvido por Dedê Prais na educação em Uberaba, e de que forma isso pode ser feito?

Aqui, são investigadas produções acadêmicas, incluindo teses, dissertações, capítulos de livros e artigos científicos que utilizaram seus trabalhos como referencial teórico, evidenciando sua presença como uma pensadora relevante no campo educacional até os dias atuais. Além disso, essa análise se aprofunda nas experiências e interações acadêmicas que contribuíram para a construção do pensamento crítico e teórico de Prais, destacando sua evolução intelectual, as influências que recebeu no ambiente acadêmico e, principalmente, as que gerou por meio da rede de sociabilidade que construiu ao longo de sua carreira.

2.3 Dedê Prais: Mulher de Estórias na Profissão - Esta parte da tese tem como objetivo explorar as interações profissionais de Maria de Lourdes Melo Prais (Dedê Prais), destacando a convergência entre sua vida pessoal e sua trajetória acadêmica. A análise se concentra em como essas duas dimensões se integraram, resultando em uma educadora que combinou experiência de vida e conhecimento teórico para transformar significativamente a educação. A partir dessa perspectiva, procuramos responder a questões centrais levantadas no projeto inicial, como: quais as contribuições para a educação na cidade de Uberaba advindas do trabalho nas diversas instituições e áreas em que a professora atuou? e quais as dificuldades enfrentadas no exercício da profissão durante o período da Ditadura Militar?

No tocante aos objetivos secundários, esta parte da tese se propõe a investigar como se deu a formação/atuação profissional de Dedê Prais, identificando as influências que marcaram sua trajetória nesse processo. Também se busca analisar as áreas em que a professora atuou, o tempo de sua atuação, e as dificuldades encontradas ao longo de sua carreira, especialmente em um período tão turbulento como o da Ditadura Militar. A pesquisa se aprofunda em fontes como arquivos pessoais, documentos oficiais da cidade, registros históricos e da imprensa local e regional, com o intuito de levantar um panorama mais amplo da contribuição de Dedê Prais para a educação local e para a construção de sua rede de sociabilidade.

A 2ª parte da tese – Mulher de lembranças, encontros e estórias na educação, dividida em Dedê: Mulher de Lembranças Singulares, Prais: Mulher de Encontros Acadêmicos e Dedê Prais: Mulher de Estórias na Profissão, é alicerçada por contribuições teóricas de professores, estudiosos, historiadores e acadêmicos que dialogam com as obras e falas de Maria de Lourdes Melo Prais, estabelecendo um intercâmbio de ideias e perspectivas. Essas fundamentações teóricas, ao longo do texto, enriquecem a contextualização histórica, oferecendo uma análise mais profunda e abrangente dos eventos e temas abordados, ao mesmo tempo em que reconstituem a história de vida e a obra da intelectual da educação abordada nessa tese. Entre esses professores, estudiosos, historiadores e acadêmicos estão:

. O escritor Guimarães Rosa (1994); a historiadora Carla Bassanezi Pinsky (2011, 2014); a psicólogo e professora Ecléa Bosi (1995); a professora Guacira Lopes Louro (2011); o político europeu Jacques Delors (1996); a historiadora Marta Zednik de Casanova (2020); o professor Décio Bragança (1993); o professor Ernani Maria Fiori (1987); o filósofo e escritor Mario Sergio Cortella (2016); em conjunto com os estudiosos e acadêmicos Geovana Ferreira Melo Moura (2002, 2008); Geovana Ferreira Melo Moura, Geraldo Inacio Filho (2008); Maria Margarida Machado, Júlio César Apolinário Maia (2023); Edilene Alexandra Leal Soares (2022); Eustáquio Donizeti de Paula (2007); finalizando com artigos acadêmicos e de opinião e com entrevistas concedidas por Maria de Lourdes Melo Prais (1993, 2007, 2008, 2019, 2021, 2024) para discorrer sobre a "Mulher de Lembranças Singulares".

. O escritor Antoine de Saint-Exupéry (1943); o educador e filósofo Paulo Freire (1968, 1992, 1996); o psicólogo David Ausubel (1980); juntamente com os estudiosos e acadêmicos Edilene Alexandra Leal Soares (2022); Maria de Lourdes Leal dos Santos (2006, 2020, 2024); Roníria Silva dos Santos (2020); Ana Paula Franzini Peres (2016); Maria do Carmo Custódio (2011); Maria Célia Dalbério-Borges (2007, 2024); Ricardo Antunes de Sá (2007); Carlos Luiz Gonçalves (2007, 2009); Paulo Roberto Padilha (2003); Thais Villa Oliveira (2021); Vinícius

Borges de Andrade (2017, 2020); Camila Mendes Pinheiro (2015); David Budeus Franco (2014); Claudinete Maria dos Santos (2012); Vera Lúcia Gonçalves (2009); Ana Luiza Ribeiro (2008); Sâmara Carla Lopes Guerra de Araújo (2007); Eustáquio Donizeti de Paula (2007); Valéria de Freitas Oliveira (2006); Maria Soledade Gomes Borges (2004); Renilda Maria Rosa (2004, 2024); Vânia Maria de Oliveira Vieira (2003); Jeanne Aparecida de Ávila (2003); Mateus Augusto Lima Ribeiro (2024); Ueudison Alves Guimarães *et al*. (2023); Welvis Emanuel Oliveira Machado (2023); Francisco Kelverton Rodrigues da Silva (2022); Wilson da Silva Santos (2020); Vinícius Borges de Andrade, Marinalva Vieira Barbosa (2020); Cibelle Amorim Martins, César Lima Costa, Márcia Cunha Silva Costa (2013); Osney Marcos Cardoso, Neusa Maria Dal Ri (2010); Maria da Conceição Bizerra (1999); Maria Antonieta Dall'Igna (1997) para elucidar os "Encontros Acadêmicos de Prais", finalizando com entrevistas concedidas por Maria de Lourdes de Melo Prais (2000, 2007, 2019, 2024), além de seus textos acadêmicos (1989, 1993, 2008) e livros publicados (1990, 2011), que contribuem para a compreensão da "Mulher de Encontros Acadêmicos".

Os escritores Antoine de Saint-Exupéry (1943), Rubem Alves (1996) e Eduardo Galeano (2022); as obras de Paulo Freire (1967, 1968, 1987, 1991, 1992, 1993, 1995, 1996, 2000, 2001, 2006); o educador marxista Georges Snyders (1988); a jornalista Rose Dutra (2019) e os estudiosos e acadêmicos Ana Luiza Ribeiro (2008); Eustáquio Donizeti de Paula (2007); Edilene Alexandra Leal Soares (2022); Betania de Oliveira Laterza Ribeiro (2022); Maria Soledade Gomes Borges (2004), Vânia Maria de Oliveira Vieira (2003) finalizando com entrevistas concedidas Maria de Lourdes de Melo Prais (1993, 1995, 2007, 2014, 2019, 2024, 2025) e com textos de opinião publicados (2018) para discorrer sobre a "Mulher de Estórias na Profissão".

. Reunimos, ainda, diversos depoimentos de pessoas que, em diferentes momentos, conviveram com Dedê Prais e/ou trabalharam com ela em instituições de ensino ou na Secretaria de Educação, compondo a Rede de Sociabilidade que ela construiu ao longo da vida. Esses relatos foram inseridos ao longo de toda a segunda parte da tese, enriquecendo a narrativa ao ilustrar temas e eventos marcantes de sua trajetória pessoal, acadêmica e/ou profissional. As pessoas que, gentilmente, compartilharam seus depoimentos estão registradas, a seguir, em ordem alfabética: a Prof.ª Dr.ª Ana Luiza Brasil (2024), a Dr.ª Edilene Alexandra Leal Soares (2024), a Prof.ª Dr.ª Eliana Helena Corrêa Neves Salge (2025), o Prof. Dr. Evaldo Amaro Vieira (2025), o Prof. João Batista Mares Guia (2025), o Prof. Me. José Divino Neves (2025), a Prof.ª Maria Antonieta Borges Lopes (2025), a Prof.ª Dr.ª Maria Célia Borges (2024), a Prof.ª Dr.ª

Maria de Lourdes Leal dos Santos (2024), a Prof.ª Maria Élida Silva (2025), a Prof.ª Dr.ª Marisa Borges (2024), a Prof.ª Mônica Maria Pacheco (2025), a Prof.ª Me. Nilza Consuelo Alves Pinheiro (2025), a Prof.ª Me. Patrícia de Oliveira Prata (2024), o Prof. Dr. Paulo Roberto Padilha (2024), a Prof.ª Me. Renilda Maria Rosa (2024), a Prof.ª Sandra Helena da Silva Gomes (2025), a Prof.ª Esp. Silvana Elias da Silva Pereira (2025), a Prof.ª Sônia Manzan (2025), a Prof.ª Me. Valéria de Freitas Oliveira (2024), a Prof.ª Dr.ª Vânia Maria Resende (2025), a Prof.ª Me. Vera Lúcia Dias (2025), a Prof.ª Vera Lúcia Rezende Cunha (2011, 2024) e o Prof. Vicente de Paula Ferreira (2025). Seus relatos foram essenciais para compreender os projetos educacionais, as políticas públicas e as práticas humanizadoras e inclusivas propostas por Dedê Prais, oferecendo uma visão mais abrangente sobre seus impactos e significados.

3ª parte – Considerações finais: Na terceira parte, são apresentados os principais resultados, conclusões e contribuições da pesquisa, destacando-se os seguintes aspectos: recapitulação dos objetivos propostos, além da análise e interpretação dos resultados. Levando-se em conta as limitações da pesquisa, as contribuições para o campo de estudo, bem como recomendações de direcionamentos futuros, destaca-se que, as considerações finais de uma tese têm um papel crucial na consolidação das análises e reflexões realizadas durante a pesquisa, nesta seção pretendemos chancelar a tese de que a professora sujeito de pesquisa é um "Intelectual da Educação" por meio da síntese dos principais achados, reafirmando a relevância da investigação, destacando suas contribuições para o campo e evidenciando o impacto de sua trajetória, bem como seu legado acadêmico e profissional.

4ª parte – Referências: Nesta parte são apresentadas a lista completa de todas as fontes bibliográficas, documentais, iconográficas entre outros materiais consultados e citados ao longo do trabalho, fornecendo aos leitores as informações necessárias para localizar e verificar as fontes mencionadas no decorrer do texto.

5ª e 6ª partes – Embora não sejam considerados essenciais para a compreensão do conteúdo principal, nessas seções são apresentados os documentos adicionais e complementares da obra, respectivamente:

- Apêndices:

Apêndice A - Roteiro de Entrevista.

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Apêndice C - Termo de Cessão.

- Anexos[5]:

Anexo A - Parecer Consubstanciado do CEP.

Anexo B - Decreto n.º 2.319, de 16/05/2014.

Anexo C - Discurso da Secretária Maria de Lourdes Melo Prais, no VI Encontro de Educadores de Uberaba e Triângulo Mineiro, em 01/06/2000.

Anexo D - Íntegra do pronunciamento da Secretária Municipal de Educação e Cultura de Uberaba, Maria de Lourdes Melo Prais, no XXV Encontro Nacional da AMAE em Uberaba, em 13/07/1993.

Anexo E - Íntegra do pronunciamento de Maria de Lourdes Melo Prais no 1º Encontro com a Rede Municipal de Ensino para o Planejamento Global Integrado, em 11/01/1993.

Anexo F - Íntegra do pronunciamento de Maria de Lourdes Melo Prais na abertura da Aula Inaugural dos Cursos de Pós-Graduação da Secretária Municipal de Educação e Cultura de Uberaba, em 01/09/1993.

Anexo G - Íntegra do pronunciamento de Maria de Lourdes Melo Prais na Inauguração da FEU, em 04/09/1995.

Anexo H - Reflexões oriundas da palestra proferida, em 17/11/1995.

Anexo I - Íntegra do pronunciamento de Maria de Lourdes Melo Prais na apresentação de Paulo Freire, em 17/11/1995.

Anexo J - Relatório de Atividades da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Período: 1993-1995.

Anexo K - Ofício N.º 27 - SEGOV/2019.

Anexo L - Mensagem n.º 33/2019.

Anexo M - Projeto de Lei n.º 130/2019.

Anexo N - Parecer n.º 091/2019.

Anexo O - Parecer da Comissão de Justiça, Legislação e Redação.

Anexo P - Parecer da Comissão de Educação.

Anexo Q - Votação do Projeto de Lei n.º 130/2019.

Anexo R - Lei n.º 13.112/2019.

Anexo S - Publicação da Lei n.º 13.112/2019.

[5] Maria de Lourdes Melo Prais conserva em uma pasta de arquivo muitos dos discursos originais que proferiu ao longo de sua carreira profissional, abrangendo pronunciamentos em cerimônias como aberturas de eventos, inaugurações de escolas e formaturas de alunos. Alguns desses textos (reproduzidos nos anexos da tese) estão amarelados pelo tempo e foram datilografados em máquinas de escrever manuais, preservando registros valiosos de sua trajetória e do contexto histórico em que foram produzidos.

iv A historiografia em busca das singularidades históricas

Lançada originalmente na França, em 1977, o prefácio da obra "História e Memória" de Le Goff (2013) apresenta seis importantes questões que norteiam o problema sobre o conceito de história, que despertam nossa atenção: "Que relações existem entre a história vivida pelos homens, a história natural e a ciência histórica?", "Que relações tem a história com o tempo natural e com o tempo das sociedades?", "Existe um sentido na/da história?", "Como a história se coloca em relação ao futuro?", "Quais as relações entre a história e o(s) estruturalismo(s)?" e "Não se deveria escrever uma história da natureza?" (Le Goff, 2013, p. 9-10). Acrescente-se aqui, uma afirmação de Prais (2020) utilizada na epígrafe das "Bases Lógicas e Conceituais" da tese: "Não há consciência sem memória" sugerindo que a capacidade de recordar e reter informações do passado é essencial para o desenvolvimento e manutenção de uma consciência plena e significativa dos acontecimentos.

Cumpre elucidar que, as perguntas elencadas por Le Goff (2013) são provocativas e instigantes, levantando questões essenciais sobre a natureza da história, sua relação com outros campos de estudo e seu significado mais amplo, que convidam a reflexões e debates sobre a complexidade e a abrangência da disciplina histórica. Assim, a partir desses apontamentos, inicia-se uma discussão na qual o autor sugere que a ciência histórica não é construída nem observada, mas é feita em uma realidade sobre a qual "se indaga" (p. 11), "se testemunha" (p. 11). Em conformidade com Le Goff (2013), essa perspectiva sugere que a história teve início como um relato, uma narrativa do indivíduo que pôde dizer "Eu vi, senti" (p. 11), por conseguinte, esse aspecto da "história-relato" (p. 11), da "história testemunho" (p. 11), nunca deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica. Não obstante, Le Goff (2013) acrescenta que um ramo da ciência histórica tem se desenvolvido, especialmente nas últimas décadas, estudando a evolução da própria ciência histórica no contexto do desenvolvimento histórico global: "a historiografia", também conhecida como "história da história" (p. 13) (Le Goff, 2013, p. 11-13). Corroborando, Barros (2022, p. 15) afirma que "Historiografia é a 'História escrita'; de modo que não é à toa que a expressão indica literalmente isto (historio-grafia)".

Antagonicamente, hoje em dia, há uma crítica a esse tipo de história em prol da explicação no lugar da narração. No entanto, ao mesmo tempo, há um ressurgimento da "história-testemunho" (p. 11) através do "retorno do evento" (p. 11), relacionado aos novos meios de comunicação, ao surgimento de jornalistas como historiadores e ao desenvolvimento da "história imediata" (p. 11) na qual eventos recentes são examinados e analisados em tempo

real (Le Goff, 2013, p. 11). Essas tendências refletem uma busca por uma história mais engajada, que valoriza a voz das testemunhas e busca entender os eventos históricos em sua dimensão temporal imediata. Ao mesmo tempo, ressalta-se a necessidade de uma análise crítica e contextualizada, que vá além da mera narrativa dos fatos. Assim, embora exista uma crítica à abordagem narrativa tradicional, não se descarta completamente a importância da narrativa histórica, especialmente quando aliada a uma explicação mais aprofundada dos acontecimentos.

A ciência histórica evoluiu desde a Antiguidade, superando as restrições impostas pela transmissão oral do passado a partir da constituição de bibliotecas e arquivos. Foram elaborados "métodos de crítica científica" (p. 11) que permitiram à história ser vista como uma ciência em sentido técnico. No entanto, na atualidade, a noção de fato histórico "que não é um objeto dado e acabado" (p. 11) é questionada, assim como a separação entre história e arqueologia, uma vez que nos dias atuais os documentos chegam a abranger "a palavra, o gesto" (p. 11). Para fazer da história um objeto de uma verdadeira ciência, os historiadores e filósofos, desde os primórdios, buscaram definir as leis da história, mas muitas teorias foram desmentidas por fatos e reflexão histórica, incluindo o "providencialismo" (p. 12), que atribuía os eventos históricos a uma intervenção divina ou a um plano divino preestabelecido, e o "determinismo histórico" (p. 12) do marxismo vulgar, que defendia a ideia de que a história seguia um curso determinado e inevitável de acordo com as leis do desenvolvimento econômico e das lutas de classes. Cumpre dizer que o "determinismo" foi questionado à medida que os historiadores buscavam compreender os eventos históricos com base em causas humanas e em contextos sociais, políticos, econômicos e culturais mais amplos e que o "determinismo" foi desafiado à medida que os historiadores reconheciam a complexidade e a contingência dos eventos históricos, como também a importância de múltiplos fatores e atores na construção da história. "A tomada de consciência da construção do fato histórico [...] lançou uma luz reveladora sobre os processos de manipulação que se manifestam em todos os níveis da constituição do saber histórico" (p. 12) ressaltando a importância da objetividade e do rigor no trabalho histórico, evitando possíveis distorções e manipulações ideológicas (Le Goff, 2013, p. 11-12).

Não obstante, a objetividade do historiador tem sido um problema recorrente, oriundo das condições nas quais trabalha. A conscientização da construção do fato histórico e da "não-inocência" (p. 12) do documento trazido à tona, revelam os processos de manipulação que permeiam a constituição do saber histórico. No entanto, tal constatação não deve levar a um ceticismo absoluto em relação à objetividade histórica e à verdade na história, embora seja reconhecido que a objetividade plena seja difícil de alcançar devido às limitações e

condicionantes do trabalho do historiador, o que não invalida a importância de buscar uma abordagem crítica e fundamentada na análise das fontes e dos contextos históricos. Ainda assim, é importante lembrar que a história é "também uma prática social" (Certeau, 1982, p. 95), e que a leitura da história do mundo muitas vezes visa transformá-lo, como é o caso da tradição revolucionária marxista (que busca compreender a história como um motor de mudança social), mas também em outras perspectivas, como os herdeiros de "Tocqueville e Weber, que associam análise histórica e liberalismo político" (p. 13) e que enfatizaram a importância da compreensão histórica para o estudo e a promoção da liberdade política (Le Goff, 2013, p. 12-13).

A crítica à noção de fato histórico também tem provocado o reconhecimento de "realidades históricas negligenciadas por muito tempo pelos historiadores" (p. 13). Junto à "história política, econômica e social, e à história cultural" (p. 13), surgiu uma "história das representações" (p. 13) abordagem que busca compreender como as sociedades passadas representaram e deram significado aos eventos, às ideias e às práticas históricas e, que assume diversas formas, como a história das ideologias, das maternidades, do imaginário e dos rituais, examinando as representações simbólicas, as narrativas, as imagens, os discursos e outros meios de expressão utilizados pelas pessoas no passado para dar sentido à sua realidade histórica. Além disso, a própria ciência histórica, com o desenvolvimento da "historiografia ou história da história" (p. 13), é colocada numa perspectiva histórica, levando-se em conta que os historiadores também se dedicam ao estudo e à reflexão sobre a própria evolução e as práticas da disciplina histórica ao longo do tempo (Le Goff, 2013, p. 12-13).

Seguindo a perspectiva de Le Goff (2013) "falar de história não é fácil" (p. 21) porque a "história não é uma ciência como as outras" (p. 21) e destaca que a singularidade da história reside em sua natureza temporal e na complexidade inerente à compreensão do passado humano ao tentar centrar suas reflexões sobre a história na temporalidade, situando a própria ciência histórica nas periodizações da história sem a reduzir à visão europeia e/ou sem considerar a história global, que leva em conta as interações e os intercâmbios entre diferentes regiões do mundo ao longo do tempo (Le Goff, 2013, p. 21-22).

Faz-se necessário aqui, estabelecer uma diferenciação entre os conceitos "historiografia" e "história", condição fundamental para compreender a natureza e os objetivos desses dois conceitos relacionados, mas distintos: grosso modo, a historiografia é o estudo das melhores maneiras de interpretar as fontes históricas e os modos como a história é escrita (a investigação histórica e a reflexão sobre os métodos, abordagens e teorias utilizados pelos historiadores para compreender o passado), enquanto que a história é o resultado da aplicação

da historiografia, o que está escrito sobre o passado, com o objetivo de fornecer uma narrativa compreensiva e baseada em evidências do que aconteceu no passado, buscando representá-lo da forma mais fidedigna possível.

Certeau (1995, p. 41) emprega a palavra história "no sentido de historiografia [...] entendendo por história uma prática (uma disciplina), o seu resultado (um discurso) e a sua relação". Ao afirmar que entende a história como uma prática, Certeau (1995) destaca que a história não é apenas um corpo de conhecimento estabelecido, mas uma atividade em constante desenvolvimento, de modo que a história é uma disciplina que envolve a pesquisa, a análise e a interpretação de fontes históricas, bem como a aplicação de métodos e teorias para compreender o passado. Além disso, quando Certeau (1995) menciona o resultado da história como um discurso, ele está se referindo à produção escrita ou oral que os historiadores concebem para comunicar suas descobertas e interpretações. O discurso histórico é, nesse caso, o produto final da prática histórica, que busca narrar e explicar os eventos e processos passados. Por fim, quando destaca a relação entre a prática histórica e o discurso histórico, em outras palavras, a maneira como a história é praticada, ou seja, os métodos, abordagens e perspectivas adotadas pelos historiadores, influencia diretamente no discurso histórico produzido, posto que a forma como a história é concebida e praticada afeta a maneira como os eventos e o passado são interpretados e apresentados aos outros.

Ainda na tentativa de conceituar a palavra "história" (Le Goff, 2013, p. 22), cumpre dizer que em todas as línguas românicas e em inglês, a palavra "história" vem do grego antigo,

> forma que deriva da raiz indoeuropéia *wid-*, *weid* "ver". Daí o sânscrito *vettas* "testemunha" e o grego *histor* "testemunha" no sentido de "aquele que vê". Esta concepção da visão como fonte essencial de conhecimento leva-nos à ideia que *histor* "aquele que vê" é também aquele que sabe; *historein* em grego antigo é "procurar saber", "informar-se". *Historie* significa, pois, "procurar". É este o sentido da palavra em Heródoto, no início das suas Histórias, que são "investigações", "procuras" ver, logo saber, é um primeiro problema (Le Goff, 2013, p. 22).

Muito embora, nas línguas românicas (e noutras), a palavra "história" (p. 22) exprima conceitos diferentes, significando: 1) a "investigação das ações realizadas pelos homens (Heródoto)" (p. 22) que se esforça por se constituir em ciência histórica; 2) o objeto de procura, que é o que os homens realizaram e 3) o sentido de narração, verdadeira ou falsa, com base na "realidade histórica" (p. 22) ou puramente imaginária. Já o italiano tem tendência para designar senão a ciência histórica, pelo menos as produções desta ciência pela palavra "*storiografia*" (Le Goff, 2013, p. 22).

O século XIX, século da história, de acordo com Le Goff (2013), inventa ao mesmo tempo as doutrinas que privilegiam a história dentro do saber falando de "historismo" (p. 22) ou "historicismo" (p. 23) e de uma categoria do real, a "historicidade" (p. 23) (a palavra apareceu em 1872, em francês) (Le Goff, 2013, p. 22-23) e é assim definida por Morazé (1967), para quem a historicidade é apresentada como uma função comum a todos os seres humanos, uma dimensão implícita que cada um experimenta em si mesmo:

> Devemos procurar para além da geopolítica, do comércio, das artes e da própria ciência, aquilo que justifica a atitude de obscura certeza dos homens que se unem, arrastados pelo enorme fluxo do progresso que os especifica, opondo-os. Sente-se que esta solidariedade está ligada à existência implícita que cada um experimenta em si, duma certa função comum a todos. Chamamos a esta função historicidade (Morazé, 1967, p. 59).

Na segunda metade do século XX, o conceito de historicidade assumiu um papel de destaque na renovação epistemológica, apesar de suas origens estarem ligadas ao historicismo do século XIX. A partir do conceito de historicidade, foi possível refutar teoricamente a noção de "sociedade sem história" (p. 23), que, por sua vez, já havia sido desmentida pelo estudo empírico das sociedades examinadas pela etnologia (ciência social, que estuda de modo comparativo e analítico as características sociais e culturais dos grupos humanos). A obrigatoriedade de inserir a própria história em uma perspectiva histórica é expressa pela noção de "historicidade da história" (p. 23), que implica um movimento que conecta uma prática interpretativa a uma *práxis* social (Le Goff, 2013, p. 23). Essa noção de historicidade destaca a importância de reconhecermos nossa conexão com a história e a importância de estudá-la e compreendê-la, convidando-nos a refletir sobre nossa posição no fluxo da história e a reconhecer que nossa existência individual está enraizada em uma dimensão coletiva e temporalmente estendida.

Ricoeur (1961), um dos expoentes no campo da fenomenologia e da hermenêutica, assevera que "A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na medida em que o seu sentido se mantém confuso, misturado [...]" (Ricoeur, 1961, p. 226). Depreende-se de sua afirmação, a natureza complexa e ambígua da história, afinal a história não pode ser definida de forma absoluta e simples, nem pode ser reduzida a um único sentido ou interpretação. Em vez disso, a história é caracterizada por sentidos e perspectivas, muitas vezes misturados e confusos e é essa complexidade que faz da história um objeto de estudo fascinante e desafiador. A interpretação dos eventos históricos requer um processo de compreensão e análise constante, pois há sempre novas perspectivas e informações a serem consideradas. A citação de Ricoeur (1961) enfatiza a necessidade de

reconhecer a complexidade da história, evitando tanto a busca por uma verdade absoluta como a imposição de narrativas únicas, visto que a história é um campo em que a desordem e a mistura de sentidos são intrínsecas, permitindo que diferentes interpretações coexistam e enriqueçam nossa compreensão do passado.

Para Veyne (1982, p. 12), "a história não é uma ciência e não tem muito a esperar das ciências; ela não explica e não tem método; melhor ainda, a História da qual muito se tem falado nesses dois últimos séculos, não existe". Ao afirmar que a história não é uma ciência e não tem muito a esperar das ciências, o autor está contestando a ideia de que a história pode ser tratada da mesma forma que outras áreas do conhecimento que se baseiam em métodos científicos rigorosos. Veyne (1982) argumenta, ainda, que a história lida com um objeto complexo e multifacetado (o passado humano) que não pode ser completamente compreendido ou explicado por meio de leis científicas universais. Além disso, a história é influenciada por fatores subjetivos, como a perspectiva do historiador, o contexto em que o(s) evento(s) ocorreu(eram) e a(s) fonte(s) disponível(eis), de modo que a história não é um discurso absoluto ou uma singularidade absoluta, mas sim um campo de estudos que está em constante evolução e revisão. De modo que, a ambiguidade da história, longe de ser um obstáculo para a pesquisa, é na verdade o que se torna tão fascinante e importante.

De acordo com Le Goff (2013), Bloch (2001) não concordava com a definição de que "A história é a ciência do passado" (p. 27) e achava "absurda a ideia de que o passado possa, por si só, ser objeto da ciência" (p. 27), propondo, em contrapartida, a definição de história como "a ciência dos homens no tempo" (p. 27), com o objetivo de destacar três aspectos fundamentais: o primeiro diz respeito ao caráter humano da história "a história é a história humana" (p. 27); o segundo considera que a história não só deve permitir compreender o "presente pelo passado" (p. 27), mas também compreender o "passado pelo presente" (p. 27) confirmando "o caráter científico e abstrato do trabalho histórico" (p. 27) e, por fim, mas não menos importante, que o trabalho da história não poderia ser estritamente tributário da cronologia: seria um erro grave pensar que a ordem adotada pelos historiadores nas suas investigações devesse necessariamente "modelar-se pela dos acontecimentos" (Le Goff, 2013, p. 27). A perspectiva de Bloch (2001) busca ampliar o entendimento da história, enfatizando seu caráter humano, sua relação com o presente e a necessidade de uma abordagem flexível e contextualizada. Sua visão contribui, também, para uma compreensão mais abrangente e complexa da disciplina histórica (Le Goff, 2013, p. 25-27).

Assim, a historiografia se apresenta como uma sucessão de novas interpretações do passado, repleta de omissões e de redescobertas, falhas de memória e de revisões. De mais a mais, essas atualizações também podem afetar o vocabulário do historiador, introduzindo anacronismos conceituais e verbais que prejudicam a qualidade de seu trabalho. Esse é o caso de exemplos relacionados à história da Inglaterra e da Europa entre 1450 e 1650, e a propósito de termos como "partido" (p. 31), "classe" (p. 31), entre outros, pois esses termos possuem conotações e significados específicos em contextos mais recentes, que podem não ser aplicáveis ou adequados para descrever as realidades sociais e políticas daquele período histórico específico (Le Goff, 2013, p. 31).

A historiografia é, sem dúvida, o estudo e análise crítica da escrita da história, todavia há quem diga que remete ao produto final do trabalho do historiador. É, por certo, a investigação sistemática das obras históricas, das suas fontes, das suas técnicas e das suas interpretações, buscando compreender como foram produzidas e quais os seus significados. A historiografia é, em outros termos, uma reflexão sobre o passado e sobre as formas de sua representação e interpretação, buscando compreender como os historiadores interpretam os eventos históricos e como essas transmissões mudaram ao longo do tempo influenciadas por diferentes contextos sociais, culturais e intelectuais.

Em conformidade com Burke (1992), há ainda que se considerar que o campo da pesquisa histórica vem passando, desde o século XX, por um intenso processo de renovação teórico-metodológica no campo da pesquisa histórica. O "paradigma tradicional" (p. 10), baseado na concepção "positivista" (p. 10) de história, que acatava a validade do conhecimento baseada apenas na documentação oficial, foi considerado inadequado, pois não levava em consideração os demais atores e suas participações nos processos históricos. Assim, os historiadores começaram a questionar e superar esse "paradigma tradicional" (p. 10), buscando uma abordagem mais abrangente e complexa da história, passando a valorizar o estudo de fontes variadas, como relatos pessoais, documentos não oficiais, registros culturais, entre outros, a fim de compreender as múltiplas perspectivas e vozes presentes no passado (Burke, 1992, p. 10).

A historiografia francesa pós 1930, especialmente ligada à história-problema dos *Annales*, disseminou a ideia de que a realidade social é complexa e não pode ser compreendida de modo único ou simplificado. A história cultural surge, então, como um campo de multiplicidades para os investigadores, trazendo "novos problemas" (p. 9), "novas abordagens" (p. 9) e "novos objetos" (p. 9) de estudo. Nesse movimento de construção de novas abordagens, surgem novas concepções que se traduzem em um campo de multiplicidades para os

pesquisadores, proporcionado pela história cultural. A partir da inclusão de uma série de novas temáticas historiográficas, surge a preocupação em estabelecer uma relação entre o presente e o passado, a começar de problematizações que despontam de pessoas na atualidade, já que após um longo período do século XX os "acontecimentos" (p. 12) tiveram um "papel secundário" para a historiografia. Os historiadores passaram a recuperar e reinventar a narrativa, buscando compreender não apenas os eventos e as mudanças políticas e econômicas, mas também as transformações culturais, sociais e subjetivas que ocorreram ao longo dos tempos (Burke, 1992, p. 9-12).

No Brasil, a historiografia local também vem sendo alvo de pesquisas e debates recentes, buscando facultar uma história que "dê conta" das especificidades locais e regionais sem desvinculá-las de um contexto mais amplo. Para Burke (1992), a história local é interessante e útil na medida em que oferece elementos consistentes para estudos comparativos e possibilita uma abordagem com base nas singularidades, oferecendo meios para que o pesquisador possa ter informações e dados sobre diferentes lugares do país. Isso permite que o pesquisador possa assimilar os processos de mudança e rupturas do passado, buscando no presente a produção de conhecimentos críticos capazes de explicar a versão dinâmica para o estudo dos problemas regionais ao permitir que o pesquisador examine as relações entre os diferentes atores sociais, as práticas cotidianas, as estruturas de poder locais e as interações com o ambiente físico. Na verdade, ao concentrar-se nos contextos regionais, a história local revela os processos históricos singulares que podem não ser totalmente capturados por estudos de natureza mais abrangente.

A obra "Variedades de História Cultural", de Peter Burke (publicada originalmente em 1997), versa de forma abrangente e detalhada acerca do tema das singularidades na história e como a historiografia pode lidar com elas, tentando evitar "os perigos opostos do "construtivismo" (p. 8) (a ideia da construção cultural ou discursiva da realidade) e do "positivismo" (p. 8) obsoleto (no sentido de empirismo confiante em que "os documentos" (p. 8) revelarão "os fatos" (p. 8) (Burke, 2000, p. 8). Nessa obra, o autor defende que a história cultural é uma abordagem que permite a compreensão das singularidades culturais e sociais, que são elementos fundamentais para a compreensão da história de uma determinada sociedade ou grupo, além de trazer considerações acerca da importância da interdisciplinaridade na história cultural, enfatizando a necessidade de uma abordagem integrada que envolva diversas disciplinas, como a antropologia, a literatura e a filosofia.

Uma lacuna da história cultural foi preenchida, na concepção de Burke (2000):

> o século XIX testemunhou uma extensa lacuna entre história cultural, basicamente abandonada à história amadora e profissional, e história "positivista", cada vez mais interessada em política, documentos e "fatos concretos". Apesar das mudanças ocorridas na última geração, entre elas a elevação de "estudos culturais" à respeitabilidade acadêmica, talvez ainda seja cedo demais para afirmar que essa lacuna foi preenchida (Burke, 2000, p. 37).

A lacuna citada persistiu por um longo tempo, com a história cultural recebendo menos atenção e respeito acadêmico. Argumentando que a história cultural, em contraposição à história política tradicional, busca compreender a diversidade cultural e a diferença entre as sociedades ao longo do tempo, por isso precisa estar atenta às singularidades de cada contexto histórico e cultural, o autor evidencia o fato de que a história cultural deve ser um tipo de história que lida com a singularidade, que se preocupa em ver a diferença entre um tempo e outro, entre um lugar e outro, em vez de estabelecer generalizações. No entanto, apesar dos avanços e mudanças ocorridos, ainda pode ser prematuro afirmar que a lacuna entre história cultural e história "positivista" (p. 36) foi totalmente preenchida. Ainda há desafios a serem enfrentados, como resistências e preconceitos arraigados em relação aos estudos culturais, além de uma tendência contínua de privilegiar abordagens mais tradicionais na pesquisa histórica (Burke, 2000, p. 36).

Ademais, Burke (2000) destaca a importância da análise de fontes históricas diversas para a compreensão da cultura e das singularidades. Ele argumenta que é preciso utilizar fontes que vão além dos documentos oficiais, como as fontes visuais, orais e materiais, para uma análise mais completa e precisa da cultura. Nesse sentido, é possível concluir que o conhecimento histórico ajuda na compreensão da raça humana, enquanto ser que constrói seu tempo. Nesse ínterim, os historiadores desempenham o relevante papel de investigar e esclarecer processos importantes que geraram o mundo em que vivemos hoje. Entender as ações de homens e mulheres no decorrer do tempo pode nos dar respostas preciosas sobre os problemas que enfrentamos no presente, mas demandam um esforço contínuo para superar a lacuna existente entre os dois campos e para promover uma abordagem mais integrada e abrangente da pesquisa histórica.

De fato, é perceptível que a historiografia passou por várias mudanças desde a criação da Escola dos *Annales*, em 1929, de modo que novas abordagens e teorias têm procurado superar algumas das críticas feitas às teorias anteriores. Algumas dessas abordagens incluem as histórias cultural, das mentalidades, do gênero, ambiental e global. Essas abordagens mais recentes têm se concentrado em questões que divergem das abordagens anteriores, mas todas convergem para o objetivo de entender a história de maneira mais ampla e complexa,

respeitando suas singularidades. Cada uma delas oferece perspectivas únicas sobre a experiência humana e pode ajudar a esclarecer aspectos obscuros da história, fornecendo elementos de compreensão da sociedade e cultura, que ajudam a desenvolver o pensamento crítico, o entendimento sobre diferenças entre as pessoas, os países e as civilizações.

O estudo historiográfico também é importante para a preservação da memória coletiva de uma sociedade, de modo que ao documentar eventos e processos históricos, podemos garantir que essas histórias sejam preservadas para as gerações futuras. Dessa forma, a história nos ajuda a evitar a perda de conhecimentos e de experiências que poderiam ser valiosas para a sociedade. Ao entender o passado, podemos compreender melhor as decisões tomadas no presente e antecipar as possíveis consequências dessas escolhas no futuro. Isso pode ajudar a evitar a repetição de erros do passado e promover mudanças positivas na sociedade.

Por fim, vale a pena ressaltar que, nas palavras de Barros (2022, p. 19), a "Historiografia é constituída por tudo o que os historiadores fizeram (sua *poiésis*), pensaram (sua teoria), assim como pelos modos como agiram (sua *práxis*)". Em outras palavras, Barros (2022) destaca que a historiografia abrange não apenas os textos escritos pelos historiadores, mas também engloba todas as atividades, reflexões e práticas que eles realizaram ao longo dos tempos. A historiografia é, portanto, composta por três elementos interligados que interagem e se retroalimentam, o que torna a historiografia um campo dinâmico e multifacetado, que se expande constantemente à medida que novos aspectos da história são revelados e interpretados. Esses elementos serão melhor delineados no Quadro 1:

Quadro 1 - Elementos Principais da Historiografia

Poiésis	A *poiésis* refere-se às ações concretas dos historiadores, isso inclui o processo de pesquisa, a coleta de fontes históricas, a análise dos dados e a redação dos textos históricos, abrangendo todas as atividades práticas envolvidas na produção do conhecimento histórico.
Teoria	A teoria histórica fornece o arcabouço conceitual e interpretativo para a compreensão do passado, referindo-se às reflexões teóricas e conceituais dos historiadores, englobando as diferentes abordagens teóricas e metodológicas utilizadas no estudo da história, as discussões sobre a natureza do tempo histórico, a interpretação das fontes e a construção de narrativas históricas.
Práxis	A *práxis* diz respeito aos modos como os historiadores agem: as escolhas éticas e políticas que os historiadores fazem em relação à seleção e interpretação das fontes, assim como as implicações sociais e políticas de suas pesquisas. A *práxis* abrange o engajamento dos historiadores com questões de poder, justiça, identidade e memória.

Fonte: Adaptado de Barros (2022).

Em conclusão, a partir de leituras das obras de Burke (1982, 2000), Certeau (1982, 1995) e Le Goff (2013), entre outros historiadores, podemos afirmar que a historiografia representa um campo de estudo abrangente e dinâmico, que transcende os simples produtos finais, como os textos históricos, uma vez que engloba discussões acadêmicas, debates historiográficos, influências teóricas e práticas profissionais dos historiadores, revelando-se como um universo complexo de investigação e interpretação do passado. Sua importância reside, porquanto, no fato de que ela não apenas busca compreender os eventos históricos, mas também examina criticamente as abordagens, os métodos e os pressupostos que moldam nossa compreensão do passado. Ao reconhecer a diversidade de perspectivas e a constante evolução do campo, a historiografia nos convida a refletir sobre como as narrativas históricas são construídas e a questionar as interpretações e as representações pré-estabelecidas. Dessa forma, a historiografia desempenha um papel fundamental na busca por uma compreensão mais profunda e contextualizada do passado, contribuindo para o enriquecimento do conhecimento histórico e para uma análise crítica das narrativas que moldam nossa visão do mundo.

Posto isto, passamos a detalhar as bases lógicas e conceituais que sustentam o desenvolvimento da segunda parte da tese. Antes, é necessário esclarecer que as “bases lógicas” se referem aos princípios e regras de raciocínio que orientam o processo de investigação, garantindo a coerência e a consistência na construção das argumentações e interpretações. Já as “bases conceituais” dizem respeito aos conceitos-chave e às ideias fundamentais que são centrais para o estudo em questão, proporcionando uma estrutura teórica que fundamenta as análises e discussões. Assim, a próxima parte da tese dedicar-se-á a explorar e aprofundar essas bases, com o objetivo de oferecer um sólido embasamento teórico para a pesquisa e garantir a clareza e profundidade na abordagem dos temas tratados.

1 BASES LÓGICAS E CONCEITUAIS

"Não há consciência sem memória".
(Prais, 2020)

Nesta parte, passamos a discorrer sobre as duas dimensões que desempenham papéis cruciais na estruturação e no direcionamento da tese: "as bases lógicas e conceituais", melhor dizendo as conceitos e ideias que sustentam nosso estudo, na intenção de fornecer um embasamento teórico sólido para a pesquisa a partir de uma discussão detalhada desses fundamentos.

Apresentamos, por conseguinte, a fundamentação do método de abordagem do problema de pesquisa, a partir dos pressupostos e postulados da Nova História Cultural, analisando-se os antecedentes desse paradigma, sobretudo a influência exercida pela Escola dos *Annales* na História Cultural. A posteriori, abordamos a temática da História Oral, a partir da sua conceituação, gênese e evolução enquanto metodologia de pesquisa que empregamos. Tratamos, ainda, dos gêneros em História Oral, com ênfase especial para a História Oral de Vida como Fonte Histórica e de pesquisa.

Outro tema relevante tratado nesta parte é o papel da entrevista na produção do conhecimento histórico, destacando a História Oral como arte da escuta, bem como o resgate da memória na entrevista. Além disso, discutimos como a memória é preservada e reconstituída por meio das narrativas pessoais, proporcionando um entendimento mais profundo dos eventos históricos a partir de perspectivas individuais.

Ademais, investigamos a importância da subjetividade na reconstrução histórica, enfatizando como as experiências pessoais e as perspectivas individuais contribuem para uma narrativa mais rica e complexa da história. Essa abordagem permite não apenas uma análise dos fatos históricos, mas também uma compreensão das emoções, motivações e contextos que moldaram as ações e decisões dos indivíduos envolvidos. Finalizamos assim a parte teórica que consideramos essencial para a compreensão do fio condutor de nosso trabalho, fornecendo as bases necessárias para a análise subsequente da vida e obra de Maria de Lourdes Melo Prais, porque como ela própria asseverou: "Não há consciência sem memória", visto que a memória nos proporciona uma linha temporal que conecta o passado, o presente e o futuro.

1.1 A INFLUÊNCIA DA ESCOLA DOS *ANNALES*

No prefácio da obra "A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos *Annales* 1929-1989", Burke (2011) afirma que, em 1929, surgiu na França uma revista intitulada "*Annales d'Histoire Économique et Sociale*" (p. 7), fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch (dois dos mais importantes historiadores da historiografia francesa e também da historiografia do século XX) líderes "do que pode ser denominado Revolução Francesa da Historiografia" (p. 11) – termo frequentemente utilizado para se referir a um período de intensa transformação e mudança no campo da história, fazendo alusão à Revolução Francesa ocorrida no final do século XVIII, que provocou uma profunda ruptura no sistema político, social e cultural da época. Burke (2011, p. 7) sustenta, ainda, que a revista teve quatro títulos: "*Annales d'histoire économique et sociale* (1929-39); *Annales d'histoire sociale* (1939-1942, 45); *Mélanges d'histoire sociale* (1942-4); *Annales: économies, sociétés, civilisations* (1946-...)" (Burke, 2011, p. 7-11).

O novo movimento historiográfico foi impactante e renovador, colocando em questionamento a historiografia tradicional e apresentando novos e ricos elementos para o conhecimento das sociedades. Ao longo da década de 1930, a revista tornar-se-ia símbolo de uma nova corrente historiográfica identificada como *École des Annales* (Escola dos *Annales*). A proposta inicial do periódico era se afastar de uma abordagem positivista da escrita da história, que havia dominado o final do século XIX e início do XX e que propunha que a história fosse tratada como uma ciência objetiva, baseada em fatos concretos. Sob esta visão, a história era relatada como uma crônica de acontecimentos, a fim de reconstruir os eventos do passado de forma precisa e objetiva; assim, o novo modelo pretendia substituir as visões breves anteriores por análises de processos de longa duração com a finalidade de permitir maior e melhor compreensão das civilizações das "mentalidades" (p. 9) concentrando-se, por conseguinte, nas mentalidades coletivas e nas formas de pensar e perceber o mundo que caracterizam uma determinada sociedade em um determinado período de tempo (Burke, 2011, p. 7-24).

Na perspectiva de Burke (2011), a mais importante contribuição do grupo dos *Annales*, incluindo-se as três primeiras gerações, foi transcender o cunho tradicional da história clássica e expandir o campo da história por diversas áreas. "O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais" (p. 89), diante disso, defendiam que a história não era apenas

sobre grandes líderes e eventos, mas também sobre as estruturas sociais, a vida cotidiana e a cultura material. Vale lembrar que essa "colaboração interdisciplinar se manteve por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes na história das ciências sociais" (Burke, 2011, p. 89).

Burke (2011), em sua obra, busca distinguir as três principais gerações de historiadores que teceram o contorno e a consistência a este movimento historiográfico, que é considerado como o ânimo para a chamada "História Nova" (Burke, 2011, p. 89). Em consequência disso, alguns autores, como Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff e Le Roy Ladurie, ganharam notoriedade no processo de "revolução" na historiografia, formando o que podemos denominar de quarta geração dos *Annales*. A Escola dos *Annales* passou, portanto, por três gerações, até o aparecimento da História Cultural (4ª geração) como nova abordagem histórica que enfatiza a importância da cultura na construção do passado. Cada uma dessas gerações apresenta suas próprias características e contribuições para o campo da história, abaixo sintetizadas e descritas a partir de Burke (2011, p. 16-93) e Pesavento (2014, p. 8-13):

.1ª Geração (1929-1950):

Liderada pelos historiadores fundadores da revista: Lucien Febvre, "especialista no século XVI" (p. 16), e o "medievalista" (p. 16) Marc Bloch. Essa geração enfatizava a importância do estudo das estruturas de longa duração como a geografia e as ciências sociais para a compreensão da história, rejeitando o determinismo econômico e o estudo limitado de políticas e líderes (Burke, 2011, p. 16).

Febvre, em 1897, "foi admitido na Escola Normal Superior, então separada de Paris" (p. 16), por influência de quatro de seus colegas: O primeiro, Paul Vidal de la Blanche, "um geógrafo interessado em colaborar com historiadores e sociólogos, fundou uma revista, os *Annales de Géographie* (1831), visando a incentivar essa aproximação" (p. 16). O professor de filosofia e antropologia, Lucien Lévy-Bruhl, trouxe a contribuição do conceito "pensamento pré-lógico" ou "mentalidade primitiva" (p. 16) para os estudos de Febvre. O historiador da arte, Émile Mâle também influenciou Febvre, sendo "um dos pioneiros a concentrar-se não na história das formas, mas nas das imagens, na 'iconografia', como dizemos hoje" (p. 16). Seu famoso estudo sobre a arte religiosa do século XIII foi publicado em 1898, no mesmo período em Febvre ingressou na Escola Normal Superior. Por fim, temos o linguista, Antoine Millet, um aluno de Durkheim, influenciando-o com seus estudos sobre os "aspectos sociais da língua"

(p. 16), contribuiu para a história social das línguas e a produção linguística ao longo dos contextos históricos (Burke, 2011, p. 16).

Febvre reconheceu também seu débito para com inúmeros historiadores anteriores, expressando sua admiração pela obra do filósofo e historiador Michelet, assim como pelas obras do historiador de arte e cultura Jacob Burckhardt, do historiador da arte Louis Courajod e do político de esquerda Jean Jaurès, cuja influência pode ser constatada na tese de doutoramento de Febvre, intitulada "*Philippe II et la Franche-Comté*" (p. 17), um estudo sobre sua própria região, a Franche-Comté, área localizada em torno de Besançon, no final do século XVI, quando era governada por Felipe II, da Espanha (Burke, 2011, p. 17).

A carreira do historiador Marc Bloch não foi muito diferente da de Lucien Febvre, já que também frequentou a "*École Normale*" (p. 18), local em que seu pai Gustave Bloch ensinava história antiga. O historiador Marc Bloch também sofreu influências do linguista Meillet e do filósofo e sociólogo Lévy-Bruhl, entretanto, o sociólogo Émile Durkheim teve uma importância considerável na sua formação. Bloch "pensava no tema sob a perspectiva de uma história-problema" (p. 18), abordagem essa que, envolvia formular perguntas e buscar respostas por meio de métodos rigorosos de pesquisa histórica, em outras palavras, defendia a importância de se identificar questões-chave, formular hipóteses, analisar fontes, contextualizar eventos históricos e, assim, buscar uma compreensão mais profunda dos processos históricos (Burke, 2011, p. 18).

Na obra "Os reis taumaturgos" (p. 20), que não se limitava a um período histórico convencional da Idade Média, Bloch revela seu interesse sobre a antropologia ao discorrer acerca do poder de cura a partir do "toque real" (p. 20), "crença, muito difundida na Inglaterra e na França, da Idade Média até o século XVIII, de que os reis tinham o poder de curar os doentes de escrófula, uma doença da pele conhecida como o mal dos reis" (p. 20). Todavia, o referido livro forneceu uma nova perspectiva para a história política, logo que observa os meandros da monarquia, quando a partir do toque real, perceberam-se as teias do poder político. Portanto, Bloch propôs o estudo de uma história problema em par com a escritura da longa duração, ou seja, fornecendo a "interdisciplinaridade" (p. 20) na medida em que buscava integrar diferentes disciplinas e perspectivas ao que chamava de "psicologia religiosa" (p. 20), a partir da qual buscava compreender as motivações, crenças e mentalidades religiosas dos indivíduos de determinado contexto histórico. De tal modo, esses estudos trouxeram à tona as temáticas da história da mentalidade, da história comparativa e o "estudo de caráter regional" (p. 18) representando uma abordagem inovadora na historiografia (Burke, 2011, p. 18-20).

Cumpre esclarecer que, a história das mentalidades refere-se ao estudo das crenças, valores, ideias, representações simbólicas e formas de pensar de uma determinada sociedade em um determinado período histórico, buscando compreender como as mentalidades individuais e coletivas moldam as ações e comportamentos dos indivíduos e, assim, influenciam as transformações sociais. Ao focar na mentalidade, os historiadores podem explorar aspectos culturais, ideológicos e psicológicos que, como vimos, contribuem para a compreensão de uma época. A história comparativa, por sua vez, envolve examinar o que há de comum e de singular entre diferentes sociedades, períodos históricos ou regiões geográficas, buscando identificar padrões, processos comuns e influências mútuas, permitindo uma compreensão mais ampla e contextualizada dos eventos históricos. Por meio da comparação, os historiadores podem explorar de que modo fatores como economia, política, cultura e sociedade moldam as trajetórias históricas de diferentes lugares e momentos. Já o estudo de caráter regional concentra-se na análise específica de uma determinada região geográfica, reconhecendo que as regiões possuem suas próprias particularidades, dinâmicas sociais, econômicas e culturais. A partir de então, historiadores podem examinar em detalhes as influências locais e a interação entre a região e os eventos históricos mais amplos, o que permite uma compreensão mais precisa das especificidades regionais e sua contribuição para a história geral. Em suma, essas temáticas ampliaram a abordagem histórica, permitindo uma compreensão mais rica e complexa do passado uma vez que oportuniza aos historiadores ir além da mera narrativa dos fatos e buscar uma compreensão mais profunda dos aspectos sociais, culturais e subjetivos da experiência humana ao longo do tempo.

Logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, Febvre "idealizou uma revista internacional dedicada à história econômica" (p. 23), mas encontrou grandes dificuldades e, por essa razão, o projeto foi abandonado. Todavia em 1928, Bloch tomou a iniciativa de ressuscitar os planos de publicar uma revista, obtendo sucesso em seu projeto dessa vez. Diante disso, foi solicitado que o historiador belga Henri Pirenne dirigisse a revista, mas diante da sua recusa, Febvre e Bloch tornaram-se editores do periódico que visava exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica; e que seria o "alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história" (Burke, 2011, p. 23).

Nos anos de 1930 e 1940, Febvre começou a tecer críticas e reflexões "aos especialistas canhestros e empiricistas" (p. 26) os quais considerava desajeitados ou ineptos em sua abordagem metodológica ou teórica e que apresentavam tendência de se concentrar exclusivamente em dados concretos e observáveis, negligenciando a análise teórica mais ampla

ou a reflexão crítica, além de seus manifestos e programas em defesa de "um novo tipo de história associado aos *Annales*" (p. 26), contudo a Segunda Guerra Mundial freou o movimento. Aos 53 anos, Bloch alistou-se no exército e, após a derrota francesa, engajou-se na Resistência até ser capturado e fuzilado pelos alemães em 16 de junho de 1944, próximo à cidade francesa Lyon (Burke, 2011, p. 26-27).

Cumpre aclarar que, durante a guerra, Marc Bloch passou para o papel suas reflexões acerca do "objetivo" (p. 27) e "método da história" (p. 27): trata-se da obra de metodologia histórica inacabada intitulada "*Apologie de l'histoire*" (p. 20), a qual foi finalmente publicado em 1949, por Lucien Febvre, sob o título "*Apologie de l'histoire ou Métier d'historien*" (p. 20) traduzido para "Apologia da História ou o ofício do historiador". Enquanto isso, Febvre passou a maior parte do período em que ocorreu a guerra em sua casa de campo escrevendo artigos e livros sobre a Renascença Francesa e a Reforma. As obras de Febvre "*Le problème de l'incroyance au XVI e siècle: la religión de Rabelais*" (p. 27), juntamente com a obra "Os reis taumaturgos" (p. 27) de Bloch e o artigo de Georges Lefebvre sobre multidões coletivas inspiraram a história das mentalidades coletivas (Burke, 2011, p. 20-27).

No período do pós-guerra, um ato importante de Febvre foi a construção e organização de um espaço para tecer sua história, nomeando discípulos e amigos para as posições-chave da organização "VI Seção da *École Pratique de Hautes Études,* em 1947. Ele tornou-se Presidente da VI seção, dedicada às ciências sociais, e Diretor do Centro de Pesquisa Históricas, uma seção dentro de seção" (p. 30). Essa iniciativa permitiu que Febvre tivesse controle sobre a estrutura e o funcionamento desse espaço de pesquisa, fato que contribuiu para a disseminação e a continuidade de sua abordagem histórica entre amigos e discípulos (Burke, 2011, p. 30).

Acerca da primeira geração dos *Annales* é possível concluir que, ao negar a história narrativa, política e militar dos acontecimentos, ocorreu uma reação ao historicismo, dando início à história das mentalidades. Esse novo tipo de história, pautado na interdisciplinaridade, surgiu com foco voltado para os problemas da sociedade. Dessa forma, a primeira geração absorveu a ideia de "história-problema" (Burke, 2011, p. 7) e a história passou a ser vista como um instrumento de análise e compreensão das transformações sociais, culturais e civis, e não apenas como uma narrativa linear dos acontecimentos históricos.

2ª Geração (1950-1970):

Liderada pelo historiador francês Fernand Braudel, que expandiu a escola para incluir a história de longa duração, explorando as estruturas econômicas e sociais que moldaram a história, como a geografia, a demografia e a ecologia. Essa geração deu especial destaque à

importância da história das mentalidades, ou seja, às crenças e ideias que moldaram as sociedades. O líder Braudel teve importantes seguidores como os historiadores franceses Georges Duby e Pierre Chaunu.

Sob a perspectiva de Burke (2011, p. 31), "quando da criação dos *Annales*, em 1929, Braudel tinha 27 anos". Antes disso, "estudara História na Sorbonne, lecionava história numa escola da Argélia enquanto trabalhava em sua tese" (p. 31). Sua experiência de lecionar por dez anos na Argélia (1923-1932), possibilitou-lhe expandir seus horizontes históricos na medida em que essa experiência permitiu-lhe entrar em contato com uma realidade histórica e cultural diferente daquela que havia experimentado anteriormente, expondo-o a novas perspectivas e desafios, ampliando sobremaneira seu conhecimento sobre diferentes contextos históricos e sociais. Essa vivência enriquecedora contribuiu não só para sua formação intelectual, como também para o desenvolvimento de sua abordagem histórica inovadora, caracterizada pela análise dos longos processos históricos e pela consideração de múltiplas escalas temporais.

A tese, escrita na Segunda Guerra Mundial, intitulada "O Mediterrâneo" (p. 32) iniciou-se como um ensaio diplomático, de perspectiva muito convencional, apesar de ambiciosa, e era dividida em três elementos, apresentando uma noção de história interligada ao homem e ao ambiente – "geo-história" (p. 34); desenvolvendo uma dimensão historiográfica da estrutura econômica, social e política, e por fim proporcionando o novo olhar para história dos acontecimentos. De acordo com Burke (2011, p. 32), "a parte mais tradicional, a terceira, parece corresponder à ideia original de Braudel de uma tese sobre a política exterior de Felipe II". O primeiro artigo escrito por ele, "tinha por tema a presença dos espanhóis no Norte da África, no século XVI" (p. 31), no qual mostrava a "vida diária" (p. 31) das guarnições espanholas, retratando a "estreita relação entre a história africana e a europeia" (p. 31) (Burke, 2011, p. 31-34).

Braudel resistia aos métodos quantitativos e a maioria das formas de história cultural, sendo alheio a dois grandes movimentos no interior da história dos *Annales* de seu tempo: a "história quantitativa" (p. 46) e a "história das mentalidades" (p. 46), embora essas abordagens tenham sido importantes dentro dos *Annales* durante o período. "A Revolução Quantitativa" (p. 46) aconteceu entre 1950 até 1970, atingindo o campo econômico, principalmente da "História dos Preços" (p. 46) e, logo em seguida, atingindo a história social, populacional, da cultura, da religião e das mentalidades. Essa abordagem enfatizava a coleta e análise de dados quantitativos para compreender e explicar os fenômenos históricos, no entanto, Braudel não aderiu a essa abordagem, mantendo uma postura mais distante em relação a ela. Da mesma forma, Braudel

também se manteve alheio à "história das mentalidades" (p. 46), que buscava compreender as mentalidades e as formas de pensar das pessoas em determinado período histórico (Burke, 2011, p. 46).

A partir das considerações tecidas acerca da segunda geração da Escola dos *Annales*, é possível perceber que Braudel, buscou aprofundar as ideias da primeira geração e se concentrar na longa duração da história. Braudel propôs a noção de "estruturas" que influenciam a sociedade, como o clima, a geografia e a economia, argumentando que essas estruturas são mais significativas e duradouras do que eventos históricos individuais, desenvolvendo o conceito de "história em três níveis", a saber: "estruturas de longa duração" ou "história de longo prazo", "conjunturas" ou "história conjuntural" e "acontecimentos" ou "história dos acontecimentos". Além disso, a segunda geração também destacou a importância da geografia na análise histórica, reconhecendo a influência do ambiente físico no desenvolvimento humano. Enfatizou, ainda, a importância da história global e da análise comparativa, além de explorar novas metodologias, como a análise quantitativa.

. 3ª Geração (1970-1989):

Foi liderada pelo historiador francês especialista em Idade Média, Jacques Le Goff, e pelo também historiador francês Pierre Nora, que buscaram expandir ainda mais a escola, incorporando novos métodos como a "história cultural" (p. 57), que envolve a investigação das práticas, valores, crenças e representações simbólicas de uma sociedade em determinado período e a "micro-história" (p. 57), que por sua vez, concentra-se em eventos e indivíduos específicos, examinando-os em detalhes minuciosos. A terceira geração consagrou outros nomes como o do historiador medievalista Philippe Ariès, e o pioneiro da "micro-história" Emmanuel Le Roy Ladurie, que trouxeram contribuições importantes para a Escola dos *Annales*. A referida geração buscou questionar a objetividade da história e a natureza do discurso histórico, levando a Escola dos *Annales* em direção a uma abordagem mais pós-moderna ao enfatizar a importância dos discursos, das representações e das perspectivas individuais na construção da história (Burke, 2011, p. 57).

A terceira geração rompeu com as ideias que a precederam, focando-se na História das Mentalidades e nas representações do mundo social enquanto ingredientes da realidade social, ficando marcada pela ampliação de temas e temáticas voltados para as mulheres, as crianças, os trabalhadores, entre outras abordagens, de modo que "o itinerário intelectual de alguns historiadores dos *Annales* transferiu-se da base econômica para a "superestrutura cultural", ou como dizem "do porão ao sótão" (p. 57). Assim, nessa geração ocorreu o "policentrismo" (p.

56), ou seja, “vários membros do grupo levaram mais adiante o projeto de Febvre, estendendo as fronteiras da história de forma a permitir a incorporação da infância, do sonho, do corpo e, mesmo do odor” (p. 56) nas temáticas estudadas. A ênfase, do período, encontra-se na história de grupos sociais, sobretudo na história dos silenciados, dos vencidos, dos repreendidos ou reprimidos, suas memórias e simbolizações (Burke, 2011, p. 57-59).

Muitos dos seus membros viveram nos Estados Unidos por um ano ou mais e como falavam e escreviam em inglês, “essa geração foi mais aberta a ideias vindas do exterior” (p. 56). “Por diferentes caminhos tentaram fazer uma síntese entre *Annales* e as tendências americanas, como a psico-história, a nova história econômica, a história da cultura popular e a antropologia simbólica” (p. 56-57). Sobre o fato, cumpre explicar que, a psico-história é uma abordagem que combina elementos da psicologia e da história, buscando compreender os eventos históricos a partir de motivações psicológicas individuais e coletivas, explorando a influência dos processos mentais, emoções e comportamentos na compreensão dos eventos históricos. A nova história econômica, por sua vez, foca na análise dos aspectos econômicos das sociedades, investigando as estruturas e dinâmicas econômicas, bem como seu impacto nas transformações sociais e culturais ao longo do tempo. Enquanto isso, a história da cultura popular se dedica ao estudo das práticas, crenças e expressões culturais das camadas populares de uma sociedade, levando em consideração sua influência na formação de identidades e na construção do tecido social. A antropologia simbólica, por fim, é uma abordagem que busca compreender os sistemas de significados e símbolos presentes nas culturas humanas, explorando as formas como esses símbolos são utilizados e interpretados pelos indivíduos e grupos sociais. Ao buscar uma síntese entre a Escola dos *Annales* e essas tendências americanas, os historiadores buscaram enriquecer as análises históricas, incorporando abordagens que exploravam a dimensão psicológica, econômica, cultural e simbólica dos eventos históricos (Burke, 2011, p. 56-57).

Como vimos, os historiadores que seguiam as ideias da Escola dos *Annales* buscavam novas formas de abordar a história. No entanto, diferentemente do passado, as inovações não estão restritas a Paris, como eram nos anos de 30 e 60, já que ocorriam em diferentes partes do mundo ao mesmo tempo. Por exemplo, a história das mulheres não acontecia apenas na França, considerada epicentro das inovações, mas também nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Holanda, Escandinávia, Alemanha e Itália. Não há mais um único “centro de inovação” (p. 57), mas vários, ou nenhum, levando-nos a crer que foi um momento de diversidade e descentralização,

no qual várias perspectivas, abordagens e metodologias históricas coexistiram sem que uma única se sobressaísse (Burke, 2011, p. 57).

Para Burke (2011), uma abordagem que se baseia apenas em números pode ser simplista ou "reducionista" (p. 65), pois os dados estatísticos podem não refletir com precisão aspectos importantes da cultura ou da sociedade estudada pelo historiador. De modo que, na década de 70, surgiu uma reação a essa abordagem quantitativa, dando origem a três novas correntes: "uma mudança antropológica, um retorno à política e um ressurgimento da narrativa" (p. 66). A mudança antropológica se concentrou na antropologia cultural e assistida, tendo como referências pensadores como Erving Goffman, Victor Turner, Pierre Bourdieu e Michel de Certeau. Nas décadas de 70 e 80, alguns historiadores pensavam em termos de "antropologia histórica" (p. 66) ou "etno-história" (p. 66): a "antropologia histórica" (p. 66) se baseia na ideia de que a cultura e as práticas sociais são fundamentais para a compreensão dos processos históricos, enquanto que a "etno-história" (p. 66) envolve a utilização de métodos etnográficos e fontes orais para o estudo de sociedades tradicionais ou indígenas, combinando abordagens históricas e antropológicas (Burke, 2011, p. 65-66).

A Escola dos *Annales* tem sido criticada por presumir "uma negligência com a política" (p. 70) de modo que uma crítica que a revista parece confessar por levar em seu título o lema "economias, sociedades, civilizações" (p. 70), sem mencionar explicitamente o papel do Estado, mas nem todos os historiadores do grupo inspiraram essa concepção, considerando-se que ao longo do tempo, a Escola dos *Annales* também passou por transformações e incorporou perspectivas mais políticas, como a história política e a história do Estado (Burke, 2011, p. 70).

Acerca do renascimento da narrativa, Burke (2011) afirma:

> O retorno à história política está vinculado à reação contra o determinismo, que, como vimos também inspirou a viragem antropológica. A preocupação com a liberdade humana, juntamente com o interesse pela micro-história, fundamenta também o recente renascimento da biografia histórica, fora e dentro dos quadros dos *Annales* (Burke, 2011, p. 73).

Vale lembrar que, esse retorno se estendeu à micropolítica graças a Foucault. Outro renascimento recente na história é a "biografia histórica" (p. 73), que tem como base a preocupação com a liberdade humana e o interesse pela "micro-história". Os *Annales* influenciaram muitos campos da história por meio da "difusão de conceitos", abordagens e métodos, de um período histórico para outro atraindo o interesse de outras disciplinas, como "geografia, sociologia e antropologia" (p. 83). Essas mudanças na historiografia, incluindo o retorno à história política, o interesse pela micro-história e o renascimento da biografia

histórica, refletem uma rejeição do determinismo simplista e uma busca por uma compreensão mais rica e multifacetada do passado. Essas abordagens destacam a importância da ação humana, da liberdade individual e da complexidade das interações sociais na compreensão dos eventos históricos (Burke, 2011, p. 73-83).

Acerca da expressão História Nova, Burke (2011) explica que a expressão "foi popularizada pelo livro *La nouvelle histoire* (1978)" (p. 92), editado por Jacques Le Goff *et al.*, já fora reivindicada para os *Annales*. "Braudel havia falado de uma História Nova em sua aula inaugural no *Collège de France* (1950). Febvre, por outro lado, usara frases como "uma outra história" (p. 92) para descrever o que o grupo dos *Annales* tentava fazer" (p. 92), ao buscar ir além da tradicional política e dos eventos pontuais (Burke, 2011, p. 92).

Resumindo, a 3ª geração buscou expandir os horizontes da escola, incorporando métodos como a história cultural, a micro-história e a história das mentalidades; questionando a objetividade da história e a natureza do discurso histórico, levando a Escola dos *Annales* em direção a uma abordagem mais pós-moderna; trazendo à tona temas como a história das mentalidades, a história comparativa e o estudo regional, buscando uma compreensão mais profunda e contextualizada do passado e estimulando uma abordagem crítica, reflexiva e multidimensional para a compreensão da história.

. 4ª Geração (1989-...):

A transição da terceira para a quarta geração dos *Annales* ocorreu gradualmente ao longo das décadas de 1970 e 1980. Por volta de 1989, iniciou-se o que podemos chamar de quarta geração da Escola dos *Annales*, caracterizada por um inegável e notório progresso da História Cultural. A quarta geração é defendida pelos historiadores franceses Georges Duby, Roger Chartier, André Burguière e Jacques Revel. Dentre outros notórios historiadores, os representantes da quarta geração dos *Annales* admitem a variedade e a convivência de métodos e correntes teóricas, caracterizando o conceito de interdisciplinaridade.

Segundo Pesavento, em seu livro "História & História Cultural" (2014), a mudança na abordagem histórica que culminou na História Cultural ocorreu na década de 1970, em meio a diversos acontecimentos como a "crise de maio de 1968" (p. 8), a "guerra do Vietnã" (p. 8), o "movimento feminista" (p. 8) e a "ascensão da *New Left*" (p. 8). Esses eventos resultaram em uma "crise dos paradigmas explicativos da realidade" (p. 8), levando a profundas rupturas epistemológicas que questionaram os marcos conceituais dominantes na História. Pesavento (2014) aponta que o "marxismo e o movimento dos *Annales*" (p. 9) foram as principais posições interpretativas criticadas, embora parte das inovações que deram origem à "História Cultural"

(p. 10) ou mesmo da "Nova História Cultural" (p. 10) tenham surgido dentro desses mesmos movimentos, no marxismo inglês e no movimento dos *Annales* na França (Pesavento, 2014, p. 8-10).

Seguindo a fixação dos princípios do materialismo histórico em um modelo completo e fechado, muitos intelectuais, incluindo alguns marxistas como Thompson, tentaram se afastar de uma "abordagem teórica marxista" (p. 12) muito rígida, devido à sensação intelectual de que tudo já havia sido explicado em termos de dominação e resistência psicológica, buscando novos referenciais de análise para abordar outras questões e temas. Por outro lado, as perspectivas globalizantes da Escola dos *Annales*, especialmente as ambições de uma história total, revelaram sua pouca capacidade de conquistar seguidores. Na recusa aos referenciais marxistas, os seguidores dos *Annales* repudiaram a "análise classista" (p. 12) e passaram a coletar sistematicamente dados dos arquivos, organizando-os sequencialmente, o que gerou críticas. "Houve quem denunciasse ser essa maneira de fazer "História" ficava reduzida a uma narrativa sem capacidade de explicar os fenômenos" (p. 13). É importante notar que essa crítica não rejeita completamente a narrativa histórica, mas enfatiza a necessidade de ir além da narrativa para obter uma análise mais aprofundada, já que a história como uma disciplina acadêmica busca constantemente aprimorar suas metodologias e abordagens para oferecer uma compreensão mais abrangente e rigorosa dos eventos passados (Pesavento, 2014, p. 12-13).

Como vimos, a história dos *Annales* foi criada como uma "alternativa ao marxismo" (p. 13), mas também como uma reação à "história do acontecimento" (p. 13) e à "história narrativa" (p. 13), inovando com categorias de estrutura e conjuntura, conceitos identificadores da longa e da média duração, que operaram como marcos explicativos para uma outra concepção dos marcos temporais na análise da história. Mesmo criticando os orçamentos marxistas, a história dos *Annales* privilegiava em sua análise os níveis econômico e social da realidade, relegando a cultura a uma terceira instância. No entanto, após décadas de percurso, a Escola dos *Annales* foi acusada justamente de um vazio teórico e um reduzido poder explicativo, o que revela uma situação paradoxal (Pesavento, 2014, p. 13).

Acerca da influência da Escola dos *Annales,* ressalta-se o fato de ter sido pioneira na utilização de novas técnicas de pesquisa, como a análise quantitativa e a história serial, que envolve a análise de dados ao longo do tempo. Além disso, os *Annales* enfatizaram a importância da história global e tardia, mostrando como as tendências sociais e culturais se mantiveram por todo o mundo. Não obstante, ao longo dos anos, a Escola dos *Annales* evoluiu e se adaptou a novas tendências e ideias, mas manteve a sua abordagem de longa duração, que

visa entender as mudanças históricas como processos complexos e multifacetados, que se desenvolvem ao longo dos tempos, contudo sua abordagem interdisciplinar e sua ênfase nas tendências de longo prazo continuam a influenciar os estudos históricos até hoje. Assim, a Escola dos *Annales* continua a ser uma das principais influências nos estudos históricos contemporâneos, promovendo uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre o passado, e buscando compreender as tendências e transformações que moldaram o mundo em que vivemos. A quarta geração buscou superar algumas limitações e críticas direcionadas à abordagem da terceira geração, ampliando as fronteiras da Escola dos *Annales* e incorporando novas perspectivas, enfatizando a importância da cultura, das representações coletivas e dos discursos na construção do passado.

Sintetizando o que foi tratado até aqui, pode-se afirmar que entre as principais transformações trazidas pela Escola dos *Annales*, estava a argumentação de que o tempo histórico não é uniforme e apresenta ritmos diferentes para os acontecimentos, os quais podem ser de simples acontecimento, conjuntural ou estrutura. O simples acontecimento é uma ocorrência pontual, que pode ser explicada por si só, sem a necessidade de um contexto mais amplo. Já o acontecimento conjuntural é um evento que está relacionado a outros eventos, formando uma conjuntura, e que precisa ser explicado a partir de uma análise mais complexa das relações entre esses eventos. Por fim, a estrutura refere-se a padrões mais amplos e duradouros na história, como sistemas psicológicos, sociais e culturais, que influenciam e moldam os acontecimentos e conjunturas. Essa abordagem enfatiza a importância da análise das estruturas e das longas durações históricas, em detrimento de uma visão linear, que privilegia apenas os grandes eventos e personagens.

Dessa forma, a Escola dos *Annales* contribuiu para uma renovação no estudo da história, ampliando o escopo de análise e a compreensão dos processos históricos. Além disso, a ênfase na contextualização e na reflexão crítica sobre as narrativas históricas desafiou a noção de uma história objetiva e neutra, promovendo uma abordagem mais plural e reflexiva. A Escola dos *Annales* deixou um legado importante, incentivando os historiadores a explorar novas temáticas, a utilizar fontes variadas e a estabelecer diálogos com outras disciplinas, enriquecendo assim o campo da história e contribuindo para uma compreensão mais completa e significativa do passado.

No intuito de proporcionar uma visão abrangente das fases evolutivas da Escola dos *Annales* das quais falamos acima e antes de introduzirmos a Nova História Cultural como aporte teórico, apresentamos um quadro panorâmico das principais ideias cultivadas por cada geração,

bem como seus principais expoentes em cada uma delas, como forma de contextualização para uma compreensão mais ampla das influências e contribuições dessa abordagem historiográfica ao longo do tempo. Assim, antes de introduzirmos a temática Nova História Cultural, delinearemos as características distintivas de cada geração, desde os pioneiros como Marc Bloch e Lucien Febvre até as inovações trazidas por Fernand Braudel e os desdobramentos contemporâneos. Destacaremos como a Escola dos *Annales*, ao longo de suas diferentes fases, desempenhou um papel crucial no reconhecimento e na valorização da cultura como um componente central na análise histórica. Essa seção pretende evidenciar a intrínseca relação entre a Escola dos *Annales* e a História Cultural, elucidando como essa escola de pensamento influenciou e moldou a compreensão da cultura como um elemento fundamental na construção do conhecimento histórico:

Quadro 2 - As gerações da Escola dos *Annales*

Geração	**Período**	**Principais ideias**	**Principais representantes**[6]
1ª geração	1929-1950	História das maternidades; Negação da história narrativa, Política e militar; História-problema; Interdisciplinaridade; Influência de Durkheim e Mauss.	Lucien Febvre; Marc Bloch.
2ª geração	1950-1970	História total; Longa duração; Análise estrutural; Influência de Braudel; Ênfase nas estruturas sociais, motivação e geográficas; Liderança das questões políticas e culturais imediatas.	Fernand Braudel; Georges Duby; Pierre Chaunu.
3ª geração	1970-1989	História cultural; Micro-história; Linguagem e representação; História dos grupos subalternos; Retorno à história política e cultural.	Jacques Le Goff; Pierre Nora; Philippe Ariès; Emmanuel Le Roy Ladurie.
4ª geração	1989-...	História global; História ambiental; História das emoções; História do corpo; Interdisciplinaridade com áreas como a antropologia, a sociologia e a geografia.	Roger Chartier; André Burguière; Jacques Le Goff; Carlo Ginzburg; Pierre Bourdieu.

Fonte: Adaptado de Burke (2011) e Pesavento (2014).

[6] É importante lembrar que as gerações não são compartimentos estanques, e que as ideias e influências das gerações anteriores continuam presentes nas posteriores. Além disso, há muitas nuances e variações dentro de cada geração (notas da pesquisadora).

1.2 NOVA HISTÓRIA CULTURAL COMO APORTE TEÓRICO-CONCEITUAL

Começamos essa seção com o questionamento acerca do que seja "cultura", reconhecendo a importância da cultura como um fator determinante na análise histórica, e para responder a essa questão nos valemos, a princípio, de Geertz (1989) que conceitua cultura como:

> [...] um padrão historicamente transmitido de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressadas de uma maneira simbólica, de maneira que os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes com relação à vida (Geertz, 1989, p. 89).

O conceito apresentado por Geertz (1989) baseia-se na ideia de que a cultura é um sistema de significados compartilhados pelos membros de uma sociedade. Esses significados são traduzidos de geração em geração e incorporados em símbolos, como a linguagem, os rituais, a arte, a música entre outras formas de expressão cultural. Nessa concepção, a cultura não é vista como algo estático ou imutável, mas sim como um processo dinâmico em constante evolução, no qual os indivíduos podem reinterpretar e redefinir os símbolos culturais de acordo com suas próprias experiências e perspectivas.

Já nas palavras de Pesavento (2014),

> A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa (Pesavento, 2014, p. 15).

Em consonância com o conceito exposto, a cultura não é apenas uma questão de arte ou tradição, pois permeia todos os aspectos da vida social, desde a política e a economia até a religião e a vida cotidiana, apresentando significados e valores. A partir dele, a cultura também é vista como uma fonte de poder e dominação, já que aqueles que controlam a produção e distribuição dos símbolos culturais podem influenciar as atitudes e os comportamentos de outros membros da sociedade, mas para Burke (2000) "não há concordância sobre o que constitui história cultural, menos ainda sobre o que constitui cultura" (p. 11) e acrescenta "não somos o primeiro povo no mundo a compreender que a cultura, como hoje a chamamos, tem uma história" (p. 11). Essa falta de consenso, citada por ele, é reflexo da natureza multifacetada e em constante transformação da cultura, que abrange uma ampla gama de práticas, valores, crenças e expressões humanas (Burke, 2000, p. 11-12).

Ao longo do tempo, diferentes sociedades e povos têm reconhecido que as manifestações culturais evoluem e se transformam, refletindo as mudanças sociais, políticas e

econômicas. Por conseguinte, as principais mudanças epistemológicas decorrentes da História Cultural estiveram intimamente ligadas à reorientação da postura do historiador, a partir dos conceitos de representação, imaginário, narrativa, ficção e sensibilidades e diante de seu objeto de estudo. Conforme Pesavento (2014),

> As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença (Pesavento, 2014, p. 39-40).

Ainda em consonância com as ideias de Pesavento (2014), a proposta da História Cultural "é um processo complexo de leitura dos códigos" (por vezes incompreensíveis para o historiador) (p. 42) de um outro tempo que consiste em "decifrar a realidade do passado por meio de suas representações" (p. 42), buscando compreender as formas discursivas e imagéticas por meio das quais os indivíduos expressam a si mesmos e ao mundo. Dessa forma, as representações não apenas refletem o mundo, mas também o constroem, dando significado e orientando as ações humanas (Pesavento, 2014, p. 42).

Embora o conceito de "representação coletiva" (p. 39) já houvesse sido pensado por Émile Durkheim e por Marcel Mauss, no início do século XX, o seu grande divulgador na História Cultural foi Roger Chartier, em sua obra "A história cultural: entre práticas e representações". "Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo" (p. 42). O que mais tem dado visibilidade para a História Cultural, no entendimento de Pesavento (2014, p. 69), é "a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes" (p. 69) (Pesavento, 2014, p. 39-69).

Entre as novas correntes, de acordo com Pesavento (2014), estariam "aquela do texto, pensando a escrita e a leitura" (p. 69) como forma de expressão cultural, levando-se em consideração o contexto em que estão inseridos, seja ele histórico e/ou social; "a da micro-história" (p. 72) que se caracteriza por uma abordagem que privilegia o estudo de casos individuais e eventos específicos, e que "busca traduzir o empírico em sensibilidades, na tentativa de resgatar a experiência do vivido, indo do tempo curto dos dados de arquivo ao

tempo macro de uma época dada do passado" (p. 72) e "aquela relativa a uma releitura do político pelo cultural" (p. 72) destacando a importância das representações, dos discursos e dos rituais políticos na construção de identidades, no exercício do poder e nas relações de poderio entre os diversos atores sociais (Pesavento, 2014, p. 69-72).

Dito isso, fazemos outro questionamento: "O que é História Cultural?" e para essa resposta nos valemos do historiador britânico, especialista em história cultural, Peter Burke e de sua obra homônima ao questionamento que trouxemos. Segundo Burke (2008), essa pergunta foi feita publicamente há mais de um século, em 1897, por um historiador alemão: Karl Lamprecht; apesar de que, para ele, essa questão ainda espere por uma resposta definitiva. Uma solução apresentada pelo autor, para esse problema de definição da história cultural, seria deslocar a atenção dos objetos para os métodos de estudo, ainda que haja muita controvérsia entre os próprios historiadores culturais: alguns trabalham intuitivamente, poucos se utilizam de métodos quantitativos, outros preferem tratar dos conceitos de significado e de representação, outros, ainda, preocupam-se com o simbolismo e suas intepretações. Nessa situação confusa, o mais sábio seria, conforme o historiador, adaptar a epigrama de Sartre[7] sobre a humanidade e declarar que "embora a história cultural não tenha essência, ela possui uma história própria" (p. 10). Em outras palavras, isso significa que as práticas culturais, as representações simbólicas e as formas de expressão cultural estão em constante transformação ao longo do tempo, refletindo as mudanças nas sociedades e nas mentalidades das pessoas, mesmo não sendo regida por uma essência fixa, a história cultural possui uma dinâmica própria, moldada pelas interações e influências múltiplas entre os seres humanos e o meio em que vivem. Essa perspectiva sartreana ressalta, portanto, a importância de compreender a cultura como um processo histórico em constante evolução, abrindo espaço para uma abordagem mais contextual e reflexiva no estudo da história cultural (Burke, 2008, p. 7-10).

Burke (2008) registra, no prefácio do livro supracitado, que a história cultural foi redescoberta na década de 1970 e "desde então vem desfrutando de uma renovação, sobretudo no mundo acadêmico" (p. 7). Ademais, esclarece que a história cultural já era praticada com o nome de *Kulturgeschichte* (história da civilização) desde o século XVIII, na Alemanha e que, anteriormente, havia uma tendência de considerar as histórias disciplinares como representativas da cultura em si, de modo que as histórias da literatura, da filosofia, da química e de outros campos poderiam ser situados como cultura, quando na verdade elas eram apenas

[7] Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um filósofo e escritor francês, um dos maiores representantes do pensamento existencialista na França. "O Ser e o Nada" foi o seu principal trabalho filosófico, no qual formulou seus pressupostos existencialistas - corrente filosófica que pregava a liberdade individual do ser humano.

uma parte dela e não toda a cultura; melhor dizendo, a história da literatura alemã não seria a história da cultura alemã, pois não abrange todas as manifestações culturais desse contexto (Burke, 2008, p. 7-15).

No capítulo intitulado “A grande tradição”, Burke (2008, p. 15-31) propõe uma divisão da história cultural em quatro fases principais, a saber: “história clássica, história social da arte, história da cultura popular e nova história cultural” (p. 15) (que recebe especial atenção e, por isso, é discutida pelo autor a partir do quarto capítulo da obra). A seguir, em breves apontamentos, trataremos de algumas das características de cada uma dessas fases citadas pelo autor.

O período de 1800 a 1950, foi um momento que poderia ser chamado de “clássico” (p. 16) ou de “história cultural clássica” (p. 16). É o mais antigo dos quatro períodos e, no qual os “historiadores culturais concentravam-se na história dos clássicos” (p. 16), objetivando estudar os eventos políticos, militares e diplomáticos que ocorreram no passado. A história cultural clássica valoriza a objetividade e a imparcialidade, e busca encontrar a verdade dos fatos. Ela se concentra nas ações dos grandes líderes e nos acontecimentos que moldaram as nações e os continentes. É, por conseguinte, uma história que enfatiza a narrativa e a cronologia, buscando contar a história como uma sucessão de acontecimentos ocorridos. A história clássica tem suas raízes na antiguidade grega e romana, mas se desenvolveu principalmente durante o século XIX, quando a história se tornou uma disciplina acadêmica (Burke, 2008, p. 16).

Já a história social da arte surgiu no final do século XIX e início do século XX, mas se desenvolveu principalmente a partir da década de 1960, tendo como objetivo estudar a arte e a cultura como parte da vida cotidiana das pessoas comuns, em vez de se concentrar nas obras dos grandes artistas. A história social da arte entende que a produção artística é influenciada por fatores sociais, como classe, gênero e etnia. Dessa forma, a análise das obras de arte deve levar em consideração não apenas seus aspectos formais, mas também o contexto social em que foram produzidos. Essa abordagem tem como base a ideia de que a arte não é algo separado da sociedade, mas sim um reflexo das crenças, valores e práticas culturais de um determinado momento histórico. Algumas das maiores contribuições para a história cultural desse período, vieram de acadêmicos que não eram oriundos da história, dentre eles os sociólogos “Max Weber” (p. 20), conhecido por seu trabalho sobre a sociologia da religião e sua análise das formas de racionalidade social, e “Norbert Elias” (p. 20), conhecido por sua teoria do processo civilizatório (Burke, 2008, p. 20).

A história da cultura popular, por sua vez, busca entender como as pessoas comuns viviam, divertiam-se e relacionavam-se entre si em diferentes períodos históricos, concentrando-se no estudo das práticas culturais das classes populares, como as festas, o folclore, a religiosidade popular, entre outras. A história da cultura popular se baseia em fontes como canções populares, histórias em quadrinhos, programas de televisão e rádio, entre outras fontes, pois reconhece que a cultura não é apenas uma produção das elites, mas também das classes populares, compreendendo ainda que as práticas culturais populares são fundamentais para a interpretação da história social e cultural de uma sociedade. “Os medievalistas Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt deram importantes subsídios para a história cultura popular” (p. 31): seus trabalhos exploraram as manifestações culturais e sociais do período medieval, trazendo à tona o estudo da cultura popular como uma área relevante de investigação histórica. A história da cultura popular tem suas raízes no final do século XIX e início do século XX, mas se desenvolveu principalmente a partir da década de 1960, assim como a história social da arte. A ascensão da história da cultura nesse período, coincidiu com a ascensão dos “estudos culturais” (p. 31), seguindo os modelos do teórico cultural Stuart Hall, que defendia uma abordagem interdisciplinar que examinava as práticas culturais, as relações de poder e as questões identitárias em diferentes contextos sociais, enfatizando a importância de entender a cultura como um campo dinâmico e em constante transformação, moldado por processos de negociação, conflito e produção de significados (Burke, 2008, p. 31).

Por fim, temos a Nova História Cultural (doravante, NHC), uma abordagem mais recente, surgida na década de 1970, mas que se desenvolveu principalmente a partir da década de 1980, quando se tornou uma abordagem dominante na história. A NHC entende que a cultura não é algo isolado, mas sim parte integrante da sociedade e das relações de poder que a estruturam. Ela se concentra na análise da cultura como um todo: na análise dos discursos e das práticas culturais, na análise das instituições, das mentalidades e dos valores de uma determinada sociedade que moldam a forma como as pessoas pensam e agem. Essa abordagem enfatiza a importância da linguagem, da representação e da cultura na construção das identidades individuais e coletivas. A NHC busca, também, entender como as pessoas constroem e transformam suas identidades a partir de práticas culturais diversas (Burke, 2008, p. 68-70).

Cumpre ressaltar, que cada um desses tipos de história apresenta suas próprias características e objetivos, oferecendo múltiplas perspectivas sobre o passado e enfatizando variados aspectos da vida humana, como a política, a arte, a cultura popular e a construção de

identidades e juntos eles corroboram para uma compreensão mais completa da história, de modo que cada abordagem tem suas próprias fontes e métodos de pesquisa, e todas são importantes para uma compreensão mais completa da história humana. Enquanto a história clássica busca compreender os eventos políticos e militares, a história social da arte analisa a produção artística e sua relação com o contexto social, a história da cultura popular se concentra nas práticas culturais das classes populares e a nova história cultural amplia o escopo da análise cultural para incluir a totalidade da sociedade. Essa característica apresentada fez com que a NHC fosse nossa escolhida, para servir de aporte teórico-conceitual principal desse trabalho de pesquisa, uma vez que reconhecemos a importância da cultura como um fator determinante na análise histórica.

Ressalte-se que, o termo "Nova História Cultural", utilizado pela historiadora estadunidense Lynn Hunt, refere-se a uma abordagem recente da História que busca trabalhar a cultura de maneira diferente. Não se trata mais de uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, nem de uma História da Cultura que estuda apenas as grandes correntes de ideias e seus principais expoentes, o seu objetivo é entender a cultura como um conjunto de significados compartilhados e construídos pelos seres humanos para compreender e explicar o mundo, pois ao entender a cultura como uma construção humana, é possível explorar as diferentes perspectivas e contextos culturais que influenciam nossas percepções e interações com ele (Pesavento, 2014, p. 15).

Burke (2008) acrescenta a ideia de que a NHC representa um novo paradigma ou modelo de produção histórica: a expressão "Nova História Cultural" (p. 68) entrou em uso no final da década de 80 e corresponde à "forma dominante de história cultural" (p. 68) praticada atualmente. De outro modo, sinaliza um modelo para a prática "normal" (p. 68) da qual decorre uma tradição de pesquisa. Além disso, a palavra "nova" (p. 69) distingue a NHC das outras formas de história cultural, discutidas anteriormente, enfatizando as mudanças e inovações teóricas e metodológicas trazidas por essa abordagem. Por outro lado, a palavra "cultural" (p. 69) distingue-a das histórias social e intelectual, de modo que a ênfase recai nas mentalidades, nas suposições e nos sentimentos que moldam a experiência humana e a maneira como os indivíduos interpretam e dão sentido ao mundo ao seu redor. Consideramos que essas explanações são importantes e necessárias, pois nos oferecem maior clareza quanto à definição e às características da "nova história cultural" (p. 69), contribuindo para diferenciá-la da ideia de história cultural (Burke, 2008, p. 68-69).

Burke (2008) destaca quatro teóricos cujas obras são fundamentais para a prática da NHC: “Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Michel Foucault e Pierre Bourdieu” (p. 70), sem a pretensão de “convencer os leitores a aceitarem suas ideias” (p. 71), mas de “encorajá-los a investigar novos temas históricos ou reconceitualizar antigos” (p. 71). Cada um desses teóricos contribui de maneira única para a compreensão da cultura e da sociedade, oferecendo insights valiosos sobre a interação entre poder, linguagem, identidade, práticas sociais e estrutura social, a saber – Bakhtin com sua teoria da linguagem e do dialogismo, Norbert Elias com a teoria do processo civilizador, Foucault com as relações de poder e disciplina e Bourdieu com as relações de poder simbólico (Burke, 2008, p. 70-78).

Esses teóricos, cada um à sua maneira, contribuíram para a NHC ao trazerem novos conceitos, perspectivas críticas e metodologias inovadoras. Suas ideias ajudaram a expandir e aprofundar o campo da historiografia, oferecendo novas formas de analisar e compreender o passado; por isso, a seguir, tentamos apresentar de forma resumida suas principais ideias, quais sejam:

. Bakhtin, filósofo e pensador, introduziu o conceito de “polifonia”, destacando a multiplicidade de vozes presentes nas narrativas e a importância da linguagem na construção do discurso.

. Elias, sociólogo, desenvolveu a ideia de “processos civilizatórios”, enfatizando as mudanças nos padrões de comportamento social ao longo do tempo.

. Foucault, filósofo e historiador social, criticou a concentração de poder em indivíduos ou instituições, destacando o controle sobre os corpos exercido pelas autoridades e introduzindo o conceito de “dispositivo de poder-saber”.

. Bourdieu, filósofo que se tornou antropólogo e sociólogo, enfatizou o conceito de “campo”, um espaço social de competição por recursos, além de destacar a importância do “*habitus*” e dos conceitos de “capital cultural” e “capital simbólico” para compreender as práticas sociais e culturais.

No Quadro 3, apresentamos as concepções de importantes pensadores: “As vozes de Mikhail Bakhtin”, “A civilização de Norbert Elias”, “Os regimes de Michel Foucault” e “Os usos de Pierre Bourdieu”, elucidando diferentes perspectivas para a compreensão da sociedade, da cultura e das relações de poder:

Quadro 3 - Principais concepções dos teóricos mais destacados em Nova História Cultural

As vozes de Mikhail Bakhtin	**A civilização de Norbert Elias**	**Os regimes de Michel Foucault**	**Os usos de Pierre Bourdieu**
Filósofo e pensador, Bakhtin, foi um dos teóricos mais originais do século XX. Sua obra é marcada pelo conceito de "polifonia", também chamada de "poliglossia" ou "heteroglossia" (p. 72), que se refere à multiplicidade de vozes e perspectivas presentes em uma narrativa. Enfatiza a importância da linguagem na construção do discurso e na relação entre o indivíduo e a sociedade, numa época em que a ideia de um "eu sólido ou unitário" (p. 72) é contestada.	Sociólogo de formação, Elias enfatizou o autocontrole (p. 74), interessou-se por história e preocupou-se com a "cultura" (p. 72) (literatura, música, filosofia) e com a civilização (a arte da vida cotidiana) (p. 72). Sua obra é marcada pela compreensão de que a sociedade é um sistema em constante transformação, no qual as mudanças nos comportamentos individuais estão ligadas a processos sociais mais amplos. Desenvolveu o conceito de "processos civilizatórios" (p. 73), que se refere à evolução dos padrões de comportamento social ao longo do tempo. A reação dos historiadores culturais às ideias de Elias pode ser resumida afirmando que, embora critiquem sua interpretação da história, consideram sua teoria social e cultural uma ferramenta de pesquisa valiosa.	Filósofo que se tornou historiador social, Foucault chamava a atenção para o "controle sobre o eu, especialmente o controle sobre os corpos exercido pelas autoridades" (p. 74). Sua obra é marcada pela crítica à ideia de que o poder é algo que está concentrado em um único indivíduo ou instituição. O livro "Vigiar e Punir", publicado por ele em 1975, "apresenta uma crítica à história tradicional das instituições penais, apresentando uma série de paralelos entre prisões, escolas, fábricas e quartéis como instituições promotoras de corpos dóceis" (p. 76), propondo uma nova forma de entender o poder disciplinar na sociedade moderna. Foucault argumenta que o poder é uma rede de relações e práticas sociais que se manifestam em diversas esferas da vida. Em sua obra, ele desenvolveu também o conceito de "dispositivo de poder-saber", que se refere às estruturas que combinam o poder e o conhecimento para controlar os indivíduos.	"Filósofo que se transformou em antropólogo e sociólogo, Bourdieu não escreveu história, embora tivesse um bom conhecimento sobre o assunto" (p. 76). Sua obra é caracterizada pelo conceito de "campo" seja ele um espaço "literário, linguístico, artístico, intelectual ou científico" (p. 76), conceito esse que se refere a um espaço social em que os indivíduos competem por recursos específicos. Enfatiza a importância do "*habitus*" (p. 77), que é a disposição que os indivíduos têm de agir de determinadas formas de acordo com a sua posição social e cultural. Além disso, ele desenvolveu os conceitos de "capital cultural" e "capital simbólico" (p. 77), que se referem ao conjunto de conhecimentos, habilidades e provisões culturais que um indivíduo possui e foram incorporados à linguagem cotidiana de sociólogos, antropólogos e até historiadores.

Fonte: Adaptado de Burke (2008).

Dentre os paradigmas da NHC, citados por Burke (2008), destacam-se as “práticas” (p. 78-82) e as “representações” (p. 84-88). A história das práticas constitui uma área dos escritos históricos recentes, afetada pelas teorias social e cultural, dentre as quais podemos citar a história das práticas religiosas, da fala, do experimento, diferenciando-se, respectivamente, do estudo da teologia, da linguística e da teoria científica. Acerca das representações, Burke (2008) registra que as várias formas: “literárias, visuais ou mentais” (p. 85), foram estudadas, especialmente, nas últimas duas ou três décadas. Dentre os historiadores que se destacaram no estudo das representações, encontra-se o francês vinculado à quarta geração da Escola dos *Annales*, Roger Chartier, que escreveu, dentre outros textos, “A história cultural: entre práticas e representações” (1988). Outra forma de NHC que atualmente se encontra em expansão é a “história da memória” (p. 88), também descrita por vezes como “memória social” (p. 88) ou “memória cultural” (p. 88). Ao estudar as práticas e representações da memória, os historiadores exploram como os eventos passados são lembrados, esquecidos, reinterpretados e transmitidos por meio de narrativas, rituais, monumentos, arquivos, entre outros dispositivos (Burke, 2008, p. 85-88).

Outro domínio da NHC que, atualmente, desfruta de posição privilegiada, é a “história do corpo” (p. 94). A partir do início da década de 80, uma corrente de estudos concentrou-se nos “corpos masculino e feminino; no corpo como experiência e símbolo; nos corpos desmembrados, atléticos, dissecados” (p. 95). “As raras contribuições feitas nesse campo em décadas anteriores eram pouco conhecidas ou consideradas marginais” (p. 94). “O aumento do interesse pela história do corpo segue paralelo ao interesse pela história do gênero” (p. 96). Ambas as abordagens surgiram como uma crítica à história tradicional, que muitas vezes negligenciava questões relacionadas ao corpo e ao gênero (Burke, 2008, p. 94-96).

Ao analisar os encaminhamentos futuros relacionados à NHC, Burke (2008), considera que a expressão NHC era uma boa ideia quando foi cunhada “no final da década de 80” (p. 131), entretanto, “a novidade é um trunfo que se esgota rapidamente” (p. 131). Ainda assim, a “nova” história cultural tem mais de trinta anos, pois o rompimento real ocorreu no início da década de 70, ou seja, uma década precedente à invenção do nome. Enquanto a produção de material inovador permaneceu alta na década de 80, ela declina gradualmente na década seguinte, já o início do século XXI sinaliza um tempo de reconhecimento da NHC. Entretanto, Burke (2008), é ciente que a NHC tem sido objeto de críticas sérias, e que é impossível fugir às seguintes questões: “Chegou o tempo de uma fase ainda mais nova? Ou, essa fase já começou? O que virá pela frente será um movimento ainda mais radical, ou teremos uma reaproximação

de formas mais tradicionais de história?" (Burke, 2008, p. 131-132). Neste ponto, o autor aponta três cenários alternativos. O primeiro pode ser apresentado como o "retorno de Burckhardt" (p. 132), utilizando esse nome como símbolo para o renascimento da história cultural tradicional. O segundo corresponde à "expansão contínua da nova história cultural para outros domínios da história" (p. 132) ou de outras ciências sociais. O terceiro cenário implica "a reação contra a redução construtivista da sociedade em termos de cultura, o que pode ser chamado de "a vingança da história social" (p. 132) (Burke, 2008, p. 131-132).

Saliente-se que, Burke (2008) realizou uma análise minuciosa sobre a história cultural, abordando suas temáticas, metodologias e intercâmbios disciplinares, discutindo os limites e possibilidades existentes na NHC, sem a intenção de esgotar o assunto ou propor soluções definitivas para o questionamento central do livro. Burke (2008) considerou, ainda, a NHC como uma tendência intelectual recente e peculiar na compreensão histórica, destacando suas contribuições, críticas e reações inevitáveis que essa modalidade historiográfica enfrenta atualmente, sobretudo em relação à excessiva fragmentação de seu campo de estudo. Portanto, ao analisar de forma consistente e esclarecedora a trajetória da história cultural, com ênfase nas características e nos desdobramentos vindouros da NHC, Burke (2008) fez uma importante contribuição para a prática e a produção historiográficas, demonstrando que a NHC desempenha um papel fundamental na compreensão da sociedade e da cultura, pois busca investigar e interpretar as práticas, as representações e as manifestações simbólicas de determinado grupo social em um determinado período de tempo, uma vez que se concentra no estudo das ideias, dos valores, das crenças, dos costumes, das expressões artísticas e das formas de vida de uma determinada comunidade, fornecendo-nos elementos de compreensão da sociedade e da cultura, que ajudam a desenvolver o pensamento crítico, o entendimento sobre as diferenças entre as pessoas, as comunidades e/ou as civilizações.

Ressaltamos que, uma das principais contribuições da NHC para compreensão da sociedade e da cultura é a ênfase dada às experiências cotidianas das pessoas comuns, trazendo à tona aspectos muitas vezes negligenciados pela história tradicional que, como já dissemos, costumava se concentrar nas elites e nos eventos políticos, de modo que, por meio de seu estudo, podemos entender como as pessoas pensavam, viviam, relacionavam-se e construíam significados em seu contexto histórico.

Além disso, a NHC nos permite compreender as transformações culturais ao longo do tempo, analisando as interações entre diferentes grupos sociais, as influências externas, as trocas culturais, as mudanças nas mentalidades e das práticas sociais, ajudando-nos a perceber

como a cultura é dinâmica, como se transforma e como é moldada pelas relações de poder, pelas ideologias e pelas condições materiais. Por meio da análise dos discursos, das representações simbólicas e das práticas culturais, a NHC nos proporciona *insights* sobre os processos de identidade, de subjetividade e de construção social, permitindo-nos entender como as pessoas se veem, como são representadas e como se constroem coletivamente através de narrativas, rituais, artefatos culturais e outras formas de expressão.

Portanto, a NHC desempenha um papel crucial na compreensão da sociedade e da cultura, ajudando-nos a contextualizar, interpretar e dar sentido às experiências humanas passadas e presentes, permitindo-nos explorar a diversidade cultural, questionar visões unilaterais e compreender as complexidades da condição humana em suas múltiplas dimensões, terreno profícuo para o desenvolvimento de novas metodologias, dentre elas, a metodologia da História Oral, que será utilizada nesta pesquisa cotejando outras fontes históricas.

1.3 APONTAMENTOS SOBRE HISTÓRIA ORAL

Este item fornece uma análise aprofundada sobre a temática História Oral, com orientação esclarecedora dos fundamentos teóricos e metodológicos subjacentes a essa abordagem. Ao revisitar os conceitos e práticas da História Oral, é possível obter uma compreensão mais ampla sobre os métodos de coleta, análise e interpretação dos relatos dos entrevistados. Isso garante não apenas a qualidade dos dados obtidos, mas também a eficácia da pesquisa em História Oral, permitindo uma investigação mais completa e significativa dos eventos, experiências e perspectivas históricas dos indivíduos entrevistados.

1.3.1 Conceituação, gênese e evolução da História Oral

Na obra "História Oral: como fazer, como pensar", os autores Meihy e Holanda (2015) apresentam uma definição capaz de sintetizar os elementos que constituem a História Oral (doravante, HO):

> História Oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (Meihy e Holanda, 2015, p. 15).

A partir da definição apresentada, é possível perceber que a HO engloba um conjunto de procedimentos articulados e planejados, não se tratando de um ato ou procedimento único. Ela é composta por diversas atitudes pensadas como um todo integrado, que se preocupa em entender o papel da HO como forma de pensar a sociedade contemporânea, de modo que ela não se resume apenas à entrevista ou a outras fontes orais, mas sim à soma de todas essas fontes utilizadas de maneira estratégica e coerente.

Levando-se em conta a carga polêmica que pesa sobre a aceitação da HO, é preciso pensar nas fragilidades conceituais de suas características, por isso Meihy e Holanda (2015, p. 17) revelam que "História Oral é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva".

Na intenção de melhor conceituar a HO e levando-se em consideração os fatores que marcam a existência desse recurso, Meihy e Holanda (2015) apresentam outros quatro conceitos acerca da HO:

> 1. História Oral é um a prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato.
> 2. A formulação de documentos através de registros eletrônicos é um dos objetivos da História Oral. Contudo, esses registros podem também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidades e memórias coletivas.
> 3. História Oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformadas em textos escritos.
> 4. História Oral é um processo sistêmico de uso de entrevistas gravadas, vertidas do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas (Meihy e Holanda, 2015, p. 18-19).

As quatro definições apresentadas acima, destacam a importância da HO como um método para coletar e documentar narrativas por meio do uso de meios eletrônicos, destacando a finalidade da HO em recolher testemunhos e promover análises de processos sociais, bem como seu potencial para facilitar o conhecimento do meio imediato. Além disso, todas as definições mencionam a importância da transcrição de entrevistas gravadas em textos escritos como um processo fundamental para a documentação e análise da HO.

A partir das definições, também é possível observar que a HO é uma prática complexa que envolve diversas etapas e é sempre um sistema articulado, em que cada parte ou elemento influencia e determina o outro. Isso significa que a coleta de testemunhos, as entrevistas, a transcrição, a análise e a interpretação são interdependentes e estão conectadas em um processo integrado. Não é apenas uma questão de coletar relatos orais, mas sim uma abordagem metodológica que envolve uma série de procedimentos interligados, que são cruciais para a construção de um relato histórico confiável e significativo.

Para Thompson (1992) a História Oral é "[...] uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga, seu campo de ação [...], é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a primeira espécie de história" (p. 44), em outras palavras, podemos afirmar que a HO é a prática de verbalizar o vivido, de oralizar o experienciado. Por isso é que, no passado, ela se transmitia de uma geração a outra pela Tradição Oral e pela crônica escrita. Essas memórias individuais e coletivas de sujeitos, ao serem contadas, contribuem na construção de narrativas históricas, de modo que a História Oral "traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade" (p. 44). Contudo, seu uso nem sempre foi aceito como recurso da pesquisa acadêmica, sobretudo no âmbito da história (Thompson, 1992, p. 44).

Quando em meados do século XIX, o historiador francês, Jules Michelet, professor da *École Normale*, da Sorbonne, e do *Collège de France* e curador-chefe histórico dos Arquivos Nacionais, escreveu sua História da Revolução Francesa (1847-53), acreditava que os documentos escritos não deveriam ser a única fonte de pesquisa histórica. Tendo nascido em Paris em 1798, menos de dez anos após a queda da Bastilha, ele confiava em sua própria memória. Além disso, durante uma década, ele também coletou sistematicamente evidências orais fora de Paris, com o objetivo de equilibrar a evidência dos documentos oficiais com o julgamento político da Tradição Oral popular (Thompson, 1992, p. 45).

A atitude de Michelet, que era considerado um historiador sério, deveu-se ao fato de que, naquela época, o método histórico fundado unicamente no texto escrito havia deixado grandes progressos entre os historiadores fazendo com que eclodissem uma porção de recursos históricos, tanto qualitativos, quanto quantitativos. A partir de então, foram muitos os documentos impressos produzidos, por todo tipo de profissional, que valorizavam os costumes, as leis, as práticas tradicionais, o comércio, as finanças, a agricultura e a população. "O campo de ação da história aumentou prodigiosamente com tais publicações" (p. 56). Várias formas de textos históricos foram produzidas como, por exemplo, "o estudo da cultura popular, o romance histórico, a biografia e a autobiografia, cuja expansão entre a classe operária colaboraram para com a sua presença política" (p. 57). Nesse período, "não havia uma divisão profissional entre os processos de criação de informação, construção de teoria social e análise histórica, de modo que elas caminhavam ora juntas, ora separadas" (p. 62) (Thompson, 1992, p. 56-62).

Alberti (2005; 2013) constata que, a HO moderna está associada a estudos sociológicos, baseados em histórias de vida (temática de nosso interesse e, por conseguinte, mais explorada nesse texto), desenvolvidos na Escola de Chicago em 1920 e, posteriormente, com maior sistematização pela Universidade de Colúmbia, a partir de 1948. Nas décadas de 1950 e 1960, as experiências com relatos orais também foram difundidas na Europa e no México, ganhando cada vez mais adeptos: historiadores, antropólogos, sociólogos, psicólogos entre outros profissionais. A difusão da História Oral no início da década de 1970, nos Estados Unidos e Europa, resultou na implantação de vários programas de História Oral, bem como de inúmeras pesquisas que dela se valeram como método de investigação.

Alberti (2005) afirma, ainda, que em 1975 a História Oral chegou ao Brasil, reunindo um grupo de pesquisadores que representavam a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional, a Fundação Getúlio Vargas e o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, inicialmente com o intuito de estudar a trajetória das elites no processo de montagem do Estado Novo e do

regime militar. Foi no contexto desse movimento que começaram a ser feitas as primeiras entrevistas no Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), implantado em 1975. O programa, pioneiro no Brasil, procurou conjugar duas tendências no desenvolvimento da História Oral, de acordo com Alberti (2013):

> de um lado, a norte-americana, que privilegiava a formação de bancos de depoimentos orais, sem que sua produção se subordinasse necessariamente a um projeto de pesquisa, e, de outro, a europeia, que privilegiava a lógica da investigação científica, sem que as entrevistas dela resultantes fossem necessariamente colocadas à disposição de um público de pesquisadores (Alberti, 2013, p. 19).

A partir da década de 1980, quando os pesquisadores que trabalhavam com HO eram majoritariamente cientistas sociais, formaram-se núcleos de pesquisa em diferentes regiões do país com diferentes objetos e temas de estudo, com interesse por questões contemporâneas e sujeitos apartados dos discursos oficiais. Embora sua introdução no Brasil date dos anos 70, somente no início dos anos 1990, o chamado "Movimento da História Oral" (p. 20) experimentou uma expansão quantitativa mais significativa tanto no Brasil quanto no exterior, por meio da multiplicação de eventos e seminários e da incorporação da disciplina em cursos de Pós-Graduação evidenciando essa metodologia em emergência e dando indicativos importantes da vitalidade e do dinamismo da História Oral como metodologia. "Em abril de 1994, foi fundada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO), por ocasião do II Encontro Nacional de História Oral" (p. 20) impulsionada pelos encontros regionais e nacionais, a partir de então a comunidade de pesquisadores e interessados no assunto cresceu exponencialmente desenhando-se um quadro animador para a HO no Brasil: trata-se de uma área de pesquisa que se projeta, ganha novos adeptos, multiplicando seus temas. "No plano internacional, em 1996 criou-se em Gotemburgo, Suécia, a *International Oral History Associatio*n (*Ioha*), com expressiva participação de pesquisadores brasileiros" (p. 20) (Alberti, 2013, p. 20; Amado e Ferreira, 2006, p. IX-XI).

1.3.2 História Oral como metodologia de pesquisa

Utilizaremos a obra "Fundamentos da Metodologia Científica" para dar início a essa discussão, pois, faz-se necessários diferenciar método e metodologia de pesquisa. Segundo as professoras-autoras Marconi e Lakatos (2003), "todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que

empregam estes métodos são ciências" (p. 83) de modo que "a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos" (p. 83). Os métodos científicos são caracterizados por sua objetividade, verificabilidade e replicabilidade, permitindo a formulação de hipóteses, a coleta de dados empíricos, a análise sistemática e a formulação de conclusões embasadas em evidências, que se apresentam como uma base fundamental para a prática científica, garantindo a objetividade, a transparência e a confiabilidade dos resultados obtidos (Marconi e Lakatos, 2003, p. 83).

O método, conforme Marconi e Lakatos (2003), pode aqui ser definido como "a maneira ou o conjunto de regras básicas empregadas em uma investigação científica com o intuito de obter os resultados mais confiáveis, quanto possível, provenientes de uma pesquisa pré-determinada" (p. 83). É, ainda, uma forma sistemática e orientada de condução do estudo, que envolve etapas como a observação, a coleta de dados, a análise, a interpretação e a conclusão. Existem vários tipos de métodos científicos, dentre eles as autoras citam o "indutivo" (p. 86), que parte de observações particulares para a formulação de generalizações e teorias gerais, sendo, portanto, um processo em que se parte de evidências empíricas para inferir princípios universais; o "dedutivo" (p. 91), por sua vez, parte de teorias gerais e estabelece conclusões particulares a partir delas, sendo um processo lógico que aplica regras e princípios para chegar a resultados concretos; "o hipotético-dedutivo" (p. 95) envolve a formulação de hipóteses que são testadas por meio de observação e experimentação, no qual se propõe uma explicação inicial (hipótese) e se testa empiricamente para verificar sua validade; o "dialético" (p. 100) é baseado na compreensão de que o conhecimento e a realidade são construídos a partir de contradições e conflitos, baseando-se na análise de opostos e na busca de sínteses que superem essas contradições; entre vários outros específicos das Ciências Sociais (p. 106) que se adaptam às particularidades do estudo de fenômenos sociais, como entrevistas, questionários, observação participante, análise de documentos, entre outros métodos voltados para a compreensão das relações sociais, dos comportamentos humanos e das estruturas sociais (Marconi e Lakatos, 2003, p. 83-106).

Já a metodologia, para Marconi e Lakatos (2003), "nasce da concepção sobre o que pode ser realizado e a partir da tomada de decisão, fundamentando-se naquilo que se afigura como lógico, racional, eficiente e eficaz" (p. 17) dentro de um conjunto de procedimentos sistemáticos, sendo base para formação de pesquisadores, pois orienta tanto a teoria, quanto a prática. É uma abordagem teórica que busca compreender os fundamentos, os princípios e as

limitações dos métodos na pesquisa científica, envolvendo a análise dos aspectos epistemológicos, lógicos e teóricos que sustentam os métodos de pesquisa.

A partir das breves considerações traçadas pelas autoras, é possível perceber que método é o processo para se atingir um determinado fim ou para se chegar ao conhecimento, enquanto a metodologia é o campo em que se estuda os melhores métodos praticados em determinada área para a produção do conhecimento. Em outras palavras, enquanto o método é uma forma prática e concretada de se conduzir a pesquisa, a metodologia é uma abordagem teórica que busca compreender os métodos utilizados e suas instruções epistemológicas e teóricas.

Dentro das metodologias de pesquisa possíveis na História e Historiografia da Educação, trazemos nessa pesquisa a utilização da História Oral (HO), uma metodologia de pesquisa relativamente nova, surgida na segunda metade século 20 e possibilitada pela invenção do gravador (como vimos na seção anterior), muito embora seja sabido que a prática de ouvir e escrever relatos seja uma atividade desenvolvida desde a antiguidade. Conforme Alberti (2013), no século XIX, com o predomínio da história "positivista" (p. 18) e a quase "sacralização do documento escrito" (p. 18), a prática de coletar depoimentos era considerada secundária. Isso se dava pelo entendimento de que o depoimento não possuía valor de prova, visto que era influenciado pela subjetividade, pela visão parcial do passado e pela possibilidade de falhas de memória (Alberti, 2013, p. 18).

"Mas o que vem a ser, afinal, esse método-fonte-técnica tão específico?" é o questionamento feito por Alberti (2013, p. 18), na introdução do "Manual de História Oral". Na intenção de esclarecer o significado e a natureza desse método, investigando como ele é definido, como funciona e qual é a sua relevância para a pesquisa ou análise em questão e para responder ao próprio questionamento a autora afiança:

> Se podemos arriscar uma rápida definição, diríamos que a História Oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da História Oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (Alberti, 2013, p. 18).

A HO é uma metodologia interdisciplinar por excelência, em conformidade com Alberti (2005; 2013), pois, envolve uma trama de conhecimentos entre diversas áreas e/ou disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos, etc., e intermediando teoria e prática,

gerando reflexão, estabelecendo a análise do vivido e se constituindo em método de coleta de dados de indivíduos concretos. Dependendo da orientação do trabalho, Alberti (2013) assegura que a HO "pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados" (p. 18). Não se pode dizer que ela pertença mais à história do que às outras ciências, muito menos que seja uma disciplina particular no conjunto das ciências humanas, prestando-se a diversas abordagens multidisciplinares (Alberti, 2013, p. 17-18).

Voltada para a produção de relatos orais, sua transcrição, (con)textualização e interpretação, vem sendo muito aplicada nos campos das ciências sociais e humanas, principalmente na história (área de nosso interesse, especificamente no que tange à educação), no intuito de "ampliar o conhecimento sobre experiências e práticas desenvolvidas, registrá-las e difundi-las entre os interessados" (p. 156). É a oralidade assumindo e conferindo ao sujeito o seu direito e seu papel de centralidade no ato de narrar uma história (Alberti, 2005, p. 156).

A HO trabalha para a construção de acervos de preservação da memória, sobretudo, daquelas vozes que não se ouvem nos discursos oficiais, sendo por isso uma das principais vantagens dessa metodologia, já que ela permite que as vozes de pessoas que não foram representadas em documentos escritos convencionais sejam ouvidas e incluídas na narrativa histórica. Dessa forma, as entrevistas podem trazer novas informações sobre grupos marginalizados, minorias étnicas, mulheres, trabalhadores e outras comunidades que foram historicamente negligenciadas ou sub-representadas, deixando registros para análises futuras da própria visão de mundo desses indivíduos e/ou do grupo social a que pertencem. Além disso, a HO também pode ajudar a recuperar a história popular e a memória coletiva de um lugar ou comunidade.

Do mesmo modo, enquanto registro de experiências, a HO possibilita outras nuances para as narrativas cristalizadas ou questões obscurecidas no processo histórico, uma vez que aduz novas versões para histórias contadas por perspectivas hegemônicas, pois, nas palavras de Alberti (2005, p. 155), "a História Oral permite o registro de testemunhos e o acesso a 'histórias dentro da história' e, dessa forma, amplia a possibilidade de interpretação do passado". Ao promover o registro e a preservação desses testemunhos, a HO também assegura que as memórias individuais e coletivas não se percam ao longo do tempo, garantindo que diferentes narrativas sejam levadas em consideração na construção do conhecimento histórico.

A HO é, ainda, compreendida como um processo complexo e aberto aos diversos campos do conhecimento que vai além de um método de captação de relatos para a produção

de fontes para serem analisadas, envolvendo, a produção social de memórias e as tradições orais, perpassando por aspectos subjetivos dos sujeitos, suas percepções do mundo e de si mesmos, resgatando memórias de personagens anônimos ou de parcelas da população que são marginalizadas e sem voz, mas que têm experiências, saberes e conhecimentos sobre determinados fatos históricos, assuntos, situações ou personagens relevantes, e que acabam se perdendo na imposição de algumas perspectivas científicas dominantes, que negam a História Oral como metodologia, reduzindo-a a mero método de coleta de dados.

Sob o ponto de vista de Alberti (2005):

> A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fonte para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador de fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido (Alberti, 2005, p. 155).

A coleta dos dados orais é realizada na entrevista, ou seja, por meio de uma conversa entre narrador e pesquisador e os conteúdos obtidos são resultado de uma situação de encontro entre seres humanos conscientes da objetividade do encontro e também de sua subjetividade. Sendo assim, retomamos Alberti (2005) reforçando que, para alguns já acostumados a conceder entrevistas o desempenho costuma ser mais fluído, ao passo que para outros sujeitos pode ser uma experiência inibidora, pois a entrevista se constrói na relação entre estes sujeitos, permeada pela experiência de vida de ambos, quando expõem suas histórias de vida e/ou suas visões de mundo inseridas em determinado tempo e espaço.

Alberti (2005) ainda chama a atenção para um equívoco que, em consonância com ela, é muito comum e convém evitar: “pensar que a entrevista já é a própria história” (p. 155). O pesquisador deve interpretar e analisar a entrevista como uma fonte oral e o fato de ser uma narrativa oral, que resulta de uma interação entre entrevistado e entrevistador, torna essa fonte específica em relação a outros documentos pessoais, como as memórias e as autobiografias. O que o entrevistado fala também depende da circunstância da entrevista e do modo pelo qual ele percebe seu interlocutor. Quando é solicitado a falar sobre o passado diante de um gravador ou uma câmera, cria-se uma situação artificial, pois a narrativa oral, ao contrário do texto escrito, não costuma ser feita para registro. O uso da História Oral, bem como das narrativas que dela se originam, estimulam a escrita de uma História que não é uma representação exata do que existiu, mas que se esforça para compreender a forma como o passado chega até o presente. A construção de narrativas, feitas na perspectiva de quem conta e com as suas próprias palavras,

geralmente sujeitos excluídos dos discursos instituídos ou da história oficial, muitas vezes provocam conflitos narrativos se comparadas às narrativas hegemônicas (Alberti, 2005, p. 155).

Faz-se necessário salientar que, a HO ainda sofre resistência, principalmente, por parte de pesquisadores adeptos da ideia de que um trabalho científico só pode ser validado a partir de documentos escritos, devido aos questionamentos que fazem sobre a fragilidade e a credibilidade da memória humana; mas, nas palavras de Alberti (2005, p. 163), "hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico" perspectiva essa que reconhece que a subjetividade não é uma barreira para o conhecimento científico, mas sim um aspecto intrínseco à própria produção do conhecimento histórico.

Como já foi sinalizado, a HO é interdisciplinar por natureza e utiliza-se de ferramentas investigativas diversas, demandando recursos financeiros e tempo para entrevistar os sujeitos participantes da pesquisa, utilizando-se de equipamento de gravação para registrá-las. De modo que, é preciso considerar o tempo de pesquisa e preparação antes de ir a campo, e de, posteriormente, gravar, transcrever da forma mais fidedigna possível, revisar, analisar e interpretar o material coletado. Por isso, o planejamento é fundamental antes de ir a campo, durante e depois da coleta dos depoimentos, com a elaboração de um roteiro (que pela natureza desta perspectiva investigativa precisa ser aberto e passível de mudanças) baseado no conhecimento prévio do universo a ser estudado, sem perder o foco dos objetivos do trabalho e atento às pistas que surgirem no processo, uma vez que silêncios, rupturas, digressões, divagações entre outras situações podem estar apontando para trilhas surpreendentes na pesquisa. Como o enfoque da HO é qualitativo, a construção do trabalho necessita ter um lastro na relação do pesquisador com os sujeitos, pois o papel dos colaboradores é primordial e deve ser estabelecido por meio da confiança e da ética.

Desse modo, os pesquisadores que utilizam a HO como metodologia precisam ser responsáveis tanto com as preocupações metodológicas do trabalho quanto respeitar os sujeitos de pesquisa e as informações coletadas e interpretadas, mesmo que não correspondam aos seus desejos e expectativas. Os pesquisadores precisam de empatia e disposição para escutar, analisar e interpretar, construindo assim, uma relação dialógica com os sujeitos. Nesse processo de inter-relações o pesquisador precisa reconhecer, dentro do seu contexto de pesquisa, os participantes mais representativos e os desviantes, traçando uma rede entre antagonismos (conflitos, disputas, oposições), concorrências (competições e rivalidades) e complementaridades (como cooperam e interagem) que permita uma compreensão mais ampla

das relações sociais, das tensões existentes e das formas como os atores sociais se relacionam e se influenciam mutuamente.

É preciso deixar claro que, a opção pela pesquisa com a HO não exclui outros tipos de fontes, como documentos oficiais, textos escritos, filmes entre outros tipos de registros. Mas, quem pesquisa sob a perspectiva da HO precisa de planejamento e organização sistematizada, como sugerem Meihy e Holanda (2015), considerando o "como fazer" (p. 10), que são os passos de elaboração de um projeto, e o "como pensar" (p. 10), que é se valer da metodologia da História Oral para discutir e refletir sobre o mundo de modo a compreender a complexidade das experiências humanas, "dando voz" (Portelli, 2010, p. 7) e espaço aos relatos e testemunhos das pessoas envolvidas (Meihy e Holanda, 2015, p. 10; Portelli, 2010, p. 7).

Como já foi mencionado, parte da resistência em relação à HO, conforme Alberti (2005), se deve ao que alguns críticos argumentam em relação às "distorções" (p. 166) da memória, pois o que o historiador escreve não é aquilo que se passou e, sim, uma produção discursiva, ou seja, alegam que não se pode confiar nos relatos dos entrevistados devido às subjetividades que eles carregam, uma vez que em um relato, há esquecimentos e omissões que podem ser ou não intencionais. Porém, a autora sustenta que "a análise dessas 'distorções' pode levar à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo" (p. 166), sem desconsiderar que as histórias orais são influenciadas pela perspectiva e experiências dos vivos, e é importante que os investigadores sejam cuidadosos ao analisar e interpretar esses dados. Outra resistência diz respeito à ética na pesquisa, de modo que o pesquisador deve garantir que as entrevistas orais sejam realizadas de forma respeitosa e ética, garantindo o consentimento dos narradores e respeitando sua privacidade e confidencialidade (Alberti, 2005, p. 166). E vai além,

> [...] o trabalho com História Oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História Oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (Alberti, 2005, p. 167).

Acionar memórias é um processo complexo e caracteriza-se por uma plasticidade contextual, pois se expressa de diversas formas, seja para quem vivenciou determinado fenômeno ou para quem tem a lembrança de determinado acontecimento por meio do que lhe foi contado, levando-nos a compreensão de que cada memória individual é um ponto de vista

sobre a memória coletiva. Nesse sentido, quando os sujeitos acionam memórias, reformulam histórias e afirmam sua identidade perante os outros, o processo de rememorar é um elemento importante na HO que também possibilita ampliar sentidos e ter outras camadas de compreensão sobre fatos históricos, acontecimentos envolvendo determinados personagens, sejam eles considerados vultos da história ou figuras anônimas.

Como a memória se expressa pelo acionamento de dispositivos psíquicos, como a projeção e a transferência, permite aos indivíduos reconstruir lembranças, muitas vezes ressignificando as experiências vividas ou sobre fatos contados, a busca do significado dos fatos objetiva a representação, a interpretação daquilo que realmente aconteceu, pelas vozes dos sujeitos que os vivenciaram, levando-se em conta o acontecido na mente desses indivíduos.

Diante de todos os aspectos apresentados, chega-se à reflexão que o impacto dos trabalhos de HO, perante as comunidades onde são realizados e sua relevância social diante das assimetrias de um mundo globalizado, precisa ser compreendido como uma possibilidade de descolonização do pensamento. Há uma emergência de novas perspectivas compreensivas para a sociedade, portanto, ao se valer da HO como metodologia o pesquisador abre o leque sobre o conhecimento acerca de fatos, situações e sujeitos, e também capta subjetividades acerca das vivências e percepções. Obviamente, que os procedimentos investigativos, como foi salientado ao longo desta exposição, necessitam seguir o rigor científico, explicitando objetivamente os critérios de escolha do *corpus*, perspectiva de análise e embasamento interpretativo, sem descartar as intersubjetividades inerentes ao processo e construção de uma nova leitura para a temática que se propõe investigar, ou seja, produzindo conhecimento científico com metodologia, trabalho de campo e reflexão teórica.

Considerando-se que o historiador da educação tem de se valer de fontes diversas: desde elementos físicos e sociais até fragmentos escritos e testemunhos biográficos no desenvolvimento de sua pesquisa, sem menosprezar a importância do trabalho com fontes oficiais, faz-se necessário reconhecer que, como campo de pesquisa ascendente, a História da Educação tem solidificado não só fundamentos e métodos de análise e interpretação, mas ainda uma abertura para fontes de investigação não oficiais, tais como a imprensa escrita, a fotografia, os materiais escolares (cartilhas, cadernos, boletins, diários de classe, etc.), os relatos orais e os indícios de informação. Nesse arcabouço, a HO, como opção para se pesquisar qualitativamente, representa uma das formas qualificadas para a obtenção e a ampliação de conhecimentos nas áreas humana e social, dentro da História da Educação. Neste sentido, a HO

é um movimento que aguça e aflora os pontos de tensão porque traz à tona, os construtores da história, da "sua" história, daquela realidade que o pesquisador pretende recortar e explicitar.

Corroborando com esse pensamento, Nóvoa (1993) afirma que é preciso reinventar as fontes da História da Educação, aprofundar o tratamento de documentação já identificada e descobrir materiais de investigação. "As tradições orais, as publicações periódicas, as biografias e autobiografias, os relatos de vida escolar, a iconografia, os materiais didáticos, os cadernos escolares" (Nóvoa, 1993, p. 19): tudo são possíveis entradas para a pesquisa histórica em educação que vão além dos escritos de educadores e pedagogos recontextualizados pela lógica da história cultural e intelectual. Alberti (2005, p. 165) reforça Nóvoa (1993) afirmando que, "é bom ter claro que a opção pela História Oral responde apenas a determinadas questões e não é a solução para todos os problemas". Ao realizar uma pesquisa, é importante que o pesquisador em HO tenha comportamento profissional, compromisso pessoal e político, além de uma atitude de respeito ante os depoentes. Esses compromissos se relacionam com a fidelidade e honestidade no trabalho empreendido, com os procedimentos específicos desta metodologia de trabalho.

Antes de passar a tratar dos tipos ou gêneros em HO é preciso ressaltar que HO é uma metodologia de pesquisa que não exclui ou nega a importância das fontes documentais tradicionais, como documentos oficiais e iconográficos, mas sim, oferece uma abordagem complementar ao dialogar com essas fontes. Na investigação em História da Educação, a HO emerge como um recurso valioso para suprir lacunas deixadas pelas fontes documentais escritas, proporcionando respostas a questões que não podem ser totalmente esclarecidas apenas por meio dessas fontes. Dessa forma, a HO é uma possibilidade de ampliar e enriquecer a pesquisa histórica, trazendo vozes e perspectivas que muitas vezes são excluídas ou negligenciadas nas fontes tradicionais, ampliando a compreensão dos fenômenos históricos estudados. Assim, a HO não apenas complementa outras fontes, mas também desafia interpretações consolidadas, possibilitando novas leituras e abordagens sobre o passado.

1.3.3 Gêneros em História Oral

Meihy, Ribeiro e Holanda (2005, 2011, 2015) apresentam quatro principais tipos ou gêneros de História Oral e asseguram que cada qual é capaz de definir a condução e as especificidades dos trabalhos a serem desenvolvidos, quais sejam: História Oral de Vida, História Oral Temática, Tradição Oral e História Oral Testemunhal. "As duas primeiras podem

servir a projetos de bancos de história ou implicar análises que superem o sentido da recolha, mas a Tradição Oral alude exames longos e complexos, incapazes de síntese" (Meihy e Holanda, 2015, p. 34). Em contrapartida, alguns autores, como a historiadora Lucília Delgado (2010), utilizam outras denominações como "trajetórias de vida" em substituição ao termo História Oral de Vida. As histórias de vidas são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, dos contornos, das derivações, das imprecisões e até das contradições naturais da fala. Propagam-se nas construções narrativas que vão além dos meros fatos, "admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções" (Meihy e Holanda, 2015, p. 34).

Na História Oral de Vida o sujeito tem maior autonomia para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal; a ele é dado espaço para que sua história seja encadeada conforme a sua vontade. Muitos se referem à História Oral de Vida como "biografia", "relato de vida", "relato biográfico", "método biográfico", "notas biográficas" e até mesmo, "autobiografia" (Meihy e Holanda, 2015, p. 36). Mas, faz-se necessário salientar que, a História Oral de Vida se distingue tanto da biografia como da autobiografia, uma vez que, na primeira, são ressaltados aspectos marcantes da existência de um indivíduo sobre quem se decidiu escrever e, no segundo caso, não há sequer a presença e atuação do pesquisador como participante necessário ao processo.

Acerca da História Oral Temática Meihy e Holanda (2015) afirmam que, "mesmo abrigando índices de subjetividade, a História Oral Temática é mais passível de confrontos que se regulam a partir de datas, fatos, nomes e situações" (p. 38). Na História Oral Temática há, portanto, maior objetividade, de modo que a partir de um assunto específico e preestabelecido, busca-se o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre algum evento definido, levando em consideração apenas detalhes da vida pessoal do narrador na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central uma vez que se busca a narrativa de um entrevistado sobre evento definido, preestabelecido. Assim sendo, os detalhes da vida do narrador e as experiências pessoais adquirem interesse apenas e na medida em que revelam aspectos vinculados à temática. É o tipo "mais considerado por jornalistas e demais pessoas que se valem de entrevistas como forma dialógica de promover discussões em torno de um assunto específico" (p. 38). A História Oral Temática possui características distintas da História Oral de Vida devido à sua natureza específica. Enquanto a História Oral de Vida se concentra na vida do narrador e busca explorar suas experiências, memórias e perspectivas pessoais, a História Oral Temática tem uma abordagem diferente. Nesse caso, a informação central é o foco principal, e detalhes da história

pessoal do narrador só são relevantes se estiverem relacionados à temática central em questão (Meihy e Holanda, 2015, p. 38).

A Tradição Oral, "por ter predicados únicos, por se assentar em bases de observação e se trabalhar com elementos da memória coletiva, não se encaixa na discussão sobre entrevistas" (Meihy e Holanda, 2015, p. 35). Seu foco está na permanência dos mitos, dos ritos e na visão de mundo de comunidades cujos valores são filtrados por estruturas mentais ancoradas em referências de um passado remoto, manifestando-se por meio do folclore e da memória compartilhada. Essa abordagem valoriza, sobretudo, a transmissão geracional desses saberes, assegurando a continuidade da identidade e da cultura dos grupos ao longo do tempo.

Como método de preservação do conhecimento, a Tradição Oral baseia-se na transmissão verbal de histórias entre gerações. Busca manter vivas as narrativas simbólicas e as formas de compreensão do mundo que atravessam os tempos e moldam a vida coletiva. Por essa razão, difere da História Oral de Vida e da História Oral Temática, que se voltam mais ao presente ou a memórias recentes. A Tradição Oral, por sua vez, centra-se no "passado remoto" (p. 41) e na permanência dos sentidos atribuídos aos mitos, contribuindo para a manutenção dos laços culturais e sociais de longa duração.

A Tradição Oral compromete a noção de "tempo linear" (p. 41), já que as histórias são contadas de maneira não linear e muitas vezes se misturam com fatos históricos e lendas. A Tradição Oral também valoriza a coletividade e a identidade cultural do grupo, ao passo que a História Oral de Vida e a História Oral Temática geralmente se concentram em indivíduos específicos ou em temas determinados (Meihy e Holanda, 2015, p. 41-42).

A História Oral Testemunhal, por sua vez, é destacada por narrativas vinculadas a experiências "dramáticas" (p. 85) e/ou "traumáticas" (p. 87) e de consequências significativas. Essas narrativas não carregam apenas um teor político, mas também têm relevância histórica e social, registrando a profundidade histórica e social das experiências ligadas a eventos impactantes e traumáticos, buscando uma compreensão mais completa e sensível dessas situações-limites: "é aí que os testemunhos se projetam como argumentos" (p. 86). "Mais do que documentar e permitir análises, dimensiona a ações voltadas ao estabelecimento de políticas públicas inerentes à 'reparação'" (p. 85). Ainda pouco reconhecidos e explorados, os procedimentos operacionais em contextos de traumas exigem uma atenção que enriquece a pesquisa sobre "situações-limite" (p. 85) (Meihy e Ribeiro, 2011, p. 85-87).

Além de propiciar aprendizados sobre as condições vivenciadas durante situações extremas análogas, que se assemelham aos eventos identificados na historiografia ou estão

inseridos em movimentos históricos, a História Oral Testemunhal, por outro lado, revela narrativas pós-traumáticas cujos testemunhos, carregados de forte carga emocional, potência argumentativa e potencial reparador, oferecem ao pesquisador a oportunidade de reavaliar posições e opiniões anteriormente baseadas no senso comum (Meihy e Ribeiro, 2011, p. 87).

A confusão entre História Oral Testemunhal e História Oral de Vida era relativamente comum até recentemente, já que ambas as abordagens envolvem a coleta e preservação de narrativas orais, mas atualizadas em termos de foco e propósito. A História Oral de Vida concentra-se nas experiências de vida e trajetória de um indivíduo, com o objetivo de compreender sua história pessoal e perspectivas. Por outro lado, a História Oral Testemunhal concentra-se em testemunhos de eventos históricos ou situações extremas, muitas vezes de caráter coletivo, como testemunhos de sobreviventes de guerras ou desastres. A distinção entre essas duas abordagens se tornou mais nítida em virtude de campanhas de "reparação" e "ressarcimento" (Meihy e Ribeiro, 2011, p. 86).

A História Oral Testemunhal desempenha um papel essencial em situações envolvendo entrevistas com pessoas ou grupos que foram vítimas de agressões físicas graves ou torturas que deixaram marcas significativas, ultrapassando a esfera da individualidade. Isso ocorre porque essa abordagem permite dar voz às testemunhas diretas de eventos traumáticos e coletar depoimentos que podem ser específicos para diversas situações. Isso ocorre porque, em contextos nos quais as vítimas de eventos traumáticos buscam justiça, os testemunhos orais desempenham um papel fundamental. As campanhas de investimentos frequentemente exigem a coleta de depoimentos de testemunhas oculares para documentação transparente de direitos humanos e crimes contra a humanidade. Como resultado, a História Oral Testemunhal adquiriu uma importância distinta nesses contextos, enquanto a História Oral de Vida focada nas narrativas pessoais. Portanto, embora essas abordagens compartilhem técnicas semelhantes de coleta de narrativas orais, seus objetivos e aplicação prática são diferentes, e essa distinção tem se tornado mais evidente devido à necessidade de documentar eventos históricos traumáticos em busca de justiça.

Para uma compreensão mais abrangente e detalhada desses diferentes tipos de abordagens da História Oral, é útil examinar suas características específicas, conforme apresentado no Quadro 4. Cada tipo de História Oral possui um foco temático distinto, que orienta a coleta e análise das narrativas, além disso, cada um deles apresenta características únicas, que refletem os contextos e objetivos de pesquisa específicos. Suas contribuições para

a compreensão histórica também são diversas e significativas, fornecendo *insights* valiosos sobre experiências individuais, eventos históricos, condições extremas e tradições culturais.

Quadro 4 - História Oral - Tipos

Tipo	Foco temático	Principais características	Contribuições
Oral de Vida	Experiência de vida de um indivíduo.	Narrativas pessoais, trajetória biográfica.	Compreensão íntima e singular de uma vida.
Oral Temática	Tema específico ou evento histórico.	Abordagem de técnicas em um tópico, múltiplos pontos de vista.	Análise aprofundada sobre um tema específico.
Testemunhal Oral	Situações extremas ou movimentos históricos.	Narrativas pós-traumáticas, testemunhos emocionais e argumentativos.	Aprendizado sobre condições extremas, revisão de perspectivas.
Tradição Oral	Transmissão cultural de geração em geração.	Narrativas, mitos, lendas, expressões culturais.	Preservação e compreensão da cultura e identidade.

Fonte: Adaptado de Meihy e Holanda (2015); Meihy e Ribeiro (2011).

Antes de passarmos a tratar da História Oral de Vida como fonte histórica, na seção 1.3.4, é preciso ressaltar que, ao reconhecer a importância dos debates travados nas diversas gerações da Escola dos *Annales*, estamos destacando que a História Oral não emerge de forma isolada, mas é produto de um contexto histórico e intelectual mais amplo. Os *Annales* foram fundamentais para a legitimação da História Oral como "campo fidedigno" (Thompson, 1992, p. 138) de produção de conhecimento histórico, uma vez que eles estimularam a busca por novas fontes e métodos de pesquisa, e elevaram a pluralidade de abordagens e perspectivas. Além disso, os *Annales* também ajudaram a conferir um status acadêmico à História Oral, ao demonstrar a importância das ciências humanas e sociais para a compreensão dos fenômenos históricos e sociais. Dessa forma, a História Oral se tornou uma prática de pesquisa valorizada e respeitada no campo acadêmico, oportunizando que a utilizássemos como metodologia nessa pesquisa, levando-se em conta que ao considerarmos os diferentes tipos de História Oral em conjunto, é possível obter uma visão mais abrangente e rica da complexidade da experiência humana ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais.

1.3.4 História Oral de Vida como Fonte Histórica

Iniciamos a seção, a partir da compreensão sistematizada proposta por José Carlos Sebe Bom Meihy e seus colaboradores (2005, 2011, 2015) do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO-USP), considerando-se a longa trajetória evolutiva até que se chegasse ao gênero História Oral de Vida; lembrando que, a peculiaridade da História Oral de Vida reside justamente na independência das fontes de prova. A incerteza e a impossibilidade de referências precisas conferem às narrativas derivadas da memória uma originalidade e diversidade em relação aos documentos convencionais úteis à História.

Seguindo a perspectiva de Meihy e Holanda (2015), a história de vida tem suas raízes em textos antigos, como as "Confissões" do filósofo e teólogo Santo Agostinho (p. 36) e "A história de minhas calamidades" do também filósofo e teólogo francês Pedro Abelardo (1079-1142) (p. 36). Esses textos projetaram a ideia de uma trajetória histórico/pessoal e influenciaram obras posteriores, como as "Confissões" do filósofo contratualista Jean-Jacques Rousseau (p. 36), no século XVIII, que é considerada uma obra fundamental para a biografia moderna. No entanto, é importante lembrar que, muito antes, nos idos de 1365, a filósofa italiana Christine de Pisan já abria caminho para "revelações pessoais da vida feminina" (p. 36), deslocando o olhar masculino que marcou o surgimento desse gênero. No início do século XX, a Escola de Sociologia de Chicago, por meio da iniciativa do sociólogo americano William Isaac Thomas e do filósofo e sociólogo polonês Florian Znaniecki, incorporou as histórias de vida como "documento de respeitabilidade acadêmica" (p. 37), independentemente do gênero narrativo utilizado pelo autor, o que implica em valorizar tanto as narrativas mais tradicionais e lineares quanto as narrativas fragmentadas, poéticas, autobiográficas, entre outras (Meihy e Holanda, 2015, p. 36-37).

A captação acadêmica das histórias de vida tem sido utilizada tanto por pesquisadores como Jean Peneff "interessado em compreender o funcionamento das sociedades" (p. 37) como por outros com "funções terapêuticas", como Legrand (p. 37). Independentemente do objetivo, há um amplo espectro de aceitação, permitindo estudiosos das áreas de humanidades se aproximem das histórias de vida. Nesse sentido, a adição do termo "oral" às histórias de vida (p. 38) representa uma vantagem possibilitada pela combinação de equipamentos eletrônicos com os procedimentos que se enquadram nos critérios da investigação em História Oral (Meihy e Holanda, 2015, p. 37-38).

Conforme Delgado (2010) “A História Oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar [...] versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais” (p. 15). Por sua vez, a História Oral de Vida mostra-se como uma metodologia capaz de superar a aquisição simples de dados, permitindo uma compreensão mais subjetiva das experiências dos depoentes. Isso se dá porque, ao invés de se limitar a colher informações e fatos, a História Oral busca “dar voz” (Portelli, 2010, p. 7) aos sujeitos e suas vivências, reconhecendo a importância da subjetividade na construção da realidade. Delgado (2010) categoriza a História Oral de Vida em três tipos distintos: o “depoimento biográfico único” (p. 22), em que há somente um personagem sendo entrevistado; a “pesquisa biográfica múltipla” (p. 22), que consiste em um conjunto de depoimentos de diversos sujeitos; e a “pesquisa biográfica complementar” (p. 22), em que a História Oral não é a fonte principal da pesquisa, mas sim utilizada como um complemento para outras fontes de informação. Cada tipo apresenta suas próprias particularidades e pode ser utilizado de forma adequada em diferentes contextos de pesquisa (Delgado, 2010, p. 15-22; Portelli, 2010, p. 7).

A partir das considerações acima, é possível afirmar que, a utilização da História Oral de Vida se mostrou fundamental nessa pesquisa, contribuindo para ampliar o alcance dos objetivos por meio do registro de vozes na constituição de documentos. Isso porque, ao ouvir e registrar as narrativas de um entrevistado, é possível compreender não apenas os fatos históricos, mas também as suas lembranças, emoções e experiências pessoais. Dessa forma, torna-se possível construir um registro mais completo e humano dessa voz, que seria facilmente perdida caso se limitassem apenas aos fatos objetivos. Essa metodologia também permite uma maior aproximação com o entrevistado, estabelecendo um diálogo mais aberto e confiante, o que favorece a obtenção de informações mais discriminadas e ricas. Além disso, a História Oral de Vida permite uma maior flexibilidade na condução da entrevista, permitindo que se tenha um papel ativo na construção do registro, o que pode resultar em uma maior fidelidade aos seus relatos e registros.

Portanto, a História Oral de Vida se coloca como uma metodologia fundamental para ampliar a compreensão de fenômenos históricos e sociais, permitindo um registro mais humano e a vivência completa das pessoas dos sujeitos, especialmente aqueles que são marginalizados ou silenciados pela história oficial.

1.3.5 História Oral de Vida: o que dizem as pesquisas de Pós-Graduação

Sabe-se que, apesar de uma aparência singular, um objeto se revela em várias dimensões, muitas vezes escapando à percepção de um único olhar ou perspectiva devido a suas múltiplas manifestações e foco no objetivo a ser alcançado. Por conseguinte, mapear pesquisas e estudos prévios sobre a História Oral de Vida, assim como em qualquer campo do conhecimento humano, representa um desafio significativo para se aproximar do objeto de estudo. Destarte, para se realizar uma investigação do estado do conhecimento e/ou da arte, torna-se fundamental realizar uma pesquisa nas bases de dados que reúnem trabalhos desenvolvidos dentro da temática abordada, a fim de compreender os diversos espectros de um mesmo objeto e a amplitude com a qual ele se manifesta na pesquisa acadêmica, a partir de diferentes perspectivas na tentativa de apreendê-lo.

Nesse sentido, esta seção procurou destacar os estudos que discutem a História Oral de Vida no âmbito da pesquisa acadêmica em educação, buscando construir um estado da arte acerca do conhecimento produzido sobre essa temática com a intenção de verificar aspectos em que esses estudos se aproximaram do nosso, sem desconsiderar os pontos em que, porventura, divergissem.

A seção em questão teve como objetivo principal enfatizar os estudos que abordam a História Oral de Vida no campo da pesquisa acadêmica em educação, com o objetivo de criar um panorama abrangente do conhecimento existente sobre esse tema, cujo propósito foi estabelecer um diálogo crítico entre os estudos já realizados e o nosso próprio trabalho, identificando semelhanças, conexões e possíveis lacunas a serem preenchidas.

Dessa forma, pretendia-se obter um panorama sobre a História Oral de Vida no contexto da pesquisa acadêmica em educação que pudesse nos ajudar a revisar o que dizem as pesquisas de Pós-Graduação atuais acerca do tema, por isso resolvemos fazer uma busca do termo "História Oral de Vida" no Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia[8], que retornou 4.048 (quatro mil e quarenta e oito) resultados.

Tendo em conta que, essa é uma pesquisa inserida no campo de estudos sobre a História dos Intelectuais da Educação, o qual faz parte da Linha de Pesquisa de História e Historiografia

8 O Repositório Institucional UFU tem por objetivo armazenar, preservar e disseminar a memória institucional, contribuir com a legislação de acesso aberto à informação e proporcionar maior visibilidade às produções científicas, técnicas, culturais, artísticas, administrativas e tecnológicas da Universidade. Endereço eletrônico do repositório: <https://repositorio.ufu.br/>.

da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, procuramos identificar pesquisas que trabalharam com a Metodologia da História Oral dentro do referido programa, de modo que resolvemos aplicar filtros que nos ajudassem a selecionar as teses e dissertações orientadas por pesquisadores que trabalharam com essa metodologia para proceder a construção do estado do conhecimento produzido dentro do âmbito institucional. O resultado retornado pelo sistema totalizou 38 (trinta e oito) obras, num recorte temporal de 2005 a 2022, após aplicação dos filtros.

Considerando-se que, os pesquisadores, em sua grande maioria, utilizaram a História Oral como metodologia de trabalho, faz-se necessário recordar sua divisão em quatro gêneros ou modos narrativos distintos dentro do *corpus* teórico-metodológico da História Oral: O primeiro é a História Oral de Vida, que se concentra na narrativa da trajetória de vida de um indivíduo, explorando suas experiências, memórias e significados atribuídos aos eventos. O segundo é a História Oral Temática, que busca abordar temas específicos ou eventos históricos a partir dos relatos de diferentes indivíduos, permitindo uma compreensão mais ampla e contextualizada desses temas. O terceiro é a História Oral Testemunhal, que trata de testemunhos de situações extremas ou eventos históricos traumáticos. Por fim, temos a Tradição Oral, que se refere à transmissão oral de conhecimentos, crenças, mitos e lendas ao longo das gerações, destacando a importância da cultura oral como fonte de preservação e transmissão da memória coletiva (Meihy e Holanda, 2015). Assim sendo, após breve leitura das obras selecionadas, encontramos 4 (quatro) trabalhos que utilizaram a História Oral de Vida, 12 (doze) trabalhos que utilizaram a História Oral Temática e nenhum deles utilizou a História Oral Testemunhal nem a Tradição Oral, como metodologia de pesquisa.

É importante destacar o Quadro 5, que apresenta as teses e dissertações que adotaram a História Oral Temática como metodologia de pesquisa pelos pesquisadores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED-UFU). Esse quadro compreende um total de nove dissertações e três teses, indicando uma preferência significativa dos pesquisadores por essa abordagem. Cada entrada no quadro apresenta detalhes como a data do documento (em ordem decrescente), o grau acadêmico (tese ou dissertação), o título do trabalho e o nome do autor. Esse levantamento ressalta a relevância e a recorrência da História Oral Temática como uma ferramenta metodológica importante no campo da pesquisa educacional, evidenciando sua utilidade e eficácia para explorar e compreender diversas temáticas relacionadas à educação.

Quadro 5 - Teses e dissertações que utilizaram a História Oral Temática

Data do Documento	Grau Acadêmico	Título	Autor
23-ago-2022	Tese	Entre o prescrito e o realizado no Grupo Escolar Yolanda Jovino Vaz (1961-1971)	Júlio Resende Costa
15-fev-2017	Dissertação	História e memória das professoras no Grupo Escolar Brasil: Uberaba 1960-1971	Monique Adriele da Silva
30-ago-2016	Dissertação	Modos de formar professores de EJA - 1990-2006	Fernanda Afonso Bernardes
29-fev-2016	Dissertação	Política de incentivo à leitura no governo Zaire Rezende 1983-1988	Márcia Cicci Romero
28-ago-2015	Tese	História, memória e vivências: A EJA no norte de Minas Gerais 1940-1960	Rita Tavares de Mello
22-ago-2014	Tese	História e memória da formação docente em Ituiutaba - MG	Andréia Demétrio Jorge Moraes
13-jun-2013	Dissertação	Modos de alfabetizar no grupo escolar Clarimundo Carneiro - 1963 a 1973	Vanessa Lepick
21-fev-2010	Dissertação	Ser professora na república: modos de pensar, sentir e agir (1930-1950)	Rosa Maria de Sousa Martins
21-ago-2009	Dissertação	Releitura histórica da educação de surdos no Brasil: 1961-1996	Ana Beatriz da Silva Duarte
28-fev-2009	Dissertação	História de Formação de Alfabetizadoras: A disciplina Didática da Linguagem no Magistério 1971 a 1985	Tatiane Batista Macedo
10-jun-2008	Dissertação	História e ofício de alfabetizadoras: Ituiutaba 1931-1961	Andréia Demétrio Jorge Moraes
22-dez-2005	Dissertação	Modos de leitura de alfabetizadoras: história, memória e representação	Osmar Ribeiro de Araújo

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações obtidas no Repositório Institucional da UFU (2023).

Ao analisar as temáticas abordadas no Quadro 5, percebe-se que as pesquisas elencadas têm em comum o foco na história e memória da educação, destacando uma diversidade de assuntos relacionados à educação e à formação de professores, abrangendo diferentes períodos históricos e contextos educacionais. Os temas incluem a história e a memória de escolas específicas ou regiões geográficas, situando as pesquisas em contextos locais ou regionais; políticas de incentivo à leitura; formação docente; modos de alfabetização; experiências de professores durante determinados períodos históricos e a educação de grupos específicos, como as pessoas com deficiência auditiva. Essa variedade demonstra a riqueza e a amplitude de possibilidades de pesquisa proporcionadas pela História Oral Temática no campo da educação,

no entanto, não serão analisados aqui, pois não fazem parte da metodologia utilizada nessa tese, que se concentra na História Oral de Vida.

Apresentamos, agora, um quadro demonstrativo dos trabalhos nos quais os pesquisadores optaram pela História Oral de Vida como método de abordagem e investigação do problema de pesquisa e, por isso, foram considerados e utilizados na construção do *corpus* bibliográfico dessa seção, sendo 2 (duas) dissertações e 2 (duas) teses.

Quadro 6 - Teses e dissertações que utilizaram a História Oral de Vida

Data do Documento	**Grau Acadêmico**	**Título**	**Autor**
17-ago-2021	Tese	Afrânio Marciliano de Freitas Azevedo: narrativas de vida, de profissão e de política	Maria Cristina Santos de Oliveira Alves
16-ago-2019	Tese	Eurides Pereira de Souza: a singularidade de ser professora no ensino rural de Uberlândia-MG, 1966-1997	Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli
21-dez-2007	Dissertação	Ilar Garotti: vida, formação e religiosidade	Cleide Fátima Carvalho
27-jul-2006	Dissertação	Histórias de alfabetizadores: vida, memória e profissão	Edite da Glória Amorim Guimarães

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações obtidas no Repositório Institucional da UFU (2023).

Após a seleção das obras a serem exploradas, é importante ressaltar que a construção do estado do conhecimento permitirá identificar, dentro da temática abordada na pesquisa, quais assuntos receberam maior ou menor atenção, quais pesquisadores ligados à Universidade Federal de Uberlândia (UFU) têm se dedicado a esses temas, quais perspectivas metodológicas foram adotadas nesses estudos e, principalmente, destacar as principais contribuições dessas pesquisas para o campo de conhecimento que buscamos ampliar as discussões.

Em análise preliminar, observa-se que as pesquisas apresentadas têm em comum o foco nas narrativas de vida de indivíduos específicos, abordando suas experiências profissionais, políticas, religiosas e educacionais. Cada estudo analisa a trajetória e as vivências de uma figura particular, oferecendo uma perspectiva única sobre diferentes aspectos da vida e da sociedade. Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda e contextualizada das histórias individuais e de suas interações com o contexto social mais amplo.

Aprofundando-se em cada obra selecionada, iniciamos a análise de dados para construção desse estado do conhecimento pela tese de Alves (2021): “Afranio Marciliano de Freitas Azevedo: narrativas de vida, de profissão e de política”, apresentada Programa de Pós-

Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Sônia Maria dos Santos, apresentando uma pesquisa desenvolvida em torno da história de vida de Afranio Azevedo, destacando algumas fases, sobretudo a de Secretário de Educação, na linha de pesquisa "História e Historiografia da Educação", conjugando a lógica documental com a empírica, a Nova História Cultural com a História Oral e utilizando fontes como, por exemplo, jornais, iconografia, documentos como estatutos, relatos orais, dentre outros.

O objeto de estudo de Alves (2021) teve como foco a vida de um cirurgião plástico renomado pela prática médica e militância política, mas desconhecido na política de Uberlândia, MG, sua cidade natal, onde se interessou pela Secretaria Municipal de Educação e na qual permaneceu atuando por dezesseis anos. Desse argumento, foram derivados questionamentos sobre as circunstâncias sociais e políticas em que Afranio Azevedo se tornou Secretário de Educação da cidade. A pesquisa objetivou ampliar a compreensão das relações entre vida-família-política, sobretudo a lógica e a influência política da família Freitas Azevedo, tendo em vista avanços e retrocessos nas ações do Secretário de Educação.

A tese desenvolvida por Alves (2021) contém quatro capítulos além das considerações finais, das referências e dos anexos. Os capítulos expõem os procedimentos metodológico-conceituais subjacentes à pesquisa, cuja base vem da Nova História Cultural e da História Oral; os resultados do levantamento de teses e dissertações que se valeram da metodologia da História Oral, em especial as histórias de vida; a vida familiar e pessoal de Afranio Azevedo e certos feitos: como aluno de Medicina no Rio de Janeiro, participante do movimento estudantil e membro da equipe de cirurgia plástica do professor Ivo Pitanguy, além do caso Lamarca, no qual fez uma cirurgia para mudar a aparência de seu rosto e em decorrência disso foi preso na Ditadura e o percurso que Afranio Azevedo trilhou na Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia nas gestões dos períodos 1989-1996 e 2005-2012.

Com efeito, cabe frisar que, Alves (2021) considerou a escrita de parte da vida de Afranio Azevedo, médico-cirurgião plástico que atuou como Secretário Municipal de Educação por dezesseis anos. Nesse sentido, com a redução da escala de observação, a autora pôde se atentar aos detalhes para abordar aspectos vivenciados por ele e por sujeitos ligados direta ou indiretamente às histórias de sua vida, de modo a recolocá-los em evidência histórica. Tais sujeitos foram interpelados em função da tese desenvolvida por meio da utilização da metodologia da História Oral, ou seja, foram entrevistados de modo a contribuírem para compor um quadro compreensivo da vida Afranio Azevedo nos moldes delineados antes.

A tese de Bernardelli (2019) denominada “Eurides Pereira de Souza: a singularidade de ser professora no ensino rural de Uberlândia-MG, 1966-1997”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Sônia Maria dos Santos, está inserida no campo da História da Educação e apresentou como objeto de estudo a história de vida, formação e as práticas educativas da professora alfabetizadora Eurides Pereira de Souza, de modo que o objetivo central da tese consistiu em investigar a trajetória de vida de uma professora primária no Ensino Rural de Uberlândia no período de 1966 a 1997, enfocando suas práticas educativas desenvolvidas principalmente em escolas rurais do município de Uberlândia – Minas Gerais.

O estudo historiográfico de Bernardelli (2019) pautou-se em uma investigação que teve como fio condutor a seguinte questão-problema: “Como Eurides Pereira de Souza, mulher, pobre, parda e leiga, na condição de mediadora cultural, desenvolveu sua prática educativa em comunidades no Ensino Rural de Uberlândia?”. Procurando recuperar a trajetória de vida da professora primária no Ensino Rural, por meio de sua obra educacional; a formação realizada na Fundação Helena Antipoff, de leiga a normalista; o delineamento da identidade profissional, por meio do ciclo profissional docente e da carreira; e a revelação das práticas educativas, por meio de documentos iconográficos e das memórias da professora sujeito de pesquisa. A pesquisa buscou contribuir com elementos histórico-pedagógicos para a discussão da história docente de professores e do Ensino Rural no País, especificamente, na Universidade Federal de Uberlândia.

Bernardelli (2019) optou por trabalhar com a História Oral, por meio de entrevistas realizadas com a professora Eurides, de modo que, as narrativas foram suas fontes primárias, complementadas por fontes iconográficas, e pela documentação disponibilizada na Seção de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Uberlândia e na Fundação Helena Antipoff. O trabalho analisado apresenta cinco capítulos que tratam do referencial teórico-metodológico, no qual Silva (2019) apresenta a matriz teórica da “Nova História Cultural” os passos metodológicos utilizados na escrita; da infância e juventude e a formação docente de Eurides; da carreira docente e a construção de identidade da professora Eurides.

Defendendo a tese de que as práticas educativas da mediadora cultural e professora Eurides Pereira de Souza promoveram o acesso das comunidades escolares rurais a saberes educativo-culturais, extrapolando os muros escolares, Bernardelli (2019) apresentou, ainda, na tese a contradição que se revela na apreensão de uma mulher, parda, pobre e leiga no magistério, a qual poderia ter continuado em seu trabalho de doméstica, mas que na sua singularidade,

superou todas as evidências contrárias e quis marcar as comunidades por onde passou com abordagens que extrapolaram o fazer pedagógico previsto nos programas de ensino da rede municipal de educação de Uberlândia, Minas Gerais.

A dissertação "Ilar Garotti: vida, formação e religiosidade", defendida por Carvalho (2007), apresentada Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Sônia Maria dos Santos, abordou as nuances da vida de Ilar Garotti, como também as representações de suas vivências, por meio da utilização da História Oral como metodologia de trabalho. Nesse processo, as histórias da pesquisadora e da narradora conotaram a importância da formação na vida do sujeito e como as escolhas refletem e interferem na vida pessoal e profissional de cada um. Tendo como base a fonte oral por meio da narrativa de Garotti, a autora teceu fragmentos representativos da história do ser professora, ser religiosa, sobre a formação de professores e também sobre a influência do discurso religioso e da mídia no cotidiano da educação. Nesse processo, a autora tentou compreender/elucidar como uma vida se constitui por meio de diferentes e inúmeras experiências, ao abordar os aspectos mais significativos na sua trajetória no campo educacional, na interseção com sua experiência religiosa e feminina, como fio a conduzir e costurar o relato de sua vida. Esses aspectos têm, no sentido interpretativo, uma intrínseca relação dos acontecimentos vividos, do seu compromisso com a educação e com o discurso religioso no cotidiano da educação feminina (Carvalho, 2007).

Uma das conclusões de Carvalho (2007) ao término de sua pesquisa foi que os conhecimentos sobre história de vida, construídos foram instrumentos-chave para o andamento do estudo, pois foi necessário aprender a ouvir, a compreender, a valorizar os silêncios, as emoções, as palavras não ditas; a ter respeito pelas ideias da narradora, a ser reflexiva e, principalmente, a utilizar o rigor científico na análise dos dados coletados para uma boa condução da pesquisa. Segundo Carvalho (2007), foi importante compreender que as pessoas são diferentes, e que cada uma tem seus valores, versões, interpretações e suas próprias maneiras de ser, de pensar, agir e de se expressar. Assim, concluiu que a narradora teve seu próprio tempo de aprendizagem que é completamente diferente do tempo da pesquisa e da pesquisadora e coube somente a ela revelar o que acredita ser a sua história.

Por fim, trazemos a dissertação intitulada "Histórias de alfabetizadores: vida, memória e profissão", apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, defendida por Guimarães (2006), sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Sônia Maria dos Santos, situando-se no campo da História Oral de Vida, como método de trabalho investigativo,

apresentando como objeto de estudo a vida, a memória e a profissão de alfabetizadores de Patos de Minas. Por meio de entrevistas com quatro alfabetizadores de escolas públicas, estaduais e municipais, urbanas e rurais, a pesquisadora procurou desvelar e compreender suas histórias enquanto alfabetizadores.

Motivada por questões muito significativas, Guimarães (2006) buscava responder, dentre elas: Quem foram os alfabetizadores de Patos de Minas? Como e em que lugares os alfabetizadores construíram seus saberes e práticas e que sentido deram e dão ao processo de alfabetização? Que marcas a trajetória pessoal e profissional deixou nos alfabetizadores, sujeitos envolvidos nesta pesquisa, tendo como ofício alfabetizar?. Não obstante, a autora tinha ciência de que não poderia ser realizada uma análise sem se referir aos sujeitos, ao tempo, aos saberes, à prática, à forma ou aos lugares em que os alfabetizadores viveram e construíram seu percurso profissional. Asseverando que, as narrativas revelaram a importância da experiência adquirida com a prática do dia a dia, com os colegas, com os alunos, com as supervisoras e com a formação continuada, bem como a relação direta com a melhoria da qualidade do trabalho docente, ao reconhecer a importância das narrativas como fonte de reflexão e aprendizado, a autora enfatizou a necessidade de valorizar e compartilhar essas experiências como forma de fortalecer a prática pedagógica e aperfeiçoar a educação e, assim, Guimarães (2006) concluiu sua dissertação.

Ao se analisar/concluir o que dizem as pesquisas de Pós-Graduação, foi possível observar que muitas delas se aproximam do nosso objeto de estudo e problema de pesquisa, alinhando-se a ele não só pela metodologia, acima citada, como também pelos referenciais teóricos em que se embasaram, de modo que após esse trabalho de pesquisa e catalogação, nos foi possível eleger três "teses de cabeceira": "Entre o prescrito e o realizado no Grupo Escolar Yolanda Jovino Vaz (1961-1971)", do Prof. Dr. Júlio Resende Costa, defendida em 2022; "Afrânio Marciliano de Freitas Azevedo: narrativas de vida, de profissão e de política", da Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Santos de Oliveira Alves, defendida no ano de 2021 e "Ilar Garotti: vida, formação e religiosidade" da Prof.ª Dr.ª Cleide Fátima Carvalho, defendida em 2007, às quais sempre recorri para tomar como referência não só na organização estrutural dessa tese como também no aporte teórico adotado por esses autores a quem agradeço novamente aqui apropriando-me das palavras do escritor norte-americano Francis Scott Fitzgerald (1936): "Não se escreve por se querer dizer alguma coisa, escreve-se porque se tem alguma coisa para dizer" e vocês tinham muito a dizer para a comunidade acadêmica.

Outrossim, a utilização da História Oral de Vida como metodologia de pesquisa tem se mostrado especialmente adequada para explorar temas relacionados à memória, identidade, trajetórias de vida, relações sociais e processos de subjetividade. Por meio das entrevistas, é possível capturar histórias ricas em detalhes, emoções e significados, que muitas vezes não são encontrados em fontes documentais tradicionais. Ademais, as pesquisas de Pós-Graduação demonstraram a importância de uma abordagem ética e reflexiva ao utilizar a História Oral de Vida como metodologia, considerando as relações e dinâmicas de poder e a negociação de significados entre pesquisador e entrevistado. Além disso, a análise crítica das narrativas e a inserção dos relatos em seu devido panorama histórico e social são aspectos fundamentais para a produção de conhecimento rigoroso e confiável. Em suma, as pesquisas de Pós-Graduação têm enfatizado o fortalecimento da História Oral de Vida como uma metodologia que amplia e enriquece a compreensão histórica. Ao trazer à tona as histórias individuais, as narrativas pessoais e as experiências de vida, essa abordagem oferece uma perspectiva complementar às fontes tradicionais, promovendo uma história mais inclusiva, contextualizada e significativa.

A seguir, passamos a abordar a importância da entrevista na construção do conhecimento histórico, uma vez que ela permite a exploração de perspectivas individuais, de experiências vividas e de significados atribuídos aos eventos passados, de modo que ao incorporar a voz dos participantes e testemunhas, a entrevista enriquece a compreensão. Veremos como as narrativas pessoais e as memórias individuais contribuem para uma visão mais rica e multifacetada do passado, complementando e muitas vezes questionando as narrativas históricas convencionais. Além disso, discutiremos como o processo de entrevista permite aos historiadores estabelecerem conexões mais próximas com as fontes primárias e promoverem uma abordagem mais inclusiva e participativa da história.

1.4 A ENTREVISTA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

A História Oral produz relatos fundamentados na memória, que constitui sua principal matéria-prima. Nessa perspectiva, a memória revela-se um recurso essencial tanto para a reconstrução histórica quanto para a compreensão da história como um fenômeno coletivo e socialmente construído. O narrador que conta sua história ou dá seu relato de vida não se constitui, ele próprio, no objeto de estudo, mas sim os sentidos expressos em seus relatos, em sua experiência concreta e em sua realidade subjetiva, de modo que fontes orais revelam-nos não só sobre o que o sujeito social fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que no presente pensa que fez. Para Bloch (2001, p. 79), "a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que constrói, tudo o que toca, pode e deve fornecer informações sobre ele", de modo que o objeto central do historiador não é apenas os grandes feitos históricos realizados pelo homem, mas toda e qualquer atividade que seja decorrente da ação humana. No entanto, a principal característica distintiva do documento de História Oral não está necessariamente relacionada à revelação de informações inéditas ou ao preenchimento de lacunas nos arquivos históricos. Sua singularidade, assim como a da História Oral como um todo, reside em uma postura específica em relação à história e às configurações socioculturais, valorizando a recuperação das vivências conforme concebidas pelas próprias pessoas que as vivenciaram. Nesse sentido, a História Oral está intrinsecamente ligada à biografia e à memória. Ademais, o processo de recordação de eventos ou impressões varia de pessoa para pessoa, dependendo da importância atribuída a esses acontecimentos no momento em que ocorreram e/ou nos momentos em que são recordados. É relevante destacar que nem tudo o que tem valor é necessariamente lembrado, já que a memória é moldada por processos conscientes e inconscientes de seleção e de esquecimento.

Alberti (2013, p. 23-24), afirma no Manual de História Oral, que no "século XIX, com o predomínio da história "positivista" e a quase sacralização do documento escrito, a prática de colher depoimentos esteve relegada a segundo plano", uma vez que o depoimento era desvalorizado como prova histórica devido à percepção de sua subjetividade, visão parcial do passado e possíveis falhas de memória. Mas a História Oral não se conformou aos princípios da história "positivista", mesmo com o "estatuto de documento adquirido pela entrevista". Pelo contrário, o objetivo é considerar a entrevista como um documento, porém deslocando o foco do objeto documentado. Agora, não se busca apenas o passado "como realmente aconteceu", mas sim as formas como foi e é percebido e interpretado.

O registro gravado e transcrito da entrevista de História Oral documenta uma visão particular do passado, além de ser flexível em relação aos aspectos a serem explorados, podendo enfocar tanto questões de natureza factual e informativa quanto questões interpretativas que exigem uma reflexão crítica por parte do depoente sobre o passado. Dependendo do entrevistado, da dinâmica da entrevista e dos objetivos da pesquisa, pode-se dar ênfase a diferentes aspectos e a questões de interesse que exijam do depoente um esforço de análise reflexiva sobre sua trajetória e experiências anteriores. Dessa forma, a ênfase está na compreensão das perspectivas individuais e na reconstrução subjetiva dos eventos históricos, permitindo uma análise mais ampla e contextualizada da experiência humana (Alberti, 2013, p. 14-27).

Com isso, a distorção da realidade, as falhas de memória e os erros presentes nos relatos dos depoentes deixaram de ser considerados fatores negativos na História Oral. Agora, o foco está em incluir essas ocorrências em uma reflexão mais ampla, questionando por que o entrevistado concebe o passado de determinada maneira e não de outra, e em que medida sua visão difere (ou não) daquela(s) de outro(s) depoente(s). A História Oral, enquanto método qualitativo e produtor de fontes empíricas, desenvolveu uma especificidade que inviabiliza aproximações diretas com as práticas de registro de testemunhos adotadas desde a Antiguidade. Sua natureza flexível e interpretativa possibilita a apreensão mais aprofundada das experiências individuais e das distintas formas de percepção do passado, ampliando, assim, as possibilidades de construção e interpretação do conhecimento histórico (Alberti, 2013, p. 14).

Uma das grandes vantagens da entrevista de História Oral é a possibilidade de recuperar informações ausentes em outros tipos de documentos — acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca mencionados, experiências pessoais e impressões singulares que emergem ao longo da conversa e podem ser confrontadas com registros escritos e/ou orais. Essa abordagem permite o resgate de memórias não documentadas ou preservadas de forma limitada, contribuindo para ampliar o entendimento sobre determinados eventos. Em um contexto atual, no qual a comunicação se dá predominantemente de forma oral e muitas informações circulam sem registro escrito, a entrevista de História Oral torna-se especialmente relevante para captar essas vivências e articulá-las com outras fontes disponíveis.

Cumpre ressaltar que, durante uma entrevista, há um foco especial na “biografia” e na “memória” do entrevistado. Nesse momento sincrônico, entrevistador e entrevistado constroem uma abordagem do passado, influenciada pela relação de entrevista estabelecida com base em suas próprias peculiaridades. É importante ressaltar o “papel do entrevistador na criação do

concebido sobre o vivido", pois ele deve estar ciente de sua responsabilidade como coagente na produção do documento de História Oral. Embora a biografia e a memória do entrevistador não estejam em questão, ambas são fundamentais para sua formação como pesquisador. Sua memória em relação ao tema e/ou ao protagonista da entrevista é amplamente baseada em suas pesquisas (afinal, é seu trabalho), e é essencial que ele esteja consciente da importância desse trabalho para o exercício de sua atividade (Alberti, 2013, p. 29).

Para Alberti (2013, p. 44) no âmbito de uma pesquisa, a escolha entre "entrevistas temáticas" ou "entrevistas de história de vida" depende dos objetivos estabelecidos em relação ao tema e às questões investigadas. As entrevistas temáticas se concentram principalmente na participação do entrevistado no tema selecionado, enquanto as entrevistas de história de vida (tipo de entrevista que utilizamos para desenvolvimento de nossa pesquisa) têm como foco central o próprio indivíduo dentro da história, abrangendo sua trajetória desde a infância até o momento da entrevista, incluindo os diversos eventos e conjunturas que testemunhou, que vivenciou ou teve conhecimento.

Apesar dessas diferenças, ambos os tipos de entrevista de História Oral pressupõem uma relação com o método biográfico, seja concentrando-se em um tema específico ou examinando a vida do depoente e os cortes temáticos realizados em sua trajetória, a entrevista tem como eixo a biografia do entrevistado, suas experiências e vivências. A decisão de escolher entre um tipo de entrevista ou outro, ao longo da pesquisa, depende dos objetivos do trabalho. Em geral, as entrevistas temáticas são adequadas quando o tema em questão tem uma posição relativamente definida na trajetória de vida dos entrevistados, como um período cronológico específico, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em eventos ou conjunturas particulares. Por outro lado, em entrevistas de história de vida, o foco principal é a trajetória do entrevistado. Optar por esse tipo de entrevista pressupõe que a narrativa da vida do depoente ao longo da história seja relevante para os objetivos da pesquisa (Alberti, 2013, p. 45-47).

É recomendável que, ao selecionar os pesquisadores para um programa que envolva História Oral, sejam escolhidos aqueles que se adequem à metodologia e tenham afinidade com a "abordagem qualitativa", além disso, é fundamental avaliar não apenas sua formação acadêmica, mas também suas habilidades interpessoais, empatia, capacidade de comunicação e sensibilidade cultural. Não obstante, é essencial considerar a capacidade dos pesquisadores de desempenhar adequadamente o papel de entrevistadores já que ele precisa estabelecer um diálogo sincero e aberto com o entrevistado, demonstrando respeito pela sua singularidade e

contribuindo para a produção de um depoimento de alta qualidade e para a obtenção de relatos autênticos e significativos (Alberti, 2013, p. 51).

Além disso, o entrevistador deve ser capaz de lidar com possíveis desafios que possam surgir durante a entrevista, como momentos de silêncio, lacunas de memória ou relatos contraditórios. Isso requer uma atitude de escuta ativa, sensibilidade às emoções e às vivências do entrevistado, e a capacidade de fazer perguntas pertinentes que estimulem reflexões mais profundas. É importante que o pesquisador tenha a capacidade de lidar com essas situações de forma delicada e respeitosa, evitando qualquer tipo de pressão sobre o entrevistado. Deste modo, a entrevista deve ser considerada como um todo, levando em conta o percurso da lembrança, a construção do pensamento, a forma das perguntas e características das respostas. É importante destacar que a entrevista e a relação de entrevista são únicas e não podem ser repetidas em outras circunstâncias, do mesmo modo, cada depoimento é único e precisa ser analisado levando em conta suas peculiaridades, como o momento pessoal e histórico da entrevista, os objetivos e a relação estabelecida entre as partes. Portanto, a entrevista de História Oral é uma relação específica, guiada pelos objetivos da pesquisa e pelo método da História Oral, e sua dinâmica varia de acordo com a simpatia e empatia entre as partes envolvidas (Alberti, 2013, p. 178-184).

Outro fator relevante nesse processo é que a relação de entrevista é marcada pelo encontro entre sujeitos distintos — muitas vezes de gerações diferentes — com linguagens, culturas, saberes, experiências e visões de mundo variadas, que dialogam sobre um mesmo tema. É essencial que tanto o entrevistado, quanto o entrevistador, reconheçam suas diferenças e respeitem a visão de mundo um do outro. Nesse contexto, o entrevistador desempenha um papel ativo, adaptando-se ao ritmo do entrevistado, formulando perguntas relevantes, ajustando o diálogo com base nas informações fornecidas e aprendendo o estilo do entrevistado. A cumplicidade entre entrevistado e entrevistador é buscada para aprofundar o tema proposto em um diálogo frutífero, de modo que a continuidade da relação em várias sessões de entrevista geralmente é mais apropriada para os objetivos da História Oral, permitindo que ambos se conheçam melhor e identifiquem peculiaridades que contribuem para um diálogo proveitoso, no entanto, não se deve descartar a possibilidade de uma entrevista em apenas uma sessão. Cada entrevista é única e deve ser analisada considerando as circunstâncias em que é produzida, pois o entrevistador competente deve observar as influências que afetam a entrevista, treinar sua sensibilidade e avaliar os limites da relação estabelecida, reconhecendo seu próprio impacto na obtenção da informação (Alberti, 2013, p. 178-184).

Alberti (2013, p. 187) salienta que “realizar uma entrevista é sempre cansativo para ambas as partes”. O entrevistado precisa exercitar sua memória e refletir sobre o passado, o que pode exigir um esforço intelectual e emocional significativo. Por outro lado, o entrevistador deve estar constantemente atento a diversos aspectos, como as palavras do entrevistado, o funcionamento do gravador, o desenvolvimento da relação, o roteiro a ser seguido, as oportunidades para formular perguntas relevantes e as anotações que precisam ser feitas. Essa combinação de responsabilidades demanda um esforço extra e contínuo por parte do entrevistador.

A partir das considerações traçadas, é possível concluir que a entrevista desempenha um papel fundamental na produção do conhecimento histórico, pois permite o acesso direto e privilegiado às memórias e experiências das pessoas que vivenciaram determinados eventos ou períodos históricos. Além disso, ao envolver os entrevistados no processo de construção do conhecimento, a entrevista promove uma abordagem participativa e inclusiva da história, dando voz aos protagonistas e contribuindo para a valorização da diversidade de perspectivas e experiências na narrativa histórica. Dessa forma, a entrevista se configura como uma ferramenta essencial para a investigação histórica, enriquecendo o conhecimento e ampliando as possibilidades de compreensão do passado.

1.4.1 História Oral como arte de escuta na entrevista

Tendo em vista que a História Oral se fundamenta na escuta como elemento central, Portelli (2016, p. 10), em sua obra “História Oral como Arte da Escuta”, destaca que

> História Oral é primordialmente uma arte da escuta [...] os historiadores nem sempre estão cientes e que certas perguntas precisam ser feitas. É comum, aliás, que a informação mais importante se encontre para além daquilo que tanto o historiador quanto o narrador consideram historicamente relevante (Portelli, 2016, p. 10).

Quando nos referimos à História Oral, estamos falando de algo mais específico, fato que vai além de considerá-la uma “ferramenta adicional” (p. 9), de modo que as fontes orais não são apenas uma ferramenta adicional ou secundária na caixa de ferramentas do historiador, mas são utilizadas como o cerne de um tipo diferente de trabalho histórico, em que questões relacionadas à memória, narrativa, subjetividade e diálogo moldam a própria agenda do historiador. Nesse caso, o uso crítico das fontes orais requer abordagens e procedimentos específicos, adaptados à sua natureza e forma peculiar. Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas prontas, mas são “cocriadas” (p. 10) pelo

historiador, uma vez que elas não existiriam na forma em que existem sem a presença, estímulo e papel ativo do historiador durante as entrevistas de campo. As fontes orais são geradas em um processo de troca dialógica, na entrevista, que é literalmente "uma troca de olhares" (p. 10), embora nessa troca, perguntas e respostas não sigam necessariamente uma direção única. A agenda do historiador deve estar alinhada com a do narrador, mas o que o historiador quer saber pode não coincidir necessariamente com o que o narrador deseja contar; portanto, o trabalho com fontes orais exige uma abordagem reflexiva e sensível durante a escuta, reconhecendo que a produção dessas fontes é uma colaboração entre o historiador e o narrador. Isso implica em considerar as nuances do diálogo, as subjetividades envolvidas e as perspectivas individuais, a fim de obter uma compreensão mais abrangente e complexa dos eventos históricos dentro da vida dos narradores e do lugar de fala dentro das experiências humanas, reforçando o entendimento da afirmação (Portelli, 2016, p. 9-10).

Conforme Portelli (2016, p. 12) a História Oral, "como arte da escuta", é estruturada por uma cadeia de quatro relacionamentos fundamentais e interligados que permitem que as vozes e as perspectivas dos narradores sejam ouvidas e valorizadas, contribuindo para uma compreensão mais completa e contextualizada do passado, melhor explicitadas no Quadro 7:

Quadro 7 - Relações Dialógicas da arte da escuta

1.	"A relação entre os entrevistados e os entrevistadores" (p. 12), que ocorre por meio do "diálogo" (p. 12). Nesse processo, os narradores compartilham suas experiências e memórias, enquanto os entrevistadores escutam e interagem com eles.
2.	"A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista" (p. 12). Aqui, a memória desempenha um papel fundamental, pois os narradores relembram eventos passados e os contextualizam dentro do tempo histórico em que ocorreram.
3.	"A relação entre a esfera pública e a esfera privada, entre a autobiografia e a história" (p. 12). Isso envolve a interseção entre as histórias pessoais dos narradores e os eventos históricos mais amplos. É a conexão entre as experiências individuais e os acontecimentos coletivos que moldam a compreensão da história. Nela, os historiadores geralmente não sabem que existem outras áreas de experiência que eles deveriam explorar do mesmo modo que os narradores nem sempre podem estar cientes da relevância histórica de sua experiência pessoal.
4.	"A relação entre a oralidade da fonte, ou seja, as narrativas orais dos entrevistados, e a escrita do historiador" (p. 12). Aqui, o historiador desempenha um papel crucial na transcrição, análise e interpretação das histórias orais, transformando-as em registros escritos que podem ser estudados e compartilhados.

Fonte: Adaptado de Portelli (2016) e Bosi (1995).

Retomando a relação dialógica da arte da escuta, definida por Portelli (2016, p. 13-14) faz-se necessário ressaltar que, por vezes estrutura-se sob um "solo comum que torna o diálogo possível" (p. 13). "Pontos em comum fazem com que a comunicação seja possível, mas é a

diferença que a torna significativa" (Portelli, 2016, p. 14). Essa afirmação está ancorada na ideia de uma "disposição compartilhada de ouvir e aceitar o outro" (p. 14), destacando que não é apenas a similaridade que permite aos entrevistados se expressarem e construírem vínculos de confiança. Tal perspectiva evidencia outro aspecto fundamental: "não existe uma relação de mão única entre observador e observado" (p. 14), o que reforça a natureza dialógica e recíproca do encontro oral. (Portelli, 2016, p. 13-14).

Em outras palavras, a História Oral depende da abertura do historiador para a escuta atenta e o diálogo com os sujeitos entrevistados, bem como do respeito às suas memórias, vivências e formas de narrar. Essa abertura e respeito mútuos estabelecem uma aceitação baseada nas diferenças, criando um espaço narrativo no qual o entrevistador pode entrar e é a disposição do entrevistado em falar e compartilhar suas experiências que possibilita aos historiadores realizar seu trabalho uma vez que "a História Oral nos oferece acesso à historicidade das vidas privadas" (p. 17), ou seja, permite explorar e compreender a dimensão individual e íntima dos sujeitos históricos (Portelli, 2016, p. 17). A disposição do entrevistado em se abrir, mesmo que parcialmente, é essencial para que os historiadores obtenham informações valiosas, além disso, a abertura dos historiadores sobre si mesmos e sobre o propósito de seu trabalho também é crucial na criação desse espaço narrativo. Ao demonstrar transparência sobre suas intenções e objetivos, os historiadores constroem uma relação de confiança com os narradores, encorajando-os a compartilhar suas histórias de forma autêntica.

1.4.2 O resgate da memória na entrevista

Abrimos a seção retomando a obra de Le Goff (2013, p. 387), "História e Memória" na qual afirma que "o conceito de memória é crucial [...] A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas". A memória, entendida como a capacidade de reter e evocar informações do passado, está intrinsecamente ligada às funções psíquicas e cognitivas do ser humano. É por meio da memória que somos capazes de acessar e atualizar experiências, impressões e informações passadas, permitindo-nos reconstruir narrativas e compreender eventos históricos. A memória desempenha um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva, influenciando nossa percepção do mundo e moldando nossas representações do passado.

O estudo da memória social, de acordo com Le Goff (2013, p. 390), é uma abordagem essencial para compreender os desafios do tempo e da história, nos quais a memória pode tanto se retrair quanto transbordar. Do mesmo modo a memória coletiva é "importante na luta pelas forças sociais pelo poder" (p. 390), por isso é possível dizer que se tornar o detentor da memória e do esquecimento é uma preocupação central para as classes, grupos e indivíduos que exercem domínio sobre as sociedades ao longo da história, levando-se em conta os esquecimentos e os silêncios na narrativa histórica. No estudo da memória histórica, é crucial destacar a diferença entre sociedades que têm uma memória predominantemente oral e aquelas em que a memória é essencialmente escrita, além disso, é importante considerar as fases de transição da oralidade para a escrita. De qualquer forma, na pesquisa histórica, a memória é uma fonte valiosa, pois nos permite acessar perspectivas subjetivas e vivências pessoais, enriquecendo a compreensão dos contextos históricos.

Durante o período de "memória em expansão" (Le Goff, 2013, p. 390, 421), ocorreram mudanças significativas relacionadas à memória na língua francesa. Na Idade Média, foram inspiradas palavras como "*mémorial*" e "*mémoire*", com conotações relacionadas a contas financeiras e administração. No século XV, surgiu "*mémorable*", associado às artes "*memoriae*" e à literatura antiga (memória tradicionalista). No século XVI, aparecem "*mémoires*", escritos por indivíduos, marcando o nascimento da história e o fortalecimento do papel do indivíduo. No século XVIII, foram criados termos como "*mémorialiste*" e "*memorandum*", relacionados à memória jornalística e diplomática, evidenciando a opinião pública. Na primeira metade do século XIX, floresceram termos como "*amnésie*" ligado à ciência médica, "*mnémonique*" e "*mémorisation*", associados aos avanços no ensino e na pedagogia. Por fim, em 1907, surgiu o termo "*mémoriser*", representando a crescente influência da memória na vida cotidiana. "Essas transformações terminológicas evidenciam o papel cada vez mais central atribuído à memória no decorrer desse período histórico (Le Goff, 2013, p. 421-422).

A imprensa revolucionou lentamente a memória ocidental, de modo que com o impresso assiste-se à exteriorização progressiva da memória individual; posteriormente ao fato, houve um avanço significativo na forma como a memória coletiva foi mantida e organizada no século XIX de modo que a menção à "memória em fichas"(p. 418), referente ao uso de sistemas de catalogação e indexação permitindo uma maior lista e acesso às informações, trouxe um avanço e é comparado à importância da imprensa na história, como um marco no desenvolvimento da memória ao longo do tempo. A ideia central é que a "memória em fichas" (p. 427) representa

um estágio culminante na herança de conhecimento e preservação da memória, seguindo o progresso que começou na Antiguidade (Le Goff, 2013, p. 418, 427).

Para Portelli (1997, p. 16), “a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”. No entanto, é importante destacar que as lembranças de duas pessoas nunca são exatamente iguais, assim como as impressões digitais ou as vozes, visto que cada indivíduo possui sua própria experiência e perspectiva, o que influencia em como eles registram e/ou resgatam eventos e situações passadas. A diversidade de memórias de cada indivíduo é um aspecto fundamental a ser considerado na pesquisa e na interpretação do passado, pois é sabido que a memória é uma ferramenta fundamental quando queremos preservar acontecimentos. Ao reconhecer a importância da memória, podemos explorar sua relação com a construção social da história e o papel que desempenha na preservação e transmissão de conhecimentos ao longo do tempo.

Historiadores tradicionais, que seguem uma abordagem metodologicamente mais conservadora, levantam uma objeção importante à História Oral relacionada à sua confiabilidade. Eles argumentam que não se pode confiar nas narrativas orais porque a memória e a subjetividade tendem a “distorcer” (p. 17) os fatos históricos. Primeiramente, é importante ressaltar que nem sempre essa afirmação é verdadeira, além disso, como podemos garantir que “distorções igualmente sérias não são encontradas em fontes documentais mais estabelecidas?” (p. 17). Logo, assim como acontece com todas as outras fontes, a responsabilidade do historiador é realizar a triangulação das informações, verificando “cada narrativa em relação a outras narrativas e outros tipos de fonte” (p. 18). Em segundo lugar, pode-se afirmar que os estudos avançados em História Oral têm abordado essa questão criticamente e com uma consciência metodológica mais apurada. O que torna as fontes orais importantes e fascinantes é justamente o fato de que elas “não recordam passivamente os fatos, mas os elaboram e criam significado por meio do trabalho de memória e do filtro da linguagem” (p. 18) (Portelli, 2016, p. 17-18).

Quando lidamos com fontes orais, entramos em um caminho complexo que abrange três níveis distintos, porém interligados: “um fato do passado (o evento histórico), um fato do presente (a narrativa que estamos ouvindo) e uma relação fluida e duradoura que se estabelece entre esses dois fatos” (Portelli, 2016, p. 18). Nesse sentido, o trabalho do historiador oral envolve diversas abordagens essenciais para a compreensão e interpretação adequada das histórias narradas. Essas abordagens incluem não apenas a coleta e análise das narrativas em si,

mas também a consideração cuidadosa do contexto social, cultural e político em que essas narrativas foram produzidas:

Quadro 8 - Abordagens do trabalho do historiador oral

A Historiografia tradicional	Diz respeito à reconstrução dos eventos passados, buscando entender e documentar o que aconteceu historicamente.
A Antropologia, a análise cultural e a crítica textual	Envolve a interpretação das entrevistas orais, levando em consideração as características culturais, sociais e simbólicas presentes nas narrativas. Isso implica examinar a linguagem utilizada, o contexto em que as histórias são contadas e os possíveis vieses ou influências presentes nas narrativas.
O espaço intermediário	Refere-se à compreensão de como esses eventos históricos se traduzem em histórias específicas ou narrativas particulares. Isso envolve analisar como os eventos são interpretados e transmitidos pela memória dos narradores, assim como a forma pela qual essas narrativas são moldadas e transformadas ao longo do tempo.

Fonte: Adaptado de Portelli (2016).

A História Oral utilizada na entrevista abrange, portanto, os eventos em si, a memória relacionada a eles associadas e a interpretação desses acontecimentos por meio da memória. Vale ressaltar que "a memória não é apenas um depósito passivo de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado" (Portelli, 2016, p. 18), de modo que por meio da lembrança, é possível atualizar os fatos ocorridos com a ajuda de outros indivíduos que também estiverem presentes naquele acontecimento. É através das memórias individuais que a memória coletiva se solidifica para contar a história de um povo. Assim, podemos afirmar que a memória não deixa de ser um processo, no sentido de que caso uma determinada pessoa comece a receber estímulos (fotos, jornais, vídeos, conversas com pessoas que dividiram uma situação, etc.), poderá ser capaz de lembrar algo do passado. Isto porque o diálogo com uma pessoa que divide uma memória com outra possibilita relembrar, pois ativa o que estava adormecido no cérebro.

Somente após realizar esse trabalho de cruzamento entre falsas lembranças e a reconstrução dos eventos, conseguimos vislumbrar o impacto que essas memórias têm na imaginação social. Nesse ponto, até mesmo os erros, as invenções, as mentiras e os mal-entendidos, especialmente quando são amplamente difundidos socialmente, tornam-se "sintomas preciosos de processos históricos importantes, como a memória e o desejo" (p. 19). Esses fenômenos revelam como a interpretação e a apropriação do passado podem influenciar o presente, moldando narrativas coletivas, possibilitando a compreensão da relação entre memória e sociedade (Portelli, 2016, p. 19).

A memória é elaborada na mente do indivíduo, sendo acessada por meio da narrativa individual. Considerando-se o fato é possível afirmar que a oralidade, portanto, não é apenas um meio de comunicação, mas também um componente essencial do seu significado. A natureza dialógica e a narrativa das fontes orais culminam na densidade e complexidade da própria linguagem. As nuances, tonalidades e ênfases presentes no discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, transmitindo significados que vão muito além da intenção consciente deles. Por meio da oralidade, é possível captar nuances culturais, expressões emocionais e perspectivas únicas que enriquecem a compreensão dos eventos históricos. A linguagem oral se torna um veículo poderoso para transmitir não apenas informações, mas também os valores, as experiências e as visões de mundo daqueles que as expressam. É nesse espaço discursivo que a história ganha vida e se conecta de maneira íntima com a identidade e a memória coletiva dos narradores (Portelli, 2016, p. 20-21).

Como vimos, a importância da memória é um pressuposto da História Oral ao se propor que os sujeitos revisitem seu passado, mesmo que recente, durante uma entrevista. Sobre esse assunto, Bosi (1995) assevera que o processo de lembrar exige que o indivíduo recrie e reconstrua o passado vivido em relação ao presente, representando um legado cultural de comunidades, instituições, famílias e indivíduos. “A memória permite que o corpo presente estabeleça uma relação com o passado e, ao mesmo tempo, influencia o processo atual de representações” Bosi (1995, p. 47). Sustentando-se em Bergson (1959), Bosi (1995) afirma que a memória é o esforço por fazer “vir à tona o que estava submerso” (p. 9), brotando do embate entre “subjetividade” (p. 16) do espírito e “exterioridade” (p. 16) da matéria, de modo que ela emerge das profundezas da consciência, misturando-se com as percepções imediatas e ocupando todo o espaço da consciência (Bosi, 1995, p. 9-16).

Nessa perspectiva, podemos dizer que a lembrança, conceituada por Bosi (1995, p. 17) “é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência” e está sempre “viva”, podendo ser resgata sempre que necessário, mas a memória exige uma reconfiguração do presente para ser evocada e assumida. A rememoração é vista como uma situação de reflexão, permitindo que quem narra reflita sobre si mesmo e sobre seu passado. O principal esteio para o método de abordagem de Bosi (1995, p. 1) é “a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que vai se desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito”. Essa conexão vai além da mera coleta de informações; é um compromisso

ético e emocional que contribui para uma narrativa mais rica e autêntica, permitindo que o testemunho do indivíduo seja compreendido em sua complexidade e profundidade (Bosi, 1995, p. 1-17).

Conforme já foi falado, o processo de entrevista em História Oral desempenha um papel fundamental no resgate da memória e na reconstrução da história; assim, por meio da escuta atenta e do diálogo entre o entrevistador e o narrador, as memórias individuais são trazidas à tona, revelando experiências e perspectivas que podem não estar presentes nas fontes escritas tradicionais. Durante o processo de entrevista, o narrador é convidado a refletir sobre seu passado, a rememorar e a reconstruir suas memórias. Nesse processo, a oralidade permite uma conexão direta com o passado vivido, possibilitando a compreensão dos significados e das complexidades da experiência humana. Esse trabalho de rememoração não apenas resgata os eventos e situações vivenciados, mas também permite uma compreensão mais profunda de si mesmo e da sua trajetória.

O resgate da memória durante o processo de entrevista em História Oral é uma forma de dar voz aos indivíduos e grupos que muitas vezes foram marginalizados ou negligenciados nos registros históricos positivistas dominantes. É um ato de valorização das experiências e perspectivas individuais, que enriquece o conhecimento histórico ao trazer novas narrativas, interpretações e significados, pois ao compartilhar suas memórias, o narrador contribui para a construção de uma história mais completa e diversificada, ampliando a compreensão coletiva do passado. Além disso, o resgate da memória por meio da História Oral possibilita a identificação e a análise de temas recorrentes, conflitos, transformações e continuidades ao longo do tempo; permitindo, ainda, compreender como as memórias individuais e coletivas influenciam a imaginação social e a arena política contemporânea. Em suma, o processo de entrevista em História Oral desempenha um papel vital no resgate da memória e na construção de uma história mais abrangente sendo, portanto, um ato de preservação da diversidade histórica e uma forma de dar voz aos que foram silenciados, enriquecendo nosso entendimento da complexidade da experiência humana.

Os apontamentos que trouxemos aqui são para afiançar que o resgate da memória da professora sujeito de pesquisa será de extrema importância durante a pesquisa em História Oral de sua vida. Ao dar voz à narradora e ao permitir que compartilhe suas experiências, a pesquisa em História Oral será capaz de resgatar suas memórias, possibilitando a reconstrução de eventos, contextos e significados que de outra forma podem ter se perdido ou se distorcido ao longo do tempo.

Cumpre esclarecer que as bases lógicas e conceituais que aqui se encerram para dar voz à história de vida da professora sujeito de pesquisa, buscaram traçar um fio condutor coerente e coeso que explicasse as origens da metodologia principal que adotamos nessa tese: a História Oral. De modo que, para demonstrar essas origens, fez-se necessário abordar a influência da Escola dos *Annales* ao abrir caminho para uma história mais abrangente, que valorizasse as experiências individuais e coletivas e que fomentasse uma abordagem interdisciplinar que enriquecesse a pesquisa e a compreensão do passado. Foi preciso demonstrar que, a Escola dos *Annales* desempenhou, também, um papel fundamental no desenvolvimento e na consolidação da História Cultural como um campo de estudo relevante dentro da disciplina histórica, trazendo uma nova perspectiva para a compreensão da cultura, rompendo com a visão positivista tradicional que considerava a cultura como um mero reflexo das estruturas sociais e políticas. Evoluindo para a Nova História Cultural, representada pela 4ª geração dos *Annales,* que enfatizava a importância da cultura como objeto de estudo histórico, de modo que se abriram caminhos significativos para a História Oral ao ampliar o escopo de investigação histórica para além das fontes escritas tradicionais.

A História Oral, por sua vez, contribui para essa abordagem ao trazer à tona as vozes e as memórias das pessoas comuns, proporcionando uma compreensão mais abrangente, inclusiva e complexa do passado e para deixar isso claro, tratamos da conceituação, gênese e evolução da História Oral, tratamos dela enquanto metodologia de pesquisa e retomamos seus quatro gêneros principais: História Oral de Vida, História Oral Temática, Tradição Oral e História Oral Testemunhal, mas dando especial atenção à História Oral de Vida, por ser o gênero que utilizamos nessa pesquisa. Em caráter de aprofundamento entre nosso objeto e metodologia utilizada, trazemos o que dizem as pesquisas de Pós-Graduação acerca da História Oral de Vida buscando observar se outros pesquisadores se aproximaram do nosso objeto de estudo e problema de pesquisa, alinhando-se a ele não só pela metodologia utilizada como também pelos referenciais teóricos em que se embasaram.

Para concluir as bases lógicas e conceituais, trazemos o papel da entrevista na construção do conhecimento histórico, evidenciando-a como arte da escuta em História Oral e como meio essencial para se resgatar a memória do entrevistado. Nossa escolha metodológica recai sobre a entrevista como método principal de coleta de dados, visando o resgate da memória da professora que será entrevistada. Este enfoque não apenas destaca a importância da escuta atenta durante o processo, mas também reconhece a entrevista como uma ferramenta valiosa para capturar e preservar as experiências e narrativas da professora em questão.

Ao privilegiar a fala da professora, o processo de entrevista torna-se um ato de valorização e respeito pela sua trajetória, contribuindo significativamente para a construção de uma história mais rica e multifacetada da educação. Além disso, a entrevista tem um papel de extrema importância nesse processo de “historiar” sua vida, pois possibilita a criação de um registro vivo das práticas pedagógicas, dos desafios enfrentados e das conquistas obtidas ao longo de sua carreira.

2 MARIA DE LOURDES MELO PRAIS: MULHER DE LEMBRANÇAS, ENCONTROS E ESTÓRIAS NA EDUCAÇÃO

"Sou uma mulher de lembranças, encontros e estórias.
Um pouco de fantasia, eu diria.
Gosto de conversar e de relembrar,
costuro sonhos, desato pensamentos.
Coisas de quem vive só, mas encara a solidão.
Quem fica ao meu redor tem que entender que,
vez em sempre, alguma lembrança
será tomada por mim, com prazer.
Aproprio-me devidamente do meu tempo e
sigo em frente acreditando que tudo que foi bom
dura o tempo suficiente para ser inesquecível".
(Prais, 2020)

A epígrafe escolhida para dar início à segunda parte da tese reflete a essência da trajetória de Maria de Lourdes Melo Prais, uma mulher que se define pelas suas lembranças, encontros e estórias, tecidos com um toque de fantasia e alimentados pela riqueza de suas experiências. Suas palavras nos convidam a adentrar um universo no qual memória e narrativa se entrelaçam, revelando uma vida marcada pelo prazer de recordar, pela coragem de enfrentar a solidão e pela habilidade de transformar o cotidiano em um tecido de significados. Ao resgatar momentos do passado e reinterpretá-los no presente, Dedê reafirma a crença de que as experiências verdadeiramente significativas permanecem vivas na memória, tornando-se inesquecíveis. Esta parte da tese, inspirada por sua visão poética, mergulha nas múltiplas facetas de sua vida, explorando as conexões entre os momentos vividos, as relações construídas e o legado que ela deixa para a educação e para aqueles que a cercaram.

Ao se definir como uma "mulher de lembranças, encontros e estórias", Dedê destaca a maneira como constrói sua história a partir dessas dimensões, de modo que as lembranças não são apenas momentos passados, mas se entrelaçam com seus encontros e estórias, que são constantemente recontados, reinterpretados e revividos. Diante do exposto, é possível afirmar que essa frase sintetiza a ideia central da tese: a narrativa de vida de Maria de Lourdes Melo Prais como uma contínua teia de memórias, experiências e relações que se desdobram ao longo do tempo, formando uma história única, mas também universal na medida em que se relaciona com o campo educacional, pessoal e humano.

Ao se definir como “mulher de lembranças”, “Dedê” enfatiza a importância das memórias e como elas permeiam sua identidade, sendo não apenas um reflexo do passado, mas também uma fonte de significado contínuo. A expressão “encontros” aponta para as conexões e interações que marcaram sua jornada, não apenas no sentido físico, mas também no âmbito da intelectual “Prais”. Já “estórias” carrega a ideia de narrativas vividas no âmbito profissional, muitas vezes repletas de subjetividade, fantasia e significados pessoais, que “Dedê Prais” costura e compartilha, seja por meio da palavra falada ou escrita.

Esta parte da tese adentra as lembranças e vivências que, ao longo do tempo, transformaram-se em memórias de uma educadora profundamente dedicada à sua *práxis*. Essas memórias, organizadas em partes e/ou fases, permitem uma análise estruturada de sua trajetória, revelando tanto suas experiências pessoais quanto seu legado como intelectual e educadora, a saber:

. As lembranças singulares da vida pessoal da mulher em formação: Dedê;

. Os encontros acadêmicos da intelectual: Prais;

. A fusão da pessoa e da intelectual nas estórias na profissão: Dedê Prais.

À medida que desvendamos os fios que compõem sua história, buscamos não apenas narrar eventos cronológicos da vida pessoal e profissional, mas também revelar as motivações intrínsecas, os compromissos inquebrantáveis, os valores arraigados, as vozes de pensadores que a inspiraram, os ecos de seu discurso presentes em textos acadêmicos diversos, além da rede de sociabilidade construída que moldou seu compromisso inabalável com a missão educativa.

A história de vida da professora Maria de Lourdes Melo Prais é, pois, uma expressão viva do poder transformador da educação, que emerge como testemunho vibrante do impacto reformador da educação, ilustrando como o compromisso com o ensino vai muito além da sala de aula, influenciando vidas e comunidades de maneira profunda e duradoura. Ao adentrarmos nas trilhas percorridas por essa dedicada educadora, somos conduzidos a um universo de aprendizado e inspiração, no qual cada escolha e cada obstáculo contribuíram para forjar uma trajetória marcada pela excelência e pelo impacto positivo na vida de inúmeras pessoas.

Neste sentido, recorreremos às suas próprias palavras – sejam elas escritas ou faladas – para contar essa história, oferecendo um relato autêntico e genuíno da trajetória inspiradora dessa educadora exemplar que durou “o tempo suficiente para ser inesquecível” (Prais, 2021). De modo que, esta narrativa, fundamentada em sua própria voz e experiências, não só homenageia sua contribuição para a educação, mas também serve como um testemunho da

importância de educadores que, com sabedoria e humanidade, impactam profundamente a sociedade. Além disso, somam-se a essa análise as vozes de alunos, colegas de profissão e amigos que tiveram o privilégio de conviver com ela. Esses depoimentos, repletos de afeto e reconhecimento, destacam o impacto transformador de sua *práxis* e os laços indeléveis que construiu em sua caminhada, de modo que tais relatos enriquecem a narrativa ao demonstrar como a atuação de Dedê ultrapassou os limites do espaço escolar, moldando vidas e comunidades.

Ao utilizarmos suas próprias palavras e seus reflexos em quem foi tocado por sua atuação, esta narrativa torna-se não apenas um tributo à educadora, mas também uma reflexão sobre a importância de educadores que, como ela, deixam marcas profundas e duradouras no tecido social.

2.1 DEDÊ: MULHER DE LEMBRANÇAS SINGULARES

"A lembrança, na verdade, é uma relação de amor,
seu objetivo é sentir saudades, sobretudo,
quando tem um significado especial na nossa vida".
(Prais, 2020)

Nesta seção, exploraremos, essencialmente, as lembranças pessoais da professora Dedê, que são profundamente marcadas por uma relação de amor e saudade. Como ela mesma expressa, na epígrafe: "A lembrança, na verdade, é uma relação de amor, seu objetivo é sentir saudades", assim, por meio dessas lembranças que se tornaram memórias, vamos mergulhar em momentos significativos de sua infância, adolescência e juventude, revelando não apenas a trajetória de vida de Dedê, mas também as influências e experiências que, possivelmente, moldaram sua visão de mundo, sua formação acadêmica e, posteriormente, sua atuação como educadora.

Destaque do "Projeto Encontros[9]", do colunista Décio Bragança, publicado na edição n.º 6.230, do Jornal da Manhã, tratando de assuntos que foram muito além de sua presença à frente da Secretaria de Educação e Cultura, Maria de Lourdes Melo Prais (doravante, referida como Dedê nesta seção, que oferece uma perspectiva mais íntima de suas ideias e vivências pessoais) discorre sobre lembranças de infância, trajetória pessoal e profissional, entre outros temas. Em entrevista de página inteira, publicada em 4 de julho de 1993, de antemão Dedê (1993) concebe a memória como uma relação de amor, cujo propósito é evocar sentimentos nostálgicos e emocionais, sendo capaz de nos conectar com momentos e pessoas do passado de maneira afetuosa e significativa:

> A lembrança da vida da gente é guardada em trechos diversos que não se misturam, que não tem uma sequência lógica, que não tem um alinhavo. A lembrança se parece com os sonhos. A lembrança é a arte do inconsciente. Nela não existe nem tempo, nem espaço, só o espaço e o tempo da saudade – coisa do desejo! A lembrança, a meu ver, é uma relação de amor. Seu objetivo é sentir saudades! (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

Explorando a complexidade da memória e da narrativa, sugerindo que as lembranças são fragmentadas e que evocam diferentes sentimentos, expressando o pensamento de que as

[9] O texto do Projeto Encontros, publicado na edição n.º 6.230 do Jornal da Manhã, foi reproduzido no livro "A História Viva de Uberaba – Pensamento Vivo de...", escrito e publicado por Décio Bragança Silva. Vitória: Editora Vitória, 1994. p. 110-118.

experiências da vida não podem ser contadas de forma linear ou sequencial, pois cada lembrança possui sua própria essência e significado, e algumas delas parecem mais próximas de nós do que outras, independentemente da sua temporalidade; no depoimento supratranscrito, percebemos que Dedê (1993) parafraseou o trecho abaixo da obra "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa[10] (1956), para refletir sobre como cada vivência passada a transformou, e como essas memórias são acessadas e compartilhadas, refletindo a natureza fluida e subjetiva da experiência humana:

> A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe (Rosa, 1994, p. 132).

A intertextualidade se manifesta nas semelhanças entre os trechos de Dedê (1993) e Guimarães Rosa (1956), especialmente na maneira como ambos exploram, por meio de uma linguagem poética, a natureza fragmentada e não linear das lembranças e memórias. Adicionalmente, ambos destacam que as lembranças são compostas por trechos diversos, sem uma sequência lógica ou alinhamento temporal, sugerindo que as lembranças são influenciadas por motivações subjetivas e por emoções, como a saudade.

Nascida em Uberaba, cidade do interior do estado de Minas Gerais, localizada na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, aos dois dias de fevereiro de 1943, Maria de Lourdes Melo Prais ou, simplesmente, "Dedê", identifica-se como uma "aquariana, do dia de Iemanjá[11], que veio ao mundo na última década da primeira parte deste século" (Jornal da Manhã, 1993, p. 10). Em depoimento recente, revelou-nos uma interessante particularidade acerca do seu nascimento: "nasci nesse dia, mas só fui registrada no dia 2 de abril, assim oficialmente, só existo de fato, a partir desta data" (Dedê, 2024). Ela se identifica como uberabense e aquariana, afirmando com humor: "Sou aquariana e não abro mão do meu signo, porque dizem que o aquariano vive cem anos à frente. Será?" (Dedê, 2024).

"A última de uma família de doze filhos" (Dedê, 2024) do casal Badio Mariano Prais e Genoveva de Melo Prais, ou como ela carinhosamente os denomina: "Dr. Badio" e Dona "Genô" (Jornal da Manhã, 1993, p. 10). Ela se descreve como a caçula da família, afirmando

[10] João Guimarães Rosa (1908-1967) foi um poeta, diplomata, novelista, romancista, contista e médico brasileiro, considerado por muitos o maior escritor brasileiro do século XX e um dos maiores de todos os tempos.

[11] Iemanjá é um orixá (divindade africana) feminino das religiões Candomblé e Umbanda.

ter sido muito mimada pelos irmãos: “Sou caçula e fui muito paparicada pelos meus irmãos. Considero que tenha tido seis mães e cinco pais, pois, junto com meus pais, todos os meus irmãos e irmãs cuidavam muito de mim”, recorda-se (Dedê, 2024). Lamentavelmente, conforme relato da própria Dedê (2024), restam vivos apenas três dos doze irmãos: ela, uma irmã e um irmão.

Dedê (1993) elogia os pais definindo-os como “pessoas nota dez” (p. 12, pré-textual) e como verdadeiros especialistas em educação e talvez por incentivo deles tenha se dedicado integralmente à profissão de professora e à educação e, em consequência disso, nunca tenha se casado:

> Eram sem sombra de dúvidas “*experts*”, fora de série em termos de educação. Eles educaram de forma surpreendente os seus dez dos doze filhos que tiveram. Dois morreram ainda muito pequenos. A compreensão de educação, do uso da liberdade, do respeito ao outro, da honestidade, da tolerância, os fez grandes educadores e ótimos pais (Jornal da Manhã, 1993, p. 10). [...] Educaram seus filhos tendo por base a honestidade, a justiça, o respeito e a liberdade de cada um (Dedê, 2024).

Para Pinsky (2011, p. 608), “na família-modelo dessa época os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos”. Evocando outras recordações acerca de sua família, Dedê (1993, 2024) relata que os pais não eram uberabenses, embora tivessem vivido a maior parte de suas vidas na cidade, já que chegaram em Uberaba ainda crianças: o pai, que era natural de “Juiz de Fora”, chegou em Uberaba no ano de 1915 e, casou-se com sua mãe, que era “paulistana”, dois anos após sua chegada à cidade, ou seja, no ano de 1917 (Jornal da Manhã, 1993, p. 10):

> Meu pai vem do século passado, nasceu em 1894, e minha mãe do princípio do século, em 1900. [...] Meu pai era cirurgião-dentista, formado pela Escola Superior de Odontologia de Belo Horizonte. Possuía a força dos mansos, a resistência dos pacíficos. Conquistou seu espaço na vida, subindo degrau a degrau, suavemente sem alarde, com firmeza e dedicação. Era um homem de gestos puros e tranquilos. O bom senso foi uma de suas grandes técnicas de vida. Acreditava sempre que o dia seguinte seria melhor e que haveria solução para todos os problemas (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

Em conformidade com Bosi (1995, p. 349), “a figura paterna é alvo de uma apreensão de traços espirituais, não físicos, também como acontece com a figura materna” entendendo “que isso se dê pela presença mais concreta da mãe na vida do lar, onde o contato corporal mãe-criança constitui as primeiras relações afetivas”. Essa afirmação sugere que a proximidade física entre mãe e criança nos estágios iniciais da vida estabelece as bases para as primeiras conexões consideradas fundamentais para o bem-estar emocional e o desenvolvimento saudável de uma criança. As lembranças dos pais, elencadas por Dedê (1993, 2024), revelam-nos

aspectos significativos de sua história, dando-nos uma visão íntima da influência familiar e dos valores transmitidos de geração em geração, que possivelmente moldaram sua própria abordagem em relação à vida e à educação.

Bosi (1995, p. 347) reitera esse pensamento ao afirmar que "a imagem de nosso pai caminha conosco através da vida. Podemos escolher dele uma fisionomia e conservá-la no decurso do tempo". Dedê (2024) exibe com orgulho, em seu escritório, o diploma de cirurgião-dentista do Dr. Badio Mariano Prais, emoldurado e colocado em destaque ao lado de uma fotografia do Boris, carinhosamente chamado de "Borinho", seu fiel companheiro da raça Shih Tzu que a acompanhou por quase 15 anos, até sua partida em dezembro de 2016, e de outra foto de Paulo Freire. Orgulhosa, Dedê (2024) relata que seu pai foi o primeiro cirurgião-dentista formado a exercer a profissão em Uberaba, onde, até então, atuavam apenas dentistas práticos[12].

No trecho, a seguir, evidencia-se a presença marcante dos livros do Dr. Badio descrito como um "homem de gestos simples, puros e tranquilos, que resolvia tudo com muito bom senso" (Dedê, 2024), influenciando profundamente a infância de Dedê, mas com ressalvas a livros como "Lucíola" (1862), por exemplo, certamente por ser romance que retrata a vida de uma cortesã – tema considerado ousado para as expectativas da época e nada recomendável em um "romance para as moças" (Pinsky, 2011, p. 608) de família nos anos dourados, época em que se "classificavam as jovens em moças de família e moças levianas" (Pinsky, 2011, p. 610):

> Lembro-me também da farta estante de livros do meu pai, que a minha curiosidade de menina não podia deixar despercebida. Eram livros de atualização profissional, mas também romances brasileiros como Lucíola de José de Alencar[13] e os livros de Carlos Heitor Cony[14]. Só que esses livros eram proibidos. Tive acesso a eles depois de estar na faculdade (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

Naquela época era "comum que pais e professores procurassem exercer um controle sobre o que leem as garotas", oferecendo-lhes "leituras recomendáveis" e "leituras instrutivas" apropriadas às "moças de família" (Pinsky, 2014, p. 148). Não obstante, existiam leituras consideradas rigorosamente proibidas ou que sofriam algum tipo de restrição, "como as histórias da revista Querida, as fotonovelas picantes, os livros de Jorge Amado ou de Eça de

[12] Dentista prático era um profissional não graduado em odontologia, que aprendia técnicas de maneira empírica ou por meio de instruções informais, e atuavam realizando extrações, obturações e outros procedimentos básicos, atendendo principalmente em áreas com escassez de dentistas formados.

[13] José Martiniano de Alencar (1829-1877) foi um jornalista, advogado, político e escritor romântico brasileiro.

[14] Carlos Heitor Cony (1926-2018) foi um jornalista e escritor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras desde 2000. Atuou como colunista da Folha de São Paulo e comentarista da rádio CBN.

Queiroz, por exemplo" (Pinsky, 2014, p. 148) cujas narrativas frequentemente abordavam questões sociais e sexuais que desafiavam os valores tradicionais da época.

Acerca da mãe, mulher corajosa, cuja personalidade singular refletia uma síntese original de força e delicadeza e se casou muito jovem: aos 17 anos de idade, Dedê (1993, 2024), afiança que com "caríssima emoção, se lembra dos doces de tacho, de sua alegria permanente" e do seu "hino ao trabalho" (Jornal da Manhã, 1993, p. 10) o que a fez compreender desde tenra idade que o "homem só se realiza através do trabalho" (Jornal da Manhã, 1993, p. 10). "O homem é aquilo que faz, dizia ela, sem saber que era alta filosofia..." (Jornal da Manhã, 1993, p. 10). O conceito elaborado por sua mãe ressalta a centralidade do trabalho na vida humana e na construção do sentido de vida por meio da atividade laboral, sugerindo-nos que a vida cotidiana pode ser uma fonte intrínseca de sabedoria e de reflexão. O conceito de Dona Genô é, também, reforçado por Bosi (1995, p. 348) ao afirmar que "a figura materna pode ser descrita por traços físicos ou morais ou mesmo através do seu trabalho" ressaltando-se a multiplicidade de formas pelas quais as mães contribuem para o bem-estar e o desenvolvimento de suas famílias e das comunidades em que estão inseridas. Corroborando, Pinsky (2011, p. 608-609) acrescenta que "a mulher era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura". Essas expectativas moldavam a identidade feminina de maneira rígida, restringindo seu papel à esfera doméstica e à conformidade com os ideais de comportamento passivo e submisso.

Ampliando as lembranças da figura materna, Dedê (1993, 2024) reforça, ainda, que a mãe era professora primária e que se revelou emérita educadora dos próprios filhos: "Era doce, alegre, mas muito severa, muito brava. Achava que os desafios deveriam ser sempre enfrentados, sem medo e com ousadia" (Jornal da Manhã, 1993, p. 10). As palavras utilizadas por Dedê (1993) para descrever a mãe sugerem que Dona Genô era mulher de personalidade forte e decidida, que buscava inspirar essa mesma atitude nos filhos e, principalmente, que ela correspondia ao padrão tradicional mencionado por Pinsky (2011, p. 609) pois "a vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade" e essas marcas estavam presentes em Dona Genô que se dedicava às responsabilidades domésticas, como o cuidado dos filhos e do marido, além da manutenção do lar.

Sobre os "laços de convivência familiares" (Bosi, 1995, p. 332), melhor dizendo sobre os vínculos emocionais e afetivos que unem os membros de uma família, Dedê (1993) relembra:

> Sem fazer dos momentos difíceis (... e quantos!) uma tragédia, sem fazer dos bons e tranquilos momentos uma euforia barulhenta, meus pais se impuseram na comunidade de Uberaba correta e tranquilamente diante da vida. Acho que é essa a lembrança daqueles que puderam desfrutar da convivência de Dr. Badio e Dona Genô (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

Nas palavras de Bosi (1995, p. 344), "as lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada [...] suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar". Elas são "unas" no sentido de que fazem parte de uma experiência coletiva compartilhada pelo grupo doméstico como um todo e, ao mesmo tempo, são "diferenciadas", indicando que cada membro percebe, recorda e interpreta essas lembranças de maneira única e pessoal.

As singularidades das "lembranças do grupo doméstico" representam, pois, "uma mediação entre a criança e o mundo" (Bosi, 1995, p. 344) e ao serem descritas por Dedê (1993) no trecho abaixo, infere-se que, as lembranças de uma infância, definida por ela mesma como "feliz" (Jornal da Manhã, 1993, p. 10), podem ser personificadas quando afirma que a casa era animada, sempre aberta para as crianças da vizinhança, proporcionando um ambiente cheio de brincadeiras, atividades e jogos, de modo que sua narrativa destaca a atmosfera alegre a que se refere, com a rua sendo um espaço compartilhado para diversão e criatividade. No entanto, Dedê (1993) reconhece a dificuldade de expressar completamente essas lembranças, talvez devido ao tempo que se passou e à complexidade de certas memórias em se manterem vívidas e imutáveis:

> Tanto quanto eu me lembro, minha infância foi muito feliz. A nossa casa era muito alegre, cheia de gente, de portas sempre abertas para a meninada da rua Segismundo Mendes e da redondeza, da Rua Alaor Prata e da Avenida Leopoldino. Lá a criançada encontrava espaço para os jogos de amarelinha, bola de gude, pingue-pongue, peão e para os ensaios de teatro, com salas de projeção. Fazíamos a projeção com velas. Os artistas eram de papel, movidos por diálogos criados e alinhavados na lógica dos que acreditavam que a vida é feita de festa e luz. Contar tudo isso é como diz o caboclo de Guimarães Rosa, o Riobaldo; "É uma coisa muito dificultosa!" A dificuldade não é pelas coisas e os anos que já se passaram, mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancé, de se remexerem dos lugares (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

A intertextualidade estabelecida pela referência ao personagem Riobaldo, do livro Grande Sertão: Veredas (1956), e à sua célebre frase "Contar é muito, muito dificultoso" (Rosa, 1994, p. 253), ilustra a complexidade e o desafio de reviver e narrar memórias significativas. Riobaldo, um personagem marcado por suas experiências profundas e, muitas vezes, conflituosas, expressa a dificuldade de contar a própria história, justamente porque o processo de narrativa exige não apenas a rememoração, mas também uma reflexão sobre as emoções, os

sentimentos e os significados associados a esses momentos. Ao utilizar essa referência, Dedê (1993) estabelece uma analogia com o esforço de reviver e narrar uma infância repleta de vida e felicidade, sugerindo que, embora essas memórias sejam valiosas e carregadas de emoção, sua transmissão é um processo desafiador.

Assim como Riobaldo, que expressa a dificuldade de contar uma história expressiva, Dedê (1993) também nos lembra que reviver o passado envolve mais do que simplesmente recordar fatos: trata-se de traduzir o intangível e o subjetivo em palavras. Dessa forma, o ato de narrar se torna uma tarefa complexa e cheia de nuances. Dedê (1993), provavelmente, parafraseou essa citação para enfatizar que o exercício de recordar não se limita a reviver acontecimentos, mas também envolve compreender como essas memórias se entrelaçam e se transformam ao longo do tempo. Outrossim, é possível perceber que a citação dá um tom poético e filosófico à reflexão de Dedê (1993) sobre suas próprias experiências, ligando, mais uma vez, sua narrativa pessoal à rica tradição literária brasileira representada por Guimarães Rosa.

Figura 1 - Dedê sentada no muro de sua residência

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1950).

A imagem de Dedê sentada sobre a mureta da casa da Rua Segismundo Mendes, representada acima, carrega mais do que um simples registro fotográfico da infância — ela é uma porta de entrada para o universo das lembranças que marcam sua trajetória afetiva e formativa. Com um vestido branco bordado, laço no cabelo e sorriso sereno, a menina revela traços de delicadeza e firmeza que, mais tarde, se manifestariam em sua postura profissional como educadora.

Essa casa, situada no coração da cidade de Uberaba, foi mais do que morada: foi o espaço simbólico de suas primeiras aprendizagens, valores familiares e convivências marcantes. O muro onde se senta, com os pés pendentes e o corpo inclinado para frente, torna-se metáfora de uma infância entre o aconchego do lar e os primeiros olhares para o mundo. A presença do portão, da escada e dos elementos arquitetônicos ao fundo reforça o pertencimento a uma família que prezava pela educação, pelo cuidado e pelas tradições. A imagem, portanto, não é apenas memória afetiva, mas um documento que ilustra a fase da "Dedê", marcada por vínculos familiares intensos, por experiências cotidianas que moldaram sua sensibilidade e por um território de afetos que sustentaria sua caminhada como mulher e educadora.

Nesse sentido, é importante reconhecer que, para uma criança, o mundo é inicialmente delimitado por esses espaços íntimos e cotidianos — a casa, o quintal, a rua próxima, o bairro, e, de forma especial, a casa materna. É dentro desses limites que se constroem as primeiras referências, os significados e as relações que dão forma à subjetividade em formação. Segundo Bosi (1995, p. 356):

> nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância. [...] O espaço da primeira infância pode não transpor os limites da casa materna, do quintal, de um pedaço de rua, de bairro. Seu espaço nos parece enorme, cheio de possibilidades de aventura (Bosi, 1995, p. 356).

Essas possibilidades de aventuras, citadas por Bosi (1995) emergem das palavras de Dedê (1993), quando define os limites das ruas Segismundo Mendes e Alaor Prata e da Avenida Leopoldino de Oliveira para atuação da meninada que frequentava sua casa, reforçando a importância do ambiente imediato na formação das primeiras experiências e aventuras das crianças. Completando seu pensamento, Bosi (1995, p. 361) assegura que "a casa onde se desenvolve uma criança é povoada de coisas também preciosas, que não têm preço" destacando que, além dos bens materiais, há aspectos intangíveis e significativos presentes no ambiente familiar que contribuem sobremaneira para seu desenvolvimento e formação pessoal.

Em suas palavras, entre as lembranças da infância e juventude, duas se sobressaem:

> Duas lembranças da minha infância e juventude são muito fortes: 1º) o hino ao trabalho entoado por minha mãe enquanto aguava as plantas do jardim ou mexia a colher no tacho, fazendo doces ou sabão, e que me fez compreender, desde cedo, que o homem só se realiza naquilo que faz, e 2º) a farta estante de livros de meu pai que despertavam a minha curiosidade e que me tornaram amante da leitura (Dedê, 2024).

Tendo em conta que, a trajetória escolar é um tema de grande relevância no processo de formação integral de uma criança, uma vez que envolve não apenas a aquisição de conhecimentos acadêmicos, mas também o desenvolvimento de habilidades, competências socioemocionais e valores que são essenciais para a formação integral de um indivíduo, Dedê (1993) justifica-se:

> Eu gostaria de ser totalmente fiel à minha memória e contar coisas que realmente aconteceram sem me deixar contaminar pelo risco de estar convencida de coisas que não aconteceram. O risco quando se recorda, sempre há, porque como foi dito, as lembranças se parecem sonhos e aí a memória nos trai, sobretudo quando se faz uma narrativa que teve um significado muito especial em nossa vida. Fui para a escola na idade certa, com sete anos, já curtindo uma grande paixão pelo colégio Nossa Senhora das Dores, pois tanto minha mãe e minhas irmãs estudaram lá. Isso facilitou muito minha adaptação na escola, pois os princípios norteadores e os valores de dentro da minha casa acabavam por coincidir com os da escola (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

Cumpre elucidar que, o Colégio Nossa Senhora das Dores, a que se refere Dedê (1993), foi fundado pelas Irmãs Dominicanas, em 30 de dezembro 1885, na cidade de Uberaba (MG), sendo destinado exclusivamente à formação feminina até o ano de 1973, quando passou a aceitar alunos do sexo masculino. Com uma história marcada pelo regime de internato e externato, a instituição priorizava a formação integral das alunas, seguindo os princípios cristãos e dominicanos. Reconhecido pela comunidade local e regional, o colégio destacava-se pela preocupação com a formação de seus educandos, promovendo valores como comunhão, verdade e solidariedade. Ao longo das décadas, as Irmãs Dominicanas desempenharam um papel fundamental na educação das moças da região, preparando-as para alcançar sucesso tanto no âmbito profissional quanto familiar (Moura, 2002, p. 42-43; Moura; Inacio Filho, 2008, p. 3). Além disso, para muitos, a educação feminina era considerada inseparável de uma formação cristã sólida, vista como o elemento central de qualquer projeto educacional. É importante ressaltar que, embora o termo “cristã” abrangesse diversos aspectos, na sociedade brasileira da época, essa referência estava intimamente ligada ao catolicismo, mesmo com a formalização da separação entre a Igreja Católica e o Estado durante a República (Louro, 2011, p. 447).

Motivada pela familiaridade com o ambiente regido pela filosofia dominicana, que é “pautada nos valores éticos, transcendentes e sociais, buscando a integração do homem consigo mesmo, com o outro, com a natureza e com Deus para que ele alcance a realização pessoal, despertando no outro a afetividade, a confiança, a empatia e o respeito, de forma espontânea”

(Revista 130 anos, 2015, p. 3), Dedê (1993, 2025) revela que teve uma transição suave quando ingressou na referida escola confessional católica, uma vez que tanto sua mãe quanto sua irmã Maria Nete, que já era professora no Grupo Brasil, estudaram no CNSD. Além disso, quando Dedê ingressou no colégio, suas irmãs Regina, Maria Lúcia e Maria Dirce ainda eram alunas lá, o que facilitou ainda mais sua adaptação:

> No colégio, convivi com educadores de formação rígida e tradicional, num ambiente em que se cultivava o esforço, o trabalho intelectual, a competência, o respeito pelo indivíduo, o compromisso com os outros, a obrigação e a resignação, o perdão, o crescimento pessoal, a ética cristã, enfim. Ao mesmo tempo, no Colégio Nossa Senhora das Dores, acho que pela orientação dominicana, havia uma preocupação com a justiça social, o que naquela época era incomum e ousado (Jornal da Manhã, 1993, p. 10). [...] Posteriormente lutei para deixar de ser resignada, pois, na verdade gosto mesmo de ser indignada (Dedê, 2024).

Em razão das boas influências recebidas, Dedê (1993) considera que seu estilo de vida e seu compromisso com o outro e com o mundo se devem à sua "convivência com os mestres, numa combinação peculiar de ordem, liberdade pessoal e consciência social" (Jornal da Manhã, 1993, p. 10), sugerindo que a influência desses educadores foi fundamental para moldar sua ética e perspectiva de mundo, integrando valores individuais com uma consciência ampliada sobre questões sociais:

> Desses mestres lembro-me com carinho da Irmã Maria Rita, autoridade mesclada com bom-senso e afetividade. Ela impunha respeito, mas a meninada gostava muito dela. Muitos outros professores me impressionavam por sua competência, pelo domínio do conteúdo e pela relação de amizade como o caso de Maria de Lourdes Murtinho, Soeur Bernard, Irmã Heloisa, Irmã Marieta, Irmã Celeste, Irmã Elisa, Irmã Stella, Irmã Ester, professor Virginio, professor Juarez, professor Agostinho Stacciarini, Leila Magalhães, Sara Vilaça e Antonieta Borges Lopes (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

Esses educadores são lembrados por ela como figuras expressivas que contribuíram para a sua formação e para seu desenvolvimento pessoal, marcando-a cada qual à sua maneira. Sobre essa época, Dedê (1993, 2025) rememora, com "emoção infantil", que "liderou aos 12 anos de idade, na segunda série ginasial", sua "primeira greve contra os altos preços das anuidades das Escolas Particulares", quando saiu da fila e gritou "greve" motivada por presenciar uma passeata de um grupo da UNE no pátio da escola. Aos 13 anos, demonstrou seu espírito questionador ao "desafiar os gritos da professora em sala de aula", evidenciando sua postura crítica e engajada desde cedo (Dedê, 2025). Ela também relata que entre 1960 e 1961 participou do "movimento em defesa do ensino público" (Jornal da Manhã, 1993, p. 10). Dos fatos elencados, podemos inferir que, mesmo em tenra idade, Dedê já demonstrava um senso de justiça e consciência social desenvolvidos, revelados a partir de sua disposição para enfrentar injustiças e lutar pelos direitos sociais coletivos.

Ampliando as memórias de sua trajetória acadêmica, Dedê (2020) reitera como ocorreu sua formação escolar em artigo de própria autoria, publicado no Jornal da Manhã, em 15 de dezembro de 2020, em virtude da celebração dos 135 anos da presença das dominicanas entre nós:

> Refiro-me à minha descoberta como educadora, onde, sem dúvida, as dominicanas têm um papel de destaque. Toda a minha trajetória escolar, exceto a minha Pós-Graduação, aconteceu sob a influência das dominicanas. No Colégio N. S. das Dores recebi e trabalhei num ambiente de formação rígida e tradicional, em que se cultivava o trabalho intelectual, a competência, o respeito, o compromisso com o outro, o perdão e a justiça social, enfim a ética cristã, sem resignação, pois de fato aprendi a ser indignada e, por isso, sempre luto contra as injustiças sociais que muitas vezes se colocam entre nós (Prais, 2020).

Ex-aluna e professora do Colégio Nossa Senhora das Dores, Dedê (2020) considera que a presença das dominicanas na cidade de Uberaba, "tem muito a dizer sobre a 'grandeza e boniteza[15]' (como diria Paulo Freire) da inconfundível e irretocável de suas contribuições na Educação da cidade" (Prais, 2020). Ao utilizar expressões típicas do discurso de Freire, Dedê (2020) tece elogios não apenas à magnitude, mas também à beleza intrínseca das contribuições das dominicanas ao processo educacional da cidade. As contribuições a que se refere, podem ser melhor explicitadas no excerto:

> Sem dúvida, posso afirmar que a Ética cristã foi o eixo nuclear de seus trabalhos. Em decorrência disso, a preocupação com a formação humana no seu todo sempre esteve em foco, nas suas diferentes propostas curriculares. Disto resultou a constante preocupação de trabalhar congregando a informação com a dimensão do APRENDER A SER, ou seja, a ênfase no humanismo foi o que lhes permitiu destacarem-se como verdadeiras educadoras, pois, além do conhecimento, buscavam o crescimento humano, a consciência política e os compromissos com a vida em sociedade. Portanto, num reconhecimento sincero, registro a importância das dominicanas em minha formação de educadora (Prais, 2020).

Esse fragmento reflete sobre como a ética cristã tem sido o ponto focal das propostas curriculares das dominicanas, influenciando a abordagem da formação humana de maneira abrangente na escola em que Dedê não só estudou, como também foi professora. A ênfase no "aprender a ser" (expressão por ela utilizada, relaciona-se a um dos "Quatro pilares da educação[16]", propostos por Delors (1996), indica uma preocupação não apenas com o

[15] Paulo Freire (1921-1997) utilizava a palavra "boniteza" para capturar a essência estética e ética da educação transformadora. O termo aparece em diversas obras do educador, pedagogo e filósofo brasileiro, dentre elas: Educação como prática da liberdade (1967); Pedagogia da Esperança (1992); Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar (1993); Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha *práxis* (1994); Pedagogia da Autonomia (1997) e Pedagogia da Indignação (2000).

[16] Os quatro pilares da educação propostos pelo francês Jacques Delors no relatório "Educação: um tesouro a descobrir" (1996), elaborado para a UNESCO, são fundamentais para uma educação que visa o desenvolvimento

conhecimento acadêmico, mas também com o desenvolvimento humano, a consciência política e o compromisso com a vida em sociedade. Esse entendimento, conversa com artigo que Dedê (2008) publicou na Revista Perspectivas em Políticas, elaborado a partir do texto original no "Eixo temático II: Democratização da Gestão e Qualidade Social da Educação", que compõe o "Relatório Final da Conferência Estadual de Educação Básica: a contribuição de Minas na construção do Sistema Nacional Articulado de Educação" (2007), coordenado por ela:

> a escola constitui-se, a um só tempo, em ambiente de aprendizagem e de formação humana-cidadã, procurando priorizar, na formação dos alunos, as múltiplas dimensões do ser humano, ou seja, incorporando, no ato educativo, atividades intelectuais, morais, sociais e afetivas, enfim, congregando o que, na vida, não se separa, buscando formar pessoas competentes e autônomas e, ao mesmo tempo, éticas, afetivas, solidárias, democráticas, enfim, cidadãs (Prais, 2008, p. 170; Prais, 2007, p. 2-3).

Além do que, a referência às dominicanas sugere que essas mulheres, associadas à Ordem Religiosa das Dominicanas, desempenharam um papel valoroso enquanto educadoras, destacando-se pela busca não apenas do conhecimento, mas também pelo crescimento humano e valores éticos. Seu discurso demonstra que, embora recebesse uma "formação rígida e tradicional", na instituição que frequentou, como ela mesma faz questão de ressaltar, desde cedo, Dedê aprendeu a se indignar diante das injustiças sociais, desenvolvendo um senso crítico e uma postura ativa na luta contra as desigualdades que, frequentemente, manifestam-se na sociedade. Isso sugere que a educação recebida não se limitou a enfatizar valores éticos, mas também incentivou o questionamento das estruturas sociais estabelecidas, promovendo uma postura crítica e um forte engajamento social. Ao internalizar esses princípios, Dedê abraçou uma missão de transformação social, comprometendo-se com a luta por um mundo mais justo e igualitário.

Honrando a influência recebida, saudosa Dedê (2020) conclui:

> Assim, caras dominicanas, como coração saudoso, mas reconhecido, sou-lhes eternamente grata e lhes digo: "Não há consciência sem memória". Assim, registro aqui minha gratidão e toda a minha reverência, dizendo-lhes: Tudo que foi bom dura o tempo suficiente para ser inesquecível (Prais, 2020).

Ao afirmar que a memória é essencial para a formação da consciência, Dedê (2020) expressa a ideia de que a consciência de uma pessoa está intrinsecamente ligada à sua capacidade de recordar e reter informações sobre o passado, informações essas que lembramos e valorizamos. Além disso, ela parece sugerir que a consciência que ela desenvolveu,

integral do ser humano. Esses pilares são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

especialmente em relação a valores éticos e sociais, foi moldada a partir das experiências e ensinamentos transmitidos pelas dominicanas ao longo de sua trajetória educacional.

Considerando o tempo de rememorar, Bosi (1995) define a adolescência como um "período de transição, não de declínio", ao contrário da velhice, que é caracterizada como a fase em que o "indivíduo diminuído luta para continuar sendo um homem" (p. 37). Em relação à juventude, Bosi (1995) a descreve como um "território transposto com o passo mais desembaraçado" (p. 337), enfatizando a liberdade e a vitalidade dessa etapa (Bosi, 1995, p. 37-337). Para tratar dessa fase da vida descrita por Bosi (1995), Dedê (1993) evoca lembranças de sua adolescência, caracterizada por uma atmosfera vibrante e engajada, definindo-a como "tempos de nó na garganta":

> Não posso me esquecer da minha adolescência, "dos tempos de nó na garganta". Era uma turma barulhenta, alegre e de alma incendiada de paixão revolucionária. Amava os Beatles e os Rolling Stones e protestava ao som de Caetano, Gil, Vandré e se comunicava nos palcos do Festival de Chapadão e nos núcleos teatrais então existentes: TEU e NATA. Lembro-me de Mário Edson, Deusedino, Demilton Dib, Isa Tiradentes, Maurílio, sempre no comando... Era muito gostoso! Era uma convivência sadia, muito irmanada! Lembro-me, ainda, que minha casa era ponto de encontro, não só da vizinhança como também dos amigos dos meus irmãos e dos meus. Toda noite era uma festa em minha casa. Dona Genoveva, já sabendo disso, preparava sempre uma nova guloseima para a noite (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

A expressão "dos tempos de nó na garganta" encapsula a intensidade emocional da fase, enquanto as referências culturais e as atividades coletivas pintam um quadro vibrante de uma juventude que se comunicava e se manifestava por meio da música, do teatro e dos movimentos sociais. As memórias da adolescência de Dedê (1993) são reiteradas em trecho do livro "Uberaba 200 anos - no coração do Brasil" organizado pela Superintendente do Arquivo Público Municipal de Uberaba, Marta Zednik Casanova, no qual discorre: "Os anos 60 ficaram marcados pelo surgimento e atuação do Núcleo Artístico de Teatro Amador (NATA), do Teatro Experimental de Uberaba (TEU), onde pontificaram, respectivamente, Deusedino Martins e Maurílio de Morais e Castro, do Núcleo Universitário Teatral Uberabense (NUTU)" (Casanova (2020, p. 689).

É possível verificar que, ambos os relatos remetem à efervescência cultural e artística que marcou os anos 60 na cidade de Uberaba, confirmando não só a importância do teatro amador na vida da comunidade local, como também ratificando que os amigos aos quais se refere Dedê (1993) legitimamente eram figuras proeminentes no contexto histórico-cultural da época, envolvidos nesses grupos teatrais. A recapitulação de suas memórias ressalta a importância dessas experiências de juventude na formação de sua identidade e valores, transmitindo uma sensação de nostalgia e apreço pela vivacidade daquela época, em que "os

jovens brasileiros dos centros urbanos não ficam imunes ao contexto de transformações sociais que, nos anos 1950, afetam a juventude como um todo" (Pinsky, 2014, p. 164).

Até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n.º 5.692/71), o Ensino Médio no Brasil era organizado em três modalidades: o curso científico, o curso clássico e o curso normal (Brasil, 1942). Entre essas opções, Dedê (2024) relata ter escolhido o curso clássico, conhecido por sua ênfase na formação intelectual ampla, especialmente no campo das humanidades. Esse percurso proporcionou a ela um aprendizado aprofundado de filosofia e o estudo das letras antigas, incluindo latim, francês e inglês, o que contribuiu significativamente para a construção de sua base cultural e reflexiva sólidas.

Figura 2 - Formatura do Curso Clássico

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1961).

A Figura 2 ilustra um momento solene na vida de Dedê, no qual ela está ladeada pelos seus pais, “Dr. Badio” e Dona “Genô”, durante sua cerimônia de formatura no Curso Clássico, do Colégio Nossa Senhora das Dores, concretizada no ano de 1961. Nessa imagem, é possível perceber a expressão de orgulho e felicidade estampada nos rostos dos três, especialmente no do pai, ao entregar o certificado à filha. O momento simboliza a alegria da primeira conquista acadêmica de Dedê, marcada pelo afeto e pelo reconhecimento familiar.

Em 1962, Dedê prestou vestibular na Fista, influenciada por uma irmã, a quem admirava profundamente e que havia cursado Letras na mesma instituição. Em seu relato, Dedê (2024) compartilha uma situação curiosa: ao chegar para fazer a inscrição, a responsável perguntou qual curso ela desejava escolher e, de maneira descontraída, ela respondeu: “Qualquer um, depois que passar eu escolho”. No entanto, a moça insistiu, explicando que não seria possível a inscrição sem definição do curso pretendido, foi então que Dedê, sem pensar muito, respondeu: “Pedagogia, então!”.

Aos 18 anos, Dedê deu início à sua trajetória universitária, matriculando-se no curso de Pedagogia, que frequentou entre 1962 e 1965. Esse período marca uma fase importante em sua vida, influenciando não apenas seu desenvolvimento intelectual, mas também moldando sua perspectiva sobre a educação e seu papel na sociedade, conforme relatado a Bragança (1993):

> Terminado o colégio, fui para a Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino, que sem dúvida nenhuma, era uma verdadeira casa de educação, onde se encontrava conhecimento, fraternidade; consciência política e compromisso social. Ali consolidei minha formação, tive mestres inesquecíveis (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

Soares (2022, p. 168) também apresenta relato que ilustra não apenas a precocidade e a competência de Dedê, que já ocupava um cargo de direção escolar antes mesmo de completar sua graduação, mas também evidencia o peso de suas múltiplas funções e compromissos como educadora em diferentes instituições de ensino:

> Iniciei o curso de Pedagogia em 1962 e me formei em 1965. Com 22 anos lecionei aulas, pois com 21 anos já estava na Direção Escolar. Quando recebi o convite das Irmãs Dominicanas para dar aula, não aceitei no início. Eu dava aula no Ginásio Nossa Senhora da Abadia, no Nossa Senhora das Dores e também no Colégio Triângulo Mineiro. Tinha vários compromissos (Soares, 2022, p. 168).

Dedê (2022) rememora com nostalgia o momento marcante de sua aprovação na faculdade, que pode ser verificada em descrição vividamente feliz dada em depoimento concedido a Soares (2022, p. 249):

> Na JEC já tinha conhecido o Padre Prata e Monsenhor Juvenal Arduini. Na faculdade o Padre Prata foi assim [risos]... Eu estava tomando café e ele falou: até você passou no vestibular? Eu perguntei: porque até eu? Ele falou: você tem cara de treze anos. Eu respondi - menina prodígio. Padre Prata dava aulas excelentes. Grande amigo nos momentos bons e difíceis. Padre Prata ministrava disciplinas de Sociologia Educacional, Sociologia Geral, Filosofia da Educação... Até esqueci as demais disciplinas (Soares, 2022, p. 249).

"Antes de ingressar na Fista como aluna do curso de Pedagogia, atuou como membro da Juventude Estudantil Católica (JEC) e, posteriormente, como estudante universitária, participou da Juventude Universitária Católica (JUC)" (Soares, 2022, p. 168), período em que conviveu com Padre Prata e Monsenhor Juvenal Arduini. Dedê (2007) compartilha mais detalhes sobre a militância estudantil em que atuava, incluindo o convite para integrar o Partido Operário Libertador (POLOP), e "denunciando que a Ditadura, em Uberaba, afetou de modo especial a Fista" (Paula, 2007, p. 104), em entrevista concedida a Paula (2007, p. 181):

> Como militante estudantil, fui integrante da JUC em Uberaba. Quando universitária, já nos primeiros anos, fui convidada a integrar a POLOP. Estive pouco tempo ligada a eles, pois, o grupo de Uberaba era muito restrito e pequeno. Participei de algumas reuniões da UNE, fui membro do Diretório Acadêmico da FISTA. Pertencia ao grupo político que se reunia com certa constância, com os que estudavam fora, e se reuniam em Uberaba. Era um grupo muito participativo, Renato Montandom, José Raimundo Alves Pinto, Aurélio Bastos, Vicente Braga, entre outros. As reuniões eram dirigidas pelo Aurélio de Uberaba, que foi preso político. Naquela época, estudava na UnB, e discutia com o grupo a obra O Capital[17] de Karl Marx (Paula, 2007, p. 181).

Discutir a obra de Marx em tempos de Ditadura Militar, no grupo liderado pelo ainda amigo Aurélio Wander Chaves Bastos[18], não se limitava a um mero exercício intelectual acadêmico. Em um contexto de repressão política e censura, essa atividade representava uma forma de resistência e de busca por transformação social, uma vez que a obra de Marx, especialmente "O Capital", oferece uma crítica profunda ao capitalismo e apresenta ideias que podem inspirar ações revolucionárias e a contestar o *status quo*. Esse tipo de discussão fomentava a conscientização política e a solidariedade entre os membros do grupo, reforçando o compromisso com a luta contra a opressão e a injustiça social. Assim, participar dessas reuniões eram um ato de coragem e resistência, com potencial de impactar e mobilizar ações concretas contra o regime opressor.

A Figura 3 retrata o coquetel de formatura de Maria de Lourdes Melo Prais, que se encontra sorrindo, posicionada no lado esquerdo da fotografia, com o rosto voltado para a

[17] Dividida em três volumes, a obra "O Capital" (1867), do filósofo alemão Karl Marx (1818-1883), faz uma análise profunda do capitalismo e uma crítica à economia política moderna.

[18] Aurélio Wander Chaves Bastos é um jurista, advogado, doutor em Ciência Política, professor e decano da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

câmera fotográfica e no centro da imagem está o Padre Thomaz de Aquino Prata. Cabe salientar que, a Fista era uma instituição católica e representantes da Igreja Católica participavam de solenidades de formaturas (Soares, 2022, p. 155). Dedê (2019) faz referência ao fato de que o sacerdote Thomaz de Aquino Prata ou, simplesmente, Padre Prata foi um "orientador para sua trajetória docente e também pessoal", com quem conviveu desde os tempos do JEC (Soares, 2022, p. 116).

Figura 3 - Coquetel de Formatura do Curso de Pedagogia

Fonte: (Soares, 2022, p. 169).

Na interlocução com Bragança (1993), um profundo interesse em compreender e debater questões sociais e políticas que permeavam a sociedade da época já emergia das palavras de Dedê (1993):

> Nesta época, participei da J.U.C. - Juventude Universitária Católica - orientada pelo Monsenhor Juvenal Arduini, com quem tínhamos o prazer de passar juntos com universitários de outros cursos e faculdades as noites de sábado, discutindo assuntos polêmicos como Reforma Agrária, Reforma Universitária, Reformas de Base. Em 1963, ávida por entender tudo o que se passava no movimento estudantil e na sociedade, participei do Congresso da UNE que elegeu o presidente e deputado tucano

> José Serra. Em 1964, participei também do Movimento de Alfabetização de Adultos, que se desencadeou em todo país quando Paulo Freire aceitou o convite do Ministro da Educação, Paulo de Tarso, para exterminar, eliminar o analfabetismo no Brasil. A proposta se estendeu pelo Brasil e em Uberaba a proposta foi assumida pelos universitários que conseguiram ativar diversos "Círculos de Cultura", os quais foram totalmente desativados com o Golpe Militar de 64. O golpe acabou com a euforia cultural e estudantil da época e iniciou a pressão sobre a Universidade, iniciou o processo de asfixia que durou duas décadas (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

Aprofundando as lembranças sobre seu engajamento político e social durante os tempos de atuação na juventude universitária, Dedê (2024) acrescenta:

> Estava no 4º ano do curso de Pedagogia, quando participei do Movimento de Alfabetização de Adultos, desencadeado por Paulo Freire, quando após o sucesso obtido com a aplicação de seu método em Angicos, no Rio Grande do Norte, e a convite do Presidente Goulart e do então Ministro da Educação Paulo de Tarso, coordenou o Plano Nacional de Alfabetização usando o seu método que deveria atingir cinco milhões de adultos com a criação de 20.000 Círculos de Cultura (Dedê, 2024).

Os trechos acima descrevem o envolvimento ativo de Dedê em atividades políticas e sociais durante sua juventude universitária, demonstrando militância ativa e engajada com a educação popular e com o empoderamento das camadas menos favorecidas da sociedade. Esse engajamento inicial no movimento liderado por Freire teria despertado nela uma profunda admiração pelo educador e por suas ideias, mesmo antes de conhecê-lo pessoalmente, visto que Freire personificava a luta por uma educação libertadora e democrática, valores esses que Dedê incorporaria ao longo de sua trajetória educacional.

No trecho abaixo, Dedê (2024) reflete sobre o impacto do exílio de Paulo Freire (1964-1985) que, embora imposto pela repressão política, permitiu que ele desenvolvesse uma educação baseada no diálogo e na resistência, narrando também seu primeiro contato com a obra "Pedagogia do Oprimido":

> Infelizmente, conhecemos o resultado desta proposta. Rendeu-lhe um exílio de aproximadamente 16 anos, mas também, a oportunidade de que ele desenvolvesse o diálogo e a coragem de lutar frente à violência e ao silenciamento do povo brasileiro. Momento em que ele começa a escrever a Pedagogia do Oprimido, obra que fiquei conhecendo em sua primeira edição, em 1970, quando já professora de Sociologia da Educação na Fista. Vasculhando as livrarias em busca de novidades para aprofundar-me em meu conhecimento sobre o conteúdo da disciplina, deparei-me com o livro lançado em espanhol, pela editora "Tierra Nueva" de Montevideo. O livro traz à tona a questão da relação dialética (contradição) entre opressores versus oprimidos e de como é necessária uma *práxis* que possa orientar uma ação visando a superação dessas contradições. Por aí, comecei a entender que segundo Freire o objetivo maior da educação deveria ser a conscientização do aluno e que, para tanto, seria imprescindível ensiná-lo a "ler o mundo para que ele pudesse transformá-lo". A partir desta compreensão apaixonei-me pelo ideário freiriano e pela Educação Libertadora (Dedê, 2024).

É sabido que Freire (1968) propõe, em Pedagogia do Oprimido, uma educação dialógica e conscientizadora, que capacite os indivíduos a refletirem sobre as contradições sociais e a agirem para transformá-las. Dedê (2024) demonstrou ter compreendido essa proposta ao identificar, no livro, a necessidade de uma *práxis* transformadora – uma ação reflexiva que busca superar a relação opressor-oprimido. Sua fala também reflete a importância da alfabetização crítica defendida por Freire, que vai além da leitura de palavras, sendo um processo de "ler o mundo" para transformá-lo.

Figura ativa, Dedê também trabalhava e estudava ao mesmo tempo em que tudo isso acontecia, por isso se emociona ao constatar a presença de injustiças sociais no contexto em que estava inserida:

> Ao entrar na Faculdade, no Curso de Pedagogia, em 1962, eu cumpri a rotina dos pobres que estudam. Aliei trabalho e estudo. Aos dezoito anos comecei, oficialmente, minha vida profissional. [...] Ao mesmo tempo em que trabalhava e estudava, enveredei-me no fascinante mundo político em torno da universidade, no início dos anos 60. Rapidamente, descobri e emocionei-me com a constatação de que havia ricos e pobres no mundo, que havia estruturas sociais injustas, que havia Freud, Marx, Jung... Foi nessa época também que comecei a ter aulas com Padre Prata, a ter contacto com pensadores-sociólogos brasileiros que tanto me influenciaram, como Florestan Fernandes, Otavio Ianni, de quem mais tarde na pós-graduação, fui aluna, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Pereira (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

É possível inferir, a partir de suas palavras, que a rotina vivida por Dedê, certamente, exigiu dela um grande esforço e sacrifício. Vale lembrar que, ainda hoje, essa realidade pertence ao cotidiano de muitos jovens que buscam acesso à educação superior, especialmente em contextos socioeconômicos desfavorecidos. O trecho acima descreve, também, o envolvimento de Dedê com o cenário político da universidade durante os anos 60, momento em que rapidamente percebeu as disparidades e injustiças nas estruturas sociais, tornando-se um período marcado por intensa conscientização social e política para ela. Além disso, percebe-se que essa experiência de aprendizado e contato com ideias e teorias filosóficas e/ou sociológicas brasileiras provavelmente contribuiu para sua formação acadêmica e para a construção de sua visão de mundo e de educação.

No que diz respeito às suas vivências no ambiente universitário e acerca do cenário político do golpe militar, Dedê (2007) revela mais detalhes sobre sua imersão nesse período turbulento da história brasileira em diálogo com Paula (2007, p. 180-181):

> Foi no ano de 1962; então, na época do golpe militar, eu já estava estudando, embora, já fosse professora do Magistério no Colégio Osvaldo Cruz. Eu estudava de manhã e trabalhava à noite, como toda estudante de origem pobre. [...] Na época do golpe militar, os jovens eram mais militantes e queriam mudar o mundo. Era uma juventude entusiasmada, passávamos muitas noites de sábado discutindo as Reformas de Base,

> foi um tempo bom, como estudante da Fista. Eram estudantes de Engenharia, Medicina e Direito todos juntos. Sinto muita saudade dessa época, foi um tempo bom, tive bons professores de formação humana e consistente. Hoje, os jovens não se envolvem com as questões da história, com os problemas educacionais, não se entusiasmam; eu sinto falta dos jovens de antes. [...] Quanto ao golpe militar, contra o presidente João Goulart, lembro-me que os estudantes da FISTA representavam uma ameaça, pois Uberaba é e era uma cidade conservadora, e a situação era uma ameaça para os grandes criadores de gado Zebu. Eu ainda estava desenvolvendo minha consciência crítica, estava num processo de formação. O golpe militar representou um retrocesso, um atraso, ao romper com a economia que queria crescer, foi um momento criativo, que se despontava na música popular brasileira, que era muito mais rica, que hoje. Há contradições, havia momento e aspectos positivos, que não podemos negar, pois, no porão da Ditadura, iam nascendo as grandes ideias. Em todos os sentidos, a educação começava a mudar nessa época. Educar não é só transferência de conteúdos, ou seja, somente a educação bancária[19]. A educação libertadora[20] de Paulo Freire começou, nessa época, portanto, tem seus prós e contras (Paula, 2007, p. 180-181).

Nessa entrevista, Dedê (2007) descreve as intensas discussões e debates que ocorriam nos corredores da universidade, marcados pela efervescência política e pelo engajamento estudantil, compartilhando suas experiências de participação em movimentos estudantis e organizações políticas, destacando os desafios e as conquistas desse período de resistência e luta por liberdade e democracia. Suas reflexões trazem à tona a importância do ativismo estudantil e da mobilização social na luta contra a repressão e pela defesa dos direitos humanos e da justiça social.

Os conceitos de "educação bancária" e "educação libertadora" aos quais Dedê (2007) se refere foram cunhados por Paulo Freire em sua obra "Pedagogia do Oprimido", publicada originalmente em 1968. Essa obra, uma das mais influentes de Freire, discute extensivamente suas ideias sobre educação. As palavras de Dedê e a obra de Freire podem ser conectadas a partir da análise das transformações educacionais e culturais durante períodos de opressão, como a Ditadura Militar no Brasil. Nesse contexto, a implementação das ideias de Freire, que critica a passividade e promove a conscientização e a ação transformadora, destaca-se como uma resposta à repressão e uma forma de resistência intelectual e social.

Sua formação ocorreu em um período de intensos debates políticos e educacionais, o que simboliza a materialização de sua missão como educadora e intelectual da educação, consolidando não apenas a conquista de um título acadêmico, mas também a reafirmação de seu compromisso inabalável com a transformação social por meio do ensino, representando,

[19] Na "educação bancária" o conhecimento é "depositado" nos alunos pelo professor, como se os estudantes fossem recipientes passivos a serem preenchidos (Pedagogia do Oprimido, 1968).

[20] Na "educação libertadora", ocorre um processo dialógico e participativo no qual professores e alunos aprendem juntos (Pedagogia do Oprimido, 1968).

por conseguinte, o culminar de anos de estudo, reflexão e engajamento, fortalecendo sua identidade como agente de mudança no cenário educacional.

A seguir, temos o registro da formatura de Dedê em Pedagogia, momento que marca o início de uma brilhante carreira dedicada à educação e simboliza a concretização de sua formação, além do compromisso que guiaria toda a sua trajetória profissional.

Figura 4 - Formatura do Curso de Pedagogia

Fonte: (Soares, 2022, p. 170).

A Figura 4 ilustra um momento solene na vida de Dedê, no qual ela está ladeada pelos seus pais, carinhosamente chamados por ela de "Dr. Badio" e Dona "Genô", durante sua cerimônia de formatura no Curso de Pedagogia, na Fista, realizada no ano de 1965. A imagem

revela, nos semblantes dos três, sinais visíveis de orgulho e contentamento, refletindo não apenas a conquista acadêmica de Dedê, mas também o apoio e a dedicação dos seus pais ao longo de sua jornada educacional.

Com a dedicatória “Obrigada Genô e Badio, agora tenho garantido um caminho pela frente” Dedê (1965) expressa gratidão aos pais por terem lhe proporcionado a oportunidade de estudar, reconhecendo o diploma como uma base sólida para sua realização profissional e pessoal.

Figura 5 - Outorga de Grau do Curso de Pedagogia - 1965

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1965).

A foto original em preto e branco, da Figura 5, foi restaurada e colorizada, retratando a bacharelanda Maria de Lourdes Melo Prais, aos 21 anos, durante sua colação de grau no Curso de Pedagogia da Fista, turma de 1965. A imagem simboliza a realização de um sonho e o culminar de anos de dedicação ao ensino-aprendizagem, bem como a esperança e o compromisso com a formação de futuras gerações.

Dedicada e perseverante em busca de aprimoramento profissional, Dedê fez vários cursos de especialização até entrar no mestrado. Sua persistência em buscar oportunidades de aprimoramento profissional, mesmo diante de desafios pessoais e familiares, reflete seu compromisso inabalável com sua carreira e com o desenvolvimento contínuo de suas habilidades:

> A necessidade de trabalhar para ajudar a família, fez-me retardar os desejados estudos de pós-graduação que só aconteceram em 1982, dezessete anos depois do curso de graduação. Neste meio tempo, fiz, em períodos de férias, vários cursos de especialização na UFMG, na Faculdade Barão de Mauá de Ribeirão Preto. Em 1982, fui para a PUC de São Paulo fazer o meu mestrado. Ali, através da leitura dos clássicos e do contacto com grandes mestres, como Paulo Freire, Dermeval Saviani, Otávio Ianni, Evaldo Amaro Vieira, Maria Luísa Ribeiro Santos... e tantos outros, entendi a articulação existente entre Política e Educação. Com isso consegui unir meus sonhos quixotescos e apaixonados de democratização com minha prática de professora. Vi com clareza que não existe oposição ou dicotomia entre aspirações sociais políticas e educação. São atividades que não se confundem, mas não se opõem, se completam. Nesta mesma época aprendi com Antônio Gramsci[21], o grande pensador da resistência ao fascismo, a compreender a importância da escola que, naquele momento, era muito questionada pelo movimento contestador de Ivan Illich[22] que propunha desescolarização da sociedade. Essa experiencia de aprofundamento teórico consolidou minhas crenças e minha prática como educadora. Em 1984, neste livro são apresentadas propostas para superar os limites, as dificuldades e os desvios da administração colegiada, para que a escola pública possa atender aos interesses das camadas populares. A administração escolar como prática participativa é um dos elementos decisivos para a efetivação de uma forma democrática de organizar o trabalho pedagógico na escola. Em 1989, iniciei meu doutorado na USP tendo concluído os créditos relativos ao curso em 1990. Depois de toda essa trajetória, só posso concluir que a Educação é um processo permanente... Está sempre acontecendo (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

É possível observar uma interlocução entre as palavras de Dedê (1993) com as do Prof. Ernani Maria Fiori (1987), constantes no prefácio da obra “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo

[21] Antonio Sebastiano Francesco Gramsci (1891-1937) foi um filósofo marxista, reconhecido, principalmente, pela sua teoria da hegemonia cultural que descreve como o Estado usa, nas sociedades ocidentais, as instituições culturais para conservar o poder.

[22] Ivan Illich (1926-2002) foi um pensador polímata austríaco, autor da obra “Sociedade sem escolas” (1971) na qual critica o sistema educacional das sociedades contemporâneas.

Freire: “O método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas também não põe inimizade entre educação e política” (Fiori, 1957, p. 14).

Percebe-se que, ambos enfatizam a interseção entre educação e política, destacando que essas atividades não são opostas ou mutuamente exclusivas, mas sim complementares e interdependentes. Tanto Dedê, quanto Fiori (ao se referirem a Freire), reconhecem que a educação tem um papel fundamental na conscientização e politização das pessoas, contribuindo para a transformação social. Os dois argumentam que não há dicotomia entre aspirações políticas e educacionais, sugerindo que ambas as áreas podem e devem se unir para promover mudanças sociais e culturais, de modo que essa visão integrada rejeita a ideia de que política e educação são esferas separadas e indica a importância de abordagens que reconheçam sua interconexão.

Partindo do pressuposto de que todos possuem conhecimentos, embora nem todos estejam conscientes disso, e reconhecendo que ninguém detém todo o conhecimento, é incumbência do profissional da educação criar oportunidades para a interação entre os saberes e a conscientização das lacunas de conhecimento. Nesse contexto, Gramsci (também citado por Dedê) e Freire destacam diversos elementos essenciais para o processo de aprendizagem, como escuta ativa, pesquisa, leitura e diálogo. Esses elementos constituem os pilares de uma relação de aprendizagem mútua, que, ao ser estabelecida, poderia moldar uma escola popular democrática, demonstrando sua importância, como bem disse Dedê (Machado; Maia, 2023, p. 15). Relatando que acompanhava atentamente o trabalho de Paulo Freire durante seu exílio, Dedê (2024) nos contou:

> Durante seu exílio que durou quase 16 anos, fui lendo tudo que produzia, individual e coletivamente e tudo mais que aparecia escrito sobre ele, mas somente pude encontrá-lo, dois anos e meio após a sua volta ao Brasil, ou seja, em fevereiro de 1982, quando ele fazia, no seu dizer, um reconhecimento da sociedade brasileira (Dedê, 2024).

Dedê (2007) retoma o assunto sobre a continuidade de seus estudos com Paula (2007, p. 180): “Naquela época, não podia pagar os cursos de pós-graduação, que foram postergados para bem mais tarde, pois não tinha condições. Só consegui fazer esses cursos, nos anos de 1980, quase 20 anos depois de formada, pois, terminei minha graduação, em 1965”.

A jornada educacional de Dedê foi pontuada por encontros marcantes, sendo sua aproximação com Paulo Freire um dos mais transformadores. Esse contato não apenas

intensificou a admiração que ela já nutria por suas ideias, como também representou um divisor de águas em sua trajetória, consolidando-a como uma fiel seguidora de sua pedagogia:

> Sempre fui uma estudante da obra de Paulo Freire e quando ele chegou ao Brasil vindo do exílio, em 1982, o convidei para ministrar um curso em Uberaba, sobre reflexão do planejamento, quando ainda era diretora da Escola Estadual Abadia, juntamente com a Escola Estadual Corina de Oliveira que tinha como diretora Abigail Bracarense, pois, sempre trabalhávamos muito juntas (Paula, 2007, p. 180).

Durante esse período como diretora de escola, Dedê sempre buscava enriquecer a formação de professores, frequentemente convidando especialistas para ministrar cursos. Nessa ocasião relatada, em que decidiu convidar Paulo Freire, que havia retornado recentemente do exílio, recebeu uma reação surpresa e cética, acompanhada de riso, ao compartilhar a ideia com sua amiga Abigail Bracarense, então diretora do Ginásio Corina de Oliveira. Dedê esclarece para Soares (2022) como conseguiu o contato de Paulo Freire e, com coragem e determinação, ligou para ele, que respondeu estar visitando vários estados após seu retorno ao Brasil. Confiante, ela o convidou para vir a Uberaba, e Freire aceitou:

> Como Diretora de escola convidei Paulo Freire para participar de um curso de formação de professores. Eu sempre convidava alguém para fazer esses cursos. Minha amiga Abigail Bracarense [foi aluna da Fista], na época diretora do Ginásio Corina de Oliveira, me falou quando disse que iria chamar o Paulo Freire – você está doida? [risos]. Eu falei para ela [Abigail Bracarense] que estava na igreja e ouvi o n.º do telefone do Paulo Frei e eu gravei. Aí eu liguei para ele [Paulo Freire]. Ele falou: estou chegando do meu exílio e visitarei vários estados, e estarei em Belo Horizonte. Ele me perguntou se eu tinha conversado na Delegacia de Ensino – na época era assim que chamava. Aí eu falei para ele vir em Uberaba. Ele dispôs no dia 28 de fevereiro, não lembro exatamente o ano, faz muito tempo. A Abigail falou – minha filha!!! Não temos um tostão. Eu falei: fique tranquila que dará tudo certo. A gente cobra uma taxa de inscrição... E todo mundo ajudou. Foi maravilhoso! As Irmãs Dominicanas ofereceram almoço... (Soares, 2022, p. 249).

"Sobre este momento tenho algo a dizer muito significativo em minha memória", afirmou Dedê (2024) em nossa conversa:

> Nesta época, eu e Abigail Bracarense além de muito amigas éramos professoras da Fista e FIUBE e também diretoras de Escolas Estaduais e, todo início de ano, programávamos um seminário para atualização dos professores das escolas que dirigíamos. Pois bem, em janeiro de 1982, estávamos conversando sobre quem iríamos convidar para o seminário daquele ano, quando eu lhe disse:" Biga, vamos convidar Paulo Freire" e ela achou ótimo, mas perguntou: Como faremos isto se não temos o contato dele? E eu lhe disse: "Tenho o telefone dele, pois anotei em uma reunião da JUC da qual participei". E ela muito animada: "Então, vamos falar com ele. Imediatamente, disquei e ele mesmo atendeu ao telefone. Apresentei-me e falei de nosso trabalho e ele me disse que "depois de um exílio tão longo, de quase 16 anos, "estava começando a fazer um reconhecimento do Brasil e que, a cada mês, visitava um Estado, e naquele ano, iria à Belo Horizonte. E eu: "Professor, mas gostaríamos de recebê-lo aqui em Uberaba, que fica a 500 quilômetros distante de Belo Horizonte" Depois da minha insistência, delicadamente, olhou sua agenda e me respondeu: "Só

> tenho uma data, dia 28 de fevereiro": Imediatamente respondi: "Está marcado professor".
> Assim, Abigail e eu, sem dinheiro e sem pedirmos licença a então Delegacia de Ensino, hoje Superintendência Estadual de Ensino, programamos a sua vinda. Felizmente contamos com total apoio das Irmãs Dominicanas, que nos cederam não apenas o anfiteatro da Fista para realização do evento, mas também, todas as refeições a serem oferecidas durante o evento. Freire passou dois dias em Uberaba, e foi neste encontro, que fui convencida, por ele, a fazer o meu mestrado na PUC de São Paulo (Dedê, 2024).

O episódio relatado por Dedê (2022, 2024) revela um momento valoroso de sua trajetória como educadora e admiradora de Paulo Freire, evidenciando sua proatividade, ousadia e determinação. Ao relatar a organização do seminário, em parceria com Abigail Bracarense, a narrativa destaca sua notável capacidade de mobilização e improvisação, mesmo diante de desafios como a escassez de recursos e a ausência de apoio oficial.

A iniciativa não apenas demonstrou coragem, mas também consolidou sua atuação como ponte entre o pensamento freiriano e a prática docente local, possibilitando um encontro histórico entre teoria e chão da escola. O convite a Paulo Freire e sua vinda a Uberaba ultrapassaram o evento em si, deixando marcas profundas na formação de professores, na reflexão crítica sobre a educação e na valorização do diálogo como eixo central do processo pedagógico. Como destaca Freire (1996, p. 23), "não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os qualifica, não se reduzem à condição de objeto um do outro". Foi exatamente isso que Dedê promoveu: a criação de um espaço fecundo para o diálogo, o pensamento crítico e a construção coletiva do saber, inspirando educadores e educadoras a assumirem uma postura ativa e comprometida com a transformação social. A experiência vivida em Uberaba se alinha ao que Freire concebe como prática dialógica, pois, para ele, "o diálogo é o encontro amoroso dos que meditam sobre a realidade como algo que deve ser transformado" (Freire, 1996, p. 45). Nesse sentido, a ação de Dedê não apenas trouxe Freire à cidade, mas também encarnou sua pedagogia como exercício vivo de escuta, afeto e compromisso com a mudança.

Percebe-se, ainda, que essa amizade se consolidou quando Freire incentivou Dedê a retomar seus estudos após 17 anos afastada da academia, ingressando no curso de Mestrado de História da Filosofia da Educação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e, posteriormente, no curso de Doutorado em Filosofia e História da Educação (sem tese concluída, segundo a própria Dedê) da Universidade de São Paulo (USP) quando teve a oportunidade de ter Paulo Freire como seu professor em duas disciplinas. Esse encontro e a subsequente orientação de Freire foram fundamentais na formação acadêmica e na carreira profissional de Dedê,

refletindo-se em sua prática pedagógica, frequentemente, guiada pelos princípios e conceitos freirianos:

> Fiquei muito amiga de Paulo Freire. Ele me convenceu fazer mestrado na PUC. Havia 17 anos que eu estava parada e, após 17 anos fui para PUC. Paulo Freire foi meu professor em duas disciplinas. Eu era arrimo de família – apesar de diretora de escola Estadual e trabalhar na FIUBE não tinha condições financeiras. Conheci a primeira esposa do Paulo Freire – a Elza. E também a segunda esposa – Nita. O pessoal da tesouraria da PUC sempre me ligava e eu falava: – moço eu vou pagar uma hora. Um dia o pessoal da tesouraria me ligou e falaram: seu carnê foi quitado. Paulo Freire foi quem pagou (Soares, 2022, p. 250).

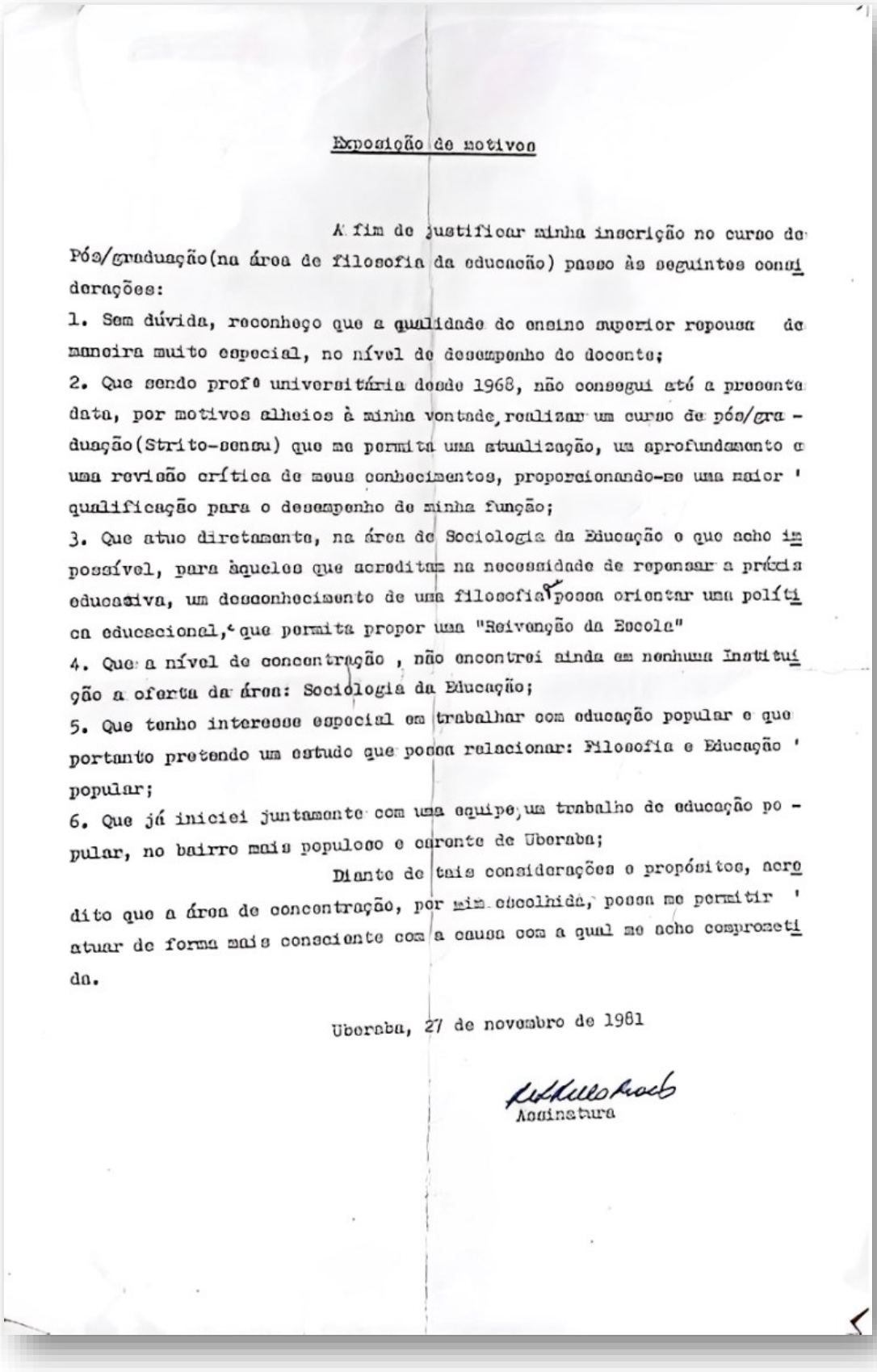
Ressalte-se que, certamente, essa estreita convivência com Freire se reflete nas frequentes referências que Dedê faz às suas ideias e princípios pedagógicos, destacando a importância de seu trabalho e suas contribuições para a área educacional; uma vez que Dedê sempre incorporou, não só em seu discurso como em sua prática pedagógica, os conceitos freirianos de educação como prática de liberdade, a importância do diálogo, da conscientização crítica dos alunos e da valorização do conhecimento prévio dos educandos e, por conseguinte, suas ações e discursos demonstram um compromisso contínuo com a criação de um ambiente educacional inclusivo, crítico e emancipador. Essa influência é visível em suas iniciativas para promover uma educação transformadora, que busca não apenas transmitir conhecimento, mas também empoderar os alunos e transformar a sociedade em que estão inseridos.

O relato recente, reproduzido a seguir demonstra como a relação entre Paulo Freire e Dedê ultrapassou os limites acadêmicos, evoluindo para uma amizade pessoal. Essa proximidade permitiu a Dedê não apenas tornar-se amiga de Freire, mas também estabelecer vínculos com sua família, frequentando sua residência em São Paulo e participando de momentos significativos de convivência:

> Assim, em janeiro de 1983, aprovada em processo seletivo, iniciei o meu mestrado em História e Filosofia da Educação, quando me tornei sua aluna em duas disciplinas e, mais do que isto, sua amiga pessoal. Conhecedor da minha situação financeira, pois apesar de meus três empregos, não conseguia pagar o curso, fui surpreendida quando chamada pela tesouraria da escola, e informada que meu carnê havia sido quitado por ele. No período de três anos do mestrado, viajando toda semana para São Paulo, conheci Dona Elza, sua esposa e mãe de seus cinco filhos, pois, Professor Paulo levava-me, com muita frequência, para almoçar em sua casa. Em sua residência conheci também duas de suas filhas, Madalena e Fátima (Dedê, 2024).

Dedê guarda com cuidado a Carta de Exposição de Motivos para ingresso no curso de Mestrado, e o fato representa não apenas um registro documental de sua trajetória acadêmica, mas também um símbolo de sua determinação, uma vez que o documento encapsula suas aspirações, desafios enfrentados e visão crítica sobre a necessidade de qualificação e transformação na práxis educativa.

Figura 6 - Carta de Exposição de Motivos para Ingresso no Mestrado



Exposição de motivos

A fim de justificar minha inscrição no curso de Pós/graduação(na área de filosofia da educação) passo às seguintes considerações:

1. Sem dúvida, reconheço que a qualidade do ensino superior repousa de maneira muito especial, no nível de desempenho do docente;
2. Que sendo profª universitária desde 1968, não consegui até a presente data, por motivos alheios à minha vontade, realizar um curso de pós/graduação(Strito-sensu) que me permita uma atualização, um aprofundamento e uma revisão crítica de meus conhecimentos, proporcionando-me uma maior qualificação para o desempenho de minha função;
3. Que atuo diretamente, na área de Sociologia da Educação e que acho impossível, para àqueles que acreditam na necessidade de repensar a prática educativa, um desconhecimento de uma filosofia que possa orientar uma política educacional, que permita propor uma "Reivenção da Escola"
4. Que a nível de concentração, não encontrei ainda em nenhuma Instituição a oferta da área: Sociologia da Educação;
5. Que tenho interesse especial em trabalhar com educação popular e que portanto pretendo um estudo que possa relacionar: Filosofia e Educação popular;
6. Que já iniciei juntamente com uma equipe, um trabalho de educação popular, no bairro mais populoso e carente de Uberaba;

Diante de tais considerações e propósitos, acredito que a área de concentração, por mim escolhida, possa me permitir atuar de forma mais consciente com a causa com a qual me acho comprometida.

Uberaba, 27 de novembro de 1981

Assinatura

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1981).

A exposição de motivos escrita por Dedê, no início dos anos 80, revela sua consciência crítica sobre o papel do docente na educação superior e sua busca constante por aprimoramento profissional. Ela reconhece que a qualidade do ensino está diretamente relacionada ao desempenho do professor e, com humildade, aponta a ausência de oportunidades anteriores para a realização de uma pós-graduação *stricto sensu*. Essa lacuna, segundo ela, dificultou a atualização e a revisão crítica de seus conhecimentos, essenciais para uma prática docente mais avançada. Além disso, sua atuação na Sociologia da Educação reflete uma preocupação em conectar a teoria à prática, considerando a necessidade de compensar as bases filosóficas e políticas da educação para promover transformações significativas, como a proposta de uma "Reinvenção da Escola".

Dedê (1981) também destaca seu compromisso com a Educação Popular, uma área em que já vinha participando de forma prática no bairro mais populoso e carente de Uberaba, demonstrando sensibilidade social e engajamento com as comunidades marginalizadas. Seu interesse em aprofundar os estudos na relação entre "Filosofia" e "Educação Popular" reforça sua visão de que a prática educativa deve estar alinhada a um pensamento crítico e transformador. A exposição não apenas justifica sua inscrição no curso, mas evidencia sua dedicação à formação docente como um instrumento para atuar de maneira mais consciente e eficaz na construção de uma educação inclusiva e emancipatória.

Em 1983, Dedê teve a oportunidade de colaborar diretamente com Freire em um curso voltado para a leitura crítica de um texto emblemático da educação popular, ao mesmo tempo em que desenvolvia iniciativas de alfabetização em Uberaba:

> Neste período, tive a grata satisfação e porque não dizer a honra, de ter sido convidada por ele para trabalhar em um de seus cursos "A Leitura de Ciço", oferecido em um bairro da periferia de São Paulo. O curso tratava das leituras contidas em num texto riquíssimo, escrito por Antônio Cicero de Sousa, um lavrador de sítio de Minas Gerais e apresentado por Carlos Brandão, como prefácio de seu livro: "A questão política da educação popular".
> Freire organizou o curso solicitando a cada professor convidado a análise de um determinado aspecto contido no texto, e o trabalho ficou assim dividido:
> 1. A Visão histórica com: Francisco Weffort (cientista político);
> 2. A visão econômica com: Ladislau Dowbor (economista);
> 3. A visão filosófica com: Paulo Freire (educador e filósofo); e
> 4. A visão pedagógica com: Maria de Lourdes Melo Prais (educadora) (Dedê, 2024).

Brandão (2017), ao refletir sobre o prefácio do livro-coletânea "A questão política da educação popular, que publicou em 1980, do qual Paulo Freire participou, realizou uma de suas "travessuras editoriais", inserindo parte da conversa com Antônio Cícero de Souza, o "Ciço" (figura que inspirou o curso mencionado por Dedê), assumidamente "trabalhada" por ele, como prefácio da obra. Após ler o depoimento de Ciço, colhido em uma entrevista casual, Paulo Freire

passou a considerá-lo “um dos mais lúcidos educadores do Brasil” (Brandão, 2018, p. 19). Segundo Brandão (2017, p. 381), “Antônio Cícero de Souza era um desses homens cuja singela sabedoria nos silencia e faz pensar”. Nesse contexto, Dedê foi convidada por Freire para apresentar uma visão pedagógica do texto “A Leitura de Ciço”, no curso suprarreferido, realizado na periferia de São Paulo, contribuindo ao lado de renomados especialistas de diferentes áreas, reafirmando, assim, seu papel como educadora de destaque.

Dedê (2024) compartilhou conosco a experiência de coordenar uma iniciativa voluntária de alfabetização para funcionários da então Fiube, realizada fora do horário de expediente, tanto dela, quanto dos participantes. A atividade, conduzida sem quaisquer pagamentos ou apoio financeiro por parte da instituição, evidencia seu compromisso com a educação como instrumento de inclusão social:

> Ainda no ano 1983, enquanto professora de Metodologia de Alfabetização na FIUBE, além de alfabetizar diferentes funcionários da instituição, sem receber por isto, nenhuma gratificação honorária, coordenei a publicação de meus alunos dos Cadernos de Alfabetização (EDUCADERNO e CADERNO DE CULTURA) para a periferia de Uberaba. Com este material alfabetizamos vários grupos de trabalhadores/operários de diferentes bairros da cidade. Neste mesmo ano, consegui que Paulo Freire recebesse em sua casa, os meus alunos, para presenteá-lo com as suas produções (Dedê, 2024).

A produção dos Cadernos de Alfabetização, mencionados por Dedê (2024), destinados à alfabetização de trabalhadores da periferia de Uberaba, é detalhada por ela em seu relato à pesquisadora Soares (2022). Nesse depoimento, Dedê (2019) comenta sobre sua atuação no campo da Alfabetização de Adultos, aprofundando aspectos desse trabalho, conforme será abordado na página 231 desta tese. Adicionalmente, os referidos cadernos também ganham destaque no depoimento da professora Ribeiro (2022), ex-aluna de Dedê na Fista. Em seu Memorial Descritivo, Ribeiro (2022) apresenta uma ilustração da folha de rosto e da página introdutória do Caderno de Cultura, conforme descrito nas páginas 231-232 desta tese, com a referida ilustração disponível na página 233.

Retomando a temática da convivência com Paulo Freire, Dedê relembra que essa relação ultrapassou as fronteiras do âmbito acadêmico, materializando-se em práticas compartilhadas e transformando-se em um compromisso e um vínculo de profunda amizade, solidariedade e reciprocidade:

> Terminei as disciplinas do mestrado e, em agosto, ainda como professora da FIUBE, convidei-o para vir à Uberaba, pois a cidade queria cumprimentá-lo pela homenagem recebida da UNESCO como Educador Mundial da Paz. Mas, em outubro, deste mesmo ano, reencontrei-o, muito abatido, na Missa de sétimo dia de Dona Elza e, a partir desta data, passei a visitá-lo em sua residência, sobretudo nas datas de seus aniversários, procurando levar-lhe um pouco de consolo (Dedê, 2024).

O comentário de Dedê revela sua admiração e profundo respeito por Paulo Freire, não apenas como educador, mas também como ser humano. A iniciativa de convidá-lo a Uberaba para celebrar a homenagem recebida da UNESCO demonstra seu reconhecimento por suas contribuições à educação global. Por outro lado, a menção ao apoio emocional após a perda de Dona Elza evidencia a relação de amizade e solidariedade que transcendeu o vínculo acadêmico, destacando o cuidado e a empatia de Dedê em momentos de fragilidade pessoal de Freire.

Para Dedê (2024), o legado de Paulo Freire é o entendimento da educação como um ato de amor combativo, no qual o educador luta, denuncia injustiças e anuncia possibilidades para transformar a escola, o ser humano e a sociedade:

> Ele ensinou-nos que a educação é sobretudo um ato de amor, mas não do amor piegas, mas do amor brigão indispensável ao educador compromissado que precisa lutar, denunciar e anunciar para construir a nova escola, o novo homem e a nova sociedade. Ensinou-nos também que a prática pedagógica deve estar comprometida com a transformação social e com a solidariedade global e que por isso mesmo deve estar inserida numa política de esperança e de luta revolucionária. Assim, ele demonstrou o viés político do trabalho pedagógico.
> Além disso, ele apostou de modo firme e vigoroso, na missão histórica dos oprimidos e no seu papel central no processo de libertação, enquanto atores sociais capazes de inserir-se, de forma participativa, no processo de construção de uma sociedade eticamente comprometida com a justiça, com a equidade, com a dignidade, com a emancipação, enfim, com a felicidade humana. Segundo ele, isto se daria pela conscientização dos oprimidos de sua condição de explorados, que ao se libertarem, libertam, também, os seus opressores. Por isso, enfatizou a importância da convivência com os diferentes através do permanente diálogo que procura sempre unir razão e sensibilidade (Dedê, 2024).

O comentário de Dedê (2024) sobre o legado de Paulo Freire revela uma apropriação profunda, tanto afetiva quanto intelectual, de sua obra — não apenas como referencial teórico, mas como prática cotidiana. A articulação entre amor, luta, diálogo e transformação social sintetiza a essência do pensamento freiriano, evidenciando a harmonia entre o discurso e a ação de Freire.

O relato, a seguir, abrange uma jornada significativa que percorre a conclusão do mestrado, a aprovação em concurso público e, posterior, aposentadoria pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), um afastamento temporário das interações com Paulo Freire, o

início do doutorado na USP e, por fim, a posse como Secretaria Municipal de Educação de Uberaba:

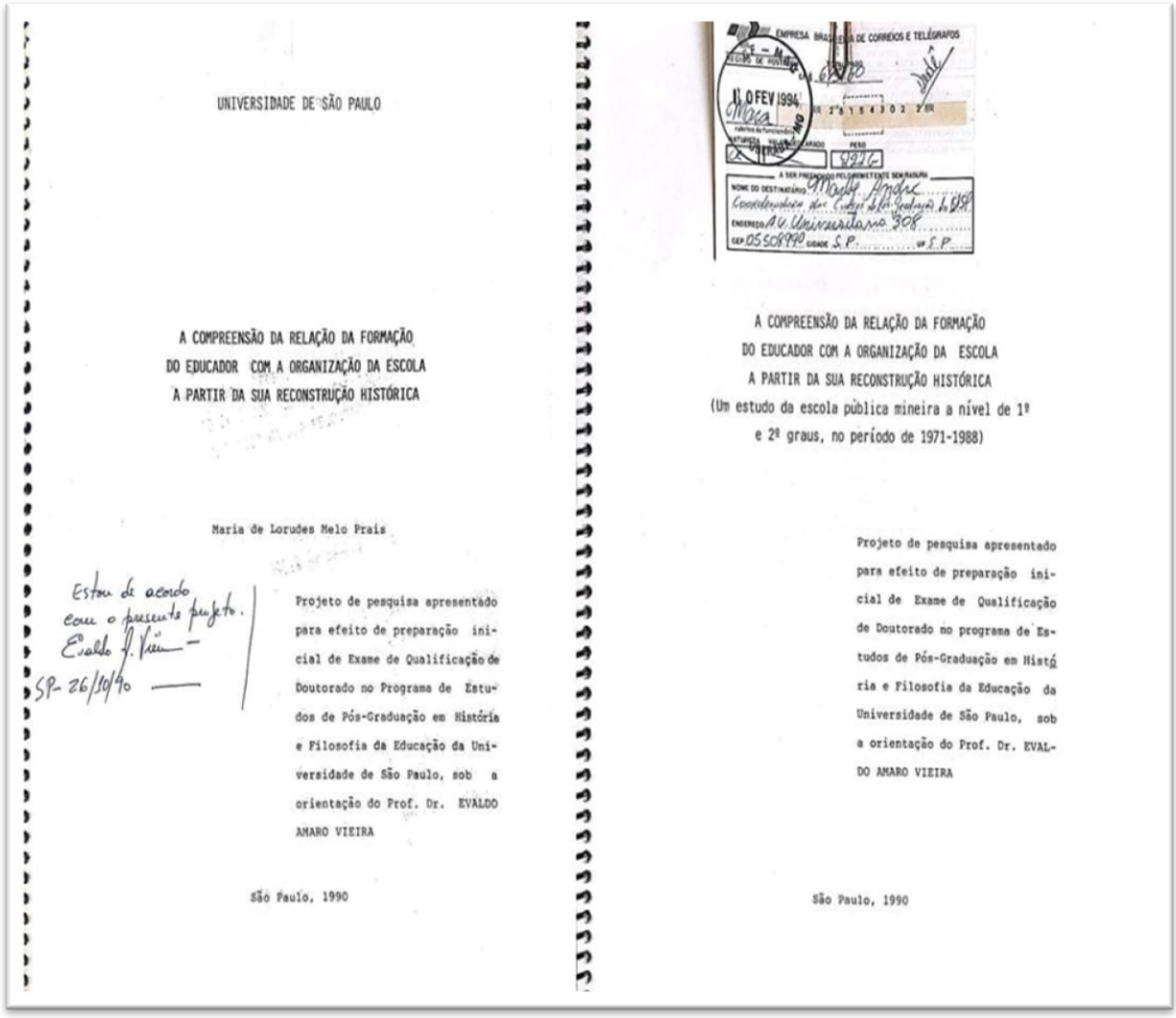
> Em agosto de 1987, defendi minha Dissertação de Mestrado: "Administração Colegiada na Escola Pública Mineira", publicada pela Papirus em 1990, e, na mesma semana, aprovada em Concurso Público, ingressei na Universidade Federal de Uberlândia de onde aposentei-me em 1991, tempo em que, embora trabalhando com suas teorias, estivemos afastados. Neste mesmo ano, iniciei meu doutorado na USP, na mesma área de concentração do mestrado, e em 1992, conclui meus créditos e tive meu projeto de pesquisa: "A compreensão da relação da formação do educador com a organização da escola a partir da reconstrução histórica", aprovado, mas que, infelizmente, permaneceu sem defesa, por razões óbvias, de dedicação exclusiva ao trabalho de Secretária Municipal da Educação de Uberaba, assumido por oito anos consecutivos (Dedê, 2024).

A fala de Dedê (2024) apresenta uma rica relação entre o desenvolvimento acadêmico e a atuação profissional, especialmente no campo da educação. No mestrado, concluído em 1987, a dissertação intitulada "Administração Colegiada na Escola Pública Mineira" reflete uma preocupação com práticas democráticas na gestão escolar, temática integrada aos desafios educacionais da época. A aprovação em concurso público na mesma semana e o ingresso na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) mostram a integração entre teoria e prática na trajetória de Dedê, consolidando sua influência como educadora e pesquisadora.

Já no doutorado, iniciado em 1990 na USP, a continuidade na área de concentração reforça o compromisso com a investigação sobre a relação entre formação docente e organização escolar. O projeto de pesquisa, intitulado "A compreensão da relação da formação do educador com a organização da escola a partir da reconstrução histórica", apresentado em 1990 ao programa de "Estudos de Pós-Graduação em História e Filosofia da Educação" da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do Prof. Dr. Evaldo Amaro Vieira revela uma abordagem histórica e crítica da educação. No entanto, a não conclusão do doutorado devido à dedicação exclusiva ao trabalho na Secretaria Municipal da Educação de Uberaba não diminuiu o valor da pesquisa, mas sim ilustra o impacto prático do conhecimento acadêmico na gestão educacional pública, fortalecendo significativamente as políticas educacionais por quase uma década.

A seguir, temos a representação da capa e da folha de rosto desse projeto, que reflete a seriedade e o compromisso de Dedê com a construção de uma educação transformadora. Na capa, encontra-se a anotação manuscrita: "Estou de acordo com o presente projeto", acompanhada da assinatura do Prof. Dr. Evaldo Amaro Vieira e da data "SP, 26/10/90", comprovando a aprovação e a relevância desse trabalho no campo da educação.

Figura 7 - Capa e folha de rosto do Projeto de Pesquisa de Doutorado de Dedê



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A COMPREENSÃO DA RELAÇÃO DA FORMAÇÃO
DO EDUCADOR COM A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA
A PARTIR DA SUA RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Maria de Lourdes Melo Prais

Estou de acordo
com o presente projeto.
Evaldo A. Vieira
SP- 26/10/90

Projeto de pesquisa apresentado para efeito de preparação inicial de Exame de Qualificação de Doutorado no Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e Filosofia da Educação da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. EVALDO AMARO VIEIRA

São Paulo, 1990

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS
11 FEV 1994
NOME DO DESTINATÁRIO Maria André
Coordenadoria Geral de Pós-Graduação da USP
ENDEREÇO Av. Universitária nº 308
CEP 05508900 CIDADE S.P. UF S.P.

A COMPREENSÃO DA RELAÇÃO DA FORMAÇÃO
DO EDUCADOR COM A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA
A PARTIR DA SUA RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA
(Um estudo da escola pública mineira a nível de 1º
e 2º graus, no período de 1971-1988)

Projeto de pesquisa apresentado para efeito de preparação inicial de Exame de Qualificação de Doutorado no programa de Estudos de Pós-Graduação em História e Filosofia da Educação da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. EVALDO AMARO VIEIRA

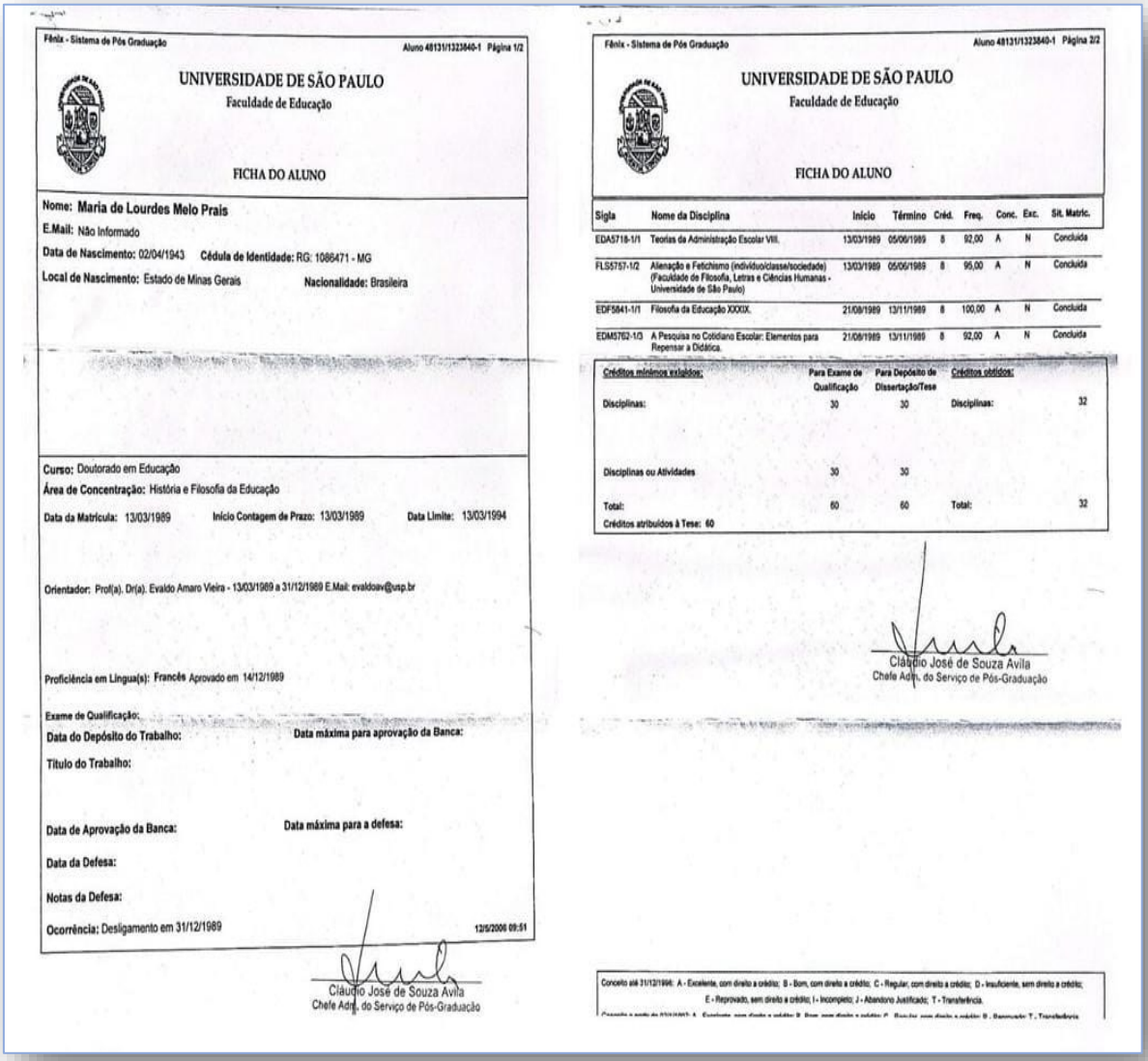
São Paulo, 1990

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1990).

A ficha acadêmica de Dedê evidencia sua dedicação e performance ao longo do doutorado em Educação na Universidade de São Paulo, apesar de não ter concluído a defesa de sua tese. Durante o período de aulas, ela demonstrou um excelente desempenho acadêmico, concluindo todas as disciplinas com aproveitamento exemplar e frequência elevada.

Sua proficiência em língua francesa, aprovada em 1989, reforça sua habilidade para acessar textos acadêmicos internacionais, essenciais em programas de pós-graduação na área de Educação. Certamente, sua formação no curso Clássico, proporcionou-lhe um aprendizado aprofundado no estudo das letras antigas, incluindo latim, francês e inglês, contribuindo para essa conquista. Embora o doutorado não tenha sido finalizado, a trajetória acadêmica registrada na ficha a seguir revela sua dedicação à educação permanente e seu impacto relevante no desenvolvimento do setor educacional.

Figura 8 - Ficha do aluno de Dedê Prais no curso de Doutorado em Educação



Fênix - Sistema de Pós Graduação — Aluno 48131/1323840-1 Página 1/2

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Educação

FICHA DO ALUNO

Nome: Maria de Lourdes Melo Prais
E.Mail: Não Informado
Data de Nascimento: 02/04/1943 Cédula de Identidade: RG: 1086471 - MG
Local de Nascimento: Estado de Minas Gerais Nacionalidade: Brasileira

Curso: Doutorado em Educação
Área de Concentração: História e Filosofia da Educação
Data da Matrícula: 13/03/1989 Início Contagem de Prazo: 13/03/1989 Data Limite: 13/03/1994

Orientador: Prof(a). Dr(a). Evaldo Amaro Vieira - 13/03/1989 a 31/12/1989 E.Mail: evaldoav@usp.br

Proficiência em Língua(s): Francês Aprovado em 14/12/1989

Exame de Qualificação:
Data do Depósito do Trabalho: Data máxima para aprovação da Banca:
Título do Trabalho:

Data de Aprovação da Banca: Data máxima para a defesa:
Data da Defesa:
Notas da Defesa:
Ocorrência: Desligamento em 31/12/1989 12/5/2006 09:51

Cláudio José de Souza Avila
Chefe Adm. do Serviço de Pós-Graduação

Fênix - Sistema de Pós Graduação — Aluno 48131/1323840-1 Página 2/2

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Educação

FICHA DO ALUNO

Sigla	Nome da Disciplina	Início	Término	Créd.	Freq.	Conc.	Exc.	Sit. Matric.
EDA5718-1/1	Teorias da Administração Escolar VIII.	13/03/1989	05/06/1989	8	92,00	A	N	Concluída
FLS5757-1/2	Alienação e Fetichismo (indivíduo/classe/sociedade) (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo)	13/03/1989	05/06/1989	8	95,00	A	N	Concluída
EDF5841-1/1	Filosofia da Educação XXXIX.	21/08/1989	13/11/1989	8	100,00	A	N	Concluída
EDM5762-1/3	A Pesquisa no Cotidiano Escolar: Elementos para Repensar a Didática.	21/08/1989	13/11/1989	8	92,00	A	N	Concluída

Créditos mínimos exigidos:	Para Exame de Qualificação	Para Depósito de Dissertação/Tese	Créditos obtidos:	
Disciplinas:	30	30	Disciplinas:	32
Disciplinas ou Atividades	30	30		
Total:	60	60	Total:	32

Créditos atribuídos à Tese: 60

Cláudio José de Souza Avila
Chefe Adm. do Serviço de Pós-Graduação

Conceito até 31/12/1996: A - Excelente, com direito a crédito; B - Bom, com direito a crédito; C - Regular, com direito a crédito; D - Insuficiente, sem direito a crédito; E - Reprovado, sem direito a crédito; I - Incompleto; J - Abandono Justificado; T - Transferência.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1989).

Na sequência, Dedê (2024) compartilha detalhes de seu reencontro com Paulo Freire, ressaltando a orientação marcante que ele lhe proporcionou:

> Reencontrei-me com Paulo Freire em 1993, quando convidada para assumir a Secretaria Municipal de Educação, recebi dele a seguinte orientação: “Assuma o convite e faça o que sabe fazer”. Foi assim, que desde o começo “A Escola Cidadã: construção amorosa da cidadania”, título conferido por mim a minha gestão, contou com seu respaldo, orientações e com sua presença sempre que possível. Durante a minha gestão, Paulo Freire esteve em Uberaba várias vezes, sempre acompanhado de sua companheira Prof.ª Ana Maria Araújo Freire.
> Neste período, participei do lançamento de dois dos seus livros:
> • Professora Sim, Tia Não: Cartas a Quem Ousa Ensinar (1993)
> • À Sombra Desta Mangueira (1995) (Dedê, 2024).

A orientação recebida de Paulo Freire: “Assuma o convite e faça o que sabe fazer”, expressa um incentivo poderoso, caracteristicamente freiriano, fundamentado na confiança nas capacidades do sujeito e na prática da educação como um ato de empoderamento e transformação. Inserida no contexto do relato, a orientação de Freire legitima a nomeação de Maria de Lourdes Melo Prais para o cargo de Secretária Municipal de Educação de Uberaba, conferindo um caráter ético e político à gestão, que foi pautada na proposta de “A Escola Cidadã: construção amorosa da cidadania”.

Percebe-se, ainda, que a simplicidade e profundidade dessa orientação refletem a essência do pensamento de Freire: reconhecer e valorizar os saberes acumulados pela experiência, ao mesmo tempo em que se aceita o desafio de aplicá-los em contextos novos. Esse respaldo direto de Freire, aliado à sua presença constante durante a gestão de Dedê, reforça o alinhamento entre os ideais da gestão educacional e os princípios de emancipação e humanização que orientavam sua pedagogia, sintetizando a confiança de Freire na capacidade transformadora da educação e na liderança de Dedê.

“Em setembro de 1996, tive a oportunidade de oferecer-lhe, em São Paulo, em casa de minha amiga, Vânia Araújo, um jantar em comemoração, deste que sem saber, foi seu último aniversário”, recorda-se Dedê (2024). É relevante destacar que Dedê esteve presente em todas as celebrações de aniversário de Paulo Freire até o marco de seus 75 anos, idade com que veio a falecer. Contudo, após essa perda, decidiu “não retornar mais a São Paulo” (Dedê, 2024), marcando simbolicamente o impacto da ausência de Freire em sua vida e trajetória.

“Em novembro de 1996 recebi seu convite para apresentar a proposta da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba: “Escola Cidadã: construção amorosa da cidadania” para seu curso de Administração Escolar, no doutorado da PUC/SP”, recorda-se Dedê (2024).

Dedê apresentou parte de sua dissertação em aula intitulada “Apresentação da Política Educacional de Uberaba” aos alunos da disciplina ministrada por Paulo Freire na PUC de São Paulo, momento sobre o qual Dedê (2007) afiançou para Paula (2007, p. 180) “[...] para mim, o maior prêmio foi quando Paulo Freire me convidou para apresentar a proposta de Uberaba no curso dele”.

Ao afirmar que ser convidada por Paulo Freire para apresentar a proposta de Uberaba em seu curso foi seu “maior prêmio”, Dedê demonstra que, mais do que títulos ou homenagens formais, o verdadeiro reconhecimento veio da valorização de sua prática pedagógica por um dos maiores educadores da história.

Figura 9 - Dedê apresenta “Política Educacional de Uberaba” na Pós-Graduação da PUC

Fonte: (Soares, 2022, p. 171).

A presença de Paulo Freire, à direita de Nita[23], e de Ana Maria Saul à direita de Dedê, como mostrado na Figura 9, sublinha a conexão e o reconhecimento mútuo entre esses educadores, além de situar Dedê dentro de uma rede influente de pensadores e praticantes da pedagogia crítica[24].

O acontecimento foi noticiado pelo Jornal Lavoura e Comércio, edição n.º 25.417, publicada em 22 de maio de 1996:

> **Paulo Freire chama Dedê de “Dê-10”**
> O educador mais respeitado do Brasil, professor Paulo Freire, escolheu Uberaba como cidade modelo em Educação Pública. Ele, que é coordenador do curso de pós-graduação em Educação Pública da PUC (SP), convidou a Secretária Municipal de Educação, Dedê Prais e sua equipe, para fazer palestra na PUC sobre o modelo uberabense. “É uma pena que eu não seja proprietário da TV Globo para poder transmitir para todo o Brasil o que foi dito aqui sobre Uberaba”, disse Paulo Freire, que é o responsável pelos projetos de Educação do PT a nível nacional.
> “O nome da Dedê devia ser mudado para Dê-10”, brincou o educador, enaltecendo o trabalho desenvolvido pela professora. Durante o encontro, Paulo Freire elogiou o prefeito Luiz Guaritá Neto, que, segundo ele, “possui uma objetividade impressionante, apesar da pouca idade” (Jornal Lavoura e Comércio, 1996, n.p.)

[23] Ana Maria Araújo Freire (Nita), segunda esposa de Paulo Freire, nasceu em Recife (PE), em 13 de novembro de 1933. Professora, pedagoga e pesquisadora na área da pedagogia libertadora, atualmente se dedica a organizar, publicar e divulgar a obra de Paulo Freire, como sucessora legal do educador.

[24] Inspirada no trabalho de Paulo Freire, a pedagogia crítica se baseia em princípios como o diálogo, a participação, a conscientização e o empoderamento dos alunos, propondo que a educação vá além da mera transmissão de conhecimentos técnicos e factuais, promovendo uma compreensão crítica das estruturas sociais, políticas e econômicas que moldam a vida das pessoas.

A notícia destaca o impacto significativo do trabalho de Dedê e sua equipe na criação de um modelo educacional inspirado nos ideais freirianos: uma educação crítica, emancipadora e comprometida com a construção da cidadania. A admiração expressada por Paulo Freire reforça a importância dessa atuação, elevando o trabalho de Dedê e a cidade de Uberaba a um lugar de destaque no cenário educacional brasileiro.

Ao definir Uberaba como "cidade modelo em Educação Pública", Freire reconhece o avanço e o compromisso da gestão local com uma educação pública de qualidade e transformadora. Esse elogio vai além do âmbito institucional; ao apelidar Dedê de "Dê-10", ele expressa, de forma carinhosa, sua valorização pela excelência e dedicação da educadora. Freire também estende seu reconhecimento ao prefeito Luiz Guaritá Neto, a quem atribui uma "objetividade impressionante": comentário que ressalta a importância da parceria entre a liderança política e a equipe técnica para o sucesso das políticas públicas educacionais em Uberaba, demonstrando como essa articulação foi essencial para o desenvolvimento de um modelo educacional que se tornou referência.

Dedê (2024) recorda com orgulho a honra de receber de Paulo Freire um exemplar autografado da primeira versão de "Pedagogia da Autonomia", versão essa que valoriza a gestão educacional de Uberaba como referência em práticas pedagógicas emancipadoras: "Tive a honra de receber, em minha casa, autografada, a primeira versão da PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: saberes necessários à prática educativa, inclusive com sua menção, às páginas 49, ao trabalho de Educação de Uberaba" (Dedê, 2024).

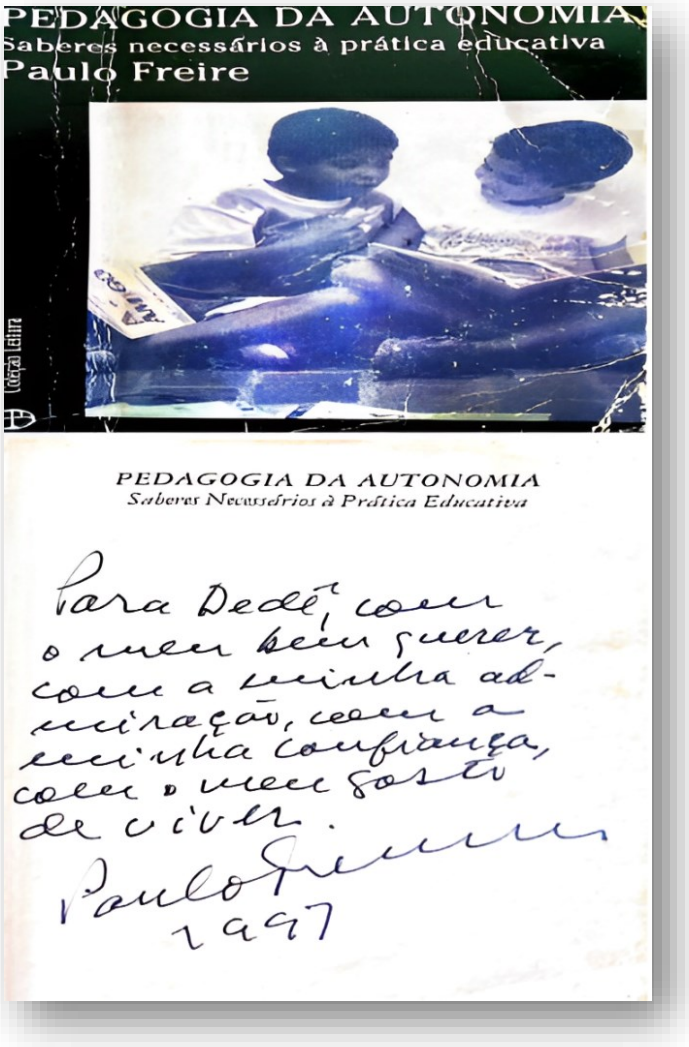
Vale lembrar que, "Pedagogia da Autonomia" é uma das obras mais significativas de Paulo Freire (1996), na qual aborda os princípios fundamentais para a prática educativa, defendendo o conceito de que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (Freire, 1996, p. 21). No livro, Freire enfatiza a importância da ética, da prática reflexiva, do respeito aos saberes dos educandos e da conscientização crítica.

Na Figura 10, temos a capa do livro "Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa", acompanhada de uma dedicatória escrita à mão e assinada pelo próprio autor: "Para Dedê, com o meu bem querer, com a minha admiração, com a minha confiança, com o meu gosto de viver. Paulo Freire 1997".

Note-se que, a dedicatória de Paulo Freire é profundamente pessoal e revela um grande apreço e confiança em "Dedê". As palavras e expressões escolhidas – "bem querer", "admiração", "confiança" e "gosto de viver" – indicam uma relação de respeito e afeto,

provavelmente fruto de uma convivência baseada em valores e objetivos comuns no campo educacional. Ademais, a relação de confiança e admiração entre Freire e Dedê exemplifica a importância das conexões pessoais e profissionais na luta por uma educação libertadora.

Figura 10 - Capa do livro “Pedagogia da Autonomia” com dedicatória para Dedê



Fonte: (Soares, 2022, p. 297).

“Arrasada, em 02 de maio de 1997, avisada de seu falecimento, estive presente em sua despedida. Embora, bastante entristecida, permaneci na Secretaria da Educação de Uberaba até dezembro de 2000”, recorda-se Dedê (2024). Essas lembranças revelam uma forte carga simbólica ao retratar a despedida de Paulo Freire e o impacto que sua perda causou em Dedê. A palavra “arrasada” reflete não só o sentimento de luto, como também a intensidade do vínculo emocional e intelectual entre Dedê e Freire. Estar presente em sua despedida simboliza um último ato de respeito e gratidão por tudo que Freire representou para ela e para a educação.

A despeito do sentimento de pesar, Dedê optou por continuar sua gestão na Secretaria Municipal de Educação até o ano de 2000, fato que demonstra resiliência e comprometimento com os ideais que ela e Freire compartilharam. Sua permanência no cargo, mesmo diante da tristeza, pode ser vista como uma homenagem viva ao legado de Freire, traduzindo em ação os princípios de esperança, transformação e dedicação à educação que ele tanto defendeu.

Para Dedê (2024), falar sobre Freire é mais do que recordar fatos; é vivenciar intensamente o impacto de sua vida e obra, reafirmando seu legado como uma força revolucionária na educação e na sociedade:

> Concluindo este relato quero acrescentar que para mim, que tive o privilégio de ser sua aluna e de desfrutar de sua convivência como amiga pessoal, falar sobre Paulo Freire significa a oportunidade de estar vivenciando uma emoção muito forte e um privilégio único: o de poder expandir o reconhecimento pelo seu desafio revolucionário de acreditar e propor uma prática pedagógica comprometida com a transformação social. Deste modo, manifesto a minha afeição não apenas pelo homem que lutou durante toda a sua vida por uma sociedade mais justa e menos opressora, mas, especialmente, pelo educador que apontou como ninguém as possibilidades para a solidariedade global fundamentada na *práxis* verdadeiramente inserida numa política de esperança, de luta revolucionária e de profundo amor. Enfim, Paulo Freire compreendeu e ensinou que educar é, sobretudo, amar.
> Finalizando deixo-lhes uma recomendação. É preciso continuar acreditando, é preciso "esperançar" contra toda desesperança". Viver de contínuas esperanças, não é fácil, dói, machuca, rouba-nos o fôlego na subida da montanha. Mas, viver órfão de esperanças é pior ainda. É suicídio lento, é morte aos pedacinhos. É por isto que digo: o essencial não cabe nas palavras (Dedê, 2024).

Do relato de Dedê (2024), emergem o reconhecimento do papel de Freire como um educador comprometido com a transformação social e a valorização do amor como fundamento de sua pedagogia. Ao associar a *práxis* pedagógica a uma política de esperança, luta e solidariedade global, Dedê enfatiza a visão única de Freire sobre educação como um ato político e humano. Sua conclusão de que "educar é, sobretudo, amar" encapsula a essência do pensamento freiriano, ao destacar que o afeto e o compromisso ético estão intrinsecamente ligados à prática educativa. Essa ideia ecoa a afirmação de Paulo Freire no livro Educação como Prática de Liberdade: "A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem" (Freire, 1967, p. 97), reforçando que o amor é a base para uma pedagogia transformadora e emancipadora.

Dedê (2024) apropria-se, também, das palavras do filósofo Mario Sergio Cortella, presentes na obra "Não nascemos prontos! Provocações filosóficas", ao destacar a importância de "esperançar" contra toda desesperança. Cortella (2016) defende que a esperança, no sentido do verbo esperar, é essencial para a vida, diferenciando-se do simples ato de esperar:

> Como insistia o inesquecível Paulo Freire, não se pode confundir esperança do verbo esperançar com esperança do verbo esperar. [...] Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. E há algo que Paulo Freire fez o tempo todo foi incendiar a nossa urgência de esperanças (Cortella, 2016, p. 50).

A ponderação apresentada por Cortella (2016), baseada nos ensinamentos de Paulo Freire, traz uma distinção essencial entre duas formas de viver a esperança: a passiva, associada ao verbo esperar e a ativa, simbolizada pelo verbo esperançar. Para Freire, a esperança não é um estado de renúncia ou inércia diante das dificuldades; é, antes, uma atitude de movimento, de ação transformadora e coletiva. Essa perspectiva freiriana, resgatada por Cortella (2016), reforça que a esperança é um ato político e ético, em que a esperança se transforma em força motriz para a mudança.

As falas de Dedê e Cortella convergem ao resgatar e expandir os alicerces fundamentais da pedagogia de Paulo Freire, com ênfase na esperança ativa e no compromisso com a transformação social. Cada um, à sua maneira, invoca o legado freiriano, adaptando-o a seus contextos e perspectivas, mas preservando como essência a crença em uma educação que liberta, humaniza e transforma. Ambos destacam o amor como elemento central da prática educativa, alinhando-se à visão de Freire de que educar é um ato de amor e coragem — uma base indispensável para uma pedagogia crítica e emancipadora.

Em 2018, sob a ameaça da implantação da Escola sem Partido, Paulo Freire tornou-se alvo da extrema direita do país por defender professores que incentivam o senso crítico em sala de aula e escolas que formam para a cidadania, conforme previsto na Constituição e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Na época, Dedê (2018) publicou um texto em suas redes sociais em defesa de Paulo Freire, que serve como um forte testemunho da importância do educador não só em sua vida pessoal como também para a educação e para a sociedade em geral, destacando sua influência global e interdisciplinar. No texto, Dedê (2018) reforça a necessidade de preservar e promover a obra de Freire como um baluarte contra a ignorância e a desvalorização da educação democrática e humanista:

> Quero compartilhar com meus amigos a minha indignação ao saber através da publicação do Instituto Paulo Freire o perigo que estamos correndo diante da ameaça de expurgar Paulo Freire (o maior educador do Brasil e quiçá do mundo) da Educação Brasileira. Isto certamente só poderá acontecer por aqueles que ignoram a sua história, a sua produção e todos os seus acertos no que diz respeito a Educação.
> Como explica o IPF, “contestar Paulo Freire é, na verdade, contestar a própria democracia que ele defendia ao lado de outros grandes educadores do século XX, como John Dewey, Martin Buber, Jean Piaget e Maria Montessori, ao lado de brasileiros e brasileiras como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Cecília Meirelles e Rubem Alves, entre outros. Para todos e todas que desejam conhecer e

> viver uma pedagogia de inspiração humanista, sua obra é imprescindível e deveria estar em todas as escolas".
> E mais: "A pedagogia dialógica[25] defendida por Paulo Freire é considerada como uma referência de qualidade científica e reconhecida por intelectuais e universidades de todo o mundo. Suas teorias cruzaram as fronteiras das disciplinas, das ciências, criando raízes nos mais variados solos, fortalecendo teorias e práticas educacionais, bem como auxiliando reflexões não só de educadores e educadoras, mas, também, de médicos, terapeutas, cientistas sociais, economistas, filósofos, antropólogos, psicólogos, artistas, juristas e profissionais de diversas outras áreas".
> Os que estão convencidos destas verdades devem se manifestar em defesa de Paulo Freire, pois como ele mesmo nos ensinou "amar é um ato de coragem" (Dedê, 2018).

A ameaça de expurgar Paulo Freire da educação brasileira, na opinião de Dedê (2018), representou um sério retrocesso para o sistema educacional do país e para a democracia, uma vez que Freire é reconhecido como um dos maiores educadores não apenas do Brasil, mas do mundo, contando com 29 títulos de Doutor *Honoris Causa* de universidades da Europa e América. Sua abordagem inovadora e humanista para a educação transformou a maneira como muitos educadores e sistemas escolares entendem o processo de ensino-aprendizagem. Remover sua influência significaria desvalorizar uma abordagem crítica e reflexiva da educação, essencial para o desenvolvimento de cidadãos críticos, conscientes e participativos no meio em que estão inseridos.

Encerramos aqui, a fase "Mulher de lembranças singulares", que explorou as recordações pessoais e formativas de Dedê, revelando as experiências íntimas e os eventos que moldaram sua identidade como mulher e educadora. Essa parte destacou as convicções profundas que emergiram de sua trajetória de vida, mostrando como suas histórias pessoais se entrelaçaram com sua missão educacional. A partir daqui, adentramos a fase "Mulher de Encontros Acadêmicos", na qual são enfatizadas as trocas e interações acadêmicas que fortaleceram seu pensamento crítico e teórico. Nesta etapa, examinaremos como a rede de sociabilidade e o ambiente intelectual foram essenciais para sua evolução, consolidando Prais como uma intelectual cuja influência mútua com outros pensadores contribuiu, e ainda contribui, significativamente para o desenvolvimento da educação.

[25] Na teoria dialógica freiriana, o diálogo, que é comunicação, funda também as ações de colaboração entre os sujeitos. Esse conceito é abordado em Pedagogia do Oprimido (1968), em Educação como Prática da Liberdade (1967) e Pedagogia da Autonomia (1996), livros nos quais Freire destaca o diálogo como um elemento fundamental para uma educação emancipadora, em que professor e aluno são coautores do processo de aprendizagem.

2.2 PRAIS: MULHER DE ENCONTROS ACADÊMICOS

"Na politicidade do ato pedagógico
está a possibilidade de se avançar historicamente
e criando outros contornos sociais".
(Prais, 2021)

Esta seção da tese busca demonstrar a influência e relevância de Maria de Lourdes Melo Prais (doravante, Prais nessa seção) como intelectual da educação no intuito de responder uma das questões-problema listadas no projeto de pesquisa e para alcançar o objetivo de levantar a rede de sociabilidade que essa educadora construiu. Com base em uma análise abrangente, examinaremos como sua experiência educacional tem sido registrada por meio de seus relatos orais em entrevistas concedidas a mestrandos e doutorandos, assim como em trechos de seus livros e textos autorais que têm sido amplamente utilizados como referencial teórico em teses, dissertações, capítulos de livros e artigos acadêmicos no campo educacional nas últimas décadas. A partir dessa investigação, pretendemos demonstrar a significativa contribuição de Prais para o desenvolvimento teórico e prático da educação, destacando seu impacto na produção acadêmica e no avanço do conhecimento na área comprovando a tese de que "Maria de Lourdes Melo Prais é uma intelectual da educação".

Este estudo se propõe a evidenciar não apenas a extensão do legado intelectual de Prais, mas também sua influência duradoura e sua posição como uma figura central no debate educacional contemporâneo local, regional e nacional, considerando-se temas como administração colegiada na escola pública, gestão compartilhada e implantação da escola cidadã. Assim sendo, apresentamos a seguir três quadros construídos a partir de uma busca em diversas bases de dados de pesquisa acadêmica, em especial, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)[26] para identificar as teses (Quadro 9) e as dissertações (Quadro 10), enquanto o Google Acadêmico[27] serviu como fonte para localizar artigos acadêmicos e capítulos de livros (Quadro 11). Esses quadros documentam as obras da intelectual Prais que

[26] O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) desenvolveu e coordena a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico. Endereço eletrônico do banco: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>.

[27] O Google Acadêmico, ou *Google Scholar*, é uma ferramenta gratuita do Google específica para busca de citações de artigos, relatórios, livros on-line, revistas científicas e muitos outros materiais utilizados como embasamento teórico ou referência. Endereço eletrônico: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>.

são referenciadas, permitindo uma análise individual posterior sobre o tipo de referência feita: à pessoa ou à intelectual. A partir dessas referências, será possível realizar uma análise detalhada para determinar se as citações feitas pelos autores se referem às contribuições pessoais de Prais (por exemplo, seu papel como educadora e influenciadora) ou às suas contribuições intelectuais (por exemplo, suas teorias, metodologias e ideias desenvolvidas em suas obras). Isso ajudará a compreender melhor como Maria de Lourdes Melo Prais é vista e valorizada na comunidade acadêmica e quais aspectos de seu trabalho tiveram e/ou ainda têm maior impacto.

Além disso, dois outros quadros foram elaborados com o propósito de destacar as contribuições intelectuais de Prais, organizando os artigos acadêmicos e capítulos de livros que ela escreveu e publicou (Quadro 12), bem como os livros de sua autoria (Quadro 13), que juntos compõem seu valioso legado escrito e reflexivo na área da educação.

O Quadro 9 apresenta o levantamento das teses de doutorado que fazem referência à figura intelectual de Prais, destacando sua significativa influência no campo educacional. As teses selecionadas abordam diferentes aspectos da educação, desde o ensino de História da Educação até a formação humanista em instituições específicas, como as Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (Fista) em Uberaba, MG. Além disso, evidenciam a trajetória profissional e acadêmica de Prais, sua contribuição como ex-aluna e ex-professora da Fista, bem como seu papel como Secretária da Educação do município de Uberaba, MG. As teses também ressaltam sua ligação com importantes teóricos, como Paulo Freire, e sua participação ativa na implantação de iniciativas educacionais inovadoras, como a Escola Cidadã. A análise dessas pesquisas permite compreender com mais profundidade a relevância do legado de Prais no contexto educacional, tanto local quanto nacional.

Quadro 9 - Teses que fazem referência à intelectual Prais

Data	Título	Autor(a)	Referência(s) à Prais
2022	O Ensino de História da Educação nas Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino - Fista (Uberaba, Minas Gerais, 1951-1980)	Edilene Alexandra Leal Soares	Ex-aluna e ex-professora da Fista Secretária da Educação do município de Uberaba, MG Estudiosa e discípula de Paulo Freire
2020	Docência e memória: elos da formação humanista das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (1960-1980), em Uberaba, MG	Maria de Lourdes Leal dos Santos	Ex-aluna e ex-professora da Fista
2020	Da Escola Cidadã à Escola do Caminho: Percursos da Educação Municipal em Uberaba, MG (1993/2016)	Roníria Silva dos Santos	Implantação da Escola Cidadã, enquanto Secretária da Educação Autora de documentos sobre gestão educacional da Escola Cidadã em Uberaba, 1993-2016
2016	Gestão democrática e conselhos de escola no município de Araraquara/SP	Ana Paula Franzini Peres	Administração colegiada na escola pública
2011	Profissionalização do magistério na educação básica: análise da valorização profissional do professor da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental	Maria do Carmo Custódio	Implantação da Escola Cidadã, enquanto Secretária da Educação
2007	Escola pública, currículo e educação emancipadora: o projeto político-pedagógico como mediação	Maria Célia Dalbério-Borges	Administração colegiada na escola pública Escola Cidadã – Educação: construção amorosa da cidadania
2007	Educação a distância: Estudo exploratório e analítico de curso de graduação na área de formação de professores	Ricardo Antunes de Sá	Administração colegiada na escola pública
2007	Gestão e Participação: subjetividades em relação	Carlos Luiz Gonçalves	Administração colegiada na escola pública
2003	Currículo intertranscultural: por uma escola curiosa, prazerosa e aprendente	Paulo Roberto Padilha	Administração colegiada na escola pública Escola Cidadã – Educação: construção amorosa da cidadania

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Iniciamos as análises pela tese “O Ensino de História da Educação nas Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino - Fista (Uberaba, Minas Gerais, 1951-1980)” apresentada por Soares (2022) ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de

Uberlândia (UFU), sob a orientação do Prof. Dr. Décio Gatti Jr., na qual a autora investigou o ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (Fista), na cidade de Uberaba, Minas Gerais, entre os anos de 1951 e 1980, com foco nos processos de configuração e reconfiguração da disciplina nesse período, obtendo resultados que indicaram que houve uma evolução no pensamento pedagógico ao longo das décadas, além da mudança no perfil dos docentes, da evolução nas metodologias de ensino e da utilização de manuais específicos de História da Educação.

Na tese, Soares (2022, p. 102) explicita "trecho extraído do discurso (Anexo C) da ex-Secretária Municipal de Educação de Uberaba (1993-2000), Maria de Lourdes Melo Prais, na abertura do VI Encontro de Educadores de Uberaba e Triângulo Mineiro, realizado em 01/06/2000", expressando a visão idealizada de uma escola que vai além do ensino tradicional, sendo um espaço de desenvolvimento integral do ser humano, descrevendo uma escola que cultiva não apenas o conhecimento, mas também a criatividade, a solidariedade e a humanidade. No discurso, a metáfora do jardim é usada por Prais (2000) para transmitir a ideia de cuidado, crescimento e beleza, na qual cada indivíduo é valorizado e incentivado a florescer em todo o seu potencial:

> A esperança de uma escola-cidadã, escola jardim, espaço de construção do humano no pleno florir de todo o seu potencial, quer como ser de conhecimento, leitor e intérprete arguto da realidade, conhecedor da riqueza do seu solo e dos processos da vida: quer como ser de competências, autor e ator criativo de alternativas face às diferentes demandas de transformação social, e, que, no seu jardim, semeia na forma e lugar adequados e cuida de cada planta segundo suas necessidades; quer como ser de convivência solidária, ou seja, humanizador das relações interpessoais, ambientais e culturais e sabedor de que a beleza das flores encanta e irmana os homens: quer, enfim, como ser de humanidade plena, criador lúcido e amoroso, aquele que é capaz de entender o jardim como declaração de amor à Terra e, portanto, lugar de origem e expressão da VIDA (Soares, 2022, p. 102).

Destacamos a influência de Paulo Freire na visão de Prais (2000) sobre a educação, enfatizando a importância de uma pedagogia crítica, emancipadora e humanizadora, trazendo à tona, conceitos presentes nas obras "Pedagogia do Oprimido" (1968) e "Pedagogia da Autonomia" (1996), mais explicitamente, educação como prática de liberdade, desenvolvimento da consciência crítica e educação como ato de amor e esperança.

Soares (2022, p. 116-172) beneficia-se dos depoimentos, colhidos a partir de três encontros presenciais com Prais (2019), para tratar da característica forte da Fista: "era escola/formação humana – fato de sempre se fazer educativo – Formação Humanista" (p. 116); acerca do trabalho desenvolvido pelo "sacerdote Thomaz de Aquino Prata ou simplesmente Padre Prata, um orientador para sua trajetória docente e também pessoal" (p. 116); acerca da

“Biblioteca da Fista, lugar que possuía muitas obras de intelectuais como Paulo Freire, Jacques Maritain, Manuel Lamuer” (p. 133); sobre o período em que “foi aluna do Curso de Pedagogia da Fista (1962-1965)” (p. 133); sobre o ensino da disciplina História da Educação e os sujeitos históricos (p. 161), além de suas memórias pessoais do Ensino de História da Educação (p. 167-172), evidenciando que “ministrou disciplinas de Sociologia Educacional, Sociologia Geral e Filosofia da Educação, entre 1965 e 1982” (p. 167) e que “não ministrou o ensino de História da Educação” (p. 168). Soares (2022) se refere à Prais enquanto “uma estudiosa de Paulo Freire e elaborou materiais para formação de professores com abordagem à alfabetização, segundo os métodos de Paulo Freire [...] pessoa fundamental para sua trajetória profissional” (p. 171), que “atuou em escolas públicas tanto do âmbito estadual quanto municipal da cidade de Uberaba, ocupou o cargo de secretária municipal de educação no período de 1993 a 2000 e realizou projetos como ‘Escola Cidadã’ e ‘Fazendo Escola’” (p. 172) (Soares, 2022, p. 116-172).

Figura 11 - Dedê Prais na Biblioteca da Fista

Fonte: (Soares, 2022, p. 285).

Prais retratada do lado direito nesta imagem (s/d), está de pé, sorrindo, com o rosto voltado para o lado, na Biblioteca da Fista. Complementarmente, Soares (2022, p. 133) apresenta uma descrição do local feita por Prais, em entrevista realizada no ano de 2019: “a Biblioteca era grandiosa. Encontrava quase tudo que precisava. Tinha os originais. Periódicos

mais consensuais com finalidades concorriam para aprofundar o humanista cristão. Algumas vozes se destacavam mais consensuais que defendiam o Humanismo Cristão" (Soares, 2022, p. 133).

Para encerrar a participação de Prais nos depoimentos colhidos para construção da tese, Soares (2022, p. 172) afirma que ela "possui um acervo particular com documentos que contribuirão sobremaneira para futuras pesquisas no âmbito educacional [...] que serão entregues à Superintendência do Arquivo Público de Uberaba e Biblioteca Municipal de Uberaba[28]". Por ser a última pesquisadora a entrevistar Maria de Lourdes Melo Prais, entramos em contato com Edilene Soares, em outubro de 2024, solicitando seu depoimento sobre a trajetória e legado da educadora, transcrito a seguir:

> Falar da Educadora Maria de Lourdes Melo Prais, mais conhecida com Dedê é reportar ao significado puro e autêntico de ser Professor.
> Em encontros que tive a honra de estar com Professora Maria de Lourdes, momentos em que a entrevistei para minha pesquisa de doutorado, foi extremamente enriquecedor e humanístico. Era perceptível a alegria dela em falar sobre sua história acadêmica e, também do apoio que sempre teve de seus pais.
> Ela demostrou em todos os momentos que conversamos que a questão humanística deve fazer parte da vivência com todos. Zelava por uma educação humanística. Isto ficou nítido em sua fala.
> O carinho e gratidão imensa pelas Irmãs Dominicanas foi algo que ficou muito marcante nos momentos com a Professora Maria de Lourdes. Ela sempre afirmava que sua bagagem intelectual e formação enquanto Pedagoga era devido à qualidade de ensino e ética profissional que obteve durante o contato com a Congregação Irmãs Dominicanas.
> Professora Maria de Lourdes sempre se mostrou uma mulher à frente de seu tempo. Essa característica notei logo no primeiro contato que estive em sua casa e o que seria uma conversa de poucos minutos tornou-se três horas de agradável encontro com uma pessoa extremamente apaixonada pela Educação.
> Ela fez questão de me apresentar livros que foram autografados por Paulo Freire e, conforme registrei em minha pesquisa, este educador colaborou de forma muito significativa na formação da Professora Maria de Lourdes. Ela sempre falava dele com muito respeito e gratidão.
> Maria de Lourdes iniciou bem jovem sua carreira como educadora e mencionou nos encontros que estive com ela a importância desse contato na educação. Demostrou em suas falas que a educação é a base para tudo, inclusive para uma sociedade mais justa e com pessoas conscientes de suas responsabilidades, direitos e deveres.
> Maria de Lourdes deixou transparecer em nossas conversas o quanto foi significativa sua experiência enquanto Secretária de Educação em Uberaba e me apresentou materiais que foram produzidos e que, inclusive seriam disponibilizados para Biblioteca Municipal do respectivo município. Quando estive com ela, entre 2019-2020, ela já havia organizado tudo que cederia para os órgãos educativos que se interessassem em preservar o acervo educacional que a mesma construiu ao longo de décadas de trabalho. Estava incluso também, fotos, cartilhas, livros.
> Mulher inteligentíssima, com gosto refinado por leituras de grandes pensadores e admiradora das obras de Monsenhor Juvenal Arduini. Ela mencionou em diversos momentos o quanto era grata pelos excelentes professores que teve, na então FISTA, e o mencionado professor era quem ela dispunha um carinho e agradecimento.

[28] Informamos que o acervo particular de Prais, ao qual se refere Soares (2022, p. 172), foi entregue ao Arquivo Público de Uberaba no ano de 2019 e contribuiu sobremaneira para essa pesquisa/escrita de tese.

> Ela guardava com muito carinho as fotos com as colegas de turma de Pedagogia e também com alguns professores. Ressaltava sempre que a oportunidade de ser a educadora que era um trabalho de lutas e certeza que a educação é primordial para um país.
> Era evidente em sua fala o quanto perseverou e enfrentou embates com pessoas que talvez, não consideram a educação como o que ela enfatiza. E ficou claro em encontros com essa GIGANTE EDUCADORA que ela jamais desistiu de sua proposta educativa para ceder aos desejos ou imposições de gestão e ou política.
> Esta marca na personalidade de Maria de Lourdes me chamou muito a atenção, pois ela enfrentou adversidades num contexto em que a mulher não tinha a voz ativa. Mas, ela não se deixou abater e perseverou com seu propósito educacional, de cidadã e Mulher à frente do seu tempo.
> Para mim foi uma honra tê-la entrevistado e ter a possibilidade de conhecer sua trajetória educacional.
> Falar sobre as percepções que obtive em relação a Educadora Maria de Lourdes é algo difícil, pois ela é de uma importância para a educação não só de Uberaba, mas digo, para o Brasil. Ser educadora como ela foi não é algo que encontramos nos dias atuais. É imprescindível valorizar essa GRANDE EDUCADORA e as imensas contribuições que produziu para o legado educacional (Soares, 2024).

O depoimento de Soares (2024) evidencia o impacto profundo e duradouro da professora Maria de Lourdes Melo Prais, em sua trajetória como educadora, reforçando sua visão humanística, intelectual e progressista sobre o ensino. Ao valorizar uma educação que coloca o ser humano no centro do processo, Prais revela uma concepção pedagógica alinhada aos princípios de Paulo Freire, destacando-se pelo comprometimento com uma educação transformadora e emancipatória. Essa aproximação a Freire não só reflete o respeito e gratidão dela por seu mentor, como também ilustra sua dedicação a uma educação crítica, comprometida com a justiça social, de modo que a relação com Paulo Freire, evidenciada nas conversas e nos livros autografados que Prais compartilhou com Soares (2019), realça sua admiração pelos valores freirianos de respeito ao educando e de construção de uma sociedade mais crítica e consciente de seu papel social. Essa conexão aponta para uma educação pautada na prática dialógica e na valorização do aluno como agente de transformação, uma herança que ela incorpora em sua atuação profissional e que foi essencial durante seu período como Secretária de Educação em Uberaba.

A gratidão às Irmãs Dominicanas e o carinho por mestres como Monsenhor Juvenal Arduini ressaltam a formação intelectual refinada e o compromisso ético que moldaram Prais como educadora. O depoimento ainda evidencia como ela navegou com firmeza e resiliência por um cenário desafiador para mulheres, mantendo-se fiel aos seus ideais educacionais e à visão de uma educação libertadora e crítica, algo que Soares (20224) descreve como singular e raro nos dias atuais. Assim, o legado de Prais, segundo Soares (2024), vai além das fronteiras de Uberaba, influenciando a educação em um contexto mais amplo e reafirmando sua posição como uma educadora de visão avançada e espírito incansável.

A tese “Docência e memória: elos da formação humanista das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (1960-1980), em Uberaba, MG”, orientada pela Prof.ª Dr.ª Denice Barbara Catani, apresentada por Santos, M. L. (2020) à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) buscou compreender e analisar as concepções e práticas predominantes na história da formação docente humanista das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (Fista) em Uberaba, Minas Gerais, uma instituição confessional de ensino superior administrada pelas Irmãs Dominicanas. O estudo examinou as concepções de homem, sociedade, mundo e educação presentes no currículo humanista, enfatizando o estudo reflexivo e a prática pensada como princípios fundamentais, por meio de depoimentos, explorando memórias coletivas reveladoras dos aspectos social, econômico e cultural, bem como das identidades profissionais dos ex-alunos e ex-professores. Embasada na teoria sociológica do francês Pierre Bourdieu, Santos, M. L. (2020) analisou conceitos como *habitus*, prática e campo, ampliando a compreensão das práticas e saberes vivenciados pelos egressos no contexto histórico de 1960 a 1980, incluindo a influência da Igreja e da Ditadura Militar, visando contribuir para uma concepção antropológica de currículo, destacando o papel das instituições escolares na humanização das relações entre os sujeitos e sua conexão com o passado e o presente por meio do diálogo entre culturas, saberes e desafios.

A tese de Santos, M. L. (2020, p. 122) exibe “depoimentos dos egressos da Fista, referentes à formação docente humanista e a construção da identidade profissional, reveladores de um diferencial na prática educativa”, dentre eles o da “Dr.ª Maria de Lourdes Melo Prais, ex-aluna e professora da Fista, consultora do Instituto Paulo Freire, assessora pedagógica e ex-secretária de educação de Uberaba” (p. 122) no qual a professora parece expressar um profundo senso de gratidão e reconhecimento pela instituição de ensino ao compará-la a árvore, um local em que os indivíduos começaram a construir suas bases profissionais e que carregam consigo as influências e ensinamentos recebidos. Além disso, o depoimento destaca o valor da amizade e da tolerância que foram ensinados lá, e como essas lições foram fundamentais para alcançar a unidade em meio à diversidade humana (Santos, M. L., 2020, p. 122).

Com o intuito de aprofundar meu entendimento para a construção da rede de sociabilidade de Prais, entrei em contato com a professora Maria de Lourdes Leal dos Santos para esclarecer se seu relacionamento com Prais se restringiu às entrevistas realizadas em virtude da escrita da tese (assim como ocorreram na escrita da dissertação citada no Quadro 10 dessa tese) ou se houve uma colaboração profissional mais extensa, especialmente durante seu período de atuação na Prefeitura de Uberaba.

Segue o retorno da professora Santos, M.L. (2024) que trabalhou com Prais na educação local por mais de uma década:

> Como diretora escolar da Escola Municipal Paulo Rodrigues, no Bairro Santa Maria, trabalhei mais de 10 anos com a professora Dr.ª Maria de Lourdes Melo Prais, Dedê. Ela sempre foi referência na educação brasileira, com atuação de ponta em Uberaba, principalmente no período que foi Secretária Municipal de Educação realizando inúmeros investimentos na formação docente dos gestores escolares e dos professores da Educação Básica. O plano de carreira dos educadores municipais tornou-se realidade com a presença de Dedê. Além de minha grande amiga, a quem tenho o maior orgulho, a Dedê abriu horizontes para a educação municipal. Pena que muitos projetos e ações suas foram abandonadas pelos novos governos. Desde a infraestrutura das escolas à valorização profissional dos gestores e colaboradores das escolas municipais, durante sua gestão ganharam força e destaque em âmbito nacional. A formação da Dedê tem raízes na educação cidadã libertadora, à luz da educação humanista das Irmãs Dominicanas de Uberaba. Eu sempre trabalhei com as Irmãs Dominicanas e com os Irmãos Maristas, aos quais vivenciei inúmeros valores humanos e cristãos compartilhados com o trabalho na esfera pública, junto a Dedê. Para mim, ela é referência na construção de uma escola crítica, amorosa, aberta a todos, com fidelidade aos princípios da educação libertadora. Uma formação humanista que se traduz na construção de uma sociedade mais justa, humana, sustentável e solidária (Santos, M.L., 2024).

O depoimento de Santos, M.L. (2024) ressalta que Prais não foi apenas uma colega de trabalho, mas também uma grande amiga, cuja amizade e colaboração foram motivo de orgulho. A convivência com ela e com outras influências, como as Irmãs Dominicanas e os Irmãos Maristas, proporcionou um ambiente rico em valores humanos e cristãos, que se refletiu no trabalho público e pessoal e essa conexão reforçou o compromisso com uma educação voltada para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, valores que Prais também se empenhava em alcançar por meio de sua prática docente.

Além disso, no âmbito profissional, Santos, M.L. (2024) considera que Prais foi essencial na realização de importantes investimentos na formação docente e na implementação do plano de carreira dos educadores municipais e, por conseguinte, sua gestão focada na infraestrutura escolar e na valorização profissional dos gestores e colaboradores das escolas municipais teve um impacto expressivo que ganhou destaque em âmbito nacional. Ademais, sua formação na educação cidadã libertadora e humanista orientou suas ações e decisões, tornando-se um modelo para práticas educacionais críticas e inclusivas.

O depoimento de Santos, M.L. (2024) é valioso tanto pelas suas observações profissionais quanto pessoais, oferecendo uma visão detalhada sobre a gestão de Prais e seu impacto significativo na educação municipal, incluindo melhorias na infraestrutura escolar, a valorização dos profissionais da educação e a implementação de práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas. Além disso, essas contribuições refletem na construção da rede de

sociabilidade de Prais, evidenciando como suas ações e iniciativas fortaleceram os laços entre educadores, gestores e a comunidade, promovendo um ambiente colaborativo e solidário.

Santos, R. (2020) apresentou a tese "Da Escola Cidadã à Escola do Caminho: Percursos da Educação Municipal em Uberaba, MG (1993/2016)", orientada pelo Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto, ao Programa de Doutorado em Educação da Uniube, na qual asseverou que desde 1993, a educação pública municipal em Uberaba (MG) adotou os fundamentos da Escola Cidadã, cujos princípios educativos foram vivenciados nas escolas municipais; embora, ao longo do tempo, houvesse mudanças na nomenclatura da proposta, refletindo ampliações e adaptações. Esta persistência instigou um estudo sobre a trajetória da Escola Cidadã, especialmente considerando mudanças nos governos municipais, de modo que a pesquisa investigou a implementação das ações educacionais entre 1993 e 2016, durante seis governos municipais, com foco na compreensão de como esses princípios foram incorporados na área da educação. Utilizando uma abordagem documental e fundamentos do materialismo histórico dialético, a análise revelou que os princípios da Escola Cidadã foram mantidos ao longo dos anos, mas perderam força progressivamente, especialmente em um contexto político liberal que trouxe mais desafios do que benefícios ao avanço educacional. Assim, as mudanças de governo municipal contribuíram para o enfraquecimento dos desdobramentos da Escola Cidadã em relação às categorias de análise propostas.

Santos, R. (2020, p. 107, 137) apresenta quadros nos quais Prais figura enquanto Secretária da Educação do município de Uberaba por duas gestões: 1ª gestão (1993-1996) e 2ª gestão (1997-2000) durante os governos de Luiz Guarita Neto e Marcos Montes Cordeiro, respectivamente. Além disso, Prais é citada para explicitar os documentos que referendam os princípios da Escola Cidadã em Uberaba (1993-2016):

> Respondendo às demandas específicas da população estudantil de Uberaba, a filosofia da Rede Municipal de Ensino de Uberaba encontra-se organizada em princípios explicitados no texto de Prais e Silva intitulado: "Escola Cidadã: fundamentos políticos, filosóficos e pedagógicos", publicado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba, em 2000, e reafirmados, em 2006, no Plano Decenal Municipal de Educação (Lei Municipal n.º 9895/06) (Santos, 2020, p. 112, 115).

Prais emerge, ainda, entre os postulados documentais sobre gestão educacional da Escola Cidadã em Uberaba, 1993-2016, levantados por Santos R. (2020, p. 121):

> A Secretária Maria de Lourdes Melo Prais considera o Colegiado Escolar como "condição de possibilidade de uma prática pedagógica progressista e o seu surgimento como processo evolutivo historicamente necessário" (Administração Colegiada na Escola Pública, 1990, p. 24). Ela acredita ser o processo de administração colegiada um projeto educativo que intencional e coletivamente se empenha em elevar qualitativamente o nível cultural dos membros das camadas populares. Neste sentido,

> ela explicita o caráter eminentemente educativo e político de tal prática administrativa na medida em que essa prática se articula com a função essencial da escola pública, no sentido etimológico de público, enquanto popular (Santos, 2020, p. 121).

Santos, R. (2020, p. 139) cita Prais (2000) enquanto autora da apresentação do caderno intitulado "Fundamentos políticos, filosóficos e pedagógicos", no qual destaca indicadores políticos positivos que apontam para um futuro promissor na oferta de educação de qualidade, reforçando o compromisso com a oferta de uma escola pública de qualidade máxima, descrevendo-a como "séria, competente, curiosa, questionadora, crítica, criativa e sobretudo alegre e prazerosa" (Prais e Silva, 2000, p. 3), evidenciando sua visão sobre a importância de uma educação de qualidade e os valores que ela considera essenciais para uma escola eficaz.

Já a tese "Gestão democrática e conselhos de escola no município de Araraquara/SP", orientada pela Prof.ª Dr.ª Maria Teresa Miceli Kerbauy e apresentada por Peres (2016) ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) abordou o tema da gestão democrática na educação, destacando sua origem nos anos 1980 e sua expansão na década seguinte, sobretudo, com a participação popular na administração pública. Focando nos Conselhos Escolares de Araraquara, SP, previstos por lei, buscou entender por que a gestão democrática não se concretizou devido a desafios como a falta de cultura participativa, problemas na implementação de políticas públicas e questões estruturais da educação.

Nessa tese, Prais (1994) é utilizada para dar sustentação teórica em assuntos como a função essencial da escola pública (p. 33), a gênese da ideia e a função da administração colegiada ao se constituir em processo democrático de decisões (p. 37-39-44), a ação colegiada na prática educativa (p. 47) e a cultura participativa (p. 58). As citações de Prais (1994) contribuem com o discurso de Peres (2016, p. 33-58) em razão de enfatizar a importância da administração colegiada na escola pública como um meio de garantir a qualidade do ensino e de promover a participação democrática de professores, alunos e pais na definição e implementação do projeto político-pedagógico, na medida em que essa abordagem contribui para fortalecer o papel do diretor como líder educacional e busca da melhoria das relações internas da escola, com foco central na atividade educativa.

A tese de Custódio (2011), orientada pelo Prof. Dr. Antônio Chizzotti, intitulada "Profissionalização do magistério na educação básica: análise da valorização profissional do professor da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental", apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), investigou as implicações das políticas educacionais de valorização do magistério, implementadas após a LDB n.º 9394/96, no

processo de profissionalização dos professores na educação básica, com foco na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O estudo analisou a valorização profissional dos professores na rede municipal de ensino de Uberaba-MG, destacando a formação e a carreira dos docentes, concluindo que o discurso da profissionalização, paradoxalmente, tem mantido a desvalorização do magistério e legitimado o controle estatal e as reformas educacionais, resultando em práticas desprofissionalizantes.

Segundo Custódio (2011), em 1993, a Prof.ª Maria de Lourdes Melo Prais assumiu a Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, permanecendo no cargo até 2000. Com um perfil voltado para a democratização do espaço escolar, baseado em seus estudos e experiência como diretora escolar, Prais implementou diversas ações políticas e pedagógicas que visavam conhecer, analisar e criticar a realidade da educação municipal, resultando gradualmente na mudança de princípios, comportamentos, normas e procedimentos que refletiam novos conceitos educacionais (Custódio, 2011, p. 46).

Fazendo referência a Prais e Silva (2000), Custódio (2011, p. 48) esclarece, em sua tese, que o Projeto da Escola Cidadã foi orientado e respaldado por Freire:

> Os princípios norteados da proposta político pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, implementada nesta gestão, encontra respaldo na pedagogia de Paulo Freire, orientador e interlocutor do Projeto da Escola Cidadã que apresenta como principal propósito construir no cotidiano da escola "uma educação que, ao procurar responder às legítimas necessidades do homem, historicamente situado, promovesse "A CONSTRUÇÃO AMOROSA DA CIDADANIA" (Prais e Silva, 2000, p. 7).

A tese da professora Dalbério-Borges (2007) denominada "Escola pública, currículo e educação emancipadora: o projeto político-pedagógico como mediação", orientada pelo Prof. Dr. Mário Sergio Cortella, apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), investigou o impacto do Projeto Político Pedagógico (PPP) nas escolas do Município de Uberaba-MG, com foco na formação dos professores, gestão democrática, participação da comunidade e melhoria da qualidade de ensino. Prais (1990, 2000) é referência para elucidar na tese temas como: a importância de o diretor escolar ter habilidades de comunicação, de síntese e de coordenação para efetivamente liderar o processo educativo (p. 66); os princípios e objetivos da "Escola Cidadã", uma iniciativa educacional em Uberaba que buscou promover uma educação centrada na construção da cidadania (p. 102), que incluem promover a identidade sociocultural dos alunos, valorizar o papel do professor como coautor da ação educativa, envolver todos os segmentos da escola, reconhecer a provisoriedade do conhecimento e promover uma metodologia educacional dialógica e participativa (p. 102) (Dalbério-Borges, 2007, p. 66-102).

Em junho de 2024, entrei em contato com a professora Maria Célia Borges, ex-aluna da professora Prais, na Fiube (que agregou os professores e a proposta educacional da antiga e extinta Fista), para obter informações adicionais sobre a influência de Prais em sua prática docente, uma vez que ela utilizou o livro "Administração Colegiada na Escola Pública" como referência teórica na escrita da tese supracitada e para o levantamento da rede de sociabilidade que estamos construindo sobre Prais, enquanto intelectual da educação (tema dessa parte da seção). Questionei à Borges, que atualmente ocupa o cargo de Professora Titular da Carreira de Magistério Superior da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como foi o período em que foi aluna da professora Prais. Em seguida, questionei sobre os impactos de Prais em sua trajetória profissional. Essas questões serviram como fio condutor para resgatar memórias e reflexões que evidenciam o alcance e a relevância do trabalho de Prais na formação de gerações de educadores e no fortalecimento do ensino em Uberaba e região.

Embora não possuísse registros fotográficos da época em questão, a professora compartilhou detalhes valiosos sobre sua experiência como aluna de Prais no curso de Pedagogia "que durou quatro anos e meio (1983-1987); portanto, antes da LDB n.º 9394/1996" (Borges, 2024, p. 30). Habilitando-a para atuar nas áreas: "Magistério das Matérias Pedagógicas, Orientação Educacional, Supervisão Pedagógica e Administração Escolar" (Borges, 2024, p. 30).

Descrevendo-a como "uma professora extraordinária, sábia, séria e exigente" (Borges, 2024), com quem aprendeu muito, pois Prais tinha um método pedagógico que envolvia a "leitura de textos longos e críticos" (Borges, 2024), seguidos de resumos e debates em sala de aula, de modo que todos os alunos eram incentivados a se posicionar e a "discutir os conteúdos" (Borges, 2024). Borges (2024) destacou que, por meio dessa metodologia, leu autores como Paulo Freire e Bárbara Freitag, desenvolvendo uma visão crítica da realidade. Ela também aprendeu a usar essa metodologia de discussão circular em suas próprias aulas, adotando uma "prática docente dinâmica, dialógica e criativa" (Borges, 2024). Esse período sob a orientação de Prais foi fundamental para que ela adquirisse "habilidades de criticidade, falar em público, se posicionar e debater" (Borges, 2024).

A contribuição da professora Borges (2024) é um testemunho importante da influência de Prais na formação de seus alunos e na perpetuação das metodologias educacionais adotadas, que foi reiterada na sua defesa de Memorial Descritivo apresentado, em 16 de fevereiro de 2024, à Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), para sua promoção para a Classe de Professora Titular da Carreira de Magistério Superior:

> As disciplinas que possibilitaram um debate mais crítico foram: Sociologia da Educação I e II, com a Prof.ª Maria de Lourdes Melo Prais (Dedê), época em que fiz a leitura de Paulo Freire, Althusser, Bárbara Freitag e outros. Os debates na sala de aula eram intensos e muito ricos (Borges, 2024, p. 37).

Os autores citados por Borges (2024) compartilhavam um enfoque crítico em suas abordagens à educação e à sociedade: Em "Pedagogia do Oprimido" (1968), Paulo Freire enfatizou a emancipação dos oprimidos a partir de uma educação dialógica que deveria promover a consciência crítica. Louis Althusser, em "Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado" (1970), evidenciou como as instituições educacionais funcionam como aparelhos ideológicos do Estado, perpetuando as relações de poder existentes. Enquanto Bárbara Freitag, em "Escola, Estado e Sociedade" (1977), criticou as desigualdades sociais e políticas no sistema educacional brasileiro, propondo uma análise sociológica das políticas públicas educacionais.

Em comum Freire, Althusser e Freitag destacaram a educação como um campo de batalha para a transformação social e a conscientização crítica. A leitura de suas obras, significava se equipar com ferramentas teóricas e críticas que permitissem entender e desafiar as dinâmicas de poder na educação e na sociedade, promovendo a referida visão mais crítica e, por conseguinte, transformadora da realidade educacional.

A tese de Sá (2007) intitulada "Educação a distância: Estudo exploratório e analítico de curso de graduação na área de formação de professores", orientada pelo Prof. Dr. Sérgio Ferreira do Amaral, e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), investigou o processo de concepção, planejamento, implementação e avaliação da Licenciatura em Pedagogia - Séries Iniciais do Ensino Fundamental na modalidade de educação a distância na Universidade Federal do Paraná (UTFPR), entre 1999 e 2002, objetivando analisar criticamente os aspectos teórico-práticos desse curso, revelando suas características sistêmicas e sua qualidade formal e política. Aqui, Prais (1996) figura entre os "autores que contribuíram com essa concepção teórica e metodológica para a educação brasileira e, sobretudo, para a área de formação de professores nos anos oitenta e noventa" (Sá, 2007, p. 135, 174). A citação feita por Sá (2007, p. 135), ao tratar da "concepção de educação construída sob marcos da pedagogia histórico-crítica" sugere que as contribuições de Prais (1996) foram importantes para moldar as práticas educacionais e influenciar o pensamento pedagógico da época reiterando a tese de que ela é considerada uma das intelectuais cujo trabalho teórico e metodológico foi significativo para o desenvolvimento da educação do país.

Orientado pela Prof.ª Dr.ª Vera Maria Nigro de Souza Placco, Gonçalves (2007), apresentou a tese "Gestão e Participação: subjetividades em relação" à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que analisou uma experiência de gestão participativa em uma escola de educação básica em São Paulo, mantida por uma fundação privada sem fins lucrativos e operando nesse modelo há cerca de quarenta anos, concluindo que a eficiência e a eficácia escolares melhoram com a participação ativa dos membros da comunidade escolar. O estudo visava apoiar a contínua avaliação da estrutura e funcionamento escolar, sem formular modelos rígidos, mas oferecendo considerações sobre a implantação e avaliação da gestão participativa, por isso Gonçalves (2007) utilizou o livro de Prais (1990) "Administração Colegiada na Escola Pública" (1990) sobre essa temática para respaldar seu discurso:

> A administração colegiada preocupa-se em instituir uma forma de organização escolar que supere os conflitos através da síntese superadora resultante das convergências e sintonias dos diferentes grupos que integram a escola, por meio da participação coletiva. Elimina-se, assim, o espírito corporativo e competitivo existente no interior do espaço escolar [...] (Prais, 1991, p. 84).

Sob a orientação do Prof. Dr. Moacir Gadotti, Padilha (2003), apresentou a tese "Currículo intertranscultural: por uma escola curiosa, prazerosa e aprendente" à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). A referida tese explora a construção de uma educação inclusiva, emancipadora e humanizadora, fundamentada na pedagogia freiriana e no conceito de "Círculo de Cultura". Baseando-se em vivências pessoais negativas na escolaridade, o autor propõe a superação dessas experiências por meio da atualização dos eixos temáticos curriculares da Escola Cidadã. Padilha (2003) confronta as principais teorias de currículo com abordagens contemporâneas, propondo o "currículo intertranscultural" como uma forma de superar a lógica binária entre monoculturalismo e multiculturalismo, bem como entre particularismos e universalismos; enfatiza a importância de um currículo que promova a curiosidade, o prazer e o aprendizado contínuo, de modo a favorecer uma escola que seja um espaço inclusivo, democrático e comprometido com a formação cidadã.

A referência à Prais ocorre logo no início, quando Padilha (2003) agradece às companheiras e aos companheiros do Instituto Paulo Freire (Padilha, 2003, p. 5-6). Mais adiante, listou-a entre os educadores com uma ampla vivência relacionada à experiência da Escola Cidadã, presentes no I Encontro Internacional das Escolas Cidadãs (I EINEC), realizado durante o II Fórum Social Mundial em Porto Alegre (RS), no período de 31 de janeiro a 05 de fevereiro de 2002 (Padilha, 2003, p. 89-90).

Padilha (2003) destaca uma experiência de gestão educacional municipal em Uberaba-MG, de 1993 a 2000, coordenada pela então Secretária de Educação, Maria de Lourdes Melo Prais, que ficou conhecida como "Escola Cidadã: construção amorosa da cidadania" (p. 97). Este projeto, desenvolvido ao longo de oito anos, configurou-se como uma proposta política educacional abrangente, fundamentada nos princípios da Escola Cidadã e inspirada pelos parâmetros do Instituto Paulo Freire. A experiência se destacou por sua abordagem de "construção amorosa da cidadania" (p. 97), caracterizada pela seriedade, competência, criticidade, e pela busca da criatividade humana de forma alegre e prazerosa, apesar das limitações legais, financeiras e das condições concretas de trabalho (Padilha, 2003, p. 97).

Complementarmente, no volume 6 da série "Educação Cidadã", Antunes e Padilha (2010) destacam que o projeto da Escola Cidadã em Uberaba (MG) se consolidou como uma "construção amorosa da cidadania", combinando conhecimento, sensibilidade e sustentabilidade. A escola se caracterizou por ser "séria, curiosa, questionadora, crítica, criativa e, sobretudo, alegre e prazerosa", em consonância com os ideais defendidos por Paulo Freire (Antunes & Padilha, 2010, p. 41-42).

A referência à Prais ocorre em outra obra do professor Padilha (2007): "Educar em Todos os Cantos: Reflexões e Canções por uma Educação Intertranscultural", em que ele agradece pessoas muito sensíveis, especiais e importantes na sua formação humana e profissional (p. 27-28), e acrescenta: "Agradeço à professora Maria de Lourdes Melo Prais, ex-secretária de educação do Município de Uberaba-MG, atualmente docente e assessora educacional da equipe do Instituto Paulo Freire, pelas excelentes contribuições dadas à atualização da estrutura do PEPP" (Padilha, 2007, p. 170), elucidando uma relação marcada por proximidade pessoal e colaboração profissional.

Em contato realizado no mês de agosto de 2024, o professor Padilha, que ainda faz parte da equipe atuante do Instituto Paulo Freire nos dias de hoje, informou-me que estava escrevendo um artigo para um livro em homenagem à professora Dedê Prais, organizado por Aurélio Wander Chaves Bastos, e acrescentou: "Dedê é muito minha amiga. Muito querida e próxima. Trabalhamos juntos e viajamos muito juntos em projetos do IPF" (Padilha, 2024).

A seguir, o Quadro 10 exibe uma compilação das dissertações que fazem referência à intelectual Prais, destacando a diversidade de temas e abordagens que permeiam o legado de sua atuação na educação. Ao longo das diferentes datas, vemos dissertações que exploram aspectos fundamentais da prática educacional, desde a formação continuada na Educação Infantil até a gestão democrática nas escolas públicas. Além disso, há um foco significativo na

implantação da Escola Cidadã no Município de Uberaba, evidenciando o papel crucial desempenhado por Prais nesse contexto. A variedade de títulos e autores reflete a amplitude do impacto de sua obra e suas contribuições para o pensamento e para a prática educacional contemporânea. O quadro10 oferece, por conseguinte, uma visão panorâmica das dissertações que reconhecem e valorizam a influência de Prais no campo da educação, ilustrando sua relevância contínua e duradoura no cenário acadêmico.

Quadro 10 - Dissertações que fazem referência à intelectual Prais

Data	Título	Autor(a)	Referência(s) à Prais
2021	Todas somos educadoras sexuais: a formação continuada na Educação Infantil pensa sobre isso?	Thais Villa Oliveira	Professora que dá nome à Casa do Educador "Prof.ª Dedê Prais"
2017	A Proposta de uma Escola Cidadã no Município de Uberaba: Permanências e alterações entre os anos de 1993 e 2016	Vinícius Borges de Andrade	Implantação da Escola Cidadã, enquanto Secretária da Educação
2015	O fórum nacional em defesa da escola pública e o Princípio de gestão democrática na constituição Federal de 1988	Camila Mendes Pinheiro	Administração colegiada na escola pública
2014	Formação cultural: arte e cultura convertidas em instrumentos da preparação para o trabalho	David Budeus Franco	Proposta Pedagógica da Escola Nossa Senhora da Abadia
2012	Conselho de Classe: instância de avaliação coletiva numa perspectiva participativa	Claudinete Maria dos Santos	Administração colegiada na escola pública
2009	Do trabalho consentido ao trabalho com sentido: o trabalha(dor) docente no Ensino Fundamental	Vera Lúcia Gonçalves	Implantação da Escola Cidadã, enquanto Secretária da Educação
2008	Gestão democrática na Escola Nossa Senhora da Abadia: avanços e impasses no cotidiano docente	Ana Luiza Ribeiro	Administração colegiada na escola pública Escola Cidadã – Educação: construção amorosa da cidadania
2007	Ser professor coordenador pedagógico: Sobre o trabalho docente e sua autonomia	Sâmara Carla Lopes Guerra de Araújo	Administração colegiada na escola pública
2007	Regime militar, resistência e formação de professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba/MG (1964-1980)	Eustáquio Donizeti de Paula	Formação de professores na Fista durante o regime militar
2006	A escola, espaço coletivo de formação continuada de professores	Valéria de Freitas Oliveira	Implantação da Escola Cidadã, enquanto Secretária da Educação

	em serviço: Limites e possibilidades		Escola Cidadã – Educação: construção amorosa da cidadania
2006	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino: um marco humanista na história da educação brasileira (1960-1980)	Maria de Lourdes Leal dos Santos	Ex-aluna e ex-professora da Fista
2004	O aluno-docente e sua formação: a (re)construção compartilhada de saberes	Maria Soledade Gomes Borges	Escola Cidadã – Educação: construção amorosa da cidadania
2004	O papel do diretor na escola cidadã	Renilda Maria Rosa	Implantação da Escola Cidadã, enquanto Secretária da Educação Construção do PPP Administração colegiada na escola pública
2003	Escola de tempo integral: buscando evidências de um ensino de qualidade	Vânia Maria de Oliveira Vieira	Implantação da Escola Cidadã, enquanto Secretária da Educação
2003	Uma experiência: da elaboração de uma proposta curricular à sua execução com professores	Jeanne Aparecida de Ávila	Implantação da Escola Cidadã, enquanto Secretária da Educação

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Começamos as análises das dissertações por Oliveira (2021) que apresentou ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a dissertação denominada “Todas somos educadoras sexuais: a formação continuada na Educação Infantil pensa sobre isso?”, sob a orientação do Prof. Dr. Vagner Matias do Prado. A referida pesquisa investigou a presença da educação sexual na formação continuada de professoras da Educação Infantil na rede municipal de ensino de Uberaba/MG, entre 2015 e 2019, relacionando-a ao currículo municipal. Prais é citada por Oliveira (2021, p. 44) no texto para explicar que “a professora que dá nome à Casa do Educador é Maria de Lourdes Melo Prais, cidadã uberabense reconhecida por seus estudos freirianos e pela aplicação de práticas educativas humanizadoras e diferenciadas, tendo sido secretária de Educação de Uberaba entre os anos de 1993 e 2000”.

Em dissertação intitulada “A Proposta de uma Escola Cidadã no Município de Uberaba: Permanências e alterações entre os anos de 1993 e 2016”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Marinalva Vieira Barbosa, Andrade (2017) apresenta estudo que abordou a evolução da proposta da Escola Cidadã, inicialmente baseada nos princípios de Paulo Freire, ao longo do período de 1993 a 2016, na cidade de Uberaba (MG). A pesquisa apresentou três fases distintas de desenvolvimento: uma inicial, fundamentada nas ideias freirianas, seguida

por uma fase com influências neoliberais e, por fim, uma fase contemporânea que mantém os princípios de Freire, mas com uma inclinação ideológica neoliberal. O estudo também analisou os movimentos de resistência e sujeição relacionados ao saber, poder e sujeito nos discursos oficiais, e como essas relações influenciaram as mudanças na proposta da Escola Cidadã em Uberaba.

Nessa dissertação, Andrade (2017) faz alusão à Conferência "Educação: compromisso e ética", ilustrada pela Figura 12, que contou com a participação de Paulo Freire e da comissão responsável pela elaboração da proposta da Escola Cidadã em Uberaba, no ano de 1995 (p. 64); à "criação do Centro de Formação Permanente de Professores Prof.ª Dedê Prais (CEFOR)" (p. 67); à "comissão que organizou e sistematizou o Plano de Decenal Municipal de Educação (PDME) que foi coordenada por meio da consultoria do grupo Mares Guia e Rennó e Prais & Prais" (p. 75); além de utilizar os textos de Prais (2000) "Escola Cidadã, Educação: Construção Amorosa da Cidadania: Fundamentos Políticos, Filosóficos e Pedagógicos" (p. 62) e de Prais e Silva (2000): "Fundamentos Políticos, Filosóficos e Pedagógicos da Escola Cidadã" (p. 90) para fundamentar as concepções de Escola Cidadã. Andrade (2017, p. 75) apropria-se, ainda, de Prais (2000, p. 5) para afirmar que era preciso estreitar "o diálogo entre a escola e a cidade, compreendendo a escola como apropriação da cidade a que pertence, levando para dentro de si os interesses e as necessidades da população".

Figura 12 - Registro fotográfico do pronunciamento de Prais na conferência "Educação: compromisso e ética"

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1995).

Pinheiro (2015) apresentou a dissertação “O fórum nacional em defesa da escola pública e o princípio de gestão democrática na Constituição Federal de 1988”, orientada pela Prof.ª Dr.ª Neusa Maria Dal Ri, ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – *Campus* de Marília, abordando o papel do Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública (FNDEP) na Assembleia Nacional Constituinte (ANC) e na proposição da Gestão Democrática (GD) nas escolas. A GD, proposta pelo Fórum, buscava implementar mecanismos participativos, como a eleição de diretores e conselhos escolares. O estudo investigou a origem e o impacto dessas propostas, levando em conta que a GD foi inserida na legislação, mas sem especificações detalhadas de funcionamento, destacando-se o conselho escolar como núcleo central e a eleição de diretores como princípios democráticos-chave.

Na dissertação de Pinheiro (2015, p. 124-146), Prais (1998) é referência para falar da ênfase dada ao “estudante na organização escolar” (p. 124); para tratar da “administração colegiada” (p. 130, 134) [...] “como um fator de combate à seletividade, discriminação e fragmentação do trabalho escolar evidenciado na escola” (p. 125); para elucidar os conceitos da “pedagogia progressista/crítica” (p. 130) que se “forjaram no contexto da educação popular” (p. 133); para elencar os “teóricos que melhor elaboraram propostas” condizentes com essa pedagogia (p. 130); para explicitar como “a administração colegiada no Estado de Minas Gerais ocorreu mediante a organização do I Congresso Mineiro de Educação” (p. 143, 144, 145), para falar que em 1983, “foi realizado o I Congresso Mineiro de Educação” (p. 145) e, por fim, para explicar que a “administração colegiada, enquanto política educacional, teve dificuldades para concretizar-se” (p. 146) (Pinheiro, 2015, p. 124-146).

O uso recorrente da obra de Prais (1996) por Pinheiro (2015) em sua pesquisa sugere que os conceitos e reflexões ali apresentados são considerados fundamentais para a compreensão dos temas abordados na dissertação. A autora encontrou nesse referencial uma base teórica sólida para discutir aspectos como a centralidade do estudante na organização escolar, a administração colegiada, os princípios da pedagogia progressista/crítica, bem como o contexto histórico e os desafios enfrentados na implementação dessa forma de gestão como política educacional. Pode-se inferir, portanto, que a constante interlocução com o trabalho de Prais (1996) evidencia a relevância de suas contribuições para a sustentação dos argumentos desenvolvidos por Pinheiro (2015).

Orientado pelo Prof. Dr. Carlos Antônio Giovinazzo Jr., Franco (2014) apresentou a dissertação “Formação cultural: arte e cultura convertidas em instrumentos da preparação para

o trabalho" à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que visava analisar a formação cultural oferecida por uma escola estadual e outra privada em Minas Gerais, focando na valorização das atividades culturais e artísticas. O estudo investigou como são definidos diagnósticos, objetivos educacionais e ações para resolver problemas relacionados à formação cultural. A pesquisa, baseada na Teoria Crítica da Sociedade[29], confirmou que as atividades culturais são cada vez mais vistas como essenciais para melhorar a qualidade da educação, refletindo a interligação entre cultura e mundo do trabalho.

Infere-se a partir do discurso de Franco (2014) que a escola estadual da rede pública do estado de Minas Gerais pesquisada foi a Escola Nossa Senhora da Abadia, escola essa que teve "Prais como primeira diretora" (Ribeiro, 2008, p. 58):

> O documento intitulado Proposta Pedagógica (PP), traz, de saída, uma referência a uma conhecida pedagoga da cidade, cujo nome é Maria de Lourdes Melo Prais, mais conhecida por Dedê Prais. Ela foi a primeira diretora da escola, desde a sua fundação em 1966 até 1989. Depois disso, tornou-se secretaria municipal de educação na gestão 1993-1996. Segundo consta, é em sua gestão que foram criadas as bases pedagógicas em que a escola se sustenta até os dias atuais [...] Como uma espécie de epígrafe, o documento apresenta, sem dizer de onde foi extraída, a seguinte mensagem atribuída à pedagoga: O que caracteriza a "Escola do Aprenda a Ser" é a formação do ser de humanidade plena, ou seja, a preocupação com a oferta de condições propícias para o desenvolvimento do aluno em todas as suas dimensões. Assumindo-se como permanente aprendiz e autor de sua própria construção, o aluno se desenvolve como ser de conhecimento (leitor e intérprete arguto da realidade); como ser de competências (autor e ator criativo de alternativas face às diferentes demandas de transformações sociais); ser de convivência solidária (humanizador das relações interpessoais, ambientais e culturais); enfim, ser de humanidade plena (eticamente atuante na construção de uma sociedade mais digna, justa, amorosa e feliz) (Franco, 2014, p. 64-65).

Faz-se necessário asseverar que, o trecho acima já havia sido citado no capítulo 3 da dissertação de Ribeiro (2008), analisada nas páginas 190-191 desta tese, ponderando sobre o cotidiano da Escola Estadual Nossa Senhora da Abadia, para compreender os avanços, impasses e desafios enfrentados em sua experiência de gestão democrático a partir da "filosofia escolar do 'Aprenda a Ser'[30], que se desdobra no projeto da Escola Cidadã, guiada pelos ideais freirianos" (Ribeiro, 2008, p. 14).

A dissertação "Conselho de Classe: instância de avaliação coletiva numa perspectiva participativa" apresentada por Santos (2012), sob orientação da Prof.ª Dr.ª Lúcia Maria Gomes

[29] A teoria crítica da Escola de Frankfurt é chamada assim por dois motivos: primeiro, por fazer uma crítica social ao desenvolvimento intelectual da sociedade, especialmente em relação às teorias iluministas; e segundo, por apresentar uma interpretação renovada do marxismo, propondo novas perspectivas sem abandonar os ideais da esquerda.

[30] Note-se que, no texto de Ribeiro (2008), a expressão "Escola do Aprenda a Ser" é mencionada 17 vezes, enquanto a referência à filosofia escolar do "Aprenda a Ser" aparece em 22 ocasiões.

Corrêa Ferri, à Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) investigou o Conselho de Classe como espaço democrático de avaliação coletiva na organização escolar, com a inclusão de pais para promover transformações nas práticas pedagógicas. Utilizando uma abordagem fenomenológico-qualitativa em estudo de caso, analisou como o Conselho de Classe influencia as decisões coletivas e os resultados da aprendizagem, destacando seu papel na reorganização do trabalho pedagógico coletivo em uma perspectiva progressista. A dissertação se utiliza das palavras de Prais (1994) para argumentar que na administração colegiada, há a possibilidade de fazer sobrepujar os interesses coletivos sobre os interesses particulares, tem-se o principal elemento de democratização do espaço escolar (Santos, 2012, p. 16).

Na dissertação intitulada "Do trabalho consentido ao trabalho com sentido: o trabalha(dor) docente no Ensino Fundamental", orientada pela Prof.ª Dr.ª Sálua Cecílio e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (Uniube), Gonçalves (2009) trata da construção do sujeito profissional docente, considerando as diversas relações presentes nos contextos socioeconômico, cultural, familiar, acadêmico, ideológico e profissional; focando nas mudanças sociais e mercadológicas, inovações tecnológicas e alterações na estrutura familiar que impactam o trabalho dos professores, especialmente aqueles que atuam em turmas de 11 a 14 anos em escolas municipais de Uberaba-MG. Os resultados indicam que o significado de ser professor, as razões da escolha profissional e as concepções sobre formação e educação dependem das relações em diferentes contextos, por conseguinte, o trabalho docente é descrito como um esforço consciente, muitas vezes consentido, sujeito a obrigações e imposições inerentes ao cargo.

Para dar sustentação teórica à dissertação, Gonçalves (2009), refere-se a Prais para tratar da "perspectiva da 'Escola Cidadã', adotada pela Rede Municipal de Ensino de Uberaba, desde o ano de 1993" (p. 280), tendo como filosofia "A Construção Amorosa da Cidadania" (p. 164). Gonçalves (2009, p. 175) afirma, ainda, que "de 1993 até 2000, quem respondia pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura era a Senhora Professora Maria de Lourdes Melo Prais, mais conhecida no meio acadêmico como Dedê" lembrando que "nos anos em que Dedê esteve à frente da SMEC, estiveram em Uberaba para falar sobre os pressupostos da Escola Cidadã, Freire e Giusta". Ainda segundo Gonçalves (2017, p. 184), "após 10 anos, por meio do Decreto n.º 750 de 04/05/94, foi criado o Centro de Formação Permanente 'Prof.ª. Dedê Prais' (CEFOR)".

A referida proposta é moldada pelos princípios explicitados no texto de Prais e Silva (2000) intitulado "Escola Cidadã: fundamentos políticos, filosóficos e pedagógicos", publicado

pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba em 2000. Esses princípios foram novamente retomados e reafirmados em 2007, no Plano Decenal Municipal de Educação, levando a crer que a "Escola Cidadã" foi uma abordagem educacional que se baseava em valores democráticos, filosóficos e pedagógicos específicos, visando a construção de uma escola autônoma e de qualidade, com ênfase na formação cidadã dos alunos. À época, "a SEMEC se propôs consolidar os compromissos da 'Escola Cidadã' e fazer de Uberaba uma 'Cidade Educadora', organizando a escola 'Como ambiente de aprendizagem e de formação humano-cidadã'" (Gonçalves, 2009, p. 285).

A dissertação denominada "Gestão democrática na Escola Nossa Senhora da Abadia: avanços e impasses no cotidiano docente", orientada pelo Prof. Dr. Otaviano José Pereira, apresentada por Ribeiro (2008) ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (Uniube), objetivou investigar o cotidiano da Escola Estadual Nossa Senhora da Abadia para compreender os avanços, impasses e desafios enfrentados em sua experiência de gestão democrática, analisando o projeto político-pedagógico mais recente da escola. As análises foram fundamentadas em teorias de diversos autores, incluindo Prais, e levaram à conclusão de que, embora a experiência democrática na escola tenha enfrentado desafios recentes, houve avanços substanciais, pois para que uma gestão democrática seja realmente eficaz, torna-se necessário enfrentar os impasses de maneira propositiva, rompendo com os paradigmas do passado, ressignificando a função e o propósito da escola, assumindo a educação como um instrumento para um novo tempo e adotando uma gestão inovadora como suporte essencial para as transformações rumo à concretização da Escola Cidadã.

O texto de Ribeiro (2008, p. 15-16) menciona que Maria de Lourdes Melo Prais foi "fundadora da escola, nos anos de 1960 [...] sua proposta educacional seguiu os ideais renovadores da perspectiva freiriana do movimento Escola Cidadã" (p. 15) retomando suas palavras, complementa que devemos oferecer "nos limites da lei, dos recursos disponíveis e das nossas condições concretas de trabalho, a melhor escola pública possível" (p. 16). Ribeiro (2008, p. 22) antecipa que "o capítulo 3 trata da proposta do projeto político-pedagógico da escola pesquisada e sua elaboração, dialogando com as vozes de Moacir Gadotti, Rosilda Baron Martins, Vitor Henrique Paro, Ilma Passos Alencastro Veiga e Maria de Lourdes Melo Prais" e que o capítulo 4 retoma o diálogo com os autores supracitados e "apresenta uma leitura analítica do depoimento de docentes e da gestora da escola pesquisada, na tentativa de revelar os impasses e avanços provocados pela sua experiência de gestão democrática" (Ribeiro, 2008, p. 22). Prais (1990) é referência para tratar da "Democratização escolar" (p. 87) em tempos de

Ditadura Militar, no qual "havia um anseio pela mudança do direcionamento político nas instituições escolares, no sentido de se buscar a participação interna de todos os segmentos envolvidos no processo educacional" (Ribeiro, 2008, p. 87).

A dissertação "Ser professor coordenador pedagógico: Sobre o trabalho docente e sua autonomia", orientada pela Prof.ª Dr.ª Dalila Andrada Oliveira, apresentada por Araújo (2007) ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresentou uma investigação aprofundada sobre as transformações na gestão e organização escolar e seu impacto na prática docente, com foco na atuação do Professor Coordenador Pedagógico no contexto do Projeto Político-Pedagógico Escola Plural da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. A análise destacou como as mudanças externas à promoção da democracia e da participação na escola trouxeram novas responsabilidades para os professores, expandindo suas atribuições para além da sala de aula.

Nessa dissertação, Araújo (2007) utiliza Prais (1998) como referência para tratar de tema homônimo: "Administração colegiada na escola pública" (p. 45), em específico sobre o conceito de Pedagogia Progressista[31] que ela apresenta no livro, concebendo o ser humano como um produto histórico, destaca a importância do domínio da cultura como forma de socialização e condição para a transformação social. O trabalho é considerado um princípio educativo central, e a escola é vista como um espaço em que os interesses de classe se articulam, defendendo a unidade de ensino para todos os indivíduos e a integração do trabalho produtivo por meio da educação politécnica[32]. Dessa forma, a escola é concebida como um campo de lutas, no qual diversas forças contraditórias se confrontam (Araújo, 2007, p. 45).

Paula (2007) apresentou a dissertação denominada "Regime militar, resistência e formação de professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba/MG (1964-1980)" ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (Uniube), sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Alaíde Rita Donatoni, no intuito de compreender e analisar como ocorreu a interferência do regime militar brasileiro sobre o processo de formação de professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, FAFI/FISTA em Uberaba/MG, no período de 1964 a 1980, quando foi encampada

[31] A Pedagogia Progressista, que surgiu no Brasil na década de 1960, é uma abordagem educacional voltada para a transformação social, destacando a valorização da experiência do aluno, sua participação ativa na construção do conhecimento e a busca pela igualdade social.

[32] A Educação Politécnica visa capacitar o indivíduo em diversas áreas, desenvolvendo suas potencialidades por meio do conhecimento, ciência e tecnologia, com ênfase na mediação do trabalho.

pela FIUBE/UNIUBE, assim sendo a construção da hipótese do estudo se pautou na análise realizada durante a fase repressiva do regime militar, em que professores e alunos da Fista também sofreram pressões e retaliações políticas que se refletiram na formação de professores.

Na dissertação, Paula (2007, p. 90-104) refere-se a Prais (2007) para afirmar que "as propostas curriculares de todos os cursos eram bem pensadas com uma pedagogia humanista" (p. 90-94) e para denunciar que

> a Ditadura, em Uberaba, afetou, de modo especial, a Fista, instituição que abrigava em seus quadros um número significativo de professores e alunos envolvidos com grupos políticos, dentre os quais se destacavam: a AP, a POLOP e a JUC, todos com o nítido compromisso de promover a tão desejada mudança social (Paula, 2007, p. 104).

Contactado, o professor de História, Eustáquio de Paula (2024), informou-nos que sua interação com Prais limitou-se à entrevista, realizada em 23 de janeiro de 2007, para colher informações relevantes na escrita da dissertação reproduzidas aqui (p. 142, 145, 150, 161, 191, 192, 224, 226) e, por isso, não poderia oferecer informações adicionais.

Oliveira (2006) sob a orientação do Prof. Dr. Luis Eduardo Alvarado Prada, apresentou a dissertação "A escola, espaço coletivo de formação continuada de professores em serviço: Limites e possibilidades" ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba (Uniube), na qual investigou os fatores que facilitaram e/ou limitaram o desenvolvimento da Formação Continuada de Professores em Serviço nas escolas municipais de Uberaba – MG, buscando, por meio da "pesquisa coletiva", construir contribuições teórico-metodológicas para essa formação.

O livro de Prais (2000) "Escola Cidadã, Educação: Construção Amorosa da Cidadania: Fundamentos Políticos, Filosóficos e Pedagógicos" foi amplamente utilizado por Oliveira (2006) para dar sustentação teórica de temas como: construção da identidade profissional (p. 24); autonomia do trabalho docente (p. 27-28-90); políticas públicas do Projeto "Escola Cidadã" (p. 28); a educação como ato essencialmente político (p. 35); melhoria da prática educativa (p. 118) e gestão democrática (p. 144). Ademais, Prais é citada como a principal responsável pela criação do CEFOR:

> E, nem mesmo o reconhecimento pelas grandes conquistas conseguidas a partir da instituição, em 1994, junto à Secretaria de Educação, do Programa denominado "Centro de Formação Permanente de Professores" – CEFOR que, anos depois, foi agraciado com o nome da possibilitadora de sua criação em nossa cidade, Prof.ª Dedê Prais, Secretária de Educação à época (Oliveira, 2006, p. 129).

Oliveira (2006) destaca em suas memórias pessoais que, sob a administração de Maria de Lourdes Melo Prais, como Secretária de Educação, a Secretaria e as escolas municipais de

Uberaba passaram por significativas transformações teórico-conceituais com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino, fato que impactou profundamente sobre ela visto que acabara de ser aprovada para a 1ª turma do curso de Licenciatura Plena em Geografia na FEU, realizado em parceria com a UFU, no ano de 1995 (Oliveira, 2006, p. 193).

A professora Valéria de Freitas Oliveira integra a rede de sociabilidade que estamos construindo, e em meados de setembro de 2024, entramos em contato com ela. Durante uma conversa, a professora Oliveira (2024) nos afiançou que:

> Com certeza a professora Dedê foi uma importante pesquisadora e responsável por uma grande transformação na Educação em nossa cidade. Como secretária de Educação conseguiu implementar, mediante políticas públicas, mudanças conceituais no processo educativo de alunos e professores em Uberaba (Oliveira, 2024).

A fala da professora Oliveira (2024) reitera a relevância de Prais como uma intelectual e gestora influente no cenário educacional de Uberaba. Ao qualificá-la como uma "importante pesquisadora", Oliveira (2024) confirmou o papel de Prais na produção de conhecimento e na inovação pedagógica. Além disso, o comentário sobre sua atuação como secretária de Educação ressalta a capacidade de Prais em transformar essas ideias em ações concretas por meio de políticas públicas. As "mudanças conceituais no processo educativo de alunos e professores" mencionadas indicam uma reformulação profunda nas práticas educacionais, provavelmente voltadas para a democratização e a inclusão, princípios que, como já dissemos, ecoam as ideias de Paulo Freire, com quem Prais compartilhou a visão de uma educação transformadora e libertadora. O reconhecimento de Oliveira (2024), portanto, reforça o impacto de Prais na educação local, consolidando-a como uma figura essencial para o avanço da pedagogia em Uberaba.

A dissertação "Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino: um marco humanista na história da educação brasileira (1960-1980)", apresentada por Santos (2006) ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e orientada pelo Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho, analisa a trajetória histórica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, Fista, em Uberaba, no período de 1960 a 1980, criada e administrada pelas Irmãs Dominicanas, destacando sua importância no Triângulo Mineiro devido à sua filosofia de educação, corpo docente qualificado e formação humanista, com impacto duradouro. A instituição, baseada na ética cristã, evidenciava concepções de homem, sociedade, mundo e educação, com princípios como estudo reflexivo e prática pensada. A pesquisa acerca da faculdade que, em 1980, tornou-se a Fiube e, posteriormente, Uniube mergulhou na história da instituição, destacando sua seriedade

intelectual, ensino digno e respeitoso, e influência duradoura na vida dos egressos, evidenciada por depoimentos e registros documentais.

No decorrer do texto, Santos (2006, p. 64) refere-se a Prais (2006) como "ex-aluna e ex-professora da Fista", nos anos 60 e 70, elencando depoimentos dela que explicitam elementos da prática educativa vivenciada na Fista: "não aprendemos nos livros, mas no cotidiano de nosso relacionamento, permeado de humanismo e solidariedade e tão intensamente vivenciado" (Santos, 2006, p. 70). Os depoimentos de Prais (2006), explicitam os pressupostos que produziram o diferencial curricular da faculdade em questionamentos como: "Quais as finalidades da educação que devem nortear a nossa prática educativa?" (Santos, 2006, p. 46); e retomam a aprendizagem significativa de Ausubel (1980), ao sugerir que aprendemos mais profundamente e de maneira mais significativa quando estamos imersos em contextos sociais e culturais que promovem valores e práticas humanísticas e solidárias.

Borges (2004), sob a orientação do Prof. Dr. Luis Eduardo Alvarado Prada, apresentou a dissertação "O aluno-docente e sua formação: a (re)construção compartilhada de saberes" ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba (Uniube). A pesquisa de Borges (2004) investigou se as práticas educativas dos alunos-professores do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Uberaba (FEU), que já atuavam como docentes há pelo menos dois anos, estavam sendo influenciadas pela formação recebida no curso. Tratando os alunos-professores como sujeitos que produzem conhecimentos sobre o ensino, buscou evidenciar que a formação acadêmica e a prática pedagógica podem ser mais significativas se os diferentes saberes forem compartilhados.

A obra "Escola Cidadã - Fundamentos políticos, filosóficos e pedagógicos" de Prais (2000) e os "Cadernos da Escola Cidadã" de Prais e Silva (2000) ofereceram suporte teórico a Borges (2004) para abordar temas como autonomia da escola cidadã (p. 79); "homem como produto e sujeito histórico; a indissociabilidade entre educação e cultura; a omnilateralidade e a universalização da cultura" (p. 79); atuação do professor (p. 109); formação ética dos alunos (p. 112) e a criação da FUMESU/FEU (p. 151-152).

Já a dissertação "O papel do diretor na Escola cidadã", apresentada por Rosa (2004), ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (Uniube), sob a orientação do Prof. Dr. Ademir Donizeti Caldeira, arrola depoimento de Prais (2000) relatando a experiência de Uberaba, Minas Gerais, na implantação da Escola Cidadã em 1993, com a filosofia da Construção Amorosa da Cidadania. Durante esse período, uma série de ações foram implementadas, incluindo eleições diretas para diretores, fortalecimento da pedagogia em

tempo integral, adoção do regime de ciclos e da progressão continuada, criação do CEFOR, planejamento participativo e desenvolvimento de propostas curriculares, autonomia escolar com elaboração de projetos político-pedagógicos, entre outras iniciativas, visando promover uma educação mais inclusiva, participativa e voltada para o desenvolvimento integral dos alunos (Rosa, 2004, p. 16). Ademais, Rosa (2004, p. 62) afirma que a secretária de educação prestou assessoria às escolas orientando-as na construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) operacionalizando-o em três momentos: concepção, implementação e avaliação. Para Prais (2000a, p. 11-12), a discussão do projeto tem como marco referencial a reflexão dos seguintes questionamentos e seus desdobramentos: como compreendemos o mundo em que vivemos; quais utopias nos impulsionam nesse contexto e qual é a escola que idealizamos.

Com base nas respostas obtidas, Rosa (2004, p. 63) aponta que Prais (2000a, p. 15) propõe um modelo estruturado para a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP). Esse modelo organiza o documento em detalhes essenciais, promovendo clareza e coerência no planejamento pedagógico. Os elementos sugeridos incluem: a identificação do projeto, que apresenta suas informações básicas; os pressupostos do trabalho, que estabelecem as bases teóricas e conceituais; o histórico e a justificativa, que contextualizam e fundamentam a necessidade do projeto; os objetivos, que delineiam os propósitos gerais; as metas, que especificam os resultados esperados; e o detalhamento dos projetos, que descreve as ações e estratégias a serem rompidas.

Em junho de 2024, entrei em contato com a professora Renilda Rosa, que foi diretora escolar na época em que Prais era Secretária de Educação do Município (1986), para obter informações adicionais sobre a influência de Prais em sua prática profissional e docente, uma vez que ela utilizou não só o livro “Administração Colegiada na escola pública” como também vários outros documentos/textos da autoria de Prais como referencial teórico na escrita da dissertação supracitada e para continuar o levantamento da rede de sociabilidade que estamos construindo sobre Prais, enquanto intelectual da educação.

Durante nossa interação, tive a oportunidade de formular duas perguntas à professora Rosa, figura de destaque em Uberaba (MG), reconhecida por sua atuação como pedagoga, advogada e fundadora da Associação de Crianças Deficientes (ACD). Meu objetivo era compreender sua relação com a professora Dedê Prais e as possíveis influências dessa convivência em sua trajetória profissional e docente. Nesse contexto, questionei Renilda Rosa sobre dois aspectos centrais: em primeiro lugar, como foi sua experiência de trabalho ao lado da professora Prais; e, em segundo, quais foram as influências que Prais exerceu sobre sua

prática profissional e sua atuação como educadora. Recebi o seguinte retorno aos questionamentos:

> Eu fui diretora na Escola Anísio Teixeira durante o período em que a Dedê era secretária de educação. Posso afirmar que foi a melhor época de gestão institucional desde que entrei na Prefeitura, em 1986. A Dedê se destacou por seu vasto conhecimento pedagógico, uma característica essencial que, infelizmente, nem todos os gestores possuem. Essa falta de conhecimento pedagógico pode ser um grande ponto fraco tanto para gestores escolares quanto para os da secretaria de educação. A Dedê foi uma referência importante para mim, inclusive na minha dissertação de mestrado sobre o papel do diretor na escola cidadã. Nesse trabalho, descrevi a escola cidadã e os instrumentos de gestão democrática, como o projeto político-pedagógico, o conselho escolar e outros. Utilizei muito o livro da Dedê sobre o conselho de classe, um dos instrumentos que ela abordava, e apresentei minhas próprias sugestões sobre como deveria ser um conselho de classe. Convivi diretamente com Dedê durante aquele período e, até hoje, mantemos contato. Ela criou um grupo de WhatsApp chamado "Escola Cidadã", que reúne os diretores daquela época. Eu também faço parte desse grupo e continuo em contato com ela (Rosa, 2024).

Em seu depoimento, a professora Renilda Rosa (2024) destacou o impacto positivo da professora Prais durante sua gestão como secretária de educação, considerando-a a melhor gestão desde que ela ingressou na Prefeitura, em 1986, devido ao profundo conhecimento pedagógico de Prais. Rosa (2024) enfatizou que este conhecimento é essencial para gestores escolares e também à equipe da Secretaria de Educação, sendo uma falha significativa quando ausente. Prais foi, portanto, uma influência crucial para Rosa, inclusive em sua dissertação de mestrado sobre o papel do diretor na escola cidadã, na qual utilizou extensivamente o livro de Prais para tratar da gestão democrática e o conselho de classe, como já foi dito acima. Rosa (2024) também destaca sua convivência direta com Prais para além desse período e o contato contínuo entre elas até os dias hoje, fortalecendo o legado e a rede de sociabilidade de Prais.

A dissertação "Escola de tempo integral: buscando evidências de um ensino de qualidade", orientada pela Prof.ª Dr.ª Eulália Henrique Maiomoni e apresentada por Vieira (2003) ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (Uniube), tratou da ampliação do número de horas do período escolar e a qualidade do ensino público no Brasil: temas de discussão significativa no meio educacional. Motivada pela experiência positiva com 76 adolescentes no Centro Integrado de Ensino Municipal (CIEM) em regime de tempo integral, a pesquisa buscou entender os fatores que contribuem para esse sucesso. A análise, baseada em pesquisa de campo, bibliográfica e documental, revelou que práticas educativas cotidianas, como a formação continuada dos profissionais envolvidos, a assistência nos estudos e nas tarefas de casa assistidas, bem como a coordenação do projeto a cargo de um Serviço de Psicologia Escolar utilizando "Grupos Operativos" foram fundamentais para o desempenho dos alunos.

Vieira (2003, p. 38) apresenta partes do discurso[33] da então Secretária de Educação Municipal, Maria de Lourdes Melo Prais, por ocasião do XXV Encontro Nacional da AMAE em Uberaba, MG, realizado em 13 de julho de 1993. Nesse discurso (Anexo D), Prais (1993) destacou a atual situação da educação municipal e delineou sua visão para uma "escola de cara nova", também conhecida como escola cidadã:

> [...] Estamos aqui para que, sem perder a ternura, tenhamos a ousadia de buscar com sabedoria os contornos, os traços, o perfil, a fisionomia, enfim a nova cara da escola de nossos desejos, da nossa utopia. [...] Assim, a construção da nova cara da escola supõe recursos suficientes e racionalmente aplicados, espaços físicos adequados, livros e laboratórios, [...] professores capacitados, atualizados e dignamente valorizados na sua tarefa. [...] explicitação de uma política educacional arrojada, competente e utopicamente comprometida com a melhoria da qualidade de vida de toda a população, [...] o delineamento de um projeto pedagógico que assuma a construção de uma escola pública popular, séria, competente, crítica, criativa, motivo de satisfação e alegria de aprender e ensinar. [...] Certamente, a escola cidadã, um projeto de proporções históricas, ou seja, um projeto limitado às condições de seu tempo, mas também, um horizonte e uma crença [...] (Vieira, 2003, p. 38).

No trecho do discurso de Prais (1993), reproduzido por Vieira (2003), emergem várias ideias de Paulo Freire, especialmente as que estão presentes em "Pedagogia do Oprimido" (1968), "Pedagogia da Esperança" (1992) e "Pedagogia da Autonomia" (1996). No excerto, Prais (1993) enfatiza a necessidade de buscar com ternura e ousadia uma nova forma de escola que atenda aos desejos e utopias educacionais, ecoando a visão freiriana de uma educação que liberta e transforma a realidade social por meio do amor e do diálogo como em "Pedagogia do Oprimido" (1968). Ela também destaca a importância de recursos suficientes, espaços adequados e valorização docente, refletindo a insistência de Freire em uma educação que fosse concreta, materialmente justa e que dignificasse os educadores como na obra "Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa" (1996). A construção de uma escola pública popular, séria, crítica e criativa, que traz satisfação e alegria, reflete a pedagogia crítica de Freire, que vê a educação como um processo de conscientização e empoderamento dos oprimidos, retomam a "Pedagogia do Oprimido" (1968). Por fim, a ideia de uma escola cidadã como um projeto histórico e utópico alinhado às condições de seu tempo, mas também como um horizonte de crença e esperança, ressoa com a concepção freiriana de que a educação deve sempre projetar um futuro melhor, mantendo-se firmemente enraizada nas realidades do presente.

[33] O discurso da Secretária Municipal de Educação e Cultura de Uberaba, Maria de Lourdes Melo Prais, no XXV Encontro Nacional da AMAE em Uberaba, foi publicado íntegra na Revista Fazendo Escola, Órgão de comunicação interna da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, MG, Ano 2, n.º 02, 1994, p. 5.

Segundo matérias publicadas no Jornal da Manhã, nas edições n.º 6.234 e 6.238, de 9 e 14 de julho de 1993, com os títulos “Encontro da AMAE: inscrições deixam secretária eufórica” e “Congresso da AMAE transforma Uberaba em Capital da Educação”, o 25º Encontro Nacional da AMAE, realizado na cidade, reuniu mais de 800 participantes, tendo como tema “Educação e Cidadania – Construindo a Nova Cara da Escola”. Durante o evento, a secretária municipal de Educação, Maria de Lourdes Melo Prais, expressou em seu discurso uma crítica contundente ao estado das escolas da época. Ela destacou que, “infelizmente, o retrato que ainda temos da escola, salvo honrosas exceções, revela mais uma caricatura do que propriamente a expressão desejada e requerida por aqueles que mais necessidade têm de sua compreensiva acolhida, ou seja, a sua clientela majoritária – a classe trabalhadora” (Jornal da Manhã, 1993, n.p.).

Abaixo, trazemos outra matéria publicada na edição n.º 6.378, do Jornal da Manhã, datada de 31 de dezembro de 1993, corroborando Vieira (2003) e afirmando que a Educação em Uberaba mudou de cara no ano de 1993, destacando ações como: reciclagem profissional dos professores, realização do Congresso Nacional da AMAE em Uberaba (citado por Vieira, 2003, p. 38), implementação de projetos alternativos nas escolas municipais e transformação de Uberaba em um modelo educacional no país, o “lançamento da Revista da SMEC, Fazendo Escola e do Jornal Nova Dimensão, n.º 1 e 2” (Nova Dimensão n.º 3, 1993, p. 6).

Figura 13 - Artigo publicado na imprensa sobre novas formas de educação

DE CARA NOVA

A Educação em Uberaba mudou de cara em 93. Um novo perfil delineou-se a partir da posse da secretária Dedê Praes (foto), responsável por uma verdadeira revolução de conceitos no ensino público municipal. Sem se descuidar da rede física, Dedê Praes enfatizou a reciclagem profissional, oportunizando aos professores a ampliação de conhecimentos visando o aprimoramento do ensino. Ousadia: talvez seja esta a palavra que melhor defina o trabalho da secretária municipal de Educação em 93. Quer melhor exemplo do que a realização do Congresso Nacional da AMAE na cidade? Paralelamente, merecem relevo os projetos alternativos desenvolvidos nas escolas municipais, tendo seu momento exponencial na realização do Festival Secundarista de Poesia, um grande sucesso. A repercussão deste trabalho de vanguarda levou Dedê Praes a ser convidada para proferir palestra nos mais diversos municípios brasileiros, revelando esta experiência vitoriosa e fazendo de Uberaba uma cidade-modelo no País.

Fonte: Arquivo Público de Uberaba (1993).

Prais também é citada em trecho que descreve a criação do CEFOR, em 1994, justificada pela preocupação de se abordar os desafios enfrentados pelas escolas públicas e para implementar estratégias que garantissem a inclusão, a continuidade e o sucesso educacional dos estudantes (Vieira, 2003, p. 109).

A dissertação intitulada "Uma experiência: da elaboração de uma proposta curricular à sua execução com professores", orientada pela Prof.ª Dr.ª Ana Maria Faccioli de Camargo e apresentada por Ávila (2003) ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (Uniube) apresentou uma reflexão acerca de uma experiência de coordenação na elaboração e execução de uma proposta curricular no Brasil, iniciada nos anos noventa. Focando especificamente em um projeto da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, durante a gestão 1993-1996, a pesquisa buscou entender o significado e o impacto desse currículo, mesmo após sete anos de sua implementação.

Ávila (2003, p. 22-110) recorre à Prais para abordar temáticas como: a necessidade de uma educação organizada e intencional, que prepara o indivíduo para a sociedade por meio do domínio e transmissão de conhecimentos de maneira criteriosa e sistemática (p. 20); as pedagogias libertadora e libertária (p. 22); a adequação da Pedagogia Progressista, para atender aos anseios de emancipação e participação da classe trabalhadora na sociedade capitalista (p. 22-81); a adoção da Pedagogia Histórico-Crítica[34], a Secretaria Municipal de Educação (p. 23); a *práxis* docente (p. 24-81); a relação professor-aluno (p. 26) e o Programa/Proposta Curricular da Secretaria Municipal de Educação (p. 110) (Ávila, 2003, p. 22-110).

A seguir, o Quadro 11 apresenta uma seleção de artigos acadêmicos e capítulos de livros que fazem referência à intelectual Prais, utilizando como base de pesquisa o Google Acadêmico. Ao explorar esses artigos, buscamos compreender como o legado de Prais tem sido abordado e discutido em diferentes contextos acadêmicos relacionados à educação. Os títulos dos artigos refletem uma variedade de abordagens, desde reflexões sobre o protagonismo juvenil na gestão democrática da escola até análises dos discursos sobre a Escola Cidadã. A diversidade de autores e temas evidencia o alcance e a relevância das contribuições de Prais para o campo da educação, bem como sua influência contínua nas discussões e práticas educacionais contemporâneas. Este quadro oferece, por conseguinte, uma visão panorâmica das

[34] A Pedagogia Histórico-Crítica, proposta pelo professor e filósofo brasileiro Dermeval Saviani no início dos anos 80, fundamenta-se na análise crítica da realidade social e histórica, defendendo a educação como um processo de conscientização e transformação, mediado pelo conhecimento científico, com o objetivo de promover a emancipação social e a superação das desigualdades, focando na crítica à realidade.

diferentes perspectivas e debates em torno do legado intelectual de Prais, reiterando sua importância no cenário acadêmico atual.

Quadro 11 - Artigos acadêmicos e capítulos de livros que fazem referência à intelectual Prais

Data	Título	Autor(es)	Referência(s) à Prais
2024	A importância do conhecimento jurídico, para uma gestão escolar eficaz e para a garantia de uma educação democrática e cidadã	Mateus Augusto Lima Ribeiro	Administração colegiada na escola pública
2023	A importância da gestão escolar na organização do bem-estar dos educadores de uma escola pública brasileira	Ueudison Alves Guimarães Walkiria Araujo de Carvalho Lusilange Maria de Araújo Glaudistonia Chaves dos Santos Moreira Deolinda Angela de Araújo de Figueiredo Álvaro Raphá Lemos Guerra	Administração colegiada na escola pública
2023	O papel do gestor escolar: possibilidades e desafios em algumas escolas do Alto Sertão paraibano	Welvis Emanuel Oliveira Machado	Administração colegiada na escola pública
2022	Protagonismo juvenil na gestão democrática da escola: reflexões e possibilidades	Francisco Kelverton Rodrigues da Silva	Protagonismo Juvenil nos processos da Gestão Democrática da Escola
2020	Reflexões históricas e sociológicas para uma gestão democrática da escola no Brasil	Wilson da Silva Santos	Administração colegiada na escola pública
2020	Deslocamentos de sentidos no discurso sobre a Escola Cidadã em Uberaba-MG	Vinícius Borges de Andrade Marinalva Vieira Barbosa	Implantação da Escola Cidadã, enquanto Secretária da Educação
2013	Curso para conselheiros escolares: uso de recursos de animação digital para concepção de material pedagógico	Cibelle Amorim Martins César Lima Costa Márcia Cunha Silva Costa	Administração colegiada na escola pública
2011	O processo de seleção de diretores das escolas públicas do Paraná e sua abordagem na legislação educacional paranaense	Anderceya de Fátima Alfaro Cervi Rutz	Administração colegiada na escola pública
2010	Gestão democrática na Universidade Tecnológica Federal do Paraná	Osney Marcos Cardoso Neusa Maria Dal Ri	Administração colegiada na escola pública

1999	A política educacional: do gabinete ao chão da escola	Maria da Conceição Bizerra	Administração colegiada na escola pública
1997	Democratização do estado e conselhos com representantes da sociedade civil: por quê e para que são criados os conselhos municipais de educação?	Maria Antonieta Dall'Igna	Administração colegiada na escola pública

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Iniciamos a análise com o capítulo de livro "A importância do conhecimento jurídico, para uma gestão escolar eficaz e para a garantia de uma educação democrática e cidadã", publicado por Ribeiro (2024) no e-book "Entre saberes e inovação: um olhar multidisciplinar", no qual o autor considera que o gestor escolar desempenha um papel fundamental na organização do trabalho pedagógico, coordenando ações que facilitam a integração entre os diversos atores do processo educativo, sendo responsável por programas e projetos que visam alcançar as metas da educação nacional, além de liderar o Projeto Político Pedagógico; entretanto para desempenhar essa função com eficácia, é essencial que o gestor tenha amplo conhecimento da legislação educacional, que serve como base para sua conduta como líder pedagógico. Nesse texto, Prais (2009) é referência na discussão acerca do desafio na administração escolar ir além da abordagem técnica (administração de normas e recursos), e incorporar uma função política que há muito tempo tem sido negligenciada, fato esse que requer que o administrador-educador compreenda a dimensão política de sua ação administrativa, baseada na participação colegiada, rompendo com a rotina alienada da burocracia e restaurando o papel do diretor-educador como líder do processo educativo (Ribeiro, 2024, p. 123).

No artigo "A importância da gestão escolar na organização do bem-estar dos educadores de uma escola pública brasileira", publicado na "Revista Recima21 - Revista Científica Multidisciplinar", por Guimarães *et al.* (2023), os autores afirmam que a gestão escolar é crucial para o desempenho educacional e bem-estar dos educadores, conforme definido no artigo 206 da Constituição Federal do Brasil, enfatizando a necessidade de uma gestão participativa. Baseados em Prais (1994), os autores destacam a importância da escola como uma comunidade educativa integrada à sociedade, em que o projeto político-pedagógico é fundamental para orientar o trabalho educacional, promovendo princípios como igualdade, qualidade, liberdade, gestão e valorização do magistério (Guimarães *et al.*,2023, p. 6-7).

"O papel do gestor escolar: possibilidades e desafios em algumas escolas do Alto Sertão Paraibano", foi publicado na "Revista Principia", por Machado (2023) na intenção de analisar o perfil dos profissionais da educação em cargos de gestão escolar em escolas públicas urbanas

na região do Alto Sertão Paraibano, entre os anos de 2017 e 2018, desafios semelhantes e diferentes possibilidades de atuação na gestão escolar em comparação com os cenários estadual e nacional. Nesse texto, Prais (1994) é utilizada para sustentar que o desafio na administração escolar é transcender a abordagem técnica, enfatizando uma função política desgastada pela burocracia. Propondo-se que o gestor educacional compreenda sua ação como política e participativa, rompendo com a rotina alienada da burocracia, visando a revalorização do papel do diretor como líder no processo educativo (Machado, 2023, p. 678).

O artigo "Protagonismo juvenil na gestão democrática da escola: reflexões e possibilidades", publicado por Silva (2022), no volume 3, da "Revista Ensino em Perspectivas (EnPe)," discute o Protagonismo Juvenil na Gestão Democrática da Escola, analisando as interações entre gestão escolar e participação juvenil. Maria de Lourdes Melo Prais (1996) foi uma das autoras utilizadas para fundamentar o texto juntamente com Antonio Carlos Gomes da Costa (2001) e Paulo Freire (1999). A pesquisa bibliográfica buscou repensar as juventudes como agentes históricos, promotores de uma escola mais democrática e flexível, adaptada às demandas atuais.

O livro "Administração Colegiada na Escola Pública", escrito por Prais (1996), é utilizado por Silva (2022) para elucidar sua perspectiva sobre as concepções da participação e democracia, e vai além "a gestão democrática da escola pública brasileira preconiza o pleno exercício da cidadania, soberania popular e a consagração da participação dos indivíduos, especialmente das juventudes, sendo protagonistas das construções comunitárias e das tomadas de decisões" (Silva, 2022, p. 5).

O artigo "Reflexões históricas e sociológicas para uma gestão democrática da escola no Brasil", publicado por Santos (2020) na "Revista on-line de Política e Gestão Educacional (RPGE)", examina a gestão escolar como um fenômeno social integrado na estrutura do Estado, destacando sua complexidade e contradições, discorrendo sobre a gestão colegiada e autônoma como um processo dialético, influenciado pelas classes subalternas, e destacando suas peculiaridades dentro do contexto histórico. Nesse panorama, Prais (1994) destaca, com base na análise gramsciana, que a classe dominante busca consolidar sua hegemonia não apenas por meio da legislação, mas também influenciando a sociedade civil, incluindo a instituição escolar. No entanto, essa estratégia enfrenta contradições, pois a sociedade civil abriga ideologias diversas, o que pode permitir à classe dominada, por meio de seus intelectuais orgânicos, promover uma contra-hegemonia alinhada a seus próprios interesses (Santos, 2020, p. 1341).

A seguir, temos o artigo intitulado “Deslocamentos de sentidos no discurso sobre a Escola Cidadã em Uberaba-MG”, publicado por Andrade e Barbosa (2020), no volume 6, da “Revista de Estudos em Educação (REEDUC)”, da Universidades Estadual de Goiás (UEG), no qual os autores descrevem a implementação do Projeto de Escola Cidadã: Construção Amorosa da Cidadania, realizado sob a coordenação de Prais, perdurando dos anos de 1993 a 2000, tendo como orientador e interlocutor nessa empreitada, o educador de renome mundial e amigo de Uberaba: Paulo Freire [...] Com vistas a consolidação de uma escola entendida como direito de todos, foi democraticamente construído o primeiro Plano Municipal de Educação que estabeleceu como políticas: a melhoria da qualidade de ensino, a democratização da gestão, a universalização do acesso, a integração: escola-sociedade e ainda os aspectos relacionados com a infraestrutura (PDME, 2007, p. 43). De acordo com Andrade e Barbosa (2020, p. 50):

> Entre os períodos de 1993 a 2000, foi realizada a sistematização do Projeto de Escola Cidadã: Construção Amorosa da Cidadania, sob a coordenação da Secretária de Educação, Maria de Lourdes Melo Prais, que teve como orientador e interlocutor o próprio Paulo Freire. Esse projeto inicial de escola se concretizou, de fato, tendo alguns dos seus princípios básicos pautados na obra Escola Cidadã, Educação: Construção Amorosa da Cidadania: Fundamentos Políticos, Filosóficos e Pedagógicos (Prais, 2000) - um conjunto de livros que orientaram e organização a implantação da Escola Cidadã no município de Uberaba. O conjunto destes livros começou a ser produzido em 1993 e perdurou por 7 anos. No ano de 2000, deu-se a implantação da Escola Cidadã e de sua funcionalidade no município (Andrade e Barbosa, 2020, p. 50).

Andrade e Barbosa (2020, p. 50) apresentam uma descrição detalhada dos princípios que, conforme os documentos elaborados por Prais (2000), devem orientar a concepção de educação no município de Uberaba. Esses princípios incluem a compreensão do homem como produto e sujeito histórico, a indissociabilidade entre educação e cultura, e o trabalho como princípio educativo. Além disso, destaca-se a omnilateralidade, entendida como o desenvolvimento global do aluno, a universalidade da cultura, e o reconhecimento da diversidade cultural e histórica. Também são enfatizadas a democratização das relações internas da escola e a busca pela autonomia administrativa e pedagógica, enquanto elementos fundamentais para a construção de uma educação mais inclusiva e transformadora.

O capítulo “Curso para conselheiros escolares: uso de recursos de animação digital para concepção de material pedagógico”, escrito por Martins; Costa, C.; Costa, M. (2013), publicado no livro “Conselho Escolar: processos, mobilização, formação e tecnologia” discorre sobre a produção de material pedagógico para um curso voltado aos conselheiros escolares, como parte do Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares (PNFCE). O capítulo faz referência a Prais (1996, 2008) para afirmar que, os movimentos resultaram na inclusão do

princípio da gestão democrática na legislação educacional, conforme estabelecido na Constituição Federal de 1988 e na Lei n° 9.394/96, fortalecendo práticas dos conselhos de educação e instituindo processos eleitorais para dirigentes escolares (Martins; Costa, C.; Costa, M., 2013, p. 291-292) e para afirmar que uma gestão colegiada possibilita a participação de todos os segmentos da comunidade escolar na construção do projeto pedagógico, promovendo experiências de cidadania e envolvimento social (Martins; Costa, C.; Costa, M., 2013, p. 356).

Rutz (2011) publicou o artigo "O processo de seleção de diretores das escolas públicas do Paraná e sua abordagem na legislação educacional paranaense" na "Produção Didático-Pedagógica 2010: O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense". O artigo é parte de uma produção do material didático pedagógico elaborado no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) para o processo de implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola com o tema legislação educacional e tem como objetivo possibilitar o estudo da legislação educacional paranaense que regulamenta o processo de escolha de diretor escolar das escolas públicas desde o ano de 1983 até a última eleição, ocorrida em 2008. A obra de Prais (1990) é utilizada para discutir a ideia de que a eleição para o cargo de diretor escolar é frequentemente vista como um passo em direção à democratização da escola (Prais, 1990, p. 86). Nesse sentido, é importante destacar a iniciativa de Prais na implementação do concurso público para a seleção de diretores escolares na cidade de Uberaba (MG), um marco significativo para a gestão democrática. Essa iniciativa incluiu a realização de uma prova seletiva em 2 de abril de 1995, seguida pela eleição dos candidatos aprovados, ocorrida em 28 de maio de 1995. Faz-se necessário salientar que, esses eventos foram documentados no Informativo SMEC, edição n.º 8 do Jornal Nova Dimensão (1995, p. 6).

Cardoso e Dal Ri (2010) publicaram o artigo "Gestão democrática na Universidade Tecnológica Federal do Paraná", na "Revista Teoria e Prática da Educação", como resultado de um projeto de pesquisa que discutiu os limites e as possibilidades da gestão democrática na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para demonstrar que as eleições para a escolha dos diretores de *campi*, recentemente introduzidas, e a estruturação e funcionamento dos conselhos colegiados com poderes deliberativos desta instituição constituem-se em elementos que contribuem para uma relativa democratização da forma de gestão da UTFPR. No referido texto, autores como Prais (1996) sustentam a teoria de que o processo eletivo não pode ser considerado, de maneira isolada, como única garantia de democratização da gestão, pois pode resultar apenas na substituição de pessoas no poder, sem promover a participação e cooperação necessárias para o exercício da cidadania (Cardoso; Dal Ri, 2010, p. 44).

O artigo “A política educacional: do gabinete ao chão da escola”, publicado por Bizerra (1999), na “Revista Paranaense de Desenvolvimento”, discute a democratização da gestão educacional, destacando a disparidade entre as políticas educacionais definidas centralmente e sua implementação nas escolas, enfatizando que mudanças reais na prática escolar não ocorrem apenas com intenções políticas, mas que dependem das condições específicas de cada contexto escolar, de modo que as políticas só se concretizam quando encontram apoio e adesão nas expectativas e necessidades da escola. Nesse texto, as falas de Prais (1996) abordam a importância da gestão educacional democrática e da participação na tomada de decisões dentro das escolas, ressaltando que a participação coletiva afasta o perigo de soluções centralizadas e dogmáticas, promovendo um processo de cogestão que integra socialmente de forma democrática. Além disso, destacam a necessidade de os alunos exercerem efetivamente a participação nas decisões da vida escolar, desenvolvendo um espírito cooperativo para se tornarem agentes de mudança social (Santos, 1999, p. 95-98).

O artigo “Democratização do estado e conselhos com representantes da sociedade civil” de Dall’Igna (1997), publicado na “Revista Cadernos de Educação” da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), trata da contradição entre a criação de Conselhos Municipais de Educação, no Rio Grande do Sul, como exigência das políticas governamentais e as dificuldades de efetiva ação dos conselhos na gestão pública. Apontando a coincidência da criação desses Conselhos com as políticas de municipalização do ensino, e levantando questões sobre as reais possibilidades de estes se tornarem instrumento de participação da sociedade na gestão das políticas públicas. A autora se utiliza das palavras de Prais (1996, p. 35) para sustentar que “a classe dirigente busca obter o consentimento dos governados pela difusão de uma ideologia unificadora” (Dall’Igna, 997, p. 151) na intenção de enfatizar a ideia de que, mesmo diante da aparente abertura para a participação cidadã, ainda há uma tendência das classes dirigentes em manter o controle e a concentração de poder.

A seguir, o Quadro 12 apresenta uma seleção de artigos acadêmicos escritos e publicados por Prais em periódicos acadêmicos com produções teórico-práticas no campo das políticas públicas e suas interfaces com a gestão, com a educação e a filosofia.

Embora na lombada do livro “Testemunho Pedagógico - Gestão Colegiada na Educação da Cidade” (2011) conste a informação de que Maria de Lourdes Melo Prais é autora de mais de 30 artigos, capítulos de livros e verbetes de dicionários faz-se mister esclarecer que conseguimos localizar apenas cinco textos. Essa limitação deve-se, possivelmente, ao fato de que muitos de seus escritos foram publicados antes do advento da internet e, portanto, não estão

digitalizados e, por conseguinte, disponíveis na rede. Os textos resgatados, pesquisados basicamente no Google Acadêmico, foram publicados num recorte temporal de 1989 a 2020, e tratam de questões centrais na educação, focando na análise crítica das estruturas educacionais e propondo melhorias para a democratização e qualidade da educação.

Quadro 12 - Artigos acadêmicos e capítulos de livros escritos e publicados por Prais

Data	Título	Periódico/Livro	Assunto
2020	Educação em tempo de esperança	Estudos em homenagem ao professor Aurélio Wander Bastos	Paper sobre educação elaborado para o livro publicado em homenagem a Aurélio Wander Chaves Bastos, seu amigo pessoal.
2008	Democratização da Gestão e Qualidade social da educação: fundamentos da boa governança	Revista Perspectivas em Políticas Públicas	Democratização da gestão educacional e a qualidade social da educação no Brasil, com foco nos fundamentos da boa governança.
1995	O sentido político e pedagógico da administração colegiada	Escola fundamental: currículo e ensino	Retoma e aprofunda parte das reflexões desenvolvidas em sua dissertação de mestrado.
1993	A escola entendida como sistema social e o papel da supervisão	Revista Educação e Filosofia	Relação entre a escola e a sociedade a partir de uma perspectiva crítica.
1989	Um texto em questão	Revista Educação e Filosofia	Análise das “aporias” de Roberto Romano sobre a questão do intelectual na contemporaneidade.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Iniciamos pelo capítulo “Educação em tempo de esperança”, parte integrante do livro “Estudos em homenagem ao professor Aurélio Wander Chaves Bastos”, em que Prais (2020) apresenta um resumo de sua trajetória acadêmica e profissional, destacando-se como Doutoranda em Filosofia e História da Educação pela USP (sem tese concluída), Mestre em Filosofia pela PUC-SP, e professora licenciada no curso de Pedagogia pela Fista. Registrou sua atuação em cargos relevantes na educação pública, como Secretária Municipal de Educação de Uberaba e membro do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais (CEE-MG). Sobre este último, afirmou: “Em 1998, por indicação do Governo do Estado, passei a integrar o Conselho Estadual de Educação, onde permaneci até 2001” (Dedê Prais, 2024).

Prais (2020, 2024) relatou no texto e, em um de nossos encontros, que ao ser convidada para escrever um texto em homenagem a Aurélio Wander Chaves Bastos — amigo e líder do

grupo que discutia a obra de Marx durante a Ditadura Militar[35] — sentiu-se honrada pela oportunidade e ressaltou a importância de sua relação pessoal e profissional com Bastos, com quem convive por mais de 50 anos, por isso pretendia compartilhar suas reflexões e aprendizados sobre educação, guiados por sua vasta experiência na área no texto especialmente escrito para a obra.

A seguir, temos o artigo "Democratização da Gestão e Qualidade social da educação: fundamentos da boa governança", publicado por Prais (2008), na "Revista Perspectivas em Políticas Públicas" da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), abordando a evolução histórica da gestão educacional no Brasil, destacando a transição de um modelo centralizado para propostas de gestão democrática que surgiram na década de 1980. Também discute a "inclusão do princípio da gestão democrática na legislação brasileira" (p. 167), a importância da participação dos diversos agentes educacionais na definição das políticas e organização das escolas (p. 167), bem como a necessidade de uma governança baseada em princípios democráticos e de cidadania para garantir uma educação de qualidade "justa e humana" (p. 168).

A autora conclui que a institucionalização da gestão colegiada e a formação de um Sistema Único de Educação Básica são fundamentais para consolidar uma educação democrática e de qualidade (Prais, 2008, p. 174), enfatizando que essas mudanças exigem um compromisso coletivo com valores democráticos, ética da responsabilidade e o reconhecimento da educação como um direito social e um investimento essencial para o desenvolvimento individual e social (Prais, 2008, p. 169).

O capítulo "O sentido político e pedagógico da administração colegiada", publicado em 1995 no livro "Escola fundamental: currículo e ensino", organizado por pesquisadores da Universidade de Campinas (Unicamp), aprofunda e amplia reflexões previamente desenvolvidas por Prais (1995) em sua dissertação de mestrado, defendida na PUC-SP, intitulada "Administração colegiada e prática pedagógica progressista na escola pública mineira".

A centralização dos processos de decisão e descaracterização da função da escola é temática introdutória do texto (p. 40-42), indicando que a "função da escola estaria sendo descaracterizada também pela própria escola" (p. 41), por isso, Prais (1995) partiu do pressuposto que a administração colegiada constituía condição de possibilidade de uma prática

[35] Esse contexto já foi abordado na página 142 da tese.

pedagógica democrática e que seu surgimento se caracterizou como processo educativo historicamente necessário (p. 42).

Consoante Prais (1995), a administração escolar desempenha um papel fundamental na construção e consolidação de uma escola democrática, um processo que, apesar das adversidades, busca avançar em direção a uma gestão mais participativa e inclusiva, de modo que a reflexão sobre novas formas de administração escolar não pode se limitar a aspectos técnicos, devendo abarcar também questões teóricas e históricas do fazer educativo. Essas questões estão profundamente inseridas nas contradições da sociedade em que a escola está situada, tornando necessária uma abordagem crítica sobre os processos administrativos que regem sua organização.

Nesse contexto, a administração colegiada surge como uma alternativa capaz de fortalecer a democratização da gestão escolar, assim sendo a análise desse modelo permite visualizar aspectos essenciais para sua compreensão, organizados a partir de quatro eixos principais. O primeiro eixo, denominado “Gênese histórica” (p. 43-50), situa a administração colegiada dentro de um panorama mais amplo, destacando o período de 1975 a 1985 como um marco determinante para suas consolidações. Esse recorte temporal evidencia como as transformações educacionais e políticas influenciaram a adoção dessa abordagem na gestão escolar.

O segundo eixo, “Compreensão dialética da administração colegiada” (p. 50-55), aborda a administração colegiada como um processo que é simultaneamente determinado por condicionantes históricas e sociais e determinantes de uma pedagogia progressista. Esse entendimento ressalta a interdependência entre a gestão democrática e a construção de práticas pedagógicas diferenciadas para a emancipação dos sujeitos escolares.

No terceiro eixo, “Contradições na prática do processo da administração colegiada” (p. 55-58), são baseados em depoimentos de professores do 1.º e 2.º graus da rede estadual, vinculados à jurisdição da 25.ª Diretoria Regional de Ensino de Minas Gerais (DRE/MG). Esses relatos evidenciam os desafios enfrentados na implementação da administração colegiada, sobretudo no que diz respeito à relação entre a gestão escolar e a prática pedagógica. As contradições emergentes nesse cenário revelam que, embora a gestão democrática seja um princípio almejado, sua concretização enfrenta desafios estruturais e culturais que precisam ser superados.

Por fim, o quarto eixo, “Possibilidades do processo da administração colegiada” (p. 58-65), discute o significado político e pedagógico da administração colegiada, destacando seu

potencial na construção de uma escola mais democrática e participativa. Mais do que um modelo de gestão, essa abordagem se configura como uma estratégia para fortalecer a participação coletiva na tomada de decisões e para promover um ensino comprometido com a transformação social. Dessa forma, a administração colegiada se apresenta como um instrumento essencial para compensar a escola e sua função na sociedade, contribuindo para a efetivação de uma educação mais crítica e emancipadora.

As reflexões apresentadas por Prais (1995) em suas considerações finais (p. 65-72) evidenciam sua compreensão sobre a administração colegiada como uma prática contraditória no contexto da democratização da escola. Para a educadora, essa forma de gestão escolar, ao mesmo tempo em que se vincula a princípios de transformação social, criando condições concretas para uma escola comprometida com o projeto histórico da classe trabalhadora, também enfrenta limites impostos pela própria concretude histórica.

O pensamento de Prais (1995) reforça a complexidade da democratização da escola e da gestão compartilhada, reconhecendo não só seu potencial transformador, mas também suas dificuldades em um contexto social e histórico marcado por desigualdades. Mais uma vez sua discussão dialoga com as concepções de Paulo Freire, ao compreender a educação como um processo político e social, no qual a gestão participativa se insere como um caminho para a construção de uma escola verdadeiramente democrática.

O texto de Prais (1993), "A Escola Entendida como Sistema Social e o Papel da Supervisão[36]", publicado na "Revista Educação e Filosofia", mantida pela Faculdade de Educação e pelo Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), aborda a relação entre a escola e a sociedade a partir de uma perspectiva crítica, considerando a escola como um sistema social influenciado por contradições sociais e conflitos de classe. No texto, Prais (1993, p. 207) preocupa-se com a democratização do conhecimento e o papel da supervisão escolar no desenvolvimento de uma educação pública que atenda às necessidades das camadas populares, defendendo uma supervisão participativa e coletiva, comprometida com a transformação social e a qualidade do ensino, visando a formação de professores capazes de contribuir para a ascensão cultural e a luta pela hegemonia da classe trabalhadora. A autora finaliza apontando que, ao destacar a supervisão participativa e coletiva como condição para um projeto educativo progressista e comprometido com a transformação social, não se esgota o assunto nem se apresenta essa proposta como a única via para realizar um projeto educativo

[36] Texto redigido por ocasião do concurso na área de supervisão educacional a que Maria de Lourdes Melo Prais se submeteu para ingresso na UFU, em 1987.

coerente com as necessidades históricas. Em vez disso, ela é enfatizada como condição essencial para que a classe trabalhadora se torne dirigente antes de conquistar o poder governamental (Prais, 1993, p. 212-213).

O artigo "Um texto em questão", publicado por Prais (1989) na "Revista Educação e Filosofia", mantida pela Faculdade de Educação e pelo Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), é uma tentativa de leitura do texto "Progressismo e Conservadorismo: Questões sobre a Universidade" de Roberto Romano[37]. Neste artigo, Prais (1989) faz uma análise das colocações de Romano sobre a questão do intelectual na contemporaneidade, focando em temas como universidade e sociedade, ciência e poder, conhecimento objetivo e verdade científica, pois considera que o texto utiliza o conceito de "aporias" para descrever situações em que as respostas não são evidentes, ressaltando a necessidade de uma reflexão profunda e crítica para enfrentar desafios notadamente relevantes no contexto da Universidade pós 64 (Prais, 1989, p. 235).

Prais (1989, p. 40) apresenta questionamentos conclusivos acerca da universidade, com seu discurso universalizante, que não aproveita uma ideologia e se é plausível ela não ser o "mais alto grau de consciência possível de uma classe" (p. 40). Ela também problematiza a aceitação da universidade atual como fornecedora de condições reais para a "luta contra a ideologia hegemônica" (p. 40), e se tal aceitação não perpetua o "*status quo*" (p. 40) de dominação de uma classe sobre outra.

Os textos de Prais analisados apresentam várias semelhanças em termos de temas e abordagens, refletindo sua preocupação com a democratização da educação, a crítica social e a análise das estruturas de poder. Embora não usasse Paulo Freire na sustentação teórica dos textos supracitados, as ideias de democratização, crítica ao *status quo*, transformação social e qualidade da educação presentes nos textos de Prais apresentam convergências significativas com as ideias de Paulo Freire. Em obras como "Pedagogia do Oprimido" (1968) e "Educação como Prática da Liberdade" (1967), Freire defende a educação como um meio de emancipação social, criticando as estruturas de poder que perpetuam a opressão. Prais, por sua vez, enfatiza a importância da conscientização para a transformação social, destacando a necessidade de uma educação democrática que promova a participação ativa e crítica dos educandos nos textos de sua autoria acima analisados.

[37] Roberto Romano (1946-2021) foi um filósofo, escritor e professor titular de Ética e Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

Para finalizar este levantamento, o Quadro 13 apresenta informações sobre os livros publicados por Prais (que são comercializados até os dias atuais), incluindo a data de publicação, o título do livro e o assunto tratado em cada obra. Suas obras refletem seu empenho em abordar e propor soluções para os desafios enfrentados pela administração colegiada, com um foco especial na promoção dos interesses das camadas populares.

Na lombada do livro "Testemunho Pedagógico - Gestão Colegiada na Educação da Cidade" (2011) consta também a informação de que Maria de Lourdes Melo Prais é coautora, ao lado de Maria Elida Silva, da obra "Fundamentos Políticos, Filosóficos e Pedagógicos da Escola Cidadã" (2000), e uma das autoras de "Escola: Currículo e Ensino" (1991), nesta análise os concentraremos exclusivamente em livros publicados individualmente por ela.

Quadro 13 - Livros publicados por Maria de Lourdes Melo Prais

Data	Título	Assunto
2011	Testemunho Pedagógico - Gestão Colegiada na Educação da Cidade	Este livro relata a experiência de gestão vivenciada, na Rede Municipal de Ensino de Uberaba, no período de 1993-2000, quando foi desenvolvida uma proposta de política educacional denominada "Construção Amorosa da Cidadania" respaldada nos parâmetros da Administração Colegiada e da Escola Cidadã.
1990	Administração Colegiada na Escola Pública	Neste livro são apresentadas propostas para superar os limites, as dificuldades e os desvios da administração colegiada, para que a escola pública possa atender aos interesses das camadas populares.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Iniciamos com o livro "Testemunho Pedagógico - Gestão Colegiada na Educação da Cidade", publicado pela Editora Papirus, em 2011, com recursos próprios da autora, contendo 180 páginas e relatando a experiência de gestão vivenciada na Rede Municipal de Ensino de Uberaba durante o período de 1993 a 2000. A obra aborda o desenvolvimento da proposta de política educacional intitulada "Construção Amorosa da Cidadania", fundamentada nos princípios da Administração Colegiada e da Escola Cidadã, inicia-se com agradecimentos da autora a todos os educadores da Rede Municipal de Ensino que apostaram com ela na "Construção Amorosa da Cidadania" (p. 5). A apresentação intitulada "Maria de Lourdes Melo Prais – Mestra Maestrina" (p. 9) foi assinada por Vânia Maria Resende, Chefe da Seção de Projetos Alternativos (1993-2000), que a conclui asseverando: "Tudo o que a Dedê realiza – com a afinação de boa maestrina – tem o tom de pessoa grande de alma, convicta das vias de transformação pelo amor" (p. 12).

Além de explicitar os fundamentos da proposta “Construção Amorosa da Cidadania” (p. 19), o livro detalha suas ações prioritárias (p. 73-148), utilizadas como estratégia para ampliar as chances de uma implementação bem-sucedida: Explicitação da Filosofia de Educação da Rede Municipal (p. 75); Processo Decisório: a dinâmica da gestão (p. 91); Formação continuada do educador (p. 107); Avaliação institucional (p. 119); Sistema municipal de educação (p. 129); Valorização e formação profissional (p. 134); Publicações pedagógicas (p. 138) e Convênio de Cooperação Mútua (p. 141). Para cada uma das ações desenvolvidas a obra fornece orientações teóricas e práticas para uma forma participativa de administrar um Sistema Municipal de Educação.

Além disso, a obra demonstra como a proposta do município de Uberaba, preocupada em oferecer aos alunos da rede pública nos limites da lei, dos recursos disponíveis e das condições concretas de trabalho, a melhor escola possível, consegue implementar uma escola “séria, competente, crítica, criativa, humana, questionadora, curiosa, mas também alegre e prazerosa” (Prais, 2011, p. 16).

Nos capítulos finais, o livro destaca os efeitos positivos resultantes da “Construção Amorosa da Cidadania”, aponta ideias e sugestões (p. 165) como uma forma eficaz de superar os desafios geralmente enfrentados pela educação municipal e apresenta os reconhecimentos recebidos pela proposta que demonstrou evidências de melhoria do ensino no município de Uberaba-MG (p. 173), dentre eles a Comenda Lúcia Casasanta (p. 177) e a Medalha Anísio Teixeira (p. 178 – temáticas abordadas nas páginas 305 a 307 desta tese.

A obra, fundamentada na literatura pertinente, aborda as questões de uma maneira didática e acessível, enfatizando as características e procedimentos de uma gestão participativa, bem como detalhando os compromissos e caminhos para a vivência de uma pedagogia em autonomia, destacando-se como importante referência para a área. Esse impacto é refletido em sua ampla aceitação no meio acadêmico, sendo citada e analisada em uma tese, uma dissertação e um artigo acadêmico. Embora o tema da gestão compartilhada já tenha sido tratado livro “Administração Colegiada na Escola Pública” (referência em 58% das 35 obras analisadas, entre teses, dissertações e artigos acadêmicos), Testemunho Pedagógico aprofunda o debate ao incorporar elementos inovadores da prática educacional desenvolvida em Uberaba.

A Figura 9 é uma carta de felicitação dirigida à Sra. Maria de Lourdes Melo Prais, parabenizando-a pelo lançamento de seu livro “Testemunho Pedagógico: Gestão Colegiada na Educação da Cidade”. A carta é assinada por membros do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Uberaba (SSPMU), datada de 26 de agosto de 2011, asseverando que a Educação

Municipal de Uberaba, sem dúvida, tem o que comemorar com este ato e que a direção do sindicato não poderia se omitir num momento como esse, fato que destaca que o lançamento de sua obra é um marco importante, justificando seu apoio e celebração desse momento.

Figura 9 - Ofício do Sindicato dos Servidores Públicos de Uberaba parabenizando pela obra publicada

SINDICATO DOS SERVIDORES PÚBLICOS
MUNICIPAIS DE UBERABA

Ofício nº. 168/ SSPMU/2011
Assunto: Cumprimento (FAZ)

Uberaba/MG, 26 de Agosto de 2011.

Ilma.Sra.
Maria de Lourdes Melo Prais

CÓPIA

Caríssima educadora,

Vimos através deste, cumprimentá-la pelo lançamento de sua obra ***TESTEMUNHO PEDAGÓGICO - Gestão Colegiada na Educação da Cidade***, e, ao mesmo tempo, desejar-lhe muito sucesso.

Como servidores municipais, fomos testemunhas de seus esforços na promoção de uma Educação verdadeiramente comprometida com a qualidade do ensino/aprendizagem e com a democratização da escola.

A Educação Municipal de Uberaba, sem dúvida, tem o que comemorar com esta ação, e a Diretoria do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Uberaba – SSPMU, não poderia se omitir.

Um grande abraço.

Atenciosamente,

Luis Carlos dos Santos
Presidente SSPMU

Carlos Humberto Costa
Diretor Social SSPMU

Aciteno dos Santos Mendonça
1º Secretário SSPMU

Argélo Guilherme Rocha Borges
Tesoureiro SSPMU

Diretor de Esportes SSPMU

Rua Tancredo Neves, 55 – Bairro Santa Maria – Uberaba – MG – CEP 38061-370 – Fone/Fax PABX: 3312-5559
CNPJ – 23.368.871/0001-68 – E-mail: sspmu@inetuba.com.br

Fonte: Arquivo Público de Uberaba (2011).

Passamos a apresentar o livro “Administração Colegiada na Escola Pública”, publicado no ano de 1990, pela Editora Papirus, com 110 páginas. Nele, Maria de Lourdes Melo Prais analisa o conceito de administração colegiada nas escolas públicas e sua importância para a democratização da educação. A autora argumenta que a gestão escolar deve ser um projeto educativo intencional e coletivo, voltado para elevar o nível cultural das camadas populares, conferindo-lhes condições de dirigir ou fiscalizar os dirigentes da sociedade (p. 16).

Prais (1990) posiciona a escola como uma instituição da sociedade civil, na qual a luta pela hegemonia ideológica é constante (p. 36) e ressalta que os limites da democratização escolar refletem os da democracia na sociedade de classes, destacando a administração colegiada como um meio de priorizar os interesses coletivos sobre os particulares. Essa prática rompe com a lógica do mando pessoal, promovendo uma gestão participativa e democrática (p. 57).

Na obra, a autora enfatiza que a administração colegiada é, ao mesmo tempo, educativa e política, refletindo as exigências de um contexto histórico marcado pela transição democrática e pelo enfraquecimento da hegemonia do bloco dominante (p. 67). Em uma perspectiva gramsciana, Prais (1990) afirma que a escola é um espaço estratégico para a circulação e contestação de ideologias (p. 68). Segundo a autora, a administração colegiada é fruto de uma vontade coletiva voltada para mudanças históricas e necessárias, configurando-se como um movimento social e uma condição para práticas educativas transformadoras (p. 61). Ela critica a avaliação tradicional como instrumento de poder do professor e a defende como um momento de aprendizagem e revisão do trabalho docente (p. 73).

Prais (1990) também aborda aspectos fundamentais para uma gestão democrática, como a valorização do conceito de público enquanto popular, a melhoria da qualidade de ensino e a valorização dos profissionais da educação, defendendo que a administração colegiada deve assegurar a participação de toda a comunidade escolar, promovendo vivência democrática e corresponsabilidade no projeto educativo (p. 79-82). Além disso, Prais (1990) alerta que a eleição do diretor escolar, isoladamente, não garante a democratização, sendo necessária sua condução com competência técnica e responsabilidade política, uma vez que a administração colegiada deve equilibrar clareza política com eficiência técnica, priorizando sempre os interesses coletivos (p. 58, 84).

Por fim, Prais (1990) conclui que a administração colegiada é capaz de combater a seletividade, a discriminação e a fragmentação do trabalho escolar, promovendo uma escola em constante transformação. Essa prática está diretamente vinculada à reflexão contínua sobre a educação, adaptando-a às necessidades das camadas populares (p. 63, 77). Em suma, defende a administração colegiada como instrumento essencial para a democratização da escola pública, promovendo participação coletiva, vivência democrática e corresponsabilidade no projeto educativo, em consonância com os princípios de uma sociedade mais justa e democrática.

A Figura 14 registra um momento significativo na trajetória de Prais, durante a noite de autógrafos de seu primeiro livro, Administração Colegiada na Escola Pública (1990). O cenário

transmite um ambiente formal e acolhedor, com uma mesa cuidadosamente organizada e adornada com flores, ressaltando a relevância do momento. Maria de Lourdes Melo Prais aparece concentrada, autografando um exemplar de sua obra, evidenciando seu papel como intelectual e educadora comprometida com a gestão democrática da escola pública. Sua vestimenta elegante e os acessórios demonstram esmero na apresentação, enquanto sua expressão revela serenidade e envolvimento. O título da imagem, Dedê e os livros, enfatiza sua conexão com a produção do conhecimento e o impacto de seu legado na educação.

Figura 14 - Lançamento do livro “Administração Colegiada na Escola Pública” (1990)

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1989).

Cumpre dizer que, a obra “Administração Colegiada na Escola Pública”, continua a ser uma referência significativa na gestão colegiada na educação, refletindo seu impacto duradouro e sua influência sobre a administração educacional contemporânea. Esse impacto é evidenciado

pelos quadros 9, 10 e 11, que mostram que, das 35 obras listadas (teses, dissertações, artigos e capítulos de livros), o livro é citado ou referenciado em 20 delas, ou seja, aproximadamente 58%. Esta ampla aceitação sublinha a relevância contínua da obra na formação de debates e práticas sobre a gestão colegiada nas escolas públicas. A influência da obra se estende desde 1997 até 2024, com uma presença mais marcante nas décadas de 2000 e 2010, pois foi citada e/ou referenciada 16 vezes nesse período. Este fenômeno pode ser atribuído à sua contribuição substancial para o entendimento e a implementação de modelos de administração colegiada, que continuam a ser temas centrais em pesquisas e práticas educacionais.

Além disso, sua recorrente presença em produções acadêmicas evidencia a relevância da obra não apenas no campo teórico, mas também na prática educativa e nos processos formativos no âmbito da educação. Ademais, o contínuo interesse e referência à obra ao longo das décadas demonstram sua capacidade de fornecer insights valiosos e atualizados sobre a administração educacional, ajustando-se às mudanças e desafios que surgem ao longo do tempo.

A Figura 15 traz Prais ladeada pelos livros: “Administração Colegiada na Escola Pública” (1990) e “Testemunho Pedagógico - Gestão Colegiada na Educação da Cidade” (2011).

Figura 15 - Livros escritos e publicados por Prais (1990, 2011)

Fonte: Adaptado pela autora (2024).

Essa imagem ilustra a continuidade e o impacto duradouro do trabalho de Prais ao longo do tempo, mostrando como suas contribuições continuam a ser reconhecidas e valorizadas pela

comunidade acadêmica, ainda nos dias de hoje, principalmente no que tange ao tema administração colegiada na escola pública, posto que é o tema mais recorrentes no Quadro 11.

A presença constante desses livros em produções do meio acadêmico evidencia a relevância e a influência das ideias e pesquisas de Prais no campo da educação e em áreas afins. Tal recorrência demonstra, também, que sua trajetória intelectual é amplamente reconhecida, uma vez que suas obras publicadas constituem um elemento fundamental para sua definição como intelectual da educação.

Destaca-se ainda que, Prais reúne outras características relevantes, como engajamento acadêmico, contribuição teórica e prática, reconhecimento profissional, impacto na comunidade e prática docente, que desempenham papéis importantes na caracterização de uma intelectual na área da educação.

Em síntese, as análises realizadas nessa seção da tese evidenciam de forma inequívoca a importância de Maria de Lourdes Melo Prais como uma figura central no debate educacional em sua dimensão intelectual. As diversas referências encontradas em teses, dissertações, artigos e capítulos de livros atestam o impacto significativo de suas contribuições teóricas e práticas, reforçando a tese de que Prais é, sem dúvida, uma verdadeira intelectual da educação.

Na sequência, dedicaremos uma seção especial para mergulhar nas histórias que compõem a trajetória profissional de Dedê Prais, desvelando, de forma aprofundada, os episódios, iniciativas e desafios que marcaram sua carreira. Este segmento visa destacar não apenas os momentos decisivos que impulsionaram sua atuação, mas também os marcos e transformações que a consolidaram como uma referência incontestável no cenário educacional, evidenciando a amplitude e a profundidade de sua contribuição para o desenvolvimento teórico e prático da educação.

2.3 DEDÊ PRAIS: MULHER DE ESTÓRIAS NA PROFISSÃO

“Começo por dizer que toda narrativa de vida
é um exercício de saudade que mistura
lembrança e imaginação com a certeza de que
o essencial não cabe nas palavras”.
(Prais, 2020)

A epígrafe nos convida a uma reflexão sobre a complexidade de narrar uma trajetória pessoal, ressaltando que essa tarefa vai além de reconstruir fatos: trata-se de resgatar emoções e experiências que, frequentemente, escapam à linguagem. Nesse processo, saudade e imaginação se entrelaçaram, transformando a narrativa em uma tentativa de capturar o intangível, melhor dizendo o que as palavras não conseguem abarcar. Por sinal, a expressão “o essencial não cabe nas palavras”, usada por Dedê Prais, dialoga com conceitos filosóficos presentes em “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, que nos lembra: “O essencial é invisível aos olhos” (Saint-Exupéry, 1943, p. 56).

É sabido que, Maria de Lourdes Melo Prais (doravante, Dedê Prais, conforme é conhecida no ambiente educacional) foi uma figura influente no cenário educacional de Uberaba, Minas Gerais, que dedicou sua vida à educação, deixando um legado significativo na formação de várias gerações, considerando-se a rede de sociabilidade que ela construiu. Sua trajetória nos oferece uma janela para compreender como suas vivências e interações no ambiente escolar contribuíram para sua compreensão da educação como um instrumento de transformação social:

> Desde criança meus gostos e preferências já anunciavam a profissão a ser assumida mais tarde: a curiosidade, a inquietação por saber mais, a mania dos porquês e o gosto pelas longas conversas, sempre me acompanharam, e penso que ser professor é, exatamente isto, em outras palavras: é ser pesquisador, inquiridor permanente, aberto ao diálogo, enfim, é assumir-se como “eterno aprendiz”, como dizia Paulo Freire, características que já se anunciavam na minha infância (Dedê Prais, 2024).

Ao tratar de sua trajetória profissional, Dedê Prais (1993) reflete sobre o desenvolvimento contínuo da identidade profissional de um educador, deixando emergir a influência recebida de Paulo Freire (1991), ao expressar sua compreensão sobre o processo de tornar-se educador, afirmando:

> É bom lembrar que ninguém nasce educador. A gente se faz educador, a gente se forma educador, permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática. É bom lembrar que ninguém começa numa certa manhã de quarta-feira! É bem verdade que desde criança a gente tem alguns gostos, preferências, inclinações, que anunciam a profissão a ser assumida mais tarde. E isso aconteceu comigo também. Fui uma criança cheia de anúncios pedagógicos. A curiosidade, a inquietação por saber, a mania dos porquês... sempre foram as minhas marcas registradas e penso que, antes de tudo, todo professor é um pesquisador, um inquiridor permanente (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

A influência de seu mestre Paulo Freire (1991) evidencia-se na intertextualidade das palavras de Dedê Prais (1993), transcritas acima, enfatizando que ninguém nasce com todas as habilidades e conhecimentos necessários para ser um educador eficaz:

> Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática. É bem verdade que a gente tem, desde menino, certos gostos, certas preferencias por coisas, ou formas de ser, ou de dizer, ou de fazer, que de vez em quando, ou quase sempre, coincidem com a natureza de certos quefazeres, como o educativo, por exemplo (Freire, 1991, p. 58).

Ambas as falas se entrelaçam de tal forma que, mais uma vez, é difícil discernir quem estamos lendo: Dedê Prais ou Paulo Freire, entretanto suas falas convergem ao asseverarem que o caminho para se tornar educador não é determinado por eventos específicos, com dia ou hora marcados parar iniciar, mas sim por meio de um compromisso contínuo com a prática educativa e a reflexão crítica sobre essa prática. Suas afirmações sublinham a natureza dinâmica e evolutiva da profissão docente, destacando a importância do aprendizado constante e do engajamento reflexivo para o desenvolvimento de um educador em processo gradual e contínuo ao longo da vida. De mais a mais, tanto Dedê Prais (1993), quanto Paulo Freire (1991), reconhecem que, desde a infância podemos ter indícios de interesses que nos levam à profissão docente, como a curiosidade e a inclinação para questionar, dessa forma, consideram que todo professor é, antes de tudo, um pesquisador e um questionador.

Nesse ínterim, adentramos em um território além da mera análise da trajetória profissional de Dedê Prais, de modo que, nossa abordagem se expande para investigar meticulosamente toda a rede de sociabilidade que ela construiu ao longo dos anos. Ao explorar os laços estabelecidos por Dedê Prais não só com Paulo Freire, seu orientador de mestrado, como também com colegas, colaboradores, alunos e membros da comunidade escolar, buscamos capturar não apenas a amplitude, mas também a profundidade do impacto que sua presença teve no ambiente educacional local, regional e nacional, além do intuito de responder mais uma das questões-problema elencadas no projeto. Assim, esta investigação não se limita a traçar uma jornada profissional, uma vez que busca desvendar os intricados laços sociais que

contribuíram para sua notável trajetória profissional descrita de forma mais ou menos cronológica a partir daqui.

Antes, porém, trazemos uma reflexão de Dedê Prais (1993) sobre o educador no Brasil, enquanto agente histórico ativo, capaz de influenciar e moldar a realidade por meio da educação:

> Acho que o grande desafio do Educador Brasileiro é a sua tarefa histórica de assumir o seu tempo, de inserir-se no seu tempo. Isso significa ter a lucidez de entender a história como possibilidade e não como determinação. Isso significa ser capaz de reconhecer a sua capacidade de, a partir de circunstâncias concretas, fazer a história. Isso significa estar convencido da eficácia da Educação enquanto prática de construção da cidadania, como elemento fundamental no processo de resgate da liberdade e da transformação social. Isso significa reconhecer o caráter político da Educação. Isso significa saber o espaço e os limites da Educação na construção de um homem novo e de uma nova sociedade. Isso exige uma nova maneira de trabalhar com a Educação, que não apenas requer competência e clareza política, mas contentamento, prazer e alegria no que faz. Condição que aliás tem estado distante da prática docente nos últimos anos. Um grande educador contemporâneo francês, Georges Snyders[38], em seu último livro "*La joie à I'Ecole*" – A alegria da Escola – convida o educador a fazer a alegria através da Educação. A escola de seus sonhos é uma escola saltitante. Essa também tem sido a tônica dos últimos trabalhos de Paulo Freire. Entretanto para não cairmos no romantismo irresponsável e descomprometido, temos que saber que o educador só poderá assumir a Pedagogia do Contentamento na medida em que seu trabalho seja reconhecido socialmente, através de salários dignos (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

Os autores citados por Dedê Prais (1993) na reflexão acima criticam o modelo tradicional de educação que vê o aluno como um receptor passivo de conhecimento, ao que Freire (1987) denomina "educação bancária" (Freire, 1987, p. 37), além de criticarem a "despolitização da educação que serve aos interesses das classes dominantes" (Freire, 2006, p. 29; Snyders, 1988).

Freire (2006) e Snyders (1988) convergem na defesa de uma educação que promove a criticidade e a transformação social: Freire (2006) enfatiza "a importância da conscientização política", enquanto Snyders (1988) realça a necessidade de uma educação que incentive a autoconfiança e a "satisfação cultural" (Freire, 2006, p. 72; Snyders, 1988, p. 31). Para ambos, a alegria não é apenas um estado emocional, mas uma ferramenta de resistência e transformação. Freire (2006) vê a alegria e o prazer na escola como essenciais para a resistência à opressão e à construção de um futuro melhor (Freire, 2006, p. 171), embora não tenha usado exatamente o termo "pedagogia do contentamento". Snyders (1988), defensor da "pedagogia do contentamento", por sua vez, vê a alegria como elemento central na prática educacional e

---

[38] Georges Snyders (1917-2011), educador marxista, que se constituiu em uma das referências basilares da Pedagogia Histórico-Crítica.

como um meio de enfrentar as dificuldades e promover a evolução pessoal e social (Snyders, 1988, p. 244).

Em contrapartida, Dedê Prais (1993) acrescenta uma perspectiva prática às teorias de Freire e Snyders ao discutir os desafios específicos do educador brasileiro. Dedê Prais (1993) arrazoa que o grande desafio do educador é assumir seu papel histórico e inserir-se em seu tempo, registrando a história como possibilidade e não como determinação. Isso implica considerar a eficácia da educação como prática de construção da cidadania e transformação social, além de entender o caráter político da educação.

Em outras palavras, Paulo Freire, Georges Snyders e Dedê Prais compartilham a visão de que a educação deve ir além da simples transmissão de conhecimentos, pois defendem uma educação que promova a criticidade, a transformação social e a alegria no ambiente escolar. Freire e Snyders criticam o modelo tradicional de educação e propõem uma abordagem mais interativa e crítica, enquanto Dedê Prais (1993) destaca a importância do reconhecimento social e das condições adequadas para os educadores. Juntos, eles oferecem uma visão holística de uma educação que capacita os alunos e transforma a sociedade.

A trajetória de Dedê Prais na educação começou precocemente, moldando desde cedo seu profundo compromisso com o ensino: “Aos quatorze anos, comecei ensinando particularmente. Entre os meus primeiros alunos tive alguns colegas de turma. Com isso, fui reforçando meus conhecimentos nos diferentes conteúdos” (Jornal da Manhã, 1993, p. 10), declara Dedê Prais (1993) na entrevista concedida ao colunista Décio Bragança, para início de conversa. Acerca de seu primeiro emprego registrada, ela prossegue:

> Aos dezoito anos, logo que entrei na Faculdade e determinada pela necessidade de ajudar a família, comecei profissionalmente minhas atividades, assumindo as turmas de magistério do Osvaldo Cruz. Aí, comecei a responsabilizar-me por minhas despesas. Lembro-me que com meu primeiro salário de vinte cruzeiros comprei uns óculos que custou dezenove. Passei o resto do mês com um cruzeiro. No Osvaldo Cruz fiquei lecionando até o final do meu curso superior (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

O relato de sua experiência inicial ilustra sua determinação e capacidade de enfrentar desafios desde o início de sua trajetória estudantil e/ou profissional, demonstrando sua resiliência e comprometimento com suas responsabilidades e objetivos desde cedo ao assumir turmas de magistério do Colégio Osvaldo Cruz, no mesmo ano em que iniciou o curso de Pedagogia (1962): “acatando o ensinamento do meu pai, que acreditava que ‘filho é cidadão do mundo’ e que deve, o quanto antes, assumir-se como tal, defendendo-se no seu espaço”, esclarece Dedê Prais (2024).

Em 1965, último ano de Faculdade, Dedê Prais (1993) recebeu três propostas de trabalho, assumindo as duas primeiras e deixando a terceira para depois que concluísse os estudos: “a direção do Ginásio Nossa Senhora da Abadia, recém-criado pelo então deputado Dr. Wilson de Paiva, aulas no Curso de Magistério do Colégio Nossa Senhora das Dores, onde havia realizado meu estágio; e aulas na Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino”. Logo em seguida, assumiu o trabalho de Orientação Educacional do Colégio do Triângulo Mineiro (Jornal da Manhã, 1993, p. 10). O fato mencionado no jornal é rememorado por Dedê Prais (2024) em relato, realçando sua disposição em enfrentar desafios:

> De posse do diploma e até que eu tivesse, efetivamente, chance de fazer opções, aceitei diferentes propostas de trabalho, sempre acreditando que o enfrentamento dos desafios nos faz crescer. Assim, no período de 1966 a 1972 estive envolvida com os seguintes compromissos profissionais:
> • Diretora da Escola Estadual Nossa Senhora da Abadia;
> • Professora do Curso de Magistério do Colégio Nossa Senhora das Dores;
> • Professora da Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino;
> • Orientadora Educacional do Colégio Triângulo Mineiro (Dedê Prais, 2024).

Uma breve observação sobre a trajetória do Ginásio Nossa Senhora da Abadia, fundado no fim da década de 1960, “mostra que sua proposta educacional seguiu os ideais renovadores da perspectiva freiriana do movimento Escola Cidadã” (p. 16-17) [...] “A Escola nasceu do esforço de Maria de Lourdes Melo Prais, a Dedê: educadora que norteou seu trabalho político-pedagógico” (p. 58). Numa casa antiga localizada na rua São Sebastião, centro de Uberaba (MG), com Dedê Prais assumindo o cargo de “primeira diretora” (p. 58) e defendendo que devemos nos empenhar em oferecer, “[...] nos limites da lei, dos recursos disponíveis e das nossas condições concretas de trabalho, a melhor escola pública possível” (Ribeiro, 2008, p. 16-58). Esse compromisso refletia sua visão de que a educação é um direito fundamental e que, mesmo com limitações, é possível proporcionar um ensino de excelência.

“Em 1973, com a expansão do Ginásio Nossa Senhora da Abadia que passou a funcionar nos três turnos, fui obrigada a reduzir minhas atividades profissionais e optei por continuar na Direção do Ginásio e com as aulas da Faculdade de Filosofia” (Jornal da Manhã, 1993, p. 10), “assim, permaneci com estes dois vínculos até 1982” conta Dedê Prais (1993, 2024). Sua decisão demonstra, mais uma vez, seu comprometimento com a educação e sua capacidade de adaptação às mudanças e exigências do contexto educacional da época ao dialogar com a classe trabalhadora, fato observável no trecho abaixo:

> Esses foram os dois grandes desafios que me permitiram crescer nãos apenas como profissional, mas sobretudo como pessoa. No Ginásio, que mais tarde passou a ser denominado Escola Estadual, aprendi a dialogar com a classe trabalhadora, a compreender sua forma de aprender o mundo, através de sua linguagem e sobretudo

> a discutir a situação daquela gente que não ganhava e não ganha o suficiente para sobreviver. Nesse trabalho, constatei, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, que é possível uma pedagogia voltada para os interesses das camadas mais populares. Paralelamente a isso, no meu cotidiano, como professora universitária, lecionando sobretudo Sociologia da Educação, comecei a me aprofundar na questão escola-sociedade. Os contatos com as teorias da educação somados a constatações históricas, deram-me condições de entender o papel da escola no processo de transformação da sociedade e foi aí que comecei a defender a democratização do conhecimento e do espaço escolar, como condição de uma sociedade mais justa. A Escola Nossa Senhora da Abadia, foi, sem dúvida, o meu maior desafio, porque tinha de orientar todo trabalho com princípios em que acreditava. Houve obstáculos e resistências, mas julgo que foram justamente esses obstáculos que me fizeram compreender a importância de um trabalho coletivo, onde as visões discordantes, às vezes, se juntam para vencer os contrários (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

A alocução de Dedê Prais (1993) revela uma profunda intersecção com as teorias de Paulo Freire (1967, 1987, 1996, 2001), especialmente no que diz respeito à educação como um instrumento de "emancipação" (Freire, 1987, p. 49) e "transformação social" (Freire, 1996, p. 58). Ao mencionar que aprendeu a dialogar com a classe trabalhadora e a compreender sua forma de aprender o mundo, Dedê Prais (1993) está alinhada com a ideia de Freire (1987) de que a educação deve ser um "processo dialógico" (Freire, 1987, p. 13-83), pois para ele, o "diálogo é condição essencial de sua tarefa" (Freire, 1967, p. 4) em se tratando da "educação libertadora" (Freire, 1967, p. 44), já que é por meio dele que os educandos deixam de ser meros receptores passivos de conhecimento na "educação bancária" (Freire, 1987, p. 37) e se tornam "sujeitos dialógicos" (Freire, 1996, p. 31) e ativos em sua própria aprendizagem na "educação libertadora" (Freire, 1967, p. 44). Dedê Prais (1993) destaca, ainda, a importância de entender a linguagem e as experiências da classe trabalhadora, o que ecoa a ênfase de Freire (1996) na necessidade de uma educação contextualizada, que leve em conta "as realidades" (Freire, 1996, p. 28) e os "saberes dos educandos" (Freire, 1996, p. 15).

A referência de Dedê Prais (1993) à possibilidade de uma pedagogia voltada para os interesses das "massas populares" (Freire, 1987, p. 25) reflete a pedagogia freiriana, que defende uma educação que serve para conscientizar e empoderar os oprimidos, permitindo-lhes compreender e "transformar a realidade opressora" (Freire, 1987, p. 24). Freire acreditava, por conseguinte, que a educação deveria ser "um ato político" (Freire, 2001, p. 28), capaz de desafiar e mudar as estruturas de opressão na sociedade, pois deve ir além do simples ensino de leitura e escrita, de modo que a alfabetização seja uma porta de entrada para a conscientização, e essa conscientização seja um catalisador para a politização e para a ação transformadora: "a educação será tão mais plena quanto mais esteja sendo um ato de conhecimento, um ato político, um compromisso ético e uma experiência estética" (Freire, 2001, p. 55). Vale lembrar que para

ele, “alfabetizar é conscientizar” (p. 7) e “conscientizar é politizar” (p. 14) (Freire, 1987, p. 7-14).

Quando Dedê Prais (1993) menciona que começou a se aprofundar na questão escola-sociedade e defende a democratização do conhecimento e do espaço escolar, ela está aplicando os princípios freirianos de que a educação deve ser um meio para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, uma vez que Freire (1987) argumentava que a educação deve democratizar o conhecimento e ser acessível a todos, sendo fundamental para o desenvolvimento da consciência crítica: “Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele” (Freire, 1987, p. 40).

Além disso, Dedê Prais (1993) sublinha a importância de um trabalho coletivo e a capacidade de superar obstáculos por meio da colaboração e do diálogo, mesmo diante de visões discordantes. Este aspecto também está em sintonia com Freire (1967), que via a “prática educativa” como um processo coletivo e colaborativo, no qual o educador e o educando aprendem juntos e constroem conhecimento mutuamente e, segundo ele, “que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos” (Freire, 1967, p. 4).

Sobre seu trabalho na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (Fista), Dedê Prais (2007) comenta, em conversa com Paula (2007), que a Fista era uma escola reconhecida por promover uma educação crítica e consciente que teve um impacto significativo na formação de professores, não apenas em Uberaba, mas também de toda a região. Provavelmente, foi a instituição que mais influenciou a formação das mulheres de Uberaba e na transformação de pensamentos em educação entre outras áreas, por meio de uma formação humanista-cristã, uma vez que a instituição estava especialmente preocupada com a justiça social. Na conversa, Dedê Prais (2007) destaca, ainda, a preocupação com a qualidade da formação dos professores nos dias atuais, mencionando que, durante seu período como secretária de educação, ela percebia uma deficiência na preparação de alguns profissionais, ressaltando que chegou ao seu conhecimento casos de compra de diplomas, evidenciando-se assim um problema grave de falta de qualificação e integridade no processo de formação docente, que comprometia seriamente a qualidade da educação (Paula, 2007, p. 181). Nesse período, ministrou disciplinas de Sociologia Educacional, Sociologia Geral e Filosofia da Educação entre 1965 e 1982, por indicação do Padre Prata que estava com acúmulo de

disciplinas: “Ajudava ele e quando aposentou logo assumi as disciplinas” (Soares, 2022, p. 117-249-167), conta Dedê Prais (2019) sobre o ingresso na Fista:

> Fiquei como docente na Fista de 1965 até 1982. [...] As aulas dependiam de cada professor e eram de maneira geral de diálogo e debate. Eu como professora intuitivamente assumi essa forma de aula – aulas debates, de diálogos, estudos em grupos. Eu sempre fiz essa movimentação (Soares, 2022, p. 250).

Descrever suas aulas como sendo majoritariamente baseadas em diálogos e debates, adotando intuitivamente uma abordagem participativa e interativa, ressalta uma metodologia comprometida com a pedagogia crítica e a educação libertadora, valorizando a participação dos alunos e o desenvolvimento do pensamento crítico. Para melhor compreender o período em que Dedê Prais foi professora na Fista (1965-1982), é essencial destacar que suas atividades ocorreram simultaneamente à Ditadura Militar no Brasil[39]. Essa contextualização histórica é crucial, pois a Ditadura (1964-1985) teve um impacto profundo na educação, restringindo a liberdade acadêmica e promovendo a censura. Trabalhar nesse ambiente exigia, portanto, uma postura cuidadosa e, muitas vezes, desafiadora para manter uma prática pedagógica crítica e reflexiva; assim sendo, ao adotar metodologias participativas e de debate, Dedê Prais estava em certa medida resistindo ao autoritarismo vigente, promovendo a conscientização e o pensamento crítico entre seus alunos; pois, segundo ela, “a relação com a Ditadura Militar foi tensa, os professores foram bem perseguidos, sobretudo, aqueles que tiveram uma atuação política maior, estes sofreram forte repressão” (Paula, 2007, p. 181).

Dedê Prais (2007), em sua trajetória na Fista, frequentemente se deparava com a tensão entre suas convicções ideológicas e as restrições impostas pelo regime, de modo que foi preciso defender fervorosamente o marxismo e o existencialismo, para demonstrar sua coragem e comprometimento com uma educação transformadora, mesmo sob a vigilância e preocupações da administração da instituição:

> Quando comecei a dar aulas em 1968, ao final desse ano, fiquei preocupada, se ia ser mantida ou não. Assim, fui alertada pela direção, que tinha uma irmã, que assistia às minhas aulas, e me disseram que estavam preocupadas comigo, porque estava sendo muito radical em sala de aula. Então, fiz uma defesa ardorosa do marxismo[40] e do

[39] A Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) foi um regime autoritário que teve início com o golpe militar em 31 de março de 1964, com a deposição do presidente João Goulart e durando 21 anos. O regime adotou uma diretriz nacionalista, desenvolvimentista e anticomunista, estabelecendo a censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime.

[40] O marxismo (socialismo científico) é um sistema ideológico que critica radicalmente o capitalismo e proclama a emancipação da humanidade numa sociedade sem classes e igualitária, fundado por dois pensadores revolucionários alemães: Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), em meados do século XIX.

> existencialismo[41], e disse que era fruto dessa escola e do que havia aprendido na Fista, e se fosse necessário usar uma batina para dizer o que pensava, eu vestiria (Paula, 2007, p. 181).

O trecho "e se fosse necessário usar uma batina para dizer o que pensava, eu vestiria" (Prais, 2007), chamou-nos atenção e nos levou a crer que Dedê Prais pretendia expressar sua determinação e compromisso inabalável com suas crenças e princípios educacionais. Afirmar que usaria uma batina simboliza uma adequação exterior às normas e expectativas impostas pela administração ou pelo contexto autoritário da época; entretanto, ela deixa claro que, mesmo diante da necessidade de adotar essa aparência de conformidade, continuaria a transmitir suas ideias e ensinamentos, mesmo sob pressão ou vigilância.

Dedê Prais (2007) relatou a Paula (2007) que havia interferência e controle na atuação dos professores durante a Ditadura Militar, embora professores mais experientes conseguissem continuar seu trabalho sem grandes interrupções, os novatos ficavam amedrontados por conta das ameaças que recebiam. A prisão de alguns professores dentro da Fista pelos militares provocou uma reação forte do clero, incluindo figuras como o arcebispo Dom Alexandre, Monsenhor Arduini, Padre Prata e Padre Eddie Bernardes. Na época, o bispo chegou a ser questionado por membros da sociedade uberabense sobre uma suposta influência ideológica de esquerda na formação dos professores da Fista e respondeu que não via nenhuma atividade subversiva, prometendo defender qualquer padre ou professor acusado injustamente. Durante esse período, os professores usavam os materiais de Paulo Freire para alfabetizar adultos, mas enfrentavam intervenções da direção e eram chamados para depor no quartel da Polícia Militar, de modo que o clima na Fista era de constante vigilância e medo, com pessoas evitando falar muito, por medo Dona Genô queimou muitos livros (Paula, 2007, p. 182).

Dedê Prais (2007) detalha que, apesar das dificuldades, havia maneiras de contornar a censura e a repressão uma vez que o ambiente cultural era intensamente politizado e os estudantes participavam ativamente dessas estratégias:

---

[41] O existencialismo é uma doutrina filosófica centrada na análise da condição humana e da forma como os indivíduos se inserem e atuam no mundo. Surgiu e se desenvolveu na Europa entre as duas guerras mundiais (1918-1939), tendo como um de seus principais representantes Jean-Paul Sartre (1905-1980). Ao abordar o que os diferentes tipos de existencialismo tinham em comum, Sartre sintetizou a ideia central da corrente ao afirmar que "a existência precede a essência", ou seja, que o ser humano primeiro existe e, ao longo da vida, constrói sua essência por meio de suas escolhas, ações e experiências. Essa concepção está presente em sua obra O existencialismo é um humanismo (SARTRE, 1987), e ajuda a compreender a analogia feita no texto principal, ao afirmar que, embora a história cultural não tenha uma essência fixa, ela possui uma trajetória própria, construída historicamente.

> Havia formas de poder driblar a situação, envolvendo os universitários, através do teatro, do cinema e a recomendação de leitura de bons livros. O momento cultural era muito intenso, com uma carga política bastante interessante, o universitário também participava, através dessas estratégias. O texto poético era a maneira, pela qual, muitas vezes, a linguagem não era alcançada por todos. Muitos artistas eram convidados a vir em Uberaba. A cidade era muito rica culturalmente, havia uma livraria, a Ponto de Encontro, perto do Uberaba Palace, em que os universitários e os intelectuais encontravam-se. Tinha também, a figura do Maurílio Cunha Campos e Castro, que foi o fundador e diretor do Teatro Experimental de Uberaba (TEU), no qual, durante muito tempo, aconteceram os festivais de música (Paula, 2007, p. 182).

O depoimento acima ilustra como a opressão política se infiltrava na vida acadêmica, mas também destaca a resistência e a resiliência dos educadores e estudantes que buscavam formas criativas de expressão e conscientização em meio à repressão. Ademais, as figuras dos amigos de adolescência ressurgem neste contexto: Maurílio Cunha, fundador do Teatro Experimental de Uberaba (TEU), e Deusedino Martins, proprietário da Livraria Ponto de Encontro, localizada ao lado do então Cine Uberaba Palace, na década de 1960.

Concluindo o assunto, Dedê Prais (2007) assevera que a pedagogia tecnicista[42], que enfatiza a eficiência, a padronização e os métodos específicos na educação, trata o ensino de forma mecanicista e fragmentada, focando na transmissão de conhecimentos e habilidades técnicas; no entanto, essa abordagem não conseguiu prevalecer, sendo abafada por propostas mais críticas. Embora tenha representado um retrocesso por um tempo, os professores conseguiram utilizar esses recursos nas disciplinas, driblando a censura e a imposição do tecnicismo. Em contraste, as propostas curriculares de todos os cursos da Fista eram pensadas com uma pedagogia humanista, buscando constantemente o conhecimento e incentivando a pesquisa. A leitura dos clássicos da literatura era exigida, e, embora não houvesse professores com pós-graduação, eles possuíam uma formação aprofundada. Antes da Fista, não havia uma faculdade específica para a formação de professores, eram os padres ou engenheiros que assumiam essa função, e o objetivo da instituição era formar bons professores em um ambiente de trabalho acolhedor e prazeroso e, por conseguinte, uma comunidade de docentes amigos. O fim da Fista em Uberaba representou a perda de uma formação consistente e de qualidade, resultando em uma carência de professores-educadores capazes de promover mudanças e fazer a diferença, o que afetou negativamente a qualidade da educação e a formação humanista mais completa (Paula, 2007, p. 182-183).

---

[42] A Pedagogia Tecnicista é uma abordagem educacional que ganhou destaque no Brasil nos anos 1960, focada na organização da educação como um processo técnico e eficiente, semelhante à produção industrial, visando preparar o indivíduo para o mercado de trabalho por meio do desenvolvimento de competências e habilidades práticas.

A Figura 16, registrada nas oficinas do Jornal da Manhã, é uma foto do convite de Formatura do Curso de Jornalismo, que homenageou a, então, Diretora do Instituto de Filosofia, Ciências e Humanas, Prof.ª Maria de Lourdes Melo Prais com o nome de turma. O convite apresenta um texto reflexivo, abaixo transcrito, acerca da importância de a informação ser democrática e destinada ao povo, enfatizando a necessidade de formar uma opinião pública crítica e consciente:

> Informação
> A informação deve ser, imprescindivelmente, democrática. Informação do povo, para o povo a fim de proporcionar ao leitor, ouvinte e telespectador as bases da sensatez e de uma consciência crítica.
> Ao lado de uma informação sensata, coerente, explícita, é necessário procurar formar opinião para que os homens, em conjunto, resolvam o que fazer de seu País, do meio-ambiente circundante para atingir realmente, o desenvolvimento e o bem-comum (Brasil, 2024).

É possível depreender a partir do texto do convite que, a informação deve ser acessível e útil para todos, promovendo uma sociedade bem-informada, capaz de tomar decisões conscientes e colaborar para o desenvolvimento e o bem-estar comum.

Figura 16 - Convite dos formandos em Jornalismo da turma Prof.ª Maria de Lourdes Melo Prais

Fonte: Arquivo pessoal da jornalista Ana Luiza Brasil (1979).

Em depoimento concedido, para a construção da rede de sociabilidade, a jornalista Ana Luiza Brasil (2024) informou que esse foi o convite formal que enviaram para os familiares mais íntimos da cerimônia de Colação de Grau, que ocorreu às 20h, do dia 5 de julho de 1979, no anfiteatro da Fista, acrescentando:

> Sou a que está atrás da primeira sentada, eu também estou sentada logo atrás dela. Foi Dedê quem nos entregou o diploma em nossa Colação de Grau, ela era a nossa coordenadora no Curso de Jornalismo na época. Nosso convite foi algo inovador. Fizemos um jornal com depoimento de cada formando não fotografei porque não é o assunto, mas só para você ver que a Dedê foi nossa Patrona, o Mário Salvador foi nosso homenageado especial. Fomos da primeira turma de Jornalismo RECONHECIDA pelo MEC na época (Brasil, 2024).

Para além da relação que mantiveram na Fista, no final da década de 70, Ana Luiza Brasil (2024) acrescentou: “Sou amiga dela, antes de me formar jornalista, fui responsável pela Biblioteca no Ginásio da Abadia, onde ela era diretora” destacando uma longa amizade que começou em um ambiente educacional no qual ambas desempenhavam papéis importantes. Dez anos mais tarde, o grupo se reuniu para comemorar o impacto duradouro que uma educação de qualidade pode ter na vida dos alunos, fortalecendo a rede de sociabilidade e a importância da troca contínua de conhecimentos e experiências no campo do Jornalismo.

Figura 17 - Comemoração dos 10 anos de Formatura da Turma de Jornalismo de 1979

Fonte: Arquivo pessoal da jornalista Ana Luiza Brasil (1989).

A comemoração dos 10 anos de formados foi assim descrita por Brasil (2024):

> Essa foi na comemoração dos nossos 10 anos de formados, que eu organizei. Éramos 14 formandos, mas nem todos participaram dessa comemoração e, também, nem todos os professores. De professor, temos (sentados) Paulo Rodrigues, Dedê, em seguida, também sentado, Mário Salvador, que foi nosso Patrono e era diretor do Jornal da Manhã. De pé, da esquerda para a direita, temos os professores Maria Nilce, Dolores Ratto, Vera e Paulo Lemos. Eu sou a que está atrás da colega de blusa listrada que está sentada (Brasil, 2024).

Entre os professores citados por Brasil (2024), contactamos Vera Lúcia Rezende Cunha, que se identificou: "sou a que está entre a Ana Luiza Brasil e a Prof.ª Dolores Cançado, acrescentando:

> Eu me lembro com saudades desta reunião... alunos inesquecíveis... colegas professores (da Fista), que deixaram exemplos de ética, de cidadania e de competência por onde passaram! Reverência ao Mestre da Filosofia, Prof. Paulo Rodrigues e à Mestra da língua Inglesa, Prof.ª Maria Nilce Martineli... como é bom voltar neste tempo bom! Nosso querido Tio Mário, da infância das minhas filhas... Eu não conhecia esta foto.... Pude reviver uma história de professora na Fista (Cunha, 2024).

No depoimento de Brasil (2024), a jornalista destaca a organização da comemoração dos dez anos de formatura e menciona a presença de alguns professores que marcaram a trajetória dos alunos, evidenciando o respeito e a gratidão por suas contribuições. Por outro lado, a professora Cunha (2024), ao relembrar o evento, expressa saudades e admiração pelos alunos e colegas, sublinhando os valores de ética, cidadania e competência que todos compartilhavam. Ambos os depoimentos refletem a importância das relações formadas durante o curso e a influência duradoura dos educadores na vida dos alunos, ressaltando um ambiente acadêmico de profundo impacto emocional e profissional.

Questionada acerca de suas "memórias" pessoais e de trabalho com Dedê Prais, a professora Cunha (2024) acrescentou:

> Acompanho a trajetória dela desde a Fista, onde lecionamos a mesma disciplina e realizamos muitos trabalhos juntas.
> Trabalhei depois com ela na UNIUBE na Pós-Graduação, onde realizamos um trabalho de administração e docência juntas.
> Depois fui a convite dela para a Secretaria Municipal de Educação, quando coordenei o Departamento Pedagógico durante 8 anos.
> Tenho o maior respeito pelo trabalho dela na área de Educação e pelo ser humano que ela é (Cunha, 2024).

A fala da professora Cunha (2024) sobre Dedê Prais revela uma trajetória de parceria profissional sólida e multifacetada, que se estendeu ao longo de diferentes instituições e funções na área da educação. Cunha (2024) destaca o início dessa colaboração na Fista, quando ambas lecionavam a mesma disciplina, sinalizando um alinhamento inicial de interesses e propósitos

acadêmicos. Esse vínculo evoluiu para a Uniube, onde trabalharam juntas na pós-graduação, tanto na administração quanto na docência, o que demonstra a confiança mútua e a capacidade de Dedê Prais em construir equipes coesas e competentes. O convite para que integrasse a equipe da Secretaria Municipal de Educação, coordenando o Departamento Pedagógico por oito anos, reforça a influência de Dedê Prais como líder e sua habilidade em valorizar e potencializar o talento de seus colegas. Ao final, Cunha (2024) expressa um profundo respeito por Dedê Prais, não apenas por suas competências profissionais, mas também por suas qualidades pessoais, sublinhando a importância de Dedê Prais como um exemplo de integridade e dedicação na área educacional.

"Ressalte-se que, a partir de 1980, a Fista estava sob a direção da Fiube, e não mais sob a administração das Irmãs Dominicanas" (Soares, 2022, p. 168). Sobre essa fusão, Brasil (2024) contou: "eu estava atuando como jornalista no Jornal Lavoura e Comércio na época. A Elsie Barbosa (Diretora Geral) é que estava diante das negociações, e com a união da Fista, que era áreas humanas, a Fiube pôde se tornar Uniube".

Com nostalgia e gratidão Dedê Prais (1993) relata como foi sua passagem pela Fiube, nos idos de 1982, salientando a importância do envolvimento em projetos que transcendem os limites locais e contribuem para o desenvolvimento educacional e social mais amplo:

> Em 1982, a Faculdade de Filosofia, Fista, passou a integrar o complexo universitário das Faculdades Integradas de Uberaba (FIUBE) então sob direção do Dr. Marcelo Palmério. Naquele momento, vivemos momentos de experiencias de vida acadêmica de muitos contatos de professores vindos de outras universidades e com a saída de muitos professores uberabenses para grandes centros em busca de qualificação profissional. Dessa época, me lembro como grande alegria e saudade de alguns importantes projetos como o "Céu Aberto" que projetava valores universitários e "Alfabetização de Adultos" para a periferia da cidade, sob minha coordenação, que ultrapassou as fronteiras de Uberaba, atingindo todo o Estado de Minas. Lembro-me de que, na época, enfrentei algumas dificuldades internas para aprovação do projeto, mas em compensação viajei por vários estados levando essa experiência para o Brasil inteiro. Valeu a pena! (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

Prais (2019) relatou a Soares (2022, p. 251) que elaborou dois fascículos para Uberaba, intitulados "Educaderno" e "Caderno de Cultura: Elementos de Alfabetização de Adultos para a Periferia de Uberaba", no entanto, esses materiais foram emprestados e nunca retornaram a ela. Entretanto, a professora Betania de Oliveira Laterza Ribeiro, sua ex-aluna, foi coautora do livro resultante da experiência de alfabetização, a obra Caderno de Cultura, contendo reflexões de alunas da graduação em Pedagogia sobre o trabalho de alfabetização com o método Paulo Freire, Uberaba-MG, 1983: "em certo sentido, esse trabalho de alfabetização, ao lado de Dedê Prais, foi um ápice em minha formação em Pedagogia" (Ribeiro, 2022, p. 83).

A professora Ribeiro (2022) também é um testemunho significativo da influência de Dedê Prais na formação de seus alunos, bem como na continuidade das metodologias educacionais aplicadas por ela. Essa influência foi reafirmada em sua defesa de Memorial Descritivo, apresentada em 11 de novembro de 2022, à Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como parte do processo de promoção à Classe de Professora Titular da Carreira de Magistério Superior, ao relatar como se deu a produção desse material:

> Dedê Prais apresentou-nos a trajetória de Freire e proporcionou orientação para fazermos estudos detidos sobre pressupostos teórico-metodológicos desse pensador da educação. Recordo, em especial, um projeto na disciplina Princípios e Métodos da Educação de Adultos. Trabalho de alfabetização de operários da construção civil, ou seja, trabalhamos na alfabetização de trabalhadores que construíam o prédio das Faculdades Integradas de Uberaba. Foi uma "boniteza" essa experiência — diria Freire. Tivemos a oportunidade de vivenciar o "Círculo de Cultura", instituído e supervisionado por Dedê Prais no curso de Pedagogia. O resultado do trabalho foi a produção do Caderno de cultura, que nos ligava diretamente ao ideário de Freire. Não por acaso, ele orientou tal produção em sua interlocução com Dedê Prais. Ela era nossa mediadora na relação com o mestre Freire (Ribeiro, 2022, p. 82).

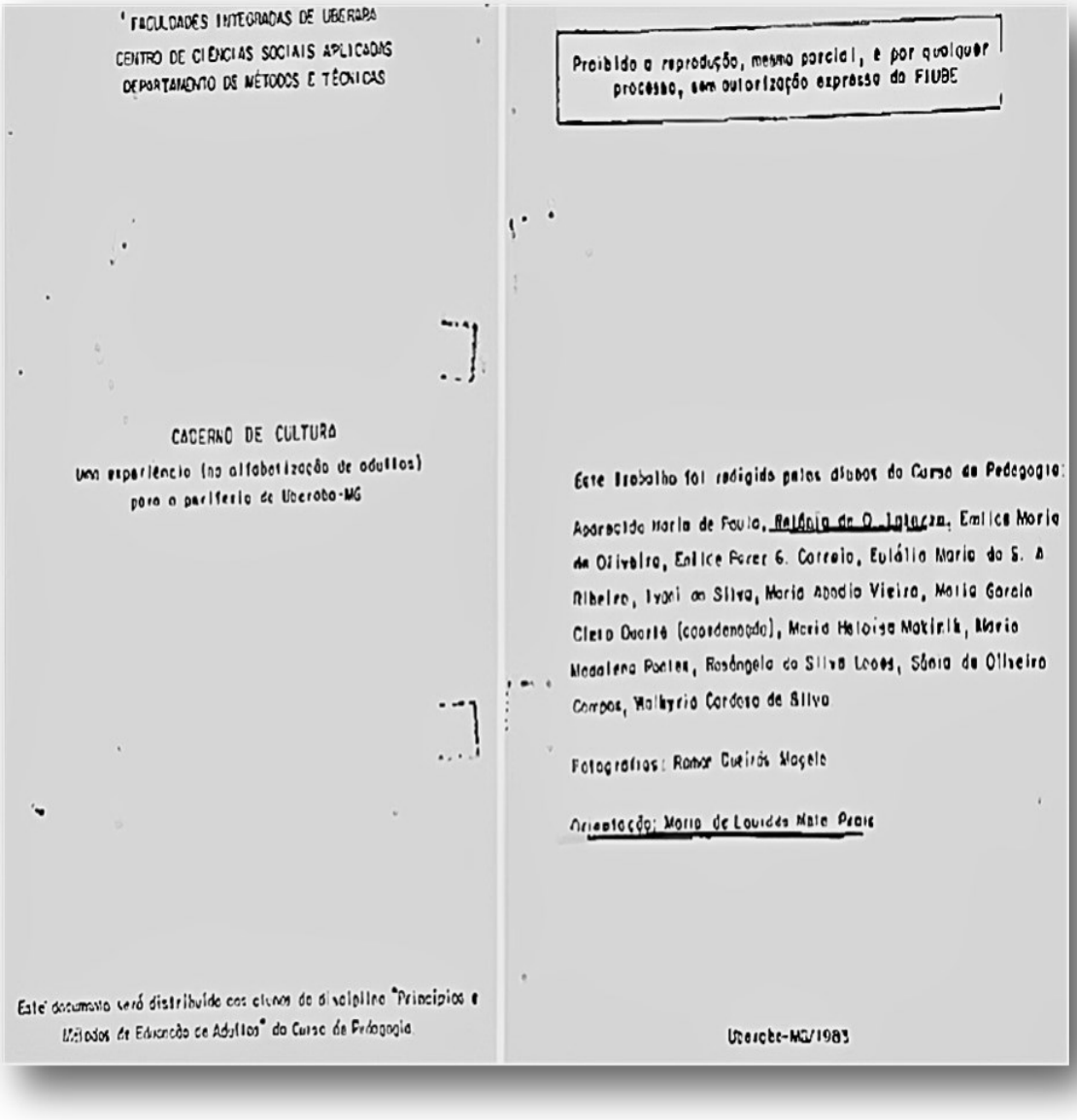
A fala da professora Ribeiro (2022) reflete uma profunda admiração pela figura de Dedê Prais, destacando sua importância como mediadora e orientadora no processo de formação pedagógica, especialmente no contato com o pensamento de Paulo Freire ao criar oportunidades para que essas ideias fossem aplicadas de maneira concreta na prática educacional. Deste modo, a experiência relatada, na qual os alunos trabalharam na alfabetização de operários da construção civil, exemplifica o compromisso de Dedê Prais com a pedagogia freiriana, colocando em prática o "Círculo de Cultura", uma metodologia baseada na troca de saberes e na construção coletiva do conhecimento.

A descrição dessa vivência como uma "boniteza" (p. 82), expressão típica de Freire, sublinha o quanto essa experiência foi enriquecedora e impactante para os envolvidos e a produção do "Caderno de Cultura", orientada por Freire e supervisionada por Dedê Prais, é apresentada como um símbolo dessa ligação com o ideário freiriano, demonstrando como Dedê Prais atuou como ponte entre o mestre e seus alunos, garantindo que as ideias de Freire fossem não apenas estudadas, mas vivenciadas de maneira profunda e significativa. Esse depoimento evidencia, portanto, o papel transformador de Dedê Prais na educação, tanto como transmissora dos princípios freirianos quanto como catalisadora de experiências concretas que conectaram teoria e prática.

A professora Ribeiro (2022, p. 81-82) destaca a sorte de ter tido professores capacitados, especialmente a doutora Maria de Lourdes Melo Prais (Dedê Prais), em sua graduação (p. 81).

Desde o primeiro período, ela trabalhou com obras de Paulo Freire, guiada por Dedê Prais, o que foi fundamental para a sua formação pedagógica (p. 81). A proximidade entre Dedê Prais e Freire proporcionou uma conexão forte com suas ideias, que permeou todo o curso (p. 82). Esse ideário freiriano se tornou um elemento central em sua vida profissional, influenciando diretamente sua prática docente: “Levei para minha prática as experiências significativas de minha formação inicial, sob a coordenação de Dedê Prais e supervisão de Paulo Freire (Ribeiro, 2022, p. 188).

Figura 18 - Folha de rosto e página introdutória do “Caderno de Cultura”


FACULDADES INTEGRADAS DE UBERABA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS

CADERNO DE CULTURA

Uma experiência (na alfabetização de adultos)
para a periferia de Uberaba-MG

Este documento será distribuído aos alunos da disciplina "Princípios e Métodos de Educação de Adultos" do Curso de Pedagogia

Proibido a reprodução, mesmo parcial, e por qualquer processo, sem autorização expressa da FIUBE

Este trabalho foi redigido pelos alunos do Curso de Pedagogia:

Aparecida Maria de Paula, Helânia de O. Ignácio, Emilce Maria de Oliveira, Enilce Perez G. Correia, Eulália Maria da S. A Ribeiro, Ivani da Silva, Maria Apadio Vieira, Maria Garcia Cleto Duarte (coordenadora), Maria Heloisa Matarith, Maria Madalena Pontes, Rosângela da Silva Lopes, Sônia de Oliveira Campos, Walkyria Cardoso da Silva

Fotografias: Ramon Cunha Nogeia

Orientação: Maria de Lourdes Nate Prais

Uberaba-MG/1983

Fonte: (Ribeiro, 2022, p. 83).

Em 1987, Dedê Prais foi aprovada em primeiro lugar em Concurso Público da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), permanecendo lá por 5 anos:

> Trabalhei com as disciplinas "Princípios e Métodos de Supervisão e Estágio Supervisionado de Supervisão" no curso de Pedagogia. Era uma proposta diferenciada na Formação de Pedagogia. Ali trabalhei em diversos cursos de Pós-Graduação. [...] Na época, eu dividia um apartamento com duas amigas professoras, pois ficava em Uberlândia de segunda a sexta-feira, retornando a Uberaba todas as sextas. Essa rotina durou os 5 anos em que morei e trabalhei lá. [...] No final de 1991, aposentada, voltei a Uberaba e em janeiro de 1992, convidada pelo professor Mário Palmério, assumi a Coordenação dos Cursos de Pós-graduação da Uniube (Dedê Prais, 1993, 2024).

Ao retornar para Uberaba, foi responsável por elaborar e estabelecer "cinco cursos de Especialização, sendo três na área de Odontologia e dois na área de Educação", contribuindo para a formação e aprimoramento profissional dos acadêmicos na Uniube. "Neste período como pedagoga *'freelancer'*, assessorei diversos trabalhos na área de Educação em muitos estados e municípios brasileiros. Assumi também em diversos lugares disciplinas de formação didático-pedagógicas em cursos de Pós-graduação", resumindo suas experiências anteriores à posse no cargo de Secretária da Educação do município de Uberaba, em 1993 (Jornal da Manhã, 1993, p. 10), durante a gestão de Luiz Guaritá Neto (1993-1996).

Dedê Prais (2024) recorda-se que, no dia de posse, estava retornando de uma viagem ao Rio de Janeiro, onde havia passado as festas de fim de ano. Durante o trajeto, sofreu um acidente de ônibus, sendo arremessada para frente do veículo e ficando com o rosto machucado. Por conta disso, sua posse, inicialmente prevista para o dia 1º de janeiro, foi adiada e realizada três dias depois, em gabinete. "Nas fotos da posse, estou com o rosto roxo", lembrou ela.

Realizada no final da manhã de 4 de janeiro de 1993, no gabinete do Chefe do Executivo, a solenidade de posse no cargo de Secretária Municipal de Educação, da professora Maria de Lourdes Melo Prais, ex-diretora da Escola Estadual Nossa Senhora da Abadia, contou com a presença do prefeito Luiz Guaritá Neto, de vereadores municipais, do titular da Pasta João Batista e do Delegado Regional de Ensino, José Thomaz da Silva Sobrinho entre outros (Jornal Lavoura e Comércio, da Manhã, 1993, n.p.).

Ao tomar posse no referido cargo, a professora Dedê Prais (1993), afirmou em seu pronunciamento: "Estou fazendo algo muito de acordo com a minha consciência", pois foi sempre não só uma pessoa política, mas ao mesmo tempo comprometida com a educação, reiterando: "Nesse sentido, sou uma pessoa política sim. Meu compromisso com a educação é sempre um ato político". Garantindo, no entanto, "meus valores, pelos quais eu sempre lutei, vão continuar presentes na minha luta dia a dia". Por fim, prometeu continuar lutando pelos princípios básicos da educação: "Por uma educação democratizada e participativa, a

comunidade como um todo", asseverou Dedê Prais (1993) em matéria publicada dia 05 de janeiro de 1993 (Jornal Lavoura e Comércio, 1993, n.p.).

Sobre a escolha de sua equipe, Dedê Prais (2024) relatou-me que, ao receber o organograma das mãos do prefeito Luiz Neto, expressou sua preocupação com a insuficiência da estrutura proposta para a implementação dos projetos que pretendia desenvolver. Apesar de o organograma já ter sido publicado no Porta-Voz, ela solicitou autorização para reestruturá-lo e apresentá-lo novamente no dia seguinte. Na reunião, Dedê Prais conduziu o organograma revisado, impresso e com os nomes das pessoas que gostaria que assumissem cada pasta escritos a lápis, pois aguardava a aprovação do prefeito. Para sua surpresa, ele aceitou todas as indicações prontamente, sem hesitar, demonstrando confiança plena em suas escolhas e no trabalho que ela pretendia desenvolver.

Dedê Prais (2024) relembra com detalhes a reunião marcada pelo prefeito Luiz Guaritá Neto para discutir os projetos propostos pela SMEC, um momento registrado no Jornal Nova Dimensão, n.º 1, de janeiro a março de 1993:

> O prefeito Luiz Guaritá Neto esteve em visita à SMEC, e participou, durante 3 horas, de explanação das diversas equipes da Secretaria sobre o andamento de projetos nas escolas da Rede Municipal de Ensino e na própria SMEC. A presença do prefeito foi valiosa; ele demonstrou grande interesse pela ação pedagógica e cultural dessa secretaria, apontando sugestões e avaliando aspectos levantados no decorrer do encontro (Nova Dimensão n.º 1, 1993, p. 6).

O trecho destacou a articulação entre a gestão municipal e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) de Uberaba durante a liderança de Dedê Prais, reforçando a importância do diálogo entre diferentes níveis da administração pública para o desenvolvimento e acompanhamento de projetos educacionais.

O organograma elaborado por Dedê Prais (1993), exibido na Figura 19, reflete a estrutura organizacional da Secretaria de Educação e Cultura de Uberaba, com uma divisão clara em 5 departamentos, divididos em 15 seções:

. Departamento de Administração (Diretor José Divino Neves);

. Departamento de Ensino Urbano (Diretora Vera Lúcia Rezende Cunha);

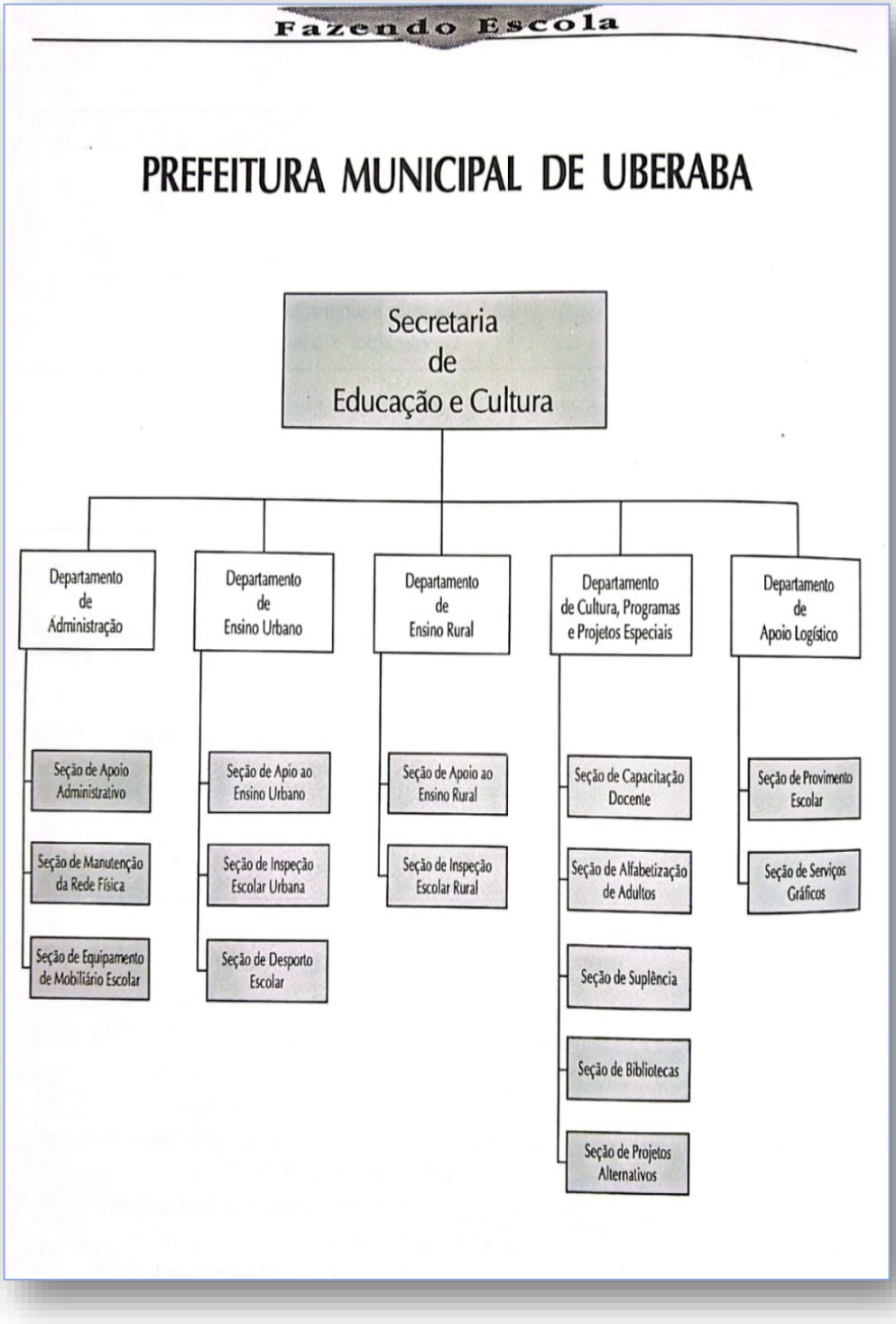
. Departamento de Ensino Rural (Diretora Sandra Maria Souza de Oliveira);

. Departamento de Cultura, Programas e Projetos Especiais (Diretora Neila Cecílio);

. Departamento de Apoio Logístico (Diretor Vicente de Paula Ferreira).

O organograma proposto evidencia uma gestão descentralizada e funcional, contemplando as demandas do ensino urbano, rural e setores de apoio. Tal organização visava promover eficiência e articulação na administração educacional.

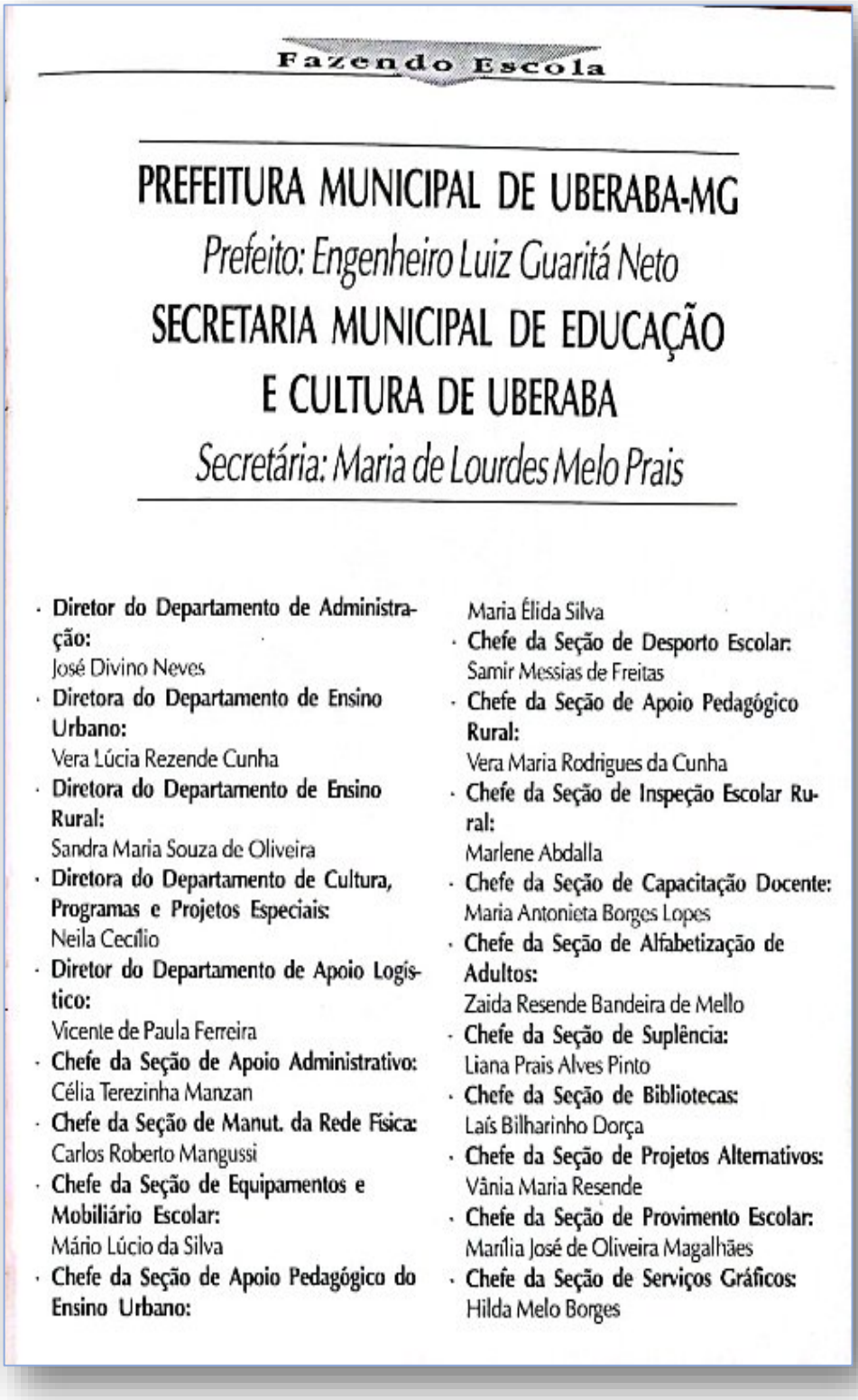
Figura 19 - Organograma da Secretaria de Educação e Cultura – Gestão 1993-1996



Fonte: Revista Fazendo Escola (1993, p. 26).

Após a chancela do prefeito Luiz Neto, a equipe da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba, sob a liderança de Maria de Lourdes Melo Prais, foi composta da seguinte maneira:

Figura 20 - Equipe da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba – Gestão 1993-1996



Fazendo Escola

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA-MG

Prefeito: Engenheiro Luiz Guaritá Neto

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE UBERABA

Secretária: Maria de Lourdes Melo Prais

- **Diretor do Departamento de Administração:** José Divino Neves
- **Diretora do Departamento de Ensino Urbano:** Vera Lúcia Rezende Cunha
- **Diretora do Departamento de Ensino Rural:** Sandra Maria Souza de Oliveira
- **Diretora do Departamento de Cultura, Programas e Projetos Especiais:** Neila Cecílio
- **Diretor do Departamento de Apoio Logístico:** Vicente de Paula Ferreira
- **Chefe da Seção de Apoio Administrativo:** Célia Terezinha Manzan
- **Chefe da Seção de Manut. da Rede Física:** Carlos Roberto Mangussi
- **Chefe da Seção de Equipamentos e Mobiliário Escolar:** Mário Lúcio da Silva
- **Chefe da Seção de Apoio Pedagógico do Ensino Urbano:** Maria Élida Silva
- **Chefe da Seção de Desporto Escolar:** Samir Messias de Freitas
- **Chefe da Seção de Apoio Pedagógico Rural:** Vera Maria Rodrigues da Cunha
- **Chefe da Seção de Inspeção Escolar Rural:** Marlene Abdalla
- **Chefe da Seção de Capacitação Docente:** Maria Antonieta Borges Lopes
- **Chefe da Seção de Alfabetização de Adultos:** Zaida Resende Bandeira de Mello
- **Chefe da Seção de Suplência:** Liana Prais Alves Pinto
- **Chefe da Seção de Bibliotecas:** Laís Bilharinho Dorça
- **Chefe da Seção de Projetos Alternativos:** Vânia Maria Resende
- **Chefe da Seção de Provimento Escolar:** Marília José de Oliveira Magalhães
- **Chefe da Seção de Serviços Gráficos:** Hilda Melo Borges

Fonte: Revista Fazendo Escola (1993, p. 27).

Com o propósito de ampliar a Rede de Sociabilidade em construção, ao longo de janeiro de 2025, nos dedicamos a contatar integrantes da equipe da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba que atuaram na gestão de 1993-1996. Nosso objetivo foi coletar depoimentos que evidenciassem as contribuições e o legado de Dedê Prais na educação municipal. Os relatos compartilhados por esses membros contactados serão registrados a seguir.

José Divino atuou como Diretor do Departamento de Administração (1993-1996) e como responsável pela Área Financeira (1997-2000), atuando, portanto, durante os dois mandatos de Dedê Prais como Secretária Municipal de Educação de Uberaba. Além de sua contribuição profissional na gestão educacional, José Divino apresentou uma vivência acadêmica com Dedê Prais, uma vez que foi seu aluno na Fista, referindo-se a ela como uma professora "diferenciada":

> Eu conheci a Dedê (Maria de Lourdes Melo Prais) na Fista. Eu era aluno e ela já era uma professora renomada; diferenciada. Trabalhei com ela nos dois períodos em que esteve à frente da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba: 1993/1996 e 1997/2000. Eu era Diretor do Departamento de Administração do governo anterior e ela me chamou para continuar com ela. Sobre a sua atuação à frente da Secretaria Municipal de Educação, vale a pena ressaltar que:
> Ao assumir a Secretaria, logo definiu o lema: "Construção Amorosa da Cidadania" (Escola Cidadã); e também o seu compromisso com a educação: Melhoria da qualidade do Ensino; Universalização do acesso; Democratização da gestão; Integração e Infraestrutura. Demonstrou muita competência, determinação, conhecimento e capacidade de articulação política para conseguir cumprir tais compromissos.
> Muito dinâmica, criou e estruturou a Casa do Educador (Local para a Formação Continuada dos Profissionais da Educação); incrementou os Congressos anuais de Educação com a participação de personalidades ilustres da Educação Nacional; articulou as publicações de vários periódicos, tais como: Cadernos da Escola Cidadã, Revista "Fazendo Escola", Escritos Alternativos, Jornal Nova Dimensão, LEX (Livros de Legislação da Educação), dentre outras (Neves, 2025).

Vicente de Paula Ferreira, Diretor do Departamento de Apoio Logístico (1993-2000) da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, relata sua convivência com a professora Dedê Prais tanto como aluno quanto como colega de trabalho. Ele a conheceu como professora de Sociologia na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (Fista) e, posteriormente, trabalhou com ela na SMEC e SMED, nas duas gestões:

> Dedê tinha uma forma marcante de liderança. Ela confiava na equipe, delegava responsabilidades e nos dava autonomia para executar as tarefas com a orientação: "Faça, depois me posicione". Sua competência e dinamismo tornavam o trabalho fluido e eficiente. Lembro que era incansável, muitas vezes trabalhando até de madrugada. Foi uma época boa de se trabalhar, marcada pela confiança e pelo compromisso com a educação (Ferreira, 2025).

Este depoimento destaca uma das principais características da gestão de Dedê Prais: a capacidade de empoderar sua equipe, proporcionando um ambiente de trabalho colaborativo e produtivo, alinhado aos princípios de gestão colegiada que ela defendia.

Maria Antonieta Borges Lopes, Chefe da Seção de Capacitação Docente (1993-1996), recorda-se da amiga e companheira de muitas lutas, com quem compartilhou a busca incansável por dar visibilidade às crenças e ideais que defendiam:

> O casal Abadio e Genoveva Prais teve 12 filhos. Maria de Lourdes, a Dedê, foi a última. Nascida em fevereiro, segundo suas próprias palavras, o pai esqueceu-se de registrá-la. Só o fez em 2 de abril de 1943. Esta tornou-se a data em que todos os amigos a festejam.
> Não a conheci na infância. Na adolescência, convivemos no Colégio Nossa Senhora das Dores (CNSD), mantido pelas irmãs Dominicanas. Sempre alegre e comunicativa, onde estivesse, escutava-se os ecos da sua incomparável e longa gargalhada. Vizinha próxima do primeiro colunista social do jornal Lavoura e Comercio – Ataliba Guaritá Neto, o Netinho, responsável pela coluna Observatório de Galileu – Dedê aparecia com frequência no jornal como "a garota do Alceu": um apelido inspirado nos desenhos de Alceu Penna, ilustrador da revista carioca O Cruzeiro, que procurava expressar a vida moderna no país. Essas "garotas" eram ousadas e destoavam do comportamento conservador da época. Realmente, era essa a cara da Dedê.
> Cabelos curtos, visual e atitudes modernas, tocava violão e cantava "solo" ou acompanhada por amigas. Com certeza, cultivava "um milhão de amigos" – que se reuniam com frequência em sua casa. O casarão dos Melo Prais tinha o alpendre voltado para um jardim lateral, e se situava bem no centro da cidade, na esquina da Rua Segismundo Mendes com a Avenida Leopoldino de Oliveira. Desse grupo participavam vários intelectuais e artistas que se projetaram na cena cultural da Uberaba dessa época, sobretudo grupos de teatro amador. Suas peças fizeram sucesso nos meios universitário e sociocultural da cidade durante os anos 60.
> Na ocasião, eu cursava História na Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (a saudosa "Fista"), que também pertencia às Dominicanas. E já lecionava no então curso ginasial do citado Colégio. No ano de 1960, a professora de História do curso colegial (atual Ensino Médio), teve que se licenciar devido a problemas familiares e fui convidada para substituí-la. Aceitei, com um misto de coragem e atrevimento, o desafio de dar aulas para adolescentes pouco mais novos que eu. Numa dessas turmas estava a Dedê.
> Na verdade, foi uma turma inesquecível. Alunas sérias, inteligentes, dedicadas e conscientes do papel que sonhavam assumir ao longo de suas vidas. Não foram apenas minhas alunas: tornamo-nos amigas. Construí amizades verdadeiras, que cultivei para sempre.
> Pouco depois, reencontrei a Dedê na Fista, cursando Pedagogia. Logo depois do término do Curso, ela passou a fazer parte do corpo docente do Colégio e da Faculdade. Recém-formada, assumiu também a direção da Escola Estadual Nossa Senhora da Abadia, onde trabalhou por 25 anos: uma história incrível de lutas e conquistas, que ainda está para ser devidamente contada.
> Dedê sempre se destacou na área profissional escolhida, a Educação, com ênfase em Sociologia: disciplina importante do curso de Pedagogia. Para sua especialização, não hesitou em seguir para a Universidade Federal de Santa Catarina, onde escolheu, como tema do seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) a história do desenvolvimento da Educação Superior em Uberaba. Em seguida, fez mestrado e doutorado na Universidade Estadual de São Paulo (USP), onde tornou-se orientanda, aluna, amiga e grande admiradora do Professor Paulo Freire.
> Voltamos a trabalhar juntas quando assumiu a Secretaria Municipal de Educação (SMED) em 1993. Dedê me convidou para participar da sua gestão, na coordenação da área de Formação Contínua de Professores. Desta ideia, lançada por ela e sua equipe, resultou a criação do CEFOR que, atualmente, a homenageia levando seu nome. Para mim foi uma experiência curta, mas enriquecedora.

> Esta oferta de formação continuada significou para os professores da rede municipal de ensino uma possibilidade de atualização de conhecimentos, crescimento profissional e de possuir, enfim, um plano de carreira. Essa decisão não foi tranquila. Contrariava muitos interesses explícitos ou ocultos que se ergueram contra ela e suas inovações. Seu temperamento corajoso e arrojado – aliados a uma argumentação precisa e segura – conseguiram levar avante essa importante conquista.
> Introduziu também o sistema eleitoral para escolha dos diretores das escolas municipais, através do voto do corpo docente das mesmas. Mais uma vez, contrariava o discutível costume das indicações políticas. Estabeleceu o sistema de zoneamento para matrículas nas mesmas escolas, priorizando alunos da vizinhança. Enfrentou esses desafios sem se amedrontar e com inteiro apoio e confiança do então prefeito, Luiz Guaritá Neto. Ao convidá-la para esse cargo de confiança, Luiz Neto lhe deu, segundo ela mesma conta, "carta branca" para a tomada de decisões. Considero estas as maiores conquistas das suas duas gestões à frente da SMED.
> Alguns anos mais tarde, ambas já aposentadas, nos voltamos para o exercício de trabalho voluntário. O início do século XXI apontava para a necessidade de aprimoramento do voluntariado voltado para ações sociais. Chegara o momento de colocar nossa experiência profissional, como doação e desprendimento. Mas, apesar de toda nossa vontade ajudar e colaborar, essa experiência revelou-se frustrante. Serviu, no entanto, para consolidar os laços da nossa antiga amizade, que seguem fortes e enriquecedores, mesmo enfrentando as atuais e previsíveis dores do corpo e da alma (Lopes, 2025).

No depoimento concedido por Maria Antonieta Borges Lopes (2025), ocupante da Cadeira 21, da Academia de Letras do Triângulo Mineiro (ALTM) elencam-se diversas características marcantes de Dedê Prais, que desde a juventude, demonstrava ousadia, alegria e sociabilidade, sendo descrita como uma pessoa comunicativa, de riso fácil e envolvida no meio cultural e intelectual da cidade. Sua postura inovadora e seu espírito de liderança evidenciam-se ao longo de sua trajetória educacional, especialmente quando assumiu a direção da Escola Estadual Nossa Senhora da Abadia e, posteriormente, a Secretaria Municipal de Educação. Sua coragem e determinação foram fundamentais para implementar mudanças significativas, como a criação do CEFOR, a formação continuada de professores, a eleição democrática de diretores escolares e o sistema de zoneamento para matrículas. Além disso, seu compromisso com a educação foi reforçado por sua sólida formação acadêmica, sob a influência de Paulo Freire. Mesmo após a aposentadoria, manteve seu espírito altruísta, dedicando-se ao trabalho voluntário. Maria Antonieta ressalta, sobretudo, a coragem, a inteligência, a dedicação e a lealdade de Dedê Prais, que marcaram não apenas sua trajetória profissional, mas também a amizade duradoura entre as duas.

Vânia Maria Resende, Chefe da Seção de Projetos Alternativos (1993-2000), orgulha-se de ser amiga de Dedê Prais:

> Maria de Lourdes Melo Prais, Dedê para seus amigos e amigas (tenho orgulho de poder dizer que me incluo aqui), é um destes raros seres que são extraordinários no que toca a coerência. Não conheço uma atitude da Dedê que não seja de bondade, empatia, doçura; e sabedoria no modo de ver, julgar, se relacionar com outros seres humanos, com a natureza de um modo geral e com questões complexas da realidade,

> inclusive a educacional. As qualidades de humanidade da Dedê, marcadas por equilíbrio e sensibilidade, são tanto natas, quanto cultivadas e aprimoradas com o estudo de autores humanamente excepcionais, como Paulo Freire. Em estreito contato com esse autor e a leitura da sua obra, Dedê tem demonstrado, ao longo da vida, competência para o DIÁLOGO. Por esse caminho, no trabalho profissional na Educação, ela tem colhido os melhores frutos. Resultantes de êxito histórico, eles se traduzem na transformação solidificada onde ela atuou e atua com dedicação absoluta, em todos os níveis de Ensino e na gestão, em Uberaba-MG, na área pública: estadual (como diretora da E. E. Nossa Sra. d'Abadia) e municipal (como Secretária de Educação) (Resende, 2025).

O testemunho de Resende (2025) destaca diversas qualidades notáveis de Dedê Prais, como sua extraordinária coerência, bondade, empatia, doçura, sabedoria, habilidade em se relacionar com os outros de forma sensível e equilibrada, sempre orientada por uma visão humanitária, que reflete tanto suas qualidades naturais quanto as desenvolvidas por meio do estudo de pensadores como Paulo Freire.

Outra integrante da primeira gestão que se orgulha em compartilhar seu depoimento sobre o trabalho realizado em parceria com a Seção de Projetos Alternativos (1993-1996) é a psicóloga Vera Lúcia Dias:

> Ser colaboradora da Professora Dedê em sua primeira gestão à frente da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba representou, para mim, uma honra, um reconhecimento profissional e, acima de tudo, uma responsabilidade enorme por integrar uma equipe tão competente e respeitada.
> Valendo-me de minha experiência pregressa como educadora e também como psicóloga, propus a implantação de alguns projetos que, a meu ver, poderiam contribuir na solução de alguns problemas observados tanto dentro das unidades escolares como das de saúde. Dessa forma, após localizar dentro da própria rede pessoas com perfil adequado, compusemos um grupo de trabalho para o alcance de nossos objetivos e propusemos a realização de alguns projetos que, além de considerados exitosos, tornaram-se referência dentro da proposta de uma ESCOLA CIDADÃ. Foram eles:
> ENSINO ALTERNATIVO: de caráter inclusivo, voltado para alunos com necessidades especiais e dificuldades de aprendizagem. Iniciado por um curso com a duração e 180 horas contando com a participação de uma Orientadora Educacional de cada escola da rede, a implantação foi se dando em consonância com o que era aprendido durante o mesmo de uma forma que, ao seu final, todas as escolas contavam com salas especiais, funcionando em regime extraturno e, portanto, sem separar as crianças de sua turma normal. Os beneficiados eram selecionados segundo critérios previamente definidos, passavam por um estudo de caso que culminava com um plano personalizado, desenvolvido em dois encontros semanais com apenas dois alunos, por professoras também devidamente capacitadas e supervisionadas pela equipe central composta de três psicopedagogas (Ilídia Arduini, Maria Célia Borges, Terezinha....) e duas psicólogas (Vera Dias e Keila Rezende). Convém ressaltar que o Ensino Alternativo evoluiu na segunda gestão para a criação do CADOPE, um centro de Ensino Especial.
> ESCOLA ESPAÇO ABERTO – Projeto visando privilegiar o protagonismo adolescente, também se iniciou por uma capacitação das professoras selecionadas com um curso de 40 horas e, posteriormente, por encontros mensais de formação continuada. Os participantes, com perfil de liderança, para ingressarem no projeto dependiam de autorização dos pais após os mesmos participarem de reunião de esclarecimento sobre a natureza do projeto. Os encontros eram semanais no horário extraturno e, durante os mesmos, eram discutidos temas ligados à Prevenção ao Uso

> Abusivo de Drogas e Orientação Sexual utilizando-se diferentes metodologias, Segundo as avaliações da época, os alunos desenvolveram habilidades de comunicação, tornaram-se multiplicadores dos conhecimentos recebidos e contribuíram em observáveis mudanças de comportamento e convivência no ambiente escolar e, passado o tempo, temos notícias de alunos que conseguiram se estabelecer na vida em diferentes profissões, inclusive na medicina...
> ESCOLA DE PAIS – Voltado para o fortalecimento do vínculo Escola/Família foi na certeza de que o espaço escolar pode se constituir como um espaço de ampliação de conhecimentos também para os pais. A escassez de recursos humanos no nível central para atuar diretamente nas escolas, levou-nos à formação de um grupo de multiplicadores composto por uma pedagoga e um casal de pais de cada unidade escolar. Mensalmente planejávamos uma reunião no período noturno na Escola Municipal Frei Eugênio, com um tema que pudesse contribuir no fortalecimento da função parental e que, a seguir era replicada nas escolas de origem.
> À guisa de encerramento, a soma destes três projetos funcionando concomitantemente para garantir assistência individualizada a crianças com dificuldades, prevenir o surgimento de problemas psicossociais e fortalecendo o vínculo entre pais, filhos e escola, promoveram mudanças significativas no contexto escolar a ponto de transformarem, na segunda gestão, em um Departamento de atenção ao Educando (DAE).
> Convém ressaltar que isso só foi possível graças à sensibilidade da Professora Dedê que, compreendendo o alcance de cada projeto proposto, nunca se negou a garantir a remuneração de professores com atuação para além da sala de aula, desde que solicitados por meio de projetos com objetivos claros e programas de ação consistentes (Dias, 2025).

O depoimento de Vera Lúcia Dias (2025) evidencia a relevância da atuação de Dedê Prais como gestora educacional visionária, cuja sensibilidade e compromisso permitiram a implementação de projetos inovadores na rede municipal de ensino de Uberaba. Ao considerar a importância de iniciativas externas para a inclusão, a formação cidadã e o fortalecimento do vínculo entre escola e família, Dedê Prais garantiu as condições para que essas propostas se tornassem realidade, inclusive garantindo o investimento nos profissionais envolvidos. Seu apoio incondicional à experimentação de novas práticas educacionais, aliado à sua confiança na equipe, foi determinante para que projetos como o “Ensino Alternativo”, a “Escola Espaço Aberto” e a “Escola de Pais” não apenas fossem implantados, mas também evoluíssem e se consolidassem, resultando na criação do Departamento de Atenção ao Educando (DAE) em sua segunda gestão. Dessa forma, Dedê Prais não apenas administrou a educação municipal, mas transformou a escola pública em um espaço mais inclusivo, democrático e comprometido com a formação integral dos alunos.

O “Quadro Geral de Programas e Projetos” do período de gestão educacional 1993-1996 (Figura 21), delineia metas e ações estratégicas organizadas em três áreas principais: Melhoria da Qualidade de Ensino, Infraestrutura e Integração. Cada uma dessas áreas reflete uma abordagem sistêmica e estruturada para o desenvolvimento educacional do município, integrando aspectos pedagógicos, administrativos e comunitários.

A Melhoria da Qualidade de Ensino contemplou duas dimensões principais: na prática pedagógica, os projetos buscavam a atualização das metodologias de ensino por meio do estímulo à leitura, ao uso de bibliotecas escolares e à interdisciplinaridade, com foco no enriquecimento curricular. Essa abordagem evidencia uma preocupação constante com a atualização e a inovação pedagógica. Já no campo dos recursos humanos, a equipe priorizou políticas institucionais voltadas para a capacitação profissional, para a gestão eficiente de vagas e para o fortalecimento da carreira docente, reafirmando o compromisso com a formação contínua e o apoio aos educadores.

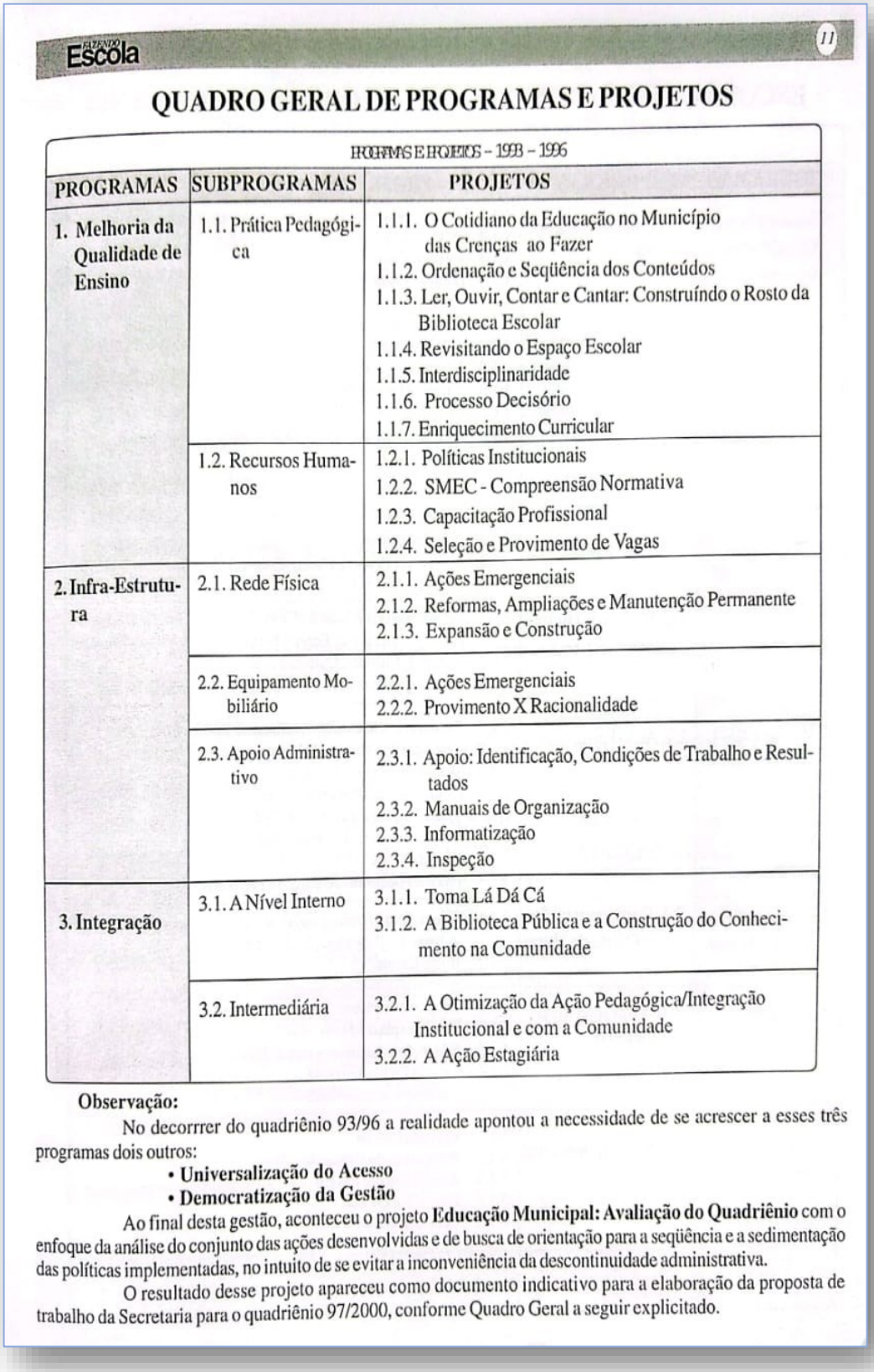
Na área de Infraestrutura, a gestão direcionou esforços para a melhoria das condições físicas e materiais das escolas. A rede física recebeu atenção por meio de ações emergenciais, reformas e expansão de unidades escolares, com destaque para a preocupação em criar ambientes adequados ao aprendizado. No que se refere a equipamentos e mobiliário, a gestão administrativa racionalizou a provisão de recursos, garantindo que fossem distribuídos de forma equilibrada e eficiente. O apoio administrativo, por sua vez, incluiu iniciativas inovadoras à modernização da administração escolar, como a informatização, reorganização e fortalecimento das inspeções educacionais.

A terceira área, Integração, envolveu esforços para articular a escola com a comunidade e promover um ambiente educativo mais colaborativo e participativo. No nível interno, destacou-se o projeto “Toma Lá Dá Cá”, que incentivava atividades integradas e aproximava a biblioteca escolar da comunidade. Já no nível intermediário, os esforços se concentraram na articulação entre escola e comunidade, promovendo uma gestão participativa e inclusiva.

Por conseguinte, a melhoria da qualidade de ensino foi alcançada graças a uma abordagem integrada que combinou inovações pedagógicas, capacitação docente e investimentos em infraestrutura, criando ambientes colaborativos e reafirmando o compromisso com a modernização escolar.

Além disso, duas necessidades foram identificadas no decorrer do período: a universalização do acesso à educação, ampliando a inclusão de estudantes no sistema escolar, e a democratização da gestão, marcada por uma abordagem descentralizadora e pela ampliação da participação da comunidade na tomada de decisões educacionais. O quadro, reproduzido na Figura 21, revela uma visão integrada e abrangente, preocupada tanto com o aprimoramento pedagógico quanto com as condições estruturais e administrativas.

Figura 21 - Quadro Geral de Programas e Projetos – Gestão 1993-1996



Fazendo Escola 11

QUADRO GERAL DE PROGRAMAS E PROJETOS

PROGRAMAS E PROJETOS – 1993 – 1996

PROGRAMAS	SUBPROGRAMAS	PROJETOS
1. Melhoria da Qualidade de Ensino	1.1. Prática Pedagógica	1.1.1. O Cotidiano da Educação no Município das Crenças ao Fazer 1.1.2. Ordenação e Seqüência dos Conteúdos 1.1.3. Ler, Ouvir, Contar e Cantar: Construíndo o Rosto da Biblioteca Escolar 1.1.4. Revisitando o Espaço Escolar 1.1.5. Interdisciplinaridade 1.1.6. Processo Decisório 1.1.7. Enriquecimento Curricular
	1.2. Recursos Humanos	1.2.1. Políticas Institucionais 1.2.2. SMEC - Compreensão Normativa 1.2.3. Capacitação Profissional 1.2.4. Seleção e Provimento de Vagas
2. Infra-Estrutura	2.1. Rede Física	2.1.1. Ações Emergenciais 2.1.2. Reformas, Ampliações e Manutenção Permanente 2.1.3. Expansão e Construção
	2.2. Equipamento Mobiliário	2.2.1. Ações Emergenciais 2.2.2. Provimento X Racionalidade
	2.3. Apoio Administrativo	2.3.1. Apoio: Identificação, Condições de Trabalho e Resultados 2.3.2. Manuais de Organização 2.3.3. Informatização 2.3.4. Inspeção
3. Integração	3.1. A Nível Interno	3.1.1. Toma Lá Dá Cá 3.1.2. A Biblioteca Pública e a Construção do Conhecimento na Comunidade
	3.2. Intermediária	3.2.1. A Otimização da Ação Pedagógica/Integração Institucional e com a Comunidade 3.2.2. A Ação Estagiária

Observação:

No decorrrer do quadriênio 93/96 a realidade apontou a necessidade de se acrescer a esses três programas dois outros:

- **Universalização do Acesso**
- **Democratização da Gestão**

Ao final desta gestão, aconteceu o projeto **Educação Municipal: Avaliação do Quadriênio** com o enfoque da análise do conjunto das ações desenvolvidas e de busca de orientação para a seqüência e a sedimentação das políticas implementadas, no intuito de se evitar a inconveniência da descontinuidade administrativa.

O resultado desse projeto apareceu como documento indicativo para a elaboração da proposta de trabalho da Secretaria para o quadriênio 97/2000, conforme Quadro Geral a seguir explicitado.

Fonte: Revista Fazendo Escola (2000, p. 11).

Em matéria publicada no Jornal de Uberaba, de 05 de janeiro de 1993, “Educação é um ato político, diz Dedê”, a equipe de jornalismo afirma que a pedagoga, empossada no dia anterior (devido a um acidente de que fora vítima no domingo próximo passado, quando retornava do Rio de Janeiro), Maria de Lourdes Melo Prais, Dedê — como é conhecida — disse que estava “assustada como a responsabilidade, mas ressaltou que esperava cumprir a tarefa com a maior dignidade possível e lutando sempre pelos princípios básicos da educação” (Jornal de Uberaba, 1993. n.p.). Dedê disse ainda que, em conversa com o prefeito Luiz Neto, ele evidenciou que “a democracia na educação faz parte da sua plataforma de governo, que se define com base no social [...] Estou acreditando neste trabalho e por isso estou assumindo um cargo de secretária” (Jornal de Uberaba, 1993. n.p.), destacou ela. “A secretária empossada elogiou o trabalho desenvolvido pelo professor João Batista, que era chefe da pasta na administração Hugo Rodrigues da Cunha. Ela disse que pretende dar continuidade aos seus projetos e avançar naquilo que não foi possível na sua gestão”, concluiu a matéria (Jornal de Uberaba, 1993. n.p.).

O pronunciamento de Dedê Prais (1993), mais uma vez, demonstra um alinhamento claro com os princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire, destacando a importância da consciência crítica, do papel político da educação e da luta por uma educação democrática e participativa entre outros temas presentes em obras como “Pedagogia do Oprimido” (1968) e “Pedagogia da Autonomia” (1996) que refletem, diretamente, os conceitos que Dedê Prais (1993) almejava continuar promovendo em seu novo cargo, enfatizando a interseção entre educação, política e transformação social.

Durante a correria da primeira semana de trabalho à frente da secretaria, Dedê Prais (1993) revelou à equipe de reportagem do Jornal da Manhã, edição n.º 6.089, publicada em 10 de janeiro de 1993, que pretendia dirigir a Secretaria de Educação dando ênfase à melhoria da qualidade de ensino, sendo a favor de eleições diretas para diretor e defendendo a conscientização da comunidade e do magistério (Jornal da Manhã, 1993, p. 3).

É possível observar que, as três matérias de jornal que noticiaram a posse de Dedê Prais como Secretária Municipal de Educação, em 1993, destacam elementos em comum, como o reconhecimento de sua trajetória e compromisso com a educação, a relevância política de sua nomeação, e o apoio do prefeito Luiz Guaritá Neto que, segundo Dedê Prais (2024), embora fosse 12 anos mais jovem, ele era seu amigo desde os tempos em que foram vizinhos na Rua Alaor Prata. Ademais, todas as matérias destacam o forte compromisso de Dedê Prais com a educação, enfatizando sua visão de que o ensino é um “ato político”, perspectiva essa que se

alinha diretamente com as ideias de Paulo Freire (2001), que afirmou: “Não basta dizer que a educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação” (Freire, 2001, p. 25). Essa consonância entre a prática educacional de Dedê Prais e o pensamento freiriano reforça sua posição como uma educadora comprometida com a transformação social por meio da educação. Destarte, Dedê Prais destacou a importância da continuidade dos projetos das gestões anteriores, com a promessa de mantê-los em sua gestão.

Um dos primeiros projetos concebidos na gestão (1993-1996) foi a criação da “Revista Fazendo Escola” pelo Órgão de Comunicação Interno da Secretaria Municipal de Educação, com a finalidade de: “discutir ideias, delinear e analisar projetos, relatar experiências; acompanhar os rumos assumidos pela Educação Municipal nos anos de 93 a 96; e registrar, de maneira transparente e crítica, o processo pedagógico e cultural desencadeado nesse quadriênio” (Fazendo Escola, 1993, p. 2).

O editorial da Revista Fazendo Escola n.º 1 faz alusão especificamente à publicação, explicando sua proposta de ser um canal de comunicação e reflexão sobre a educação e, também, justificando o nome escolhido:

> O nome escolhido para a publicação – FAZENDO ESCOLA – sugestivamente aponta para o dinamismo da casa (que viabiliza a Educação) como espaço em movimento, projeto em andamento, que depende da mobilização de cada um com o acréscimo de novos tijolos para o crescimento sólido da construção. Esse estar-em-construção compromete o pensamento e a prática educacional coletiva, responsabilizando os educadores pelos seus atos que fazem o momento histórico, ou a evolução do tempo a que pertencem (Fazendo Escola, 1993, p. 2).

Lançada como órgão de comunicação interna, a revista teve seu primeiro exemplar publicado em 1993, coincidindo com o início da gestão de Maria de Lourdes Melo Prais como Secretária de Educação. Durante suas duas gestões, a publicação foi mantida, resultando em treze edições numeradas de forma anual, seguidas do número do encarte, embora sem especificar claramente o mês ou ano de publicação. Tive acesso a todas as edições, cuidadosamente encadernadas em edição única de capa dura, o que possibilitou a constatação de que foram impressas, em média, duas edições por ano ao longo dos oito anos de governo, no entanto, o último ano registou três edições consecutivas. As três edições finais indicam o início de um novo período administrativo, evidenciado pela nomeação de uma nova Secretária de Educação, que substituiu Dedê Prais.

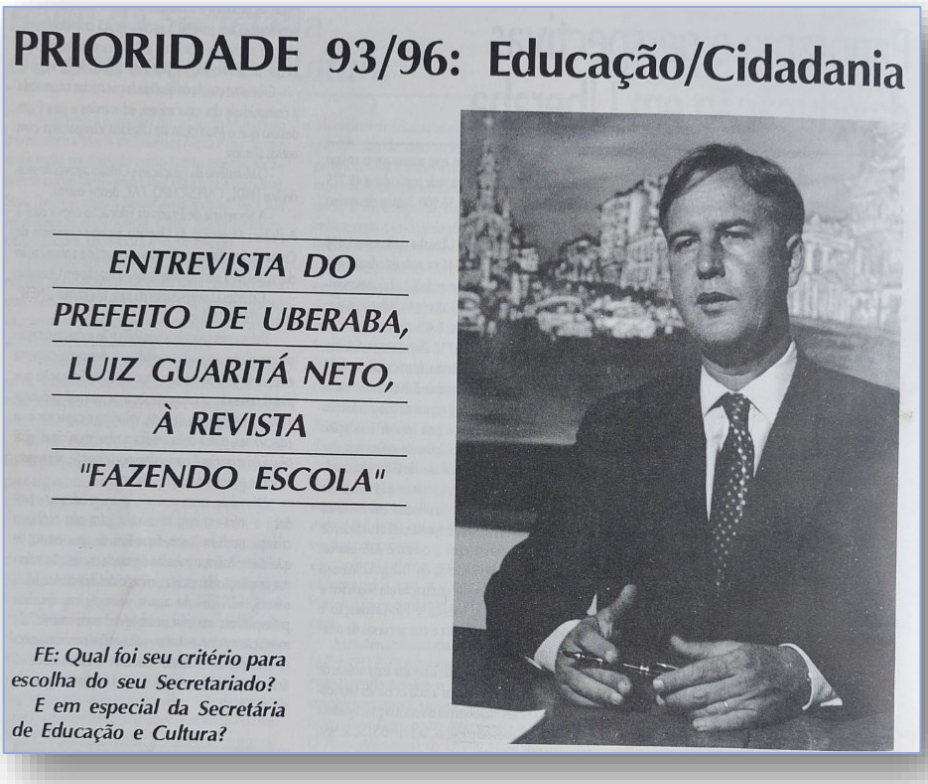
A edição n.º 1 da revista apresenta uma entrevista com o prefeito Luiz Guaritá Neto, abordando temas como educação, cidadania e democratização. Dentre as questões levantadas,

chamou-nos a atenção a primeira pergunta: “Qual foi o seu critério para a escolha do seu Secretariado? E em especial da Secretária de Educação e Cultura?”. Em resposta, afirmou:

> O critério principal foi tentar escolher uma equipe de trabalho que fosse eminentemente a mais capacitada, levando em consideração a nossa filosofia de governo, independente de questões políticas e de terem estado ou não do nosso lado durante a campanha eleitoral. As indicações buscaram a unanimidade em termos de nomes e a prova disto foi a escolha da professora Maria de Lourdes Melo Prais para a Secretaria Municipal de Educação e Cultura porque entendíamos que para aquele momento era importante que o indicado reunisse acima de tudo a qualidade de profissional e competência administrativa (Fazendo Escola, 1993, p. 4).

A resposta do prefeito Luiz Guaritá Neto revelou uma escolha baseada na capacitação técnica e na compatibilidade com a filosofia de governo, deixando claro que a escolha dos membros do secretariado não foi influenciada por questões políticas ou partidárias. A ênfase na qualificação profissional e na competência administrativa como principais requisitos reflete um compromisso com a eficiência e a qualidade da gestão pública. A escolha de Maria de Lourdes Melo Prais para a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, segundo o prefeito, foi uma decisão estratégica, tendo em vista a necessidade de um profissional altamente qualificado para atender aos desafios daquele momento, priorizando a expertise sobre a política interna.

Figura 22 - Entrevista do Prefeito de Uberaba, Luiz Guaritá Neto, à Revista “Fazendo Escola”



Fonte: Revista Fazendo Escola (1993, p. 4-5).

Em seu pronunciamento (Anexo E) durante o 1º Encontro com a Rede Municipal de Ensino para o Planejamento Global Integrado, realizado em 11 de janeiro de 1993, transcrito na íntegra na edição n.º 1 da Revista Fazendo Escola, Maria de Lourdes Melo Prais revelou o impacto e a responsabilidade do cargo que assumia. Confessou sentir-se assustada e preocupada com a seriedade da tarefa, reconhecendo que só poderia desempenhá-la a contento mantendo sempre em mente sua identidade como professora e educadora.

Ela enfatizou que sua nomeação não foi um feito individual, mas fruto de um compromisso coletivo com todos que confiaram em seus propósitos político-pedagógicos. Reafirmando o direito de todo cidadão à educação pública e gratuita, Dedê Prais (1993) declarou seu objetivo de oferecer à população uberabense não apenas qualquer escola, mas "o melhor ensino possível" (p. 8) dentro dos recursos disponíveis, concluindo que esse esforço seria conduzido com o compromisso e a emoção de quem sempre fez da importância política da escola a sua bandeira de luta, afirmando: "Participação, democratização e trabalho técnico comprometido com a criança da maioria de nossa população: eis o tripe que deverá orientar a condução da Secretaria" (p. 8) (Fazendo Escola, 1993, p. 7-9).

Ainda sobre assumir a Secretaria de Educação do Munícipio, Dedê Prais (1993) expressa sua determinação e seu compromisso firme com a causa da educação ao aceitar o desafio proposto pelo prefeito, em relato feito ao colunista do Projeto Encontros, Décio Bragança, publicado na edição n° 6.230, do Jornal da Manhã:

> Atualmente, estou respondendo ao desafio do Sr. Prefeito, com quem tenho me surpreendido a cada dia por causa de sua lucidez e sensibilidade para com a Educação. Aceitei o convite para ser coerente comigo mesma, com tudo que tenho dito e feito em matéria de Educação. Não admito um educador que não tenha coragem de pôr a mão na massa, que não tenha a esperança de ver as coisas acontecendo de um outro modo e que não tenha a ousadia de assumir o dever de fazer, pelo menos, o mínimo que possa, em favor de uma Educação democrática e de qualidade. Felizmente, na enormidade dessa tarefa, tenho contado com uma equipe excelente, competente, incansável, de alto nível. Aprendi muito nesse primeiro pedaço de experiência. Aprendi que na Secretaria de Educação só existe administração do pedagógico, mesmo quando se trata de decisões sobre manutenção de prédios, contratação de serventes ou aumento de salários dos professores, porque todas as decisões afetam o centro da Escola e o sistema de Ensino: a sala de aula, o professor e o aluno (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

A alocução de Dedê Prais (1993), mais uma vez, reflete e aplica as teorias de Paulo Freire (1967, 1968, 1992) de maneira abrangente, demonstrando a importância de uma educação democrática e de qualidade promotora da equidade, como Freire (1967, 1968) enfatiza em "Educação como Prática de Liberdade" e em "Pedagogia do Oprimido". Nessa reflexão, Dedê Prais (1993) destaca a necessidade de capacitar os oprimidos para tomarem consciência

de sua situação e lutar por uma sociedade mais justa, ecoando a visão de Freire (1968). Além disso, sua insistência na necessidade de o educador ser ativo e engajado, "pôr a mão na massa", repercute a filosofia de Freire (1967) sobre a *práxis*, que é a união de ação e reflexão, descrita em "Educação como Prática da Liberdade". Dedê Prais (1993) também observa que todas as decisões na Secretaria de Educação são essencialmente pedagógicas, demonstrando uma compreensão profunda de que a gestão educacional deve focar no impacto na sala de aula, nos professores e nos alunos, visão que é condizente com a abordagem holística de Freire, que vê a educação como um processo integral envolvendo todos os aspectos da sociedade e da vida escolar. Da mesma forma, a preocupação de Dedê Prais (1993) com a qualidade do ensino e a justiça nas condições de trabalho dos professores reflete a preocupação de Freire (1992) com a justiça social e a igualdade, conforme defendido em "Pedagogia da Esperança", obra em que Freire (1992) dá continuidade à defesa de uma educação voltada para a transformação social e a promoção da justiça.

De tal modo, a declaração de Dedê Prais (1993) não apenas reflete, mas também aplica, as teorias de Paulo Freire sobre a educação libertadora, a importância da prática reflexiva (*práxis*), e a necessidade de uma educação comprometida com a transformação social, ideias essas que são centrais em muitas de suas obras, incluindo "Educação como Prática da Liberdade" (1967), "Pedagogia do Oprimido" (1968) e "Pedagogia da Esperança" (1992).

Figura 23 - Chamada da matéria em que Dedê Prais assume seu compromisso com a Educação

Dedê Prais é destaque do «Projeto Encontros»

"Aceitei o convite para ser coerente comigo mesma, com tudo que tenho dito e feito em matéria de Educação", Afirmação é da professora Maria de Lourdes de Melo Prais ou, simplesmente, Dedê Prais falando sobre o convite para assumir a Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Justificando sua presença à frente do cargo, Dedê revela que "não admito um educador que não tenha coragem de pôr a mão na massa, que não tenha a esperança de ver as coisas acontecendo de um outro modo e que não tenha a ousadia de assumir o dever de fazer, pelo menos, o mínimo que possa, em favor de uma Educação democrática".

Maria de Lourdes Melo Prais é o destaque deste domingo do "Projeto Encontros", de Décio Bragança. Os assuntos, você já sabe, vão muito além presença de Dedê Pais à frente da Secretaria de Educação e Cultura. Hoje, especialmente, na PÁGINA 10.

Dedê: «O educador tem que ter coragem de pôr a mão na massa». - Foto/Arquivo.

Fonte: Arquivo Público de Uberaba (1993).

A esperança de ver as coisas acontecendo de um outro modo é um elemento central na fala de Dedê Prais (1993), que acredita na possibilidade de transformação e melhorias no sistema educacional, e essa visão otimista é essencial para qualquer líder que deseja implementar mudanças significativas. No contexto da Secretaria Municipal de Educação, Dedê Prais (1993) apresenta um Plano Municipal de Educação, para o quadriênio 1993-1996, voltado para uma escola pública popular, democrática e alegre, convidando toda a comunidade a participar ativamente na construção da Educação do Município:

> Todo projeto pedagógico é um projeto político, porque envolve não apenas o que fazer, mas como fazer, do porquê fazer, para quem fazer e com quem fazer. Neste sentido, o projeto da Secretaria Municipal de Educação é um projeto de uma escola pública popular, voltada para o povo, séria, competente, democrática e alegre. E porque queremos uma escola com essas características é que convidamos toda a comunidade a pensar coletivamente a Educação do Município. Desse trabalho é que surgiu o Plano Municipal de Educação para o quadriênio 93-96. Este plano tem três metas: a qualidade de ensino, a democratização do acesso, a democratização da gestão. Assim, é necessário que se faça uma revisão e revitalização de toda a prática educativa, desde a filosofia até os conteúdos curriculares, bem como estabelecer uma política de recursos humanos que passa pelo respeito profundo aos educadores por sua formação permanente. É necessário que se preveja a ampliação da oferta de vagas. É necessário que os diferentes órgãos da Secretaria das Escolas se transformem em verdadeiros Fóruns de decisão (Jornal da Manhã, 1993, p. 10).

A declaração de Dedê Prais (1993), mais uma vez, reflete diversas teorias de Paulo Freire, evidenciando a profunda influência do pensador na sua abordagem educacional enquanto Secretária de Educação. Primeiramente, a ideia de que "todo projeto pedagógico é um projeto político" está em consonância com Freire (1968, 1992, 1996), que em "Pedagogia do Oprimido", "Pedagogia da Esperança" e em "Pedagogia da Autonomia" argumenta que a educação não é neutra e sempre carrega um caráter político, pois envolve decisões sobre o que ensinar, como ensinar e com que finalidade: "É impossível, na verdade, a neutralidade da educação [...] A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política" (Freire, 1996, p. 56).

A ênfase dada por Dedê Prais (1993) na criação de uma "escola pública popular, voltada para o povo, séria, competente, democrática e alegre" reflete os princípios de Freire (2006) e de Snyders (1988) sobre a educação inclusiva e equitativa. Em "Educação como Prática da Liberdade", Freire (1968) destaca que a educação deve ser um processo que empodere os oprimidos e os ajude a tomar consciência de sua realidade para transformá-la: "todo aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando" (Freire, 1967, p. 5). Da mesma forma, Snyders (1988, p. 185) defende que "a alegria na escola não é um luxo, mas uma condição essencial da eficácia pedagógica",

ressaltando que uma educação voltada para a transformação social também deve valorizar o prazer de aprender, o envolvimento afetivo e o compromisso com a justiça.

O convite de Dedê Prais (1993) à comunidade para "pensar coletivamente a Educação do Município" está alinhado com a pedagogia participativa de Freire (1996), que valoriza o diálogo e a colaboração entre educadores e educandos como um meio de construir conhecimento e promover mudanças sociais. Essa abordagem dialógica é fundamental em obras como "Pedagogia da Autonomia", em que Freire (1996) discute a importância de construir a educação com a participação ativa de todos os envolvidos: "Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar [...] toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina" (Freire, 1996, p. 36).

As três metas mencionadas por Dedê – qualidade de ensino, democratização do acesso e democratização da gestão – também estão em sintonia com as ideias de Freire sobre uma educação transformadora. Em "Pedagogia da Esperança" e em "Pedagogia da Autonomia", Freire (1992, 1996) continua a defender a necessidade de uma educação que não só transmita conhecimentos, "assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (Freire, 1996, p. 13) e que também promova a justiça social e a igualdade, pois "se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" (Freire, 2000, p. 31).

Por fim, a necessidade de uma revisão e revitalização de toda a prática educativa, desde a filosofia até os conteúdos curriculares para se alcançar a "participação crítica dos educandos" (Freire, 1967, p. 4) e o respeito profundo aos educadores pela sua formação permanente, que Dedê Prais (1993) destaca, ecoam a visão de Freire (1996) sobre a *práxis* educativa, melhor dizendo, "da reflexão crítica sobre a prática" (Freire, 1996, p. 21), e na qual teoria e prática devem estar em constante diálogo para criar uma educação crítica e reflexiva, como também discutido em "Educação como Prática da Liberdade" (1967).

À época, Dedê Prais possuía uma rede de contatos influente no cenário educacional nacional, o que lhe permitiu trazer para Uberaba figuras de destaque com o intuito de enriquecer o debate educacional na cidade e fortalecer as políticas públicas locais. Um exemplo disso foi a participação do professor Neidson Rodrigues[43], um dos principais defensores da

[43] Neidson Rodrigues é filósofo, professor titular do Departamento de Administração Escolar da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFMG), onde se aposentou em 2001.

democratização da educação, que proferiu palestra[44] focando o tema "Da utopia à realidade: O compromisso do educador na construção de uma escola democrática" em evento organizado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), ocorrido em 19 de março de 1993 e divulgado no Jornal da Manhã, edição n.º 6.144, publicada em 20 de março de 1993, no qual Neidson Rodrigues ressaltou que é impossível pensar em uma educação moderna sem associá-la à educação democrática.

Isso reforça a proposta de Dedê Prais (1993), que ao convidá-lo para o evento, destacou a importância de consolidar a democratização no sistema educacional de Uberaba, asseverando: "ninguém melhor que Neidson, porque ele não apenas projetou, mas consolidou seu sonho de uma nova escola, de uma escola democrática, quando ele estava na superintendência" (Fazendo Escola, 1993, p. 10). Ambos concordavam que a educação deve ser um processo participativo, no qual a formação cidadã é central para o desenvolvimento social, político e cultural. Essa perspectiva alinha-se com a crença de Dedê Prais (1993) na necessidade de uma educação que vá além do conteúdo, promovendo a construção de uma sociedade mais justa e informada.

> Um indivíduo para poder participar neste processo de construção da sociedade, acrescentou Neidson Rodrigues, precisa ser bem informado e preparado. Portanto, instruiu: "Logo, a educação tem um papel extremamente importante. Isso é o que tem acontecido nas sociedades mais modernas do mundo de hoje. Como consequência, é uma meta que temos de perseguir no Brasil, e com muita urgência," finalizou (Jornal da Manhã, 1993, n.p.).

A ênfase de Rodrigues (1993) na urgência de perseguir essa meta no Brasil ecoa a própria urgência que Dedê Prais via na democratização e qualificação da educação, como base para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Outro fato relevante foi que o projeto educacional de Uberaba recebeu o reconhecimento do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Representantes da organização internacional, juntamente com autoridades locais, participaram de reuniões para apoiar o Plano de Educação da cidade. O projeto envolvendo uma Comissão Pro-Pacto, com foco em ampliar a qualidade educacional, e incluir iniciativas como a formação de parcerias com associações e entidades de bairro, menciona a Secretaria Municipal de Educação, liderada por Maria de Lourdes Melo Prais, por seu papel crucial na coordenação das atividades e na promoção de uma educação inclusiva e de qualidade para todos. O engajamento da comunidade e o diálogo com especialistas, como Paulo Freire, também são apontados como essenciais para o sucesso das

---

[44] A palestra do professor Neidson Rodrigues, realizada na abertura do Encontro com a equipe da Secretaria Municipal de Educação, em 19 de março de 1993, foi publicada na íntegra na Revista Fazendo Escola, Órgão de comunicação interna da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, Ano 1, n.º 01, 1993, p. 10-15.

ações inovadoras em notícia publicada pelo Jornal da Manhã, edição n.º 6.614, de 17 de junho de 1993.

Apesar de sua agenda sempre lotada, devido ao seu reconhecimento como um dos mais renomados educadores brasileiros, Paulo Freire aceitou o convite para palestrar na pré-abertura do 25º Congresso Nacional de Educação, no dia 11 de junho de 1993, no Centro de Convenções da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, graças à sua amizade pessoal com a secretária Dedê Prais. Acompanhado por sua esposa, Ana Maria Araújo Freire, que também é educadora, Paulo Freire conduziu "um diálogo sobre educação" com cerca de 700 educadores de todo o Brasil, presentes no evento promovido pela Associação Mineira de Assistência à Educação (AMAE). O congresso oficial ocorreu entre os dias 13 e 16 de junho, e a pré-abertura foi estrategicamente marcada para 11 de junho, justamente para garantir a participação de Freire na cidade. O evento foi noticiado pelo Jornal da Manhã, edição n.º 6.199, publicado em 28 de maio de 1993.

Outra figura proeminente que Dedê Prais trouxe a Uberaba foi o professor Evaldo Amaro Vieira[45], seu orientador de doutorado, convidado para ministrar uma palestra sobre "As condições do docente", tema da aula inaugural dos cursos de Pós-graduação da SMEC, no dia 1º de setembro de 1993. Em seu pronunciamento (Anexo F) na abertura do evento, Dedê Prais (1993) afiançou:

> [...] É preciso acreditar no possível dos nossos sonhos, na alegria da chegada que ultrapassa os percalços do caminho. Experimentamos, hoje, um tanto desta alegria; estamos felizes pela concretização de um sonho que há bem pouco tempo era considerado, por muitos, como delírio. Os cursos que hoje, oficialmente, instalamos, foram sonhados, almejados e propostos como metas prioritárias no Plano Municipal de Educação (Revista Fazendo Educação, 1994, p. 4).

Em depoimento concedido em meados de janeiro de 2025, o professor Evaldo Amaro Vieira reafirmou a longa amizade e a profunda admiração que nutre pela professora Dedê Prais, cuja trajetória acadêmica e humana teve o privilégio de acompanhar, ressaltando sua capacidade de conviver respeitosamente com visões de mundo distintas e consolidando sua relevância como uma de suas alunas mais notáveis:

> A Dedê é amiga de uma vida e além do longo afeto, mostramos ambos que é possível conviver com diferentes visões de mundo. A Dedê é uma discípula de Paulo Freire, cujas proposições conhece em profundidade, autêntica e admiravelmente. Tal não acontece com inúmeros intérpretes dele. Sem metodologicamente acompanhá-lo, fui

[45] O professor doutor em Ciência Política, aposentado na USP, Evaldo Amaro Vieira é o entrevistado da Revista Fazendo Escola, Órgão de comunicação interna da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, MG, Ano 2, n.º 03, 1994, p. 8-10.

> amigo fraterno de Paulo Freire e acredito ter sido comigo um dos últimos diálogos genéricos que manteve com alguém.
> Na ocasião, falando dos caminhos tomados pelo seu pensamento, citei dentre outros intelectuais, a própria Dedê.
> Ela é um exemplo de como minha aluna de inícios da década de 1990 me permitiu assistir à grandeza de sua obra pedagógica (Vieira, 2025).

A criação da FUMESU/FEU iniciou-se em 1987, durante a gestão do prefeito Wagner do Nascimento, com a instituição da Fumesu, pela Lei Municipal n.º 3.972, modificada em 1991 por uma lei complementar no governo do prefeito Hugo Rodrigues da Cunha. Até 1995, porém, a Fumesu era apenas cartorial, apesar dos esforços de professores e políticos para criar uma unidade da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), estabelecida em 1994. O principal desafio era a obrigação do Município em priorizar o atendimento ao Ensino Fundamental, enquanto a cidade enfrentava, desde 1982, uma escassez de professores devido à ausência de cursos de licenciatura.

Em 22 de fevereiro de 1995, a Lei Complementar n.º 036 reavaliou a questão, durante o governo do prefeito Luiz Guaritá Neto, por intermédio da Secretaria Municipal de Educação, definindo que a Fumesu, uma entidade sem fins lucrativos e de direito privado, teria como objetivo promover o desenvolvimento das Ciências, Letras e Artes por meio da Educação. Finalmente, em 29 de setembro de 1995, a Faculdade de Educação de Uberaba (FEU) foi criada pela Lei n.º 5.678 (Borges, 2004, p. 151-152).

Concretizava-se, desta forma, a partir da iniciativa de Dedê Prais (gestão 1993-1996) a Criação da Faculdade de Educação de Uberaba (FEU), fato noticiado pelo Jornal Lavoura e Comércio, edição n.º 25.156, publicada em 05 de setembro de 1995:

> Para a secretária municipal, a FEU significa a "pedra angular na formação de educadores" além de ser a consolidação do projeto de educação de qualidade, destinado à formação e qualificação de professores. "É um passo na consolidação de um sonho da gente" afirmou a secretária, revelando que a FEU, num futuro bem próximo, pretende ser absorvida pela UEMG (Universidade Estadual de Minas Gerais) (Jornal Lavoura e Comércio, 1995, n.p.).

A ação estava inserida no Plano Global do primeiro quadriênio (1993-1996), dentro do Programa de Melhoria da Qualidade de Ensino, no subprograma de Recursos Humanos, com o projeto de Capacitação Profissional que atuava em duas frentes: a formação continuada dos professores, por meio do Centro de Formação de Professores (CEFOR), instituído pelo decreto n.º 750 de 08/05/94, e a formação inicial de professores, com a criação da Faculdade de Educação de Uberaba (FEU) (Borges, 2004, p. 152).

A nova instituição teve como mantenedora a Fundação Municipal de Ensino Superior (Fumesu) e iniciou suas atividades no *Campus* da Faculdade de Agronomia e Zootecnia de

Uberaba (Fazu), de modo que Paulo Roberto Ferreira[46], diretor da Fazu, foi empossado como primeiro diretor da FEU na ocasião. Em 1996, realizou-se o primeiro vestibular da FEU, que nascera de um convênio celebrado entre a UFU e a PMU, por interveniência da Fumesu. Foram ofertados três cursos de licenciatura plena, a saber: geografia, pedagogia e ciências biológicas.

Em seu pronunciamento (Anexo G) na inauguração da FEU, Dedê Prais (1995) evocou, mais uma vez, o personagem Riobaldo, de Guimarães Rosa, a quem ela chamava de "caboclo-filósofo" (p. 5), para afirmar: "Só aos poucos o escuro é claro" (p. 5). Complementando essa ideia, citou o amigo e filósofo mineiro Neidson Rodrigues: "Só aos poucos. Não se pode exigir que o sol já nasça no meio do céu nem que a escuridão da noite se afaste de uma só vez" (p. 6). Ela comparou o processo ao amanhecer, em que os clarões da aurora avançavam gradualmente até que os raios do sol iluminem o céu por completo. Dedê também trouxe à memória as palavras do prefeito: "Os homens sonham em milhas, mas só conseguem realizar esses sonhos através de pequenos, mas decisivos passos" (p. 6). Dirigindo-se ao diretor empossado, professor Paulo Roberto, ela destacou sua compreensão do papel da Educação como um processo amoroso de construção da cidadania e o cuidado como parceiro fundamental na continuidade desse projeto. Segundo Dedê Prais (1995), o tempo de Uberaba seria dividido em antes e depois da FEU, marcando um novo capítulo na história da cidade (Fazendo Escola, 1996, p. 5-7).

A participação de Dedê Prais na criação da FEU reflete seu compromisso não só com a educação como também com a formação continuada de professores. O fato de a FEU ser considerada por Dedê Prais (1995) como a "pedra angular na formação de educadores" sublinha a importância que ela atribui à instituição como um pilar fundamental para a qualificação docente e para a consolidação de um projeto de educação de qualidade. Sua declaração de que a FEU representa a realização de um sonho indica o quanto ela estava pessoal e profissionalmente investida nesse projeto. Ademais, a expectativa de Dedê Prais de que a FEU fosse absorvida pela UEMG apontava para um futuro de expansão e integração, sugerindo um planejamento de longo prazo para fortalecer ainda mais a educação em Uberaba e região.

A imagem, a seguir, mostra Dedê Prais, ladeada pelo Professor Mares Guia e pelo diretor da Fazu, Paulo Roberto Ferreira, no momento em que o prefeito Luiz Guaritá Neto descerra a placa alusiva à criação da FEU.

---

[46] O professor e autor de livros de Filosofia e Ciências Sociais, Paulo Roberto Ferreira, é o entrevistado da Revista Fazendo Escola, Órgão de comunicação interna da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, MG, Ano 2, n.º 02, 1994, p. 8-9.

Figura 24 - Dedê Prais na cerimônia de descerramento da placa de Criação da Faculdade de Educação de Uberaba (FEU)

Fonte: Arquivo Público de Uberaba (1995).

Outro evento importante para a cidade de Uberaba aconteceu no Centro Administrativo da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM): “III Encontro de Educadores: a autoconstrução do educador, pressupostos para a efetividade da Escola Cidadã”. Mais de 700 educadores assistiram a conferência de abertura com o educador de renome internacional, professor Paulo Freire. Ele veio a Uberaba a convite da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, e falou sobre “Educação, Compromisso e Ética”. Aos 74 anos, 50 deles destinados à educação, Freire apresentou seu mais recente trabalho, o livro “A sombra desta mangueira” (1995) logo após ser agraciado com o título de “Cidadão Uberabense” por meio do Projeto de Resolução n.º 051/95 e da Resolução n.º 1.048/95 de autoria do vereador Lauro Guimarães e coautoria dos vereadores Gilberto Caixeta da Silva e Lucimar Ferreira de Oliveira, que apresentaram a seguinte justificativa para declarar Cidadão Uberabense o Ilmo. Sr. Paulo Reglus Neves Freire:

> Paulo Freire, pernambucano. Um educador que há muitos anos se destaca no país e no mundo por seus esplêndidos trabalhos didáticos. Fez carreira nas mais, graduadas universidades brasileiras, americanas e europeias.
> A Ditadura marcou passagem em sua vida. Esteve exilado no Chile, Suíça e outros países. Mesmo expatriado sustentou seus ideais, coordenando seminários, em dezenas de instituições da América, Europa, África e Ásia.
> Convidado pela Universidade de Harvard, indicado para o Prêmio Nobel da Paz, Paulo Freire reúne respeito e admiração em torno de seu notório saber e denodada personalidade. Será de grande enlevo para a cidade de Uberaba render esse meritório preito, reconhecendo entre seus filhos, um cidadão que abrilhanta e enaltece toda nossa comunidade (Uberaba, 1995, p. 3).

Sobre esse dia, Dedê Prais (2024) se recorda:

> Em 16 de novembro, Paulo Freire é recebido, no aeroporto de Uberaba, pelo Prefeito Luís Guarita Neto que lhe entrega as chaves da cidade. No dia seguinte, no Auditório da Faculdade de Medicina, Paulo Freire delineia, com contundência, o compromisso ético e político dos governantes e dos educadores, com uma palestra sobre "Compromisso e Ética em Educação (Dedê Prais, 2024).

Enriquecendo as lembranças trazidas à tona, Dedê Prais (2024) apresentou um álbum de fotografias cuidadosamente elaborado, capturando em detalhes os eventos marcantes dessa visita à cidade de Uberaba, durante a qual foi realizada a palestra e a cerimônia de entrega do título de cidadão a Paulo Freire. No álbum, Dedê Prais (1995) escreveu, de próprio punho, lembretes que precederam algumas das sequências de fotos, revelando sua alegria e cuidado na organização de cada momento das celebrações que se estenderam por três dias de intensas festividades. Mais do que registros visuais, as imagens foram acompanhadas por anotações que traduzem o envolvimento afetivo da professora com o evento. Essas notas manuscritas funcionam como fios condutores da memória, entrelaçando emoção e historicidade.

Os dizeres de Dedê Prais (1995): "No aeroporto, a ansiedade da esperança, a alegria da chegada, o entusiasmo coletivo, já anunciou a 'boniteza' que seria este encontro", expressam com sensibilidade a carga emocional e o simbolismo envolvido na recepção de Paulo Freire em Uberaba. Ao narrar a espera no aeroporto, Dedê Prais vai além da formalidade do evento, ressaltando a dimensão afetiva e a comunhão de sentimentos que marcaram a ocasião. Palavras como "ansiedade", "alegria" e "entusiasmo" evidenciam o vínculo profundo entre a comunidade educacional e Freire, antecipando a importância e emoção do encontro. A escolha do termo "boniteza", característico do vocabulário de Freire, sublinha o significado do momento, que ultrapassava formalidades, tornando-se uma verdadeira celebração do carinho, do respeito e do legado partilhado.

Figura 25 - Recepção de Paulo Freire no aeroporto de Uberaba

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1995).

A lembrança de Dedê Prais (2024) demonstra o reconhecimento institucional e simbólico da importância de Paulo Freire para a educação em Uberaba, consolidado pela entrega das chaves da cidade, um gesto de profundo respeito e acolhimento. Esse momento não apenas celebra a figura de Freire, mas também reforça o alinhamento da gestão municipal com os valores e princípios freirianos, especialmente em uma cidade em que sua influência educacional estava diretamente ligada à Secretaria Municipal de Educação, liderada por Dedê Prais.

Na montagem das imagens abaixo, datada de 16/11/1995, há uma delicada nota escrita por Dedê Prais (1995): “Data especial – coração ensolarado. Uberaba se prepara para receber o professor Paulo Freire e sua esposa Ana Maria (Nita)”. A anotação reflete a emoção e o significado do momento, marcando a expectativa calorosa pela chegada do casal à cidade.

Figura 26 - Preparativos para recepção de Paulo Freire

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1995).

Sobre a sequência de imagens, Dedê Prais (2024) explicou que coordenou a instalação de outdoors em pontos estratégicos da cidade, com frases de boas-vindas criadas por educadores locais. No outdoor da imagem acima, lê-se: “Paulo Freire, ler o mundo com fé na mudança: sua máxima lição de mestre”. Ao chegar ao hotel, Paulo Freire foi recebido com champanhe, doces, guloseimas e diversos presentes cuidadosamente arrecadados por Dedê Prais, em um gesto que simbolizava o carinho e a admiração da comunidade educacional local.

A seguir, no álbum, há o seguinte registro: “Depois do aeroporto, no “AP” da Dedê um delicioso jantar para um pequeno grupo de pessoas. Nosso prefeito, nossos diretores de departamento, alguns amigos pessoais da Dedê, emocionados esqueceram de registrar. O jeito é imaginar já que a Kodak não esteve lá...” (Dedê Prais, 1995). Acerca do registro, podemos perceber que o tom descontraído e a menção à ausência de registros fotográficos enfatizam a

valorização do momento vivido, destacando a primazia das recordações marcantes sobre a necessidade de registros formais.

O Jornal Lavoura e Comércio, edição n.º 25.264, de 16 de novembro de 1995, noticiou o evento exaltando a importância da presença de Paulo Freire em Uberaba, pela 4ª vez na cidade, destacando-o como uma figura extraordinária na educação mundial e brasileira. A escolha das palavras e o tom utilizado sugerem um evento de grande relevância, tanto para o público local quanto para a comunidade educativa:

> Privilégio: Educadores ouvirão Paulo Freire amanhã
> Por especial deferência para com a Secretária da Educação, Maria de Lourdes Melo Prais, de quem é amigo pessoal e ex-professor de Pós-graduação, estará em Uberaba pela quarta vez, neste dia 17, às 8 horas no auditório do Centro Administrativo da FMTM, o maior educador brasileiro de todos os tempos, Paulo Freire.
> O Educador Mundial da Paz, "Doutor Honoris Causa" pelas maiores e mais conceituadas Universidades Internacionais, Paulo Freire dedicou sua vida à causa da libertação do "oprimido" pela educação "como prática da liberdade" (título de uma de suas obras).
> A partir de sua própria vivência e de uma dedicação incansável à pesquisa, à reflexão sobre sua prática, Paulo Freire conclama cada educador a ser aprendiz pelo diálogo com o educando da tecitura de uma nova trajetória humana, a ser o leitor e o escritor do seu mundo, da sua história: esta é a sua ética, o seu compromisso.
> E por isso que, com orgulho incontido, com emoção indizível, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, sintonizada com seu pensamento, sua obra e sua prática, proporcionará a todos os educadores eticamente comprometidos com a construção amorosa da cidadania, o privilégio deste momento de rara harmonia entre a sublimidade de uma reflexão e o testemunho consistente de uma trajetória luminosa (Jornal Lavoura e Comércio, 1995, n.p.).

A escolha de expressões como, "orgulho incontido" e "emoção indizível", sublinha a importância histórica e afetiva desse encontro para os envolvidos, sinalizando que a presença de Freire transcende um simples evento educacional, sendo vista como um momento de rara grandeza e inspiração. Há também uma ênfase significativa na conexão entre ética e educação, pois o texto menciona "educadores eticamente comprometidos" alinhando-se com a ideia de "construção amorosa da cidadania". Esse conceito, próprio do pensamento freiriano, entende que a educação deve ser um processo de transformação social baseado no diálogo, no respeito e na promoção da justiça.

Não obstante, a descrição do evento como uma "harmonia rara" entre "reflexão" e "testemunho consistente" da trajetória de Freire, com sua visão da educação como prática de liberdade, sublinha a força ética e a relevância de sua abordagem pedagógica. A visita não é vista apenas como uma palestra, mas como um encontro inspirador, um encontro entre teoria e a prática, reforçando o compromisso dos educadores com a mudança social por meio da educação.

Figura 27 - Reprodução de matéria publicada sobre a visita de Paulo Freire em Uberaba para participar de encontro com educadores

Privilégio: Educadores ouvirão Paulo Freire amanhã

Por especial deferência para com a Secretária da Educação, Maria de Lourdes Melo Prais, de quem é amigo pessoal e ex-professor de Pós-graduação, estará em Uberaba pela quarta vez, neste dia 17, às 8 horas no auditório do Centro Administrativo da FMTM, o maior educador brasileiro de todos os tempos, Paulo Freire.

O Educador Mundial da Paz, "Doutor Honoris Causa"pelas maiores e mais conceituadas Universidades Internacionais, Paulo Freire dedicou sua vida à causa da libertação do "oprimido" pela educação "como prática da liberdade"(título de uma de suas obras).

A partir de sua própria vivência e de uma incansável dedicação à pesquisa, à reflexão sobre sua prática, Paulo Freire conclama cada educador a ser aprendiz pelo diálogo com o educando da

Maria de Lourdes Melo Prais e Paulo Freire

tecitura de uma nova trajetória humana, a ser o leitor e o escritor do seu mundo, da sua história: esta é a sua ética, o seu compromisso.

É por isso que, com incontido orgulho, com indizível emoção, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, sintonizada com seu pensamento, sua obra e sua prática, proporcionará a todos educadores eticamente comprometidos com a construção amorosa da cidadania, o privilégio deste momento de rara harmonia entre a sublimidade de uma reflexão e o testemunho coerente de uma trajetória luminosa.

Fonte: Arquivo Público de Uberaba (1995).

O Jornal da Manhã, nas edições: n.º 7.035, publicada em 15 de novembro de 1995, e n.º 7.037, publicada em 18 de novembro de 1995, também noticiou o evento:

> O objetivo do encontro, segundo a secretária de Educação em Uberaba, Maria de Lourdes - Dedê - Melo Prais, é, em primeiro lugar, o reconhecimento do trabalho valioso do mestre, "não só à história da educação brasileira, mas à toda educação comprometida com a libertação do oprimido" num trabalho que ela considera "revolucionário" Dedê Prais afirma que a Secretaria comunga da visão de mundo e de educação de Paulo Freire e sempre pautou pela prática pedagógica em seus exemplos (Jornal de Uberaba, 1995, n.p.).
> [...]
> Sobre o tema escolhido: "Educação, compromisso e ética", a secretária diz acreditar que não se faz educação sem ética e que o compromisso do educador é, sobretudo, em passar para seus alunos todo conhecimento necessário para que seja um ser participativo na sociedade. "O professor domina conhecimento e não pode se apropriar dele... deve socializá-lo. Para isso deve rever, permanentemente, a sua prática, tornando-se um homem do seu tempo", finalizou Maria de Lourdes Melo Prais" (Jornal de Uberaba, 1995, n.p.).

> [...]
> No local, ele recebeu o título de cidadão uberabense, proferido pelo vereador do Partido dos Trabalhadores, Lauro Guimarães. Lauro destacou que aquele era o primeiro título de cidadão que concedia a alguém reconhecendo a importância de Paulo Freire para a educação do país. O educador agradeceu o título em longo discurso. A secretária municipal de Educação, Maria de Lourdes Melo Prais, em seu pronunciamento agradeceu a Paulo Freire pelos seus ensinamentos e disse que seu trabalho é espelhado neles. Paulo Freire, durante a palestra, destacou o poder de influência do professor dentro do processo educacional e a sua responsabilidade na formação do cidadão (Jornal de Uberaba, 1995, n.p.).

A declaração de Dedê Prais (1995) sobre o objetivo do encontro com Paulo Freire novamente reflete um alinhamento profundo entre suas próprias convicções pedagógicas e as ideias revolucionárias do educador brasileiro. Ao destacar que o propósito principal era reconhecer o trabalho valioso de Freire, Dedê Prais (1995) sublinha a importância de sua contribuição não apenas para a história da educação brasileira, mas para todas as formas de educação comprometidas com a libertação dos oprimidos. Esta visão se conecta diretamente com a filosofia freiriana, especialmente expressa em "Pedagogia do Oprimido" (1968), que propõe uma educação que desafie as estruturas de poder e promova a emancipação das classes marginalizadas por meio de um processo educativo crítico e dialógico.

Dedê Prais (1995) enfatiza, ainda, que a Secretaria de Educação de Uberaba também compartilha da visão de mundo de Freire e busca integrar seus princípios nas práticas pedagógicas diárias. Esse compromisso com uma pedagogia libertadora e ética é central para a filosofia de Freire, que em "Educação como Prática da Liberdade" (1967), argumenta que a educação deve ser um ato de transformação social e um meio de conscientização. A abordagem de Dedê Prais (1995), ao afirmar que a Secretaria segue esses exemplos, sugere um esforço em transformar o ambiente educacional em Uberaba em um espaço no qual o conhecimento não é apenas transmitido, mas também contextualizado e utilizado como ferramenta de mudança social.

Além disso, a referência de Dedê Prais (1995) ao trabalho de Freire como "revolucionário" ecoa a opinião de Freire de que o ato de educar não é neutro, mas um gesto político que tem o potencial de revolucionar o pensamento e as relações sociais, desafiando a opressão e promovendo a dignidade humana. Ao reconhecer o caráter revolucionário de Freire, Dedê também se posiciona dentro dessa tradição pedagógica crítica, alinhando sua atuação educacional a uma perspectiva emancipatória. Trata-se de uma identificação ética e política que transcende o discurso e se concretiza em práticas cotidianas de resistência e construção coletiva.

Figura 28 - Paulo Freire reúne mais de 700 educadores

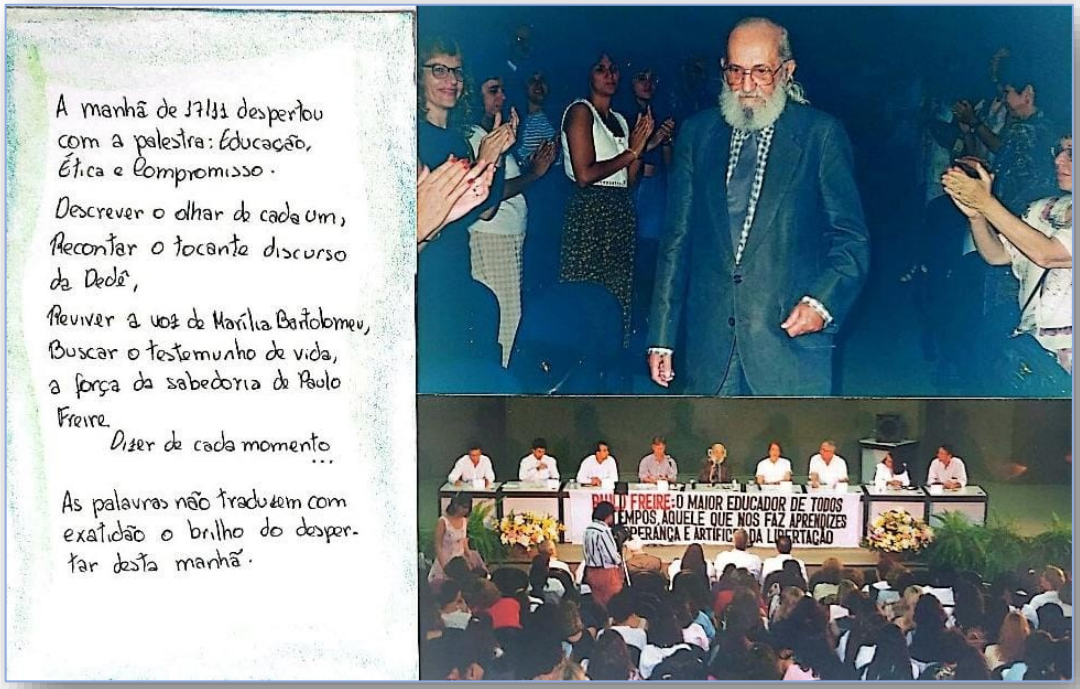
Paulo Freire reúne mais de 700 educadores em Uberaba

Paulo Freire destacou o poder de influência do professor dentro do processo educacional - Foto/Divulgação

Fonte: Arquivo Público de Uberaba (1995).

A imagem acima retrata, da esquerda para a direita, Luiz Guaritá Neto, José Thomaz da Silva Sobrinho, Paulo Freire, Ana Maria Araujo Freire e Maria de Lourdes Melo Prais. A mesa de autoridades é adornada com flores e uma faixa com a inscrição: “Paulo Freire: o maior educador de todos os tempos, aquele que nos faz aprendizes da esperança e artífices da libertação”, sintetizando a grandiosidade do legado do educador brasileiro, cuja obra transcende as fronteiras do tempo e do espaço. Freire nos ensina que a educação não é apenas transmissão de conhecimento, mas um ato político e libertador, fundamentado na construção coletiva do saber e na valorização da experiência do oprimido, por isso nos convida a sermos aprendizes da esperança ao utilizar o conhecimento como ferramenta de emancipação social. Note-se que, a disposição da mesa e a simbologia das palavras da faixa revelam a reverência com que Freire foi recebido em Uberaba.

Figura 29 - Paulo Freire em palestra ministrada sobre educação, ética e compromisso



Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1995).

Nessa outra imagem temos o registro de Dedê Prais (1995):

> A manhã de 17/11 despertou com a palestra: educação, ética e compromisso. Descrever o olhar de cada um, recontar o tocante discurso da Dedê, reviver a voz de Marília Bartolomeu[47], buscar o testemunho de vida, a força e da sabedoria de Paulo Freire. Dizer de cada momento... as palavras não traduzem com exatidão o brilho do despertar desta manhã (Dedê Prais, 1995).

Ao lado, vemos Paulo Freire sendo ovacionado de pé ao entrar no auditório do Centro Administrativo da FMTM. Logo abaixo, observa-se a composição da mesa de autoridades, com Paulo Freire cuidadosamente posicionado ao centro, em destaque. A formação, descrita pela mestra de cerimônias, está reproduzida na página 265 desta tese.

Cumpre ressaltar que, no site do Instituto Paulo Freire, está disponível um áudio[48] da conferência proferida por Paulo Freire em Uberaba, ocasião em que foi agraciado com o título de cidadão uberabense e um documento refletindo sobre algumas das passagens da palestra[49],

[47] Marília Bartolomeu Dias é uma cantora mezzosoprano uberabense.

[48] O arquivo completo, contendo 3h33min de gravação, está disponível para acesso no site do Instituto Paulo Freire, no seguinte link: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/1893>.

[49] A palestra também foi publicada em edição especial, dedicada a Paulo Freire, na Revista Fazendo Escola, Órgão de comunicação interna da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, MG, Ano 3, n.º 04, 1995, p. 15-21.

proferida em 17/11/1995 (Anexo H) intitulado “Compromisso ético e compromisso político das autoridades e dos educadores” O registro captura momentos de composição da mesa de autoridades, que antecedem a palestra e o discurso de agradecimento, evidenciando a importância de sua contribuição para a educação no Brasil, conforme destacado pela mestra de cerimônias:

> É com emotivo orgulho, com indizível emoção e esfuziante alegria que, finalmente, aqui nos encontramos sob os auspícios da Prefeitura Municipal de Uberaba através da Secretaria de Educação e Cultura. Este é o momento para o duplo regozijo e para o duplo aplauso. O novo cidadão que se faz uberabense de direito e a sabedoria de uma vida que se faz palavra e cidadania que se faz legítima, porque de fato foi conquistada na inspiração constante ao trabalho de educadores uberabenses que sempre encontraram em Paulo Freire uma fonte inesgotável de sabedoria e, em especial, essa gestão cuja política educacional está impregnada da pedagogia freiriana do diálogo da libertação, da construção amorosa da cidadania. Para este ato cívico convidamos para compor a mesa:
> O prefeito de Uberaba Luiz Guarita Neto, cuja sensibilidade para com a causa da educação tornou possível este evento (posicionado à esquerda da imagem). [...]
> A professora doutora Ana Maria Araújo Freire, historiadora da educação esposa e colaboradora constante do nosso grande mestre (posicionada entre Paulo Freire e Dedê Prais.
> O professor José Thomaz da Silva Sobrinho, Diretor da 29ª Superintendência Regional de Ensino (posicionado entre o prefeito de Uberaba e Paulo Freire).
> A professora Maria de Lourdes Melo Prais, Secretária Municipal de Educação e Cultura, amiga pessoal e também ex-aluna do professor Paulo Freire no curso de Mestrado da PUC em São Paulo a quem cabe o mérito de sua presença entre nós (posicionada à direita da imagem).
> O vereador Lauro Henrique Guimarães, da Comissão de Educação da Câmara, autor da Resolução 1.048, através da qual Uberaba orgulhosamente confere ao mestre Paulo Freire o Título de Cidadão Uberabense [...]
> Finalmente, convidamos o educador mundial da paz, professor Paulo Freire (posicionado no centro da mesa) (Instituto Paulo Freire, 1995, n.p.).

Ao se compor a mesa de autoridades, o discurso não só celebra a presença de Paulo Freire, mas também presta homenagem àqueles que, por diversas formas, contribuem para a perpetuação de seus ideais no contexto educacional brasileiro. A menção específica à Secretaria de Educação e Cultura, sob a liderança de Dedê Prais, evidencia o compromisso dessa gestão com os ideais freirianos – diálogo, libertação e construção amorosa da cidadania; e a referência ao “educador mundial da paz” enaltece Freire como uma figura universal, cujos ensinamentos transcendem fronteiras, permanecendo atuais e relevantes.

Em seu pronunciamento de abertura do Encontro de Educadores (Anexo I), realizado em 17 de novembro de 1995, Dedê Prais destacou que a “Secretaria de Educação e Cultura vive este momento especial de aplauso pelo acerto por poder contar com a presença consciente, comprometida e sensível desse que, sem dúvida, é o educador por excelência, o mestre dos mestres” (Fazendo Escola, 1995, p. 3). Na ocasião, ela recorreu a alguns biógrafos para apresentar ao público uma síntese da vida e obra daquele que, em suas palavras, é

inquestionavelmente “um dos mais criativos intelectuais de nosso tempo” (Fazendo Escola, 1995, p. 4).

Posteriormente, em uma nota publicada no dia 24 de novembro de 1995, na edição n.º 7.042 do Jornal da Manhã, destacou-se a opinião de Paulo Freire sobre o evento realizado, além de mencionar a possibilidade de seu retorno à cidade. “A educação em Uberaba está organicamente bem estruturada, e política e pedagogicamente comprometida corretamente com a direção certa” (Jornal de Uberaba, 1995, n.p.). Essa foi a opinião do educador Paulo Freire, quando de sua vinda a Uberaba, no último dia 17, ocasião em que proferiu palestra sobre: “Educação: Compromisso e Ética”. Paulo Freire elogiou a estrutura organizacional da Secretaria Municipal de Educação, voltando-se também os trabalhos desenvolvidos em Uberaba. O entusiasmo por Uberaba foi tão grande que Paulo Freire prometeu voltar à cidade antes do término desta gestão, a pretexto de retomar a discussão iniciada no máximo até o início do segundo semestre de 1996. Com relação a Luiz Guaritá Neto, Paulo Freire disse: “O compromisso dele com a educação; é tão grande que chega a contagiar a gente” (Jornal de Uberaba, 1995, n.p.).

Em agradecimento ao recebimento do Título de Cidadão Uberabense, Paulo Freire (1995) fez o seguinte pronunciamento:

> Talvez eu devesse dizer, principalmente aos mais novos: essas festas e homenagens me agradam. Quando uma pessoa diz que uma homenagem como essa não a toca, ou é doente, ou mentirosa.
> Eu recebo a homenagem com muita satisfação e o direito que tenho de ficar alegre.
> A melhor coisa que um intelectual pode receber é ser homenageado na vida.
> É preciso que quem recebe homenagem esteja absolutamente lúcido ou pelo menos disposto à lucidez. A festa que ela recebe, como reconhecimento dos outros, exige da pessoa um compromisso ético profissional, que é o compromisso da coerência.
> A pessoa homenageada tem que se perguntar: o que eu fiz, será que estou fazendo ainda para receber essa homenagem? E a pergunta principal: o que terei que fazer ainda, para que a festa de hoje continue sendo válida daqui a cinco anos, dez anos...
> Cada vez que eu recebo uma homenagem assim eu me sinto profundamente desafiado para continuar trabalhando na mesma direção.
> Essas festas me fazem ainda mais responsável.
> Eu não sou um mal-amado, eu sou um bem-amado, por isso gosto de noite de luar.
> Há intelectuais que têm que ser tão intelectuais, tão rígidos que querem acabar com a lua.
> Eu não sou nada disso, sou um sujeito terra a terra e gosto de noite de lua.
> Aos 74 anos eu repito formas de pensar que são dos 20 anos; cada vez me radicalizo.
> Eu não posso dizer simplesmente muito obrigado; eu preciso entender melhor o significado da festa (Fazendo Escola, 1995, p. 39).

A fala de Paulo Freire (1995) ao receber o título de cidadão uberabense evidencia sua ética e humanidade como educador e intelectual, reconhecendo o impacto das homenagens, rejeitando a falsa humildade e destacando o valor do reconhecimento em vida como base do diálogo e da valorização mútua. Freire considera que as homenagens representam um desafio

ético e profissional contínuo, exigindo coerência e renovação do compromisso com os ideais que as inspiraram, assim, ao criticar o elitismo intelectual, ele reafirma sua simplicidade e apreço pelas belezas cotidianas, como a “noite de luar”, simbolizando sua conexão com a vida concreta. Ao final, reforça que os agradecimentos devem ser acompanhados de uma reflexão profunda sobre o significado das homenagens, celebrando-as enquanto reafirma a responsabilidade de seguir transformando o mundo.

As comemorações se estenderam em um almoço animado, relatado por Dedê Prais (1995) com entusiasmo no álbum:

> Na chácara linda e aconchegante da “família Abud” nos encontramos para o almoço. Todos queriam registrar que estiveram pertinho do Prof. Paulo Freire e da querida Nita. Que luta! Click das fotos, papos descontraídos, saborosa comida, apresentações artísticas, enfim um super almoço com “pessoas super” (Dedê Prais, 1995).

Ao lado do registro escrito, Paulo Freire aparece em duas imagens: em uma, está ao lado de Dedê Prais; na outra, ao lado de sua esposa, Nita. Em ambas, ele está cercado por membros da equipe da Secretaria de Educação, refletindo o caráter coletivo e afetuoso das comemorações.

Figura 30 - Momento de Confraternização: Encontro com Paulo Freire e profissionais da educação na chácara da Família Abud

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1995).

A troca enriquecedora de experiências e a alegria compartilhada foram celebradas por meio de fotos, diálogos e apresentações artísticas, que criaram um ambiente acolhedor e repleto de simbolismo. Esse clima refletiu a contínua luta e transformação na educação, evidenciando o valor do trabalho coletivo e da vivência compartilhada.

Mais tarde, as comemorações seguiram para a residência de Márcio Salge, então diretor do Departamento de Programas e Projetos Especiais, onde um jantar acolhedor foi preparado para dar continuidade à reunião do encontro com Paulo Freire. Esse momento íntimo e caloroso foi descrito por Dedê Prais (1995), que, com palavras simples, mas cheias de afeto, relatou a experiência de compartilhar aquele instante especial com o grande educador. “Anoiteceu... No “Pratinho Chinês” (nome da casa do Márcio), cantinho especial para comemorarmos a alegria que uma salada refrescante e uma saborosa macarronada para abrilhantar um encontro de muito calor humano”, escreveu ela, destacando a simplicidade e a calorosidade do encontro, no qual a comida se transformou em um símbolo de acolhimento que ultrapassa a amizade e a educação.

Esse momento de partilha remete à concepção freiriana de que o diálogo exige a presença autêntica entre os sujeitos, sustentada por humildade e abertura para o outro. Como afirma Freire (1987, p. 81): “Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade”. O gesto de sentar-se à mesa, nesse contexto, ganha força simbólica, revelando-se como prática pedagógica em que a convivência se torna meio de construção coletiva do saber.

As fotos registradas naquele momento capturaram a convivência entre Freire, Dedê, Dona Nita e os outros convidados, criando um quadro de familiaridade e respeito mútuo. Ao lado das imagens do grupo reunido dentro e na fachada da casa, essas lembranças demonstram como a educação de Freire ultrapassava as fronteiras das salas de aula e se enraizava nas relações humanas e afetivas, formando um laço de comunhão entre os participantes do encontro. Esse ambiente de calor humano e troca afetuosa reflete a visão de Freire sobre a educação como um processo que vai além do discurso teórico, envolvendo também os aspectos emocionais e sociais, fundamentais para o verdadeiro aprendizado.

Nas palavras do próprio Freire (1996, p. 109): “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. Essa afirmação sintetiza a essência da educação freiriana, em que o afeto, a esperança e a beleza do encontro são partes inseparáveis do ato de educar.

Figura 31 - Encontro Especial na casa de Márcio Salge: Celebração com Paulo Freire e Dona Nita

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1995).

Para encerrar a sequência de eventos comemorativos, Dedê Prais (1995) ofereceu um café da tarde em seu apartamento ao casal e escreveu: “Chegou domingo... Em ritmo rápido e gostoso Paulo Freire e Nita lancharam no “AP” da Dedê antes da decolagem. A alegria e já a saudade desse período marcante bateram forte no coração de cada um”.

Uma frase marcante de Paulo Freire encerra o álbum composto por 74 fotografias, simbolizando a essência do compromisso com a educação e a transformação social: “Eu só espero na medida em que comece a busca, pois é impossível buscar sem esperança. Uma educação sem esperança não é educação”. A citação, extraída do livro “Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido” (1992), reflete a crença de Freire na esperança como força motriz para a ação e o aprendizado. A passagem não apenas conclui o álbum, mas também serve como inspiração, registrando que todo ato educativo é permeado pela possibilidade de mudança e pela confiança na capacidade humana de construir um futuro melhor.

Dedê Prais (1995) encerrou os registros com palavras que expressam profundo carinho e admiração pelo casal: “A gente já recomeçou a busca... Esperamos por vocês com muito carinho, professor Paulo Freire e Nita, em nossa cidade. 19.11.95”. O lembrete, registrado ao final, não reflete apenas o vínculo afetuoso entre Dedê, Paulo Freire e Nita, mas também simboliza o espírito de acolhimento e o compromisso coletivo com a educação transformadora. As palavras de Dedê Prais reforçam a ideia de que cada fotografia do álbum é um testemunho vivo do processo contínuo de busca por conhecimento, justiça e emancipação, perpetuando o legado de esperança e solidariedade.

Figura 32 - Encontro de domingo com Paulo Freire: despedida de um amigo

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1995).

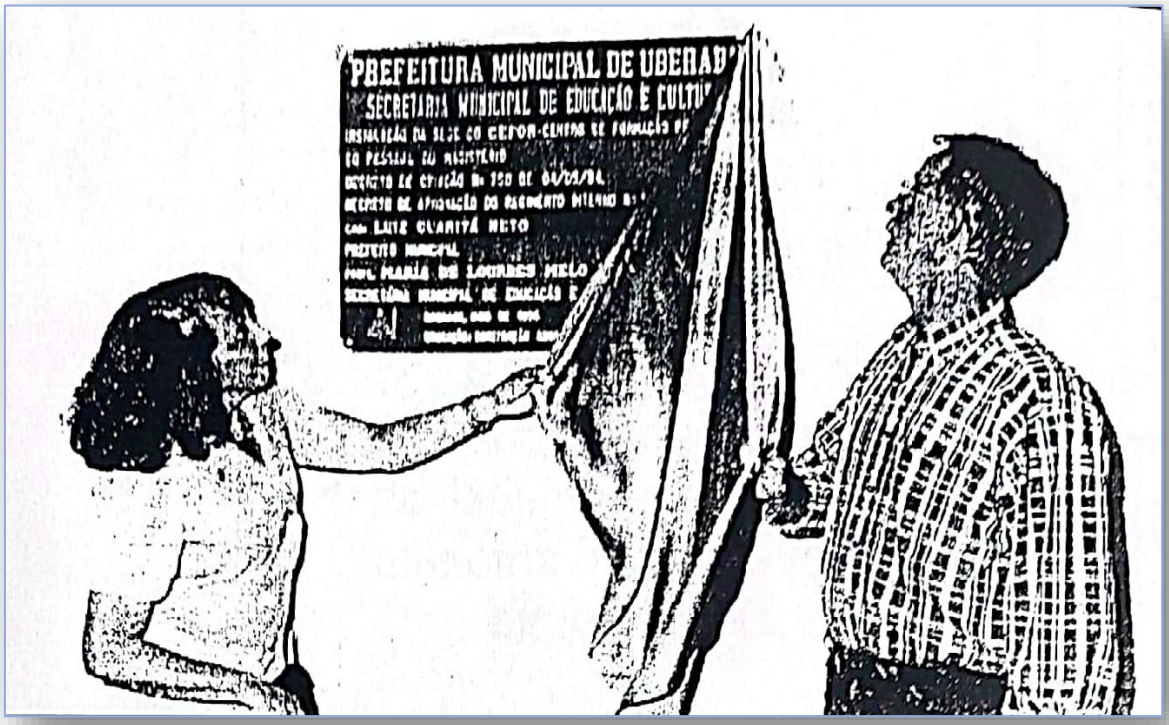
Outro momento importante de sua gestão como Secretária da Educação, no governo Luiz Guaritá Neto, ocorreu por ocasião da inauguração das instalações do Centro de Formação Permanente (CEFOR) (que mais tarde receberia seu nome), sobre o qual se posicionou:

> A inauguração das instalações do CEFOR é um sonho que vejo realizado. Quando aceitei participar do governo do prefeito Luiz Neto tinha dois propósitos: o CEFOR e a FEU. O prefeito "amigo da Educação" viabilizou esses dois projetos, cujos resultados positivos estão refletindo na população (Jornal da Manhã, 1996, n.p.).

O CEFOR foi criado com o objetivo de promover a formação permanente de professores e garantir a qualidade do ensino municipal, motivado pela necessidade urgente de melhorar a situação da escola pública e de assegurar o sucesso dos alunos, atendendo educadores das redes municipal, estadual e particular de Uberaba e região. Com um espaço acessível e disponível em diversos horários, o CEFOR se tornou um local central para a capacitação de professores, oferecendo cursos de pós-graduação e diversas atividades educacionais. Incentivos financeiros, como uma gratificação de 5% sobre o salário para professores efetivamente participantes, por meio da Lei n.º 5.504, de 27 de janeiro de 1995, ajudaram a fomentar a qualificação contínua. O CEFOR se destacou como um espaço dinâmico e colaborativo, focado na busca de soluções para os desafios educacionais e na promoção da qualidade e equidade na educação. Cursos, encontros, círculos de estudos, trocas de experiências na busca coletiva de soluções para problemas que afetam a educação passaram a acontecer de forma sistemática e permanente no CEFOR, que tem procurado ser sempre um espaço em construção, cuja razão de ser é a presença e participação dos educadores (Vieira, 2003, p. 109-110).

Além disso, o CEFOR foi construído como um exemplo de gestão participativa, no qual os professores, ao se envolverem em atividades oferecidas, não apenas aprimoraram suas competências, mas também contribuíram para o aprimoramento da própria instituição. A ideia de formação permanente foi entendida não apenas como uma forma de atualização profissional, mas como um meio de fortalecer a identidade do educador e sua capacidade de reflexão crítica sobre a prática pedagógica. Dessa maneira, o CEFOR foi muito mais do que um centro de formação: tornou-se um ponto de convergência para a construção de um novo modelo educacional, mais inclusivo e comprometido com as necessidades reais das escolas e dos alunos da região. A troca constante entre educadores de diferentes redes de ensino permitiu que o CEFOR fosse também um laboratório de experimentação de novas metodologias e práticas pedagógicas, tornando-se um espaço de transformação contínua e inovação na educação.

Figura 33 - Dedê Prais com o prefeito de Uberaba Luiz Neto, descerrando a placa de criação do Centro de Formação de Professores (CEFOR)



Fonte: Arquivo Público de Uberaba (1996).

O desenvolvimento da educação em Uberaba, durante a década de 1990, foi marcado por iniciativas que buscavam não apenas a melhoria da qualidade do ensino, mas também a democratização da gestão escolar e a universalização do atendimento. Nesse contexto, a Secretaria Municipal de Educação, liderada por Maria de Lourdes Melo Prais, desempenhou um papel fundamental ao estabelecer parcerias estratégicas e ao promover políticas inovadoras que impactaram diretamente o Ensino Fundamental. O Convênio de Cooperação Mútua entre o Estado e o Município, implementado no início de sua gestão, exemplifica essa atitude para com as ações articuladas que visavam a corresponsabilidade entre as redes de ensino e a qualificação de professores e alunos, como constataremos a seguir em texto assinado por ela, publicado no Jornal da Manhã, em 14 de janeiro de 1996, edição n.º 24.379, abaixo transcrito:

> **O Ensino Fundamental no Brasil e em Uberaba**
> Com esta preocupação, constitui estratégia da mais alta relevância, o Convênio de Cooperação Mútua, celebrado entre Secretaria de Estado da Educação e Prefeitura Municipal de Uberaba, no início desta gestão, visando implementar ações de corresponsabilidade na gestão da oferta de Educação Básica de qualidade para todos. O convênio, entendido como troca de experiência, com multiplicação de resultados, representa, sem dúvida, a ultrapassagem da fossilizante e corporativa separação do campo de atuação das Redes de Ensino Estadual e Municipal e privilegia os reais interesses da circulação administrativa, estadual ou municipal.

> Deste convênio, advieram os seguintes resultados práticos e positivos:
> 1 - Em termos de melhoria de qualidade de ensino:
> a) Oferta de programas de aperfeiçoamento, atualização, qualificação de educadores de ambas as redes, num total de 47 cursos, 4.840 horas, atingindo 4.649 participantes, durante os anos de 93 a 95, nas seguintes modalidades:
> • Ciclos de formação permanente para discussão da prática pedagógica;
> • Cursos de pós-graduação *lato sensu* (360 horas), em 8 diferentes áreas de conhecimento.
> b) Homogeneização do trabalho pedagógico das escolas públicas através da adoção de propostas curriculares equivalentes na sua essência.
> c) Implementação de uma cultura avaliativa do desempenho acadêmico de Escolas da Rede Pública Estadual e Municipal, através da aplicação de testes de conhecimento para avaliação dos aspectos que influenciam a aprendizagem escolar, em diferentes séries.
> d) Cessão de servidores de uma para outra rede sob a forma de adjunção e disposição.
> e) Realização conjunta de eventos pedagógicos, tais como:
> • AMAE/93.
> • Congresso Nacional de Educação - ANE/93.
> • Encontro Regional de Educadores do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba/95.
> • Aulas inaugurais - 1993, 1994 e 1995.
> • Celebração do Pacto de Uberaba pela Educação de Qualidade para Todos/94.
> • Criação da Faculdade de Educação para formação continuada e habilitação dos docentes - 95.
> 2 - Em termos da universalização do atendimento escolar:
> O atendimento de 100% da clientela estudantil do Ensino Fundamental Completo e Pré-Escolar, e 75% de sua clientela de Ensino Médio.
> Num total de 56.716 alunos da Rede Pública de Ensino Básico de Uberaba, 38.792 alunos são atendidos pela Rede Estadual, e 18.000 alunos pela Rede Municipal, ou seja, enquanto a Rede Estadual atende 68% dos alunos da Educação Básica, a Rede Municipal atende 32%. Resta salientar, entretanto, que o crescimento da Rede Municipal de Ensino na última gestão (a partir de 93) é, até a presente data, é da ordem de 40%. Do atendimento de 12.825 alunos, em 1992, a Rede Municipal passou a atender 18.000 em 1995.
> 3 - Em termos de democratização da gestão, destaca-se como mecanismo de conquista da autonomia escolar, a ação, pelo município, do critério de seleção competitiva interna, para escolha de Diretor de Escola, utilizando a experiência desenvolvida pelo Estado.
> O Processo de Cooperação Mútua se fortalece e se enriquece ao abrir espaço a outras parcerias, tais como: Universidades Estaduais e Federais e a iniciativa privada e, em especial, com a União, através dos Programas de Atendimento Escolar do Ministério da Educação. Dentre estes, destaca-se o Programa de Municipalização da Merenda Escolar que se mostrou capaz de, em reduzindo custos, oferecer uma merenda quantitativa e qualitativamente superior.
> Os resultados práticos e positivos dessa parceria demonstram a efetividade do Programa de Cooperação Mútua, que ao promover a integração Estado e Município, somando esforços e investimentos e dividindo melhor as responsabilidades, possibilitou uma melhor utilização da capacidade física instalada e a otimização das verbas aplicadas, bem como um desenvolvimento de uma educação mais qualitativa e equânime.
> Mais que um compromisso de governo, esse Programa precisa ser compreendido e assumido como meta da sociedade que vê na educação o caminho de construção da cidadania (*) Secretaria Municipal de Educação e Cultura/Uberaba (Jornal da Manhã, 1996, p. 3).

O texto “O Ensino Fundamental no Brasil e em Uberaba”, de autoria de Dedê Prais (1996), detalha as iniciativas implementadas pela Secretaria Municipal de Educação de Uberaba em parceria com a Secretaria de Estado da Educação, sempre refletindo seu

alinhamento com o ideário freiriano, uma vez que as ações visavam promover uma educação mais democrática, participativa e voltada para a emancipação dos sujeitos.

O convênio de cooperação mútua entre as redes estadual e municipal exemplifica a visão de Freire de que a educação deve ser um ato coletivo e dialógico. Em seu trabalho "Educação como Prática da Liberdade" (1967), Freire argumenta que a educação não deve ser isolada, mas sim um processo interativo que envolve a colaboração entre diferentes partes para criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz. A troca de experiências e a multiplicação de resultados especificados no texto são evidências desse compromisso com uma abordagem educacional colaborativa e democrática, fundamental na filosofia freiriana.

A democratização da gestão escolar, destacada pelo processo competitivo para a seleção de diretores, também reflete as ideias de Freire, explicitadas em "Pedagogia da Autonomia" (1996). Freire defende que a gestão escolar deve envolver educadores, alunos e a comunidade, promovendo uma administração mais transparente e participativa. A prática de eleger diretores com base em mérito sugere um esforço para democratizar as decisões e práticas escolares, alinhando-se à visão freiriana de uma escola que realmente serve à comunidade.

O texto também evidencia um forte compromisso com a emancipação e a libertação dos oprimidos, princípios centrais em "Pedagogia do Oprimido" (1968). O foco na melhoria da qualidade do ensino, na universalização do atendimento escolar e na formação contínua dos educadores demonstra uma preocupação com a formação de profissionais críticos e reflexivos, que sejam capazes de transformar suas práticas pedagógicas e contribuir para uma educação libertadora.

A integração e a cooperação, exemplificadas pelas parcerias com universidades, com a iniciativa privada e com programas federais, ilustram a visão de Freire de que a educação justa, solidária e equitativa exige a articulação de diversas forças sociais e políticas. O Programa de Cooperação Mútua destacou-se por fomentar parcerias e implementar iniciativas como o Programa de Municipalização da Merenda Escolar, que não apenas reduziu custos, mas também elevou a qualidade nutricional oferecida aos alunos. Essa iniciativa reflete o pensamento freiriano de que a educação deve ser um esforço coletivo que transcende os limites da sala de aula, envolvendo toda a sociedade.

Os dados numéricos do período de 1993 a 1995 reforçam a eficácia dessas iniciativas. A qualificação de educadores contou com 47 cursos e 4.840 horas de formação, a inclusão de 100% dos alunos do Ensino Fundamental Completo e da Pré-Escola (atual Educação Infantil),

e o expressivo aumento de 40% na Rede Municipal, evidenciam o impacto positivo das ações empreendidas.

As ações adotadas, descritas no "Relatório de Atividades da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Período: 1993-1995" (Anexo J), juntamente com os dados apresentados no texto acima, confirmam um grande esforço para integrar os princípios da pedagogia freiriana e para promover uma educação mais democrática, colaborativa e com vista à emancipação dos educandos. Ademais, o trabalho realizado por Dedê Prais à frente da Secretaria de Educação de Uberaba demonstra um firme compromisso com a educação como instrumento de transformação social e construção da cidadania a partir do estabelecimento de metas, consubstanciadas e unificadas num tríplice programa dinâmico e interdependente de construção da prática educativa (Uberaba, 1995, p. 1):

- Melhoria da Qualidade de Ensino;
- Universalização do Acesso;
- Democratização da Gestão.

Dedê Prais, reconhecida por sua ampla rede de contatos no cenário educacional nacional, utilizou essa vantagem para enriquecer significativamente o ambiente educacional de Uberaba. Além de Paulo Freire, ela trouxe à cidade figuras eminentes que contribuíram para a elevação do padrão de qualidade do ensino local. O item "1.13 – Encontro com Educadores de Renome Nacional", presente na meta de "Melhoria da Qualidade de Ensino", destaca nove personalidades relevantes com as quais Dedê manteve contato ou convidou para vir a Uberaba (Uberaba, 1995, p. 2).

Em contato recente, Dedê Prais (2024) revisitou essa lista, enfatizando que a presença desses especialistas[50] não apenas reforçou o compromisso de sua gestão com a educação, mas também consolidou Uberaba como um polo de inovação educacional. A relação desses renomados profissionais foi cuidadosamente reconstituída por ela, conforme sua ordem de lembrança, destacando a relevância de suas contribuições para o contexto local:

> - Paulo Freire;
> - Rubem Alves;
> - Neidson Rodrigues;
> - José Eustáquio Romão;
> - Agnella da Silva Giusta;
> - Lenita Ferreira de Oliveira;
> - Evaldo Amaro Vieira;
> - Maria Terezinha de Souza Pádua;

[50] Dedê Prais (2025) apresentou-nos um álbum de fotografias cuidadosamente organizado, reunindo imagens ao lado de todas as personalidades mencionadas na lista, demonstrando a profundidade de sua trajetória e a relevância de suas conexões ao longo dos anos.

- Glaura Vasques de Miranda;
- João Batista dos Mares Guia;
- Guiomar Nano de Mello;
- João Antônio Cabral de Monlevade;
- Zaia Brandão;
- Gaudêncio Frigotto;
- Ubiratan D'Ambrosio;
- Carlos Brandão;
- Esther Grossi;
- Marília Sidney de Souza Mendonça;
- Mário Ramos Vilela;
- Magda Soares;
- Maria Inês Castanha de Queiroz;
- Moacir Gadotti;
- Genuíno Bordinon;
- Claudia Davis;
- Ricardo Azevedo;
- Sônia Junqueira;
- Celso Sisto;
- Ziraldo.

Dentre as personalidades listadas por Dedê Prais, entramos em contato com o professor e político João Batista Mares Guia, que desempenhou um papel importante em Uberaba, realizando uma consultoria colaborativa de dois anos junto à Secretaria Municipal de Educação e às escolas da rede municipal de ensino. Ao ser nomeado secretário de Estado da Educação de Minas Gerais, no início de 1997, Mares Guia (2025) revelou que a única pessoa que ele queria como secretária adjunta era Dedê Prais, no entanto, devido a questões familiares, Dedê Prais não pôde aceitar o convite:

> Quando o governador Eduardo Azeredo me nomeou secretário de Estado da Educação de Minas Gerais, logo no início de 1997, a única pessoa que eu queria como a minha secretária adjunta era Dedê Prais, porque Dedê Prais tinha feito um excepcional trabalho à frente da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, e esse trabalho era bastante conhecido no ambiente da educação básica pública no estado de Minas Gerais. E eu a queria como a secretária adjunta, com a responsabilidade de compartilhar comigo toda a coordenação pedagógica da Secretaria de Estado de Educação.
> Inclusive, tendo um papel relevante na organização dos programas de formação de gestores e de professores, que nós chamamos de PROCAP e de PROCAD, que ficaram famosos.
> Na ocasião, a irmã da Dedê estava com uma doença muito grave, terminal. Isso, então, impossibilitou a Dedê de acolher o meu convite. Então, eu perdi a inestimável contribuição dela por uma razão humana perfeitamente compreensível.
> Após, eu iniciei o meu trabalho profissional como consultor em educação básica. E já entrando no século XXI, eu tive a oportunidade de ser convidado pelo prefeito e o secretário de educação de Uberaba para prestar um serviço de consultoria àquela enorme rede de ensino. Eu coloquei para o prefeito e para o secretário que julgava indispensável trazer para dentro da rede municipal o legado deixado pela Dedê e nada melhor, portanto, do que trazer a própria Dedê como membro da minha equipe de consultoria.
> Nós fizemos um projeto de consultoria em educação memorável, exemplar, magnífico. Nós organizamos em toda a rede a elaboração na forma de pesquisa autoral com a participação das escolas, do projeto político pedagógico de escola, com diagnóstico, planejamento estratégico situacional, currículo em ação, tudo.

> Organizamos a formação de diretores, a formação de coordenadores pedagógicos, a formação de professores e fazíamos monitoramento de processo, visitando as escolas para observar os impactos do nosso trabalho na escola. Como estavam chegando, com que qualidade estavam chegando, que consequências estavam produzindo.
> Introduzimos meta bimestral por sala de aula, meta de leitura, meta de escrita, metas para IDEB e Prova Brasil e formação continuada. Foi um trabalho memorável, a quatro mãos, autoral. Impossível um trabalho de consultoria mais eficaz, mais proeminente do que esse, que juntos nós realizamos e eu tive esse privilégio de conviver dois anos, mês a mês, três dias por mês em Uberaba com a Dedê Prais e a Dedê Prais também era o nome que nós queríamos para Conselho Estadual de Educação pelas credenciais dela, não é nenhuma homenagem, nenhum louvor, nenhum favor a ela, pelas credenciais dela que são muito conhecidas tanto na esfera acadêmica como na esfera de gestora pública, além de ser uma personalidade humanista, grandiosa, comprometida com os valores humanitários de justiça social, de verdade e de compromisso com a educação.
> Essa é a Dedê Prais de quem eu tenho enorme saudade e em breve estarei em Uberaba para rever a minha amiga fraterna (Mares Guia, 2025).

Dedê Prais é descrita por Mares Guia (2025) como uma personalidade humanista, grandiosa, comprometida com valores de justiça social, verdade e educação. Segundo ele, sua dedicação à educação e seu legado são vistos como indispensáveis para a melhoria da rede de ensino de Uberaba, tornando-a uma figura com credenciais acadêmicas e de gestão pública amplamente respeitadas. Em conversa posterior, Mares Guia (2025) revelou que, em 1997, ao perceber que Dedê não poderia aceitar o cargo que lhe fora oferecido, propôs que ela ministrasse um curso para todos os Secretários Municipais de Educação do Estado de Minas Gerais e integrasse o Conselho Estadual de Educação (CEE-MG), funções que Dedê Prais assumiu e desempenhou com o esmero e a dedicação que sempre marcaram sua trajetória.

Ainda sobre essas personalidades, destacamos também o renomado autor e educador Rubem Alves, cuja participação no Encontro com Educadores no ano de 1996, promovido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), atraiu um público que lotou o Centro de Convenções da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM). Sua presença simboliza a relevância da gestão de Dedê Prais na consolidação de uma rede educacional pautada pela qualidade e pelo prestígio. O evento foi noticiado pelo Jornal da Manhã, edição n.º 7.125, publicado em 09 de março de 1996. Em conferência intitulada “Educação – Profissão, Prazer”, ele disse que em relação aos programas voltados para o setor educacional:

> Existe muita coisa bonita sendo feita. Acontece que essas coisas bonitas estão sufocadas. No desenrolar do tempo, na sociedade, a gente vai criando prisões, gaiolas. Coisas muito pesadas, que dificilmente são transformadas. De modo que, frequentemente, os professores têm ideias, querem fazer coisas inovadoras, mas estão sufocados pela inércia dos diretores, pelo peso das burocracias e das leis (Jornal da Manhã ,1996, n.p.).

A fala de Rubem Alves (1996) na conferência de abertura do Encontro de Educadores reflete uma crítica às dificuldades encontradas por educadores para implementar inovações no

ambiente escolar, devido ao peso da burocracia e à inércia administrativa. Esse sentimento de frustração e de limitação que ele descreve pode ser contrastado com a postura de Dedê Prais, que, como secretária de educação de Uberaba, demonstrou uma capacidade de transformar desafios em oportunidades, criando espaços como o CEFOR, que visava justamente romper com essas "prisões" mencionadas por Rubem Alves. Além disso, Dedê Prais, em sua gestão, buscou superar essas barreiras institucionais ao incentivar a formação contínua dos professores e ao promover projetos que visavam a melhoria da qualidade do ensino. Ela acreditava que, com apoio adequado e oportunidades de desenvolvimento, os professores poderiam ultrapassar as limitações impostas pelo sistema e criar um ambiente educativo mais dinâmico e eficaz. Assim, enquanto Rubem Alves lamentava as dificuldades estruturais enfrentadas por educadores, Dedê Prais trabalhou para superá-las, mostrando que é possível realizar "coisas bonitas" na educação quando se tem liderança e visão comprometidas com a inovação e o desenvolvimento contínuo.

A experiência educacional da Rede Municipal de Uberaba alcançou reconhecimento e projeção em outros estados, divulgando o trabalho da Secretária Maria de Lourdes Melo Prais. Sua atuação, fora dos limites municipais, foi destacada na revista Fazendo Escola, que registrou convites recebidos para compartilhar essas iniciativas em diversas ocasiões:

> . Mato Grosso - Cuiabá - em 31 de outubro de 1993:
> Seminário: "Gestão Democrática: uma proposta para Cuiabá", promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá.
> . Distrito Federal - Brasília - no período de 27 a 29 de abril de 1994:
> "5º Fórum Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação", promovido pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação.
> . São Paulo - Capital - em 14 de julho de 1994:
> "Colóquio: Alternativas de Gestão da Escola Fundamental", lançado pelo Instituto Paulo Freire.
> . Santa Catarina - Blumenau - no período de 03 a 05 de agosto de 1994:
> "Simpósio Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente", criado pelo Ministério de Educação e Desporto.
> . Distrito Federal - Brasília - no período de 27 a 29 de novembro de 1994:
> "O Plano Municipal de Educação de Uberaba" no Seminário de Políticas de Educação Básica, promovido pelo Ministério de Educação e Desporto.
> . Minas Gerais - Belo Horizonte - no período de 08 a 10 de março de 1995:
> "IX Congresso Estadual da UNDIME", promovido pela União de Dirigentes Municipais - Seção MG.
> . São Paulo - Capital - em 21 de maio de 1996:
> Curso de Pós-Graduação da PUC: "Políticas Públicas em Educação", a convite do coordenador do programa, Prof. Paulo Freire (Fazendo Escola, 1995, p. 22).

As participações da Secretaria de Educação de Uberaba, sob a liderança de Dedê Prais, em diversos eventos nacionais, refletem o reconhecimento da excelência e da inovação na gestão educacional do município. Os convites para compartilhar a experiência local em seminários e fóruns evidenciaram seu compromisso com a educação pública, a valorização da

gestão democrática e o alinhamento com os princípios emancipadores de Paulo Freire. Ao contribuir em debates sobre políticas educacionais participativas e marcar presença em iniciativas acadêmicas de renome, Uberaba consolida sua posição como referência em gestão educacional, reafirmando seu compromisso com a construção de uma educação pública transformadora e de qualidade.

É sabido que, durante sua gestão à frente da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, Maria de Lourdes Melo Prais, promoveu uma série de iniciativas que marcaram a história educacional da cidade. Ao refletir sobre sua gestão durante o governo do prefeito Luiz Guaritá Neto (1993-1996), Dedê Prais (2024) nos declarou:

> A tônica original proposta denominada "Construção Amorosa da Cidadania" residiu no fato de se procurar unir razão e sensibilidade na construção de uma escola competente, humana, autônoma, de qualidade para todos e, sobretudo, feliz. Enfatizando o rigor científico que o trabalho educativo demanda, a proposta procurou investir, também, na sua ressignificação política e poética, ou seja, além do investimento na formação cognitiva-intelectual dos alunos a "Construção Amorosa da Cidadania" propiciou uma formação ética, estética, política, artística e moral. Por exemplo, ao lado da definição de uma Filosofia de Educação, para garantir uma linha única de trabalho nas escolas, da elaboração de Propostas Curriculares, da construção dos Projetos Político-Pedagógicos, da implementação do Regime de Ciclos, do fortalecimento da Gestão Democrática, e da ressignificação de todo o trabalho escolar foram implementados vários projetos de enriquecimento curricular, visando ampliar o compromisso da escola, para além dos conteúdos disciplinares, dentre os quais destaco:
> • Leitura em questão;
> • Fedespu (Festival de Declamação de Poesia);
> • Fluistória (Grupo de Contação de História);
> • Tremeu (Grupo de Teatro);
> • Lixomania.
> Além disso, visando resguardar a coerência com a proposta, foi criado o Centro de Formação Permanente – CEFOR – visando a formação continuada dos educadores e implementada a cultura da realização de Encontros Anuais de Educadores garantindo a eles "a prática de avaliar permanentemente a sua prática". Reforçando este propósito foram também oferecidos 11 Cursos de Pós-Graduação *lato sensu* e criada a Faculdade de Educação (FEU).
> Paralelamente, como subsídio ao trabalho docente, foram oferecidas, em regime sistemático, várias publicações de natureza pedagógica: o jornal "Nova Dimensão", a revista "Fazendo Escola", os "Escritos Alternativos", o Informativo "Lex", os "Cadernos da Escola Cidadã" e até mesmo um livro de Educação Ambiental: "Lendo e recriando o verde". Ao lado dessas publicações foi criada a biblioteca do professor e o projeto "TV Escola".
> Neste trabalho o educador foi sempre respeitado como o principal agente do fazer educativo, procurando assegurar o desempenho acadêmico desejável de seus alunos e sua inserção, na sociedade, como cidadãos de direitos e deveres. Todo o trabalho foi desenvolvido com coerência e consistência porque pautado numa única linha de orientação. Este aspecto, em particular, me traz enorme satisfação quando constato que um dos fatores apontado por Martin Carnoy[51] em seu livro "A vantagem acadêmica de Cuba": demonstrando porque os alunos de Cuba vão melhor na escola, comparativamente, aos alunos do Chile e do Brasil, é justamente a questão da unidade

[51] Martin Carnoy é um economista americano professor de Educação na Universidade Stanford.

> do trabalho docente existente em Cuba. Isto nos indica que estávamos no caminho certo (Dedê Prais, 2024).

A fala de Dedê Prais (2024) destaca uma gestão educacional inovadora, centrada na proposta "Construção Amorosa da Cidadania", que buscava unir razão e sensibilidade na criação de uma escola competente, humana e inclusiva. Sua abordagem enfatizou a formação integral dos alunos, indo além do desenvolvimento cognitivo-intelectual, com foco também na formação ética, estética, política e moral. Dentre as principais ações, destacam-se a implementação de projetos que ampliaram a função social da escola e a criação do CEFOR e da FEU, além da oferta de cursos de pós-graduação para a formação contínua dos educadores. Essas iniciativas, alinhadas à valorização dos educadores como agentes centrais do processo educativo, tiveram como base uma gestão coerente, inspirada na unidade de trabalho docente observada no modelo cubano, indicando, segundo ela, que estavam no caminho certo.

Os Cadernos da Escola Cidadã, elaborados em parceria com Maria Élida Silva, Chefe da Seção de Pesquisa Institucional durante a segunda gestão de Dedê Prais, nos anos de 1999 (1 exemplar) e 2000 (14 exemplares), foram concebidos como instrumentos norteadores para a prática educacional no município. Esses materiais refletiram seu compromisso em oferecer diretrizes pedagógicas claras e alinhadas às necessidades da rede municipal de ensino, destacando ações prioritárias assumidas pelo plano de gestão, como a melhoria da qualidade da educação, a democratização da gestão educacional, a universalização do acesso à escola, a integração e o fortalecimento da infraestrutura escolar. A capa, ilustrada por um conjunto de mãos, simboliza a valorização da diversidade, reafirmando os princípios inclusivos da proposta. Cuidadosamente encadernados e arquivados por Dedê Prais, os cadernos são não só um registro relacionado à memória da Escola Cidadã, como também um símbolo representativo de sua gestão transformadora.

O depoimento de Maria Élida Silva (2025) destaca a construção coletiva dos Cadernos da Escola Cidadã, que reuniam contribuições de professores e formadores, refletindo a transição para uma gestão democrática com a eleição direta de diretores, a elaboração participativa da filosofia educacional e a formulação do Plano Municipal de Educação, todos fundamentados na pedagogia de Paulo Freire:

> Esses cadernos contavam com contribuições de toda a rede municipal de ensino. Neles, abordávamos diversos aspectos da gestão educacional, incluindo a escolha dos diretores, que passaram a ser eleitos por voto direto a partir de um acordo estabelecido entre Dedê Prais e o prefeito, substituindo as nomeações políticas anteriormente vigentes.
> Além disso, os cadernos registravam a participação dos responsáveis pelos cursos de formação, que também contribuíam com escritos. Um exemplo significativo desse

> processo foi a explicitação da filosofia da rede municipal, registrada em um dos cadernos. Essa filosofia foi construída a partir de uma pesquisa coordenada por mim, realizada com todos os professores da rede municipal. O resultado desse levantamento foi a síntese de dez itens fundamentais que compõem essa filosofia, compilados a partir das respostas mais alinhadas com a nova pedagogia orientada por Paulo Freire, referência máxima na formulação da política educacional do período.
> Com base nesse material, realizamos uma análise crítica dos modelos tradicionais de ensino, identificando elementos característicos da educação bancária e das práticas não formadoras. A partir dessa reflexão, elaboramos uma síntese e levamos a discussão para todos os segmentos da rede, organizados por área de conhecimento e nível de ensino, como Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Pessoalmente, ministrei cursos para aprofundar essa reflexão e garantir a apropriação coletiva da proposta pedagógica.
> O Plano Municipal de Educação também foi elaborado a partir desses encontros com os professores e toda a rede de ensino, sempre fundamentado nos princípios da pedagogia freiriana (Silva, 2025).

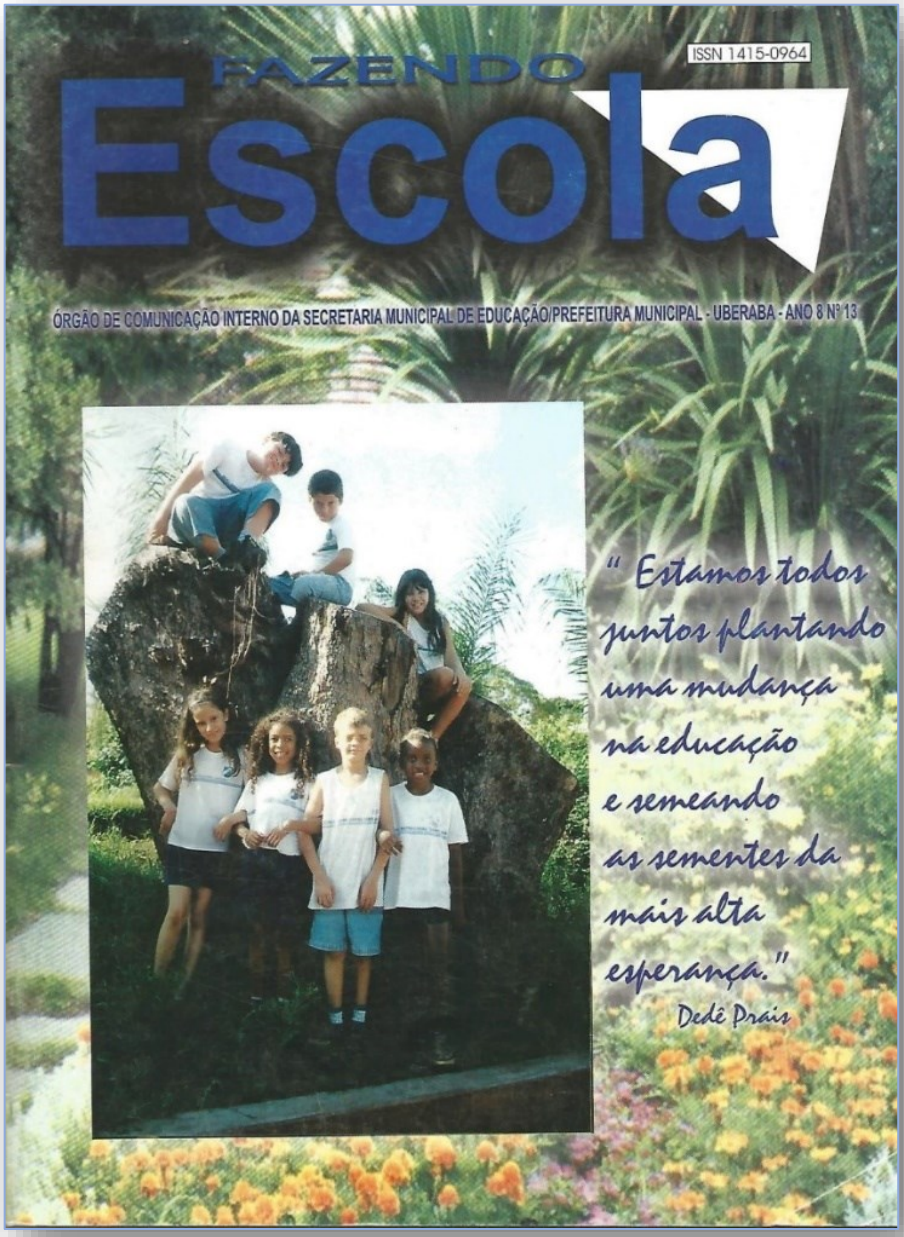
Figura 34 - Materiais Educativos sobre a Construção da Cidadania Amorosa

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1993-2000).

A Revista Fazendo Escola foi criada em 1993, durante o primeiro ano da gestão de Dedê Prais à frente da Secretaria de Educação, como um importante órgão de comunicação interna. A publicação foi mantida ao longo de suas duas gestões, resultando em 13 edições impressas. Embora as edições não indiquem com precisão o ano ou mês de publicação, sua numeração

sugere uma periodicidade anual, exceto nos anos de 1994 e 1996 que contou com duas edições cada e no último ano de governo, que contou com quatro edições consecutivas. Todas as edições foram cuidadosamente encadernadas e arquivadas por Dedê Prais, preservando um registro valioso da memória educacional do período.

Figura 35 - Capa da Edição n.º 13 da "Revista Fazendo Escola[52]: estamos todos juntos plantando uma mudança na educação e semeando as sementes da mais alta esperança" (Dedê Prais)



Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1993-2000).

[52] A capa da edição n.º 13 da Revista Fazendo Escola retrata a mesma imagem utilizada na capa do livro "Testemunho Pedagógico - Gestão Colegiada na Educação da Cidade", publicado por Maria de Lourdes Melo Prais, em 2011.

A publicação Escritos Alternativos, concebida como complemento à Revista Fazendo Escola durante a primeira gestão de Dedê Prais, teve como objetivo aprofundar a reflexão e ampliar a discussão sobre a educação municipal, oferecendo um espaço para debater ideias, delinear projetos e relatar experiências. Nas palavras editoriais, a Revista Fazendo Escola visava registrar de forma crítica e transparente os rumores reforçados pela Educação Municipal durante o período, acompanhando o processo pedagógico e cultural desencadeado na gestão. Com essa proposta, Escritos Alternativos surgiu como uma nova publicação, reunindo 23 encartes, no formato A5, que também foram cuidadosamente encadernados em capa dura e preservados com zelo por Dedê Prais, destacando seu compromisso em manter vivo esse acervo de valor educativo e histórico.

Um aspecto proeminente dessa publicação é a presença de convidados externos ao contexto educacional municipal, que foram solicitados a compartilhar suas ideias e experiências por meio de palestras, conferências ou cursos, dentre eles podemos citar: Neidson Rodrigues (ed. n.º 1 e 6), Romeu Sabará (ed. n.º 2), José Eustáquio Romão (ed. n.º 4), Lenita Ferreira de Oliveira (ed. n.º 5), Zaia Brandão e Gaudêncio Frigotto (ed. n.º 7), Ziraldo (ed. n.º 9), João Monlevade (ed. n.º 10). Essa prática evidencia a busca por novas perspectivas e o desejo de integrar contribuições externas ao desenvolvimento educacional local, enriquecendo a investigação e os projetos propostos. Escritos Alternativos configuram-se, assim, como um corpus documental relevante, refletindo o compromisso de gestão com o aprimoramento contínuo da educação e a ampliação do diálogo sobre práticas pedagógicas inovadoras.

Mais do que um registro documental, a publicação se consolida como um espaço de valorização do pensamento crítico e da construção coletiva do conhecimento. Ao reunir vozes diversas, desde educadores locais até intelectuais renomados, reafirmou o compromisso da gestão de Dedê Prais com uma educação dialógica e inovadora. Além disso, a preservação cuidadosa desse material por Dedê evidencia seu entendimento sobre a importância da memória educativa como ferramenta de reflexão e inspiração para as futuras gerações. Dessa forma, Escritos Alternativos não apenas documentaram ideias e experiências de um período transformador da educação municipal, mas também se configuram como expressão concreta da educação enquanto prática de liberdade, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e comprometidos com a cidadania democrática.

Figura 36 - Exemplares dos Escritos Alternativos

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1993-2000).

O Jornal Nova Dimensão, foi outra iniciativa da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) de Uberaba, liderada pela educadora Dedê Prais, que contou com um total de 27 edições trimestrais, também encadernadas em capa dura e preservadas por ela, demonstrando o valor desse projeto educacional. O jornal apresentou novidades, incluindo seções como o “Informativo SMEC” e “Projetos em Ação”, que traziam atualizações sobre a gestão e iniciativas em andamento. Também foram destacados textos reflexivos escritos por professores e membros da equipe da SMEC, entrevistas com especialistas em educação e um espaço dedicado à divulgação de atividades e conquistas das escolas municipais, promovendo a integração e o compartilhamento de práticas educacionais.

O editorial da primeira edição, referente ao período de janeiro a março de 1993, destacou o propósito do jornal como um espaço de troca, integração e reflexão. Aberto a educadores, a funcionários da rede municipal de ensino, e a membros da comunidade local e regional, como propósito de ser um veículo para o compartilhamento de ideias, experiências, reflexões e informações. Era, acima de tudo, um espaço livre e democrático, essencial para o fortalecimento de uma educação inclusiva e participativa, pois foi criado para ser um instrumento de democratização e fortalecimento da educação pública, trazendo consigo uma proposta inovadora e acessível, alinhada às diretrizes da gestão educacional que se estabeleceram naquele momento.

O nome “Nova Dimensão” foi escolhido democraticamente, resultado de um processo de sugestões e votação entre os membros da SMEC. O título reflete, portanto, o espírito de renovação e as aspirações, que marcaram o quadriênio 1993-1996, voltadas para a construção de uma educação dinâmica, transformadora e consistente com os ideais de mudança. Mais do que um veículo de comunicação, tornou-se um espaço para a construção coletiva e para a materialização de um projeto educacional pautado pela inclusão, participação e transformação social. Assim, o Nova Dimensão também desempenhou um papel fundamental na consolidação da educação democrática em Uberaba.

Nesse sentido, a concepção freiriana de educação como prática de liberdade encontra eco na proposta do jornal, que, ao promover o diálogo e a participação, contribui para a formação de sujeitos críticos e engajados. Como afirma Freire (1987, p. 81): “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

O impacto do Jornal Nova Dimensão transcendeu sua função informativa, consolidando-se como um marco na valorização do diálogo e da participação coletiva na educação municipal. Seu compromisso com a transparência, a troca de saberes e a valorização das práticas educacionais fortaleceu a integração dos profissionais da rede de ensino, criando um ambiente propício para a construção de uma educação mais reflexiva e colaborativa. Além de registrar e divulgar as ações de gestão, o jornal incentivou a comunidade escolar a se envolver nos debates educacionais, contribuindo para a formação de uma consciência crítica e cidadã. Dessa forma, o Jornal Nova Dimensão não apenas documentou um período significativo da história da educação em Uberaba, mas também deixou um legado duradouro de inovação, participação e compromisso com a qualidade do ensino público.

Figura 37 - Jornal Nova Dimensão

06 NOVA DIMENSÃO

INFORMATIVO SMEC

- A Secretária de Educação e Cultura, Maria de Lourdes Melo Prais, visitou todas as escolas da Rede Municipal de Ensino, dialogando com educadores, ouvindo suas expectativas e solicitações, e conhecendo de perto a realidade da Rede Municipal de Ensino Urbana e Rural.
- Trabalho de uma semana da Secretária de Educação com o pessoal da SMEC, Direção e Corpo Técnico de todas as escolas da Rede Municipal de Ensino para a apresentação da matriz analítica que preparou a montagem do Plano Global Integrado / Plano Municipal de Ensino para o quadriênio 93/96.
- Participação da pedagoga Abgail Bracarense no trabalho da Secretaria para o conhecimento das matrizes analíticas apresentadas.
- Início da montagem do Plano Municipal de Educação 93/96.
- Lançamento do Projeto "Taí o Carnaval nas Escolas Municipais".
- Sessão de lançamento do livro "Uberaba, uma Cidade entre Sete Colinas", organizada pela Seção de Projetos Alternativos da SMEC. Participação de estudantes de escolas particulares (Diocesano e Jean Christophe) e da Escola Municipal Frei Eugênio com declamações e montagens artísticas. Em clima comovente, através de poesia, música, falas sobre o livro e as autoras, Uberaba esteve em evidência. Foi oportuno o enfoque do papel da cidadania e das relações dos cidadãos com a cidade natal. A montagem da sessão artística cultural da noite de lançamento teve como material o próprio livro: "Uberaba, uma Cidade entre Sete Colinas". A sessão foi enriquecida culturalmente pelo Coral Madrigal Conta Canto do Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi, regido pela Profa. Arabilda Gomes Alves.
- Palestra do educador e filósofo Neidson Rodrigues, aberta à comunidade uberabense, sobre o tema "da utopia à realidade: o compromisso do educador na construção de uma escola democrática" e encontro específico com o pessoal da SMEC para reflexões sobre esse tema.
- Lançamento do Projeto do Plebiscito com a palestra, para a Rede Municipal de Ensino, da Profa. de História e integrante da SMEC, Mª Antonieta Borges Icpes. O tema foi: Plebiscito de 21 de abril. Reforma ou Continuismo?
- O Prof. Dontzete Calçado Fontes percorreu todas as escolas da suplência abordando questões e prestando informações sobre o tema "Plebiscito".
- XXV Congresso da AMAE. A SMEC em contatos em Belo Horizonte, com a equipe da AMAE para realização deste grande evento.
- Convênio firmado entre a UNESP e a Prefeitura Municipal de Uberaba para a implantação de projetos na área de educação ambiental - "Lendo e Recriando o Verde" é um projeto alternativo idealizado para integrar-se à proposta.
- Vários cursos foram implantados pela Seção de Capacitação Docente, atendendo necessidades levantadas pelos educadores na matriz analítica. Foram aplicados questionários por essa seção para levantamento do perfil do profissional de ensino da Rede Municipal.

HUMOR

Ziraldo no livro MARCAS NADA PATENTES, Ed. Salamandra

NOVA DIMENSÃO 07

Projetos em AÇÃO

TAÍ O CARNAVAL NAS ESCOLAS

As escolas municipais urbanas e rurais que vivenciaram o projeto dedicado à memória do compositor uberabense Joubert de Carvalho, e que remeteram o relatório da experiência à SMEC, receberam da Secretaria uma avaliação. Vários pontos positivos foram destacados, considerando-se, sobretudo, a visão cultural que as escolas deram ao Carnaval, não limitando-se a vivê-lo como festa passageira, desligada do contexto social que o justifica.

Nas suas avaliações a SMEC destacou a importância das ações pedagógico-culturais se conduzirem sempre pela valorização do pensamento reflexivo e do fazer criativo. Ela acredita que esse é o caminho de liberdade construtiva, sem o que não se concretiza a educação fundada em princípios democráticos.

MEMÓRIA DA CRIATIVIDADE

Esse foi um dos primeiros projetos idealizados pela Seção de Projetos Alternativos da SMEC, com o objetivo de preservar o que acontecer de extraordinário e original na escola. Fotos, fitas, textos, desenhos, objetos, pesquisas etc. são alguns meios de registro da expressão criadora. Coletando-os, as escolas municipais estarão concretizando o projeto "Memória da Criatividade".

A SMEC forneceu sugestões de atividades e de modelo de arquivo a todas as escolas, incentivando-as à organização da sua memória.

ESTUDO DO MEIO

Esse projeto idealizado pela seção de Capacitação Docente realizou treinamento dos guias pedagógicos que têm a função de orientar excursões com roteiros de estudo de diferentes locais históricos e culturais de Uberaba e região.

O projeto tem um ônibus à disposição das escolas municipais e beneficia todas em uma programação de visitas previamente organizadas.

TEATRO EN-CENA

O projeto idealizado e coordenado pela Livraria Especializada "Menino Maluquinho" contou com duas turmas. Uma da comunidade e outra das escolas municipais que se constituiu com o apoio da SMEC (fornecimento de meia bolsa aos interessados).

Inscreveram-se 43 educadores das seguintes escolas: Santa Maria, Boa Vista, Frei Eugênio, Vicente Alves Trindade, Bezerra de Menezes, Arco-Íris, Meu Cantinho, CESU, Totonho de Moraes, José Marcus Cherém, Celina Soares de Paiva, Joubert de Carvalho, Gastão Mesquita Filho.

Oficina "Brincando com Palavras e Objetos Engraçados" com a equipe da Rede Municipal e da SMEC.
Animadora: escritora, ilustradora e diretora teatral Sylvia Orthof (RJ).

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1993-2000).

O projeto "Nossa Escola é Assim..." foi realizado em parceria com o Jornal da Manhã, que passou a enviar exemplares diários a todas as escolas municipais, uma iniciativa viabilizada pela jornalista Lídia Prata, conforme relata Dedê Prais (2024). Quinzenalmente, o jornal

dedicava uma página inteira para destacar e divulgar as ações de uma das escolas da rede municipal de ensino. Em nota, Dedê Prais (1998) celebrou o nascimento da página no Jornal da Manhã como um marco significativo, representando o fortalecimento das parcerias entre a educação e diversos segmentos sociais:

> A Secretaria de Educação de Uberaba vê nascer esta página no Jornal da Manhã como um resultado muito importante de mais uma parceria da Educação com segmentos sociais, fazendo acontecer uma visão ampla de escola que ultrapassa paredes das salas de aula. Essa parceria com o Jornal da Manhã foi possível pelo espírito aberto e compreensivo da direção do referido jornal, através de Lídia Prata, que, com excelente domínio de reflexão crítica, fez circular quinzenalmente a página "Educação Municipal em Rede" e agora com uma página de educação com os mesmos ideais do que é, deve, será e vai além da educação formal, em seus fóruns apropriados e ações que tocam a sociedade. O Jornal da Manhã cumpre seu papel social e nós, da educação, o nosso. Nós, educadores e alunos das escolas municipais de Uberaba, nos correspondemos pelo Jornal. Maria de Lourdes Melo Prais **Secretária Municipal de Educação de Uberaba** (Jornal da Manhã, 1998, p. 5).

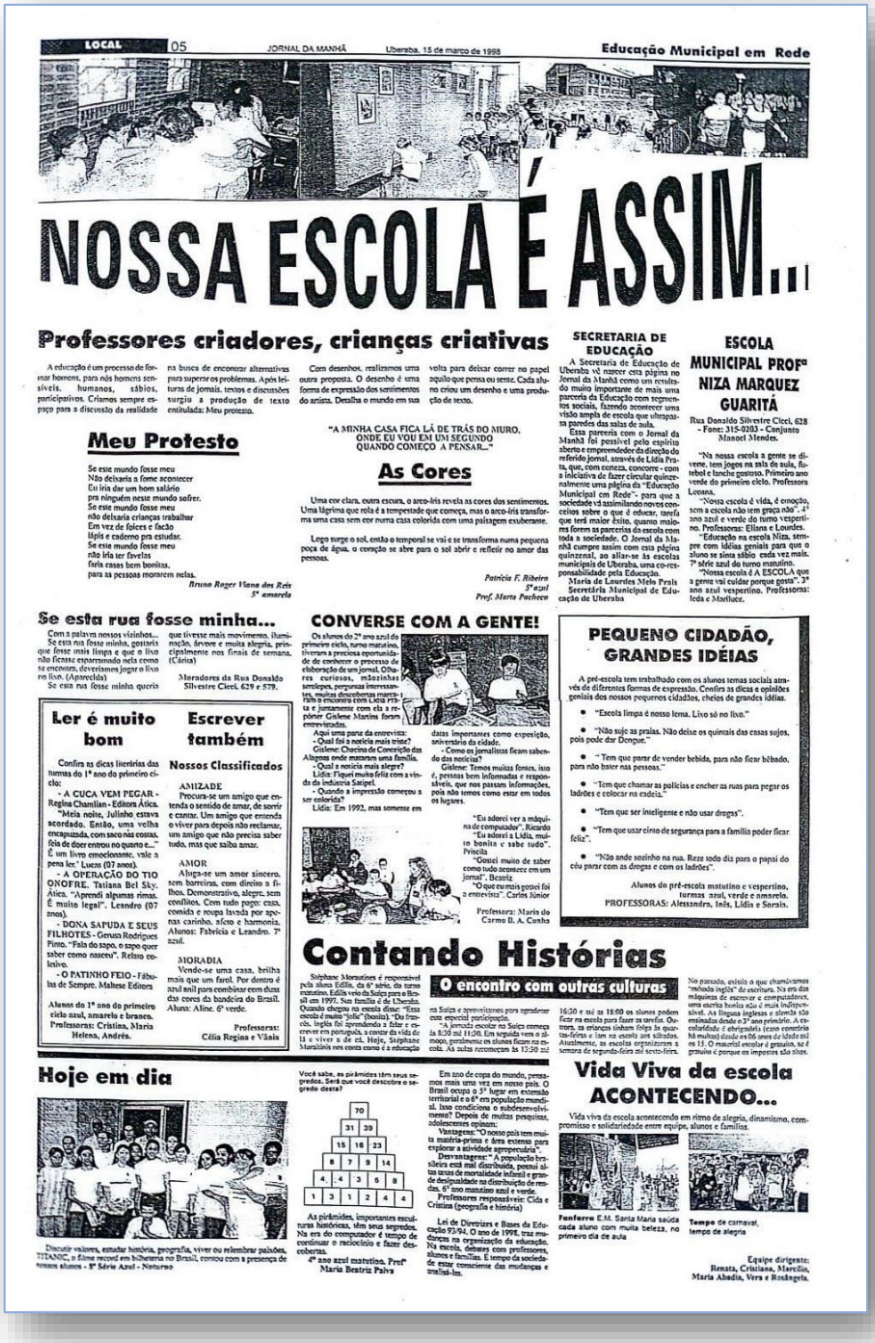
A fala de Dedê Prais (1998) evidencia sua concepção de educação como um processo que ultrapassa os limites físicos da escola, dialogando com diferentes segmentos da sociedade. Ao enfatizar a importância da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e o Jornal da Manhã, ela demonstra seu compromisso com uma educação participativa e democrática, na qual o acesso à informação e o debate público desempenham um papel essencial na formação cidadã.

A menção à Lídia Prata e ao papel do jornal reforçam a valorização do pensamento crítico e da mídia como ferramenta para ampliar a comunicação entre educadores, alunos e a sociedade em geral. A iniciativa da página "Educação Municipal em Rede" e a nova coluna sobre educação refletem a crença de Dedê Prais na necessidade de tornar a escola um espaço vivo de trocas e aprendizados contínuos, no qual o conhecimento não se restringe aos currículos formais, mas se expande por meio da participação ativa da comunidade.

Além disso, a frase "o Jornal da Manhã cumpre seu papel social e nós, da educação, o nosso" revela um entendimento amplo sobre o compromisso compartilhado entre diferentes setores na construção de uma sociedade mais informada e crítica. Ao utilizar a mídia como meio de comunicação e engajamento, Dedê Prais reafirma sua visão de uma educação transformadora, baseada no diálogo, na cooperação e na interação com os diversos agentes sociais.

Abaixo está a primeira publicação do projeto, datada de 15 de março de 1998, que resultou em um total de 70 edições veiculadas no Jornal da Manhã, sendo 35 delas no ano de 1999 e 35 no ano de 2000. Todas as publicações foram destacadas do Jornal e cuidadosamente encadernadas e arquivadas por Dedê Prais, no intuito de preservar a memória dessa iniciativa.

Figura 38 - Projeto “Nossa Escola é Assim...”



LOCAL 05 JORNAL DA MANHÃ Uberaba, 15 de março de 1998

Educação Municipal em Rede

NOSSA ESCOLA É ASSIM...

Professores criadores, crianças criativas

A educação é um processo de formar homens, para nós homens sensíveis, humanos, críticos, participativos. Criamos sempre espaço para a discussão da realidade na busca de encontrar alternativas para superar os problemas. Após leitura de jornais, textos e discussões surgiu a produção de texto entitulada: Meu protesto.

Com desenhos, realizamos uma outra proposta. O desenho é uma forma de expressão dos sentimentos do artista. Detalha o mundo em sua volta para deixar correr no papel aquilo que pensa ou sente. Cada aluno criou um desenho e uma produção de texto.

Meu Protesto

Se este mundo fosse meu
Não deixaria a fome acontecer
Eu iria dar um bom salário
pra ninguém neste mundo sofrer.
Se este mundo fosse meu
não deixaria crianças trabalhar
Em vez de fofoca e fuxico
lápis e caderno pra estudar.
Se este mundo fosse meu
não iria ter favelas
iria casas bem bonitas,
para as pessoas morarem nelas.

Bruno Roger Viana dos Reis
5º amarelo

As Cores

“A MINHA CASA FICA LÁ DE TRÁS DO MURO,
ONDE EU VOU EM UM SEGUNDO
QUANDO COMEÇO A PENSAR...”

Uma cor clara, outra escura, o arco-íris revela as cores dos sentimentos. Uma lágrima que rola é a tempestade que começa, mas o arco-íris transforma uma casa sem cor numa casa colorida com uma paisagem exuberante.

Logo surge o sol, então o temporal se vai e se transforma numa pequena poça de água, o coração se abre para o sol abrir e refletir no amor das pessoas.

Patrícia F. Ribeiro
2º azul
Prof. Marta Pacheco

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

A Secretaria de Educação de Uberaba vê nascer esta página no Jornal da Manhã como um resultado muito importante de mais uma parceria da Educação com segmentos sociais, fazendo acontecer uma visão ampla de escola que ultrapassa paredes das salas de aula.

Essa parceria com o Jornal da Manhã foi possível pelo espírito aberto e empreendedor da direção do referido jornal, através de Lídia Prata, que, com certeza, concorre - com a iniciativa de fazer circular quinzenalmente uma página da “Educação Municipal em Rede” - para que a sociedade vá assimilando novos conceitos sobre o que é educar, tarefa que terá maior êxito, quanto maiores forem as parcerias da escola com toda a sociedade. O Jornal da Manhã cumpre assim com esta página quinzenal, ao aliar-se às escolas municipais de Uberaba, uma co-responsabilidade pela Educação.

Maria de Lourdes Melo Prais
Secretária Municipal de Educação de Uberaba

ESCOLA MUNICIPAL PROFª NIZA MARQUEZ GUARITÁ

Rua Donaldo Silvestre Cicci, 628
- Fone: 315-0303 - Conjunto Manoel Mendes.

“Na nossa escola a gente se diverte, tem jogos na sala de sala, futebol e lanche gostoso. Primário azul e verde do primeiro ciclo. Professora Loreana.

“Nossa escola é vida, é emoção, sem a escola não tem graça não”. 4º ano azul e verde do turno vespertino. Professoras: Eliana e Lourdes.

“Educação na escola Niza, sempre com idéias geniais para que o aluno se sinta cada vez mais. 7ª série azul do turno matutino.

“Nossa escola é A ESCOLA que a gente vai cuidar porque gosta”. 3º ano azul vespertino. Professoras: Iveda e Marluce.

Se esta rua fosse minha...

Com a palavra nossos vizinhos...
Se esta rua fosse minha, gostaria que fosse mais limpa e que o lixo não ficasse espalhado pela calçada, pois encontram, diversas vezes jogar o lixo na rua. (Aparecida)

Se esta rua fosse minha queria que tivesse mais movimento, iluminação, lazer e muita alegria, principalmente nos finais de semana. (Cássia)

Moradores da Rua Donaldo Silvestre Cicci, 629 e 579.

CONVERSE COM A GENTE!

Os alunos do 2º ano azul do primeiro ciclo, turno matutino, tiveram a preciosa oportunidade de conhecer o processo de elaboração de um jornal. Oitenta curiosos, mãozinhas sensíveis, perguntas interessantes, muitas descobertas marcaram o encontro com Lídia Prata e juntamente com ela a repórter Gislene Martins foram entrevistadas.

Aqui uma parte da entrevista:
- Qual foi a notícia mais triste?
Lídia: Fiquei muito feliz com a vinda da indústria Saripel.
- Quando a impressão começou a ser colorida?
Lídia: Em 1992, mas somente em datas importantes como exposição, aniversário da cidade.
- Como os jornalistas ficam sabendo das notícias?
Gislene: Temos muitas fontes, isto é, pessoas bem informadas e responsáveis, que nos passam informações, pois não temos como estar em todos os lugares.

“Eu adorei ver a máquina de computador”. Ricardo
“Eu adorei a Lídia, muito bonita e sabe tudo”. Priscila
“Gostei muito de saber como tudo acontece em um jornal”. Beatriz
“O que eu mais gostei foi o entrevista”. Carlos Júnior

Professora: Maria do Carmo B. A. Cunha

PEQUENO CIDADÃO, GRANDES IDÉIAS

A pré-escola tem trabalhado com os alunos temas sociais através de diferentes formas de expressão. Confira as dicas e opiniões geniais dos nossos pequenos cidadãos, cheios de grandes idéias.

- “Escola limpa é nosso lema. Lixo só no lixo.”
- “Não suje as praias. Não deixe os quintais das casas sujos, pois pode dar Dengue.”
- “Tem que parar de vender bebida, para não ficar bêbado, para não bater nas pessoas.”
- “Tem que chamar as polícias e encher as ruas para pegar os ladrões e colocar na cadeia.”
- “Tem que ser inteligente e não usar drogas”.
- “Tem que usar cinto de segurança para a família poder ficar feliz”.
- “Não ande sozinho na rua. Reze todo dia para o papai do céu parar com as drogas e com os ladrões”.

Alunos do pré-escola matutino e vespertino, turmas azul, verde e amarela.
PROFESSORAS: Alessandra, Inês, Lídia e Sarais.

Ler é muito bom

Confira as dicas literárias das turmas do 1º ano do primeiro ciclo:

- A CUCA VEM PEGAR - Regina Chamlian - Editora Ática.
“Meia noite, Julinho estava acordado. Então, uma velha encapuzada, com saco nas costas, feia de doer entrou no quarto e...” É um livro emocionante, vale a pena ler.” Lucas (07 anos).

- A OPERAÇÃO DO TIO ONOFRE. Tatiana Bel Sky. Ática. “Aprendi algumas rimas. É muito legal”. Leandro (07 anos).

- DONA SAPUDA E SEUS FILHOTES - Genaro Rodrigues Pinto. “Fala do sapo, o sapo quer saber como nasceu”. Relato coletivo.

- O PATINHO FEIO - Fábulas de Sempre. Mahese Editora

Alunos do 1º ano do primeiro ciclo azul, amarelo e branco.
Professoras: Cristina, Maria Helena, Andréa.

Escrever também

Nossos Classificados

AMIZADE
Procura-se um amigo que entenda o sentido de amar, de sorrir e cantar. Um amigo que entenda o viver para depois não reclamar, um amigo que não precisa saber tudo, mas que saiba amar.

AMOR
Aluga-se um amor sincero, sem barreiras, com direito a filhos. Demonstrativo, alegre, sem conflitos. Com tudo pago: casa, comida e roupa lavada por apenas carinho, afeto e harmonia.
Alunos: Fabrícia e Leandro. 7º azul.

MORADIA
Vende-se uma casa, brilha mais que um farol. Por dentro é azul anil para combinar com duas das cores da bandeira do Brasil.
Aluna: Aline. 6º verde.

Professoras:
Célia Regina e Vânia

Contando Histórias

O encontro com outras culturas

Stéphane Morsutines é responsável pela aluna Edília, da 6ª série, da turma matutina. Edília veio da Suíça para a Brasil em 1997. Sua família é de Uberaba. Quando chegou na escola disse: “Essa escola é muito “jolie” (bonita). Os trabalhos, inglês foi aprendendo a falar e escrever em português, a contar da vida de lá e viver a de cá. Hoje, Stéphane Morsutines em conta como é a educação na Suíça e aproveitamos para aproveitar esta especial participação.

“A jornada escolar na Suíça começa às 8:30 até 11:00. Em seguida vem o almoço, geralmente os alunos ficam na escola. As aulas recomeçam às 13:30 até 16:30 e vai as 18:00 os alunos podem ficar na escola para fazer as tarefas. Outros, as crianças tinham folga às quartas-feiras e iam na escola aos sábados. Atualmente, as escolas organizam a semana de segunda-feira até sexta-feira.

Na passado, existia o que chamávamos “método inglês” de escritura. Na era das máquinas de escrever e computadores, uma escrita bonita não é mais indispensável. As línguas inglesas e alemã são ensinadas desde o 3º ano primário. A escolaridade é obrigatória (como constitui há muitos) desde os 06 anos de idade até os 15. O material escolar é gratuito, só é gratuito é porque os impostos são altos.

Hoje em dia

Discute valores, estudar história, geografia, viver ou relembrar paixões, TITANIC, o filme recordista de bilheteria no Brasil, convou com a presença de nossos alunos - 8ª Série Azul - Noturno

Você sabe, as pirâmides têm seus segredos. Será que você descobre o segredo dessa?

As pirâmides, importantes esculturas históricas, têm seus segredos. Na era do computador é tempo de continuar o raciocínio e fazer descobertas.

4º ano azul matutino, Profª Maria Beatriz Paiva

Em ano de copa do mundo, pessoas mais uma vez em nosso país. O Brasil ocupa o 5º lugar em extensão territorial e o 6º em população mundial. Isso condiciona o subdesenvolvimento? Depois de muitas pesquisas, adolescentes opinam:

Vantagens: “O nosso país tem muita matéria-prima e áreas extensas para explorar a atividade agropecuária”.

Desvantagens: “A população brasileira está mal distribuída, possui altas taxas de mortalidade infantil e grande desigualdade na distribuição de renda. 6º ano matutino azul e verde.

Professores responsáveis: Cida e Cristina (geografia e história)

Lei de Diretrizes e Bases da Educação 93/94. O ano de 1998, traz mudanças na organização da educação. Na escola, debates com professores, alunos e famílias. É tempo da sociedade estar consciente das mudanças e analisá-las.

Vida Viva da escola ACONTECENDO...

Vida viva da escola acontecendo em ritmo de alegria, dinamismo, compromisso e solidariedade entre equipe, alunos e famílias.

Fanfarra E.M. Santa Maria saúda cada aluno com muita beleza, no primeiro dia de aula

Tempo de carnaval, tempo de alegria

Equipe dirigente:
Renata, Cristiana, Marcília, Maria Abadia, Vera e Rosângela.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Melo Prais (1993-2000).

Na segunda publicação do projeto, datada de 29 de março de 1998, novas palavras da Secretária da Educação acerca da importância da leitura e do uso do jornal como instrumento pedagógico na educação, destacando como a leitura promove o conhecimento, o aprimoramento de valores e a conexão com a cultura e com a história:

> A leitura é uma via fantástica de aquisição de conhecimento, de aprimoramento de valores, de aproximação de povos e culturas, possibilitando o enriquecimento e a evolução da humanidade, que soma diferenças e peculiaridades. Através da leitura, as tradições e as conquistas humanas permanecem vivas e a herança de qualquer passado pode ser usufruída no presente. O jornal é o arquivo do cotidiano, é o registro da história no momento mesmo do seu desenrolar. Por isso, a leitura do jornal é de valor fundamental, propiciando a comunicação do homem com o seu tempo, sintonizando-o com o transcurso da atualidade. A Secretaria Municipal de Educação de Uberaba considera bastante oportuna a presença quinzenal de suas escolas nesta página do "Jornal da Manhã". Dessa relação entre escolas e jornal com certeza cresce a motivação para a leitura, e, em especial, a leitura de jornais através do projeto "O jornal na sala de aula", no qual a Secretaria colocará todo o seu empenho. Maria de Lourdes Melo Prais **Secretária Municipal de Educação de Uberaba** (Jornal da Manhã, 1998, p. 5).

No editorial da Revista Fazendo Escola n.º 7, assinado pela Secretária Municipal de Educação de Uberaba, empossada a convite do então prefeito Marcos Montes Cordeiro (1997-2000), encontramos um marco importante que simboliza o início da segunda gestão de Dedê Prais à frente da Secretaria:

> Em 1997 a educação respirou como mudança. Não mais a mudança exclusiva no desejo e luta dos educadores, mas a mudança consubstanciada no imperativo legal. São ordenações oriundas da promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96 de 20/12/96, ou Lei Darcy Ribeiro, da Emenda Constitucional n.º 14/96 regulamentada pela Lei 9.424/96, Lei que cria o Fundo de Desenvolvimento e Manutenção do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério, popularmente chamada Lei do Fundão, aliada às leis estaduais 12.040/95 e 12.428/96 ou Lei Robin Hood, todas elas suscitando mudanças profundas na oferta dos serviços educacionais, redimensionando as responsabilidades e atribuições dos Municípios, Estados e União, abrindo perspectivas, criando novas possibilidades de constituição de uma escola pública democrática e de qualidade.
> Assim, e em respeito aos princípios básicos da Filosofia de Educação da SMED, a Revista "FAZENDO ESCOLA" se faz portadora, nesta edição, de entrevistas, artigos e informações que vão ampliar o âmbito de conhecimento dos educadores e de todos aqueles a quem interessa de fato e de direito a melhoria da qualidade do ensino e das condições de trabalho dos profissionais da Educação (Fazendo Escola, 1997, p. 3).

A fala de Dedê Prais (1997) no editorial da Revista destaca um momento crucial na educação brasileira, com a implementação de reformas legais que transformaram o financiamento e a gestão do ensino, especialmente no Ensino Fundamental. Ela menciona leis como a LDB, a Lei do Fundão e a Lei Robin Hood, que promoveram uma redistribuição de recursos e abriram caminhos para uma educação mais democrática e de qualidade, enfatizando assim a importância dessas mudanças para a construção de uma escola pública mais equitativa.

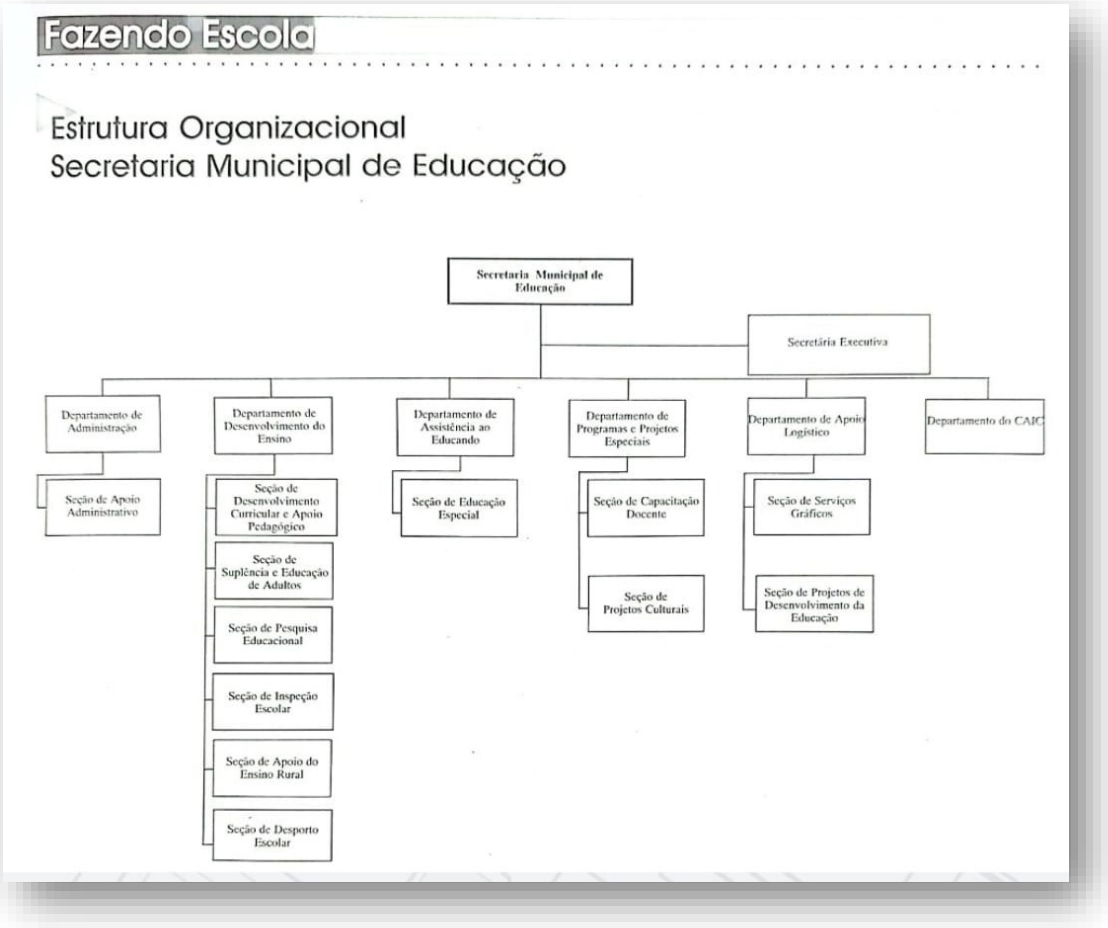
A Figura 39 reflete o organograma e a estrutura organizacional da Secretaria de Educação, com uma divisão clara em 6 departamentos, abaixo listados com seus respectivos diretores:

. Departamento de Administração (Diretora Marilia José de Oliveira Magalhães);

. Departamento de Desenvolvimento do Ensino (Diretora Vera Lucia Rezende Cunha);

. Departamento de Assistência ao Educando (Diretora Hilda Melo Borges);
. Departamento de Programas e Projetos Especiais (Diretor Márcio Salge);
. Departamento de Apoio Logístico (Diretor Vicente de Paula Ferreira);
. Departamento do CAIC (Diretora Vera Lúcia Dias).

Figura 39 - Organograma da Secretaria Municipal de Educação – Gestão 1997-2000



Fonte: Revista Fazendo Escola (1997, p. 21).

Ao ser questionado sobre seu trabalho à frente da Secretaria de Educação de Uberaba e os desafios enfrentados durante essa gestão, Dedê Prais (2024) destacou o apoio de uma equipe de alto nível, essencial para enfrentar questões cruciais no avanço educacional. Entre os problemas envolvidos, ressaltou a necessidade de melhorar a qualidade da educação, adequando-a às demandas contemporâneas, e de ampliar a democratização do acesso à escola. Também destacou como prioridade a valorização dos profissionais da educação, por meio de formação comprometida e remunerações justas, além da implementação da educação em tempo integral. Outros desafios incluíram o aprimoramento da gestão da sala de aula, o fortalecimento

do protagonismo da comunidade escolar, com maior envolvimento de pais, alunos e funcionários, a revisão do currículo do Ensino Médio para adequá-lo às necessidades da época e o enfrentamento do analfabetismo adulto, ainda uma realidade para uma parcela significativa da população brasileira. Concluindo o questionamento, asseverou:

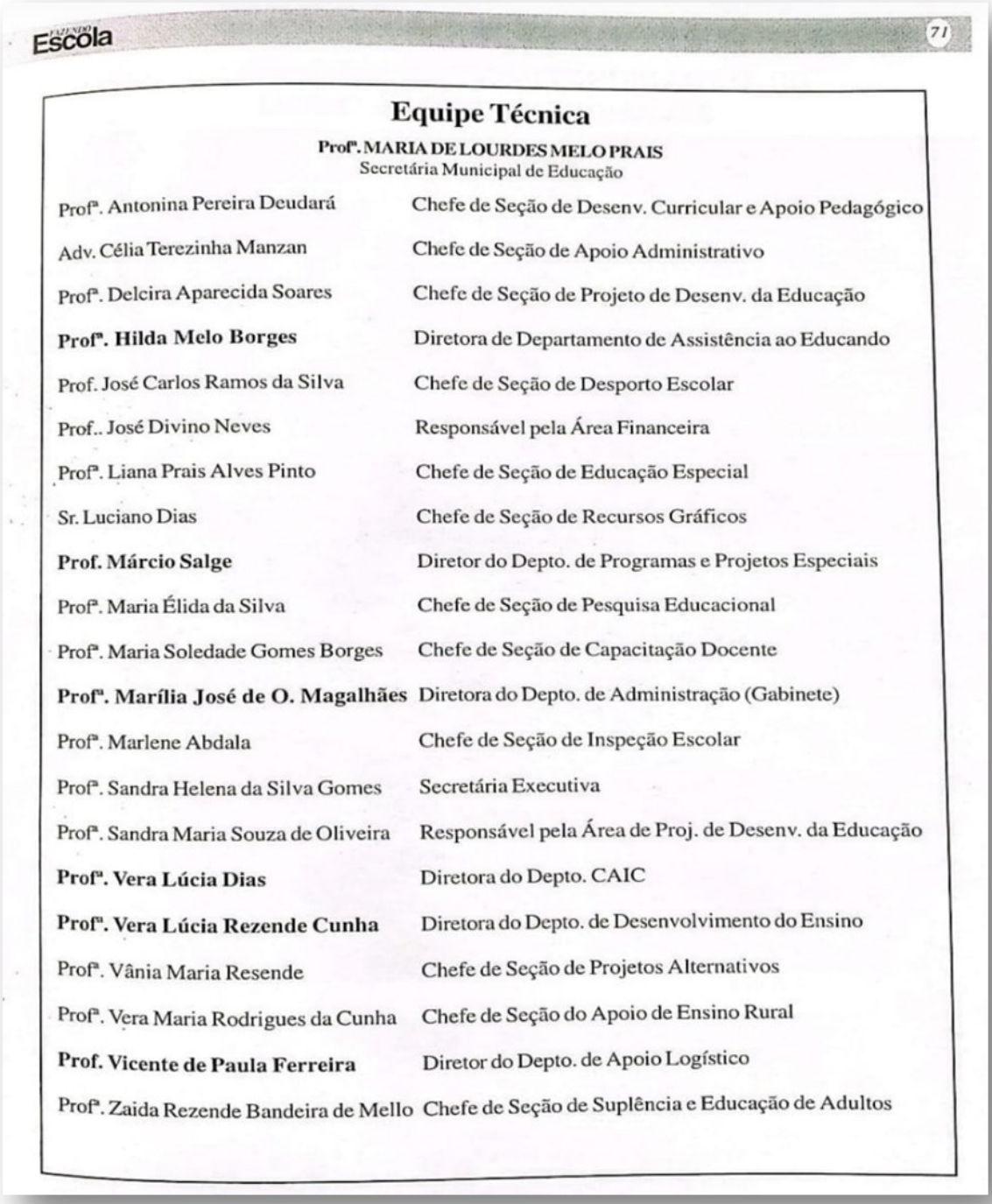
> Acredito que o trabalho, apoiado por uma equipe de alto nível, tenha focado justamente os problemas acima citados, por meio da implementação de uma proposta fundada numa política democrática e participativa de educação, no fortalecimento das escolas, enquanto entidades autônomas e construída nos parâmetros do Instituto Paulo Freire, nos limites da lei, dos recursos disponíveis e das condições concretas de trabalho (Dedê Prais, 2024).

A fala de Dedê Prais espelha novamente seu compromisso com uma educação democrática e participativa, entendendo que a implementação de uma proposta educacional bem-sucedida deve ser ancorada em princípios sólidos de autonomia escolar e inclusão. Ao destacar a importância de uma equipe de alto nível, ela apoia a colaboração entre educadores, gestores e demais envolvidos como fundamental para o enfrentamento dos desafios educacionais. Uma referência ao Instituto Paulo Freire sugere que sua atuação foi inspirada nos ideais de Paulo Freire, que preconizam a educação como um ato de liberdade e transformação social, sempre com foco no fortalecimento da autonomia das escolas e na criação de ambientes de aprendizado colaborativo e reflexivo.

Ao mesmo tempo, Dedê Prais ressalta que a implementação desta proposta deve se dar dentro de limites realistas, permitindo a necessidade de agir em conformidade com os recursos disponíveis e as condições concretas de trabalho. Isso demonstra uma postura pragmática e responsável, que ao mesmo tempo em que visa transformar a realidade educacional, compreende as limitações impostas pelas situações. Essa combinação de ideais freirianos com uma abordagem prática e realista retrata uma gestão que busca o equilíbrio entre os sonhos de mudança e a realidade de recursos, priorizando a previsão e a sustentabilidade das ações propostas.

Como afirma Freire (1996, p. 98), “é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que em um dado momento a tua fala seja a tua prática”. Essa reflexão sintetiza a coerência entre discurso e ação que marca a atuação de Dedê Prais, evidenciando sua capacidade de alinhar os princípios pedagógicos com as práticas de gestão. Assim, sua trajetória ilustra a possibilidade concreta de uma liderança educacional comprometida tanto com a transformação social quanto com a responsabilidade ética e administrativa.

Figura 40 - Equipe da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba – Gestão 1997-2000



Fazendo Escola 71

Equipe Técnica

Profª. MARIA DE LOURDES MELO PRAIS
Secretária Municipal de Educação

Profª. Antonina Pereira Deudará	Chefe de Seção de Desenv. Curricular e Apoio Pedagógico
Adv. Célia Terezinha Manzan	Chefe de Seção de Apoio Administrativo
Profª. Delcira Aparecida Soares	Chefe de Seção de Projeto de Desenv. da Educação
Profª. Hilda Melo Borges	Diretora de Departamento de Assistência ao Educando
Prof. José Carlos Ramos da Silva	Chefe de Seção de Desporto Escolar
Prof.. José Divino Neves	Responsável pela Área Financeira
Profª. Liana Prais Alves Pinto	Chefe de Seção de Educação Especial
Sr. Luciano Dias	Chefe de Seção de Recursos Gráficos
Prof. Márcio Salge	Diretor do Depto. de Programas e Projetos Especiais
Profª. Maria Élida da Silva	Chefe de Seção de Pesquisa Educacional
Profª. Maria Soledade Gomes Borges	Chefe de Seção de Capacitação Docente
Profª. Marília José de O. Magalhães	Diretora do Depto. de Administração (Gabinete)
Profª. Marlene Abdala	Chefe de Seção de Inspeção Escolar
Profª. Sandra Helena da Silva Gomes	Secretária Executiva
Profª. Sandra Maria Souza de Oliveira	Responsável pela Área de Proj. de Desenv. da Educação
Profª. Vera Lúcia Dias	Diretora do Depto. CAIC
Profª. Vera Lúcia Rezende Cunha	Diretora do Depto. de Desenvolvimento do Ensino
Profª. Vânia Maria Resende	Chefe de Seção de Projetos Alternativos
Profª. Vera Maria Rodrigues da Cunha	Chefe de Seção do Apoio de Ensino Rural
Prof. Vicente de Paula Ferreira	Diretor do Depto. de Apoio Logístico
Profª. Zaida Rezende Bandeira de Mello	Chefe de Seção de Suplência e Educação de Adultos

Fonte: Revista Fazendo Escola (2000, p. 71).

Dando continuidade ao projeto de construir a Rede de Sociabilidade, também buscamos dialogar com membros da equipe da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba que estiveram em atividade na gestão de 1997-2000. Sandra Helena da Silva Gomes, que atuou

como Secretária Executiva durante a gestão de Dedê Prais (1997-2000), a descreve como uma mulher visionária, à frente de seu tempo. Para Gomes (2025), Dedê Prais deixou um legado que transformou e fortaleceu a educação escolar, marcando a história de Uberaba de maneira inesquecível:

> Falar sobre Dedê Prais é uma grande honra, sobretudo, um desafio. Uma mulher acima de seu tempo, ávida de saber, com a consciência nata, daqueles que nascem com a certeza do que precisam fazer. Dedê escolheu a Educação, pilar de saberes infinitos.
> Entre tantos momentos vividos em uma gestão pública, conduzida por Dedê Prais e permeada por valores éticos, significativos e atenção ilimitada ao conhecimento, uma lembrança se eternizou em minha memória: A presença de um dos maiores educadores de nossos tempos, que transformou a história da educação. Nossa mestra, presenteou a cidade de Uberaba, com a visita inesquecível de Paulo Freire, um revolucionário incansável.
> Impossível esquecer, também, a preocupação com a literatura. A memorável Livraria Menino Maluquinho, conduzida pela exímia escritora, Vânia Resende, em uma parceria primorosa, com a Secretaria Municipal de Educação, brindou a cidade, com a presença marcante e inspiradora, de nosso cartunista Ziraldo.
> Realmente, Dedê Prais conseguiu direcionar um caminho promissor à educação. Um legado de conhecimento inquebrantável, que fortaleceu a vida escolar e jamais será esquecido (Gomes, 2025).

> "Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
> sem ela tampouco a sociedade muda".
> Paulo Freire

Ao referir-se ao "legado de conhecimento inquebrantável", Gomes (2025) destaca que suas contribuições criaram uma base sólida que fortaleceu a vida escolar e continua a inspirar a prática educativa a buscar caminhos promissores.

O "Quadro Geral de Programas e Projetos", intitulado "Escola Cidadã: Construção Amorosa da Cidadania", apresenta uma proposta abrangente de programas e projetos educacionais voltados para a promoção da cidadania, no período de 1997 a 2000. Estruturado em cinco grandes áreas de atuação, o documento delineia subprogramas e projetos específicos que buscaram fortalecer a educação em diferentes frentes, promovendo uma visão integradora e participativa do processo educacional.

A primeira área de atuação, intitulada Melhoria da Qualidade de Ensino, enfatizou a valorização do processo pedagógico e o aprimoramento dos profissionais da educação. Esta área se desdobrou em dois subprogramas principais: Prática Pedagógica e Recursos Humanos. A Prática Pedagógica abordou temas como o desenvolvimento curricular, a avaliação educacional, a pedagogia alternativa e o incentivo ao ensino rural. Além disso, projetos voltados para a leitura, a música e a publicação pedagógica reforçaram a importância da criatividade e do pensamento crítico no ambiente escolar. O subprograma de Recursos Humanos focou na

capacitação profissional, na formação de valores humanos e na valorização do corpo docente, criando uma base sólida para a melhoria contínua do ensino.

A segunda área de atuação, Democratização da Gestão, propôs a participação ativa da comunidade escolar na administração e na tomada de decisões. O subprograma Ação Participativa incentivou a realização de pesquisas educacionais, a seleção democrática de vagas e o envolvimento dos pais na vida escolar. A criação de conselhos municipais de educação e a implementação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (FUNDEF) reforçaram o compromisso com uma gestão transparente e colaborativa, fortalecendo os vínculos entre escola, comunidade e poder público.

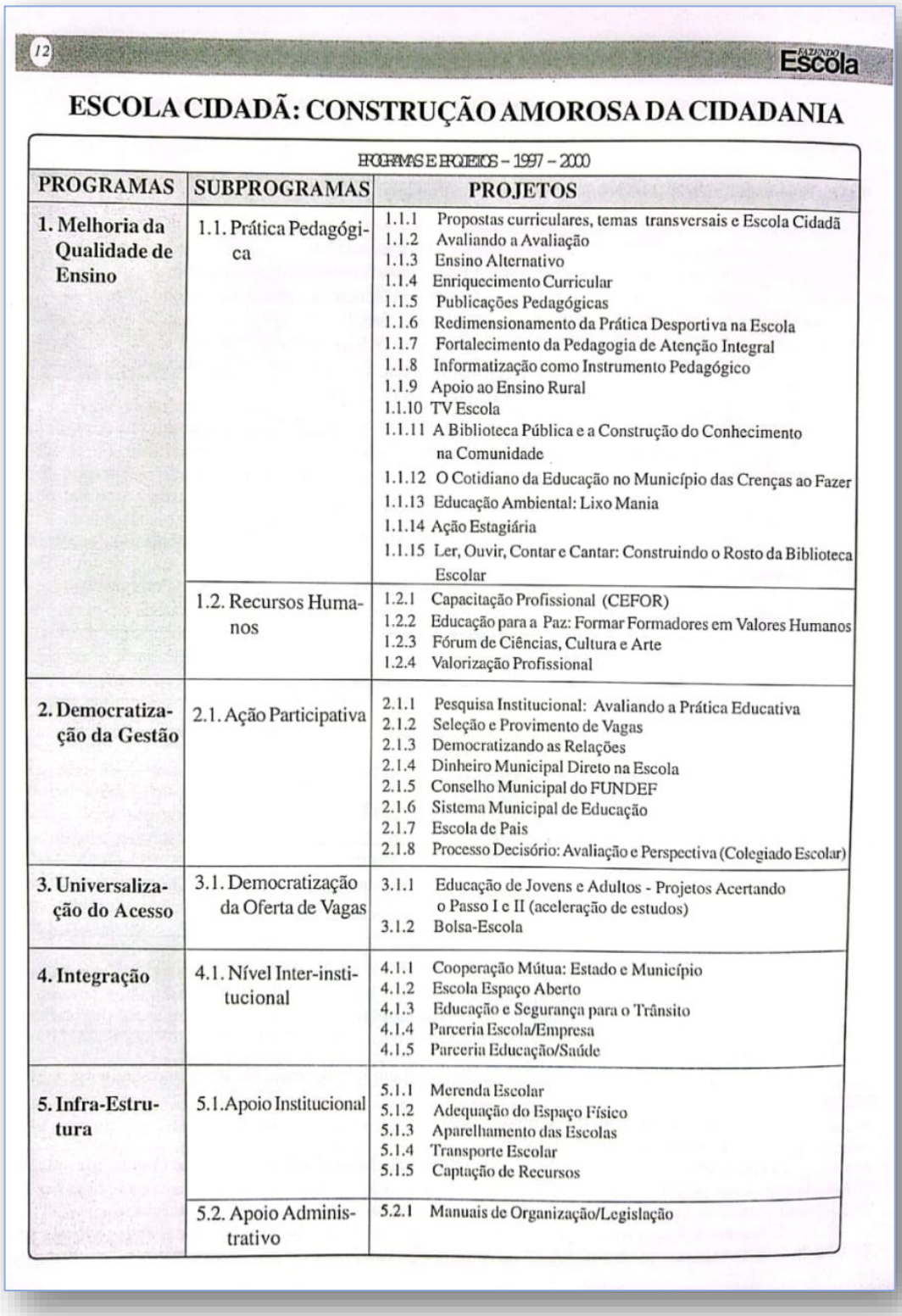
Na terceira área, Universalização do Acesso, o foco estava em garantir que todos tivessem direito à educação, promovendo o acesso e combatendo a evasão escolar. O subprograma Democratização da Oferta de Vagas contemplou a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e projetos que visavam a aceleração de estudos, além de iniciativas como a Bolsa-Escola, que ofereceu suporte financeiro às famílias e incentivou a permanência dos alunos na escola.

A quarta área, Integração, destacou a importância das parcerias e da cooperação interinstitucional para o fortalecimento da educação. O subprograma Nível Interinstitucional promoveu a colaboração entre estado e município, abordando questões de segurança no trânsito, incentivando parcerias com empresas e instituições de saúde, ampliando o suporte à comunidade escolar e fortalecendo o vínculo entre educação e outras esferas da sociedade.

A quinta e última área de atuação, Infraestrutura, esteve voltada para a garantia das condições físicas e administrativas necessárias para o funcionamento das escolas. O subprograma Apoio Institucional aborda temas como merenda escolar, adequação de espaços físicos, transporte escolar e captação de recursos. Já o subprograma Apoio Administrativo concentrou-se na organização e na legislação, garantindo que as instituições educacionais estivessem bem estruturadas e em conformidade com as normas vigentes.

De forma geral, o quadro de programas e projetos, revela uma abordagem holística e integrada da educação, que vai além do ensino em sala de aula e aborda aspectos pedagógicos, curriculares, formativos e estruturais. A valorização do professor, a gestão participativa, a inclusão educacional e as parcerias interinstitucionais são elementos centrais da proposta Escola Cidadã refletindo uma visão progressista e humanizada da educação, alinhada com os princípios da cidadania, da inclusão e da construção coletiva de um futuro educacional mais justo e equitativo.

Figura 41 - Quadro Geral de Programas e Projetos – Gestão 1997-2000



12 Fazendo Escola

ESCOLA CIDADÃ: CONSTRUÇÃO AMOROSA DA CIDADANIA

PROGRAMAS E PROJETOS – 1997 – 2000

PROGRAMAS	SUBPROGRAMAS	PROJETOS
1. Melhoria da Qualidade de Ensino	1.1. Prática Pedagógica	1.1.1 Propostas curriculares, temas transversais e Escola Cidadã 1.1.2 Avaliando a Avaliação 1.1.3 Ensino Alternativo 1.1.4 Enriquecimento Curricular 1.1.5 Publicações Pedagógicas 1.1.6 Redimensionamento da Prática Desportiva na Escola 1.1.7 Fortalecimento da Pedagogia de Atenção Integral 1.1.8 Informatização como Instrumento Pedagógico 1.1.9 Apoio ao Ensino Rural 1.1.10 TV Escola 1.1.11 A Biblioteca Pública e a Construção do Conhecimento na Comunidade 1.1.12 O Cotidiano da Educação no Município das Crenças ao Fazer 1.1.13 Educação Ambiental: Lixo Mania 1.1.14 Ação Estagiária 1.1.15 Ler, Ouvir, Contar e Cantar: Construindo o Rosto da Biblioteca Escolar
	1.2. Recursos Humanos	1.2.1 Capacitação Profissional (CEFOR) 1.2.2 Educação para a Paz: Formar Formadores em Valores Humanos 1.2.3 Fórum de Ciências, Cultura e Arte 1.2.4 Valorização Profissional
2. Democratização da Gestão	2.1. Ação Participativa	2.1.1 Pesquisa Institucional: Avaliando a Prática Educativa 2.1.2 Seleção e Provimento de Vagas 2.1.3 Democratizando as Relações 2.1.4 Dinheiro Municipal Direto na Escola 2.1.5 Conselho Municipal do FUNDEF 2.1.6 Sistema Municipal de Educação 2.1.7 Escola de Pais 2.1.8 Processo Decisório: Avaliação e Perspectiva (Colegiado Escolar)
3. Universalização do Acesso	3.1. Democratização da Oferta de Vagas	3.1.1 Educação de Jovens e Adultos - Projetos Acertando o Passo I e II (aceleração de estudos) 3.1.2 Bolsa-Escola
4. Integração	4.1. Nível Inter-institucional	4.1.1 Cooperação Mútua: Estado e Município 4.1.2 Escola Espaço Aberto 4.1.3 Educação e Segurança para o Trânsito 4.1.4 Parceria Escola/Empresa 4.1.5 Parceria Educação/Saúde
5. Infra-Estrutura	5.1. Apoio Institucional	5.1.1 Merenda Escolar 5.1.2 Adequação do Espaço Físico 5.1.3 Aparelhamento das Escolas 5.1.4 Transporte Escolar 5.1.5 Captação de Recursos
	5.2. Apoio Administrativo	5.2.1 Manuais de Organização/Legislação

Fonte: Revista Fazendo Escola (2000, p. 12).

A comparação entre as estruturas organizacionais da Secretaria de Educação e Cultura - Gestão 1993-1996 (p. 235) e da Secretaria de Educação - Gestão 1997-2000 (p. 289) revela semelhanças e diferenças em relação aos departamentos e suas áreas de atuação. Ambas as secretarias incluem o Departamento de Administração e o Departamento de Apoio Logístico, essenciais para a gestão e o suporte das operações. No entanto, as diferenças evidentemente aparecem nas especificidades de cada estrutura. A Secretaria de Educação e Cultura (SMEC) adota uma abordagem mais segmentada, com a criação dos Departamentos de Ensino Urbano e Ensino Rural, focando em demandas específicas de cada contexto. Por outro lado, a Secretaria de Educação (SMED) possui um único Departamento de Desenvolvimento do Ensino, que trata o ensino de maneira mais geral e integrada.

Além disso, a Secretaria de Educação e Cultura destaca a Cultura, Programas e Projetos Especiais, integrando aspectos culturais com a educação de forma holística, enquanto a Secretaria de Educação trata os projetos especiais de maneira mais ampla, sem uma ênfase específica na cultura. A Secretaria de Educação também conta com o Departamento do CAIC, voltado para o apoio a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, um setor ausente na estrutura da Secretaria de Educação e Cultura. Assim, a Secretaria de Educação e Cultura apresenta uma estrutura mais voltada à regionalização e à cultura, enquanto a Secretaria de Educação adota uma organização mais abrangente, com maior foco no desenvolvimento educacional e em programas sociais.

Cumpre elucidar que, inaugurado em 1994 pelo Ministro da Educação, Prof. Murílio de Avellar Hingel, o Centro de Atenção Integral à Criança Orlando Rodrigues da Cunha (CAIC), fazia parte do Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (PRONAICA), visando proporcionar uma educação de qualidade e integral, com foco na promoção dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes, especialmente das camadas mais vulneráveis. O CAIC não se limitava a ser uma escola convencional, mas um centro comunitário de Atenção Integral, conhecida como “Escola de Cidadania”, segundo o Prefeito Luiz Guaritá Neto. Seu projeto inovador buscava envolver a comunidade e diversas parcerias para garantir o desenvolvimento integral da infância e juventude em Uberaba (Nova Dimensão n.º 7, 1994, p. 02).

O CAIC operacionalizou oito subprogramas voltados para o atendimento de crianças e adolescentes em diversas fases de desenvolvimento, além de apoiar as famílias e o contexto sociocultural local. Entre os subprogramas estão Proteção Especial à Criança e à Família, Promoção da Saúde, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Esportes, Cultura, Educação para

o Trabalho e Alimentação. Esses subprogramas foram sustentados por três linhas instrumentais: Gestão, Mobilização Comunitária e Suporte Tecnológico, que integraram e potencializaram as ações do programa, de modo que com essa estrutura, o CAIC se apresentou como uma iniciativa transformadora, comprometida com a garantia de direitos e a promoção de uma educação integral.

Vera Lúcia Dias, que exerceu a função de Chefe do Departamento CAIC (1997-2000), nos apresentou mais detalhes sobre o projeto, que passou a ser implementado apenas na 2ª gestão:

> Na segunda gestão da Professora Dedê, fomos convidadas a assumir a direção geral do CAIC – Centro de atenção Integral à Criança e ao Adolescente.
> Criado à época do governo Collor por meio do PRONAICA – Programa Nacional de atenção Integral à Criança e ao Adolescente - nossa avaliação é a de que esta foi a das iniciativas que mais contribuiu para efetivar, no Brasil, o cumprimento do artigo 227 da Constituição Federal que determinou direitos e garantias fundamentais a crianças e adolescentes.
> Com funcionamento em regime de período integral o CAIC desenvolvia suas ações por meio de nove subprogramas:
> Educação Escolar – Escola Municipal Anízio Teixeira com Ensino Fundamental completo; Educação Infantil – creche (06 meses a 4 anos); Proteção Especial – coordenando a utilização do tempo no horário extraturno que era subdividido em atividades de: Esporte; Iniciação ao Trabalho (oficinas, técnicas agrícolas e outras); Saúde –Acompanhamento do Crescimento, Desenvolvimento e Saúde geral; Educação alimentar; Cultura – atividades artísticas como música, dança, teatro, fotografia, pintura e outras; Reforço Escolar e Tarefas e ainda Gestão da Educação Física.
> Ao assumirmos a coordenação em questão, muitos desafios se apresentaram devido à novidade da iniciativa e ausência de modelos nos quais pudéssemos nos inspirar. Com base no Método Ver, julgar e Agir, fizemos um aprofundado diagnóstico da Situação e, com base nos manuais apresentados pelo PRONAICA, elaboramos projetos que permitiram a unificação da linguagem de todos os coordenadores, valorizando e respeitando todas as áreas para que realmente pudéssemos desenvolver ali uma Atenção Integral.
> Instituímos como uma das estratégias de trabalho a participação de todos os coordenadores numa reunião semanal. Nela, fazíamos reflexões que promoveram o crescimento do grupo; discutíamos os problemas e definíamos suas soluções; aparávamos as arestas; planejávamos capacitações e eventos para arrecadação financeira e, o mais importante, fazíamos um cronograma mensal de maneira tal que todos os coordenadores sentiam seu trabalho reconhecido e valorizado.
> Numa época em que a dança na "boquinha da garrafa" fazia sucesso e todas as meninas queriam dançar como as bailarinas do "Grupo Tchan", no CAIC nós ouvíamos músicas clássicas no horário do recreio, nossas meninas dançavam balé e, a cereja do bolo, foi a criação de um grupo de percussão denominado AXÉ-UAI patrocinado pela CTBC, hoje Grupo Algar inspirado em uma visita que fizemos, às nossas expensas, ao projeto Axé de Salvador/Ba. Os "meninos do Axé" chegaram a abrilhantar abertura de eventos internacionais em SP, gravaram CD e até hoje – mais de 25 anos depois de sua fundação - são chamados para prestigiarem eventos realizados em Uberaba, coordenados pelo mesmo instrutor musical.
> Paralelamente a esse funcionamento interno, procuramos fortalecer a concepção de CAIC, promovendo em Uberaba uma reunião com as demais diretoras do Triângulo Mineiro da qual resultou a criação de uma Associação de Diretoras de CAIC – ADC, da qual fomos aclamadas presidente. A partir da mesma, passamos a fazer reuniões itinerantes que tiveram repercussão em todo o estado e começaram a surgir pedidos

de participação e realização em outros locais. Isso nos permitiu traçar uma radiografia sobre o funcionamento dos CAICs em Minas Gerais num momento em que nos sentíamos abandonados, sem orientações e a constatação de que, na maioria das cidades eles funcionavam com uma "escolona" que ficava com os alunos em tempo integral...

Itamar Franco tornou-se governador de Minas Gerais convidando para Secretário de Educação o também mineiro Murílio Hingel que, enquanto ministro, foi quem criou o PRONAICA. Aproveitando-nos desta "coincidência", num gesto de ousadia, marcamos uma audiência na Secretaria de Estado de Educação em BH, levando na pasta o nosso diagnóstico da situação dos CAICS e ele, que não possuía nenhuma informação acerca dos mesmos, encantou-se por nosso trabalho e colaborou com a realização de uma reunião estadual em Ibirité, onde além de fazer uma alusão ao CAIC de Uberaba como um modelo, novamente nos condecorou, frente ao grupo de trabalhadores, com a Medalha de Honra ao Mérito na Educação, que havia nos concedido anteriormente em reunião festiva no Palácio da Liberdade, pelos serviços prestados à Educação em nosso estado.

Assim, passo a passo, o CAIC que era considerado como um local difícil de se trabalhar por receber alunos em situação de vulnerabilidade social muitas vezes encaminhados pelo Conselho Tutelar ou outros órgãos do judiciário e considerado por muitos como "marginais de futuro determinado" - talvez pela proximidade e até confusão com um centro de Reabilitação de Menores vizinho de muro - passou a ser procurado e disputado tanto por profissionais como por pais que observavam a qualidade do trabalho que ali realizávamos, além da modificação de comportamento, elevação da autoestima e abertura de novas perspectivas e horizontes para os meninos e meninas que por ali passaram.

Meu trabalho no CAIC encerrou-se ao final do ano de 2.000, quando voltei para a Secretaria de Educação e de, lá até aqui, não raras vezes sou reconhecida por ex-alunos que relatam a diferença que ele fez em suas vidas. Para ilustrar essa afirmativa, eu que acredito que nada, aconteça por acaso, no dia seguinte ao convite que me foi feito por Patrícia para escrever esse depoimento, fui a uma conceituada concessionária de carro em Uberaba e lá fui atendida por um vendedor muito bem-apessoado e que me perguntou se eu era a "Vera Dias que trabalhou no CAIC". Respondi que sim e ele passou me relatar a diferença que o CAIC fez em sua vida e de seu sucesso profissional e pessoal. Foi um depoimento tão emocionante que pedi a ele que escrevesse o que estava me contando para inserir no presente relato e ele aceitou sem pestanejar, resultando no que compartilho a seguir:

Eu me chamo Diego Alessandro da Silva, e gostaria de contar um pouco da minha história. Venho de uma infância humilde. Meus pais se separaram quando eu ainda tinha três anos de idade, por violência doméstica e repetidos problemas dentro de casa e, tanto eu quanto os meus irmãos, crescemos sem a presença do nosso pai. Minha mãe trabalhava dia e noite para conseguir trazer o nosso sustento sozinha e muitas vezes ela não conseguia o suficiente, e passávamos necessidades diversas fazendo com que essa condição prejudicasse muito a nossa infância e que tivéssemos repetidos problemas sociais. Chegamos a ser encaminhados para o Conselho Tutelar por problemas de comportamento, agressividade na escola e por matar aulas frequentemente, até que, numa das vezes, fomos informados que iríamos ser matriculados em período integral no CAIC que, na época, era visto como um reformatório para menores infratores e como última medida de retenção do nosso comportamento. Eu e o meu irmão, estudamos por 7 anos no CAIC e ele foi um grande divisor de águas na nossa vida, nos mantendo longe de más influências, nos proporcionando um ambiente de aprendizagem em diversos segmentos e nos incentivando a sermos melhores a cada dia...Hoje, com 36 anos, sou casado e pai de um lindo menino chamado Alessandro. Sou Pós-graduado MBA em Controladoria e Finanças, Bacharel em Ciências Econômicas e Ciências Contábeis e também Tecnólogo em Gestão Financeira pela Universidade de Franca. Trabalho como Consultor de veículo novos da Autus Chevrolet em Uberaba. Diante da história que vivi até os dias atuais, eu posso dizer que tenho uma imensa gratidão por ter estudado no CAIC e por todas as pessoas que lá estavam e nos ajudaram a sermos melhores, desempenhando um grande papel na minha construção educacional e moral.

> Assim como no encerramento de nosso primeiro depoimento ressaltamos que, todo esse trabalho desenvolvido e aqui relatado não teria acontecido sem o apoio e a visão arrojada de Dedê que nos permitiu concretizar o que diz uma frase atribuída a São Francisco, cuja fonte não conseguimos localizar: "Comece fazendo o necessário, depois o possível e, de repente, você estará fazendo o impossível" (Dias, 2025).

O depoimento de Vera Lúcia Dias (2025) revela não apenas a dimensão do trabalho desenvolvido no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC), mas também a importância da liderança de Dedê Prais na concretização desse projeto. Ao assumir a direção do CAIC, na segunda gestão de Dedê Prais, Vera Lúcia e sua equipe enfrentaram desafios relacionados à novidade do programa e à falta de modelos a serem seguidos. No entanto, foi com o respaldo da gestão de Dedê Prais e a adoção de uma abordagem reflexiva e participativa que o CAIC foi estruturado de forma inovadora, de modo que a implementação do projeto foi possível devido à visão de Dedê Prais sobre a educação integral, que se traduziria no fortalecimento de um trabalho em equipe e na valorização de cada área envolvida. A figura de Dedê Prais como apoiadora do projeto é central, pois ela não apenas deu liberdade para a criação e execução do programa, mas também o consolidou como um modelo de sucesso, reconhecido em Uberaba e no estado de Minas Gerais.

O depoimento também destaca o impacto social do CAIC, que se tornou um espaço procurado tanto por profissionais quanto por pais, dada a qualidade do trabalho realizado e a transformação observada nos alunos. Essa mudança de perspectiva em relação ao CAIC, anteriormente visto como um espaço de risco, reflete o sucesso do projeto na elevação da autoestima e na inserção dos jovens em novas oportunidades. O apoio contínuo de Dedê Prais e sua capacidade de articulação, como demonstrado na visita a Belo Horizonte e na reunião com Murílio Hingel, foi essencial para o reconhecimento e expansão do trabalho do CAIC, que se tornou referência. A frase atribuída a São Francisco, reproduzida no encerramento, sintetiza o espírito da gestão de Dedê Prais: transformar o possível em algo extraordinário, o que, de fato, ocorreu no CAIC sob sua liderança.

A análise comparativa dos programas e projetos desenvolvidos nas gestões municipais de 1993-1996 e 1997-2000 revela aspectos tanto de continuidade quanto de transformação nas prioridades e estratégias empregadas ao longo desses períodos. A evolução das políticas educacionais é marcada por uma renovação nas abordagens de gestão, evidenciando uma progressão no entendimento das necessidades educacionais da comunidade e nas práticas de administração pública externas à educação.

Ambas as gestões mantiveram como prioridades a melhoria da qualidade do ensino e da infraestrutura escolar, demonstrando uma continuidade no compromisso com a educação

básica. O foco na formação contínua dos professores, na distribuição de materiais didáticos e na modernização das escolas refletem uma linha de ação constante e estrategicamente voltada para o fortalecimento da qualidade do ensino. Tais ações são representativas de um compromisso duradouro com a educação como um pilar fundamental para o desenvolvimento social e econômico do município. A permanência dessas iniciativas ao longo dos anos é um indicativo de que a educação foi considerada uma prioridade transversal e essencial para o bem-estar da comunidade.

Entretanto, a gestão de 1997-2000 se destaca por uma ampliação da dimensão democrática e participativa na gestão escolar. Com a criação de conselhos escolares e a implementação de novos canais de comunicação com a comunidade, busca-se uma administração mais horizontalizada e transparente, capaz de incorporar a comunidade escolar nas decisões do cotidiano educacional. A valorização da participação ativa dos alunos e o incentivo à integração da comunidade com as questões escolares apontam para uma gestão mais inclusiva e colaborativa, refletindo uma mudança significativa na forma de conceber a administração pública voltada para a educação.

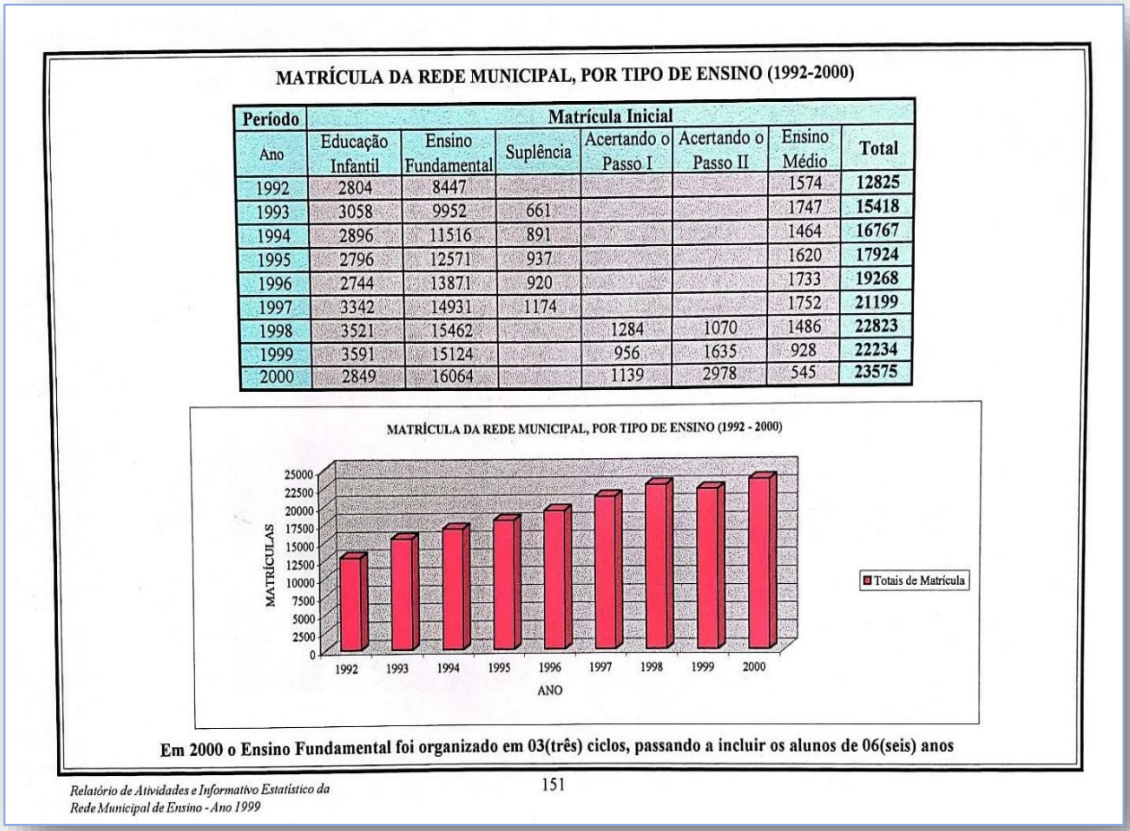
Além disso, destaca-se na gestão de 1997-2000 um investimento mais robusto em programas voltados à inclusão social e à promoção da cidadania. Projetos como a educação ambiental e as atividades culturais foram intensificados, ampliando o escopo educacional para além da sala de aula. Esse movimento buscava formar cidadãos conscientes, críticos e engajados com questões sociais e ambientais, refletindo uma preocupação crescente com a formação holística do estudante e com a ampliação do papel da educação na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em resumo, a comparação entre os programas e projetos desenvolvidos nas gestões de 1993-1996 e 1997-2000 revela que a segunda gestão trouxe avanços significativos, especialmente no fortalecimento da participação comunitária nas decisões educacionais e no desenvolvimento de uma gestão mais democrática e transparente. No entanto, mesmo que a continuidade de políticas e programas da gestão anterior indique um processo de construção coletiva e contínua das políticas públicas educacionais, a gestão de 1997-2000 expandiu e divulgou iniciativas que já estavam em andamento, o que demonstra que a transformação na educação municipal se deu de maneira progressiva e construtiva, visando consolidar políticas educacionais benéficas para toda a comunidade escolar.

O Relatório de Atividades e Informativo Estatístico da Rede Municipal de Ensino – 1999-2000 apresenta dados quantitativos da rede no período de 1992-2000, dentre os dados

consideramos relevante apresentar o demonstrativo do crescimento de matrículas relativos a cada ano e o número de escolas e tipos de ensino oferecido na rede municipal, reproduzidos na Figura 42. Esses números refletem não apenas a ampliação do acesso à educação, mas também o impacto das políticas educacionais inovadoras durante as gestões evidenciadas, o que permite uma análise detalhada da evolução da estrutura escolar municipal e do atendimento à população estudantil ao longo dos anos.

Figura 42 - Demonstrativo do número de matrículas na gestão de Dedê Prais



MATRÍCULA DA REDE MUNICIPAL, POR TIPO DE ENSINO (1992-2000)

Período	Matrícula Inicial						
Ano	Educação Infantil	Ensino Fundamental	Suplência	Acertando o Passo I	Acertando o Passo II	Ensino Médio	Total
1992	2804	8447				1574	**12825**
1993	3058	9952	661			1747	**15418**
1994	2896	11516	891			1464	**16767**
1995	2796	12571	937			1620	**17924**
1996	2744	13871	920			1733	**19268**
1997	3342	14931	1174			1752	**21199**
1998	3521	15462		1284	1070	1486	**22823**
1999	3591	15124		956	1635	928	**22234**
2000	2849	16064		1139	2978	545	**23575**

Em 2000 o Ensino Fundamental foi organizado em 03(três) ciclos, passando a incluir os alunos de 06(seis) anos

Relatório de Atividades e Informativo Estatístico da Rede Municipal de Ensino - Ano 1999

151

Fonte: Relatório de Atividades e Informativo Estatístico da Rede Municipal de Ensino (1999-2000, p. 151).

O quadro acima apresenta a evolução do número de matrículas na Rede Municipal de Ensino, classificadas por tipo de ensino, no período compreendido entre 1992 e 2000. Os dados evidenciam uma significativa ampliação no acesso à educação, com dinâmicas distintas de crescimento em cada etapa de ensino. No total, as matrículas na rede municipal aumentaram expressivamente, passando de 12.825 em 1992 para 23.575 em 2000. Este crescimento, que praticamente dobrou em oito anos, representa um esforço contínuo e planejado para ampliar o

atendimento educacional no município, destacando um progresso considerável em infraestrutura e políticas públicas voltadas para o setor.

Na Educação Infantil, houve um aumento sutil nas matrículas, de 2.804 em 1992 para 2.849 em 2000. Embora o crescimento tenha sido modesto, ele indica uma maior atenção à demanda por atendimento à primeira infância, o que pode estar relacionado a investimentos mais direcionados a partir de 1996, levando-se em conta que essa etapa é crucial para o desenvolvimento inicial das crianças e representa uma prioridade crescente no planejamento educacional.

O Ensino Fundamental concentrou a maior parcela de matrículas durante o período analisado. Em 1992, o número era de 8.447 alunos, saltando para 16.064 em 2000, quase o dobro em oito anos. Esse aumento está diretamente ligado à reorganização do ensino em ciclos, citada no quadro, e à inclusão de crianças de 6 anos no sistema a partir de 2000. A expansão reflete um esforço significativo em garantir o acesso universal à educação básica, alinhado às diretrizes nacionais e ao fortalecimento do direito à educação.

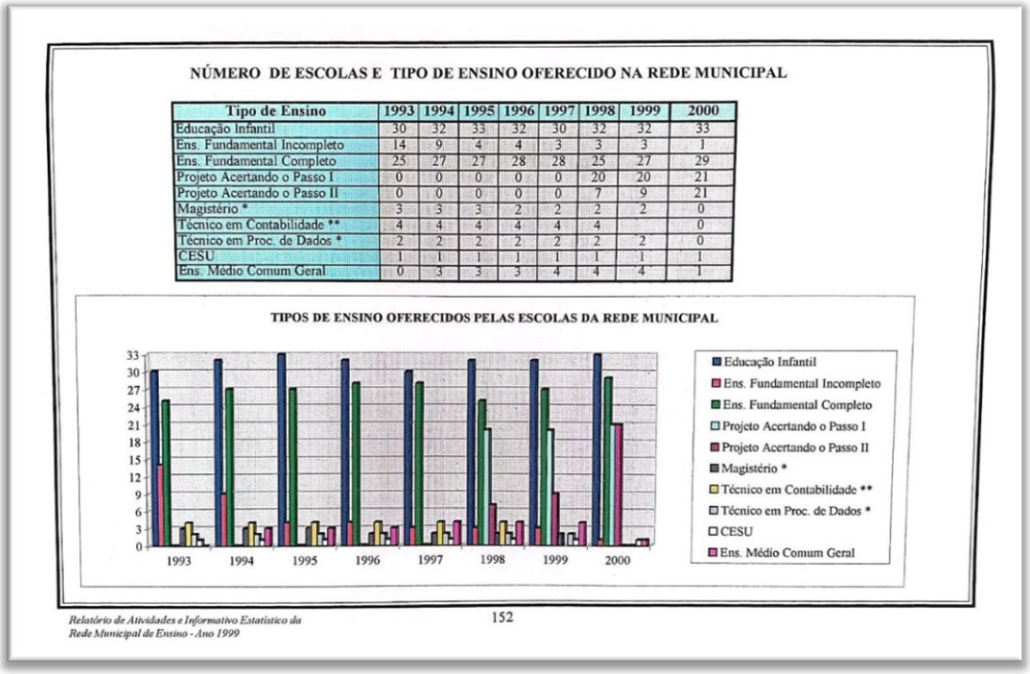
Por outro lado, o Ensino Médio apresentou uma redução significativa no número de matrículas, caindo de 1.574 em 1992 para 545 em 2000. Esse dado sugere desafios específicos para essa etapa, possivelmente relacionados à menor oferta de vagas ou ao direcionamento da gestão municipal para priorizar o Ensino Fundamental e a Educação Infantil. A redução contrasta com o crescimento das demais etapas, indicando a necessidade de uma análise aprofundada dos fatores que influenciaram essa queda, provavelmente decorrente da transferência de responsabilidade do Ensino Médio para o Estado, com a promulgação da LDB nº 9.394, em 1996. Com essa legislação, o Estado passou a garantir o Ensino Médio, enquanto os municípios continuaram responsáveis pela oferta do Ensino Fundamental.

O gráfico de barras que acompanha os dados reforça o crescimento constante do total de matrículas ao longo do período, ilustrando a ampliação progressiva do atendimento educacional. Essa expansão demonstra um esforço contínuo para atender às demandas educacionais da população, mesmo diante de desafios em etapas específicas.

Em síntese, os dados evidenciam um esforço significativo da gestão municipal para ampliar o acesso à educação entre 1992 e 2000, com resultados especialmente positivos na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Apesar da redução das matrículas no Ensino Médio, o cenário geral reflete avanços importantes em infraestrutura, planejamento estratégico e políticas educacionais. Além do aumento quantitativo, essas mudanças indicam avanços

qualitativos no atendimento educacional, consolidando a educação como um direito fundamental e universal.

Figura 43 - Número de Escolas e Tipo de Ensino oferecido na Rede Municipal



NÚMERO DE ESCOLAS E TIPO DE ENSINO OFERECIDO NA REDE MUNICIPAL

Tipo de Ensino	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Educação Infantil	30	32	33	32	30	32	32	33
Ens. Fundamental Incompleto	14	9	4	4	3	3	3	1
Ens. Fundamental Completo	25	27	27	28	28	25	27	29
Projeto Acertando o Passo I	0	0	0	0	0	20	20	21
Projeto Acertando o Passo II	0	0	0	0	0	7	9	21
Magistério *	3	3	3	2	2	2	2	0
Técnico em Contabilidade **	4	4	4	4	4	4		0
Técnico em Proc. de Dados *	2	2	2	2	2	2	2	0
CESU	1	1	1	1	1	1	1	1
Ens. Médio Comum Geral	0	3	3	3	4	4	4	1

Relatório de Atividades e Informativo Estatístico da Rede Municipal de Ensino - Ano 1999

152

Fonte: Relatório de Atividades e Informativo Estatístico da Rede Municipal de Ensino (1999-2000, p. 152).

O quadro acima apresenta dados sobre o número de escolas e os tipos de ensino oferecidos pela Rede Municipal de Ensino entre os anos de 1993 e 2000. Essa análise permite observar uma trajetória de expansão e diversificação das modalidades e níveis educacionais atendidos, refletindo o compromisso de gestão pública em responder às demandas sociais por uma educação inclusiva e de qualidade.

No que se refere à Educação Infantil, o período desenvolvido demonstra uma tendência de crescimento constante no número de escolas. Em 1993, trinta instituições ofereciam essa etapa educacional, número que aumentou gradativamente até atingir trinta e três em 2000. Tal expansão evidencia o alinhamento das políticas públicas municipais às diretrizes nacionais, que passaram a valorizar a Educação Infantil como uma etapa essencial para o desenvolvimento integral da criança e para a promoção de oportunidades educacionais mais igualitárias.

No âmbito do Ensino Fundamental, é possível identificar movimentos de reorganização das modalidades oferecidas. O Ensino Fundamental Incompleto apresentou uma redução significativa no número de escolas ao longo dos anos. Em 1993, quatorze instituições ofereciam essa modalidade; no entanto, em 2000, apenas uma escola ainda mantinha essa oferta. Essa

redução reflete os esforços para consolidar a universalização do Ensino Fundamental Completo, conforme orientações nacionais, eliminando barreiras históricas que comprometem a progressão e a conclusão dessa etapa educacional.

Por outro lado, o número de escolas que ofereciam o Ensino Fundamental Completo cresceu de 25 em 1993 para 29 em 2000. Esse aumento revela o compromisso da rede municipal em garantir não apenas o acesso, mas também a permanência dos estudantes na escola, promovendo uma trajetória escolar contínua e integral.

A inclusão dos projetos educacionais "Acertando o Passo I" e "Acertando o Passo II", voltados para correção de distorções de idade-série, representa uma iniciativa inovadora no período. Esses projetos surgem em 1998, com vinte escolas oferecendo o primeiro módulo e sete, o segundo. Em 1999, as adesões aumentavam, com vinte escolas no "Acertando o Passo I" e nove no "Acertando o Passo II". No ano 2000, ambos os projetos funcionavam em 21 escolas, demonstrando uma preocupação contínua com a inclusão e a recuperação do fluxo escolar. Essas ações revelam o compromisso da rede municipal com o enfrentamento das desigualdades educacionais e com a garantia de oportunidades para alunos que, de outra forma, poderiam ser excluídos do sistema educacional.

O Ensino Profissionalizante, representado pelas modalidades de Magistério, Contabilidade e Técnico em Processamento de Dados, foi ofertado significativamente entre 1993 e 1998. Após esse período, tais modalidades desapareceram do quadro da rede municipal. Essa transição sugere uma restrição possível das prioridades educacionais, com maior enfoque na universalização do ensino básico e na regularização do fluxo escolar.

Em relação ao Ensino Médio Comum Geral e ao Centro de Ensino Superior de Uberaba (CESU), observa-se que essas modalidades mantiveram uma presença discreta na rede municipal. Em 2000, apenas uma escola oferecia o Ensino Médio Geral e uma o CESU. Esses números revelam que a ampliação da oferta de Ensino Médio ainda era um desafio para o município, refletindo limitações estruturais e orçamentárias na garantia de continuidade dos estudos após o Ensino Fundamental.

De forma geral, o quadro evidencia avanços expressivos na rede municipal, especialmente em relação à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental Completo, que acompanharam as políticas nacionais de universalização do ensino básico na década de 1990.

Caminhando para o final da gestão (1997-2000), a edição n.º 25, do Jornal Nova Dimensão, destaca a comemoração do último aniversário de Dedê Prais à frente da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba (SMED):

> Aniversário da Secretária, Maria de Lourdes Melo Prais, comemorado com muito afeto, pela Associação de Diretores (homenagens das 35 escolas através de seus educadores e estudantes) e pelas equipes da Faculdade de Educação e da SMED no Jóquei Clube, no Hotel Tamareiras e na própria Secretaria de Educação nos dias 4 e 5 de abril. Presença do Prefeito Marcos Montes, acompanhado da esposa Marília, e de alguns Secretários Municipais. O reconhecimento ao trabalho da Secretária a partir de 93 e a consolidação do perfil da Escola Cidadã foram a tônica das comemorações (Nova Dimensão n.º 25, 2000, p. 7).

Figura 44 - Comemorações do aniversário da Secretária de Educação

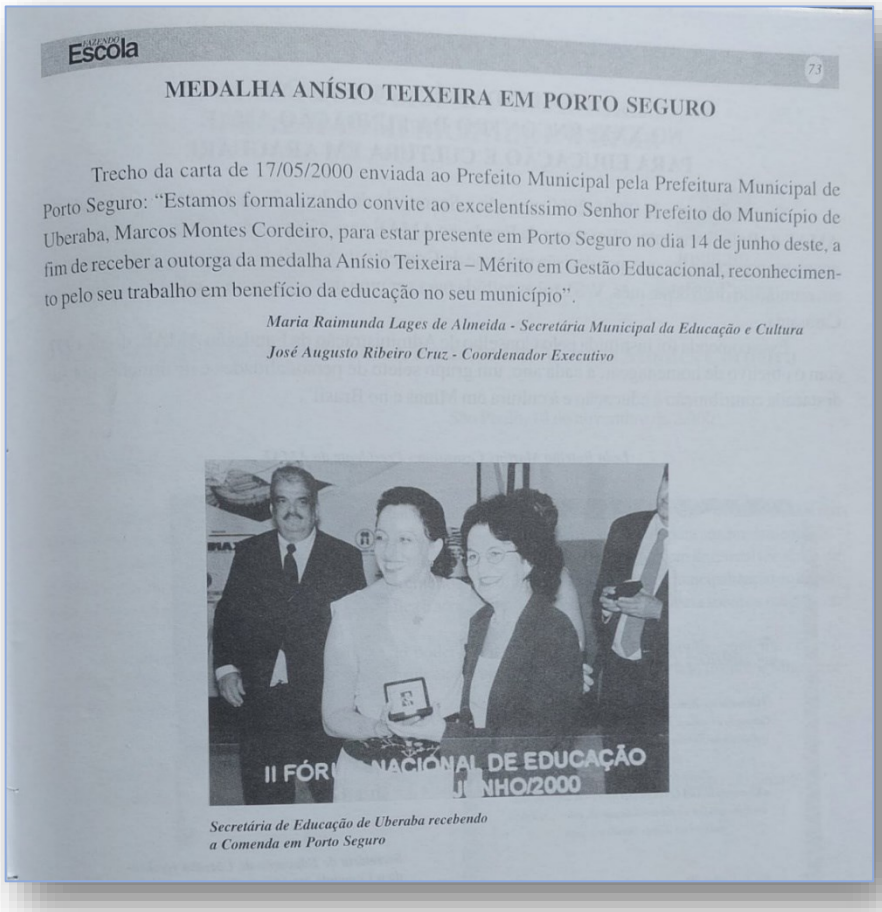
Fonte: Jornal Nova Dimensão (2000, p. 07).

Na imagem acima, Dedê Prais está sentada no chão do ginásio onde recebeu a homenagem em seu aniversário, segurando as mãos de crianças posicionadas atrás dela em semicírculo. As crianças vestem camisetas com letras estampadas que, juntas, formam as palavras “Escola Cidadã”. O destaque das comemorações foi o reconhecimento ao trabalho iniciado por Dedê Prais em 1993, que consolidou o perfil da “Escola Cidadã”, uma proposta de gestão democrática e de educação integral. A celebração não apenas exaltou as conquistas e avanços promovidos durante sua gestão, mas também reafirmou seu legado como líder educacional comprometida com a transformação da educação municipal.

Em 14 de junho de 2000, Maria de Lourdes Melo Prais vivenciou mais um marco significativo em sua trajetória ao ser agraciada com a Medalha Anísio Teixeira, uma honraria de grande prestígio concedida em reconhecimento à sua excelência em Gestão Educacional. A condecoração foi outorgada por instituições renomadas, como o Ministério da Educação, a Undime, o Fórum dos Conselhos Estaduais de Educação e a Secretaria de Estado da Educação da Bahia, por ocasião do II Fórum Nacional de Educação, realizado em Porto Seguro, em comemoração ao impacto de seu trabalho em prol da educação no município.

A Figura 45 revela não apenas a solenidade do evento, mas também o reconhecimento público de uma trajetória profundamente enraizada na ética do cuidado, na valorização da escola pública e na defesa intransigente da educação como direito. Mais do que uma homenagem pessoal, o gesto de entrega da medalha representa a consagração de uma visão de gestão comprometida com a equidade, o diálogo e a participação social. Essa distinção, recebida diante de representantes de diferentes esferas da educação nacional, simboliza a inserção de sua atuação local em um contexto mais amplo de lutas e avanços educacionais no país.

Figura 45 - Recebimento da Medalha Anísio Teixeira



Fazendo Escola 73

MEDALHA ANÍSIO TEIXEIRA EM PORTO SEGURO

Trecho da carta de 17/05/2000 enviada ao Prefeito Municipal pela Prefeitura Municipal de Porto Seguro: "Estamos formalizando convite ao excelentíssimo Senhor Prefeito do Município de Uberaba, Marcos Montes Cordeiro, para estar presente em Porto Seguro no dia 14 de junho deste, a fim de receber a outorga da medalha Anísio Teixeira – Mérito em Gestão Educacional, reconhecimento pelo seu trabalho em benefício da educação no seu município".

Maria Raimunda Lages de Almeida - Secretária Municipal da Educação e Cultura

José Augusto Ribeiro Cruz - Coordenador Executivo

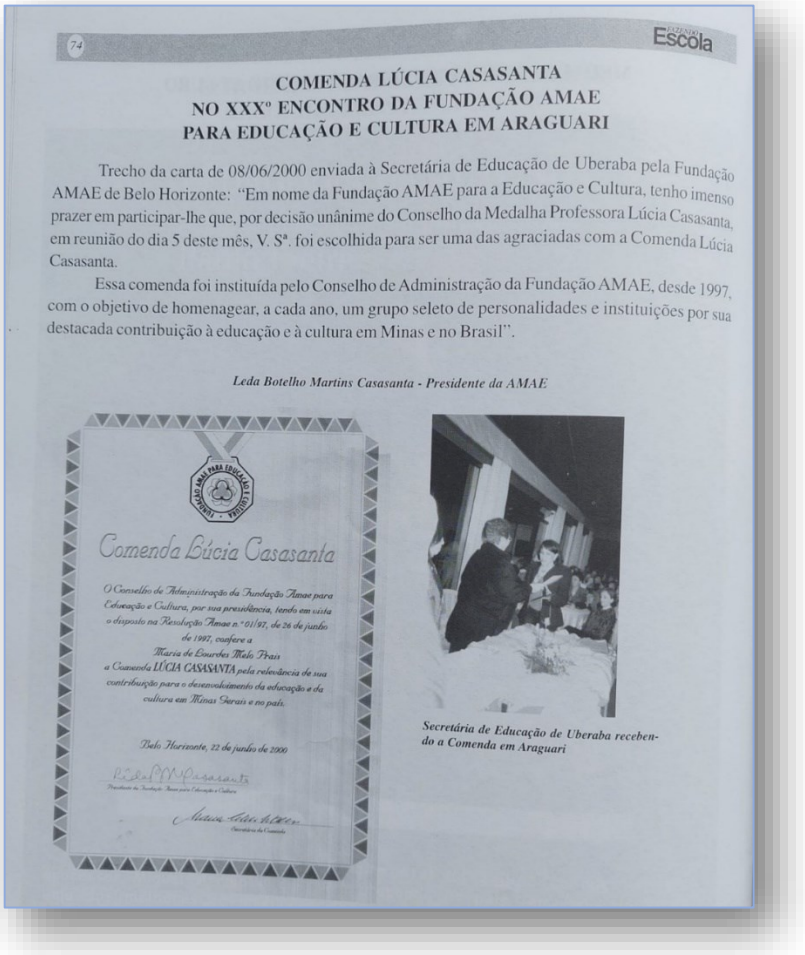
Secretária de Educação de Uberaba recebendo a Comenda em Porto Seguro

Fonte: Revista Fazendo Escola (2000, p. 73).

Ainda no mesmo mês, Dedê Prais foi agraciada com a Comenda Lúcia Casassanta, concedida pela Fundação AMAE de Belo Horizonte durante seu XXX Encontro da Fundação AMAE. Instituída em 1997, pelo Conselho de Administração da Fundação, a comenda é outorgada, a cada ano, a um grupo de personalidades escolhido por sua destacada contribuição à educação e à cultura em Minas Gerais e no Brasil. A homenagem reafirma o reconhecimento

institucional do papel de Dedê Prais como educadora comprometida com a formação humanista e transformadora. Ao lado de outros nomes de relevância nacional, sua presença nesse seleto grupo evidencia o alcance de sua atuação para além das fronteiras do município de Uberaba, consolidando sua trajetória como referência no cenário educacional brasileiro.

Figura 46 - Recebimento da Comenda Lúcia Casasanta



74 Fazendo Escola

COMENDA LÚCIA CASASANTA NO XXXº ENCONTRO DA FUNDAÇÃO AMAE PARA EDUCAÇÃO E CULTURA EM ARAGUARI

Trecho da carta de 08/06/2000 enviada à Secretária de Educação de Uberaba pela Fundação AMAE de Belo Horizonte: "Em nome da Fundação AMAE para a Educação e Cultura, tenho imenso prazer em participar-lhe que, por decisão unânime do Conselho da Medalha Professora Lúcia Casasanta, em reunião do dia 5 deste mês, V. Sª. foi escolhida para ser uma das agraciadas com a Comenda Lúcia Casasanta.

Essa comenda foi instituída pelo Conselho de Administração da Fundação AMAE, desde 1997, com o objetivo de homenagear, a cada ano, um grupo seleto de personalidades e instituições por sua destacada contribuição à educação e à cultura em Minas e no Brasil".

Leda Botelho Martins Casasanta - Presidente da AMAE

Comenda Lúcia Casasanta

O Conselho de Administração da Fundação Amae para Educação e Cultura, por sua presidência, tendo em vista o disposto na Resolução Amae n.º 01/97, de 26 de junho de 1997, outorga a Maria de Lourdes Malo Prais a Comenda LÚCIA CASASANTA pela relevância de sua contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura em Minas Gerais e no país.

Belo Horizonte, 22 de junho de 2000

Secretária de Educação de Uberaba recebendo a Comenda em Araguari

Fonte: Revista Fazendo Escola (2000, p. 74).

No início do mês de novembro de 2000, Uberaba reafirmou seu compromisso com a educação e a cultura, em um período de intensa humanização da Escola Cidadã, sob a gestão de Dedê Prais deixando memórias afetuosas de uma celebração que marcou a cidade e o coração de todos os envolvidos: a presença de Ziraldo em ações educativo-culturais, conforme texto assinado por Vânia Maria Resende, publicado no JM Online.

> [...] Ano 2000. Período fértil e humanizado da Escola Cidadã sob a gestão de Maria de Lourdes Melo Prais. A Secretaria Municipal de Educação planejou para 7 e 8 de novembro ações educativo-culturais a partir do projeto "O Menino Maluquinho – 20 anos em festa", com a presença do autor. Ele ficou viúvo uns 4 meses antes e depois disso foi operado do coração. Chegando novembro, ligou-me, comunicando que tinha uma notícia ruim e uma boa: estava em recuperação, mas viria mesmo de maca. Veio, e viveu dias vibrantes, de alegria coletiva intensa, em especial na festa grandiosa na praça da Igreja Santa Rita (parceria com o Proler/Biblioteca Municipal) [...] JM Online, 2024, n.p.)

Enquanto Secretária da Educação, Dedê Prais planejou atividades educativo-culturais que comemoraram os 20 anos de "O Menino Maluquinho" com a presença de Ziraldo, em grande festa na Praça da Igreja Santa Rita. Em parceria com o Proler e a Biblioteca Municipal, Dedê declarou seu compromisso com a valorização da cultura e o fortalecimento dos laços afetivos na educação. A foto abaixo ilustra esse momento significativo para os profissionais da educação em Uberaba.

Figura 47 - Dedê Prais em ação educativo-cultural com Ziraldo

Fonte: Arquivo pessoal da professora Aure Neire de Melo Bernardi (2014).

A foto mostra um grupo de professoras reunidas em um momento alegre e descontraído, com o escritor Ziraldo ao centro abraçado à professora Aure Neire (de casaco azul), que está do lado direito da professora Dedê Prais (de verde). Muitas das professoras abraçadas ao livro que receberam com dedicatória e usando chapéus coloridos de papel, inspirados no icônico chapéu da personagem "Professora Muito Maluquinha", simbolizando o espírito festivo do

evento. A cena transmite uma atmosfera de celebração e valorização da cultura e da educação, destacando o impacto positivo do evento organizado pela Secretaria de Educação de Uberaba sob a liderança de Dedê Prais.

Em entrevista ao Jornal da Manhã, em 8 de novembro de 2000, Ziraldo destacou a excelência do trabalho realizado por Dedê Prais na educação, afirmando: "Conheço o Brasil de ponta a ponta, e é muito difícil ver um trabalho tão bom quanto esse desenvolvido por Dedê". Ele também ressaltou a singularidade de sua atuação, enfatizando que "poucas cidades têm uma profissional tão competente como Dedê nesta área" (Fazendo Escola, 2000, p. 76).

Encerrando um ciclo muito produtivo no ano 2000, Dedê Prais se despediu emocionadamente de todos os membros da Rede Municipal de Ensino, incluindo assessores, professores, diretores, especialistas, técnicos, secretários, servidores e vigias. Para marcar esse momento especial, ela entregou pessoalmente uma mensagem impressa, fazendo questão de abraçar e agradecer a cada um dos que conseguiu encontrar.

> Aos Educadores da Rede Municipal de Ensino de Uberaba
> Era 1993. Eu acabara de chegar à Rede Municipal de Ensino e me dava conta de que haveria um tempo de semeadura e um tempo de colheita. E, inocente, estava convencida de que a mim estava reservado o primeiro tempo. E angustiava-me com o preparo do terreno.
> Enganei-me. O solo era fértil e das sementes fez-se colorido jardim e abundante celeiro. Compreendi: semeadura e colheita podem ser simultâneas. E mais: jardins nunca estão definitivamente prontos.
> Era 1997. Prolonguei-me um tempo a mais, afeiçoada que estava ao jardim. Hoje, como Neruda[53], posso dizer: "Confesso que vivi", plantei árvores, arbustos, gramíneas e flores, tive alegrias, alimentei-me de esperanças, coloquei-me por inteira.
> Com o correr do tempo fiquei mais sábia e terna. É sempre assim: a sabedoria vem com o crepúsculo, grávida dos sonhos do amanhecer. Com ela, as coisas ficam mais simples, fazendo brotar a mais genuína confiança e gratidão. A quem chega, como o jardineiro que tem fé, afianço: é preciso, apenas, saber colher e ressemear.
> OBRIGADA PELO ACONCHEGO
> Assim, parto como quem fica; recompensada pela harmonia do jardim, pela fartura do celeiro, e, sempre, absolutamente convicta, como nos versos de Pessoa[54], de algumas certezas:
> "a certeza de que estava começando...
> a certeza de que era preciso continuar...
> a certeza de que seria interrompida antes de terminar[55]..."
> Cuidem-se, sejam felizes
> Dedê Prais
> Dez/2000

[53] Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto (1904-1973), mais conhecido pelo seu pseudônimo e, mais tarde, nome legal, Pablo Neruda, foi um poeta-diplomata chileno e político que ganhou o Prémio Nobel da Literatura em 1971.

[54] Fernando António Nogueira Pessoa (1888-1935) foi um poeta, dramaturgo, ensaísta, tradutor, publicitário, astrólogo, inventor, empresário, correspondente comercial, crítico literário e comentador político português, considerado um dos poetas mais ilustres do modernismo e um dos maiores expoentes da língua portuguesa.

[55] Nota explicativa: Fernando Pessoa não escreveu o texto chamado "Depois de tudo" que começa com a frase "De tudo, ficaram três coisas". O verdadeiro autor é o escritor brasileiro Fernando Sabino.

A mensagem entregue por Dedê Prais ao final de sua gestão como Secretaria Municipal de Educação de Uberaba é uma despedida marcada pela profundidade simbólica e pela sensibilidade poética, refletindo sua trajetória na educação como um ato de entrega, transformação e esperança. Ao citar Pablo Neruda e Fernando Sabino, Dedê Prais dialoga com a universalidade da poesia para expressar sua experiência educacional e a continuidade do trabalho coletivo.

Usando a metáfora de semeadura e colheita, ela destaca o potencial fértil da rede de ensino e a natureza contínua da educação, que exige cuidado e renovação permanentes. A referência a Neruda, "Confesso que vivi", traduz sua dedicação integral e o amor pelo trabalho. Já os versos de Sabino reforçam a ideia de que o ato de educar é inacabado e perene, transcendendo uma única gestão.

Por fim, ao expressar sua gratidão pelo "aconchego" e deixar votos de cuidado e felicidade, Dedê Prais revela seu afeto genuíno pelos colegas e pela comunidade educativa. Sua mensagem é, ao mesmo tempo, um agradecimento, um ensinamento e uma passagem simbólica de responsabilidades. A força do texto reside em sua capacidade de transformar despedida em continuidade, reafirmando que o ato de educar é, acima de tudo, um gesto coletivo e perene. Essa despedida afetuosa marca o encerramento de um ciclo na gestão pública municipal, mas também sinaliza o início de uma nova etapa em sua trajetória profissional, agora voltada para a atuação em âmbito nacional.

Dedê Prais (2024) relembra o recebimento do convite para integrar a equipe do Instituto Paulo Freire, após se desligar da Secretaria de Ensino:

> Em janeiro de 2001 fui convidada por Moacir Gadotti para integrar a Equipe Técnica do Instituto Paulo Freire e, nesta condição, assessorei vários municípios de diferentes Estados, a saber: Mato Grosso, Pará, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Ainda hoje, considero-me integrante da equipe, embora minhas condições de saúde há algum tempo, tenham me impedido de assumir grande parte das solicitações, trabalhei também como consultora na área da Educação, através da minha própria empresa: POIÉSIS: PRAIS & PRAIS CONSULTORIA EDUCACIONAL LTDA, desde então (Dedê Prais, 2024).

O trecho destaca a continuidade do compromisso de Dedê Prais com os ideais freirianos ao integrar, a partir de 2001, a Equipe Técnica do Instituto Paulo Freire, a convite de Moacir Gadotti. Nesse papel, Dedê Prais ampliou seu alcance na educação, assessorando municípios de diferentes estados brasileiros, na implementação de políticas e práticas pedagógicas fundamentadas na pedagogia crítica de Paulo Freire. Ademais, a menção de Dedê Prais ao fato de ainda se considerar parte da equipe, apesar das limitações de saúde que reduziram sua atuação, revela o profundo vínculo e o senso de pertencimento à missão do Instituto.

No âmbito internacional, o trabalho de Maria de Lourdes Melo Prais foi laureado com o Prêmio de Integração Latino-americano, concedido pela Câmara Internacional de Pesquisas e Integração Social (CIPIS), em virtude dos reflexos positivos da proposta na educação do município e seu impacto nos países do Mercosul e da América Latina. A cerimônia de entrega do prêmio ocorreu em maio de 2003, durante o IX Painel Americano de Integração, realizado em Curitiba.

Em 02 de março de 2007, Maria de Lourdes Melo Prais, recebeu a Comenda da Paz Chico Xavier, uma honraria assinada pelo então governador Itamar Franco, instituída pela Lei n.º 13.394/1999[56], de 07/12/1999, e regulamentada pelo Decreto n.º 41540/2001. A comenda, entregue anualmente na data de aniversário do município, é concedida a pessoas e instituições que se destacam pela promoção da paz por meio de iniciativas sociais, científicas e artísticas.

A escolha de Dedê Prais para esse reconhecimento destaca o impacto de sua atuação na educação pública e no fortalecimento da cidadania. Juntamente com nomes renomados como a atriz Nicete Bruno e o ator Paulo Goulart, Dedê foi homenageada por seu papel fundamental no desenvolvimento de projetos educativos voltados à formação crítica e emancipadora dos estudantes de Uberaba. A Comenda da Paz Chico Xavier, portanto, confirma o legado de Dedê Prais na promoção de uma cultura de paz e cidadania, alinhada aos valores freirianos que marcaram sua trajetória educacional.

Dedê Prais (2024) faz questão de elencar outros reconhecimentos recebidos em virtude implantação do Projeto de “Escola Cidadã: construção amorosa da cidadania”:

> Esta proposta obteve resultados amplamente divulgados, alcançando reconhecimento nacional e internacional de diversas autoridades e entidades. Dentre os destaques, encontra-se o reconhecimento de Paulo Freire, que levou à apresentação da experiência no Curso de Pós-Graduação em Políticas Públicas da PUC/SP e à sua menção no livro Pedagogia da Autonomia.
> A iniciativa também foi reconhecida por organizações como a Fundação Banco do Brasil, o Instituto Ayrton Senna e a Fundação Pitágoras. Esse reconhecimento permitiu que Uberaba fosse incluído no Programa de Gestão Educacional desenvolvido por esses institutos, ao lado de outros 53 municípios brasileiros selecionados por sua evidência de potencial em promover melhorias na qualidade do ensino.
> Hoje, ao observarmos de longe e de fora o caminho percorrido, podemos nos alegrar sem falsa modéstia, mas também sem arrogância ou demagogia. Reconhecemos com humildade as conquistas alcançadas e, ao mesmo tempo, a necessidade de continuar avançando, pois ainda há muito por fazer (Dedê Prais, 2024).

A reflexão de Dedê Prais (2024) sobre os prêmios recebidos evidencia sua postura equilibrada e humilde diante das conquistas obtidas ao longo de sua trajetória. Ao celebrar os

[56] Para leitura na íntegra, acesse: <https://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-13394-1999-minas-gerais-institui-a-comenda-da-paz-chico-xavier>.

reconhecimentos com alegria e gratidão, ela evita tanto a falsa modéstia quanto a arrogância, mostrando uma maturidade profissional e pessoal que valoriza o esforço coletivo e a relevância do trabalho realizado. Sua fala destaca ainda a consciência de que a educação é um processo contínuo, sempre em construção, no qual as conquistas passadas não encerram a missão, mas servem como alicerces para novos desafios e avanços, pensamento esse que inspira a perseverança e a renovação constante, reafirmando a essência transformadora da educação.

O maior reconhecimento ao trabalho de Maria de Lourdes Melo Prais aconteceu em maio de 2014, quando o site da Prefeitura Municipal de Uberaba anunciou a apresentação de um novo espaço dedicado à formação de educadores, a Casa do Educador "Dedê Prais", a partir de projeto idealizado pela Prefeitura de Uberaba, por meio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, com o objetivo de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. A proposta da Casa do Educador incluía uma formação continuada, tanto em serviço quanto em nível de pós-graduação (*lato* e *stricto sensu*), oferecendo oportunidades de aperfeiçoamento profissional para os educadores da rede municipal (Uberaba, 2014, n.p.).

O espaço foi concebido como um local privilegiado para a pesquisa, estudo, reflexão e socialização de saberes, inspirando-se nos princípios de Paulo Freire e visando promover uma reflexão crítica sobre a prática docente, na qual o próprio discurso teórico se confunde com a prática, contribuindo para a melhoria contínua do trabalho educacional:

> Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunda com a prática (Freire, 1996, p. 21).

Além das atividades de formação, a Casa do Educador também oferecia iniciativas inovadoras ao bem-estar dos educadores, como aulas de dança, relaxamento, xadrez, violão, teatro e canto, bem como serviços de apoio multiprofissional, envolvendo nutricionistas, psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais e técnicos de enfermagem. O novo espaço resgatou o modelo do antigo Centro de Formação de Professores (CEFOR), idealizado por Maria de Lourdes Melo Prais, em 1994, e carinhosamente referido por ela como sua "menina dos olhos". Embora tenha sido fechado pela gestão anterior, o centro foi reaberto com um escopo ampliado, destinado à formação de cerca de dois mil professores da rede municipal, reafirmando o compromisso com a valorização e o desenvolvimento dos educadores (Uberaba, 2014, n.p.).

A Casa, nomeada em homenagem à professora Maria de Lourdes Melo Prais, conhecida por sua significativa contribuição à educação no município, teve sua apresentação oficial em 19 de maio de 2014, na sede localizada na Rua Onofre da Cunha Rezende, no bairro São Benedito. Abaixo, temos a imagem de Dedê Prais discursando na conferência oficial de inauguração:

Figura 48 - Conferência de inauguração da Casa do Educador “Dedê Prais”

Fonte: Arquivo da Casa do Educador “Prof.ª Dedê Prais” (2014).

O Plano de Gestão da Secretaria Municipal de Educação para o período de 2013 a 2016 foi oficialmente apresentado em uma conferência realizada na Casa do Educador - Prof.ª Dedê Prais, em 5 de agosto de 2014. O documento traçando onze metas com 69 estratégias

sintetizadas em 38 projetos, contou com a assessoria de Dedê Prais na elaboração e foi entregue durante um “Café com Prosa”, na Casa do Educador. O evento, noticiado no site da Prefeitura Municipal de Uberaba em 31/07/2014 e 06/08/2014, foi um marco para a educação na cidade, reunindo três importantes lideranças educacionais: Marilda Ribeiro, Maria de Lourdes Melo Prais e Silvana Elias, representadas na Figura 49, da esquerda para a direita. A oportunidade reafirmou o compromisso da Secretária de Educação Silvana Elias da Silva Pereira (2013-2020) com o aprimoramento da educação municipal, abrindo novas perspectivas para o futuro da formação escolar em Uberaba.

Sobre esse período, Dedê Prais (2024) relembra: “Minhas últimas, consultorias, sempre focadas no olhar freiriano, foram em atendimento à Secretaria Municipal de Educação de Uberaba no período de 2013 a 2015”.

Figura 49 - Apresentação do Plano de gestão da educação municipal: 2013-2016

Fonte: Arquivo da Casa do Educador “Prof.ª Dedê Prais” (2014).

O depoimento de Pereira (2025), sobre o período supracitado, expressa sua admiração por Maria de Lourdes Melo Prais, destacando sua contribuição significativa para as políticas

educacionais e o fortalecimento da educação em Uberaba. A relação de aprendizagem e cumplicidade entre elas é evidente no relato, encaminhado em meados de janeiro de 2025:

> Falar de Maria de Lourdes Melo Prais, a nossa Dedê, é falar de múltiplas pessoas numa só. Conheci Dedê como Diretora da Escola Estadual Nossa Senhora D'Abadia pelo belíssimo trabalho realizado na instituição. Logo depois tive a honra de ser sua colega ocupando o primeiro escalão na gestão municipal. Ela na Secretaria Municipal de Educação e eu na Secretaria Municipal de Assistência Social, período que favoreceu nossa proximidade, cumplicidade nas lutas e, especialmente, uma amizade sólida e de muita admiração, tanto no aspecto pessoal quanto profissional.
> Aprendi muito com Dedê, em especial, aprendi a enfrentar os desafios e as adversidades nas lutas pela tessitura das políticas educacionais. Por ela, descobri as bonitezas de Paulo Freire e, até hoje, revisito sempre suas obras e ideias. Em 2013, ao assumir a Secretaria Municipal de Educação de Uberaba convidei Dedê a colaborar com a nossa equipe, coordenando a elaboração do Plano de Gestão da Educação, que de forma democrática e participativa, foi o norte das ações educativas por dois mandatos. À pequena gigante Dedê, a minha gratidão e os meus aplausos pelo testemunho de vida e serviços dedicados à educação! (Pereira, 2025).

As comemorações de um ano da Casa do Educador, duraram 3 dias do mês de agosto de 2015. Inicialmente, os funcionários da instituição participaram de uma roda de conversa com a professora Dedê Prais, que inspirou o nome do local. O encontro foi uma oportunidade para reflexão sobre o compromisso com uma educação transformadora e humana, em um momento de troca e renovação do amor pelo trabalho educacional. Dedê Prais partilhou histórias e experiências, incluindo sua amizade com Paulo Freire, ícone da educação, e suas lutas por mudanças significativas na rede municipal de ensino de Uberaba.

A educadora ressaltou a importância da Casa do Educador, descrevendo-a como um espaço com "luz própria" e destacando a organização e preocupação da equipe que a dirige. Para ela, receber uma homenagem em vida é o maior reconhecimento pelo seu trabalho na educação. Entre os temas discutidos, Dedê Prais relembrou sua atuação para renomear escolas municipais em homenagem aos educadores locais que contribuíram para o desenvolvimento educacional da cidade e enfatizou a importância da educação continuada dos professores, projeto que sempre defendeu.

Além da roda de conversa, a comemoração incluiu diversas atividades, como o 3º Fórum de Educação, Ética e Cultura, promovido pelo Departamento de Formação Profissional da Secretaria de Educação, com o tema "Os desafios dos docentes na sociedade da informação". O evento que reuniu educadores da rede municipal para debater acerca das transformações da prática docente no contexto contemporâneo, enriquecendo ainda mais as reflexões iniciadas com Dedê Prais foi noticiado no site da Prefeitura Municipal de Uberaba, no dia 22/08/2015.

Figura 50 - Mural Comemorativo: 1 ano da Casa do Educador

Fonte: Arquivo da Casa do Educador “Prof.ª Dedê Prais” (2015).

O mural comemorativo de um ano da Casa do Educador Professora Dedê Prais apresenta uma composição simbólica e afetiva, que destaca distintos momentos da vida pessoal e profissional de Maria de Lourdes de Melo Prais. Organizado em sete quadros com molduras pretas, o mural exibe fotografias, citações, capas de livros e um texto introdutório, compondo uma narrativa visual que resgata sua trajetória como educadora e gestora pública. O texto inicial do mural contextualiza a infância de Dedê em uma família numerosa e estruturada, enfatizando a influência da educação em sua formação. Sua escolha precoce pelo magistério, a contínua busca por qualificação acadêmica e o comprometimento com a melhoria da educação pública se destacam como elementos fundamentais de sua atuação.

O mural também ressalta sua liderança em projetos de formação de professores e em políticas públicas educacionais, consolidando seu nome como uma referência histórica na educação de Uberaba e região. Fotografias representando diferentes fases de sua vida, um testemunho pedagógico, a identidade visual da Casa do Educador e capas de suas publicações, como Administração Coletiva na Escola Pública, reforçam o legado de Dedê Prais, perpetuado com a criação da Casa do Educador como um espaço de formação, reflexão e encontro para os

profissionais da educação. Este memorial visual não apenas celebra sua história, mas também reafirma a importância da memória educacional enquanto elemento constitutivo dos espaços formativos.

A equipe da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), sob a coordenação da diretora de Apoio à Educação Básica, Edilene Leal, prestou uma homenagem à professora Dedê Prais durante o Desfile de 7 de setembro de 2016, realizado na avenida Doutor Fidélis Reis. Com o tema “Uberaba: terra de preciosidades!”. O evento, noticiado no site da Prefeitura Municipal de Uberaba, no dia 10/08/2016, teve como objetivo destacar as pessoas que marcaram a história do município, celebrando não apenas figuras públicas e eventos históricos, mas também o legado de educadores e cidadãos que trabalharam ativamente para o crescimento humano e cultural da cidade.

Figura 51 - Desfile de 7 de setembro de 2016

Fonte: Arquivo pessoal da professora Andrea Richitelli (2016).

No registro fotográfico, observa-se a presença de diversos integrantes da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), uniformizados e organizados em torno da homenageada, o que denota um gesto simbólico de reconhecimento institucional. A centralidade de Dedê Prais

na composição fotográfica e o ambiente de proximidade estabelecido pelos participantes indicam a forte dimensão afetiva que permeia o evento.

Na figura 52, é possível observar Dedê Prais, alegremente acenando para o público presente no desfile, posicionada logo após a faixa com dizeres que ela considera uma provocação: "Que tal começarmos a exercer o jamais proclamado direito de sonhar, adivinhando outra escola possível?". Segundo ela, essa inquietação teve origem no seguinte acontecimento:

> Esta provocação surgiu do seguinte fato. Em 1999, véspera deste milênio, li um livro de Eduardo Galeano, jornalista e escritor uruguaio internacionalmente reconhecido e premiado, autor de "As veias abertas da América Latina", que muito me impressionou. O livro chama-se "De pernas pro ar: a educação do avesso". Galeano, faz uma análise do absurdo vivido pelas sociedades latino-americanas, no final do século, partindo da seguinte reflexão: "130 anos depois de visitar o País das Maravilhas, Alice entrou num espelho para descobrir o mundo ao avesso. Se Alice renascesse em nossos dias, não precisaria atravessar nenhum espelho, bastaria que chegasse à janela para avistar o mundo ao avesso: com a esquerda na direita, o umbigo nas costas e a cabeça nos pés. Um mundo que despreza a honestidade, recompensa a falta de escrúpulos, castiga o trabalho e alimenta o canibalismo". E acrescenta este mundo é sustentado por uma escola. Na escola do mundo ao avesso, os alunos aprendem a padecer a realidade ao invés de transformá-la.
>
> Foi a partir dessa leitura que me senti desafiada a imaginar uma outra escola, pois, como se sabe não há desalento que não busque seu alento. Nem tampouco há escola que não encontre a sua contra escola. Pensando nisso, fiz meu exercício de imaginação, em relação à escola dos meus sonhos e conclui: para construir uma escola, com outra qualidade, uma escola que seja o avesso do avesso, diferente desta que ai está, que apenas reproduz informações, seleciona, classifica e exclui, teremos que começar por fazer uma "leitura em terceira dimensão", ou seja, tentar enxergar o que num primeiro momento não conseguimos ver, nem que para isso tenhamos de entortar os olhos, para a partir daí compreender o que dizia Paulo Freire "o óbvio as vezes não é tão óbvio como parece" (Dedê Prais, 2024).

O questionamento atribuído à Dedê Prais (2016) se insere densamente na perspectiva proposta pelo escritor Eduardo Galeano[57], especialmente na ideia do "direito de sonhar". Na obra "O direito ao delírio", Galeano nos convida a imaginar um mundo mais justo e humano, no qual podemos ir além das limitações e injustiças do presente, sugerindo que, apesar das dificuldades e da falta de direitos que muitas pessoas enfrentam, temos o poder e o direito de sonhar com uma realidade diferente. Esse ato de imaginar é, para Galeano, uma forma de resistência e de projeção de esperança.

[57] Eduardo Hughes Galeano (1940-2015) foi um jornalista e escritor uruguaio, autor de mais de 40 livros traduzidos em diversos idiomas e ganhador do prêmio Internacional de Direitos Humanos em 2006. Suas obras transcendem gêneros ortodoxos, combinando ficção, jornalismo, análise política e História.

* O Direito ao Delírio é uma coletânea de artigos, crônicas e entrevistas de Eduardo Galeano, publicados no Brasil entre as décadas de 1970 e 1990.

Figura 52 - Passeata pela educação no desfile de 7 de setembro de 2016

Fonte: Arquivo pessoal da professora Andrea Richitelli (2016).

Dedê Prais adapta esse ideal ao contexto educacional ao propor que também exercemos o direito de sonhar "adivinhando outra escola possível". Sua fala evoca a possibilidade de uma escola que transcende a função tradicional e opressiva, promovendo um ambiente de transformação e emancipação. Assim como Galeano vislumbra um "outro mundo possível", Dedê vislumbra "outra escola possível" – uma escola inclusiva, democrática e humanizadora, que rompe com a "infâmia" das práticas excludentes e conformistas.

Ambos os discursos partem da premissa de que, mesmo diante de uma presente exigência, o sonho é uma ferramenta para construir alternativas. Tanto Galeano quanto Dedê Prais enxergam no ato de imaginar um futuro diferente a semente para mudanças reais, e ambos acreditam na importância de uma visão crítica e criativa para transformar a realidade.

No dia 10 de dezembro de 2018, Maria de Lourdes Melo Prais visitou a Casa do Educador de Uberaba, deixando uma mensagem de esperança para os funcionários da Casa ao afirmar que todos os desafios dos educadores se resolvem no coletivo e que fazemos parte de um todo, no qual se identificam a SEMED e a Prefeitura de Uberaba. Abaixo, temos registro fotográfico da visita, no qual temos da esquerda para a direita Monica Maria Pacheco, Dedê Prais, Maria Abadia Vieira Cruz e Regina Paroneto.

Figura 53 - Visita à Casa do Educador “Prof.ª Dedê Prais”

Fonte: Arquivo da Casa do Educador “Prof.ª Dedê Prais” (2018).

O depoimento de Mônica Maria Pacheco, à esquerda de Dedê Prais na foto, cuidadosamente escrito à mão em meados de janeiro de 2025, abaixo transcrito, revela profunda admiração de uma líder “incomparável” a quem agradece:

> Tive a oportunidade e a felicidade de estar na equipe de diretores da Rede Municipal de Ensino de Uberaba (1993-2000), quando Dedê assumiu a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba. E só quem experienciou esse convívio com Dedê pode falar da pessoa incomparável que ela foi, quando da implantação do projeto Escola Cidadã, com ousadia e competência, revolucionou a educação de Uberaba. A construção de uma escola competente, criativa, crítica e amorosa que exigiu muito de nós, pois tivemos um longo caminho a percorrer, muita formação, palestras, estudos, mudança de paradigmas, uma grande transformação. Grandes escritores e pedagogos de renome fizeram parte de nossa trajetória. Como aprendemos.
> Dedê foi para mim o caminho, a ousadia, o companheirismo, a doçura severa, a excelência! Amou de verdade a educação. Obrigada, querida Mestra! (Pacheco, 2025).

No mês de março de 2019, marco das comemorações dos 20 anos do Shopping Uberaba, a educadora Maria de Lourdes Melo Prais, foi uma das 20 mulheres homenageadas com o “Troféu Mulher”: um reconhecimento dedicado a figuras que fizeram a diferença na cidade. Para a escolha das homenageadas, foi instituída uma comissão integrada pelo professor universitário Décio Bragança, o presidente da Fundação Cultural Antônio Carlos Marques, o Secretário Municipal de Saúde Iraci Neto e o presidente do Conselho Superior da Câmara de

Dirigentes Lojistas (CDL), Fúlvio Ferreira. Os troféus exclusivos foram de Aguimar José Luiz, ceramista uberabense renomado e reconhecido por críticos da arte no Brasil e em países da Europa (Dutra, 2019, n. p.).

A cerimônia, realizada na Praça de Eventos, celebrou o impacto significativo de Dedê Prais na área da educação, destacando sua trajetória exemplar como diretora de escola, professora e ex-secretária de Educação do município. A homenagem fez parte de uma iniciativa que pretendia valorizar o trabalho de mulheres em diversas áreas, reforçando seu papel fundamental no desenvolvimento da comunidade local.

Figura 54 - Iraci Neto entrega troféu à Dedê Prais

Fonte: Arquivo pessoal da jornalista Rose Dutra (2019).

Dedê Prais recebeu o troféu das mãos do secretário municipal de Saúde, Iraci Neto (foto acima). Como educadora mergulhou no mundo da escola para descobrir os seus mistérios, tendo chegado às suas convicções por um caminho árduo, porém cheio de boas surpresas e, ainda hoje, responde aos desafios que lhe são apresentados (Dutra, 2019, n. p.) Além do troféu, a ocasião também incluiu uma exposição fotográfica, em alusão ao Dia da Mulher, que ficou disponível na Praça de Eventos, de 27 de fevereiro a 18 de março de 2019.

No canto inferior direito da imagem (abaixo) de “Dedê Prais” exposta, há o logotipo do “Troféu Mulher”, indicando que ela é uma das homenageadas pelo Shopping Uberaba, em 2019. No topo da imagem, à esquerda, está escrito: “Motivos não faltam PARA SE ORGULHAR de quem você é” e a frase “Muito Mulher” está sobreposta à imagem, destacando o tema da homenagem. Os dizeres na imagem refletem uma mensagem de valorização e reconhecimento da figura feminina, sugerindo que ela tem muitas razões para se sentir orgulhosa de sua trajetória e conquistas como uma mulher que fez a diferença em sua comunidade.

Figura 55 - Dedê Prais recebe “Troféu Mulher”

Fonte: Arquivo do Shopping Uberaba (2019).

Dando continuidade às homenagens recebidas, destaca-se que, em dia 21 de agosto de 2019, a Câmara Municipal de Uberaba (CMU) finalmente sancionou o Projeto de Lei n.º 130/2019 (Anexo M), que autorizou a criação da Casa do Educador "Prof.ª Dedê Prais", conforme previsto na Lei n.º 13.112/2019 (Anexo Q). É importante ressaltar que o processo de criação da Casa do Educador "Professora Dedê Prais" está detalhado nos anexos desta tese, iniciando-se com o encaminhamento do Ofício n.º 27 - SEGOV/2019 (Anexo K), seguido de justificativa apresentada na Mensagem n.º 33/2019 (Anexo L), assinada por Luiz Humberto Dutra, Secretário do Governo, ressaltando que, "ao propor o nome da Professora Maria de Lourdes Melo Prais - Professora Dedê, o Poder Executivo destaca a importância dessa professora no cenário educacional uberabense e suas relevantes contribuições, para a história da formação continuada dos professores da Rede Municipal de Ensino" e solicitando aos membros da Câmara Municipal a apreciação do Projeto de Lei n.º 130/2019 (Anexo M), bem como os trâmites necessários para a criação da Lei, ato essencial para o início da autorização de funcionamento da Unidade Educacional.

Em seguida, são emitidos os pareceres da Procuradoria Geral - Parecer n.º 091/2019 (Anexo N); da Comissão de Justiça, Legislação e Redação (Anexo O) e da Comissão de Educação (Anexo P). A votação do Projeto de Lei n.º 130/2019 (Anexo Q) ocorreu na 7ª Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Uberaba, realizada em 21 agosto de 2019, sendo aprovado por unanimidade, totalizando 13 votos. Para concluir os trâmites, a Lei n.º 13.112/2019 (Anexo R), que autoriza a criação da Casa do Educador "Prof.ª Dedê Prais", foi publicada no Porta-Voz, em 23 de agosto de 2019, edição n.º 1.733 (Anexo S).

Conhecida pela dedicação de décadas a serviço da educação do Município, "Dedê Prais" colhe os louros e se emociona ao participar da reunião no Plenário na qual o secretário adjunto da Secretaria Municipal de Educação, Carlos Alberto Godoy, sensibilizado comentou a votação do projeto e contou que conhecia "Dedê" desde a década de 1980, pois teve o privilégio de sua mãe ter trabalhado com ela. Posteriormente, Godoy também se tornou professor, atuando na mesma escola que a mestre. Ele ressaltou a dificuldade em homenagear pessoas ainda vivas, destacando a imensa gratidão que sente: "A história da Educação em Uberaba se confunde com a história da Dedê", afirmou ele em matéria publicada no site da Câmara Municipal de Uberaba (CMU, 2019, n.p.).

Figura 56 - Dedê Prais em uso da tribuna para falar sobre a homenagem recebida

Fonte: Portal da Câmara Municipal de Uberaba (2019).

Em uso da tribuna e visivelmente emocionada, Dedê Prais compartilhou que, aos 76 anos de idade, estava completando 62 anos dedicados à educação, revelando que sua trajetória na área começou ainda na adolescência, aos 14 anos (como já dissemos aqui) e refletindo sobre a sorte de ter ocupado posições desafiadoras ao longo de sua carreira, com as quais aprendeu muito (CMU, 2019, n.p.).

Relembrando sua trajetória, destacou a importância de ter sido discípula de Paulo Freire, de quem recebeu grande apoio tanto pessoal quanto profissional, relatando que o convidou para vir a Uberaba em 1982 e, por sua influência, foi convencida a fazer mestrado, contado com sua ajuda financeira para custear o curso. Finalizou dizendo que, considerava a homenagem muito significativa, especialmente por ocorrer em vida, pois, se acontecesse após sua partida, não teria o mesmo valor: “Saio daqui hoje enriquecida. Uberaba tem um Legislativo que valoriza a educação e está comprometido com a mudança. Toda sociedade só avança através da Educação. É pelo diálogo com os diferentes que progredimos, e não pela oposição, conclui Dedê Prais” (CMU, 2019, n.p.).

A homenagem também foi noticiada pelo Jornal da Manhã, publicado em 21 de agosto de 2019, sob o título “Casa do Educador recebe o nome da educadora e ex-secretária Dedê Prais”; e pelo Jornal de Uberaba, publicado em 22 de agosto de 2019, sob o título “Câmara aprova criação da Casa do Educador ‘Prof.ª Dedê Prais’”. O Jornal da Manhã informou que a Casa do Educador, com sede no bairro Mercês, seria custeada pela Lei Orçamentária Anual e

teria como objetivo realinhar a política de formação de professores em Uberaba, utilizando as ideias de Paulo Freire como base. A notícia ressaltou a demonstração de indignação de Dedê Prais para com os ataques à memória de Paulo Freire, especialmente por parte de apoiadores do governo da época, lembrando que ele é uma figura respeitada mundialmente (Jornal da Manhã, 2019, n.p.). Já o Jornal de Uberaba considerou que a professora "Dedê Prais" foi justamente homenageada e esclareceu que a Casa do Educador, em plena atividade, já funcionava desde o ano de 2014, ofertando mais de 80 cursos gratuitos só no ano de 2018 (Jornal de Uberaba, 2019, n.p.).

Figura 57 - Dedê Prais cercada por membros das equipes da Casa do Educador e da Secretaria de Educação

Fonte: Arquivo pessoal da Analista de Gestão Educacional Patrícia Prata (2019).

A imagem apresenta da esquerda para a direita Simone Mattos – Recepcionista da Casa do Educador (CAED); Carlos Alberto Godoy – Subsecretário de Educação Municipal; Professora Dedê Prais; Regina Paroneto – Chefe do Departamento de Formação Profissional; Mônica Pacheco – Coordenadora Administrativa do CAED; Marisa Borges – Coordenadora Pedagógica do CAED; Patrícia de Oliveira Prata – Analista de Gestão Educacional da CAED; Maria Beatriz Domingos Cunha – Chefe Adjunta do Departamento de Formação Profissional e Cristiane Penna – Representante do Departamento DPGF.

Em meados de setembro de 2024, entramos em contato com a Casa do Educador, na tentativa de localizar algumas das pessoas que aparecem na imagem e obter depoimentos delas. A professora Patrícia Prata (7ª pessoa, da esquerda para a direita), ao retornar nosso contato, informou que a Casa do Educador possui alguns quadros, medalhas e menções honrosas recebidas pela professora Dedê Prais ao longo de sua carreira, doados por ela à instituição. No entanto, devido a uma mudança de endereço que estava ocorrendo no momento, todo o material encontrava-se encaixotado, sem previsão de ser organizado no novo espaço, de modo que não tivemos acesso a ele. A professora Marisa Borges (6ª pessoa, da esquerda para a direita) acrescentou que ela doou sua biblioteca pessoal, fotos e placas molduradas por homenagens que recebeu ao longo da vida para a Casa do Educador. Sobre a imagem acima, ela comentou: "Nesse dia, a Câmara de Vereadores aprovou o nome da Prof.ª Dedê Prais para ser colocado na Casa do Educador" (Borges, 2024). Refletindo sobre sua convivência e sobre as "marcas significativas para a construção da identidade pessoal e profissional" que recebeu de Dedê Prais, acrescentou:

> Foi na gestão dela que atuei como gestora escolar por nove anos, e experienciei toda a política educacional de Uberaba com os princípios defendidos por ela... Ela nos colocou em lugares nunca imaginados... nos deu a oportunidade de encontros com grandes educadores: Paulo Freire, Neidson Rodrigues, Rubem Alves, Agnela Giusta, Vitor Paro, Miguel Arroyo....
> A Dedê nos reencontrou.... Digo isso, porque ela foi professora de muitas de nós que atuamos nas gestões das unidades de ensino ou na CP ou na OE (esse último, foi extinto na RME).
> Deixou em nós, enquanto atuou como professora universitária, Secretária de Educação e diretora do Colégio Nossa Senhora da Abadia marcas significativas para a construção da nossa identidade pessoal e profissional. Essas que foram conduzidas por ela se tornaram professoras e pesquisadoras.
> Assim como ela, nos tornamos politicamente engajadas na adoção de práticas educativas democráticas e inovadoras, na perceptiva crítico-social dos conteúdos, concretos, vivos e indissociáveis das realidades sociais.
> A relação opressor-oprimido; visão de mundo; consciência crítica foram dando contornos à construção da nossa subjetividade, ao nosso desenvolvimento profissional.
> Ela deixou uma experiência pioneira em nosso município em relação a formação continuada de professores com a oferta de grupos de estudos, cursos de especialização, ações formativas diárias pautadas nos princípios freirianos. Sempre se fez presente em todas as reuniões e encontros... ela nos convidava a estudar de forma permanente... Infelizmente, em virtude de uma fratura, ela ficou limitada para se fazer mais presente em nosso espaço... (Borges, 2024).

O depoimento de Borges (2024) é uma densa reflexão sobre a influência da professora Dedê Prais na educação de Uberaba e na formação de seus profissionais, levando-se em conta que Marisa destaca o impacto de Dedê Prais não apenas como gestora e educadora, mas como uma mentora que moldou profundamente as trajetórias pessoais e profissionais de muitos

educadores. Ao longo dos anos em que atuou como gestora escolar, Borges (2024) testemunhou de perto a política educacional liderada por Dedê Prais, com base em princípios de gestão democrática e práticas educativas progressistas, lembrando que Dedê Prais não apenas abriu portas para encontros com grandes intelectuais, como Paulo Freire, mas também colocou os educadores em espaços de aprendizagem, de formação continuada e de reflexão que antes consideravam inacessíveis.

Um ponto central do depoimento, acima transcrito, é a menção de como Dedê Prais "reencontrou" os educadores, reconectando-os com suas próprias histórias e identidades profissionais, já que muitos foram seus alunos. Essa relação forjou laços profundos entre Dedê Prais e seus colegas, levando-os a adotar práticas educativas que eram politicamente engajadas e socialmente transformadoras, alinhadas com a visão crítico-social de Paulo Freire. Borges (2024) testemunha, ainda, como as teorias de consciência crítica e a relação entre opressor e oprimido moldaram sua subjetividade e a de outros educadores sob a liderança de Dedê Prais, reforçando um compromisso coletivo com uma educação democrática e contextualizada.

Além disso, Dedê Prais é apresentada como uma pioneira na formação continuada de professores no município, com uma prática constante de incentivo ao estudo e à reflexão crítica, por meio da oferta de grupos de estudo e ações formativas, embasadas nos princípios freirianos. Dedê Prais deixou um legado significativo, consolidando sua influência na construção de uma educação dinâmica e alinhada à realidade social. Em resumo, Marisa Borges apresenta Dedê Prais como uma figura inspiradora e transformadora, cuja influência permanece viva na prática e na memória dos educadores de Uberaba.

A seguir, apresentamos alguns depoimentos de pessoas que, ao longo de suas trajetórias profissionais, tiveram a oportunidade de trabalhar com Maria de Lourdes de Melo Prais e que a reconhecem como uma grande mestra. À semelhança de Paulo Freire — o mestre que ensinou a ler o mundo —, Dedê Prais é lembrada como aquela que, com sabedoria e sensibilidade, ensinou a transformar o cotidiano escolar em um espaço de esperança, diálogo e emancipação.

Vera Lúcia Rezende Cunha faz um relevante depoimento sobre sua experiência de trabalho enquanto Diretora do Departamento de Ensino Urbano, no livro Testemunho Pedagógico - Gestão Colegiada na Educação da Cidade (2011, p. 119):

> Nenhum percurso vivido nos meus 30 anos de trabalho foi tão significativo como o dos anos 1993 a 2000, após o meu retorno à cidade de Uberaba, durante a experiência da "Construção Amorosa da Cidadania" da Secretaria Municipal de Educação. Uma proposta inspirada na filosofia do EDUCADOR DA PAZ, Paulo Freire, se tornou referência, não apenas para o Estado de Minas, mas para todo o Brasil. As ideias se alinhavam e se concretizavam em programas, projetos e subprojetos, com metas e

> ações desenvolvidas em 35 Escolas do Município. A equipe, selecionada entre profissionais de escola, compôs uma sinfonia para a educação em Uberaba Acreditamos que as ressonâncias dos seus acordes ainda estão sendo ouvidas (Cunha, 2011).

A Prof.ª Eliana Helena Corrêa Neves Salge fala sobre sua longa trajetória profissional e acadêmica sob a influência de Dedê Prais, destacando a relação de admiração e aprendizado que construiu ao longo dos anos. Salge (2025) menciona ter sido aluna de Dedê Prais em diversos momentos de sua vida, começando na 5ª série do Colégio da Abadia, onde Dedê Prais foi diretora, e posteriormente na FIUBE, durante sua formação em Licenciatura em Pedagogia e na especialização em Administração Escola:

> A Prof.ª Dedê Prais teve uma influência muito importante na minha formação e atuação como professora, pedagoga, diretora escolar e gestora educacional. Primeiramente fui sua aluna no curso de Pedagogia – habilitação em Administração Escolar – na FIUBE (Faculdades Integradas de Uberaba, atual UNIUBE - Universidade de Uberaba). Com ela estudei os pressupostos conceituais, filosóficos e epistemológicos relativos à educação escolar, em especial os aportes teóricos na perspectiva da "educação voltada para a transformação da sociedade", baseada no princípio do respeito à diversidade como um pressuposto ético essencial para a atuação docente em uma escola que se pretende democrática e inclusiva. Dedê me apresentou os estudos sobre Paulo Freire e sonhamos juntas com a escola pública de qualidade para todos os alunos; me incentivou a refletir sobre a educação dialógica, me estimulou o pensamento crítico, a buscar a educação para a autonomia, a ação emancipadora e a politicidade e dialogicidade do ato educativo.
> Os princípios éticos e educativos freirianos e sua ação emancipadora pautaram a minha vida profissional, em que a Prof.ª Dedê foi a minha grande inspiradora. Ao trabalhar durante trinta anos na Prefeitura de Uberaba (MG), em especial como gestora na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) - sempre mantive contato profissional com a Prof.ª Dedê. Nesta Secretaria, durante dez anos (2005-2015) em que exerci as funções de Diretora do Departamento Pedagógico, Diretora da Diretoria de Ensino e Diretora da Diretoria da Educação Básica, a Prof.ª Dedê foi consultora da Rede Municipal de Ensino e orientou as políticas públicas educacionais do município, à luz dos princípios da escola cidadã e da construção amorosa da cidadania.
> Tenho muito respeito, carinho, admiração e amor pela Mestra Dedê Prais. Guardo em minhas memórias e em meu coração uma profunda gratidão por tudo o que ela representa para mim, e por suas lutas e ações em prol do fazer pedagógico de nossas escolas, ciente de que a educação é o caminho para a emancipação de sujeitos, para que transformem sua realidade por meio da reflexão crítica e construam uma sociedade mais justa, equânime e humana (Salge, 2025).

A Prof.ª Nilza Consuelo Alves Pinheiro, ex-diretora da Escola Municipal Uberaba, também contribuiu com um depoimento sobre Dedê Prais. Em suas palavras, ela destacou a saudade dos tempos em que a educação era verdadeiramente transformadora, marcada por uma abordagem emancipadora que refletia os ideais e o compromisso de Dedê Prais com a formação integral e a cidadania:

> Trabalhei com a Dedê de 94 a 2000.
> E nesse período, a partir de 95, eu fui diretora da escola municipal Uberaba.
> Minha experiência com a Dedê foi magnífica. Dedê foi mestra, Dedê foi caminho, Dedê foi luz, Dedê foi suporte e guia de nós diretores nessa época.

> Cada aula, cada encontro, cada vez que nós nos reuníamos, eu poderia dizer uma aula magna de competência, de sugestões, muito firme, sem ser autoritária, muito dinâmica, sem causar, passar para nós ansiedade. Ela queria ver brilhar. Ela queria ver a Secretaria de Educação e as unidades escolares crescerem.
> E isso foi espetacular, porque nós crescemos juntos com a rede municipal. E a rede nesse período produziu muito texto fez muita história da arte, fez literatura espetacular, tratou da educação inclusiva já vislumbrando que seria o caminho de incluir.
> Em outros mais aspectos da secretaria, eram cuidados diariamente.
> O jornal que nós criamos, toda a estrutura da revista Fazendo Escola e aí todos participavam, o aluno, o professor, o diretor, a equipe da secretaria e nós tínhamos liberdade tanto de provocar os desafios na escola como nós tínhamos liberdade de chegar na secretaria e pedir ajuda e nós tínhamos a equipe técnica a nossa disposição. Tempos de educação de verdade, tempos de educação emancipadora, tempos de guias como a nossa secretaria acreditando na formação de professores trazendo educadores de nome e renome nacionais e internacionais. Saudade! (Pinheiro, 2025).

A professora Sônia Manzan relatou que, enquanto trabalhava na Secretaria de Educação, foi convidada por Dedê Prais para atuar como assessora das escolas em um primeiro momento. Posteriormente, ocorreu o inverso: nos anos de 2013 e 2014, Dedê Prais foi contratada pela Secretaria de Educação e passou a integrar a equipe responsável pela construção coletiva do plano de educação, que abrangeu o período de 2013 a 2016:

> Tive a honra de conviver bem próximo da professora Maria de Lourdes Melo Prais nos anos de 2001 a 2003 e depois nos anos de 2013 e 2014.
> Professora Dedê é uma pessoa ímpar, sua capacidade de ensinar, ampliar conhecimento e, acima de tudo, ter a visão de futuro é encantador, sempre foi visionária na construção da Escola Cidadã e em todas as ações que se propôs a realizar com esmero e muita dedicação.
> Seu empenho e sua riqueza de conhecimento oportunizaram a todos que a rodeava um brilho diferenciado no olhar, uma certeza de caminho certeiro quanto à construção educacional com valores e crenças.
> Dedê foi a professora de professores, nos fez alimentar a alma e desejar ser professor em um tempo que não havia recursos financeiros e nem humanos. Faltavam braços, porém, a educação de qualidade acontecia e todos apresentavam resultados com alegria, brilho nos olhos e certeza do sucesso de crianças leitoras, empoderadas por um processo de alfabetização rico e eficaz!
> Professora Dedê postou, recentemente, uma mensagem de Elizabete Barbara em um Watts que diz o que ela sempre foi e fez:
> “Não é preciso esperar pelo novo ano. Podemos começar já. Não há data para jogar fora o que nos faz mal. Não há data para renascer. Por isso, podemos começar já a praticar. Respirar fundo e abrir o coração. Ser grato pela luz que entra pela janela. Ser grato pela beleza do mundo. Ser grato pela poesia, pela música, pela magia verdadeira das coisas boas e das pessoas bonitas que caminham ao nosso lado. Praticar a gratidão é o exercício de que a felicidade precisa para se manter em forma. Vamos lá”. Assim é professora Dedê!
> Gratidão Dedê por tudo que me ensinou para a vida e pelo amor à educação! Obrigada pela oportunidade de fazer parte de sua vida e de sua trajetória! (Manzan, 2025).

A citação do texto de Elizabete Barbara no relato da professora Manzan (2025) reforça a essência do legado de Dedê Prais na educação, ressaltando valores como renovação, gratidão e a capacidade de transformar a realidade a partir do presente – princípios que sempre nortearam

a trajetória de Dedê Prais. Ao inserir essa reflexão, Manzan (2025) estabelece um elo entre a filosofia de vida e a atuação educacional de Dedê e a ideia de que a transformação não precisa de datas marcadas, mas sim de atitude e compromisso contínuo.

Ao final dessa seção é possível afirmar que, as estórias na profissão de Dedê Prais, são verdadeiramente indissociáveis da história da educação em Uberaba. Sua atuação incansável e sua dedicação à formação de diversas gerações de estudantes não só moldaram o cenário educacional da cidade, mas também evidenciaram a educação como um instrumento fundamental de transformação social.

Dedê Prais não se limitou a ser uma educadora convencional, ao contrário, tornou-se uma líder visionária que entendeu a educação como um processo transformador, capaz de gerar mudanças profundas na vida das pessoas e na comunidade como um todo. Sua abordagem pedagógica foi marcada pela ousadia, pela busca constante de excelência e pela incorporação de valores que desenvolvem para a construção de uma sociedade mais justa, consciente e crítica.

A rede de sociabilidade que Dedê Prais construiu ao longo de sua vida e sua vivência no ambiente escolar mostram que sua contribuição ultrapassou os limites da sala de aula. Sua influência foi além das políticas educacionais, reverberando em todas as esferas da vida social e cultural de Uberaba. Ela foi um elemento essencial para o fortalecimento da educação pública, formando alianças e colaborando com educadores, gestores e a comunidade. Dessa maneira, seu legado transcende o tempo e se mantém vivo nas práticas e valores educacionais que perpetuou. Sua trajetória é uma memória viva, capaz de iluminar os caminhos da educação e de guiar aqueles que se dedicam ao ofício de ensinar com a mesma paixão e humanidade que ela sempre demonstrou.

A seguir, serão apresentadas as considerações finais desta tese, que buscam retomar e refletir sobre a relevância de sua trajetória e o impacto duradouro de suas ações na educação de Uberaba e além.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Aceitei o convite para ser coerente comigo mesma,
com tudo que tenho dito e feito em matéria da Educação".
(Prais, 1993)

Iniciaremos as considerações finais, tendo como ponto de partida a epígrafe acima, retirada de entrevista reproduzida na página 248 desta tese em virtude de sua posse como Secretária Municipal da Educação, no ano de 1993, uma vez que sintetiza o compromisso ético e profissional que marcou a trajetória de Maria de Lourdes Melo Prais. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, comprovamos que sua decisão de assumir responsabilidades na gestão educacional não foi movida por conveniências políticas e/ou interesses pessoais, mas pela coerência com os princípios que sempre nortearam sua prática pedagógica. Ao longo desta tese, essa coerência se revela na interseção entre suas recordações, encontros e estórias, compondo uma narrativa de vida dedicada à transformação da educação em âmbito local, regional e até mesmo nacional. Assim, nas considerações finais, retoma-se essa essência, refletindo-se sobre o legado deixado por Dedê Prais considerando-se as inquietações e possibilidades que sua trajetória suscitou no passado e ainda inspira para o presente e o futuro principalmente da educação local.

Por conseguinte, cumpre aclarar que, as considerações finais desta tese não têm a pretensão de serem conclusivas nem de apresentar visões e/ou interpretações fechadas sobre a história de vida de Dedê Prais. A complexidade de sua trajetória e a riqueza de sua atuação na educação fazem com que qualquer tentativa de abarcar todas as facetas de sua vida seja insuficiente, uma vez que sua história é composta por múltiplas dimensões interligadas – humana, intelectual e profissional – que se desdobram em diferentes contextos, experiências e influências, tornando impossível qualquer esforço de síntese definitiva sobre sua contribuição.

Dito isso, ressaltamos que a pesquisa aqui desenvolvida, apesar de sua amplitude e aprofundamento, não conseguiu abarcar integralmente o percurso dessa notável educadora, que transcende os limites de uma única narrativa, pois como já dissemos, sua vida é marcada por experiências diversas, desafios enfrentados com coragem e um compromisso inabalável com a educação e a transformação social.

Dedê Prais é uma figura surpreendente e admirável, cuja vivacidade se manifesta não apenas em suas práticas pedagógicas e acadêmicas, mas também na maneira como dialoga sobre os mais variados temas com profundidade e propriedade. Ao longo de mais de oito décadas vividas, construiu um repertório vasto, fruto de uma curiosidade intelectual incessante e de um

envolvimento contínuo com o saber e com as pessoas. Seu olhar atento para o mundo, sua inquietação diante das injustiças e sua incansável busca por novos aprendizados fazem dela uma referência singular na educação. Assim, esta tese não pretende encerrar discussões, mas sim ampliá-las, deixando abertas novas possibilidades de compreensão sobre a grandiosidade de sua trajetória.

Em nossos encontros, realizados em sua residência, entre o final de 2024 e o início de 2025, indaguei à Maria de Lourdes Melo Prais como ela se definiria. Sua resposta foi reveladora: “uma mulher de ideias e de lutas, determinada, persistente, tolerante, sonhadora, otimista, respeitosa, comunicativa, alegre e uma educadora cheia de esperança” (Dedê Prais, 2024). Quando indagada sobre sua identidade como cidadã, ela se descreveu como “uma educadora que mergulhou no mundo da escola para desvendar seus mistérios, chegando às suas convicções por um caminho árduo, mas repleto de boas surpresas, e que, ainda hoje, segue enfrentando os desafios que lhe são apresentados” (Dedê Prais, 2024). As perguntas estavam interligadas no intuito de compreender não apenas como Dedê Prais se percebia em sua individualidade, mas também como se enxergava enquanto cidadã e educadora inserida em um contexto social mais amplo; evidenciando que, para ela, não há uma separação rígida entre o pessoal e o profissional, pois sua identidade como mulher e cidadã se entrelaça profundamente com sua missão educacional, sustentada por uma visão esperançosa e transformadora da realidade.

Posteriormente, questionei-lhe, então, sobre como começaria a contar sua própria história, caso sua vida fosse um livro; e, conforme ela, essa história começaria com o compromisso permanente com a educação, iniciado ainda na adolescência e que, ao longo das décadas, se consolidou em uma trajetória marcada por dedicação, inovação e luta pelos direitos educacionais. Desde seus primeiros passos como professora até se tornar uma referência na educação de Uberaba, Dedê Prais construiu uma narrativa de vida que inspira e transforma, refletindo a essência de alguém que sempre acreditou no poder da educação como um ato político e social.

Nos idos de 1993, Dedê Prais expressava seu desejo de transformar suas perdas em aprendizado e crescimento, tanto na vida pessoal quanto na profissional, destacando que acreditava no amor e na capacidade de amar novamente e, principalmente, permanecendo firme em sua utopia de uma escola pública universal, gratuita, obrigatória, salientando a importância de uma educação voltada para a formação integral do indivíduo, capaz de promover a liberdade, a criatividade, a diversidade e a transformação social, demonstrando um profundo compromisso

com sua visão educativa e a importância de manter viva a esperança e o idealismo, mesmo diante das adversidades.

Atualmente, seu discurso conjetura uma reflexão sobre o envelhecimento e os riscos da inatividade mental, associando a passividade à perda de vitalidade e de capacidade cognitiva, colocando-se em oposição a esse estado que define como “empijamamento cognitivo precoce” ou “aposentadoria da mente”. Os conceitos que descrevem a tendência de algumas pessoas mais velhas se isolarem, refugiarem-se em um espaço seguro, como sua casa, e se desinteressarem pela vida ativa e pela aprendizagem contínua. Esse comportamento, de acordo com Dedê Prais, resulta em uma perda gradual de vivacidade e desenvolvimento mental, o que é comparado a uma morte simbólica ou a um estado de desinteresse profundo, sem qualquer reconhecimento ou valor; por isso sempre procurou a realocação do seu sentido vital, dando um significado novo para a sua maturidade – fase da compreensão alargada que lhe permitiu olhar com menos ilusões, aceitar com menos sofrimento, entender com mais tranquilidade e realizar com mais dedicação.

As reflexões que se seguem entrelaçam os fios de uma história viva, tecida com gestos, palavras e silêncios que ecoam na tessitura da educação. A trajetória de Maria de Lourdes Melo Prais desdobra-se como um bordado delicado e resistente, no qual cada ponto marca a complexidade de sua contribuição e a riqueza de seus encontros. São linhas que se cruzam no tempo, unindo passado, presente e futuro em uma tapeçaria de lutas e esperanças, na qual o ato de ensinar se confunde com o de transformar. Longe de uma síntese definitiva, esta seção busca alinhavar memórias e sentidos, revelando a trama que une Dedê Prais aos sonhos de tantos educadores, às políticas que moldam horizontes e à construção de uma escola que pulsa com a liberdade e a emancipação. Em cada fio dessa história, manifesta-se o brilho da resistência, o calor dos encontros e a força de uma caminhada que não se encerra, mas continua a inspirar aqueles que acreditam na educação como um ato de amor e coragem.

A trajetória de Maria de Lourdes Melo Prais, a Dedê, é tecida por lembranças que vão além de meras recordações individuais. Suas memórias, permeadas pelo amor e pela saudade, revelam não apenas os momentos que marcaram sua infância e juventude, mas também os alicerces que moldaram sua identidade e sua vocação educacional. A maneira como se lembra de seus pais, irmãos, mestres e experiências de vida demonstra um profundo senso de pertencimento e gratidão, aspectos que influenciaram diretamente sua atuação como educadora e sua visão de mundo.

A relação de Dedê com a memória, vista por ela como uma manifestação do inconsciente, ressalta a importância do passado na construção de sua trajetória. As influências familiares, em especial dos pais, foram fundamentais para seu compromisso com a educação e com os valores que sustentam sua prática pedagógica. Seu pai, Dr. Badio, e sua mãe, Dona Genô, transmitiram-lhe não apenas princípios éticos e morais, mas também um senso de responsabilidade social e dedicação ao conhecimento. Da mesma forma, sua formação escolar, marcada pela influência das dominicanas, consolidou seu compromisso com a justiça social e o ensino como instrumento de transformação. Os relatos sobre sua infância e juventude demonstram um espírito inquieto e questionador, desde sua primeira greve estudantil aos 12 anos até sua participação ativa em movimentos em defesa da educação pública. Essas experiências revelam não apenas uma jovem determinada, mas uma futura educadora que sempre entendeu a importância da luta por uma sociedade mais justa, consciente e igualitária.

A trajetória acadêmica e política de Dedê, iniciada em sua juventude universitária, reflete um profundo compromisso com a educação e a transformação social. Sua vivência na Fista, seu envolvimento com a JUC e sua participação ativa no Movimento de Alfabetização de Adultos, inspirado por Paulo Freire, demonstram sua inquietação diante das injustiças e sua busca incessante por uma educação libertadora, do mesmo modo, o impacto do golpe militar de 1964 não arrefeceu seu engajamento, mas fortaleceu sua determinação na luta por uma escola mais democrática e menos opressora.

Sua trajetória de formação, marcada por desafios financeiros e pela necessidade de conciliar trabalho e estudo, não impediu que Dedê Prais se especializasse e aprofundasse seus conhecimentos na interseção entre educação e política. Seu encontro com Paulo Freire, além de consolidar sua visão pedagógica, reforçou sua identidade como educadora comprometida com os princípios da educação popular, de modo que mais do que uma influência acadêmica, Freire tornou-se um amigo e mentor, auxiliando-a diretamente em sua jornada de pós-graduação. Esse encontro em um universo crítico e reflexivo não apenas moldou sua prática docente, mas também a posicionou como uma referência na defesa de uma educação dialógica e emancipatória. Dedê surge, assim, como um exemplo de resistência e compromisso, cuja história evidencia que a educação é, acima de tudo, um ato político e transformador.

A análise realizada na seção que trata dos encontros acadêmicos de Maria de Lourdes Melo Prais evidencia de maneira contundente a posição de Prais como uma intelectual da educação, cuja trajetória acadêmica e profissional contribuiu significativamente para a produção e disseminação do conhecimento na área. Por meio do levantamento e exame de teses,

dissertações, artigos acadêmicos, capítulos de livros e obras de sua própria autoria, foi possível demonstrar que sua influência ultrapassa o âmbito local e regional, inserindo-se no cenário nacional da educação.

Os dados apresentados nos quadros 9, 10 e 11 revelam um conjunto significativo de teses, dissertações, artigos acadêmicos e capítulos de livros que citam a intelectual Prais como referência em diversos temas, evidenciando, por conseguinte, a relevância de sua produção intelectual. Essa produção, por sua vez, está detalhada nos quadros 12 e 13, com destaque para questões como administração colegiada na escola pública, gestão compartilhada e a implantação da Escola Cidadã. A recorrência de suas ideias na literatura acadêmica evidencia que sua obra não apenas inspira novos estudos e debates, mas também fundamenta pesquisas e práticas educacionais em diferentes contextos até os dias atuais.

Além disso, ecos dos conceitos freirianos são perceptíveis nas falas e escritos da intelectual Prais, comprovando a convergência de suas concepções sobre democratização da educação, participação ativa dos educandos e transformação social. Embora nem sempre cite diretamente Freire, sua abordagem crítica da educação e seu compromisso com a emancipação das camadas populares se alinham aos princípios defendidos pelo educador pernambucano.

A influência de Maria de Lourdes Melo Prais, enquanto intelectual, também se expressa na recepção e apropriação de seu pensamento pela comunidade acadêmica. O fato de suas obras serem amplamente citadas, inclusive em pesquisas recentes, comprova a atemporalidade e a pertinência de suas contribuições, como por exemplo, a temática da administração colegiada, proposta central de seu pensamento, segue como referência essencial para a formulação de políticas públicas educacionais voltadas à gestão democrática e participativa.

Dessa forma, ao reunir as evidências de sua atuação como pesquisadora, gestora e formadora de educadores, a referida seção corrobora a tese de que Maria de Lourdes Melo Prais é, de fato, uma intelectual da educação. Seu legado permanece vivo não apenas em suas publicações, mas também na prática cotidiana de escolas e de educadores que se inspiram em seus ensinamentos, garantindo que sua influência continue a moldar o campo educacional nas próximas gerações.

A trajetória profissional de Maria de Lourdes Melo Prais, melhor dizendo da Dedê Prais, caracteriza-se por um profundo compromisso com a educação, refletindo suas crenças na escola como espaço de transformação social. Desde o início de sua carreira, demonstrou vocação para o ensino e uma visão inovadora que levou a assumir múltiplos desafios. Logo no início da

carreira, sua atuação como professora e orientada educacional foi pautada pela busca constante do conhecimento e pela defesa de uma educação democrática e acessível.

Entretanto, foi na criação e gestão da Escola Estadual Nossa Senhora da Abadia que Dedê Prais iniciou a consolidação de seu legado. Ao assumir a direção da instituição, implementou princípios pedagógicos inspirados em Paulo Freire, promovendo uma escola voltada para os interesses da classe trabalhadora. Seu olhar atento às necessidades dos estudantes e seu compromisso com a democratização do ensino fez da escola um espaço de diálogo e emancipação, reafirmando seu compromisso na educação como instrumento de cidadania.

Além de sua atuação na educação básica, sua passagem pela Fista e, posteriormente, pela FIUBE, ampliou sua influência, permitindo que contribuísse para projetos que ultrapassassem as fronteiras locais; seja na defesa do pensamento crítico em tempos de repressão, seja na cooperação de iniciativas como o projeto de alfabetização de adultos, sua trajetória se entrelaça com os principais desafios e avanços da educação em Uberaba e no Brasil.

A trajetória de Dedê Prais na educação superior continuou com sua atuação na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), instituição na qual exerceu um papel fundamental na formação de pedagogos e na estruturação de cursos de pós-graduação. Sua dedicação à docência e à pesquisa retrata sua compreensão da educação como um processo contínuo de aprendizagem e transformação. O retorno a Uberaba, após sua aposentadoria em 1991, não marcou um afastamento da educação, mas sim uma nova fase de contribuição acadêmica e institucional, agora na Universidade de Uberaba (Uniube), onde coordenou cursos de especialização e expandiu sua influência para além do ambiente universitário. Sua atuação como pedagoga e assessora em diversos estados e municípios brasileiros no período, mais uma vez, corrobora sua relevância nacional no campo educacional. Essa experiência acumulada foi determinante para sua nomeação como Secretaria Municipal de Educação em 1993, um cargo que corou décadas de dedicação ao ensino e reafirmou seu compromisso com a construção de uma educação pública de qualidade e socialmente comprometida.

A primeira gestão de Maria de Lourdes Melo Prais (1993-1996) como Secretaria Municipal de Educação de Uberaba foi marcada por um compromisso sólido com a democratização do ensino, a valorização dos educadores e a ampliação da participação comunitária na construção de políticas educacionais. Desde sua posse, superando desafios pessoais e estruturais, Dedê Prais declarou determinação e coerência com seus princípios, implementando um modelo de gestão participativa e inovadora.

Seu primeiro desafio foi driblar a restrição do organograma da Secretaria, garantindo uma equipe estivesse alinhada com seus projetos e valores. A confiança depositada pelo prefeito Luiz Guaritá Neto em suas escolhas foi fundamental para a implementação de políticas inovadoras, como o Plano Municipal de Educação para o quadriênio 1993-1996, que priorizou a melhoria da qualidade do ensino, a democratização da gestão e o acesso à educação.

Ao longo dessa gestão, Dedê Prais mobilizou parcerias estratégicas e trouxe para Uberaba grandes referências do pensamento educacional, como Neidson Rodrigues, Paulo Freire e Evaldo Amaro Vieira, consolidando a cidade como um polo de debate e inovação na área. O reconhecimento do UNICEF e o envolvimento da comunidade escolar evidenciaram o impacto das ações desenvolvidas, reforçando a visão de que a educação é além de um direito de todos, um instrumento de transformação social.

A trajetória de Dedê Prais, na Secretaria Municipal de Educação de Uberaba (1993-2000), foi marcada por uma atuação visionária e transformadora, consolidada na implementação de dois projetos essenciais para a formação docente: a Faculdade de Educação de Uberaba (FEU) e o Centro de Formação Permanente (CEFOR). Esses projetos, verdadeiras "meninas dos olhos" de sua gestão, nasceram do compromisso com a melhoria da qualidade do ensino e a valorização do professor.

A criação da FEU representou um marco na estrutura educacional da cidade, suprindo uma necessidade histórica de cursos de licenciatura e qualificando profissionais para atuar na rede pública e privada. Além de fortalecer a formação inicial de professores, a FEU se projetaria como uma instituição essencial para o futuro educacional de Uberaba, com a perspectiva de integração à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Já o CEFOR, cuja importância foi tão reconhecida que, posteriormente, recebeu o nome de Dedê Prais, consolidou-se como um espaço inovador de formação continuada, oferecendo cursos, encontros e iniciativas inovadoras ao aperfeiçoamento docente. Sua estrutura e proposta pedagógica trouxe uma preocupação genuína com a qualidade da educação, proporcionando aos professores ferramentas para enfrentar os desafios diários da sala de aula e aprimorar suas práticas.

Diante disso, é possível afirmar que o desenvolvimento da educação em Uberaba na década de 1990 representou um avanço significativo na construção de um sistema de ensino mais inclusivo, participativo e voltado à qualidade. A gestão de Maria de Lourdes Melo Prais à frente da Secretaria Municipal de Educação consolidou-se como um marco nesse processo, articulando políticas que visavam não apenas a melhoria do ensino, mas também a democratização da gestão escolar e a universalização do atendimento.

A assinatura do Convênio de Cooperação Mútua entre Estado e Município simbolizou um passo decisivo para a corresponsabilidade na educação pública, promovendo formação continuada para professores, padronização curricular e avaliações de desempenho. O aumento expressivo no atendimento escolar, ocorrido à época, com crescimento de 40% na Rede Municipal, confirma o compromisso com a ampliação do acesso e a garantia de uma educação pública mais equânime. Outro ponto relevante foi o fortalecimento da gestão democrática por meio de processos de seleção interna para diretores de escola, promovendo a autonomia das unidades escolares e incentivando a participação da comunidade.

As inovações implementadas por Dedê Prais ultrapassaram os limites municipais, conquistando reconhecimento nacional. A presença de Uberaba em eventos acadêmicos e seminários de políticas públicas demonstra o impacto positivo das ações desenvolvidas. A proposta pedagógica "Construção Amorosa da Cidadania" sintetiza a essência desse período: uma educação pautada na formação integral dos alunos, aliando rigor acadêmico, sensibilidade e compromisso social. Entre os projetos que marcaram esse período, destacam-se os Cadernos da Escola Cidadã, a Revista Fazendo Escola, os Escritos Alternativos, o Jornal Nova Dimensão e o projeto "Nossa Escola é Assim...", cada um deles desempenhando um papel essencial na documentação, disseminação e reflexão sobre as práticas pedagógicas e a gestão educacional no município.

Os Cadernos da Escola Cidadã representaram um marco na construção de diretrizes pedagógicas, evidenciando o compromisso com a melhoria da qualidade da educação, a democratização da gestão e a universalização do acesso à escola. Por sua vez, a Revista Fazendo Escola consolidou-se como um importante meio de comunicação interna, registrando críticas, conquistas e desafios da rede municipal de ensino, ao passo que os Escritos Alternativos ampliaram o debate educacional ao trazer reflexões e contribuições de especialistas renomados, enriquecendo as discussões sobre educação e práticas pedagógicas. Já o Jornal Nova Dimensão destacou-se como um instrumento democrático de informação e compartilhamento de experiências, promovendo a interação entre professores, gestores e a comunidade. Complementando essas iniciativas, o projeto "Nossa Escola é Assim..." fortaleceu a integração entre as escolas municipais e a sociedade ao utilizar o Jornal da Manhã como meio de divulgação das ações e conquistas da rede de ensino, ampliando a visibilidade e o reconhecimento das boas práticas educacionais.

Essas iniciativas, cuidadosamente documentadas e preservadas por Dedê Prais, não apenas registram uma fase significativa da educação municipal, mas também reafirmam seu

compromisso em construir uma educação pública de qualidade, inclusiva e socialmente referenciada. O legado de sua gestão segue inspirando educadores e gestores a valorizarem a documentação histórica como um elemento essencial para a reflexão e aprimoramento das políticas educacionais.

A gestão de Maria de Lourdes Melo Prais à frente da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, no período de 1997 a 2000, durante o governo do prefeito Marcos Montes Cordeiro, representou um marco significativo na consolidação de uma educação pública democrática e inclusiva. O contexto legal da época, marcado pela implementação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), da Emenda Constitucional n.º 14/96 e da criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (FUNDEF), exigiu uma reestruturação educacional que foi incorporada à filosofia da Escola Cidadã, de modo que os programas e projetos implementados durante esse período refletem uma abordagem ampla e integradora, estruturada em cinco grandes áreas de atuação: A Melhoria da Qualidade de Ensino, a Democratização da Gestão, a Universalização do Acesso, a Integração com outras instituições e, por fim, a Infraestrutura garantindo diversas melhorias na organização estrutural e administrativa das unidades escolares.

Dessa maneira, a gestão 1997-2000 se destacou pelo compromisso com uma política educacional democrática, participativa e inovadora. A proposta Escola Cidadã reafirmou o papel da educação como um instrumento de transformação social, pautado na valorização dos profissionais da educação, na participação ativa da comunidade escolar e na garantia do direito de acesso e de permanência na escola. Assim, a segunda gestão de Dedê Prais consolidou avanços fundamentais que marcaram a história da educação em Uberaba, deixando um legado de compromisso, inclusão e cidadania.

A comparação entre as estruturas organizacionais da Secretaria de Educação e Cultura (1993-1996) e da Secretaria de Educação (1997-2000) revela tanto permanências quanto mudanças significativas na gestão educacional do município. Ambas as gestões mantiveram departamentos fundamentais, como o Departamento de Administração e o Departamento de Apoio Logístico, essenciais para a estruturação da rede de ensino. No entanto, a Secretaria de Educação e Cultura possuía uma abordagem mais segmentada, com Departamentos de Ensino Urbano e Ensino Rural, enquanto a Secretaria de Educação optou por um único Departamento de Desenvolvimento do Ensino, consolidando uma visão mais integrada da educação.

Os dados numéricos demonstram um crescimento expressivo na rede municipal de ensino entre 1992 e 2000. O número total de matrículas saltou de 12.825 para 23.575,

representando um aumento de aproximadamente 84%. No Ensino Fundamental, a expansão foi ainda mais significativa, passando de 8.447 alunos em 1992 para 16.064 em 2000, evidenciando um compromisso com a universalização do ensino básico. Já no Ensino Infantil, o crescimento foi mais modesto, com um aumento de apenas 1,6% nas matrículas (de 2.804 para 2.849). Em contrapartida, o Ensino Médio sofreu uma retração expressiva, com matrículas reduzidas de 1.574 para 545, sugerindo mudanças de prioridade na gestão educacional.

A estrutura da rede também passou por transformações significativas. O número de escolas que ofertavam Educação Infantil cresceu de 30 para 33 entre 1993 e 2000, enquanto as unidades de Ensino Fundamental Completo aumentaram de 25 para 29. Por outro lado, o Ensino Fundamental Incompleto foi praticamente extinto, passando de 14 escolas em 1993 para apenas uma em 2000. Além disso, a inclusão de projetos educacionais voltados para a correção da distorção idade-série, como “Acertando o Passo I” e “Acertando o Passo II”, demonstra um esforço para garantir a permanência dos alunos na escola.

Em suma, a comparação entre as duas gestões indica um processo de continuidade e inovação. Enquanto a gestão de 1993-1996 fortaleceu a integração entre educação e cultura, a gestão de 1997-2000 priorizou a democratização da gestão educacional e a inclusão social. O aumento significativo no número de matrículas e a reorganização das modalidades de ensino refletem um planejamento educacional voltado para a expansão e qualificação da rede municipal, consolidando a educação como um eixo estratégico para o desenvolvimento do município.

Ao encerrar seu segundo mandato, Dedê Prais reafirmou seu compromisso com a educação pública e seu desejo de continuar contribuindo para a formação de professores e para a construção de políticas educacionais que garantam uma escola acessível, crítica e humanizadora. Sua atuação na Secretaria Municipal de Educação de Uberaba permanece como referência para gestores e educadores que buscam uma educação transformadora e socialmente comprometida.

A trajetória de Dedê Prais está inserida em uma rede de relações que vai além de sua atuação profissional, o que torna a construção de uma rede de sociabilidade nesta tese fundamental, especialmente por se tratar de um trabalho acadêmico que não analisa apenas um objeto de estudo qualquer, mas uma pessoa com múltiplas dimensões: humana, intelectual e profissional. Essa rede enriqueceu a pesquisa, permitindo uma compreensão mais profunda das interações, influências mútuas e relações que formaram o contexto em que Maria de Lourdes Melo Prais se inseriu, oferecendo uma visão holística e integrada de sua trajetória.

Primeiramente, a construção dessa rede de sociabilidade contribuiu para o enriquecimento da compreensão do sujeito pesquisado, ao estabelecer conexões entre mais de 20 indivíduos que, ao conviverem com Dedê Prais, influenciaram sua vida e obra. Essas relações, pessoais e profissionais, evidenciaram como esses vínculos impactaram sua trajetória e práticas educacionais, melhor dizendo, ao mapear essas interações, foi possível perceber que sua trajetória não foi apenas moldada por ela mesma, mas também pelas pessoas que fizeram parte de sua vida, contribuindo para o enriquecimento de sua ideologia e *práxis* desenvolvida.

Além disso, ao aprofundar a análise das relações sociais, aprofundou a percepção acerca das dinâmicas de poder, das influências culturais e dos contextos históricos que moldaram tanto a trajetória de Dedê Prais quanto suas práticas educacionais. Ao mapear essas relações estabelecidas com diversos atores e contextos históricos, a pesquisa foi além da figura de Dedê Prais enquanto mera educadora, permitindo uma análise mais ampla dos impactos das políticas públicas de educação, do papel transformador da educação e das práticas pedagógicas que se entrelaçaram com as ideologias e contextos históricos específicos de sua época.

A construção da referida rede também foi essencial para valorizar o caráter colaborativo e coletivo de pesquisa. Ao compartilhar depoimentos e perspectivas diversas, a tese ganhou uma multiplicidade de pontos de vista, que revelaram facetas tanto da personalidade quanto do trabalho de Dedê Prais. Esses depoimentos ampliaram a compreensão de sua contribuição para o cenário educacional local, além de fortalecerem a legitimidade da pesquisa, demonstrando que o estudo estava inserido em um contexto social, político e cultural mais amplo, no qual Dedê Prais esteve envolvida.

Por fim, a ampliação da substância da pesquisa por meio do uso de testemunhos e da análise dessas interações trouxeram maior robustez ao trabalho, proporcionando uma base empírica sólida, uma vez que os depoimentos de pessoas que vivenciaram a realidade descrita conferiram maior validade ao estudo, já que a análise passou a se apoiar em uma variedade de experiências e perspectivas. Portanto, a construção de uma rede de sociabilidade foi essencial para dar profundidade e complexidade à pesquisa, permitindo uma compreensão mais rica e multifacetada da intelectual investigada.

Vale lembrar que, ao buscar trabalhar com histórias de vida, é essencial termos a sensibilidade de compreender que estamos lidando com pessoas que podem ou não compreender a importância que se tem quando elas compartilham suas trajetórias. Nós, pesquisadores, pedimos licença para sermos espectadores de realidades rodeadas de dores, alegrias, segredos familiares, perdas e conquistas, no entanto, sem esquecer que são mundos

que não nos pertencem, além de ser um contexto sócio-histórico diferente ao qual pertencemos. Essa sensibilidade é fundamental para que a pesquisa seja realizada com respeito e ética, confirmando o valor das narrativas pessoais sem perder de vista a complexidade e as especificidades de cada história de vida. A construção da história oral exige um comprometimento profundo, no qual o pesquisador deve ser capaz de ouvir e compreender, sem importar sua própria leitura, mas sim, interpretando e ressignificando as memórias coletadas, sempre atento às implicações emocionais e sociais que envolvem esse processo.

A utilização da história oral de vida na pesquisa educacional desempenha um papel crucial ao ampliar as abordagens tradicionais da história e da historiografia da educação. Ao focar nas narrativas pessoais, ela permite resgatar experiências e vozes que muitas vezes são marginalizadas ou negligenciadas nos relatos oficiais, proporcionando uma compreensão mais rica e detalhada do passado. A história oral oferece uma perspectiva única sobre o impacto das políticas educacionais, das dinâmicas pedagógicas e das transformações sociais, a partir da vivência de indivíduos diretamente envolvidos no processo educacional. Dessa forma, ela contribui para uma historiografia mais inclusiva e plural, que valoriza as experiências vívidas e as trajetórias individuais, fundamentais para uma compreensão mais profunda e contextualizada da história da educação.

Além disso, ao dar voz aos sujeitos históricos, a história oral de vida reforça a importância das subjetividades na construção da narrativa histórica. Ela desafia a historiografia convencional, que muitas vezes se limita a documentos formais e fontes institucionalizadas, para trazer à tona memórias, sentimentos e perspectivas de quem viveu e atuou no campo educacional. Esse método não apenas amplia o entendimento da história da educação, mas também promove uma análise crítica das práticas pedagógicas, políticas educacionais e dos efeitos dessas ações na vida cotidiana. Assim, a história oral se torna um instrumento indispensável para enriquecer a historiografia da educação, proporcionando uma visão mais complexa, dinâmica e próxima da realidade vívida por educadores e estudantes ao longo do tempo.

Esta pesquisa, ao reconstruir a trajetória de Maria de Lourdes de Melo Prais na educação, abre caminhos para novos estudos que aprofundem tanto aspectos biográficos quanto institucionais relacionados à história da educação em Uberaba e região. Futuras investigações podem explorar, por exemplo, o impacto das políticas públicas educacionais implementadas durante sua gestão, a presença feminina na liderança educacional local ou ainda a relação entre memória, narrativa e formação docente. Também é possível ampliar o levantamento de fontes

orais e documentais, analisando outras trajetórias marcadas pelo compromisso com a educação pública, popular e freiriana, como a de Dedê Prais. Esses possíveis desdobramentos reafirmam a importância de se preservar e valorizar as histórias de educadores que contribuíram, com coragem e sensibilidade, para transformar realidades por meio da escola.

Concluo esta tese sobre a história de vida de Maria de Lourdes Melo Prais, uma intelectual da educação que se fez imortal em sua obra. Mais do que uma tarefa acadêmica, este trabalho foi um encontro com a memória de uma mulher que dedicou sua vida a semear conhecimento e transformar realidades. Dedê Prais, com décadas de compromisso absoluto e uma devoção sem limites à prática educacional, construiu um testemunho que, como um fio invisível, continua a entrelaçar gerações, moldando consciências e corações. Sua jornada, marcada por um compromisso inabalável e uma paixão ardente pela educação, não é apenas uma história a ser contada, mas uma chama acesa que nos impulsiona a seguir seu exemplo, a carregar em nossas almas o peso da luta e da esperança.

O tempo, esse fiandeiro silencioso da vida, tece histórias que não se apagam, costurando memórias em eternidade. Dedê Prais, com sua trajetória feita de sonhos e ensinamentos, consegui transformar cada instante em aprendizado, cada encontro em partilha, cada desafio em esperança. Sua voz ressoa nas salas de aula, nos corredores da história, nos corações que tocou. Porque, como ela mesma disse, “tudo que foi bom dura o tempo suficiente para ser inesquecível”. E sua presença, marcada pela boniteza do saber e pelo amor inabalável à educação, permanecerá viva, guiando caminhos e inspirando gerações, enquanto houver quem acredite que ensinar é um ato de amor e aprender, um ato de liberdade.

Admiro profundamente Maria de Lourdes de Melo Prais, não apenas pela grandeza de sua trajetória, mas pela coerência entre o que sonhou, viveu e ensinou. Ao longo deste trabalho, pude confirmar que Dedê Prais não apenas propôs outra escola possível, como a construiu cotidianamente, com coragem, sensibilidade e compromisso ético. Compartilho da esperança que sempre a guiou e acredito firmemente na escola democrática, plural e emancipadora que ela defendeu ao longo de toda a sua vida. Sua visão de educação como prática de liberdade ressoa em minha própria crença na força transformadora do ato educativo, impulsionando-me a continuar lutando por espaços escolares que acolham, inspirem e libertem.

Escrever sobre sua vida foi um presente do destino, mas o privilégio maior foi poder caminhar ao seu lado, registrar seus passos, ouvir suas memórias e compartilhar, em seus relatos, suas vitórias e desafios. Nesse processo, fui acolhida não só como pesquisadora, mas como amiga, e isso transformou a construção desta tese em algo muito mais profundo e

emocionante. Dedê Prais me concedeu a dádiva de vivenciar de perto a marca que ela deixou no mundo, e é com um coração repleto de gratidão que compartilho, através deste trabalho, uma pequena parte da história de uma mulher cuja paixão pela educação continua a inspirar as vidas que tocou, abrindo caminhos para todos aqueles que, como ela, acreditam que a educação é a chave para um futuro repleto de possibilidades.

"Tudo que foi bom dura o tempo suficiente para ser inesquecível".
(Dedê Prais, 2020)

Mulher de esperançar e compromisso,

Afundou raízes profundas na educação popular.

Refez caminhos, bordando inéditos viáveis com diálogo e ternura.

Inspirou práticas libertadoras e sonhos coletivos.

Afirmou a escola como espaço de autonomia e transformação.

Dedicou-se a formar consciências críticas e sensíveis,

Elevando o ensino ao patamar de ato amoroso e político.

Legou à história um testemunho de resistência com boniteza,

Ousando acreditar na potência do ser humano.

Unificou teoria e prática em favor da liberdade concreta,

Reafirmando a educação como direito e esperançar.

Despertou a coragem de sonhar novos mundos.

Em sua trajetória, fez-se mestra dos encontros e da esperança.

Sustentou, com dignidade, a utopia que move a educação.

Manteve viva a paixão pelo conhecimento emancipador.

Escreveu sua história entrelaçando memória e reinvenção.

Lançou luz sobre a formação de sujeitos críticos.

Ousou transformar limites em possibilidades criadoras.

Persistiu na crença de que ensinar é um ato de liberdade,

Reconstruiu horizontes com trabalho coletivo e sensível.

Ampliou os sentidos da escola como espaço de boniteza.

Investiu sua existência na construção de caminhos solidários.

Semeou futuros ao semear esperança ativa.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes Orais - História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Orais**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado.** Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1970.

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. **Afranio Marciliano de Freitas Azevedo: narrativas de vida, de profissão e de política**. 2021. 397 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.
DOI http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.5009.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDRADE, Vinícius Borges de. **A proposta de uma escola cidadão no Município de Uberaba**: permanências e alterações entre os anos de 1993 e 2016. 2017. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) - (Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017. Disponível em: <http://bdtd.uftm.edu.br/handle/tede/443>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ANDRADE, Vinícius Borges de. BARBOSA, Marinalva Vieira. **Deslocamentos de sentidos no discurso sobre a Escola Cidadã em Uberaba-MG.** REEDUC. Quirinopolis: UEG, v. 6, n. 2, ago/dez 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/reeduc/article/view/10670>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ANTUNES, Ângela; PADILHA, Paulo Roberto. **Educação Cidadã, Educação Integral:** fundamentos e práticas. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. (Educação Cidadã; 6). Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/f8d14c43-6eb4-4c0e-8bbe-b4e504111b7d/content>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. **Modos de leitura de alfabetizadoras:** história, memória e representação. 2005. 68 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13755>. Acesso em: 15 dez. 2023.

ARAÚJO, Sâmara Carla Lopes Guerra de. **Ser professor coordenador pedagógico:** sobre o trabalho docente e sua autonomia. 2007. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/HJPB-7CLGWM>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação:** rumo a uma sociedade aprendente. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

AUSUBEL, David Paul; NOVAK, Joseph Donald, HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

AVILA, Jeane Aparecida de. **Uma experiência:** da elaboração de uma proposta curricular à sua execução com professores. 2003. 138 f. il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, MG, 2003. Disponível em: <https://Uniube.br/biblioteca/novo/base/teses/BU000055678.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARROS, José D'Assunção. História e Historiografia: todas as interações possíveis. In: BARROS, José D'Assunção (org.). **A Historiografia como Fonte Histórica**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022.

BERGSON, Henri. **Matière et mémoire**, in Oeuvres. Paris, PUF, 1959.

BERNARDELLI, Kellen Cristina Costa Alves. **Eurides Pereira de Souza: a singularidade de ser professora no ensino rural de Uberlândia-MG, 1966-1997.** 2019. 317 F. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. DOI http://doi.org/10.14393/ufu.te.2021.5512.

BERNARDES, Fernanda Afonso. **Modos de formar professores de EJA (1990-2006)**. 2018. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. DOI http://dx.doi.org/10.14393/di.2018.194.

BIZERRA, Maria da Conceição. **A política educacional:** do gabinete ao chão da escola. Revista Paranaense de Desenvolvimento - RPD, [S. l.], n. 97, p. 91–99, 2011. Disponível em: <https://ipardes.emnuvens.com.br/revistaparanaense/article/view/261>. Acesso em: 3 mar. 2024.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. Tradução: André Telles.

BORGES, Maria Célia. **História de formação e profissionalização docente** – caminhos para a emancipação. 2024. 138 f. Memorial (Promoção à Classe E - Professor Titular) FACED - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/41364>. Acesso em: 3 jun. 2024.

BORGES, Maria Soledade Gomes. **O aluno-docente e sua formação:** a (re)construção compartilhada de saberes. 2004. 157 f. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2004. Disponível em: <https://www.Uniube.br/biblioteca/novo/base/teses/BU000062097.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2024.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRAGANÇA SILVA, Décio. **A História Viva de Uberaba** – Pensamento Vivo de... Vitória: Editora Vitória, 1994. 330 p.

BRAGANÇA SILVA, Décio. **O pensamento vivo de Maria de Lourdes "Dedê" Melo Prais.** Projeto Encontros. Jornal da Manhã, Uberaba: ano 21, ed. n.º 6.230, 4 jul. 1993. p. 10.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura:** memórias dos anos sessenta. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 49, p. 377-407, set./dez. 2017. DOI https://doi.org/10.1590/s0104-71832017000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A questão Política da Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 7-10.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Diário de Campo:** um outro olhar sobre a pessoa e os gestos do outro. 2010. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/escritos/ARTE/POESIA%20-%20LIVRE/AA.%20%20UM%20OUTRO%20OLHAR%20SOBRE%20O%20OUTRO.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 4.244, de 9 de abril de 1942.** Lei orgânica do ensino secundário. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br /ccivil_03/decreto-lei/1937-1946 /del4244 .htm>. Acesso em: 6 dez. 2024.

BRASIL. **Emenda Constitucional n.º 14, de 12 de setembro de 1996.** Modifica os arts. 34, 208, 211 e 212 da Constituição Federal e dá nova redação ao art. 60 do Ato das Disposições constitucionais transitórias. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc14.htm>. Acesso em: 6 dez. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 12.040, de 28 de dezembro de 1995**. Dispõe sobre a distribuição da parcela de receita do produto da arrecadação do ICMS pertencente aos municípios. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/LEI/12040/1995/>. Acesso em: 6 dez. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 12.428, de 27 de dezembro de 1996.** Dispõe sobre a distribuição da parcela de receita do produto da arrecadação do ICMS pertencente aos municípios. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/12428/1996/>. Acesso em: 6 dez. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 9.424, de 24 de dezembro de 1996.** Dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9424.htm>. Acesso em: 6 dez. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 6 dez. 2024.

BRASIL. **Relatório Final da Conferência Estadual de Educação Básica:** a contribuição de Minas na construção do Sistema Nacional Articulado de Educação, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/minasgerais.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2024.

BURKE, Peter. (org.). Abertura: A nova história, seu passado e seu futuro. In. **A escrita da história** – novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos *Annales* 1929-1989. 2ª ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 2011.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARDOSO, Osney Marcos, & DAL RI, Neusa Maria. **Gestão democrática na Universidade Tecnológica Federal do Paraná.** Teoria e Prática da Educação, v. 13, n. 1, p. 37-54, jan./abr. 2010. DOI https://doi.org/10.4025/tpe.v15i2.11976.

CARNOY, Martin. **A vantagem acadêmica de Cuba:** por que seus alunos vão melhor na escola. São Paulo: Ediouro, 2009.

CARVALHO, Cleide Fátima. **Ilar Garotti: vida, formação e religiosidade**. 2007. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/14092>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CASANOVA, Marta Zednik de (Org.). **Uberaba 200 anos - no coração do Brasil**. Uberaba: superintendência do Arquivo público de Uberaba, 2020. Disponível em: <https://app.codiub.com.br/drive_root/arquivopublico/Uberaba200AnosNoCoracaodoBrasil/> . Acesso em: Acesso em: 10 abr. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **História:** novos problemas. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

CORTELLA, Mario Sergio. **Não nascemos prontos!** Provocações filosóficas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

COSTA, Júlio Resende. **Entre o prescrito e o realizado no Grupo Escolar Yolanda Jovino Vaz (1961-1971).** 2022. 530 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. DOI http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.5337.

CUSTÓDIO, Maria do Carmo. **Profissionalização do magistério na educação básica:** análise da valorização profissional do professor da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. 2011. 284 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9578>. Acesso em: 3 mar. 2024.

DALBÉRIO-BORGES, Maria Célia. **Escola pública, currículo e educação emancipadora**: o projeto político-pedagógico como mediação. 2007. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) -

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10020>. Acesso em: 3 mar. 2024.

DALL'IGNA, Maria Antonieta. **Democratização do estado e conselhos com representantes da sociedade civil.** Cad. Educ. Fae/Ufpel, Pelotas, n. 9, p. 145-153, jul/dez. 1997. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/6311>. Acesso em: 15 abr. 2024.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral:** memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DELORS, Jacques (org.). **Educação:** um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI; Tradução: José Carlos Eufrázio. UNESCO: Publicação MEC, 1996. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/download_livro_27263/educacao-_um_tesouro_a_descobrir_relatorio_para_a_unesco_da_comissao_internacional_sobre_educacao_para_o_seculo_xxi>. Acesso em: 15 jan. 2024.

DUARTE, Ana Beatriz da Silva. **Releitura histórica da educação de surdos no Brasil: 1961-1996.** 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21498>. Acesso em: 15 dez. 2023.

DUTRA, Rose. **Shopping Uberaba entrega Troféu Mulher.** Disponível em: <https://rosedutra.blogspot.com/2019/03/shopping-uberaba-entrega-trofeu-mulher.html>. Acesso em: 5 jul. 2024.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FITZGERALD, Francis Scott. **The Crack-up.** 1936. Disponível em: <https://classic.esquire.com/article/1936/2/1/the-crack-up>. Acesso em: 01 mar. 2023.

FRANCO, David Budeus. **Formação cultural**: arte e cultura convertidas em instrumentos da preparação para o trabalho. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Agradecimento após receber o título de cidadão uberabense.** Revista Fazendo Escola, Órgão de Comunicação Interno da Secretaria Municipal de Educação, Uberaba, MG, ano 3, n.º 04, 1995, p. 39.

FREIRE, Paulo. **À Sombra Desta Mangueira.** São Paulo. Editora Olho D'água, 2006.

FREIRE, Paulo. **Compromisso ético e compromisso político das autoridades e dos educadores.** Fazendo Escola, Uberaba, v. 4, n. 5, 1995. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/1121>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000. DOI https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e educação:** ensaios. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade.** São Paulo, Edart, 1977.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio (Orgs.). **Autonomia da escola:** Princípios e propostas. São Paulo: Cortez, 1997 (Série "Guia da Escola Cidadã" do Instituto Paulo Freire).

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar** – A escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GALEANO, Eduardo. **O direito ao delírio**. 6. ed. São Paulo: BBLA, 2022.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Pedro: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Carlos Luiz. **Gestão e participação:** subjetividades em relação. 2007. 179 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16307>. Acesso em: 15 jan. 2024.

GONÇALVES, Vera Lúcia. **Do trabalho consentido ao trabalho com sentido**: o trabalha(dor) docente no Ensino Fundamental. 2009. 322 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2009. Disponível em: <http://dspace.Uniube.br:8080/jspui/handle/123456789/762>. Acesso em: 15 jan. 2024.

GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim**. Histórias de alfabetizadores:** vida, memória e profissão. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13893>. Acesso em: 15 dez 2023.

GUIMARÃES, Ueudison Alves; CARVALHO, Walkiria Araújo de; ARAÚJO, Lusilange Maria de; MOREIRA, Glaudistonia Chaves dos Santos; FIGUEIREDO, Deolinda Angela de Araújo; GUERRA, Álvaro Raphá Lemos. **A importância da gestão escolar na organização do bem-estar dos educadores de uma escola pública brasileira**. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 4, n. 11, p. e4114321, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i11.4321. Disponível em:

<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/4321>. Acesso em: 15 abr. 2024. DOI https://doi.org/10.47820/recima21.v4i11.4321.

INSITUTO PAULO FREIRE, 1995. **Conferência e recebimento do título de cidadão uberabense.** Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/items/07563d38-8c3b-4f2d-828d-9b2293b19c9d>. Acesso em: 5 ago. 2024.

JORNAL DA MANHÃ. **Aprovação.** Edição n.º 7.042, ano XXIV. 24 nov. 1995. n.p.

JORNAL DA MANHÃ. **Congresso da AMAE transforma Uberaba em Capital da Educação**. Edição n.º 6.238, 14 de jul. 1993. n.p.

JORNAL DA MANHÃ. **Congresso sobre educação traz Freire a Uberaba.** Edição n.º 6.199, ano XXI, 28 de mai. 1993. n.p.

JORNAL DA MANHÃ. **De cara nova**. Edição n.º 6.378, 31 de dez. 1993. n.p.

JORNAL DA MANHÃ. **Dedê promete dar ênfase à qualidade de ensino.** Edição n.º 6.089, ano XXI, 10 de jan. 1993. p. 3.

JORNAL DA MANHÃ. **Educação:** "é impossível falar em modernidade, sem falar em democracia". Edição n.º 6.144, ano XXI, 20 de mar. 1993. n.p.

JORNAL DA MANHÃ. **Encontro da AMAE:** inscrições deixam secretária eufórica. Edição n.º 6.234, 9 de jul. 1993. n.p.

JORNAL DA MANHÃ. **Nossa escola é assim.** 15 mar. 1998. n.p.

JORNAL DA MANHÃ. **Nossa escola é assim.** 28 mar. 1998. n.p.

JORNAL DA MANHÃ. **O Ensino Fundamental no Brasil e em Uberaba.** Edição n.º 24.379. 14 jan. 1996. p. 3.

JORNAL DA MANHÃ. **Paulo Freire fala a educadores nessa sexta.** Edição n.º 7.035, ano XXIV. 15 nov. 1995. n.p.

JORNAL DA MANHÃ. **Paulo Freire reúne mais de 700 educadores em Uberaba.** Edição n.º 7.037, ano XXIV. 18 nov. 1995. n.p.

JORNAL DA MANHÃ. **Rubens Alves lota centro de convenções da FMTM.** Edição n.º 7.125, ano XXIV, 9 de mar. 1996. n.p.

JORNAL DA MANHÃ. **UNICEF prestigia projeto uberabense.** Edição n.º 6.614, ano XXI, 17 de jun. 1993. n.p.

JORNAL DE UBERABA. **Câmara aprova criação da Casa do Educador "Prof.ª Dedê Prais"**. Disponível em: <https://www.jornaldeuberaba.com.br/noticia/1104/camara-aprova-criacao-da-casa-do-educador-lprofessora-dede-praisr>. Acesso em: 15 jul. 2024.

JORNAL DE UBERABA. **Educação é um ato político, diz Dedê**. Ano 6. 5 de jan. 1993. n.p.

JORNAL LAVOURA E COMÉRCIO. **Criada a Faculdade de Educação de Uberaba.** Edição n.º 25.156, ano XCVI, 5 de set. 1995. n.p.

JORNAL LAVOURA E COMÉRCIO. **Nova Secretária da Educação toma posse.** 5 de jan. 1993. n.p.

JORNAL LAVOURA E COMÉRCIO. **Paulo Freire chama Dedê de "Dê-10".** Edição n.º 25.417, ano XCVI, 22 de mai. 1996. n.p.

JORNAL LAVOURA E COMÉRCIO. **Privilégio: Educadores ouvirão Paulo Freire amanhã.** Edição n.º 25.264, ano XCVI, 16 de nov. 1995. n.p.

JORNAL NOVA DIMENSÃO. **Em pauta.** Publicação trimestral da SMEC, n.º 7, set./dez. 1994, p. 2.

JORNAL NOVA DIMENSÃO. **Informativo SMEC.** Publicação trimestral da SMEC, n.º 1, jan./mar. 1993, p. 6.

JORNAL NOVA DIMENSÃO. **Informativo SMEC.** Publicação trimestral da SMEC, n.º 3, jul./set. 1993, p. 6.

JORNAL NOVA DIMENSÃO. **Informativo SMEC.** Publicação trimestral da SMEC, n.º 8, jan./abr. 1995, p. 6.

JORNAL NOVA DIMENSÃO. **Informativo SMEC.** Publicação trimestral da SMEC, n.º 25, jan./abr. 2000, p. 7.

KARWOSKI, Acir Mário. Multimodalidade, leitura em tablets e ensino de Língua Portuguesa. **Anais**. SIELP. v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-ontent/uploads/2014/06/volume_2_artigo_001.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7ª ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEPICK, Vanessa. **Modos de alfabetizar no grupo escolar Clarimundo Carneiro - 1963 a 1973.** 2013. 265 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. DOI https://doi.org/10.14393/ufu.di.2013.267.

LIMA, Marconi. **Casa do Educador recebe o nome da educadora e ex-secretária Dedê Prais**. Disponível em: <https://jmonline.com.br/politica/casa-do-educador-recebe-o-nome-da-educadora-e-ex-secretaria-dede-prais-1.71429>. Acesso em: 15 jul. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: **História das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). 10. ed. – São Paulo. Contexto. 2011. p. 443-481.

MACEDO, Tatiane Batista. **História de Formação de Alfabetizadoras:** A disciplina Didática da Linguagem no Magistério 1971 a 1985. 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado em

Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13778>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MACHADO, Maria Margarida; MAIA, Júlio César Apolinário. **Gramsci e Freire e suas contribuições alvissareiras na educação de pessoas trabalhadoras**. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S.l.], v. 1, n. 23, p. 1-17, e15140, jun. 2023. DOI: https://doi.org/10.15628/rbept.2023.15140.

MACHADO, Welvis Emanuel Oliveira. **O papel do gestor escolar:** possibilidades e desafios em algumas escolas do Alto Sertão paraibano. Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB, João Pessoa, v. 60, n. 2, p. 676-690, jun. 2023. ISSN 2447-9187. DOI http://dx.doi.org/10.18265/1517-0306a2021id6039.
Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/6039>. Acesso em: 03 abr. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARTINS, Cibelle Amorim; COSTA, César Lima; COSTA, Márcia Cunha Silva, Curso para conselheiros escolares: uso de recursos de animação digital para concepção de material pedagógico. In: VASCONCELOS, Francisco Herbert Lima; SOARES, Swamy de Paula Lima; MARTINS, Cibelle Amorim; AGUIAR, Cefisa Maria Sabino (org.). **Conselho escolar:** processos, mobilização, formação e tecnologia. Fortaleza: Edições UFC, 2013. 370 p. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/44153>. Acesso em: 15 abr. 2024.

MARTINS, Rosa Maria de Sousa. **Ser professora na república:** modos de pensar, sentir e agir (1930-1950). 2010. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13807>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MINAS GERAIS. **Comenda da Paz Chico Xavier será entregue nesta sexta-feira.** Agência Minas, Uberaba, 1 mar. 2007. Disponível em: <http://www.2005-2015.agenciaminas.mg.gov.br/noticias/comenda-da-paz-chico-xavier-sera-entregue-nesta-sexta-feira/>. Acesso em: 15 out. 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia Prático de História Oral:** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MELLO, Rita Tavares de. **História, memória e vivências:** A EJA no norte de Minas Gerais 1940-1960. 2015. 268 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. DOI https://doi.org/10.14393/ufu.te.2015.108.

MORAES, Andréia Demétrio Jorge. **História e memória da formação docente em**

Ituiutaba-MG. 2014. 227 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. DOI https://doi.org/10.14393/ufu.te.2014.103.

MORAES, Andréia Demétrio Jorge. **História e ofício de alfabetizadoras:** Ituiutaba 1931 - 1961. 2008. 252 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13728>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MORAZÉ, Charles. **Les trois âges du Brésil**: essai de politique. Paris: Librairie Armand Colin, 1967.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

MOURA, Geovana Ferreira Melo. **Por trás dos muros escolares:** luzes e sombras na educação feminina (Colégio N. Sra. das Dores - Uberaba 1940/1966). 2002. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13735>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MOURA, Geovana Ferreira Melo; INÁCIO FILHO, Geraldo. **Colégio Nossa Senhora das Dores:** rememorando os espaços destinados à educação feminina por meio da História Oral (1940-1960). Cadernos de História da Educação, [S. l.], v. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/305>. Acesso em: 15 fev. 2024.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**: memórias. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições Escolares, por que e como pesquisar**. Campinas: Alínea, 2009.

NÓVOA, Antônio. Perspectivas da renovação da história da educação em Portugal.In: BERRIO, Júlio Ruiz (Ed.) **A história da educação em Espanha e Portugal** — investigações e atividades. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciência da Educação, 1993.

OLIVEIRA, Thaís Villa. **Todas somos educadoras sexuais**: a formação continuada na Educação Infantil pensa sobre isso? 2021. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.
DOI http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.144

OLIVEIRA, Valéria de Freitas. **A escola, espaço coletivo de formação continuada de professores em serviço:** Limites e possibilidades. 2006. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2006. Disponível em: <http://dspace.Uniube.br:8080/jspui/handle/123456789/762>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PADILHA, Paulo Roberto. **Educar em todos os cantos:** reflexões e canções por uma educação intertranscultural. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2007. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/5b3772ff-3662-4287-9cd8-133d712e29f4/content>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PADILHA, Paulo Roberto. **Currículo intertranscultural**: por uma escola curiosa, prazerosa e aprendente. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/2267fcde-1af0-40a4-b623-4783fc1e0d41/content>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PERES, Ana Paula Franzini. **Gestão democrática e conselhos de escola no município de Araraquara/SP.** 2016. 134 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, A Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Araraquara, 206. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/144365>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PINHEIRO, Camila Mendes. **O Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública e o princípio de gestão democrática na Constituição Federal de 1988**. Marília: Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015. Disponível em: <https://unesp.primo.exlibrisgroup.com/permalink/55UNESP_INST/hagbf0/alma990008385190206341>. Acesso em: 15 fev. 2024.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2011. p. 607-639.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Administração Colegiada na Escola Pública**. 4ª Edição. Campinas: Papirus, 1998.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **A Escola Cidadã e a Construção do Projeto Político Pedagógico**. Série: Cadernos da Escola Cidadã. Uberaba, 2000a.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **A escola entendida como sistema social e o papel da supervisão.** Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 7, n. 13, p. 207–214, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/1125>. Acesso em: 5 jan. 2024.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Democratização da Gestão e Qualidade social da educação:** Fundamentos da Boa Governança. Perspectivas em Políticas Pública. Volume I, n.º 2, Belo Horizonte, 2008.
Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/revistappp/article/view/978>
Acesso em: 15 jan. 2024.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Discurso no VI Encontro de Educadores de Uberaba e Triângulo Mineiro.** Revista Fazendo Escola, Órgão de Comunicação Interno da Secretaria Municipal de Educação, Uberaba, MG, ano 8, n.º 13, 2000, p. 3-4.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Editorial.** Revista Fazendo Escola, Órgão de Comunicação Interno da Secretaria Municipal de Educação, Uberaba, MG, ano 5, n.º 07, 1997, p. 3.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. Educação em tempo de esperança. In: MELLO, Cleyson de Moraes; MEZZAROBA, Orides; BORBA, Rogério (org). **Estudos em homenagem ao professor Aurélio Wander Bastos.** Florianópolis: Editora Processo, 2020. p. 491-498.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo, *et al*. **Escola:** Currículo e Ensino. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Homenagem ao centenário de nascimento de Paulo Freire**. JM Online. 2021. Disponível em: <https://jmonline.com.br/homenagem-ao-centenario-de-nascimento-de-paulo-freire-1.38853>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **O sentido político e pedagógico da administração colegiada.** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CARDOSO, Maria Helena Fernandes (org.). Escola fundamental: currículo e ensino. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 39-74. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Pronunciamento na apresentação de Paulo Freire.** Revista Fazendo Escola, Órgão de Comunicação Interno da Secretaria Municipal de Educação, Uberaba, MG, ano 3, n.º 04, 1995, p. 3-9.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Pronunciamento na Aula Inaugural dos Cursos de Pós-Graduação da Secretária Municipal de Educação e Cultura de Uberaba.** Revista Fazendo Escola, Órgão de Comunicação Interno da Secretaria Municipal de Educação, Uberaba, MG, ano 2, n.º 03, 1994, p. 3-4.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Pronunciamento na Inauguração da Faculdade de Educação de Uberaba.** Revista Fazendo Escola, Órgão de Comunicação Interno da Secretaria Municipal de Educação, Uberaba, MG, ano 4, n.º 05, 1995, p. 5-7.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Pronunciamento no 1º Encontro com a Rede Municipal de Ensino para o Planejamento Global Integrado.** Revista Fazendo Escola, Órgão de Comunicação Interno da Secretaria Municipal de Educação, Uberaba, MG, ano 1, n.º 01, 1993, p. 7-9.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Pronunciamento no XXV Encontro Nacional da AMAE em Uberaba.** Revista Fazendo Escola, Órgão de Comunicação Interno da Secretaria Municipal de Educação, Uberaba, MG, ano 2, n.º 02, 1994, p. 5.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Planejamento Participativo:** caminhos para sua construção. Belo Horizonte, SEE/MG, 2004.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Testemunho Pedagógico** - Gestão Colegiada na Educação da Cidade. 1ª Edição. Uberaba: Gráfica Vitória, 2011.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Tudo que foi bom dura o tempo suficiente para ser inesquecível.** JM Online. 2020. Disponível em: <https://jmonline.com.br/tudo-que-foi-bom-dura-o-tempo-suficiente-para-ser-inesquecivel-1.49822>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Um texto em questão.** Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 3, n. 5/6, p. 235–240, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/1929>. Acesso em: 5 jan. 2024.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo; SILVA, Maria Élida (org). **Escola Cidadã – Educação**: construção amorosa da cidadania. Fundamentos políticos, filosóficos e pedagógicos. Uberaba, SME, 32p, ago. 2000.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo e SILVA, Maria Élida. **Fundamentos Políticos, Filosóficos e Pedagógicos da Escola Cidadã.** Uberaba, SME, 2000.

PAULA, Eustáquio Donizeti de. **Regime militar, resistência e formação de professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba/MG (1964-1980)**. 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2007. Disponível em: <https://www.Uniube.br/biblioteca/novo/base/teses/BU000185881.pdf>. Acesso 15 jan. 2024.

REVISTA FAZENDO ESCOLA. **Compromisso ético e compromisso político das autoridades e dos educadores.** Órgão de Comunicação Interno da Secretaria Municipal de Educação, Uberaba, MG, ano 4, n.º 05, 1995, p. 9-10.

REVISTA FAZENDO ESCOLA. **Prioridade 93/96 – Educação / Cidadania.** Entrevista do prefeito de Uberaba Luiz Guaritá Neto. Órgão de Comunicação Interno da Secretaria Municipal de Educação, Uberaba, MG, ano 1, n.º 01, 1993, p. 4-5.

REVISTA 130 ANOS. **CNSD – 130 anos dedidados à educação.** Uberaba: P&A Comunicação, out. 2015. Disponível em: <https://cnsd.com.br/wp-content/uploads/2019/07/Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial-Revista-130-anos.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

RESENDE, Vânia Maria. **Ziraldo sempre festejado em Uberaba.** JM Online , Uberaba, 27 jun. 2023. Disponível em: <https://jmonline.com.br /articulistas /vaniaresende /ziraldo - sempre -festejado -em -uberaba -1.388064>. Acesso em: 15 jun. 2024.

RIBEIRO, Ana Luiza. **Gestão democrática na Escola Nossa Senhora da Abadia:** avanços e impasses no cotidiano docente. 2008. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2008. Disponível em: <https://Uniube.br/biblioteca/novo/base/teses/BU000111667.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza. **Puxando fios da memória:** a invenção de uma professora pesquisadora. 2022. 269 f. Memorial Acadêmico (Concurso para Professor Titular Classe E) - Instituto de Ciências Humanas do Pontal , Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2022. DOI http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.5042.

RIBEIRO, Mateus Augusto Lima. A importância do conhecimento jurídico, para uma gestão escolar eficaz e para a garantia de uma educação democrática e cidadã. In: **Entre saberes e**

inovação: um olhar multidisciplinar. FARIAS, Bruno Matos de Farias (org.) Epitaya E-books, [S. l.], v. 1, n. 58, p. 119-130, 2024. DOI: 10.47879/ed.ep. 2024984p119. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/958>. Acesso em: 15 abr. 2024.

RICOEUR, Paul. Histoire de la philosophie et historicité, em R. Aron (org.), **L'histoire et ses interprétations**. Entretiens autour dArnold Toynbee, Mouton, Paris – La Haye, 1961.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROMERO, Márcia Cicci. **Política de incentivo à leitura no governo Zaire Rezende 1983-1988.** 2016. 272 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. DOI http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.196.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:** veredas. vol 1. Coleção Biblioteca Luso-brasileira – serie brasileira: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6029042/mod_resource/content/1/Grande%20Sert%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ROSA, Renilda Maria. **O papel do diretor na Escola Cidadã.** 2004. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2004. Disponível em: <https://Uniube.br/biblioteca/novo/base/teses/BU000103958.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

RUTZ, Anderceya de Fátima Alfaro Cervi. O processo de seleção de diretores das escolas públicas do Paraná e sua abordagem na legislação educacional paranaense. In: **Produção Didático-Pedagógica 2010:** O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2011. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_ufpr_ped_pdp_anderceya_de_fatima_alfaro_cervi_rutz.pdf.>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SÁ, Ricardo Antunes de. **Educação a distância**: estudo exploratório e analítico de curso de graduação na área de formação de professores. 2007. 422 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação Unicamp, Unicamp, Campinas, 2007. DOI https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP. 2007.400714

SANTOS, Claudinete Maria dos. **Conselho de Classe:** instância de avaliação coletiva numa perspectiva participativa. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2012. Disponível em: <http://bdtd.unoeste.br:8080/tede/handle/tede/856>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SANTOS, Maria de Lourdes Leal dos. **Docência e memória:** elos da formação humanista das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (1960-1980). 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, University of São Paulo, São Paulo, 2020. DOI 10.11606/T.48.2020.tde-17022021-130152.

SANTOS, Maria de Lourdes Leal dos. **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino:** um marco humanista na história da educação brasileira (1960 - 1980). 2006. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/14057>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SANTOS, Roníria Silva dos. **Da Escola Cidadã à Escola do Caminho**: percursos da educação municipal em Uberaba, MG (1993/2016). 2020. Disponível em: <http://dspace.Uniube.br:8080/jspui/handle/123456789/2395>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SANTOS, Wilson da Silva. **Reflexões históricas e sociológicas para uma gestão democrática da escola no Brasil.** Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 24, n. 3, p. 1333–1349, 2020. DOI: 10.22633/rpge.v24i3.13550. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/13550. Acesso em: 15 mar. 2024.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores)

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In: LOMBARDI, José Claudinei. e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Org**). Fontes, História e Historiografia da Educação.** Campinas: Autores Associados, 2004.

SILVA, Francisco Kelverton Rodrigues da. **Protagonismo juvenil na gestão democrática da escola:** reflexões e possibilidades. Ensino em Perspectivas, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1–12, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/8725>. Acesso em: 25 jan. 2024.

SILVA, Monique Adriele da. **História e memória das professoras no Grupo Escolar Brasil:** Uberaba 1960 - 1971. 2017. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. DOI http://doi.org/10.14393/ufu.di.2017.175.

SNYDERS, Georges. **A Alegria Na Escola.** São Paulo. Editora Manole, 1988.

SOARES, Edilene Alexandra Leal**. O ensino de história da educação nas Faculdades Integradas Santo Tomás De Aquino - Fista (Uberaba, Minas Gerais, 1951-1980)**. 2022. 310 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade de Uberlândia, Uberlândia, 2022. DOI http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.5301.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita:** letramento na cibercultura. Educação & Sociedade, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. DOI https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008100008

THOMPSON, Paul**. A voz do passado:** História Oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UBERABA. Câmara Municipal. **Lei n.º 13.112, de 21 de agosto de 2019.** Autoriza a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais e dá outras exceções. Uberaba: Câmara Municipal, 2019.

UBERABA. Câmara Municipal. **Parecer da Comissão de Educação, PL n.º 130/2019.** Autoriza a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais e dá outras providências. Uberaba: Câmara Municipal, 2019.

UBERABA. Câmara Municipal. **Parecer da Comissão de Justiça, Legislação e Redação, PL n.º 130/2019.** Autoriza a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais e dá outras providências. Uberaba: Câmara Municipal, 2019.

UBERABA. Câmara Municipal. **Projeto que homenageia a professora "Dedê Prais" é aprovado na CMU**. Disponível em: <https://camarauberaba.mg.gov.br/noticias/projeto-que-homenageia-a-professora-dede-prais-e-aprovado-na-cmu/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

UBERABA. Câmara Municipal. **Resolução n.º 051/95, de 17 de agosto de 1995.** Declara Cidadão Uberabense o Ilmo. Sr. Paulo Reglus Neves Freire e contém outras disposições. Uberaba: Câmara Municipal de Uberaba, 1995.

UBERABA. Câmara Municipal. **Votação - Projeto de Lei n.º 130/2019.** 7ª Reunião Ordinária, 21 de agosto de 2019. Uberaba: Câmara Municipal, 2019.

UBERABA. Prefeitura Municipal. **A Casa do Educador "Dedê Prais" será inaugurada segunda-feira.** Educação e Cultura, 15 maio 2014. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,31740.>. Acesso em: 23 ago. 2024.

UBERABA. Prefeitura Municipal. **Casa do Educador encerra as comemorações de aniversário com Fórum sobre a geração da informação.** Educação e Cultura, Uberaba, 6 ago. 2014. Disponível em: <http://uberabacontracovid.com.br/portal/conteudo,36295>. Acesso em: 4 ago. 2024.

UBERABA. Prefeitura Municipal. **Decreto n.º 2.319, de 16 de maio de 2014**. Institui a criação da Casa do Educador "Profª Dedê Prais" - Centro de Formação Continuada dos Profissionais da Educação do Município de Uberaba. Uberaba: Prefeitura Municipal, 2014.

UBERABA. Prefeitura Municipal. **Lei n.º 13.112, de 21 de agosto de 2019.** Autoriza a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais e dá outras exceções. Publicada no Porta Voz do dia 23 de agosto de 2019, Edição n.º 1.733. Uberaba: Prefeitura Municipal, 2019.

UBERABA. Prefeitura Municipal. **Lei n.º 5.504, de 27 de janeiro de 1995.** Dispõe sobre a gratificação de incentivo à qualificação do servidor. Disponível em: < https://leismunicipais.com.br/a/mg/u/uberaba/lei-ordinaria/1994/551/5504/lei-ordinaria-n-5504-1994-dispoe-sobre-a-gratificacao-de-incentivo-a-qualificacao-do-servidor>. Acesso em: 4 ago. 2024.

UBERABA. Prefeitura Municipal. **Plano da Educação será entregue durante "café com prosa" na terça-feira.** Educação e Cultura, Uberaba, 6 ago. 2014. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,32498>. Acesso em: 4 ago. 2024.

UBERABA. Prefeitura Municipal. **Plano municipal de educação 2013-2016 é apresentado.** Educação e Cultura, Uberaba, 6 ago. 2014. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,32593>. Acesso em: 4 ago. 2024.
UBERABA. Prefeitura Municipal. **Plano Decenal Municipal de Educação.** Uberaba 2006-2015 – PRAIS e PRAIS Consultorias Educacional Ltda, Uberaba, 2006.

UBERABA. Prefeitura Municipal. **Projeto de Lei n.º 130/2019, de 10 de abril de 2019.** Autoriza a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais e dá outras providências. Uberaba: Prefeitura Municipal, 2019.

UBERABA. Procuradoria Geral. **Parecer n.º 091/2019.** Objeto: Projeto de Lei n.º 130/2019 que autoriza a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais e dá outras providências. Uberaba: Procuradoria Geral, 2019.

UBERABA. Revista Fazendo Escola. **Perfil da Secretaria de Educação e Cultura.** Órgão de Comunicação Interno da Secretaria Municipal de Educação, Uberaba, MG, ano 1, n.º 01, 1993, p. 1.

UBERABA. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. **Relatório de atividades da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Período: 1993-1995**. Assinado pela Secretária de Educação Maria de Lourdes Melo Prais. Uberaba: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1995. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/2423>. Acesso em: 5 ago. 2024.

UBERABA. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. **Relatório de Atividades e Informativo Estatístico da Rede Municipal de Ensino – 1999-2000**. Assinado pela Secretária de Educação Maria de Lourdes Melo Prais. Uberaba: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1999.

UBERABA. Secretaria Municipal de Governo. **Mensagem n.º 33/2019, de 10 de abril de 2019.** Solicita aprovação da matéria apresentada. Uberaba: Prefeitura Municipal, 2019.

UBERABA. Secretaria Municipal de Governo. **Ofício n.º 27 - SEGOV/2019, de 10 de abril de 2019.** Encaminha o Projeto de Lei que "Autoriza a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais e dá outras providências. Uberaba: Secretaria Municipal de Governo, 2019.

VIEIRA, Vania Maria de Oliveira. **Escola de tempo integral:** buscando evidências de um ensino de qualidade. 2003. 170 f. il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, MG, 2003. Disponível em: <https://www.Uniube.br/biblioteca/novo/base/teses/BU000011816.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História**. 4ª ed. Brasília: UnB, 1982.

APÊNDICES

A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Tema: MARIA DE LOURDES MELO PRAIS: MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA
Entrevistadora: Patrícia Ferreira Bianchini Borges

I - INFORMAÇÕES PESSOAIS

1. Nome completo. Data de nascimento. Naturalidade. Profissão.
2. Residência e endereço da entrevista.
3. Casou-se? Em que ano e em qual cidade?
4. Teve filhos? Se sim, quantos?

II - INFÂNCIA E ALFABETIZAÇÃO

1. Nome completo dos pais. Formação escolar e profissão deles.
2. Como era sua família? A senhora tinha muitos irmãos? Onde nasceram?
3. Onde a senhora passou sua infância? Lembra das brincadeiras de sua época?
4. Em que escola a senhora foi alfabetizada?
5. Quem foi sua professora na alfabetização?
6. Como foi o processo de alfabetização, de aquisição da leitura e da escrita?
7. A senhora gostava de ler? Tinha algum livro de que gostava mais?
8. Lembra se teve dificuldades?
9. Em que ano concluiu o ensino primário?
10. Fez admissão para ingressar no ginásio? Se fez, onde?
11. Em qual escola cursou o ginasial?

III - FORMAÇÃO ACADÊMICA

1. Após o ginásio, a senhora fez o Curso Normal?
2. Se fez, em que período, em qual instituição e em qual cidade a senhora fez o Curso Normal?
3. Como eram as aulas? Estudavam-se mais teorias ou práticas de ensino? Quem eram seus professores? Como era sua relação com eles?
4. Fez algum curso superior, voltado para o Magistério?
5. Se fez, em que período e em qual instituição, qual cidade e em que ano a senhora concluiu o curso superior? Quais eram seus professores? Como era sua relação com eles?
6. Quais motivos levaram a senhora a optar pela carreira do Magistério? A motivação foi pessoal ou sua família teve alguma influência nessa decisão?
7. Algum(a) professor(a) inspirou sua opção pela carreira do Magistério? Por quê?

8. A senhora fez algum curso de Pós-Graduação? Em nível lato ou *stricto sensu*? Qual(is)? Se fez, em qual instituição, qual cidade e em que ano a senhora concluiu o(s) curso(s)? Sobre que temáticas a senhora escreveu no Mestrado e no Doutorado?
9. A senhora fez algum outro curso de formação que não tenha sido citado aqui e que a senhora considere relevante citar? Qual(is)? Conte-nos sobre ele(s).

IV - INGRESSO NA PROFISSÃO DE PROFESSORA

1. Em que ano a senhora iniciou sua carreira como professora? Como se deu esse início?
2. Seu ingresso foi por indicação de alguma autoridade ou naquele período tinha algum processo seletivo?
3. Havia algum tipo de contrato de trabalho? Por quanto tempo se estendia o contrato?
4. Quando se tornou professora, quais disciplinas a senhora lecionou? Quais materiais didáticos a senhora utilizava?
5. Durante quantos anos a senhora atuou como professora?
6. A senhora trabalhou como alfabetizadora? Em que níveis a senhora atuou?
7. Qual(is) razão(ões) levaram a senhora a escolher turmas de alfabetização para lecionar? Foi uma escolha própria ou uma decisão da diretora?
8. Se foi uma decisão do grupo escolar, qual(is) motivo(s) levou(aram) a direção da escola a entregar turmas de alfabetização para a senhora trabalhar?
9. Se foi uma decisão da senhora, qual(is) razão(ões) a levou(aram) a optar pelas turmas de alfabetização?
10. Qual(is) a(s) maior(es) contribuição(ões) da Escola Normal para sua formação como professora?

V - ATUAÇÃO PROFISSIONAL

1. A senhora já afirmou que aos 14 anos dava aulas particulares, conte-nos como era desenvolvido esse trabalho?
2. Conte-nos como foi participar da JUE (Juventude Estudantil Católica), da JUC (Juventude Universitária Católica), da UNE (União Nacional dos Estudantes). Qual era sua atuação em cada um desses movimentos?
3. Conte-nos mais sobre sua atuação no MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), instaurado em São Paulo em 1990, por Paulo Freire.
4. Em quais instituições e/ou escolas da cidade de Uberaba a senhora trabalhou? Em que turmas a senhora atuou? Quais disciplinas lecionou? A senhora sempre atuou na sala de aula ou assumiu algum outro cargo em alguma dessas instituições?
5. A senhora foi uma estudiosa confessa das obras de Paulo Freire e com forte influência dos pensamentos desse autor e já afirmou ter aprendido muito com o patrono da educação brasileira, Paulo Freire, de quem recebeu muita ajuda pessoal e profissional. Conte nos sobre como era sua convivência com ele e sobre o que aprendeu a partir dessa convivência.
6. O que era o movimento da pedagogia crítica de Paulo Freire? Ele foi implantado na cidade de Uberaba? Em que período? Como se deu?

7. Conte-nos sobre o compromisso assumido por ele com a Educação Municipal de Uberaba, no período de 1993 a 2000, no Projeto "Escola Cidadã: construção amorosa da cidadania, e sobre seu trabalho na coordenação da secretária de educação em relação ao projeto.
8. No livro Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire trata das experiências exitosas em Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Uberaba. A senhora participou ativamente dessas experiências citadas por ele aqui na cidade de Uberaba? A que experiências ele se referia?
9. A senhora ainda carrega os ensinamentos e/ou influências recebidas até os dias de hoje?
10. A senhora afirmou também que outros pensadores influenciaram sua maneira de pensar e agir. Dentre eles: Florestam Fernandes, Antônio Cândido, Darci Ribeiro, Anísio Teixeira. A senhora conheceu algum desses pensadores pessoalmente? Conte-nos sobre as influências recebidas desses pensadores.
11. A senhora já afirmou que toda a sua trajetória escolar, exceto a Pós-Graduação, aconteceu sob a influência das dominicanas. Conte-nos sobre sua atuação como professora do Nossa Senhora das Dores e sobre essas influências recebidas das irmãs dominicanas.
12. Na Fista, como aluna e mais tarde professora, a senhora consolidou sua formação, num clima de fraternidade, consciência política e, sobretudo, compromisso com o social. Conte-nos sobre como era ser aluna da Fista e sobre sua atuação como professora nessa instituição em que a formação humana era essencial.
13. Conte-nos como ocorreu sua indicação (feita pelo Padre Prata) para assumir suas aulas na Fista. Como era sua convivência com ele? Qual(is) disciplina(s) a senhora assumiu?
14. A senhora foi professora na Universidade de Uberlândia (UFU)? Na época, havia concurso público? Qual(is) disciplina(s) a senhora ministrou? Em que período a senhora atuou na instituição? Conte-nos sobre sua atuação como professora da UFU.
15. A senhora foi professora na Faculdade de Talentos Humanos (FACTHUS) em Uberaba também? Como se deu sua contratação na universidade? Qual(is) disciplina(s) a senhora ministrou? Em que período a senhora atuou na instituição? Conte-nos sobre sua atuação como professora da FACTHUS.
16. A senhora fez parte da equipe do Instituto Paulo Freire? Em que período? Conte-nos como se deu a criação do Instituto? Qual sua finalidade? A senhora sabe se o instituto ainda está atuando nos dias de hoje? Que tipo de ações ele ainda desenvolve? Conte-nos sobre sua atuação como consultora do Instituto Paulo Freire. O que significou para a senhora fazer parte da equipe técnico-pedagógica do Instituto?
17. A senhora ocupou o cargo de secretária municipal de educação no período de 1993 a 2000 e realizou projetos como "Escola Cidadã" e "Fazendo Escola". De que tratavam esses projetos especificamente?
18. A senhora implantou o Programa de Capacitação de Professores (Procap) em sua gestão? Em que consistia o programa? Qual a finalidade dele? Ele teve boa aceitação pelos profissionais da educação na cidade?
19. Conte-nos como foi a implantação dos ciclos na cidade de Uberaba? A senhora sofreu resistência dos professores para aceitar essa modalidade de ensino? Conte-nos sobre sua atuação no cargo e sobre os projetos desenvolvidos em sua gestão.
20. Conte-nos como surgiu a(s) ideia(s) de escrever os livros: Administração Colegiada na Escola Pública (1990) e Fundamentos Políticos, Filosóficos e Pedagógicos da Escola Cidadã (2000).

Qual a temática desses livros? O que a senhora considera essencial para uma prática democrática na escola pública? Como deve se dar a administração colegiada? A senhora considera que ela tem sentido político?

21. A senhora foi presidente da Casa de Cultura de Uberaba? Em qual período? Conte-nos sobre sua atuação na referida instituição.
22. Seu nome foi dado à Casa do Educador "Prof.ª Dedê Prais", conte-nos sobre como foi receber essa homenagem e sobre a importância dessa casa de formação de professores.
23. Como se deu a criação da Prais & Prais consultoria Educacional? Em que ano a empresa foi criada? Qual sua missão? Conte-nos sobre sua atuação como assessora Pedagógica e Consultora Educacional.
24. A senhora mantém um arquivo pessoal de documentos sobre sua atuação na educação? Como organiza suas memórias pessoais e profissionais?
25. Há mais alguma coisa que a senhora ache relevante citar ou esclarecer que não foi levantado nesse roteiro?

B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada "MARIA DE LOURDES MELO PRAIS: MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA", sob a responsabilidade dos pesquisadores Prof.ª Dr.ª Sônia Maria dos Santos - FACED/UFU e da pesquisadora Doutoranda em Educação Patrícia Ferreira Bianchini Borges.

Nesta pesquisa nós estamos buscando investigar, em meio às interfaces do cotidiano, aspectos simbólicos e singulares que possam revelar a história de vida da professora, sujeito de pesquisa, bem como suas contribuições para o meio educacional da cidade Uberaba e região, ao longo de seis décadas.

O Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pelo pesquisador Patrícia Ferreira Bianchini Borges, na residência da professora Maria de Lourdes Melo Prais, antes da coleta de qualquer dado. Você tem o tempo que for necessário para decidir se quer ou não participar da pesquisa (conforme item IV da Resolução n.º 466/2012 ou Capítulo. III da Resolução n.º 510/2016).

Na sua participação, você será submetido(a) a um roteiro de aproximadamente 60 questões, distribuídas em 5 partes que contemplam informações pessoais, infância e alfabetização, formação acadêmica, ingresso na profissão e fases da carreira e, por isso, as entrevistas de características semiestruturadas terão duração de aproximadamente 1h30min, sendo distribuídas entre 5 a 10 sessões, que serão agendadas previamente, conforme data e horário que melhor lhe convier, sendo realizadas em sua residência com base na sua disponibilidade e considerando-se seu cansaço físico e mental no momento das entrevistas. Faz-se necessário lembrar que as sessões serão gravadas pela pesquisadora para posterior transcrição e sua aprovação. O pesquisador responsável atenderá as orientações das Resoluções n.º 466/2012, Capítulo XI, Item Xl. 2: f e n.º 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa, em arquivo, físico ou digital, Inclusive GRAVAÇÕES ORIGINAIS, mesmo depois de transcritas sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Como, o projeto pretende discorrer acerca da História Oral de Vida da professora Maria de Lourdes Melo Prais (participante da pesquisa), durante as mais de seis décadas (recorte temporal) dedicadas por ela à educação na cidade de Uberaba (lócus de pesquisa), você será identificado e os resultados da pesquisa serão publicados. É compromisso do pesquisador responsável a divulgação dos resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS n.º 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).

Você não terá nenhum gasto e nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS n.º 510 de 2016, Artigo 19).

Os riscos consistem em a) em algum momento da entrevista oral, a professora poderá ficar comovida ao relembrar momentos tristes ou alegres que marcaram sua trajetória de vida e/ou trabalho; b) diante de uma determinada pergunta, a professora poderá se sentir constrangida para respondê-la. Deste modo, a professora deve demonstrar condições físicas e sanidade intelectual para se expressar durante as entrevistas, que serão realizadas após a assinatura do TCLE, demonstrando sua concordância em participar da pesquisa, mas espera-se que não haja intercorrências com os riscos previstos, uma vez que a professora exerceu cargos públicos, necessitando conceder entrevistas para jornais, revistas e emissoras de televisão e o fato demonstra que ela sempre teve condições de lidar com questionamentos acerca de sua História Oral de Vida e trabalho.

Os benefícios pretendidos são que a memória e a história a serem resgatadas sejam capazes de responder as questões-problema aqui levantadas e que contribuam para a construção não só da História de Vida da professora sujeito de pesquisa, como também contribuam com a ampliação dos conhecimentos construídos acerca da História dos Intelectuais da Educação da cidade de Uberaba, bem como seja capaz de fornecer elementos para outras pesquisas de recortes mais estreitos que possam ampliar a compreensão acerca da História e da Historiografia da Educação não só regional, como também nacional.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você, assinada e rubricada pelos pesquisadores.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com Profª Dr.ª Sônia Maria dos Santos na Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação - FACED, situada na Av. João Naves de Ávila, n.º 2121, bloco G, Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG, CEP: 38408-100. Fone: 34 - 32394163. Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf.

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, n.º 2121, bloco A, sala 224, *Campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131 ou pelo e-mail cep@prop.ufu.br. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: <https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf>.

Uberaba, 02 de junho de 2024.

PROF.ª DRA SÔNIA MARIA DOS SANTOS

Patrícia Ferreira Bilmchini Borges

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Maria de Lourdes Melo Prais

C - TERMO DE CESSÃO

TERMO DE CESSÃO

Eu, **Maria de Lourdes Melo Prais**, portadora do RG nº **MG-1.086.471**, emitido pela SSP/MG, autorizo, em caráter gratuito, a pesquisadora **Patrícia Ferreira Bianchini Borges**, portadora do CPF **744.963.446-53** e do RG nº **MG-5.781.227**, emitido pela PC/MG, a utilizar, citar, mencionar ou publicar, em parte ou na íntegra, entrevistas, textos e imagens concedidas por mim para a elaboração da tese intitulada **"MARIA DE LOURDES MELO PRAIS: SEIS DÉCADAS A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO"**, sob a responsabilidade da Prof.ª Dra. Sônia Maria dos Santos (FACED/UFU) e da pesquisadora doutoranda em Educação Patrícia Ferreira Bianchini Borges.

Esta autorização é concedida de forma legítima e eficaz, representando legalmente os interesses das partes envolvidas. O presente documento é firmado em 02 (duas) vias de igual teor, para um só efeito.

Uberaba, 12 de dezembro de 2024.

Assinaturas:

Maria de Lourdes Melo Prais

Patrícia Ferreira Bianchini Borges

ANEXOS

A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MARIA DE LOURDES MELO PRAIS: QUATRO DÉCADAS A SERVIÇO DA
Pesquisador: Sônia Maria dos Santos
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 67813122.1.0000.5152
Instituição Proponente: Faculdade de Educação - UFU
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.031.903

Apresentação do Projeto:
Este parecer trata-se da análise das respostas às pendências do referido projeto de pesquisa.

As informações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram retiradas dos documentos Informações Básicas da Pesquisa nº 2029413 e Projeto Detalhado (brochura_projetodetalhadocorrigido.docx), postados, respectivamente, em 11/04/2023 e 03/04/2023.

INTRODUÇÃO

O protocolo de pesquisa intitulado "MARIA DE LOURDES MELO PRAIS: QUATRO DÉCADAS A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO", a ser desenvolvido em sede de doutorado, apresenta como sujeito de pesquisa uma professora que atuou na rede pública e particular; nas esferas municipal, estadual e federal, não só da cidade de Uberaba, lócus de pesquisa, por mais de 60 anos, ocupando cargos que vão de professora a Secretária Municipal da Educação da cidade de Uberaba (MG), influenciada diretamente pelo pensamento de Paulo Freire: seu orientador de mestrado e doutorado. O objetivo principal deste estudo é investigar, em meio às interfaces do cotidiano, aspectos simbólicos e singulares que possam revelar a história de vida da

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLANDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Continuação do Parecer: 6.031.903

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2029413.pdf	11/04/2023 11:50:32		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_consentimentocorrigido.docx	11/04/2023 11:50:18	Sônia Maria dos Santos	Aceito
Outros	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_5979095respostas.docx	03/04/2023 11:41:49	Sônia Maria dos Santos	Aceito
Brochura Pesquisa	brochura_projetodetalhadocorrigido.docx	03/04/2023 11:41:24	Sônia Maria dos Santos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	brochura_projetodetalhado.pdf	09/03/2023 14:39:58	Sônia Maria dos Santos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_consentimento.docx	23/11/2022 09:56:49	Sônia Maria dos Santos	Aceito
Outros	roteiroentrevista.docx	23/11/2022 09:56:30	Sônia Maria dos Santos	Aceito
Outros	Lattes_Equipe_Executora.docx	17/11/2022 15:11:13	Sônia Maria dos Santos	Aceito
Outros	termo_da_equipe_executora.pdf	17/11/2022 15:02:24	Sônia Maria dos Santos	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_Assinada_PATRICIA_BIANCHINI.pdf	19/10/2022 15:28:31	Sônia Maria dos Santos	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

UBERLANDIA, 30 de Abril de 2023

Assinado por:
ALEANDRA DA SILVA FIGUEIRA SAMPAIO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLANDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

B - DECRETO N.º 2.319, DE 16 DE MAIO DE 2014

LEGISLATIVO
Fls.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA
SECRETARIA MUNICIPAL DE GOVERNO

UBERABA
PARA O BEM DE NOSSA GENTE

DECRETO Nº 2319, DE 16 DE MAIO DE 2014

INSTITUI A CRIAÇÃO DA CASA DO EDUCADOR "PROFª DEDÊ PRAIS"- CENTRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE UBERABA.

O Prefeito de Uberaba, Estado de Minas Gerais, no uso de suas atribuições legais, com apoio no inciso VII, art. 88, da Lei Orgânica do Município e na Lei Delegada nº 05, de 03 de dezembro de 2.005 e alterações posteriores e,

CONSIDERANDO a garantia do padrão de qualidade do ensino e a formação continuada dos profissionais da Educação da Rede Municipal de Ensino, prevista no art. 62, §1º,da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96;

CONSIDERANDO a necessidade da preservação dos valores educacionais locais, a promoção da saúde, a qualidade de vida e de um espaço de lazer que contribua para a identidade do educador;

CONSIDERANDO que o Município deve estimular o desenvolvimento do ensino, conforme disciplina o art. 67, inciso II, da Lei nº9394/96, promovendo o aperfeiçoamento profissional continuado, em atendimento à legislação em vigor,

DECRETA:

Art 1º Fica instituído, junto à Secretaria Municipal de Educação e Cultura, a CASA DO EDUCADOR "Profª Dedê Prais"- Centro de Formação Continuada dos Profissionais da Educação do Município de Uberaba.

Art 2º A Casa do Educador será um espaço destinado à formação continuada dos profissionais de educação da Rede Municipal de Ensino, visando à garantia do padrão de qualidade do ensino municipal e à promoção da qualidade de vida desses educadores.

Art 3º A administração da CASA DO EDUCADOR e o acompanhamento dos resultados dos objetivos propostos ficam sob a responsabilidade do Departamento de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Art 4º Os recursos orçamentários e recursos humanos, destinados à CASA DO EDUCADOR "Profª Dedê Prais", serão os próprios da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, bem como os recursos financeiros oriundos de convênios com outros órgãos ou entidades, ou ainda, de doações regularmente processadas pelo Município.

LEGISLATIVO
Fls. 13/14

Art 5º Os efeitos deste Decreto entram em vigor na data de sua publicação, revogados os atos em contrário.

Prefeitura Municipal de Uberaba, 16 de maio de 2014.

PAULO PIAU NOGUEIRA
Prefeito de Uberaba

WELLINGTON CARDOSO RAMOS
Secretário Municipal de Governo

PROFª SILVANA ELIAS DA SILVA PEREIRA
Secretária Municipal de Educação e Cultura

C - DISCURSO DA SECRETÁRIA MARIA DE LOURDES MELO PRAIS, NO VI ENCONTRO DE EDUCADORES DE UBERABA E TRIÂNGULO MINEIRO, EM 01/06/2000

SEMEANDO A ESCOLA CIDADÃ

Discurso da Secretária Maria de Lourdes Melo Prais na abertura do
VI ENCONTRO DE EDUCADORES DE UBERABA E TRIÂNGULO MINEIRO em 01/06/2000

Caros Educadores,

"Qual é o processo do espírito e da semente, cheio de fé, que toca o solo nu e o torna rico de novo? Não tenho a resposta completa. Só estou certa de que, enquanto estivermos aos cuidados dessa força de fé, aquilo que pareceu morto não estará morto, aquilo que pareceu perdido também não estará mais perdido, aquilo que alguns alegaram ser impossível tornou-se, nitidamente, possível e a terra que está sem cultivo está apenas descansando. Descansando à espera de que a semente venturosa chegue com o vento, com todas as bênçãos de Deus. E ela chegará".

(Clarissa Estés)

Neste texto de Clarissa Estés, psicanalista jungiana, poetisa premiada na tradição hispânica, autora de *"Mulheres que correm com os lobos"* – best-seller mundial – e criadora de **"O jardineiro que tinha fé"**, fábula sobre o milagre da vida, ou sobre o que nunca pode morrer, busco a ressignificação poética do gesto educativo da **"Construção amorosa da cidadania"** – projeto de Escola Cidadã, desencadeado pela Rede Municipal de Ensino de Uberaba há, exatamente, sete anos e seis meses. Com esta ressignificação, e, ainda, preocupada em buscar uma resposta à pergunta colocada por Estés: "Qual é o processo do espírito e da semente, cheio de fé, que toca o solo nu e o torna rico de novo?", abro o nosso VI Encontro Regional de Educadores.

Ressignificar pressupõe um movimento de retorno, um arguto olhar histórico, buscando explicitar o que antes vinha sendo tratado com outras roupagens, em diferentes paisagens. Ou seja, neste momento, tomo de empréstimo a metáfora do "jardineiro que tinha fé", para mim, a mais fidedigna, a que mais me emociona, para tentar traduzir o movimento de tessitura da Escola Cidadã de Uberaba, alegoricamente buscada como paraíso possível ou jardim, e a partir daí tento compreender o compromisso do educador enquanto **jardineiro de fé**: aquele que, zelosamente, cuida de arar, revolver e tornar fofa a terra, semear, adubar, aguar, dosar a luz e a sombra, controlar pragas, podar e, depois, aguarda, pacientemente, a inusitada floração, uma vez que cada flor tem a sua originalidade e o seu tempo para desabrochar.

Como nos diz Gaston Bachelard, jardim é **paraíso**, o mais antigo sonho da humanidade; e eu digo: jardineiro, o seu **criador**. É **jardineiro com fé** aquele que sabe, acredita e espera que, ao colocar-se por inteiro na sua tarefa de cuidar, o florescer, com certeza, virá.

Hoje, esta é a minha particular imagem do trabalho da educação da Rede Municipal de Ensino de Uberaba. Estamos todos e juntos **plantando uma mudança na educação** e semeando as sementes da mais alta esperança. A esperança de uma escola-cidadã, escola-jardim, espaço de construção do humano no pleno florir de todo o seu potencial, quer como **ser de conhecimento**, leitor e intérprete arguto da realidade, conhecedor da riqueza do seu solo e dos processos da vida; quer como **ser de competências**, autor e ator criativo de alternativas face às diferentes demandas de transformação social, e, que, no seu jardim, semeia na forma e lugar adequados e cuida de cada planta segundo suas necessidades; quer como **ser de convivência solidária**, ou seja, humanizador das relações interpessoais, ambientais e culturais e sabedor de que a beleza das flores encanta e irmana os homens; quer, enfim, como **ser de humanidade plena**, criador lúcido e amoroso, aquele que é capaz de entender o jardim como declaração de amor à Terra e, portanto, lugar de origem e expressão da VIDA.

Nesta jornada de semeadura e cultivo, ao longo de sete anos e meio, explicitamos e submetemos à discussão dos educadores as nossas propostas de trabalho, oriundas da utopia coletiva de uma política educacional comprometida com a **"construção amorosa da cidadania"** e, por isso mesmo, com o sucesso, ou seja, com o pleno florir das crianças das camadas menos favorecidas nas escolas públicas municipais desta cidade.

Durante esse tempo, tivemos todo o empenho em não desvincular a qualidade da quantidade, em não privilegiar apenas os aspectos politicamente mais visíveis do ensino; em administrar a escassez de recursos priorizando de

forma equânime todos os fatores que afetam as ações em sala de aula, desprezando as ações demagógicas destinadas apenas a produzir dividendos eleitorais imediatos.

Em sã consciência, a nenhum educador da Rede Municipal é dado o direito ao estranhamento, ao alheamento, à não participação na construção deste projeto: somos todos aradores, semeadores, cultivadores e colhedores nesta tarefa de semeadura e colheita.

Alguns participaram com mais intensidade e fé, se dispondo como jardineiros de hora matinal; outros, demandaram algum tempo a mais para assumir o seu canteiro; uma minoria, por desinteresse ou descrença – compreensível após tantos anos de ausência do debate democrático – envolveram-se menos ou mantiveram-se à margem do plantio; muitos pela discussão, crítica e amadurecimento foram compreendendo o projeto e, paulatinamente, se envolvendo no trabalho coletivo e, finalmente, alguns poucos por convicções divergentes não se dispuseram a aderi-lo. Consideramos isto perfeitamente legítimo. Democracia é, também, o direito de divergir, defender interesses e resistir. Entretanto, todos eles conferiram ao nosso jardim contornos originais de uma paisagem única, numa harmonia multicolorida, construindo, com ousadia, uma escola séria, competente, curiosa, questionadora, crítica, criativa, alegre e prazerosa.

E, agora, a todos, sem exceção, expressamos a nossa gratidão. Tem sido um privilégio poder conviver e aprender com vocês, nessa experiência pontilhada de tantos momentos gratificantes e outros de dolorosa perplexidade. Mas, tanto em um, como em outro caso, tem sido uma aprendizagem rica e desafiadora.

Nesse trabalho, não podemos deixar de reconhecer a importância da inspiração, e da consistência dos princípios teóricos norteadores da nossa opção e da nossa prática, buscadas e encontradas, primeiramente, na inesgotável fonte de sabedoria de Paulo Freire e, posteriormente, naqueles que assumiram, por afinidade de propósitos, a continuidade e expansão de seu legado, os integrantes do Instituto Paulo Freire, aqui representado pelo seu Diretor Executivo - Professor Moacir Gadotti - a quem, desde já, agradecemos a disponibilidade para estar conosco e, com toda a certeza, a sabedoria, profundidade e riqueza de suas palavras.

Neste momento, posso, com absoluta serenidade e sem nenhuma demagogia, afirmar que, na coordenação deste trabalho de cultivo, construção, em nenhuma circunstância me furtei à coerência entre o fazer, o dizer e a fidelidade aos princípios e às causas da educadora que sempre fui. Coerência essa que, muitas vezes, obrigou-me, sofridamente, a dizer não até mesmo aos companheiros de primeira hora. Mas, com certeza, se tivesse de recomeçar, semearia da mesma forma as mesmas sementes.

Tenho, para mim, que a gente nunca pode perder a capacidade de indignar-se diante da malvadeza e fealdade das situações cruéis, miseráveis e medíocres e de emocionar-se diante do que vale a pena.

Assim, hoje, junto a este agradecimento, quero compartilhar com vocês a minha profunda emoção por termos, com a nossa parcela de trabalho, empenho, amorosidade e fé, contribuído para que Uberaba fizesse jus à Medalha Anísio Teixeira **"Mérito em Gestão Educacional"** a ser entregue, no próximo dia 14 de julho de 2000, no Fórum Nacional de Educação: 500 anos de Brasil, em Porto Seguro, ao nosso Prefeito Dr. Marcos Montes Cordeiro.

Este Mérito reflete, sem dúvida, a prioridade conferida à educação neste município, no que gostaríamos de enfatizar o apoio constante, o aval irrestrito e o empenho pessoal de nosso Prefeito que nunca vacilou em investir na qualidade do ensino e na garantia de melhores condições de trabalho para o professor.

Caros educadores, creio que agora, depois de ressignificar a construção da Escola-Cidadã, tenho a resposta completa para a questão colocada por Clarissa Estés: o processo do espírito e da semente cheio de fé, que toca o solo nu e o torna rico de novo, é feito da **coragem e ousadia amorosa** daqueles que, apesar de todos os pesares, são capazes de se emocionar, como as crianças, com a beleza da VIDA e diante dela se colocarem como **eternos aprendizes**.

Convicta da sintonia dos educadores com essa verdade, eu os convido, neste momento, para, juntos e sob a regência da magnífica voz de Marília Bartolomeu, cantarmos, em uníssono, o hino de Gonzaguinha em louvor à beleza e ao milagre da Vida, e, assim, celebrarmos a abertura do nosso VI Encontro Regional de Educadores. Vamos lá ...

D - ÍNTEGRA DO PRONUNCIAMENTO DA SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE UBERABA, MARIA DE LOURDES MELO PRAIS, NO XXV ENCONTRO NACIONAL DA AMAE EM UBERABA, EM 13/07/1993

Fazendo Escola

Com a palavra a secretária...

Íntegra do pronunciamento de Secretária Municipal de Educação e Cultura de Uberaba, Maria de Lourdes Melo Prais, no XXV Encontro Nacional da AMAE em Uberaba, MG, em 13/07/93.

EDUCADORES,

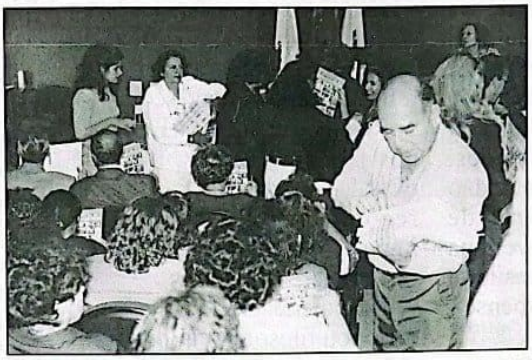
Orgulhosa e carinhosamente, Uberaba acolhe todos vocês para juntos sonharmos uma nova escola e dos sonhos sonhados, corajosamente, tecermos, passo a passo, a sua concretude.

Estamos aqui para que, sem perder a ternura, tenhamos a ousadia de buscar com sabedoria os contornos, os traços, o perfil, a fisionomia, enfim, a nova cara da escola de nossos desejos, da nossa utopia.

E por que construir a nova cara da Escola?

Teria ela hoje um perfil delineado? E, se tem, que perfil é esse que reclama não apenas uma nova maquiagem, mas uma plástica, uma mudança profunda?

Infelizmente, o retrato que ainda temos da escola, salvo honrosas exceções, revela mais uma caricatura do que propriamente a expressão desejada e requerida por aqueles que mais necessidade têm de sua compreensiva acolhida, ou seja, a sua clientela majoritária - a classe trabalhadora.



Essa caricatura, ou melhor, essa deformação fisionômica, resulta não apenas da falta de vontade política (evidente na maioria dos Estados Brasileiros), que acaba por provocar a negação da escola, mas também, e, sobretudo, da inadequação do trabalho escolar, traduzida na falta de domínio de conteúdos, na desarticulação entre conteúdo e método, na avaliação classificatória, na administração burocrática e centralizada das escolas, no trabalho pedagógico fragmentado e na licenciosidade dos que só sabem esperar, sem nada fazer.

Tudo isso produz uma escola de "dedo em riste", que indica os portões como a única saída possível para aqueles que nela não encontram a sua identidade. É o fenômeno convenientemente chamado evasão escolar e que, na verdade, não passa da expulsão dos alunos da escola.

Portanto, mudar a cara desta escola não significa, meramente, produzir avanços modernosos e retumbantes que em nada afetam a essência do seu trabalho. Enfeitar prédios, repetir experiências isoladas e sem fundamentos, desenvolver propostas metodológicas desarticuladas entre si e de objetivos mais globais da educação, acatar, inconseqüentemente, modismos pedagógicos, produz sem dúvida uma aparência de vanguardismo, sem, no entanto, operar nenhuma mudança significativa e substancial naqueles que por ela passam. Nesse sentido é que popularmente se diz acusadoramente: "Você entrou na escola e a escola não entrou em você".

Mas, se se procura, realmente, mudar a cara da escola, há que se pensar no entrelaçamento dinâmico entre a sua capacidade de atendimento face à demanda e a qualificação do seu trabalho, ou seja, na interdependência entre vontade política e competência pedagógica. Assim, a construção da nova cara da escola supõe recursos suficientes e racionalmente aplicados, espaços físicos adequados, livros e laboratórios para manuseio laboriosos e cotidiano dos alunos e professores capacitados, atualizados e dignamente valorizados na sua tarefa.

Dessa forma, a oferta do ensino de qualidade, ou seja, a escola de nova cara exige não apenas a explicitação de uma política educacional arrojada, competente e utopicamente comprometida com a melhoria da qualidade de vida de toda a população, provocando a mudança do eixo das relações sociais, como também, e, sobretudo, o delineamento de um projeto pedagógico que assuma a construção de uma escola pública popular, séria, competente, crítica, criativa, motivo de satisfação e alegria de aprender e ensinar.

Entretanto, para que isso passe da eloqüência para a prática cotidiana do fazer educação, é urgente sair da atitude passiva da espera messiânica para o trabalho de esculpir, ousada e corajosamente, a nova face da escola que é, a um só tempo, necessária, desejada e possível.

E que escola seria essa?

Certamente, a escola-cidadã, um projeto de proporções históricas, ou seja, um projeto limitado às condições de seu tempo, mas também, um horizonte e uma crença.

A crença de um espaço público para a elaboração coletiva da cultura de um povo. A crença de um espaço disciplinado em torno da produção, sistematização, e socialização do conhecimento, a crença de um espaço experimental do trabalho humano. E mais, a crença de um espaço recheado de curiosidade e paixão pelo estudo e pela permanente busca da verdade. Enfim, a crença de um espaço de saltitante prazer.

Esta é a Escola em que acreditamos.

Contudo, a criação de uma escola assim impõe, prioritariamente, a reformulação de seu currículo, formado este conceito no seu sentido mais amplo. Sem essa reformulação não podemos ter a escola pública que queremos: séria, competente, alegre, curiosa. Escola em que a criança tenha condições de aprender e de criar, de arriscar-se, de perguntar, enfim, de crescer.

Mas, por convicção política e razão pedagógica recusamos os "pacotes", com receitas, a serem seguidos à risca pelos educadores de base. Isto porque, para nós, ninguém muda a escola sozinho ou a partir de decretos vindos de gabinete. Neste sentido, é que precisamos, antes de tudo, de ganhar a adesão consciente de todos os educadores na definição e construção de um novo projeto de Escola.

Acreditamos que este congresso, por reunir pessoas de promissoras e exitosas experiências, se constitua em momento privilegiado para o processo seletivo dos caminhos, ferramentas e formas, alternativas com as quais, coletiva e organicamente, procuraremos delinear os contornos daquela que, em cada canto deste imenso país, poderá ser reconhecida, experimentada e vivida como a nossa escola-cidadã.

Desejamos a todos um trabalho profícuo, enriquecido e iluminado pelos novos laços do saber e da amizade.

E - ÍNTEGRA DO PRONUNCIAMENTO DE MARIA DE LOURDES MELO PRAIS NO 1º ENCONTRO COM A REDE MUNICIPAL DE ENSINO PARA O PLANEJAMENTO GLOBAL INTEGRADO – 11/01/1993

COM A PALAVRA A SECRETÁRIA...

Íntegra do pronunciamento de Maria de Lourdes Melo Prais no 1º Encontro com a Rede Municipal de Ensino para o Planejamento Global Integrado - 11/01/93.

Prezados companheiros,

Confesso que, a partir do momento em que recebi o convite para assumir a Secretaria de Educação do Município, senti-me assustada e preocupada com a seriedade e enormidade dessa tarefa. Pois, tanto quanto eu, vocês sabem que as expectativas em torno da Educação, neste País, são de proporções gigantescas e as esperanças e apostas que se concentram sobre o trabalho de quem nunca se furtou às lutas e militância, por uma educação de melhor qualidade, são enormes. E isso, particularmente, me assusta, pois, também, tanto quanto eu, vocês são conhecedores dos obstáculos, empecilhos e problemas a enfrentar na concretização de um fazer-educativo comprometido com os ideais de democracia, participação e competência técnica a serviço da maioria.

Juntos sabemos que as dificuldades são muitas e que o caminho a percorrer não é fácil. Mas, como tenho afirmado, em outras ocasiões, acredito que aprender com as dificuldades parece ser o segredo para a retomada do otimismo e da esperança. E mais, acredito também que aprender com as dificuldades significa investir numa proposta de trabalho técnico, compromissado, competente e criativo. Por isso, assumi o desafio e os convido a participar do mesmo.

Entretanto, considero que só desempenharei a contento a pesada tarefa que ora assumo, se não perder de vista, em nenhum momento, o fato de que antes de tudo sou uma professora e uma educadora.

Não deixar que a educadora se anule nos embates políticos e adminstrativos implica em levar adiante os valores e os compromissos que venho assumindo ao longo de mais de duas décadas de atuação na área.

Considero, também, que o apoio, a simpatia e sobretudo a confiança em mim depositada, por grande parte dos educadores que esperam de nossa administração a consolidação da democracia, do reconhecimento da competência, da austeridade e da justiça, sejam condições determinantes no desempenho de minha tarefa.Finalmente, considero que a lisura e a clareza política, utilizada no critério de minha escolha para ocupar esta pasta, torna-me, surpreendentemente, tranqüila e confiante de que, dentro de nossos limites, terei espaço para o reguardo da coerência entre a opção proclamada e a prática a ser efetivada.

Diante disso, considero que não chego aqui sozinha, mas cercada de compromissos com todos aqueles que confiaram nos meus propósitos político-pedagógicos.

Em resposta a esses compromissos todos quero deixar aqui registradas algumas diretrizes básicas que pretendo imprimir à gestão da coisa pública na Educação Municipal de Uberaba.

A educação pública e gratuita é dever do Estado e direito de todo cidadão. No âmbito do Município, apesar dos problemas que são comuns a toda população nacional, dispomos, hoje, de uma rede, que graças ao trabalho, sobretudo das últimas administrações, apresenta-se com uma infra-estrutura organizada e promissora. Em função também disso, estou convencida da possibilidade de

realizarmos um trabalho educacional sério. Envidaremos nossos esforços no sentido de dar à população desta cidade, especialmente os setores populares mais marginalizados, não qualquer ***escola, mas a melhor que nossos recursos permitirem.*** E faremos isso com o empenho e a emoção de quem fez da importância política da escola a sua bandeira de luta.

Partimos do princípio de que toda a criança é capaz de ter acesso ao conhecimento, desde que lhe sejam dadas condições para aprender. Grande parte dessas condições podem ser criadas na escola e, se preciso for, reinventaremos essa escola, de modo que, ao descobrir o avesso de seu avesso, possamos colocá-la no direito.

É minha crença que, do lado direito da escola, encontraremos inscrito, que só uma coisa justifica a existência desta Secretaria: ***oferecer o melhor ensino possível à população.*** Por isso, só dois elementos justificam a existência da administração e do corpo técnico: o aluno e o professor. É para eles que devem convergir todos os esforços; é por causa deles, para apoiá-los e auxiliá-los, que existe todo o resto.

Ao magistério municipal quero dizer que esta administração fará do atendimento ao professor não apenas uma prioridade, mas um ponto de honra. Isto não é uma promessa abstrata. Envolve mudanças de atitudes em relação ao professor, dentre as quais eu destacaria as seguintes:

- ***valorização do profissional e conseqüente defesa de um plano de carreira que permita ao professor usufruir de vantagens compatíveis com seu desempenho e tempo de serviço;***
- ***qualificação docente através de um programa de formação permanente;***
- ***consolidação do processo de democratização das relações internas dentro da escola;***
- ***realização de concursos para todas as funções e cargos, aos quais o professor poderá concorrer.***

Não quero fazer promessas levianas, mas comprometer-me a ser, no âmbito da administração municipal, defensora da necessidade de revalorização do servidor, do qual o professorado constitui mais de um terço. Empenharei minha credibilidade - se preciso for - para que, dentro dos recursos existentes e consideradas as demais prioridades deste governo, a remuneração do professor seja mais compatível com a relevância social e a dimensão política da tarefa de ensinar.

Se a escola é direito do morador desta cidade, será preciso que a população nela se faça presente, respeitada e ouvida. Isso reclama pela definitiva consolidação do processo de administração colegiada, respaldada no equilíbrio dialético entre a decisão coletiva e o princípio de unidade de ação. Para tanto, pede a presença do educador sensível às necessidades da população, aberto para interagir com ela, disposto a entender os seus reclamos.

Esse processo de participação não dispensa - ao contrário solicita - que o aluno seja *sujeito* de um processo de ensino conduzido de modo mais sério e competente que nos for possível. O entrosamento dos órgãos executivos e técnicos da Secretaria deve ser tal que, longe de transformar cada instância administrativa em um feudo do poder, tenha como ponto de convergência o melhor atendimento pedagógico da clientela.

Participação, democratização e trabalho técnico comprometido com a criança da maioria de nossa população: eis o tripé que deverá orientar a condução da Secretaria.

Faremos o que pudermos, nos limites da lei e dos recursos disponíveis, para imprimir tais diretrizes à nossa administração, consolidando, assim, as exigências do projeto político-educativo que essas diretrizes sustentam.

Acredito que os educadores do Município podem e querem executar tal proposta. De minha parte, estou disposta a debatê-la e defendê-la, nos limites de minhas possibilidades.

Na sua concretização, o Planejamento Global Participativo é elemento técnico-político indispensável, pois é mediação necessária ao processo coletivo de tomada de decisões. Para esta tarefa é que os convoquei. Passaremos, a partir de agora, a vivenciá-lo sob a coordenação de Abigail Emília Bracarense, a competente professora, a quem Uberaba tanto deve em matéria de Educação.

Abigail, cujo currículo profissional é bastante conhecido entre nós, dispensa apresentação, tal tem sido, em todos os momentos da educação de Uberaba, a sua enorme contribuição.

Atualmente, Abigail assessora diretamente a Secretaria de Cultura de Uberlândia, mas não deixará de estar, sempre que possível, colaborando conosco. Convidando-a para assumir a condução dos trabalhos, agradeço a atenção de todos e saio daqui convencida de que estamos transformando o clima de reivindicação, cobrança e sobretudo de espera em espaço de compromisso e realização.

Comecemos, hoje, a tarefa é nossa.

Carta às Escolas Municipais, de 08 de fevereiro de 1993, enviada pela Secretária Maria de Lourdes Melo Prais.

VIVER DEMOCRATICAMENTE: O CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO DA NOSSA CONSCIÊNCIA

A democracia deixa de ser uma tentação para ser uma opção: nossa opção...

Caros Companheiros,

Em nosso primeiro encontro, no dia 11 de janeiro próximo passado, deixei claro para vocês que a direção que pretendo imprimir à política da Secretaria Municipal de Educação e Cultura está calcada em 03 (três) princípios básicos: participação, democratização e trabalho técnico-competente, comprometido com a maioria da nossa clientela escolar. Sem dúvida, este tripé traduz os princípios da vivência democrática, que exige e forja em nós uma nova consciência: a da participação co-responsável. Neste encontro, concitei vocês a assumirem comigo este compromisso, uma vez que a tarefa de educação no Município é nossa, e não apenas minha.

Entretanto, esta não é uma tarefa fácil, pois envolve mudanças de idéias e de atitudes, já que na verdade "do dizer ao fazer há muito o que percorrer" (refrão popular).

Esta realidade nos mostra, com clareza, a necessidade de transformar nossa consciência; quando simplesmente mudamos nossa maneira de pensar ou de agir, caímos no idealismo ou no ativismo vazios.

As qualidades humanas do viver democrático somente poderão se construir, na prática, através da participação co-responsável no trabalho diário de nossos pares e da adesão e comprometimento com as decisões coletivas.

Esse processo se dá de forma: gradual, prática e coletiva. Com isso queremos lembrar que a transformação de nossa consciência não é um movimento mecânico do tipo: posta a causa tem-se o efeito; ele nasce de um convencimento íntimo, de uma decisão consciente, por construir em nós os autênticos valores da democracia. Valores esses que para serem conquistados exigem de nós: amor à causa, fidelidade, honestidade, humildade, disposição permanente, convicções firmes, esforço, solidariedade, disciplina, paciência histórica, crítica e, sobretudo, autocrítica - sem dúvida, a primeira fase do processo.

Para vivenciar esta primeira fase, lanço-lhes o seguinte desafio:

- Você está disposto a participar de um projeto de democratização da educação municipal?
- Quais são as principais motivações que o levam a participar deste projeto?
- Descreva em 4 (quatro) palavras as suas disposições em colaborar com este projeto.

Analise, em seguida, a correspondência entre o conteúdo de suas palavras e a sua prática, neste primeiro momento de vivência da proposta.

Ao aceitar este desafio, vocês desencadeiam o compromisso com a vivência democrática.

Vamos lá?

Atenciosamente,

PROFª MARIA DE LOURDES MELO PRAIS
Secretária Muncipal de Educação e Cultura

F - ÍNTEGRA DO PRONUNCIAMENTO DE MARIA DE LOURDES MELO PRAIS NA ABERTURA DA AULA INAUGURAL DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE UBERABA, EM 01/09/1993

Fazendo Escola

Com a Palavra a Secretária...

Íntegra do pronunciamento de Maria de Lourdes Melo Prais na Abertura da Aula Inaugural dos Cursos de Pós-Graduação da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba, em 01/09/93, em Uberaba, MG.

Excelentíssimo Senhor Engenheiro Luiz Guaritá Neto, DD. Prefeito desta cidade.

Excelentíssima Senhora Professora Heloísa Helena de Oliveira Lobo, Superintendente dos Programas Especiais da CAPES, em grande parte, responsável pela garantia do êxito deste empreendimento.

Excelentíssimo Senhor Professor Dr. Nestor Barbosa de Andrade, Magnífico Reitor da Universidade Federal de Uberlândia e parceiro maior na execução deste projeto.

Excelentíssimo Senhor Dr. José Thomaz da Silva Sobrinho, Diretor da 25ª Delegacia Regional de Ensino de Uberaba, companheiro constante e colaborador na dinamização da vida educacional desta cidade.

Excelentíssimos Senhores Professores da Universidade de Uberlândia, sem os quais seria impossível a realização deste projeto.

Excelentíssimo Senhor Dr. Evaldo Amaro Vieira, emérito educador, doutor em Ciências Sociais, Ciências Políticas e Livre Docente em Educação; atual Chefe do Departamento de História e Filosofia de Educação da USP, amigo especial, uma das minhas escolhas, meu orientador de tese de Doutarado, com quem comungo a visão de mundo e de ideais e que, gentilmente, aceitou nosso convite para proferir a aula inaugural deste evento; demais autoridades presentes, senhoras, senhores, caros companheiros educadores.

Henfil, em uma de suas lúcidas falas, nos disse:

"Não é o desafio com que nos deparamos que determina o que somos e o que estamos nos tornando, mas a maneira com que respondemos ao desafio.

Somos combatentes, idealistas, mas plenamente conscientes, porque o ter consciência não nos obriga a ter teoria sobre as coisas: só nos obriga a sermos conscientes.

Problemas para vencer. Liberdade para provar.

E, enquanto acreditarmos no nosso sonho, nada é por acaso".

E eu, reiteradamente, tenho afirmado que em Educação o desafio é coisa constante; coragem é sempre preciso; e que nos resta sonhar, empreender a viagem e assumir os riscos da travessia.

Mas é tarde, é tarde... apenas sete verões nos separam do novo milênio. E tal como a fala do coelho, em "Alice no País das Maravilhas", a educação pública de Uberaba tem pressa e a viagem não pode demorar, pois os riscos crescem na medida da extensão e da urgência da viagem.

E os êxitos ou fracassos nos espreitam em cada curva; por isso, é preciso cautela, bom-senso ao lado da ousadia. Entretanto, é preciso acreditar no possível dos nossos sonhos, na alegria da chegada que ultrapassa os percalços do caminho.

Experimentamos, hoje, um tanto desta alegria; estamos felizes pela concretização de um sonho que há bem pouco tempo era considerado, por muitos, como delírio. Os cursos que hoje, oficialmente, instalamos, foram sonhados, almejados e propostos como metas prioritárias no Plano Municipal de Educação.

Ao eleger, em assembléia, a qualidade de ensino como um dos programas do Plano de Trabalho para o quadriênio 93-96, acredito que a Secretaria Municipal de Educação e Cultura e os educadores da Rede Municipal de Uberaba estavam convictos não apenas da necessidade do redimensionamento e da revitalização da prática educativa, mas, sobretudo, de que o equacionamento do desafio da educação em nosso Município só poderia se efetivar se alcançadas condições condignas para o exercício do Magistério. Acreditamos que as condições de trabalho almejadas não se limitam a um significado sindical e corporativo; a conquista destas condições, sem abstrair tal significado, pressupõe o aprimoramento da capacidade didático-científica dos

docentes, na expectativa de evidentes repercussões positivas na qualidade de ensino e do desencadeamento de um processo que favoreça a recuperação da dignidade, da valorização e da autonomia de trabalho que lhe foram usurpadas, ao longo de sua história, por uma política educacional expansionista, apenas preocupada com os números.

É certo que esta expansão quantitativa se apresentava como necessária para atender a demanda pela educação escolarizada, condição essencial para inserção, sobrevivência e participação num mundo modernizado. Tanto isto é verdadeiro que, de 1988 a 1992, a ampliação da oferta de vagas na Rede Municipal de Ensino de Uberaba foi da ordem de 90%, através de ações concretas, de criação de novas escolas e dos programas de extensão e nucleação de outras tantas unidades escolares já existentes.

Entretanto, o fazer educativo ultrapassa a mera questão quantitativa, sem dúvida, necessária, exigindo o fundamental entrelaçamento dialético de quantidade e qualidade, oferecendo ao educando não apenas um espaço físico amplo, adequado, convidativo, mas, sobretudo, um espaço de vivências significativas, onde o domínio do conhecimento resulte de uma experiência a um só tempo laboriosa, disciplinada, crítica, criativa e prazerosa.

Concretizar este fazer educativo é tarefa que exige acreditar no papel insubstituível e decisivo do educador. É ele o grande mediador entre o aluno e o patrimônio cultural da humanidade; é ele o articulador e construtor de uma nova sociedade, no trabalho árduo de filtrar e tecer idéias, valores, posturas, ideais e utopias. Enfim, é ele - educador - o mago dos sonhos e o pastor dos projetos.

É absurda, portanto, a forma acintosa pela qual vem sendo tratado o docente, em âmbito nacional, tanto no aviltamento dos seus salários, quanto no boicote à sua formação profissional, obrigando-o ao malabarismo de estar o tempo todo dentro da sala de aula com um mínimo de conhecimento, ou ao jogo "do faz de conta" da compra do diploma vazio que meramente satisfaz a exigência funcional burocrática.

É por isso que, no Plano Municipal de Educação de Uberaba, a insistência em criar, adequar, ampliar, embelezar e aparelhar o espaço físico da escola se faz acompanhar por uma política de valorização do profissional do Magistério, onde a capacitação docente representa não apenas o aprofundamento teórico-prático em áreas específicas do conhecimento, mas se traduz também em vantagens acrescidas ao seu vencimento. Acreditamos que esta política possa fazer com que toda a sala de aula e cada aluno contem com um educador lúcido, comprometido e feliz porque reconhecido no exercício de sua competência; um professor em condição profissional digna, não aviltado pelo autoritarismo ou pelo favoritismo clientelista.

A priorização desta política resulta da convicção de que o papel e o valor da escola como lugar de ensino e aprendizagem devam ser resgatados, e de que, sendo o professor o elemento indispensável do ensino e do trabalho em sala de aula, é por ele que se deve começar este resgate.

Falamos em resgate do papel da escola porque nas últimas duas décadas, sob a influência da proposta da **"Educação Compensatória"**, importada dos Estados Unidos, ampliou-se de modo tão ambicioso quanto inexeqüível aquilo que ela deve fazer. Passou-se a esperar da escola uma tal variedade de resultados sociais - o combate à criminalidade, ao uso de tóxico, à desnutrição, o ajustamento de problemas emocionais e sexuais etc. - que dificilmente ela poderá responder a contento, mesmo em condições ideais.

O resultado desta política de ampliação desmesurada do papel da escola foi a secundarização de sua função essencial para a qual foi historicamente constituída: ensinar a ler e escrever, a pensar e lidar com os números, a conhecer e dominar a História, a Geografia, e as Ciências Naturais e, consequentemente, secundarizaram-se aqueles aspectos necessários à transmissão do conhecimento: os professores, o material didático, o trabalho propriamente pedagógico.

Acreditamos, entretanto, que, ao exercer competentemente a sua função, estará a escola, sem dúvida alguma, contribuindo para a redução dos problemas sociais, uma vez que estará instrumentalizando, adequadamente, os alunos para a leitura e a participação transformadora na realidade.

Acreditando nisto, decidimos priorizar, a curto prazo, a política de recursos humanos, iniciando pela capacitação docente, condição indispensável, não apenas para a realização de um trabalho de qualidade, como também para a valorização profissional.

É importante reconhecer que esta política de investimento, de crédito no educador, só foi possível pela sensibilidade de nosso Prefeito, Luiz Guaritá Neto, que nunca vacilou em priorizar, efetivamente, as causas da educação, o que podemos observar neste evento que torna Uberaba pioneira na abertura de novos caminhos de qualificação docente, através da implementação do programa de pós-graduação para professores do Ensino Fundamental e Médio.

Ele tem sido nosso aliado, assumindo conosco o compromisso com a feitura de um novo mundo e de um novo homem.

Sem dúvida, o momento vivenciado hoje representa uma conquista fundamental, mas o caminho a ser percorrido para a recuperação da dignidade da escola pública está apenas no início. Há ainda muito o que fazer, Sr. Prefeito. Continuamos contando com a sua sensibilidade e clareza política no cumprimento de tão enorme tarefa.

G - ÍNTEGRA DO PRONUNCIAMENTO DE MARIA DE LOURDES MELO PRAIS NA INAUGURAÇÃO DA FEU, EM 04/09/1995

Fazendo Escola

COM A PALAVRA A SECRETÁRIA...

Íntegra da fala de Maria de Lourdes Melo Prais na inauguração da FEU (Faculdade de Educação de Uberaba) em 04/09/95.O primeiro vestibular da FEU se deu nos dias 4, 7 e 8 de fevereiro de 1996, para Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, Geografia e Pedagogia.

Excelentíssimo Senhor Doutor **Walfrido Silvino dos Mares Guia Neto**, digníssimo vice-governador do Estado de Minas Gerais, o comprometido, ousado, arguto e batalhador ex-secretário de Estado da Educação, que, com a amplitude de sua visão e pertinácia, conseguiu estruturar uma política de educação em bases tão sólidas e permanentes que ultrapassam as fronteiras do tempo e do país. Walfrido será sempre reconhecido como aquele que conferiu à escola pública uma nova dignidade: a capacidade de se autogerir.

Excelentíssimo Senhor Engenheiro **Luiz Guaritá Neto,** digníssimo prefeito desta cidade, notável líder jovem e idealista que, com descortínio, ousadia e sensibilidade, tem traçado e executado suas políticas sociais, principalmente na área de Educação, o que o fez merecedor do carinhoso título, por parte de lúcidos educadores, de "**Prefeito da Educação**".

Excelentíssimo Senhor Professor-Doutor **Carlos Roberto Ribeiro**, digníssimo vice-reitor da Universidade Federal de Uberlândia, emérito educador e legítimo representante do Senhor Reitor Doutor Nestor Barbosa de Andrade, parceiro sem o qual este projeto se tornaria inviável.

Excelentíssimo Senhor **Heli Andrade**, digníssimo Presidente da Câmara Municipal de Uberaba.

Senhores Deputados presentes: Doutor **Hugo Rodrigues da Cunha** e Doutor **Paulo Piau.**

Ilustríssimo Senhor Doutor-Professor **José Thomaz da Silva Sobrinho**, digníssimo Diretor da 39ª Superintendência Regional de Ensino companheiro constante e colaborador na dinamização da vida educacional desta cidade.

Excelentíssimo Senhor Doutor **João Machado Prata,** Presidente do Conselho Curador da **FUNDAGRI**. Homem de visão que soube compreender a importância da cessão deste precioso espaço físico para um projeto maior, que é o da formação de educadores.

Ilustríssimo Senhor Professor **Paulo Roberto Ferreira**, digníssimo Diretor-executivo da **FUMESU,** e hoje empossado Diretor da Faculdade de Educação de Uberaba; filósofo, eminente administrador e educador que, ao longo do tempo, tem se destacado como um dos artífices da história da Educação da região e em quem, hoje, depositamos nossa certeza de sucesso na implementação do projeto de formação de educadores, pedra angular de todo programa de melhoria da qualidade de ensino.

Autoridades civis, militares e eclesiásticas; senhoras; senhores.

Riobaldo, o caboclo-filósofo de Guimarães Rosa, nos diz com muita propriedade: "**Só aos poucos o escuro é claro**",

e o filósofo mineiro, amigo da educação e, em especial, de Uberaba, **Neidson Rodrigues**, acrescenta com sabedoria e sensibilidade: **"Só aos poucos. Não se pode requerer que o sol já nasça no meio do céu nem que a escuridão da noite se afaste de uma só vez".** O amanhecer da aurora, dos clarões, vão caminhando aos poucos pelos longínquos do céu até que os raios do sol apareçam de vez. Assim também nos diz constantemente nosso prefeito: **"os homens sonham em quilômetros, mas só conseguem realizar estes sonhos através de pequenos mas decisivos passos".**

Também nós, educadores, força desta terra, vimos juntos, amorosamente, pacientemente, empreendendo passos paulatinos, porém decisivos na consolidação de um projeto de Educação de qualidade, comprometido com a construção de uma sociedade mais justa, digna e equânime e, portanto, mais feliz.

É assim que, numa proposta de Educação Municipal constitucionalmente comprometida com o Ensino Básico, faz sentido a criação de uma Faculdade de Educação, responsável pela formação e qualificação de professores, sem dúvida, os indispensáveis agentes da construção da escola cidadã, que deve responder também aos desafios do novo milênio que já se anuncia. Como já lembrou Millor Fernandes, **"dentro de cinco anos, seremos todos criaturas do século passado"**. Fim de século, começo de milênio, tempo de avaliar, tempo de planejar, tempo de criar.

Todos sabemos que a sociedade do novo milênio irá requerer do homem nova amplitude de visão, novas posturas. Neste contexto, é imprescindível assegurarmos a ele - nosso aluno de hoje - os subsídios necessários a um questionamento ético que desvelará os valores subjacentes do processo de desenvolvimento, resguardando e priorizando, na qualidade de vida, a dignidade e a felicidade humanas. Aqui é decisivo e intransferível o papel da Educação.

Entretanto, como já demonstrou Ortegá Y Gasset, a escola é uma instituição anacrônica, incapaz portanto de responder às exigências de eqüidade, numa época de mudanças aceleradas e num país de tão profundas desigualdades sociais.

O professor, atuando na interface da anacronia e da contemporaneidade, tem se sentido inseguro, perplexo, angustiado, injustiçado e muito ansioso pelas mudanças. Na solidão do seu trabalho cotidiano e nos óbices de uma formação truncada, essa perplexidade entre o possível e o necessário se agrava. Urge, pois, propiciar-lhe condições, ou seja, formação contínua e adequada para que possa propor e implementar as transformações de que a escola e a sociedade carecem.

Entretanto, não se pode inovar em Educação como quem moderniza uma carroça, sem perceber que ela não é mais um veículo para os nossos dias. A mudança da escola tem que ser profunda, lastreada em novos paradigmas éticos, científicos, tecnológicos e filosóficos. Ela depende, portanto, de vontade política e de competência técnica e humana, condições exigidas para que se ultrapasse a visão estreita e reducionista que confunde direito à Educação como mero direito à vaga. Essencialmente, direito à Educação significa a possibilidade do acesso às informações acumuladas pela humanidade sem as quais nenhum sujeito pode se afirmar como cidadão. Direito à Educação significa direito a uma Educação de qualidade, que exige, em cada sala de aula, um professor habilitado, qualificado, atualizado, valorizado e, portanto, competente e feliz.

Enquanto o professor estiver feliz apenas porque aumentou o salário, chegaram as férias, tem feriado, os alunos faltaram,completou o seu tempo para aposentadoria, não se pode falar numa escola prazerosa e eficiente.É necessário chegar o tempo da escola saltitante, ou seja, da pedagogia do contentamento, em que o professor possa se alegrar com o sucesso de seus alunos, com a segurança dos seus conhecimentos e da experiência que tem a oferecer e com o respeito e a valorização conquistados na qualidade da sua prática.

Por concretizar essa possibilidade que a criação da Faculdade de Educação de

Uberaba, um passo na consolidação de um sonho de tanta gente, tanto tempo e quilômetros, é motivo do mais legítimo e intenso regozijo.Tal passo não se constitui num evento isolado, extemporâneo ou aditivo à política educacional do Município. Na verdade, ele estava posto, anunciado, pronunciado desde o momento em que se delinearam as linhas mestras de ação e se elegeram as prioridades educacionais para o quadriênio desta gestão. A melhoria da qualidade de ensino aliada à universalização do acesso e à democratização da gestão se destacam no plano como metas prioritárias. Neste sentido, todo um conjunto articulado de medidas vem sendo desencadeado de forma a conferir concretude aos objetivos e programas estabelecidos. São ações que vão desde a ampliação e adequação da rede física para atendimento total da demanda, passando pelo aparelhamento didático-pedagógico das escolas e pela democratização da gestão, priorizando a revitalização da prática pedagógica através do apoio, valorização e qualificação permanente dos docentes e demais servidores. Dentre estas ações, são relevantes a criação de novas escolas, a reforma de quase toda rede física, o incremento e ampliação dos serviços pedagógicos em toda a rede, a definição de uma filosofia de Educação para orientar os trabalhos docentes, o redimensionamento de todos os programas e currículos escolares em todos os níveis de ensino, a implementação de atividades de enriquecimento curricular, permitindo aos alunos o acesso aos bens culturais, a adoção de medidas que preparam o caminho da reestruturação da carreira do Magistério, como os concursos de ingresso, a revalorização salarial dos docentes, o vultoso investimento em programas de capacitação e o incentivo salarial concedido àqueles que se comprometem com sua qualificação, a implementação da Administração Colegiada, a mudança do critério de provimento do cargo de Diretor de Escola e a garantia de vaga a 100% da população escolarizável de 7 a 14 anos, e tantas outras.

Desse modo, a Faculdade de Educação, na sua função de formar educadores, permite, numa articulação orgânica, a continuidade do **Programa de Melhoria da Qualidade de Ensino**, uma vez que esta só pode se efetivar pelo resgate da dignidade do Educador.

Neste momento significativo da história de Uberaba, gostaríamos de, em agradecendo, fazer dos nossos parceiros, aqui presentes ou não, os co-responsáveis pelo destino da nossa instituição, que nasce hoje como integrante da **FUMESU**, e que pretende, em futuro bem próximo, ser absorvida como uma das unidades da Universidade Estadual de Minas Gerais. Para tanto, contamos com o empenho e sensibilidade política de todas as autoridades dos quadros do Legislativo ou do Executivo de todas as instâncias e, em especial, contamos com o apoio de nosso amigo particular Dr. Walfrido, a quem creditamos uma força decisiva na consolidação deste tão almejado sonho, do qual é, sem dúvida, o grande incentivador. É importante ainda reconhecer que este feito, de alto investimento na melhoria da qualidade de ensino e de crédito no Educador, só foi possível graças à sensibilidade de nosso Prefeito que soube compreender com argúcia a dimensão ética e social desse empreendimento e de tantos outros que, para o comum dos administradores, são considerados como acessórios e, portanto, excluídos dos seus programas. Tanto isto é verdadeiro que, enquanto muitos municípios questionam e até mesmo rejeitam, por não saberem aplicar o dispositivo constitucional que estabelece o índice de 25% (vinte e cinco por cento) das receitas, oriundas de impostos, para os investimentos em Educação, Uberaba tem tido o raro privilégio de investir 33% (trinta e três por cento) em Educação, atingindo, em alguns meses, percentuais próximos a 50% (cinqüenta por cento).

Àqueles que, como o Diretor que hoje se empossa, Professor **Paulo Roberto,** compreendem o papel da Educação como processo de construção amorosa da cidadania, creditamos o estatuto de parceiros efetivos na defesa intransigente da continuidade desse projeto.

Sem dúvida, o tempo de Uberaba será marcado como antes e depois da FEU.

H - REFLEXÕES ORIUNDAS DA PALESTRA PROFERIDA EM 17/11/1995

Fazendo Escola

COMPROMISSO ÉTICO E COMPROMISSO POLÍTICO DAS AUTORIDADES E DOS EDUCADORES

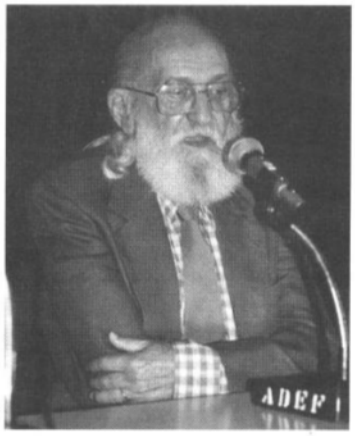
PAULO FREIRE

(Algumas das reflexões de Paulo Freire são passagens da palestra que ele proferiu em Uberaba sobre "Compromisso e Ética em Educação", no dia 17/11/95, a convite da Secretaria Municipal de Educação e Cultura; outras são trechos de entrevista concedida a essa Secretaria).

A LUTA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Eu vejo o profissional da Educação como outros profissionais, numa sociedade como a nossa brasileira, com uma grande responsabilidade ética e uma grande responsabilidade política e social. O obstáculo primeiro pra que você tenha profissionais eticamente responsáveis, politicamente responsáveis, socialmente e cientificamente responsáveis, é o descaso histórico com que os governos brasileiros têm olhado a educação e particularmente as educadoras e os educadores. Há um desrespeito que vem dos primeiros momentos da invenção autoritária da sociedade brasileira.

Quando a gente dá uma olhadela na história da educação brasileira, vê esse desrespeito, com ilhas de exceção. Por exemplo, quando nos anos 20, a escola brasileira pública atendia a uma minoria da elite, era uma escola boa, uma escola exemplar, precisamente porque eram filhos da elite que estudavam nela. Nos anos 20 começa haver uma pressão na história política do Brasil nos centros urbanos mais dinamizados como Rio, São Paulo, Belo Horizonte... Uma pressão das camadas populares, para que elas também tivessem direito à educação para seus filhos. Essa pressão, nos fins dos anos 20 e começo dos 30, foi inclusive estimulada pela presença dos operários de esquerda que chegaram da Itália e que se radicaram em São Paulo (a presença intelectual do grande pedagogo espanhol FERRER com uma proposta política que influenciou escolas em São Paulo e no Recife). A presença de uma linha socialista de trabalhadores



imigrantes no sul do país começou a provocar uma classe trabalhadora ingênua brasileira. Em seguida a isto vem exatamente o governo populista de Vargas, com a tendência que ele tinha de soprar, de amaciar com uma mão e bater com a outra; e isso ajudou a pressão popular em favor da escola para o povo. Então, o que acontece? Nesse momento começa um desrespeito à escola pública. Nesse momento começa a se desprestigiá-la cada vez mais. A escola vai se deteriorando, as crianças da elite vão deixando-a e se vai estimulando a escola privada, que vai assumindo um primeiro lugar. Agora, vejam bem, com isso eu não estou sugerindo sequer que a gente devesse acabar com as escolas particulares. De maneira nenhuma! Isso não faz parte do meu discurso. O que a gente terá que fazer é lutar pela recuperação da escola pública e do dever que tem o Estado de oferecer à população do país, em quantidade e em qualidade, uma boa escola, e isto é possível, desde que haja uma decisão política, que o homem público, que a mulher pública, a nível do Município e do Estado, da sociedade brasileira, tenham a decisão de mudar as coisas. Daí tem que vir uma série de mudanças na linha administrativa. Você tem que reformular a política dos gastos e hierarquizar mesmo. Por exemplo, é necessário que se faça justiça com relação aos pagamentos. Há profissionais que, por tradição, têm o poder no Brasil, e cujos ordenados são coisa extraordinária. É preciso acabar com tudo isso. Outro dia eu vi na TV que um coronel aposentado da polícia do Rio de Janeiro tinha recebido R$65.000,00 (sessenta e cinco mil reais). Como é que é possível um negócio desse? Tem que se acabar com essa história: Você traz uma moça para seu gabinete; esa moça tem um salário X e recebe R$200,00 (duzentos reais) de gratificação, porque está ajudando você no gabinete. Três meses depois, ela deixa o gabinete, mas se incorporam ao ordenado dela os R$200,00 (duzentos reais). Mais adiante, daí a 3 meses, uma outra diretora a convoca. Ela junta mais R$200,00 (duzentos reais). Quando chega no fim da carreira, ela se aposenta com salário

imenso, porque foram anexadas gratificações. Eu acho imoral um negócio desses. Eu ganho uma gratificação, porque no momento eu estou fazendo uma coisa fora, uma coisa extraordinária. Terminado de fazer, porque diabo vou eu juntar agora? É paternalismo demais nesse meio. Pra concluir, eu diria que a responsabilidade ética e política do professor é hoje uma coisa pela qual a gente tem que lutar. O professor tem todo o direito e o dever de brigar pela sua melhora, mas tem o direito, tem o dever, sobretudo, de brigar pela melhora da educação de seu país, de seu povo. Eu não posso, como educador, brigar apenas para ganhar mais, mas eu devo brigar para poder trabalhar melhor. Então, essa responsabilidade ética, que é política, é indispensável hoje ao educador.

FORMAÇÃO PERMANENTE E SERIEDADE PROFISSIONAL

Eu acho que a formação permanente dos educadores deve ser muito bem trabalhada e eles devem assumir sua própria formação com absoluta responsabilidade, vale dizer, com a consciência de que é preciso formar-se permanentemente. Que a formação não é uma experiência transitória. É preciso a gente superar a compreensão da formação permanente, que às vezes faz coincidir com o que se chama de reciclagem. A formação permanente não tem nada a ver com esse conceito mecanicista da reciclagem. Por isso mesmo, então, a ela se permeia, e se funda na análise da prática. É analisando a minha prática, com outros que analisam também a sua prática, que é possível que eu descubra, na prática dos outros, alguma coisa que ilumine problemas que eu tinha, ou tenho, na minha prática. É analisando a prática, é discutindo os obstáculos encontrados que eu percebo a teoria da prática. A prática não é, por exemplo, a sua teoria, mas a prática engendra um certo saber. É preciso que eu me aproprie, com lucidez, da teoria que está sendo vivida na prática que eu estou realizando. A grande importância, a grande eficácia de um trabalho assim está em que, em primeiro lugar, a professora que coordena o grupo, que discute a sua prática, tenha um conhecimento científico superior ao próprio grupo, porque, se o conhecimento de quem coordena uma formação permanente é menor ou igual ao conhecimento dos educadores que a buscam não dá para aprofundar. Por exemplo, se temos um grupo de professoras que está trabalhando com alfabetização de crianças, evidentemente que a pessoa que está coordenando a discussão em torno da experiência precisa estar muito mais capacitada cientificamente do que a média das professoras. Ela precisa conhecer um pouco de Piaget, um pouco de Emilia Ferreiro, de Madalena Freire. Só o testemunho da professora que coordena o debate já é uma dimensão ética da formação. As professoras que vieram em busca dessa formação percebem que há uma seriedade científica nos professores coordenadores da reunião. O que eu quero salientar é o seguinte: não é preciso que um professor discuta Emilia, Piaget, que dê uma aula de ética em educação; é exatamente na discussão do que é a produção da linguagem que o professor está fazendo ética também.

Se uma professora que está participando de um curso faz uma pergunta ao coordenador do grupo e percebe que ele deu uma resposta de quem "chuta" (e quando você "chuta", você não está sendo sério), ela percebe que ele não foi sério. O procedimento sério, ético, desse coordenador seria dizer: "Olha, eu não estou a par disso que você perguntou. Agora eu estou intuindo que o que você me perguntou é absolutamente sério, então, eu proponho que pensemos juntos e na próxima reunião vamos discutir e ler sobre isso". Ele possivelmente, mesmo sem saber dar a resposta, situa-se num determinado campo científico; a pergunta o situa neste campo e ele pode sugerir que campo é esse, marcando o tempo entre essa sessão (a que ele está) e a próxima (por exemplo, daí a 15 dias) e aí eles individualmente pesquisarão.

Um professor que faz isso testemunha a sua eticidade. Ele é um cara em quem se pode confiar, porque ele não fez um jogo falso só porque tivesse medo de demonstrar que não sabe. Evidentemente não saber é o melhor ponto de partida para procurar saber.

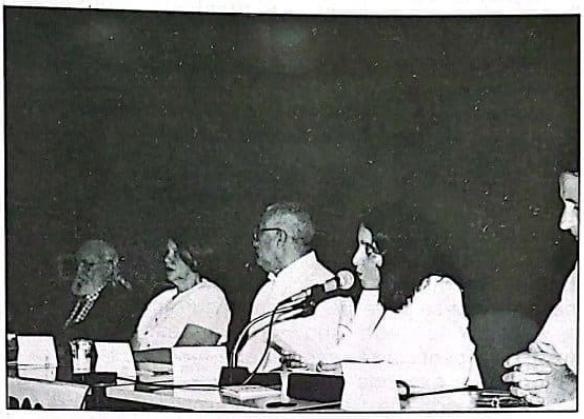
Compromisso ético supõe compromisso político também. Eu não tenho dúvida nenhuma de que o educador é um ser político, não necessariamente partidário, mas até partidário eu acho que ele deve ser também; o que ele não pode, se é um educador democrático, é impor a seus alunos a sua opção partidária, isso é imoral, é falta de ética. Vocês imaginem um professor que dá zero ao aluno porque ele é do partido contrário, é um absurdo. Eu me lembro de quando eu voltei do exílio, tive um aluno muito reacionário; era um sujeito sério, curioso, mas de uma posição reacionária. Ele escreveu, um dia, um texto, certo de que eu iria dar a ele uma nota inferior, e eu dei dez. E escrevi no texto dele: "Você é profundamente reacionário, lamento isso, tenho uma discordância necessária com você, mas não estou aqui na PUC para dar nota à ideologia de ninguém (eu não o convidaria para ser meu assistente); você merece 10". O cara ficou espantado.

Evidentemente que como professor eu luto para convencer quem me ouve de que eu estou certo. Isso é tarefa também minha. Como eu posso ser um bom professor se eu não brigo pelas minhas idéias? Eu falo em experiência democrática, porque eu acredito na experiência democrática e acho que com ela a gente vai mudar um pouco mais esse país.

I - ÍNTEGRA DO PRONUNCIAMENTO DE MARIA DE LOURDES MELO PRAIS NA APRESENTAÇÃO DE PAULO FREIRE, EM 17/11/1995

COM A PALAVRA A SECRETÁRIA...

Íntegra do pronunciamento de Maria de Lourdes Melo Prais - apresentação de Paulo Freire na oportunidade em que ele falou sobre " Educação:Compromisso e Ética " a educadores de Uberaba, em encontro realizado em 17/11/1.995.



Excelentissimo Senhor Engenheiro Luiz Guaritá Neto

Digníssimo Prefeito Municipal de Uberaba, a quem carinhosamente,não por acaso, chamamos o Prefeito da Educação.

Excelentíssimo Senhor Doutor Heli de Andrade

Digníssimo Presidente da Câmara Municipal.

Ilustríssimo Senhor Professor José Thomaz da Silva Sobrinho

Dignísssimo Superintendente da Trigésima Nona Regional de Ensino.

Ilustríssima Senhora Professora Ana Maria de Araújo Freire, esposa e companheira de idéias, ideais e de vida de nosso palestrante e homenageado de hoje.

Professor Paulo Freire, aquele que, por minha livre escolha, considero meu mestre, e mais do que isso, amigo especial, com quem compartilho a visão de homem, de mundo e de educação, e de quem reconheço a forma coletiva, consciente, amorosa e paciente de fazer de sua prática a sua teoria.

Demais autoridades presentes, senhores, senhoras, caros companheiros de luta e de trabalho.

O cotidiano é variado no seu igual. Há tarefas árduas, amenizadas por resultados compensadores ou surpresas inesperadas...

Há temores iluminados pela esperança...

Há decepções suplantadas pela alegria das conquistas, dos convencimentos e conversões, do aplauso pelo acerto...

Hoje a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba vive este especial momento de aplauso pelo acerto por poder contar com a presença consciente, comprometida e sensível daquele que, sem dúvida, é o educador por excelência, o mestre dos mestres.

Acredito eu que Paulo Freire - o cidadão do Mundo, o Educador Mundial da Paz e, sem dúvida alguma, o maior educador brasileiro de todos os tempos - dispensa apresentação. Entretanto, como ele mesmo nos diz, " o óbvio, às vezes, não é tão

óbvio quanto parece" .

Assim, recorro a alguns de seus biógrafos, e numa síntese pessoal, apresento-lhes aquele que, sem dúvida, é um dos mais criativos intelectuais de nosso tempo: Paulo Freire.

Da Estrada do Encantamento, Bairro da Casa Amarela, do Recife, surge, para o mundo, Paulo Freire, em 19 de setembro de 1.921. A poesia do Encantamento em que nasce revela-se profética, é a vereda de toda sua existência, permeia seu ser, sua obra, e expande pelo mundo sob forma de diálogo e libertação.

Paulo Freire cresce poesia: sua palavra possui o encantamento de suscitar homens plenos, de tecer liberdades e esperança, de afastar o caos da ignorância, da opressão e da miséria.

Filho de classe média, cedo aprendeu com seus pais o diálogo que procura manter com o mundo e com os homens, alfabetizando-se com sua mãe, à sombra das árvores da casa em que nasceu, tendo como giz ou lápis os gravetos das mangueiras, e como quadro-negro ou caderno o chão. Sua alfabetização partiu de suas próprias palavras, palavras de sua prática como criança, fato que influenciaria todo o seu trabalho posteriormente.

Viveu uma infância feliz no Recife, onde inicia os estudos. Mas, muito cedo, como a quase totalidade dos nordestinos, conhece o significado da fome e da miséria.

Em virtude da crise econômica de 29, sua família muda-se para Jaboatão, onde parecia ser menos difícil sobreviver. Aos treze anos perde seu pai. Com todos estes problemas, seus estudos foram adiados e só consegue iniciar o ginásio com dezesseis anos de idade,mas aos vinte já passava pelos exames de ingresso na Faculdade de Direito de Recife, uma das mais conceituadas do país.

Enquanto estuda Direito, introduz-se também em estudos de Filosofia e Psicologia da Linguagem e torna-se professor de Português na Escola Secundária, desenvolvendo um profundo conhecimento da difícil " última flor do Lácio" .

Em 1.944, aos 23 anos, casa-se com Elza Maia Costa Oliveira, pernambucana e professora primária, e, mais, tarde, diretora de escola. Dessa relação vieram cinco filhos: três mulheres e dois homens. Dentre estes, está a emérita educadora Madalena Freire, casada com o atual Ministro da Cultura, Francisco Wellfort.

Elza foi sempre a companheira que o estimulou e apoiou em seus estudos, trabalho, no exílio, e em todos momentos difíceis.

Paulo perderia Elza em outubro de 1.986 depois de quarenta anos de " namoro" contínuo, tirando-lhe o brilho da alegria pelo recém-conquistado título de Educador Mundial da Paz.

Optando definitivamente pela educação e abandonando carreira jurídica após a primeira causa, Paulo Freire inicia as primeiras experiências que, mais tarde, culminaram no Método de Alfabetização de Adultos, como Diretor de Departamento de Educação e Cultura do SESI.

Em 1.962, através do Movimento de Cultura Popular do Recife (do qual foi um dos fundadores) e do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife (do qual foi o primeiro diretor), Paulo Freire desenvolve, juntamente com sua equipe, seu trabalho de compromisso com o oprimido (os marginalizados pelo sistema). E, então, não apenas sonhou, mas realizou uma educação que serviu para libertar o homem, mais do que para ensinar-lhe. O método de Alfabetização criado por Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular:

conscientiza e **politiza**. Não absorve o político do pedagógico, mas, também, não põe inimizade entre educação e política.

Um dos pressupostos do método é a idéia de que " ninguém educa ninguém, e ninguém se educa sozinho"

A educação, diz ele, deve ser um ato solidário, um ato de amor, uma tarefa de trocas entre pessoas; portanto, não pode ser imposta.

Para ele, não há educadores puros, nem educandos; de um lado se ensina e de um lado se aprende.

Seu método coloca o alfabetizando em condições de poder reexistenciar criticamente as palavras do seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra. Com a palavra, diz ele, o homem se humaniza e assume **conscientemente** sua essencial condição humana.

Assim, a educação para ele produz homens. Sua pedagogia é, então, **antropologia.**

Logo, Paulo Freire não propôs um método entre outros. Ele investiu aos brados com uma educação contra a outra.

Com os oprimidos,com aqueles que são excluídos até mesmo da liberdade formal, por escravidão econômica; com aqueles que não podem ser livres, porque a sociedade não lhes permite sequer que sejam humanos; com aqueles que não têm sua palavra (ou melhor, o direito de dizer sua palavra), e que são submetidos à cultura do silêncio, Paulo Freire gera uma educação emancipatória. Nela, o ponto fundamental não é um substantivo ou um adjetivo, mas uma **preposição: com.** Não é nem para o povo, nem sobre o povo, mas com o povo oprimido, num diálogo aberto que Paulo Freire constrói a sua educação emancipatória, como um momento pedagógico da luta pela libertação.

Sua primeira experiência de alfabetização de adultos foi realizada na periferia de Recife, de onde saíram três alfabetizandos.

Depois, se estende de maneira bastante significativa para o Rio Grande do Norte e Paraíba.

Nasceu, a partir daí, uma campanha de alfabetização em **escala nacional.** A campanha previa a instalação de vinte mil círculos de cultura capazes de formar, no mesmo ano, por volta de dois milhões de alunos. Entretanto, não houve tempo para passar das primeiras experiências para os trabalhos de amplo fôlego.

O fantasma do comunismo, que as classes dominantes agitam contra qualquer governo que se proponha democrático, alcança, nesta época, feições reais aos olhos dos reacionários e o movimento de Educação Popular, solidário à ascensão democrática das massas, não poderia deixar de ser atingido. Assim é que, em fevereiro de 1.964, o governo do Estado da Guanabara apreendeu, na gráfica, milhares de exemplares da cartilha Viver "é lutar " . E, em abril, a Campanha Nacional de Alfabetização idealizada sob direção de Paulo Freire, pelo governo deposto, foi denunciada publicamente como perigosamente subversiva. " Em tempo de baioneta, a cartilha que se cale" - comenta Carlos Brandão e, assim, preferiram acusar Paulo Freire por idéias que não professava.

Apesar de suas origens católicas, nunca negadas por ele, foi considerado um subversivo internacional, um traidor de Cristo e do povo brasileiro. E, em conseqüência disso, foi preso e exilado.

Como era de se esperar,os grupos reacionários confundiram, sistematicamente, em suas acusações, a política com o educador. Não podiam compreender que um educador católico se fizesse

representante dos oprimidos. E justamente porque quis fazer da libertação do homem o sentido exato de sua ação, Paulo Freire foi exilado. Foi para o Chile com a família, o sonho e o método. No Chile, foi contratado pela UNESCO para trabalhar na formulação do plano de educação em massa, durante o governo de Frey. Ali, seu método foi utilizado em todos os programas oficiais de alfabetização e, em pouco tempo, depois de sua chegada, o país destaca-se entre todos do mundo pelo seu trabalho em favor do adulto analfabeto.

De lá, antes também que a baioneta encostasse a cartilha no muro, Paulo Freire vai para os Estados Unidos onde leciona na Universidade de Havard, como professor visitante. Sempre ligado à sua especialização e aos seus ideais, permanece como assessor da UNESCO e membro do Conselho Mundial de Igrejas.

Dos Estados Unidos para a Europa, radicando-se em Genebra, cria, com outros companheiros de exílio, o Instituto de Ação Cultural - IDAC, em 1.971. A nova equipe viajava vezes seguidas para diversos países da África onde, junto com os povos já politicamente libertados, empenha-se na luta pela liberdade de aprender e saber.

Em 1.980, Paulo Freire voltou ao Brasil para, segundo ele mesmo diz," aprender tudo de novo ".

De lá para cá, sua luta junto ao oprimido tem continuado numa dimensão cada vez mais crescente, mais radicalizada. Luta esta onde o pedagógico e o político, ou seja, as tarefas de convencer e de vencer sem se confundirem,não se distanciam.

Hoje, em qualquer lugar do mundo com o desenvolvimento de consciência crítica do povo, como parte de sua libertação da opressão, o nome de Paulo Freire é lembrado e respeitado. Assim, foi convidado a orientar a educação da Nicarágua libertada, e, em setembro de 1.986, recebeu, em justíssima homenagem, o título de Educador Mundial da Paz.

Logo após este momento de alegria, a dor vem em forma de perda da esposa e companheira Elza.

Entretanto, a afetividade de Paulo Freire não poderia ficar adormecida com a perda de sua Elza. Depois de um longo período de recuperação, Paulo Freire encontrou novamente o amor numa antiga aluna, Ana Maria Araújo Ash, hoje sua competente parceira no seu paciente trabalho de resgate do sentido da educação brasileira e de formação do novo educador.

Ana Maria, que também é educadora, devolveu-lhe a alegria de viver e o estímulo para prosseguir sua brilhante cruzada pela Educação.

Em 1.989, recebe o convite para integrar a equipe de governo de Luísa Erundina e assume a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

No começo da administração, ele, de símbolo, passa à realidade.

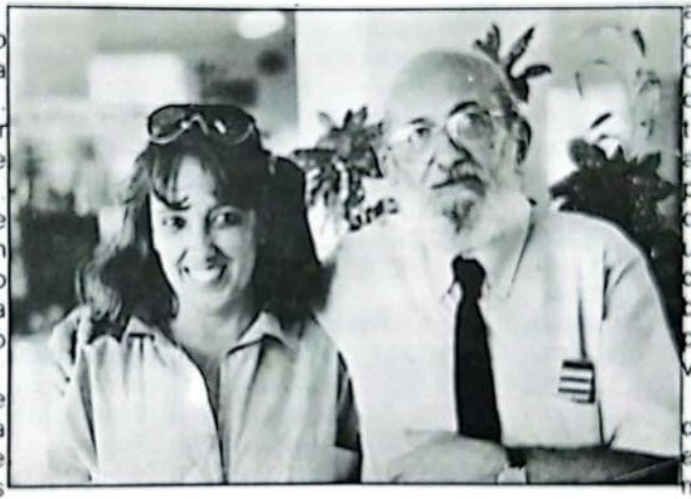
É capaz de discutir, em jornadas de longas horas, as premissas epistemológicas do novo modelo de educação que queria implantar, como também de visitar escolas e ouvir pacientemente o professor, o zelador, o pai de família, ou, então, de discutir com as crianças que aprender é gostoso, porém, requer disciplina.

Como Secretário, Paulo Freire não passou tanto tempo refletindo teoricamente sobre o poder ou teorizando sobre a politicidade da Educação, mas exercendo o poder, se bem que delimitado ou fragmentado, mas um poder educativo.

Após dois anos de implementação de um novo paradigma de Educação, ainda cheio de entusiasmo e de esperança, e depois de

suportar todo tipo de crítica da imprensa oposicionista e oportunista, e inclusive de membros do próprio partido, Paulo Freire decidiu que era tempo de reencontrar-se com os clássicos na intimidade de sua biblioteca e de continuar sua peregrinação intelectual. Saiu da Secretaria deixando consolidada uma escola pública democrática

Finalizando esta apresentação, podemos dizer que através de seu trabalho, Paulo Freire demonstra um compromisso com uma nova dimensão antropológica um homem que na sua subjetividade tece os novos caminhos da humanidade.



Esta é a quarta vez que Paulo Freire está em Uberaba atendendo nossa solicitação, demonstrando, assim que, acima do Educador, está o amigo fraterno e dedicado que não só pensa a existência mas que vive apaixonadamente como pensa.

Neste momento, gostaria de dizer ao meu Mestre, quase que como uma prestação de contas, que as lições e exemplos não foram esquecidos.

Assim, ao assumir a Secretaria Municipal de Educação, assustada não apenas com a enormidade da tarefa, mas, sobretudo, com a proporção das expectativas quanto à concretização de uma política educacional comprometida se não com a solução, pelo menos, com a minimização dos problemas mais cruciais que atingem a educação, seguimos seu exemplo e revestimo-nos da coragem e até mesmo da audácia daqueles que acreditam que aprender com as dificuldades parece ser o segredo para a retomada do otimismo e da esperança e, então, empenhamo-nos em oferecer aos alunos de Uberaba, nos limites da Lei, dos recursos disponíveis e das nossas condições concretas de trabalho, a melhor escola possível. Uma escola que na visão **freiriana** fosse competente, séria, curiosa, questionadora, crítica, criativa e, sobretudo, alegre e prazerosa. Enfim, uma escola que pudesse ser requerida e assumida pelo aluno como algo seu.

E no intuito de traduzir este sonho em realidade, concitamos os educadores para se assumirem como sujeitos organizadores do seu trabalho através de um planejamento que fosse a um só tempo científico, global, participativo e viável.

A partir dessas exigências metodológicas, vivenciamos na Rede Municipal de Ensino, no período de janeiro a março de 1.993, envolvendo toda a comunidade escolar, o processo de Planejamento Global Participativo, para a elaboração da Política Educacional do Município para a gestão 93-96.

Dialeticamente compreendida como determinante e resultante deste processo, tal política se traduziu nos seguintes programas:

. **Melhoria da**

Qualidade de Ensino.

. Universalização do Acesso.

. Democratização da Gestão.

Os programas foram estruturados organicamente em subprogramas e projetos, determinando por onde seguir e onde chegar no fazer-escola.

Assim, acreditando como o filósofo mineiro **Neidson Rodrigues** que " não se pode requerer que o sol já nasça no meio do céu, nem que a escuridão da noite se afaste de uma só vez" , nós, educadores de Uberaba, força desta terra, vimos juntos, amorosamente, pacientemente, empreendendo passos paulatinos, porém decisivos na consolidação de um projeto de educação de qualidade, comprometida com a construção de uma sociedade mais justa, digna e equânime e, portanto, mais feliz.

Hoje, decorridos quase três anos de um trabalho incessante no sentido de acelerar a mudança da escola em busca de sua cidadania (ou, como diria Paulo Freire, em busca de sua nova cara), podemos nos alegrar pelo percurso feito, sem nos esquecermos de que há ainda muito por fazer.

Neste sentido, todo conjunto articulado de medidas vêm sendo desencadeadas de forma a conferir concretude aos objetivos e programas estabelecidos. São ações que vão desde a ampliação e adequação da rede física para atendimento total da demanda, passando pelo aparelhamento didático-pedagógico das escolas e pela democratização da gestão, priorizando a revitalização da prática pedagógica, através, sobretudo, do apoio, valorização e formação permanente dos docentes e demais servidores.

Dentre estas ações, são relevantes:

<u>Em termos da universalização do atendimento escolar:</u>

- o crescimento de 40% (quarenta por cento) da Rede Municipal de Ensino, garantindo vaga a 100% (cem por cento) da população escolarizável de sete a quatorze anos, através da criação de novas escolas, de extensão de séries em outras, da ampliação e reforma de quase toda a rede física, da municipalização de escolas estaduais e da racionalização da oferta de vagas com a celebração de um termo de ajuste com as escolas da rede estadual.

<u>Em termos da melhoria da qualidade de ensino, destacam-se:</u>

- a revitalização da prática pedagógica através da explicitação de uma filosofia de educação para orientar o trabalho docente, da ampliação dos serviços pedagógicos em toda a Rede, do redimensionamento das propostas curriculares, e da implementação de atividades de enriquecimento curricular, permitindo aos alunos o acesso aos bens culturais. Além disso, a adoção de medidas que preparam o caminho da reestruturação da carreira do magistério, como: os concursos de ingresso, a revalorização salarial dos docentes, o vultoso investimento em programas de capacitação, oferecendo inclusive cursos de Pós-Graduação Lato-Sensu em oito diferentes áreas do conhecimento, a criação de um Centro de Formação Permanente para discussão cotidiana da prática pedagógica, o incentivo salarial concedido àqueles que se comprometem com sua qualificação e a recente criação da Faculdade de Educação.

<u>Em termos de democratização da gestão, ressaltamos como mecanismos de conquista da autonomia escolar:</u>

- a implementação da proposta de administração colegiada, através do fortalecimento dos colegiados escolares, a

adoção do critério de seleção competitiva interna, para a escolha de Diretor de Escola, a criação das Caixas Escolares e a celebração do Convênio de Cooperação Mútua com a Secretaria de Estado da Educação, buscando desenvolver ações de co-responsabilidade na gestão da oferta de Educação Básica de qualidade para todos.

Tais conquistas não significam que a luta para profissionalização do magistério e conseqüente melhoria da qualidade de ensino tenha terminado. Ela é uma luta histórica e, como tal, estará sempre presente. Serve apenas como reconhecimento dos avanços concretos conseguidos até aqui.

É importante ressaltar que todos estes feitos de alto investimento na melhoria da qualidade de ensino e de crédito no educador só foi possível graças à sensibilidade política e descortínio de nosso Prefeito, que tem dado irrestrito apoio a todos os projetos desta Secretaria. Tanto isto é verdadeiro que, em média, Uberaba tem investido 33% (trinta e três por cento) em Educação, chegando a alcançar, em alguns meses, o índice de 50% (cinqüenta por cento).

Professor Paulo, mas este é para mim um momento diferenciado, momento de privilégio em que deixo transbordar a minha emoção para, de público e de perto, reverenciar e agradecer aquele que tem sido meu mestre de todas as horas. Render tributo à sólida fundamentação teórica que, sem dúvida, tem conferido, ao longo da minha trajetória, coerência e sentido à minha prática educativa. Render tributo ao diuturno testemunho e exemplo do homem que, sendo mundialmente cumulado de compromissos, glórias e aplausos, não perde a sua sensibilidade do humano e do educador, nos mínimos gestos.

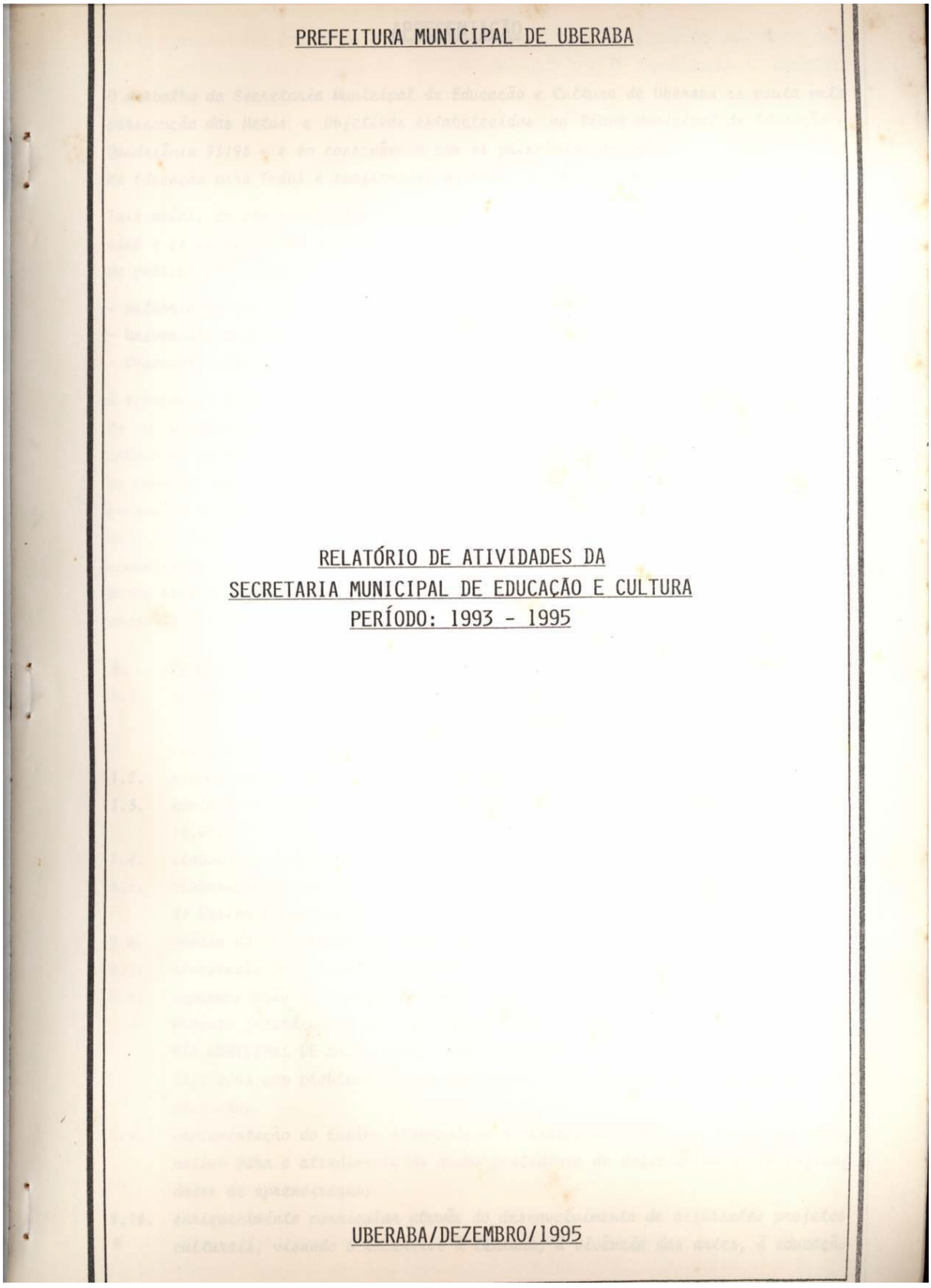
Em particular, gostaria de incluir vocês, educadores de Uberaba,no agradecimento de um de seus gestos de amorosidade de que fui merecedora. O seu gesto foi de tal significado para mim que, na ocasião, qualquer palavra seria amesquinhar a grandeza e desprendimento do seu feito. Em 1.982, quando, convencida por ele a fazer meu Curso de Pós-Graduação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com o raro privilégio de compor o grupo de seus alunos, iniciei os estudos, não tendo, entretanto, recursos financeiros suficientes para custeá-lo, apesar de minha atribulada jornada de trabalho de 60 (sessenta) horas semanais. E qual não foi a minha surpresa quando, após diversas cobranças da tesouraria da escola, fui comunicada da quitação do meu saldo devedor pela generosidade do " **meu Mestre**". Atônita e emudecida, nunca consegui expressar-lhe a emoção do meu agradecimento. Neste instante, solicito-lhes a fazê-lo comigo num aplauso à coerência, à grandeza, à sublimidade de uma personalidade magnânima que se revela por inteiro nesse gesto. Nesse aplauso, nesse agradecer, se incluem ainda o constante aval, incentivo e distinção com que tenho sido agraciada, ao longo da minha caminhada como educadora, na rara oportunidade de participar do seu Centro de Estudos VEREDA e, inclusive, no apoio recebido ao aceitar o desafio de assumir a difícil tarefa de conduzir a Educação no Município de Uberaba. Agradeço-lhe mais, a segurança de poder contar com o seu acompanhamento contínuo ao desenvolvimento do nosso trabalho.

E é com este educador, que fez da coerência, do diálogo, da amorosidade, da eticidade o compromisso de uma vida, que temos agora um encontro marcado.

O andarilho do óbvio, como ele próprio se define, acha-se entre nós para nos mostrar que às vezes, o óbvio não é tão óbvio quanto parece.

Com vocês, a densidade dialógica e a sabedoria que se condensa em realidade de Paulo Freire.

J - RELATÓRIO DE ATIVIDADES DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA – PERÍODO: 1993-1995



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA

RELATÓRIO DE ATIVIDADES DA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
PERÍODO: 1993 - 1995

UBERABA/DEZEMBRO/1995

APRESENTAÇÃO

O trabalho da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba se pauta pela persecução das Metas e Objetivos estabelecidos no Plano Municipal de Educação - Quadriênio 93/96 - e em consonância com os princípios definidos no Plano Decenal de Educação para Todos e reafirmados no Pacto de Uberaba pela Educação.

Tais metas, em seu compromisso com uma escola pública de qualidade, se consubstanciam e se unificam num tríplice programa dinâmico e interdependente de construção da prática educativa:

- **Melhoria da Qualidade de Ensino**
- **Universalização do Acesso**
- **Democratização da Gestão**

A Secretaria de Educação e Cultura, através dos seus Departamentos e Seções, atenta às necessidades detectadas através do diagnóstico coletivamente realizado no início de gestão e, ao mesmo tempo, às urgências surgidas no cotidiano da prática escolar, bem como às tendências e movimentos da Educação a nível nacional, empenhou-se no aprofundamento e na adequação de seus projetos, seja dando continuidade e ênfase às experiências significativas já desenvolvidas, seja incentivando, subsidiando ou criando condições para o surgimento de novas práticas pedagógicas. Neste sentido, dentre os aspectos mais relevantes do trabalho desenvolvido até o presente momento, se destacam:

1. Melhoria da Qualidade de Ensino:

1.1. explicitação, junto aos educadores, de uma filosofia de Educação com o intuito de fundamentar, orientar e dar coerência e sentido à prática educativa;

1.2. elaboração de proposta específica para a Educação Pré-Escolar;

1.3. implantação do Ciclo Básico de Alfabetização - C.B.A. - Decreto nº 1145, de 12.01.95;

1.4. elaboração de uma política e de uma proposta específica para o C.B.A.;

1.5. elaboração de uma proposta curricular e programática para a 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental;

1.6. início da elaboração das propostas curriculares de 5ª a 8ª série;

1.7. elaboração de proposta curricular para o Curso de Magistério;

1.8. implementação do Projeto PAI (Projeto de Assistência Integral ao Escolar). Projeto Interdisciplinar Itinerante desenvolvido em parceria com a SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, para identificar alunos deficientes físicos e mentais e/ou com problemas de aprendizagem, e encaminhamento para atendimento adequado;

1.9. implementação do Ensino Alternativo e criação da função do professor alternativo para o atendimento de alunos portadores de deficiência e com dificuldades de aprendizagem;

1.10. enriquecimento curricular através do desenvolvimento de diferentes projetos culturais, visando o incentivo à leitura, à vivência das artes, à educação

ambiental, à vivência de cidadania etc;

1.11. publicações pedagógicas através de jornais, revistas e escritos alternativos;

1.12. realização de Encontro Nacional de Educação (1993). Realização de Encontro Regional de Educação (1995);

1.13. encontro com Educadores de renome nacional:

- . Esther Grossi
- . Evaldo Amaro Vieira
- . João Batista dos Mares Guia
- . José Carlos Libâneo
- . José Eustáquio Romão
- . Miguel G. Arroyo
- . Neidson Rodrigues
- . Paulo Freire
- . Jussara Hoffman

1.14. valorização da prática desportiva através da extensão às escolas urbanas do Projeto de Jogos Estudantis da Rede Municipal;

1.15. adoção do processo de avaliação externa das escolas da Rede Municipal para alunos do Ciclo Básico de Alfabetização, da 5ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e 2ª série do Ensino Médio;

1.16. democratização do acesso à carreira do Magistério através de concursos públicos para preenchimento das vagas existentes;

1.17. capacitação do profissional do Magistério através da oferta de 6.858 (seis mil, oitocentos e cinquenta e oito) horas de cursos, sendo 8 (oito) Cursos de Pós-Graduação Lato-Sensu; criação e implementação do CEFOR - Centro de Formação Permanente - Decreto nº 750, de 04.05.94, e de diferentes cursos de atualização em todas as áreas do conhecimento, beneficiando 5.440 (cinco mil, quatrocentos e quarenta) profissionais da educação;

1.18. valorização profissional através da elevação do piso inicial de carreira em 30% (trinta por cento) e da criação de incentivos salariais à qualificação docente;

1.19. aprovação da Lei 5.504, de 26.12.94, que dispõe sobre a gratificação de incentivo à qualificação do servidor;

1.20. equiparação salarial do Professor Nível 2 (P2) ao nível superior do Plano de Carreira da Prefeitura, com consequente elevação de seu piso;

1.21. aprovação da Lei 5.148, de 15.06.93, que dispõe sobre a ampliação de jornada de trabalho do especialista de educação, de 20 (vinte) para 40 (quarenta) horas;

1.22. aprovação da Lei 5.676, de 29.09.95, que dispõe sobre período de trabalho de pessoal docente e especialistas;

1.23. revitalização da FUMESU - Decreto n º 1.443, de 15.09.95 e criação da Faculdade de Educação, Lei 5.678, de 29.09.95.

2. Universalização do Acesso

2.1. ampliação do atendimento à demanda escolar em 39,9% em relação a 1992, através da criação de 3 (três) novas escolas, da construção e ampliação da sede da Escola Municipal Arthur de Melo Teixeira; da extensão de séries em 13 (treze) escolas; da municipalização de 3 (três) escolas estaduais e da am-

pliação e reforma de 12 (doze) escolas municipais;

2.2. implementação do PRONAICA - Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente, através do desenvolvimento dos 8 (oito) subprogramas específicos do CAIC;

2.3. ampliação do atendimento do adulto não-escolarizado através da abertura de postos de Ensino Regular de Suplência e de Educação de Adultos - Decreto nº 945, de 06.09.94;

2.4. democratização do acesso à escola através de novos critérios de provimento de vagas na Rede Municipal (zoneamento + sorteio);

2.5. garantia de vaga a todos os candidatos em escolas da Rede Pública através de Termo de Ajuste entre escolas da Rede Municipal e Estadual, permitindo que os alunos da Rede Municipal sejam recebidos diretamente pela Rede Estadual e vice-versa.

3. Democratização da Gestão

3.1. fortalecimento de gestão democrática através dos órgãos colegiados escolares, tanto pela regulamentação legal, quanto pelo resgate do exercício de decisões democráticas dentro da escola - Decreto nº 768, de 13.05.94;

3.2. elaboração, junto às escolas, dos seus Planos Globais, definindo suas políticas de atuação pedagógica e administrativa;

3.3. realização de pesquisas institucionais e/ou de opinião visando fundamentar cientificamente as decisões e ações da Secretaria;

3.4. mudança no provimento do cargo de Diretor de Escola, que deixa de ser cargo de indicação política e passa a ser cargo seletivo/eletivo - Decreto nº 1.126, de 28.12.94.

4. Integração

4.1. celebração do Pacto de Uberaba pela Educação, buscando o envolvimento de toda a sociedade civil para o cumprimento dos compromissos firmados e assumidos no Plano Decenal de Educação para Todos;

4.2. concretização de parcerias com a iniciativa privada através do Projeto Adote uma Biblioteca, beneficiando 25 (vinte e cinco) escolas urbanas e rurais;

4.3. realização do I Encontro de Lideranças Municipais;

4.4. realização do I Fórum de Educação em Uberaba: Parceria Estado-Município.

5. Infra-Estrutura

5.1. enriquecimento do Programa de Merenda Escolar com a oferta, inclusive, de refeições no período de férias nas escolas onde houve demanda;

5.2. aparelhamento de diversas escolas através de substituição de mobiliário, de equipamento audiovisual (TV, vídeo, som), e recursos diversos (freezer e laboratório);

5.3. distribuição de material didático e escolar a toda Rede Municipal de Ensino;

5.4. instalação de linha telefônica nas escolas municipais, onde faltava e havia condições para instalação;

5.5. instalação oficial das Caixas Escolares - Portaria 002, de 20.05.94.

6. Obras

6.1. CONSTRUÇÃO DE NOVAS UNIDADES:

6.1.1. Complexo CAIC

6.1.2. Escola Municipal Anísio Teixeira (dentro do Complexo CAIC)

6.1.3. Escola Municipal Professora Maria Lourencina Palmério

6.1.4. Escola Municipal Reis Júnior

6.1.5. Escola Municipal Professora Niza Marquez Guaritá (em fase de acabamento)

6.2. AMPLIAÇÃO E REFORMA:

6.2.1. Escola Municipal Uberaba

6.2.2. Escola Municipal Professor José Macciotti

6.2.3. Escola Municipal Monteiro Lobato

6.2.4. Escola Municipal Frei Eugênio

6.2.5. Escola Municipal Boa Vista

6.2.6. Escola Municipal Santa Maria

6.2.7. Escola Municipal Professora Geni Chaves

6.2.8. Escola Municipal Professora Stella Chaves

6.2.9. Escola Municipal Arthur de Melo Teixeira

6.2.10 Escola Municipal Olavo de Oliveira Ferreira

6.2.11 Escola Municipal Sítio do Pica-Pau Amarelo

6.2.12. Escola Municipal Padre Eddie Bernardes

6.3. AMPLIAÇÃO E REFORMA (EM LICITAÇÃO):

6.3.1. Escola Municipal Professor José Geraldo Guimarães

6.3.2. Escola Municipal Joubert de Carvalho

6.3.3. Escola Municipal Professor Paulo Rodrigues

6.4. PINTURAS:

6.4.1. Centro de Formação Permanente do Professor - CEFOR

6.4.2. Escola Municipal Joãozinho e Maria

6.4.3. Escola Municipal Pequeno Príncipe

6.4.4. Escola Municipal Vicente Alves Trindade

6.5. PINTURAS (EM LICITAÇÃO):

6.5.1. Escola Municipal Adolfo Bezerra de Menezes

6.5.2. Escola Municipal Sonho Feliz

6.5.3. Escola Municipal José Marcus Cherém

6.5.4. Escola Municipal Sebastião Antônio Leal

6.5.5. Escola Municipal Gastão Mesquita Filho

6.5.6. Escola Municipal Frederico Peiró

6.5.7. Escola Municipal Professora Geni Chaves

6.5.8. Escola Municipal Reis Júnior

6.5.9. Escola Municipal Professora Maria Lourencina Palmério

6.5.10 Escola de Artes Dr. Odilon Fernandes

6.5.11 CESU - Centro de Estudos Supletivos

6.5.12 Escola Municipal Norma Sueli Borges

6.5.13 Escola Municipal Professor Olga de Oliveira

6.5.14 Escola Municipal São Judas Tadeu

6.5.15 Escola Municipal Celina Soares de Paiva

6.5.16. Escola Municipal Maria Carolina Mendes
6.5.17. Escola Municipal Totonho de Morais
6.5.18. Escola Municipal Capitão Domingos

O presente relatório, além de se constituir numa síntese das ações de implementação do Plano Global da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, é ainda instrumento de avaliação do trabalho desenvolvido até o momento.

MARIA DE LOURDES MELO PRAIS
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

K - OFÍCIO N.º 27 - SEGOV/2019

LEGISLATIVO Fls. 01/AA

Secretaria de Governo — PREFEITURA DE UBERABA — TRABALHANDO COMO NUNCA

Uberaba (MG), 10 de abril de 2019.

Of. Nº 27 – SEGOV/2019.
Da: Secretaria Municipal de Governo
Ao: Exmo. Sr.
Vereador ISMAR VICENTE DOS SANTOS
DD. Presidente da Câmara Municipal
N E S T A

Senhor Presidente,

Com nossos cordiais cumprimentos, encaminhamos para apreciação dessa Egrégia Câmara Municipal, o incluso Projeto de Lei que **"Autoriza a criação da CASA DO EDUCADOR PROFESSORA DEDÊ PRAIS e dá outras providências".**

Certos da vossa costumeira atenção manifestamos protestos de estima e elevada consideração.

Atenciosamente,

LUIZ HUMBERTO DUTRA
Secretário de Governo

RECEBEMOS DATA 2/04/19 HR 9h VISTO

L - MENSAGEM N.º 33 DE 2019

LEGISLATIVO
Fls. 02

Secretaria de Governo — PREFEITURA DE UBERABA — TRABALHANDO COMO NUNCA

MENSAGEM Nº 33 de 2019.

Exmos. Vereadores,

O grande esforço na construção de uma política de Formação Continuada de Professores no Município de Uberaba teve início nos anos de 1984, período em que as ações formativas ganhavam contornos com a realização de cursos de "capacitação, reciclagem e treinamento" oferecidos aos professores que atuavam, principalmente, nas séries iniciais, na Educação Pré-Escolar e no Projeto Fundação Educar - o qual surgiu, em 1985, como substituto do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Com o objetivo de realinhar a política de formação de professores numa concepção crítica e reflexiva, em 1989, instituíram-se, na Rede Municipal de Ensino de Uberaba, os Grupos de Formação Permanente de Professores, tomando como referencial as ideias de Paulo Freire, que teoriza e implementa a formação permanente de professores durante sua gestão, enquanto Secretário de Educação da cidade de São Paulo (1989-1991). Trata-se de conceber a formação de professores como um dos elementos constituidores da concepção de escola como pública, democrática e popular, e da educação, como uma prática social que se faz e se refaz. (LUCAS, 1992).

Os encontros desses Grupos, planejados pelas assessoras pedagógicas da Secretaria de Educação, aconteciam, quinzenalmente, em horário extraturno, na Biblioteca Pública Municipal e nos espaços da SEMED e em espaços escolares e contemplavam outras modalidades de formação, tais como: cursos, atividades culturais, congressos e palestras. Os/ as profissionais da educação não eram remunerados por participarem desses encontros e os objetivos se concentravam em discutir sobre o trabalho docente, expressar, aprofundar e refletir, de maneira crítica e reflexiva, sobre o fazer pedagógico, por meio de pressupostos teóricos, para a reconstrução de uma prática docente na perspectiva de uma educação transformadora.

Nos anos de 1990, a formação continuada de professores da Rede Municipal de Ensino assumiu um caráter institucionalizado com a criação do Centro de Formação Permanente de Professores - CEFOR, que funcionou, até 2004, como espaço destinado a repensar o cotidiano das práticas pedagógicas vivenciadas na Rede Municipal de Ensino, e também como espaço de integração de conhecimentos, na perspectiva de se constituir como um fórum permanente de reflexões sobre o fazer docente e de garantir o padrão de qualidade do ensino.

Nos anos de 2005 a 2012, a Política de Formação Continuada de Professores sofreu um enorme impacto: extinguiu-se, por decisão política, o CEFOR, e adotou-se um modelo de Formação Continuada de Professores em Serviço - FCPS, pautado nos pressupostos do Projeto Cidade Educadora. Com a adoção dessa concepção na formação de professores, os encontros passaram a acontecer no espaço

LEGISLATIVO
Fls. 03

da escola. Assistimos, nesse contexto, a um remodelamento das práticas de formação docente em vigor no cenário da profissão, em que se instauraram práticas formativas docentes que passaram a ocorrer justapostas à experiência do ofício e, mais recentemente, no próprio local de trabalho. Nesse sentido, Aquino e Mussi (2001, p. 2016) apontam que:

> *"A formação concomitante ao exercício do ofício inaugura, assim, uma nova racionalização da profissionalidade, e, por extensão, da constituição dos saberes docentes. De um ponto de vista teórico, tratava-se de um dispositivo tático que fez circular, de forma mais precisa e localizada no interior da profissão, modos de se pensar professor."*

Em 2013, a Secretaria de Educação retomou o diálogo sobre a formação continuada de professores, com o objetivo de estabelecer uma política de formação continuada e permanente dos/as educadores/as, aliada à FCPS, partindo das mesmas concepções de formação adotada na política educacional de Uberaba, no período de 1993-2004. A adoção dessa proposta viabilizou, em 2014, a instituição, por meio do Decreto nº 2.319/2014, da Casa do Educador Professora "Dedê Prais", projeto estruturante do Plano de Gestão, como um espaço privilegiado de pesquisa, estudo e reflexão da formação continuada sistêmica e em serviço, e em nível de pós-graduação, contribuindo para o exercício profissional dos educadores, por meio de encontros de formação nas diferentes áreas do conhecimento.

No período de 2014 a 2016, foram registradas, por meio de reuniões, diálogos e aplicação de instrumentos de coleta de dados, entrevistas e questionários estruturado e semiestruturado, as impressões dos diversos profissionais do magistério, cursistas ou não, que atuam nas Unidades de Ensino, na Secretaria de Educação e no Fórum Permanente de Formação Continuada sobre a Política de Formação Continuada implementada pela Rede Municipal de Ensino, apresentando a necessidade de aprofundar os estudos sobre a formação continuada de professores, o conjunto de ações que a compõem e o que apontou a urgência em reconfigurar os pressupostos conceituais, epistemológicos, filosóficos e pedagógicos do Plano de Gestão da Educação Municipal de Uberaba.

Com base nas recomendações previstas nos artigos 62 e 67, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9393/96), e no Decreto Federal nº 8.752, de 9 de maio de 2016, e na necessidade de assegurar, aos profissionais da educação básica da Rede Municipal de Ensino, a formação continuada em sua área de atuação, considerando as demandas das políticas públicas educacionais, propõe-se a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais como Centro de Referência em Formação Continuada dos Profissionais da Educação Básica do Município de Uberaba.

LEGISLATIVO
Fls. 04

Secretaria de Governo

PREFEITURA DE UBERABA
TRABALHANDO COMO NUNCA

Ressalta-se que, ao propor o **nome da Professora Maria de Lourdes Melo Prais - Professora Dedê**, o Poder Executivo destaca a importância dessa professora no cenário educacional uberabense e suas relevantes contribuições para a história da formação continuada dos professores da Rede Municipal de Ensino.

Diante do exposto, solicitamos os devidos trâmites para a criação da presente Lei, ato imprescindível para iniciar o processo de autorização de funcionamento da presente Unidade Educacional.

Pelo exposto, solicitamos aos Ilustres Vereadores, que aprovem a matéria ora apresentada.

Prefeitura Municipal de Uberaba (MG), 10 de Abril de 2019.

LUIZ HUMBERTO DUTRA
Secretário de Governo

M - PROJETO DE LEI N.º 130/2019

LEGISLATIVO
Fls. 05

Secretaria de Governo — PREFEITURA DE UBERABA — TRABALHANDO COMO NUNCA

PROJETO DE LEI Nº 130 /2019.

Autoriza a Criação da CASA DO EDUCADOR PROFESSORA DEDÊ PRAIS e dá outras providências.

O Povo do Município de Uberaba, Estado de Minas Gerais, por seus representantes na Câmara Municipal, aprova e eu, Prefeito Municipal, em seu nome, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Poder Executivo Municipal autorizado a criar a **Casa do Educador Professora Dedê Prais**, localizada na Rua Manoel Brandão nº 110 – Bairro Mercês.

Art. 2º - Para custeio das despesas decorrentes da criação da unidade educacional, mencionada no artigo anterior desta Lei, deve ser utilizada a dotação orçamentária prevista na Lei Orçamentária Anual – LOA do Ano de 2019 e suas posteriores alterações.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de Uberaba (MG), 10 de Abril de 2019.

PAULO PIAU NOGUEIRA
Prefeito

LUIZ HUMBERTO DUTRA
Secretário de Governo

Prof.ª SILVANA ELIAS DA SILVA PEREIRA
Secretária de Educação

N - PARECER N.º 091/2019

CÂMARA MUNICIPAL DE UBERABA
Legislativo Forte e Competente

LEGISLATIVO 06 AM

EXPEDIENTE DA PROCURADORIA GERAL

PARECER Nº 091 /2019

OBJETO: *Projeto de Lei nº 130/2019 que Autoriza a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais e dá outras providências. Autoria: Prefeito Municipal.*

I – DOS FATOS:

O Prefeito Municipal apresenta, para tramitação, discussão e votação nesta Casa de Leis, proposta de lei que autoriza a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais e dá outras providências.

Expõe o Nobre Alcaide que o esforço na criação de uma política de formação continuada de professores no município de Uberaba teve início nos anos de 1984, período em que as ações formativas ganhavam contornos com a realização de cursos de "capacitação, reciclagem, e treinamento" oferecidos aos professores que atuavam, principalmente, nas séries iniciais, na Educação Pré -Escolar e no Projeto Fundação Educador- O qual surgiu, em 1985, como substituto do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Com o objetivo de realinhar a política de formação de professores, em 1989, instituíram-se, na Rede Municipal de Ensino de Uberaba, os grupos de formação permanente de professores.

Ainda alega, que nos anos de 1990, a formação continuada de professores da Rede Municipal de Ensino assumiu um caráter institucionalizado com a criação do Centro de Formação de

LEGISLATIVO
Fls. 07

Professores - CEFOR, que funcionou, até 2004, tendo como perspectiva garantir o padrão de ensino.

Salienta, que nos anos de 2005 a 2012, o CEFOR, por decisão política foi extinto, e adotou-se o FCPS (Modelo de Formação Continuada de Professores em Serviços), nesse contexto, a um remodelamento das práticas de formação docente em vigor no cenário da profissão.

Em 2013, a Secretaria da Educação com o objetivo de manter a mesma concepção de formação adotada na política educacional de Uberaba, no periodo de 1993-2004, retomou o dialogo sobre a formação continuada de professores, tendo como objetivo de estabelecer uma política continuada e permanente dos/as educadores/as, aliadas à FCPS. Essa proposta viabilizou, em 2014, a instituição, por intermédio do Decreto n° 2.319/2014, da CASA EDUCADOR PROFESSORA "DEDÊ PRAIS", projeto estruturante do plano de gestão, sendo um espaço de pesquisa, estudo e reflexão continuada sistemática e em serviço, e em nível de pós graduação, contribuindo para o exercício profissional do educadores, por meio de encontros de formação nas diferentes áreas do conhecimento.

Em sede de justificativa, alega o alcaide, que no período de 2014 a 2016, foram registrados por meio de vários instrumentos, as impressões dos diversos profissionais do magistério, cursistas ou não, que atuam nas Unidades de Ensino, na Secretária de Educação e no Fórum Permanente de Formação Continuada sobre a Política de Formação Continuada Implementada pela Rede Municipal de Ensino, a necessidade de aprofundar nos estudos sobre a formação continuada de professores e apontou urgência em reconfigurar os pressupostos conceituais, epistemológicos, filosóficos e pedagógicos do Plano da Educação Municipal de Uberaba.

Com base nas recomendações previstas nos artigos 62 e 67, da Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (LDB n° 9393/96), e no Decreto Federal n° 8.752, de 9 de maio de 2016, e na necessidade de assegurar, aos profissionais da educação básica da rede municipal de ensino, a formação continuada em sua área de educação, considerando as

LEGISLATIVO
Fls. 08

demandas de políticas públicas educacionais, propõe-se a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais como Centro de Referência em Formação Continuada dos Profissionais de Educação Básica do Município de Uberaba.

Destaca-se dos autos que, ao propor nome da Professora Maria de Lourdes Melo Prais – Professora Dedê, o poder executivo teve a intenção de ressaltar a importância dessa professora no cenário educacional uberabense e suas relevantes contribuições para a história da formação continuada dos professores da Rede Municipal de Ensino.

Sumariamente, é o que anotamos para efeitos da manifestação e conclusão abaixo expendidas.

II – DO PARECER PROPRIAMENTE DITO:

Compete-nos nesta oportunidade, exarar parecer, analisando o projeto quanto aos aspectos constitucional, legal e jurídico.

Anotamos, preliminarmente falando, que a proposta se apresenta como sendo própria, uma vez que a Lei Orgânica do Município de Uberaba dispõe precipuamente, no seu artigo 9º, caber ao município prover a tudo quanto respeite ao seu interesse local, tendo como objetivos o pleno desenvolvimento de suas funções sociais e garantia do bem-estar de seus habitantes.

A proposta também se apresenta, como sendo legítima, já que a espécie de lei proposta é objeto de iniciativa legislativa privativa e indelegável do prefeito municipal, nos termos do artigo 74, inciso II, alíneas "*c*" e "*d*" e artigo 76, inciso I, todos da LOM, considerando que a referida Secretaria Municipal de Educação e Cultura é órgão estritamente ligado àquele poder executivo, no sentido de serem desenvolvidas as

LEGISLATIVO
Fls. 09

políticas públicas de educação e cultura no município. E o artigo 88, inciso V daquele mesmo diploma também resguarda o direito à pretensão dos autos. Da doutrina jurídica, sobre o tema, inclusive, colhe-se a lição do saudoso HELY LOPES MEIRELLES, em sua obra "*Direito Municipal Brasileiro*", 13ª Edição, Malheiros Editores, seguinte:

> "*APRESENTAÇÃO DE PROJETOS DE LEI*": *O prefeito, como Chefe do Executivo local, tem competência concorrente com a da Mesa, das comissões, dos vereadores e, agora, da população para a apresentação de projetos de leis (não de resoluções ou de decretos legislativos) à Câmara, e em certos casos sua competência é exclusiva, como veremos adiante. Leis de iniciativa exclusiva do prefeito são aquelas em que só a ele cabe o envio do projeto à Câmara. Nessa categoria estão as que disponham sobre a criação,* ***estruturação e atribuição das secretarias, órgãos e entidades da Administração Pública Municipal****; a criação de cargos, funções ou empregos públicos na Administração direta e autárquica, fixação e aumento de sua remuneração; o regime jurídico dos servidores municipais; e o plano plurianual, as diretrizes orçamentárias, os orçamentos anuais, créditos suplementares e especiais. ... Se a Câmara, desatendendo à privacidade do Executivo para esses projetos, votar e aprovar leis sobre tais matérias, caberá ao prefeito vetá-las, por inconstitucionais. Sancionadas e promulgadas que sejam, nem por isso se nos afigura que convalesçam do vício inicial, porque o Executivo não pode renunciar prerrogativas institucionais, inerentes às suas funções, como não pode delegá-las ou aquiescer em que o Legislativo as exerça." (Destacamos, com grifos).*

LEGISLATIVO
Fls. 10

No que toca ao mérito da proposta, propriamente dito, destacamos o fato de que aos municípios brasileiros foi dada, pela Carta Magna (artigos 29 e 30) a prerrogativa de atendimento à política de valorização de seus munícipes, com políticas de incentivo à educação e cultura, dentre outros. Portanto, como dito e considerando as peculiaridades do caso, tal particularidade é atribuição privativa e indelegável do prefeito.

E, no que tange ao mérito da proposta, necessário se faz ressaltar que a criação da referida casa do educador, sua estruturação, composição e funcionamento, se configura como sendo política pública educacionais a ser desenvolvida pelo Poder Executivo Municipal, de forma a assegurar aos profissionais da educação básica da rede Municipal de Ensino, a formação continuada em sua área de atuação, conforme exposto pelo autor.

Ainda destaca no art. 2º do referido Projeto de Lei que para o custeio das despesas em questão para a criação da unidade escolar informa que deverá utilizar a dotação orçamentária prevista na Lei Orçamentária Anual – LOA do ano 2019.

III – CONCLUSÃO:

Assim, é patente a legitimidade do Prefeito Municipal para a iniciativa do projeto em tela, sendo certo que, ao seu alvedrio, pode criar a mencionada Casa do Educador Professora Dedê Prais, de forma a atender o devido interesse público.

CÂMARA MUNICIPAL DE UBERABA
Legislativo Forte e Competente

LEGISLATIVO Fls. 411

Dessa forma, opinamos pela regular tramitação, discussão e votação do projeto pelo plenário da edilidade, na forma do Regimento Interno vigente. Para aprovação deverá ser observada a concordância da maioria simples dos vereadores votantes.

6

É o parecer, *salvo melhor juízo.*

Uberaba, 24 de abril de 2019.

DIOGENES ALVES DE SENE
Procurador Geral - OAB/MG 122.867

MARCELO ALÉGRIA
Advogado - OAB/ MG 50.408

LUIS ANTONIO BANDEIRA
Assistente Jurídico - OAB/MG 171.102

O - PARECER DA COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO

EXPEDIENTE DO NÚCLEO DE APOIO ÀS COMISSÕES PERMANENTES

PARECER DA COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO

Projeto de Lei n.º 130/2019
Autor: Prefeito Municipal
Ementa: Autoriza a Criação da CASA DO EDUCADOR PROFESSORA DEDÊ PRAIS e dá outras providências.

O presente projeto visa a autorização para criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais, localizada nesta cidade, na Rua Manoel Brandão, nº 110, Bairro Mercês.

Infere-se da proposição que para o custeio das despesas decorrentes da criação da unidade educacional será utilizada a dotação orçamentária prevista na Lei Orçamentária Anual – LOA do ano de 2019, e suas posteriores alterações.

Em sede de justificativas, os autores aduzem que o esforço na construção de uma política de Formação Continuada de Professores teve início nos anos de 1984, período em que as ações formativas ganhavam contornos com a realização de cursos de "capacitação, reciclagem e treinamento" oferecidos aos professores que atuavam, principalmente, nas séries iniciais, na Educação Pré-Escolar e no Projeto Fundação Educar - o qual surgiu, em 1985, como substituto do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Com o objetivo de realinhar a política de formação de professores numa concepção crítica e reflexiva, em 1989, instituíram-se, na Rede Municipal de Ensino de Uberaba, os Grupos de Formação Permanente de Professores, tomando como referencial as ideias de Paulo Freire, que teoriza e implementa a formação permanente de professores durante sua gestão, enquanto Secretário de Educação da cidade de São Paulo (1989-1991). Trata-se de conceber a formação de professores como um dos elementos constituidores da concepção de escola como pública, democrática e popular, e da educação, como uma prática social que se faz e se refaz. (LUCAS, 1992).

Acrescentam que, os encontros desses Grupos, planejados pelas assessoras pedagógicas da Secretaria de Educação, aconteciam, quinzenalmente, em horário extraturno, na Biblioteca Pública Municipal e nos espaços da SEMED e em espaços escolares e contemplavam outras modalidades de formação, tais como: cursos, atividades culturais, congressos e palestras. Os profissionais da educação não eram remunerados por participarem desses encontros e os objetivos se concentravam em

discutir sobre o trabalho docente, expressar, aprofundar e refletir, de maneira crítica e reflexiva, sobre o fazer pedagógico, por meio de pressupostos teóricos, para a reconstrução de uma prática docente na perspectiva de uma educação transformadora.

Nos anos de 1990, a formação continuada de professores assumiu um caráter institucionalizado com a criação do Centro de Formação Permanente de Professores - CEFOR, que funcionou, até 2004, como espaço destinado a repensar o cotidiano das práticas pedagógicas vivenciadas na Rede Municipal de Ensino, e também como espaço de integração de conhecimentos, na perspectiva de se constituir como um fórum permanente de reflexões sobre o fazer docente e de garantir o padrão de qualidade do ensino.

Continuam, nos anos de 2005 a 2012, a Política de Formação Continuada de Professores sofreu um enorme impacto: extinguiu-se, por decisão política, o CEFOR, e adotou-se um modelo de Formação Continuada de Professores em Serviço - FCPS, pautado nos pressupostos do Projeto Cidade Educadora. Com a adoção dessa concepção na formação de professores, os encontros passaram a acontecer no espaço da escola. Nesse contexto, houve um remodelamento das práticas de formação docente em vigor no cenário da profissão, em que se instauraram práticas formativas docentes que passaram a ocorrer justapostas à experiência do ofício e, mais recentemente, no próprio local de trabalho.

Em 2013, a Secretaria de Educação retomou o diálogo sobre a formação continuada de professores, com o objetivo de estabelecer uma política de formação continuada e permanente dos educadores, aliada à FCPS, partindo das mesmas concepções de formação adotada na política educacional de Uberaba, no período de 1993-2004. A adoção dessa proposta viabilizou, em 2014, a instituição, por meio do Decreto nº 2.319/2014, da Casa do Educador Professora "Dedê Prais", projeto estruturante do Plano de Gestão, como um espaço privilegiado de pesquisa, estudo e reflexão da formação continuada sistêmica e em serviço, e em nível de pós-graduação, contribuindo para o exercício profissional dos educadores, por meio de encontros de formação nas diferentes áreas do conhecimento.

No período de 2014 a 2016, foram registradas, por meio de reuniões, diálogos e aplicação de instrumentos de coleta de dados, entrevistas e questionários estruturado e semiestruturado, as impressões dos diversos profissionais do magistério, cursistas ou não, que atuam nas Unidades de Ensino, na Secretaria de Educação e no Fórum Permanente de Formação Continuada sobre a Política de Formação Continuada implementada pela Rede Municipal de Ensino, apresentando a necessidade de aprofundar os estudos sobre a formação continuada de professores, o conjunto de ações que a compõem e o que apontou a urgência em reconfigurar os pressupostos conceituais, epistemológicos, filosóficos e pedagógicos do Plano de Gestão da Educação Municipal de Uberaba.

LEGISLATIVO
Fls. 16

Com base nas recomendações previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9393/96), e no Decreto Federal nº 8.752, de 9 de maio de 2016, e na necessidade de assegurar, aos profissionais da educação básica da Rede Municipal de Ensino, a formação continuada em sua área de atuação, considerando as demandas das políticas públicas educacionais, propõe-se a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais como Centro de Referência em Formação Continuada dos Profissionais da Educação Básica do Município de Uberaba.

Quanto ao nome da entidade, o Poder Executivo destaca a importância dessa professora no cenário educacional uberabense e suas relevantes contribuições para a história da formação continuada dos professores da Rede Municipal de Ensino.

Em análise, o projeto enquadra-se nas exigências quanto à iniciativa vez que é de exclusiva competência do Poder Executivo, pois a este cabe a condução e administração da gestão pública, senão vejamos:

> ***Art. 88. "Compete privativamente ao Prefeito:***
>
> ***I. (...)***
> ***XIII. dispor, na forma da lei, sobre a organização e a atividade do Poder Executivo";***

Insta registrar o art. 196 da Constituição do Estado de Minas Gerais que assevera:

> ***Art. 196 - O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:***
>
> ***I - (...)***
> ***X - garantia do padrão de qualidade, mediante:***
> ***a) (...);***
> ***b) condições para reciclagem periódica pelos profissionais de ensino;***

O projeto também vai ao encontro da Lei nº 9.394/96 que "Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional", cuja lei ratificou a incumbência do Município quanto à competência para direcionar a formação continuada e a capacitação dos profissionais:

> ***Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do***

ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.
§ 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância.
§ 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância.
§ 4º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios adotarão mecanismos facilitadores de acesso e permanência em cursos de formação de docentes em nível superior para atuar na educação básica pública.
§ 5º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios incentivarão a formação de profissionais do magistério para atuar na educação básica pública mediante programa institucional de bolsa de iniciação à docência a estudantes matriculados em cursos de licenciatura, de graduação plena, nas instituições de educação superior.
§ 6º O Ministério da Educação poderá estabelecer nota mínima em exame nacional aplicado aos concluintes do ensino médio como pré-requisito para o ingresso em cursos de graduação para formação de docentes, ouvido o Conselho Nacional de Educação – CNE;
§ 7º (VETADO).
§ 8º Os currículos dos cursos de formação de docentes terão por referência a Base Nacional Comum Curricular

Art. 62-A. A formação dos profissionais a que se refere o inciso III do art. 61 far-se-á por meio de cursos de conteúdo técnico-pedagógico, em nível médio ou superior, incluindo habilitações tecnológicas.

Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação.
.....

LEGISLATIVO
Fls. 18

> ***Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: (...)***

Outrossim, a proposição aflora ainda interesse público e local, consoante art. 30, inc. I, da Carta Magna, além de estar de acordo com as exigências legais referentes, tendo em vista que trata de política pública afeta ao Poder Executivo - estrutura, composição e funcionamento do Centro Educacional - e para tanto, a Comissão opina pela discussão e votação do mesmo pelo Plenário.

Por fim, atualmente, o referido Centro Educacional encontra-se já em funcionamento no endereço informado na proposição ora em análise, sendo sua aprovação mera formalização do ato jurídico.

Votação em único turno (Reunião Extraordinária), e por maioria simples dos presentes.

Sala das Reuniões da Câmara Municipal de Uberaba, 24 de abril de 2019.

Alan Carlos da Silva
Vereador / Presidente

Agnaldo José da Silva
Vereador / Relator

Samuel Pereira
Vereador / Vogal

P - PARECER DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

EXPEDIENTE DO NÚCLEO DE APOIO ÀS COMISSÕES PERMANENTES

PARECER DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

Projeto de Lei n.º 130/2019
Autor: Prefeito Municipal
Ementa: Autoriza a Criação da CASA DO EDUCADOR PROFESSORA DEDÊ PRAIS e dá outras providências.

Trata-se de projeto que visa a autorização para a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais, localizada nesta cidade, na Rua Manoel Brandão, nº 110, Bairro Mercês.

Infere-se da proposição que para o custeio das despesas decorrentes da criação da unidade educacional será utilizada a dotação orçamentária prevista na Lei Orçamentária Anual - LOA do ano de 2019, e suas posteriores alterações.

Em resumo, a mensagem anexa ao projeto salienta que ante a necessidade de assegurar, aos profissionais da educação básica da Rede Municipal de Ensino, a formação continuada em sua área de atuação, considerando as demandas das políticas públicas educacionais, propõe-se a criação da Casa do Educador Professora Dedê Prais como Centro de Referência em Formação Continuada dos Profissionais da Educação Básica do Município de Uberaba.

Quanto ao nome da entidade, o Poder Executivo destaca a importância dessa professora no cenário educacional uberabense e suas relevantes contribuições para a história da formação continuada dos professores da Rede Municipal de Ensino.

Neste contexto, a proposta vai ao encontro das prerrogativas estabelecidas na Lei Orgânica do Município que estabelece:

> ***Art. 134. Na promoção da educação infantil e do ensino fundamental e médio, o Município observará os seguintes princípios:***
>
> ***I. (...);***
>
> ***VIII. garantia do padrão de qualidade, mediante:***
>
> ***a). reciclagem periódica dos profissionais da educação;***

CÂMARA MUNICIPAL DE UBERABA
Legislativo Forte e Competente

LEGISLATIVO Fls. 20

C. E. - Parecer - PL nº 130/2019 - fls. 2

A Lei nº 9.349/96 que "Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional" ratificou a competência do Município para direcionar a formação continuada e a capacitação dos profissionais:

> ***Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.***
>
> ***§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.***

Ante o exposto, o Projeto encontra-se legalmente em sintonia com o ordenamento jurídico pertinente e a Comissão opina pela discussão e votação do mesmo pelo Plenário, conforme as regras regimentais.

Sala das Reuniões da Câmara Municipal de Uberaba, 24 de abril de 2019.

Alan Carlos da Silva
Vereador / Presidente

Agnaldo José da Silva
Vereador / Relator

Rubério Geraldo dos Santos
Vereador / Vogal

Q - VOTAÇÃO DO PROJETO DE LEI N.º 130/2019

Matéria : PROJETO DE LEI Nº 130/2019
Autoria : PREFEITO MUNICIPAL

LEGISLATIVO Fls 21

Ementa : "AUTORIZA A CRIAÇÃO DA CASA DO EDUCADOR 'PROFESSORA DEDÊ PRAIS', E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS".

Reunião : **7º REUNIÃO ORDINÁRIA AGOSTO 2019**
Data : **21/08/2019 - 10:35:07 às 11:07:06**
Tipo : **Nominal**
Turno : **Único**
Quorum : **Maioria Simples**
Condição : **Maioria Simples**
Total de Presentes : **14 Vereadores**

N.Ordem	Nome do Vereador	Partido	Voto	Horário
20	AGNALDO SILVA	PSD	Sim	11:05:08
37	ALAN CARLOS	PATRI	Sim	11:05:07
30	ALMIR SILVA	PR	Sim	11:05:08
35	CHIQUINHO DA ZOONOSES	MDB	Sim	11:05:46
17	CLEOMAR BARBEIRINHO	PHS	Sim	11:05:08
11	DENISE DA SUPRA	PR	Sim	11:05:10
18	ELIAS DIVINO	PHS	Sim	11:05:06
50	FERNANDO MENDES	PTB	Sim	11:05:12
9	ISMAR - MARÃO	PSD	Presidente	
[illegible]	KAKÁ CARNEIRO	PR	Sim	11:05:31
[illegible]	RUBÉRIO SANTOS	MDB	Sim	11:05:09
21	SAMUEL PEREIRA	PR	Sim	11:05:07
36	THIAGO MARISCAL	MDB	Sim	11:05:22
22	VARCIEL CABELEIREIRO	PTB	Sim	11:05:16

Totais da Votação :	SIM	NÃO	TOTAL
	13	**0**	**13**

Resultado da Votação : **APROVADO**

Mesa Diretora da Reunião :

Presidente: ISMAR - MARÃO
1° Vice Presidente: THIAGO MARISCAL
1° Secretario: SAMUEL PEREIRA
2° Secretario: CLEOMAR BARBEIRINHO

R - LEI N.º 13.112/2019

LEGISLATIVO
Fls. 22

LEI Nº. 13.112

Autoriza a Criação da CASA DO EDUCADOR PROFESSORA DEDÊ PRAIS e dá outras providências.

O Povo do Município de Uberaba, Estado de Minas Gerais, por seus representantes na Câmara Municipal, aprova e eu, Prefeito Municipal, em seu nome, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Poder Executivo Municipal autorizado a criar a **Casa do Educador Professora Dedê Prais**, localizada na Rua Manoel Brandão nº 110 – Bairro Mercês.

Art. 2º Para custeio das despesas decorrentes da criação da unidade educacional, mencionada no artigo anterior desta Lei, deve ser utilizada a dotação orçamentária prevista na Lei Orçamentária Anual – LOA do Ano de 2019 e suas posteriores alterações.

Art. 3º. Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 4º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Uberaba/MG, 21 de agosto de 2019.

Paulo Piau Nogueira
Prefeito Municipal

Luiz Humberto Dutra
Secretário Municipal de Governo

Profª. Silvana Elias da Silva Pereira
Secretária Municipal de Educação

S - PUBLICAÇÃO DA LEI N.º 13.112/2019

CÂMARA MUNICIPAL DE UBERABA
Legislativo Forte e Competente

LEGISLATIVO Fls. 23

Expediente do Departamento Legislativo

Publicado no Porta Voz do dia 23 de agosto de 2019 – Edição nº. 1.733

LEI Nº 13.112/2019

Autoriza a Criação da CASA DO EDUCADOR PROFESSORA DEDÊ PRAIS e dá outras providências.

O Povo do Município de Uberaba, Estado de Minas Gerais, por seus representantes na Câmara Municipal, aprova e eu, Prefeito Municipal, em seu nome, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Poder Executivo Municipal autorizado a criar a Casa do Educador Professora Dedê Prais, localizada na Rua Manoel Brandão nº 110 – Bairro Mercês.

Art. 2º - Para custeio das despesas decorrentes da criação da unidade educacional, mencionada no artigo anterior desta Lei, deve ser utilizada a dotação orçamentária prevista na Lei Orçamentária Anual – LOA do Ano de 2019 e suas posteriores alterações.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de Uberaba(MG), 21 de agosto de 2019.

PAULO PIAU NOGUEIRA
Prefeito

LUIZ HUMBERTO DUTRA
Secretário de Governo

PROFª. SILVANA ELIAS DA SILVA PEREIRA
Secretária de Educação